Memória da Psicologia Brasileira

Conselho Federal de Psicologia

Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil *Pioneiros*

Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil
Pioneiros

3°. EDIÇÃO
REVISTA E AUMENTADA

Organização
Regina Helena de Freitas Campos
Érika Lourenço
Adriana Araújo Pereira Borges
Lilian Erichsen Nassif

Cooperação
Ana Maria Jacó Vilela
Grupo de Trabalho em História da Psicologia da ANPEPP
Grupo de Trabalho em História Social da Psicologia da ANPEPP
Sociedade Brasileira de História da Psicologia
2025

Memória da Psicologia Brasileira

Conselho Federal de Psicologia

© 2025 Conselho Federal de Psicologia

É permitida a reprodução desta publicação, desde que sem alterações e citada a fonte.
Disponível também em: www.cfp.org.br

Referências bibliográficas conforme ABNT NBR
Direitos para esta edição – Conselho Federal de Psicologia:
SAF/SUL Quadra 2, Bloco B, Edifício Via Office, térreo, sala 104, 70070-600, Brasília/DF
(61) 2109-0107 /Correio eletrônico: ascom@cfp.org.br/ www.cfp.org.br

Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

D545
1.ed. Dicionário biográfico da psicologia no Brasil : pioneiros / [editor, organização e coordenação] Conselho Federal de Psicologia. – 3.ed. – Brasília, DF : Conselho Federal de Psicologia, 2025.

Bibliografia.
ISBN 978-65-84219-02-1

1. Psicologia – Brasil – História. 2. Psicologia – Dicionários. I. Conselho Federal de Psicologia.

10-2025/41 CDD 150.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia : Dicionários 150.3

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA

XX PLENÁRIO 2025/2028

Conselheiras Efetivas
Ivani Francisco de Oliveira – Presidenta
Thessa Guimarães – Vice-presidenta
Ana Carolina Freire Lopes – Secretária
Claudia Simões Carvalho – Tesoureira
Marcela Acioli de Nazaré – Conselheira Secretária Região Norte
Natália Campos da Silva – Conselheira Secretária Região Nordeste
Vanessa Terena (Vanessa Silva de Souza) – Conselheira Secretária Região Centro-Oeste
Liliane Cristina Martins – Conselheira Secretária Região Sudeste
Miriam Cristiane Alves – Conselheira Secretária Região Sul
Jaqueline Gomes de Jesus – Conselheira 1
Maria do Socorro Pimentel da Silva – Conselheira 2

Conselheiras Suplentes
Leandro Amorim Rosa – Conselheiro Suplente Região Norte
Rômulo Mafra Cruz – Conselheiro Suplente Região Nordeste
Thaynara Sipredi Souza Silva Xerente – Conselheira Suplente Região Centro-Oeste
Annie Louise Saboya Prado – Conselheira Suplente Região Sudeste
Rafael Wolski de Oliveira – Conselheiro Suplente Região Sul
Ana Flávia Vieira de Matos – Conselheira Suplente
Andréa Regina Marques Chamon – Conselheira Suplente
Daniel Caldeira de Melo – Conselheiro Suplente
Zeca Carú de Paula Seabra Moreira Ribeiro – Conselheiro Suplente
Cristiano de Jesus Andrade – Conselheiro Suplente 1
Deivison Warlla Miranda Sales – Conselheiro Suplente 2

XIX PLENÁRIO 2022/2025

Diretoria
Alessandra Santos de Almeida – Presidente
(vice presidente entre 23/4/2024 e 12/06/2025)
Izabel Augusta Hazin Pires – Vice-presidente
(secretária de 16/12/2022 a 12/06/2025)
Rodrigo Acioli Moura – Secretário
(a partir de 13/06/2025)
Neuza Maria de Fátima Guareschi – Tesoureira
(a partir de 13/06/2025)

Conselheiras(os)
Antonio Virgílio Bittencourt Bastos
Carla Isadora Barbosa Canto
Carolina Saraiva
Célia Mazza de Souza (tesoureira de 16/12/2022 a 12/06/2025)
Clarissa Paranhos Guedes
Evandro Morais Peixoto
Fabiane Rodrigues Fonseca
Gabriel Henrique Pereira de Figueiredo
Ivani Francisco de Oliveira
(vice-presidente de 16/12/2022 a 19/04/2024)
Jefferson de Souza Bernardes
Juliana de Barros Guimarães
Maria Carolina Fonseca Barbosa Roseiro
Marina de Pol Poniwas
Nita Tuxá
Pedro Paulo Gastalho de Bicalho
(presidente de 16/12/2022 a 12/06/2025)
Raquel Souza Lobo Guzzo
Roberto Chateaubriand Domingues
Rosana Mendes Éleres de Figueiredo

APOIO TÉCNICO

Carolina Pereira Barbosa
Camila Dias de Lima Alves

EQUIPE DO DICIONÁRIO

Edição
Regina Helena de Freitas Campos
Érika Lourenço
Adriana Araújo Pereira Borges
Lilian Erichsen Nassif
Ana Maria Jacó Vilela
Com a cooperação de Grupos de Trabalho em História da Psicologia e em História Social da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP
Sociedade Brasileira de História da Psicologia

Assistentes de edição
Carolline de Souza Martins
Kenia Gabriela Gonzales Fuentes
Maria Roberta Silva Cunha
Renata Pimenta Sadi

Preparação de texto
Maria Flávia Ribeiro Rodrigues
Cláudia Rizzo

Preparação de ilustrações
Marilene Oliveira Almeida

Capa e diagramação
Tatiany dos Santos Fonseca

Revisão textual
GM Editorial

Impressão e acabamento
Quality Gráfica

AUTORIA DOS VERBETES

Adriana Amaral do Espírito Santo
Adriana Araújo Pereira Borges
Adriano Moraes Migliavacca
Alba Lúcia Fausto Moura
Alessandra Pimentel
Alexandre Dittrich
Alexandre Magno Teixeira de Carvalho
Allister Andrew Teixeira Dias
Amanda Falcão Evangelista Dantas
Ana Camilla de Oliveira Baldanzi
Ana Maria de Toledo Piza Rudge
Ana Maria Jacó-Vilela
Ana Mercês Bahia Bock
Ana Paula Jesus de Melo
Ana Teresa A. Venancio
Anderson de Brito Rodrigues
Anderson Pereira da Silva
André de Carvalho Bandeira Mendes
André Elias Morelli Ribeiro
André Luís Masiero
Angela Uchoa Branco
Antônio Carlos Cerezzo
Antonio Gomes Penna
Breno Augusto Fernandino Tinoco
Camilla Felix Barbosa de Oliveira
Carlos Henrique de Souza Gerken
Carmem Silvia R. Taverna
Carolina S. Bandeira de Melo
Carolini Cássia Cunha
Cátia Mathias
Cecília de Mello e Souza
Célia Cintrão Forghieri
Cilio Ziviani
Clara Mellin Lutz
Cristiane Faiad
Cristiane Ferreira Esch
Cristianne Almeida Carvalho
Cristina Lhullier
Danielle Abrantes Campos Lima
Deborah Rosária Barbosa
Deise Mancebo
Deisy das Graças de Souza
Dener Luiz da Silva
Denis Barros de Carvalho
Diana Gonçalves Vidal
Diego Amaral Penha
Divino de Jesus da Silva Rodrigues
Doreen Barreto Rosas
Elenice Seixas Hanna
Elieth Nick
Elizabeth de Melo Bomfim
Elizabeth do Nascimento
Elizeu Batista Borloti
Érika Lourenço
Eveline Maria Leal Asmar
Fábio Jabur
Filipe Degani-Carneiro
Francisca Izabel Pereira Maciel
Heliana de Barros Conde Rodrigues
Helmuth Ricardo Kruger
Hildeberto Vieira Martins
Igor Teo Rodrigues
Iolanda Bezerra dos Santos Brandão
Iolete Ribeiro da Silva
Isabel Gontijo Antonini
Ivani Maria de Souza
Jane Araújo Russo
Jane Teresinha Domingues Cotrin
Jaqueline Veloso Portela de Araújo
Jessé Guimarães da Silva
João Marcelo Santos Souza
José Adailson de Medeiros
Juan Manuel Campos Adrados
Julia Xavier
Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha
Karina Pereira Pinto
Larissa Assunção Rodrigues
Laura Cançado Ribeiro
Laurinda Ramalho de Almeida
Leila de Andrade Oliveira
Lidiane de Oliveira Goes
Lilian Erichsen Nassif
Luane Neves Santos
Lúcia Ghiringhello
Luís Flávio Silva Couto
Luísa Helena Morgado

Luiz Osvaldo Leite
Lurdes Perez Oberg
Manoel William Ferreira Gomes
Marcela Franzen Rodrigues
Marcelo Santos Rezende
Márcia Antonia Piedade Araújo
Márcio Luiz Fernandes
Marcos Ribeiro Ferreira
Marcos Vieira Silva
Marcus Vínicius de Campos França Lopes
Maria Cláudia Novaes Messias
Maria Cristina Soares de Gouvêa
Maria das Graças dos Santos Duarte
Maria do Carmo Guedes
Maria Euchares de Senna Motta
Maria Helena Novaes Mira
Maria Tereza da Cunha Coutinho
Marília Novais da Mata Machado
Marina Massi
Marina Massimi
Marisa Todescan Dias da Silva Baptista
Mariza Monteiro Borges
Melania Moroz
Mercedes Cunha Chaves de Carvalho
Michele Candiani
Miriam Debieux Rosa
Mitsuko Aparecida Makino Antunes
Mônica Leopardi Bosco de Azevedo
Myriam Augusto da Silva Vilarinho
Nádia Maria Dourado Rocha
Naiara Rodrigues da Silva
Nelson Ernesto Coelho Junior
Norberto Abreu e Silva Neto
Norma Iracema de Barros Ferreira
Patrícia Jacques Fernandes
Paulo da Silveira Rosas
Paulo José Carvalho da Silva
Rachel Nunes da Cunha
Raquel Martins de Assis
Raul Albino Pacheco Filho
Regina Helena de Freitas Campos
Regina Sampaio Dias
Renan da Cunha Soares Junior
Renata Alves Lima
Renato Sampaio Lima
Roberta Gurgel Azzi
Roberto Patrus Mundim Pena
Roberto Yutaka Sagawa
Rodolfo Luís Leite Batista
Rodrigo Lopes Miranda
Rogério Centofanti
Romélia Santos
Rubens Cançado Magalhães Ribeiro
Rute Coelho Zendron
Ruy Lourenço Filho
Ruzia Chaouchar dos Santos
Sergio Dias Cirino
Sérgio Eduardo Nick
Sérgio Francisco Costa
Sheila Maria Rosin Cella
Silvana Maria de Avellar Russo
Silvia Parrat-Dayan
Sonia Cristina Pimentel de Santana
Sônia Elisabete Altoé
Suzana Canez da Cruz Lima
Taeco Toma Carignato
Tânia de Freitas Barros Maciel
Terezinha Féres-Carneiro
Thais Lins
Therezinha Lins de Albuquerque
Ued Martins Manjud Maluf
Victor Portavales Silva
Walter Melo
William Barbosa Gomes
Wilson de Lyra Chebabi

Sumário

8 Nominata

12 Mensagem Institucional

14 Apresentação

17 Agradecimentos

18 Verbetes de A a Z

470 Referências

511 Créditos fotográficos

531 Índice remissivo

554 Índice de nomes citados

572 Sobre autores

Nominata

ABREU, Henrique Tanner de (1870-1963)

ADRADOS, Isabel (1919-2005)

AIRES, Matias (1705-1763)

ALBUQUERQUE, Floriano Cavalcanti de (1895-1973)

ALBUQUERQUE, José de (1904-1984)

ALBUQUERQUE, Medeiros e (1867-1934)

ALBUQUERQUE, Therezinha Lins de (1926-2024)

ALCÂNTARA AMARAL, Lygia (1911-2003)
ver AMARAL, Lygia Alcântara do (1911-2003)

ALKMIM, Hélio Durães de (1927-2003)

ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e – Marquês de Abrantes (1794-1865)

ALVES, Isaías (1898-1968)

ALVES, Pórcia Guimarães (1917- 2005)

ALVIM, Mariana Agostini de Villalba (1909-2001)

AMARAL, Lygia Alcântara do (1911-2003)

ANCHIETA, José de (1534-1597)

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de (1763-1838)

ANDRADE, Eugênia Moraes de (1911-1999)

ANDRADE, Helvécio de (1864-1940)

ANDRADE, Luis Francisco Gonçalves de (1940-)

ANGELINI, Arrigo Leonardo (1924-2024)

ANTIPOFF, Daniel I. (1919-2005)

ANTIPOFF, Helena (1892-1974)

ANTIPOFF, Ottília Braga (1916-2011)

ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães - Visconde de Araguaia (1811-1882)

ARRUDA, Elzo (1916-1995)

ASSUMPÇÃO, Ester (1906-2001)

ASSUMPÇÃO-SEMINÉRIO, Maria Luíza (1930-2013)

AUGRAS, Monique (1937-)

AUSTREGÉSILO, Antônio Rodrigues Lima (1876-1961)

AZEVEDO, Fernando de (1894-1974)

AZZI, Enzo (1921-1985)

AZZI, Rodolpho (1927-1993)

BAHIA, Alcyon Baer (1911-1974)

BAQUERO, Victoriano (1923-2018)

BARRETO, Anita Paes (1907-2003)

BARRETO, Pereira (1840-1923)

BARROS, Carlos Paes de (1919-2001)

BASTIDE, Roger (1898-1974)

BENKÖ, Antonius (1920-2013)

BESOUCHET, Inês (1914-1991)

BESSA, Halley Alves (1915-1994)

BESSA, Pedro Parafita de (1923-2002)

BIAGGIO, Angela Maria Brasil (1940-2003)

BICUDO, Virgínia Leone (1915-2003)

BLAY NETO, Bernardo (1918-1993)

BOMFIM, Manoel (1868-1932)

BONOW, Iva Waisberg (1913-1997)

BONTEMPO, José Maria (1774-1843)

BORGES, Abílio César – Barão de Macahubas (1824-1891)
ver MACAÚBAS, Abílio César Borges – Barão de (1824-1891)

BORI, Carolina Martuscelli (1924-2004)

BRANDÃO, João Carlos Teixeira (1854-1921)

BRASIL, Maria Auxiliadora de Souza (1928-2022)

BRAZIL, Circe Navarro Vital (1930-1995)

BRAZIL, Horus Vital (1926-2005)

BRIQUET, Raul Carlos (1887-1953)

BRITO, Farias (1862-1917)

BROTERO, José Maria de Avelar (1798-1873)

BROŽEK, Josef (1913-2004)

BUENO, Carlos Maria Galvão (1834-1883)

BURKE, Mark (1900-1975)

CABRAL, Annita de Castilho e Marcondes (1911-1991)

CABRAL, Ruth Cunha (1919-2004)

CALDAS, Yone (1935-2006)

CAMPOS, Francisco (1891-1968)

CAMPOS, Francisco (1912-1982)

CAMPOS, Murillo de (1887-1968)

CAMPOS, Nilton (1898-1963)

CANNABRAVA, Euryalo (1908-1979)

CARDIM, Fernão (1540-1625)

CARDOSO, Ofélia Boisson (1894-1994)

CARNEIRO, Helena Dias Pereira (? - ?)

CARRILHO, Heitor Pereira (1890-1954)

CARVALHAES, João (1927-1976)

CARVALHO, Manoel Marques de (1911-1995)

CARVALHO, Murilo Braga de (1911-1952)

CASASANTA, Lucia Monteiro (1908-1989)

CASASANTA, Mário (1898-1963)
CASTRO, Maria Angélica de (1898-1988)
CASTRO, Maria Lúcia Cabral (1955-)
CASTRO, Tito Lívio de (1864-1890)
CENTELHAS, Frei Firmino de (1819-1887)
CERQUEIRA, Luiz da Rocha (1911-1984)
CITELLI, Antonina Gomes (1935-2010)
CLAPARÈDE, Édouard (1873-1940)
CORRÊA, Silvério Manoel (1928-1994)
COSTA, Alice de Oliveira (1911-1996)
COSTA, Waldir dos Santos (1939-2019)
COUTINHO, José Lino (1784-1836)
COUTO, Sophia Clara de Siqueira (1929-)
CRISTINA, Madre – Célia Sodré Dória (1916-1997)
CUNHA, Jurema Alcides (1925-2003)
CUNHA, Raquel Vieira da (1918-1996)
CUNHA, Suzana Ezequiel da (1919-2017)
D'AMORIM, Maria Alice (1928-)
D'AVILA NETO, Maria Inácia (1943-2015)
DIAS, Flávio Rodrigues (1899-1994)
DÓRIA, Antonio de Sampaio (1883-1964)
DOYLE, Iracy (1911-1956)
DUMAS, Georges (1866-1946)
DUMAZEDIER, Joffre (1915-2002)
EÇA, Matias Aires Ramos da Silva de (1705-1763)
ver AIRES, Matias (1705-1763)
EDELWEISS, Malomar Lund (1917-2008)
FARIAS BRITO, Raimundo (1862-1917)
ver BRITO, Farias (1862-1917)
FERNANDES, Sebastião (1880-1941)
FERREIRA FRANÇA, Eduardo (1809-1857)
ver FRANÇA, Eduardo Ferreira (1809-1857)
FERREIRA, Maria Luíza de Almeida Cunha (1928-2008)
ver FERREIRA, Maria Luíza de A. C. (1928-2008)
FERREIRA, Maria Luíza de A. C. (1928-2008)
FERREIRA, Silvestre Pinheiro (1769 - 1846)
FERREIRO, Emília (1937-2023)
FIGUEIREDO, Manoel de Andrade de (1670-1735)
FLACH, José Arvedo (1922-2022)
FORGHIERI, Yolanda Cintrão (1925-2023)
FRANÇA, Eduardo Ferreira (1809-1857)
FRANCA, Leonel (1893-1948)
FRANCA, Padre Leonel (1893-1948)
ver FRANCA, Leonel (1893-1948)
FRANCO, Francisco de Mello (1757-1823)
FREIRE, Paulo (1921-1997)
FREYRE, Gilberto (1900-1987)
GALVÃO BUENO, Carlos Maria (1834-1883)
ver BUENO, Carlos Maria Galvão (1834-1883)
GARCIA, Célio (1930-2020)
GAYER, Olga Acauan (1898-1985)
GINSBERG, Aniela Meyer (1902-1986)
GODOY GOMES, Jacinto(1886-1959)
ver GOMES, Jacintho Godoy (1886-1959)
GOMES, Jacintho Godoy (1886-1959)
GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José – Visconde de Araguaia (1811-1882)
ver ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães – Visconde de Araguaia (1811-1882)
GRABOIS, Jayme (1908-1990)
GRUNSPUN, Haim (1927-2006)
GUEDES, Luis José (1882-1943)
GUENTHER, Zenita Cunha (1937-)
GUERNER, Fausto (1903-1938)
GUSMÃO, Alexandre de (1629-1724)
ITAPARICA, Frei Antonio da Virgem Maria (1704-1768)
ver ITAPARICA, Manuel de Santa Maria (1704-1768)
ITAPARICA, Manuel de Santa Maria (1704-1768)
JUSTO, Irmão Henrique (1922-2022)
ver FLACH, José Arvedo (1922-2022)
KEHL, Renato (1889-1974)
KELLER, Fred Simmons (1899-1996)
KEMPER, Anna Kattrin (1905-1978)
KEMPER, Werner Walter (1899-1975)
KHOURI, Yvonne Gonçalves (1923-2013)
KLINEBERG, Otto (1899-1992)
KOCH, Adelheid Lucy (1896-1980)
LANE, Sílvia Tatiana Maurer (1933-2006)
LANGER, Marie (1910-1987)
LEÃO, Sebastião Afonso de (1866-1903)
LEITE, Dante Moreira (1927-1976)
LEITE, Octávio Soares (1929-1991)
LEME LOPES, Maria Brasília (1909-1996)
ver LOPES, Maria Brasília Leme (1909-1996)
LIMA, Adolfo Ávila (1882-1960)
LIMA, Alceu Amoroso (1893-1983)
LIMA, Nestor dos Santos (1887-1959)
LIPPMANN, Hans Ludwig (1921-1981)
LOPES, Maria Brasília Leme (1909-1996)
LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva (1949-)
LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom (1897-1970)

MACAÚBAS, Abílio César Borges - Barão de (1824-1891)

MACHADO DA SILVA, Oscar (1903-1984)
ver SILVA, Oscar Machado da (1903-1984)

MACHADO, Dyonélio (1895-1985)

MACIEL, Nilo Antunes (1920 - 1993)

MADRE CRISTINA – Célia Sodré Dória (1916-1997)
ver CRISTINA, Madre – Célia Sodré Dória (1916-1997)

MAHONEY, Abigail Alvarenga (1929-)

MAIA, Jacyr (1914-1995)

MANGE, Roberto (1880-1955)

MARCONDES, Durval (1899-1981)

MARINHO, Heloísa (1903-1994)

MARQUES, Juracy Cunegatto (1931-2023)

MATOS, Maria Amélia (1939-2005)

MATTOS, Giscele (1920-1997)

MAUGÜÉ, Jean (1904-1990)

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa (1867-1934)
ver ALBUQUERQUE, Medeiros e (1867-1934)

MEDEIROS, Ethel Bauzer (1924-2023)

MEDEIROS, Maurício de (1885-1966)

MELLO FRANCO, Francisco de (1757-1821)
ver FRANCO, Francisco de Mello (1757-1823)

MELSOHN, Isaías (1921-2009)

MENDES, Floracy Artiaga (1912-1978)

MENDEZ, Cidália Dias (1923-)

MENDONÇA, João Ignácio (1903-1969)

METTEL, Thereza Pontual de Lemos (1927- 2015)

MINICUCCI, Agostinho (1918-2006)

MIRA, Maria Helena Novaes (1926-2012)
ver NOVAES, Maria Helena - Mira (1926-2012)

MIRA Y LÓPEZ, Emílio (1896-1964)

MOHANA, João (1925-1995)

MONCORVO FILHO, Artur (1871-1944)

MONT'ALVERNE, Frei Francisco (1784-1858)
ver MONTE ALVERNE, Francisco de – Frei (1784-1858)

MONTE ALVERNE, Francisco de – Frei (1784-1858)

MONTE, Padre (1905-1944)

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento (1900-1985)

MOREIRA, Juliano (1873-1933)

MUSSOLINI, Gioconda (1913-1969)

NEDER, Mathilde (1923-)

NICK, Eva (1927-1990)

NINA RODRIGUES, Raymundo (1862-1906)

NÓBREGA, Manuel da (1517-1570)

NOVAES, Maria Helena – Mira (1926-2012)

NUNES, Feliciano Joaquim de Souza (1734-1803)

OLINTO, Plínio (1886-1956)

OLIVEIRA COSTA, Alice de (1911-1996)
ver COSTA, Alice de Oliveira (1911-1996)

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de (1883-1951)
ver VIANNA, Oliveira (1883-1951)

OLIVEIRA, Antônio Xavier de (1892-1953)

OLIVEIRA, Djalma Teixeira (1924-)

OLIVEIRA, Ralfy Mendes de (1917-2008)

OLIVEIRA, Sebastião Fernandes de (1880-1941)
ver FERNANDES, Sebastião (1880-1941)

OLIVEIRA, Walderedo Ismael de (1917-2005)

OMBREDANE, André (1898-1958)

OTÃO, José (1910-1978)

PACHECO E SILVA, Antônio Carlos (1898-1988)
ver SILVA, Antônio Carlos Pacheco e (1898-1988)

PACHECO, Graciema (1910-1999)

PAREDES, Eugênia Coelho (1940-2020)

PASQUALI, Luiz (1933-)

PATERNOSTRO, José Novaes (1918-1997)

PAVAN, Maria de Lourdes de Oliveira (1922-1988)

PEIXOTO, Afrânio (1876-1947)

PELLEGRINO, Hélio (1924-1988)

PENIDO, Maurílio Teixeira-Leite - Padre (1895-1970)

PENNA, Antonio Gomes (1917-2010)

PEREIRA BARRETO, Luís (1840-1923)
ver BARRETO, Pereira (1840-1923)

PEREIRA DA SILVA, Gastão (1898-1987)
ver SILVA, Gastão Pereira da (1898-1987)

PEREIRA, José Severo de Camargo (1922-1994)

PEREIRA, Maria Solange Félix (1953-2009)

PERESTRELLO, Danilo (1916-1989)

PERESTRELLO, Marialzira (1916-2015)

PEREZ-RAMOS, Aidyl M. de Queiróz (1925-2022)

PERNAMBUCANO, Ulisses (1892-1943)

PHILIPS, Frank Julian (1906-2004)

PICHON-RIVIÈRE, Enrique (1907-1977)

PIÉRON, Henri (1881-1964)

PIERRE, Marie Claire Angosto (1946-)

PIMENTEL, Iago (1890-1962)

PIN E ALMEIDA, Miguel Calmon du (1794-1865)
ver ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e – Marquês de Abrantes (1794-1865)

PINNA, Mateus da Encarnação (1687-1764)

PIRES, Nelson de Campos (1921-2004)

PIZZOLLI, Ugo (1863-1934)

POPPOVIC, Ana Maria (1928-1983)

PORTO-CARRERO, Júlio Pires (1887-1937)

QUEIROZ, Aidyl Macedo (1925-)
ver PEREZ-RAMOS, Aidyl M. de Queiróz (1925-)

QUEIROZ, Carlos Sanchez de (1907-2002)

QUINTELA, Glória Fernandina (1899-1989)

RABELLO, Sylvio (1899-1972)

RADECKA, Halina (1897-1980)

RADECKI, Waclaw (1887-1953)

RAMOS, Artur – Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949)

REIS, Yonne Moniz (1926-2014)

REY, André (1906-1965)

RIBEIRO, Leonídio (1893-1976)

RIBEIRO, Marilza (1934-2022)

RIEDEL, Gustavo Köhler (1887-1934)

ROCHA, Francisco Franco da (1864 -1933)

RODRIGUÉ, Emilio (1923-2008)

RODRIGUES, Aroldo (1933-)

RODRÍGUEZ, Francisco Campos (1912-1982)
ver CAMPOS, Francisco (1912-1982)

ROMERO, Sylvio (1851-1914)

ROSAS, Paulo (1930- 2003)

ROXO, Henrique de Britto Belford (1877-1969)

ROZESTRATEN, Reinier Johannes Antonius (1924 -2008)

RUDOLFER, Noemy da Silveira (1902-1988)

SAMPAIO DÓRIA, Antonio de (1883-1964)
ver DÓRIA, Antonio de Sampaio (1883-1964)

SANTA GELTRUDES, Frei Policarpo Queiroz de (? - ?)

SANTIAGO SOBRINHO, Manuel Varela (1885-1977)

SANTOS COUTINHO, José Lino (1784-1836)
ver COUTINHO, José Lino (1784-1836)

SANTOS, Oswaldo de Barros (1918-1998)

SANTOS, Theobaldo Miranda (1904-1971)

SCHEFFER, Ruth Nobre (1923-2008)

SCHNEIDER, Eliezer (1916 -1998)

SEMINÉRIO, Franco Lo Presti (1923-2003)

SERVO, Geraldo (1930-2001)

SILVA, Antonina Gomes da (1935-2010)
ver CITELLI, Antonina Gomes (1935-2010)

SILVA, Antonio Carlos Pacheco e (1898-1988)

SILVA, Athayde Ribeiro da (1915-1999)

SILVA, Gastão Pereira da (1898-1987)

SILVA, Oscar Machado da (1903-1984)

SILVEIRA, Nise da (1905-1999)

SIMON, Theodore (1873-1961)

SIMONASSI, Lorismario Ernesto (1948-)

SOARES, Magda (1932-2023)

SOURIAU, Etienne (1892-1979)

SOUZA, Décio Soares de (1907-1970)

SOUZA, Edela Lanzer Pereira de (1925-2004)

SOUZA, Francisco Pedro Estrázulas Pereira de (1927-2019)

SOUZA, José Soriano de (1833-1895)

SPANUDIS, Theon (1915-1986)

STRAMANDINOLI, Cecília Torreão (1912-2005)

TANCREDI, Francisco (1912-1949)

TAVARES, Lucília (1902-1992)

TEIXEIRA BRANDÃO, João Carlos (1854-1921)
ver BRANDÃO, João Carlos Teixeira (1854-1921)

TEIXEIRA, Amália Hermano (1916-1991)

TEIXEIRA, Anísio (1900-1971)

TODOROV, João Cláudio (1941-2021)

UCHOA, Darcy de Mendonça (1907-2003)

VAZ, Cícero Emídio (1931-)

VAZ, Henrique Cláudio de Lima - Padre Vaz (1921-2002)

VELHO, Victor de Britto (1915-2006)

VELLOSO, Elisa Dias (1914-2006)

VELLOSO, Natércia Cunha (1892-1975)

VELOSO, Elizabeth Chaves de Murta (1915-2004)

VIANA, Eliseu de Oliveira (1890-1960)

VIANNA, Helena Besserman (1932-2002)

VIANNA, Oliveira (1883-1951)

VIÇOSO, Antônio Ferreira – Dom Viçoso (1787-1875)

VIEIRA DA CUNHA, Raquel (1918-1996)
ver CUNHA, Raquel Vieira da (1918-1996)

VIEIRA, António (1608-1697)

VITAL BRAZIL, Circe Navarro (1930-1995)
ver BRAZIL, Circe Navarro Vital (1930-1995)

VITAL BRAZIL, Horus (1926-2005)
ver BRAZIL, Horus Vital (1926-2005)

WAISBERG-BONOW, Iva (1913-1997)
ver BONOW, Iva Waisberg (1913-1997)

WALLON, Henri (1879-1962)

WALTHER, Léon (1889-1963)

WEIL, Pierre (1924-2008)

WITTER, Geraldina Porto (1934-2014)

ZVER, Luiz (1913-2005)

Mensagem Institucional

“Com os olhos encharcados de futuro, miramos o passado”.
Ana Mercês Bahia Bock, 2001

Passadas mais de duas décadas, essa provocação do prefácio de 2001 continua atual. Revisitar a história da Psicologia no Brasil não é mero saudosismo, mas um farol que ilumina nossas escolhas no presente e aponta caminhos para o amanhã.

É com esse propósito que o Conselho Federal de Psicologia apresenta a terceira edição, revista e aumentada, do Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros.

A obra é peça-chave do Projeto Memória da Psicologia Brasileira, criado pelo CFP para resgatar as vozes e trajetórias que estruturaram o conhecimento e a prática da nossa ciência desde a publicação original, em 2001.

Em 2023, essa ação se consolida com a Resolução CFP nº 01/2023, que instituiu a Política de Preservação da Memória da Psicologia Brasileira. A iniciativa transformou a preservação da memória em uma política permanente do CFP, contemplando a identificação, organização, preservação e digitalização de acervos, além do fomento à pesquisa e difusão histórica.

Esta nova edição reflete esse avanço. Reavaliar o passado significa reconhecer que a Psicologia brasileira foi moldada em diferentes épocas, territórios e contextos por sujeitos e coletivos diversos, em constante diálogo com outros saberes e com a sociedade.

Também exige encarar que relações de poder, desigualdades e apagamentos históricos marcaram a trajetória da profissão e precisam ser pautados criticamente.

Questões étnico-raciais, de gênero, sexualidade, território e classe social são fundamentais para compreender como se constituíram as instituições, saberes e práticas da Psicologia no país.

Uma política de memória ativa vai além de registrar fatos passados: trata-se de expandir as possibilidades de pesquisa e interpretação, identificar lacunas, resgatar trajetórias e abrir espaço para novas confluências históricas.

Ao unirmos memória e equidade, reafirmamos o compromisso de promover uma história mais diversa e inclusiva.

Para o XX Plenário do Conselho Federal de Psicologia (Plenário 2.0), valorizar a ciência psicológica, fortalecer a democracia, promover a equidade, respeitar a diversidade e defender os direitos humanos, sustentados pela constante preservação da memória e do legado da categoria, são diretrizes centrais na construção de uma profissão cada vez mais democrática e socialmente responsável.

Olhar para trás não significa reproduzir o historicismo tradicional, mas analisar criticamente cada contexto, reconhecer legados, tensionar contradições e propor novos caminhos para a atuação profissional.

Conhecer as pioneiras e os pioneiros da nossa Psicologia é entender a nossa trajetória e reconhecer que nenhuma história é estática: novas fontes e olhares transformam continuamente o que sabemos sobre o passado.

Com o lançamento desta terceira edição, o CFP reafirma a memória da Psicologia como patrimônio coletivo e ponte para o futuro.

Esperamos que este *Dicionário* seja uma ferramenta viva de pesquisa e reflexão nas universidades, bibliotecas, Conselhos, entidades científicas e espaços de formação, alcançando estudantes, profissionais e pesquisadores.

Que suas páginas aproximem gerações e inspirem novas abordagens e investigações.

Compreender quem fomos e quem somos é o ponto de partida para construirmos, coletivamente, os próximos passos da Psicologia no Brasil.

Ivani Francisco de Oliveira

Presidenta do Conselho Federal de Psicologia

XX Plenário

Apresentação

Temos a satisfação de apresentar a terceira edição do Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros, realizada pela equipe do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, sediada na Universidade Federal de Minas Gerais, com a cooperação dos participantes dos Grupos de Trabalho em História da Psicologia e em História Social da Psicologia, vinculados à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) e de associados da Sociedade Brasileira de História da Psicologia. A realização desta edição foi-nos proposta pela equipe do Projeto Memória da Psicologia Brasileira do Conselho Federal de Psicologia, e os recursos para o trabalho foram concedidos pelo próprio Plenário do Conselho.

A primeira edição do Dicionário, publicada em 2001 pela Editora Imago, também com o apoio do CFP, teve por objetivo registrar a contribuição de filósofos, pensadores, profissionais e pesquisadores à construção da área de conhecimento da Psicologia no Brasil, no período anterior à criação dos cursos universitários e à regulamentação da profissão do psicólogo entre nós. Tratava-se de divulgar as pesquisas que vinham sendo feitas pelo Grupo de Trabalho em História da Psicologia da ANPEPP, visando evidenciar a construção da área da Psicologia no país, em suas diversas vertentes, enquanto campo de reflexão filosófica e de trabalho científico nas áreas médica e psiquiátrica, entre religiosos e moralistas, preocupados com questões humanistas, na reflexão política e na Psicologia propriamente científica ao longo de mais de quatro séculos, a partir de 1500.

A palavra "Psicologia" foi utilizada no título da obra com base em pesquisa realizada pelo historiador Josef Brožek, na qual o autor informa sobre as origens do termo na tradição greco-bizantina a partir do século XVI, como equivalente ao clássico latino "De Anima" (Brozek, 1999, p. 177-178).

Os critérios de escolha dos personagens cujas biografias foram incluídas foram definidos a partir do que chamamos uma "visão caleidoscópica" da história da Psicologia. Queríamos com isso dizer que trabalhamos com uma perspectiva da história das ideias e da ciência que considera que a evolução do conhecimento (especialmente do conhecimento psicológico, que é o nosso objeto de estudo) se dá através de debates entre orientações diversas, eventualmente divergentes ou até mesmo antagônicas, que expressam as visões de mundo diferenciadas dos grupos sociais ou culturais que as produzem.

Sobre os critérios de inclusão de personagens, em 2001 selecionamos autores, pesquisadores, professores e profissionais, brasileiros ou estrangeiros, relevantes na história da Psicologia no Brasil em função de: a) publicações de impacto na área; b) atuação pioneira na formação de pessoal; c) atuação destacada na criação e no desenvolvimento de instituições importantes na área; d) importância na abertura de novos campos de atuação para psicólogos; e) atuação consistente e original na pesquisa e produção intelectual,

dando-se preferência a pessoas que atendessem a mais de um desses critérios. Os limites desses critérios encontravam-se, é claro, nos limites da pesquisa já realizada em história da Psicologia no Brasil, e por isso o Dicionário não pretendeu (nem pretende) ser exaustivo. No caso de personagens com formação em áreas afins à Psicologia, demos preferência àqueles em cujas obras (escritas ou instituídas) o título fizesse referência explícita à palavra Psicologia, ou a conceitos afins à Psicologia (por exemplo, 'Pensar e dizer', de Manuel Bomfim, ou 'Os tests', de Isaías Alves).

Nesta nova edição, a equipe do Projeto Memória do CFP solicitou a ampliação desses critérios, visando incluir personagens ainda não contemplados, especialmente aqueles que iniciaram a Psicologia como ciência e profissão em regiões brasileiras menos focalizadas na primeira edição (Campos, 2001). Para abarcar um maior número de personagens oriundos de regiões onde a Psicologia se organizou mais recentemente, decidiu-se por um critério temporal mais flexível, focalizando personagens que tenham se destacado em obras relevantes para a Psicologia como ciência e/ou profissão, tendo como parâmetro a data de instalação dos respectivos Conselhos Regionais de Psicologia ou de criação dos primeiros cursos de graduação em Psicologia em cada região brasileira.

Consideramos como pioneiros aqueles que iniciaram ou propiciaram oportunidades de realização de trabalhos relevantes na área da Psicologia, ou que produziram contribuições originais em continuidade ao trabalho de outros. Os estrangeiros radicados ou naturalizados brasileiros foram tratados em igualdade de condições com os brasileiros natos. Já os estrangeiros que, embora tendo estado no país por períodos curtos, exerceram influência relevante e duradoura sobre os rumos da Psicologia no Brasil, foram também incluídos, destacando-se sua contribuição à Psicologia brasileira.

Após a definição dos critérios de inclusão de novos personagens, iniciamos a busca através de consultas à equipe do Projeto Memória da Psicologia Brasileira; aos diversos Conselhos Regionais de Psicologia existentes no país, por correspondência e por telefone; aos membros dos grupos de trabalho em História da Psicologia e História Social da Psicologia da ANPEPP; aos associados da Sociedade Brasileira de História da Psicologia; a grupos de pesquisa em História da Psicologia sediados em universidades. Dessas buscas resultaram 70 novos verbetes que integram a presente edição.

Paralelamente à busca de novos verbetes, realizamos a revisão e/ou atualização dos antigos verbetes, em número de 200. Todos os autores foram consultados sobre se desejavam atualizar ou modificar os verbetes de sua lavra, ou inserir novas informações. Poucos autores se dispuseram a empreender revisões. Assim, a própria equipe de edição se encarregou de fazer as revisões necessárias, especialmente aquelas relacionadas a datas de nascimento e/ou falecimentos dos personagens. Para essa tarefa, contamos com a colaboração imprescindível da bibliotecária Maria Flávia Ribeiro Rodrigues, que, em trabalho minucioso, conferiu todos os nomes e datas de nascimento e, quando era o caso, de falecimento dos personagens, através de consultas a índices de autoridades da Biblioteca Nacional brasileira e da Library of Congress norte-americana.

Também consultamos novamente os autores dos antigos verbetes sobre seus dados pessoais, mas poucos enviaram novas notas biográficas. Assim, a própria equipe fez as revisões com base em dados disponíveis nos currículos Lattes de cada um.

Os verbetes agora constantes da obra – antigos e novos – totalizam 272 personagens apresentados em 271 verbetes (um dos verbetes se refere a dois autores), mostrando a distribuição dos psicólogos pelas 5 regiões do país, a forte presença de estrangeiros na formação da Psicologia brasileira (58 personagens) e a relativa concentração dos profissionais nas regiões onde se instalaram as primeiras universidades e escolas de nível superior em nosso país.

Retratos dos personagens também foram acrescentados a essa edição, embora nem todos tenham sido encontrados. Os retratos nos foram enviados pelos autores dos verbetes ou pelos próprios personagens, com suas respectivas assinaturas dos Termos de Autorização de Uso de Imagens, os quais permanecerão arquivados na Sala Helena Antipoff, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais. Outros retratos, que já são de domínio público, receberam suas respectivas referências ao final do volume. Ressaltamos que alguns retratos foram editados para que tivessem melhor nitidez. A pesquisa e edição dos retratos foi realizada pela colega Dra. Marilene Oliveira Almeida, professora de arte-educação na Universidade do Estado de Minas Gerais.

Nossa expectativa é que a obra contribua para ampliar o conhecimento sobre a constituição da área da Psicologia no país, e para motivar a expansão dos estudos sobre nossa história e nossa identidade como estudiosos e profissionais. Novos volumes poderão ser acrescentados à série, à medida que novos conhecimentos forem sendo incorporados a esse rico acervo de reflexões e realizações, em sua contribuição à formação da cultura brasileira e à evolução dos estudos psicológicos em geral.

A equipe responsável pela edição agradece imensamente o apoio do Projeto Memória da Psicologia, do Conselho Federal de Psicologia, para a viabilização da obra.

Belo Horizonte, junho de 2025.

Regina Helena de Freitas Campos
Érika Lourenço
Adriana Araújo Pereira Borges
Lilian Erichsen Nassif

Referências

BROŽEK, J. From “Psichiologia” to “Psychologia”: a graphically documented archival study across three centuries. Journal of the History of the Behavioral Sciences, v. 35, n. 2, p. 177-180, Spring 2000.

CAMPOS, Regina H.F. (Org.) Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros. Rio de Janeiro: Editora Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2001

Agradecimentos

Conselho Federal de Psicologia

Conselhos Regionais de Psicologia

Projeto Memória do Conselho Federal de Psicologia

Universidade Federal de Minas Gerais – Biblioteca Universitária

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia

Sociedade Brasileira de História da Psicologia

Verbetes de A a Z

ABREU, Henrique Tanner de *(1870-1963)*

Nascido em Jaguarão, Rio Grande do Sul, transferiu-se para Itu, em São Paulo, com a família, onde estudou em colégio Jesuíta, mudando-se, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina. Em 1891, trabalhou como auxiliar no Instituto Nacional de Higiene, com Oswaldo Cruz, e, em 1894, atuou como médico interno da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital São Sebastião, ano em que obteve doutoramento pela referida faculdade.

Teve uma longa carreira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, posteriormente denominada Universidade do Brasil. Nessa instituição, foi admitido em 1896 como preparador de Medicina Legal, cargo em que permaneceu até 1917; nesse ano assumiu como substituto de Higiene e Medicina Legal e, em 1925, tornou-se catedrático de Medicina Legal, exercendo esta função até 1938, data de sua aposentadoria.

Concomitantemente à atuação docente, exerceu a função de médico e diretor de clínica do Hospital da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, de 1908 a 1930, e perito do Instituto de Medicina Legal, em 1929.

Nesse mesmo ano, junto a Faustino Esposel, Araujo Penna e Augusto Paulino, criou a associação Sociedade Médica de São Lucas, que promovia discussões médicas em consonância com princípios católicos, assumindo a presidência até a data de sua morte. As reuniões da sociedade, cujos encontros e pautas eram publicados em jornais cariocas, apresentavam predominantemente discussões sobre criminologia positiva, eugenia e doenças mentais. Foi um dos representantes da classe médica na Assembleia Constituinte de 1933 pela sociedade supracitada.

Sua carreira docente se estendeu à Odontologia, tendo sido professor de Higiene e Medicina Legal aplicada à arte dentária na Faculdade Nacional de Odontologia, de 1934 a 1937. Nesses espaços acadêmicos, privilegiou o ensino prático da Psiquiatria Forense, Traumatologia e Obstetrícia Forense, em um período em que as aulas teóricas eram predominantes, professando aulas com demonstrações e exercícios práticos no Hospital Nacional de Alienados, sob a direção de Henrique Roxo; no Manicômio Judiciário, sob a direção de Heitor Carrilho; na Clínica Cirúrgica; na Maternidade de Laranjeiras; e no necrotério do Instituto Médico Legal.

Henrique Tanner de Abreu foi membro honorário nacional da Academia Nacional de Medicina; membro honorário do Instituto Brasileiro de História da Medicina; associado da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo e da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Intitulado Professor Emérito da Universidade do Brasil.

Intelectual e católico, foi também membro de diversas associações católicas, dentre elas o Círculo Católico, a Sociedade de São Vicente, as congregações Marianas e o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus.

Nessa perspectiva, primava pela convivência entre a ciência médica e o catolicismo, publicando em diversos periódicos católicos a possibilidade da vinculação entre os âmbitos científico e religioso, considerando a indiferença religiosa uma condição anormal no ser humano.

Atuou como organizador da chamada Páscoa dos Intelectuais – evento anual com celebração de missa com a elite médica carioca – e da Festa de São Lucas – padroeiro dos médicos, comemoração anual que congregava a classe médica. Em 1949, enviou à Roma, no Congresso Internacional de Médicos Católicos, um trabalho acerca da eugenia pré-matrimonial.

Publicações

ABREU, H. T. de. A albumino-precipitação no diagnóstico específico do sangue: "prova escripta" da medicina legal para o concurso de substituto da 9ª Seção Hygiene e Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1917.

ABREU, H. T. de. Consulta médico-legal. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1911.

ABREU, H. T. de. Das manchas de sangue: apreciação das reações corantes. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1911.

ABREU, H. T. de. Diagnose da simulação da loucura. Revista Syniamica, Rio de Janeiro, ano X, n. 12, p. 218-224, 1917.

ABREU, H. T. de. Do crime e do criminoso. [S.l. : s.n.], 1932.

ABREU, H. T. de. Espectroscopia do sangue. [S. l. : s.n.], 1915.

ABREU, H. T. de. Estudo médico-legal da capacidade civil. Gazeta Clínica, v. 26, p. 79-83 e 101-102, 1928.

ABREU, H. T. de. Estudos de hygiene et coetera. Rio de Janeiro: Quaresma, 1929.

ABREU, H. T. de. Hematologia forense. Rio de Janeiro: Jornal do Commércio, 1917.

ABREU, H. T. de. Jurisprudência médica. Rio de Janeiro: Typ. América, 1938.

ABREU, H. T. de. Loucos de todo o gênero. Archivos de Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano III, n. 3, jan./jun., fascículo I, 1930.

ABREU, H. T. de. Manual de necropsia forense. 2. ed. Rio de Janeiro: Quaresma, 1930.

Referências

ABREU, H. T. de. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/abreuhentan.html. Acesso em: 01 dez. 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 03 dez. 2015.

VASCONCELLOS, I. Pequenas biografias de grandes médicos: Henrique Tanner de Abreu. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXI, n. 221, p. 31-23, set. 1951

Carolini Cássia Cunha



ADRADOS, Isabel
(1919-2005)

Espanhola, naturalizada brasileira, obteve sua formação básica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Madri, em 1943. Exerceu atividades de Psicologia no Instituto de Psicologia dessa mesma cidade, cursando paralelamente o primeiro semestre do curso de Medicina da Universidade de Madri. Interrompeu seus estudos para acompanhar seu marido, Francisco Campos, contratado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro. Em 1951, foi convidada pelo Professor Emílio Mira y López para integrar a equipe de psicólogos do Instituto de Orientação e Seleção Profissional. Especializou-se em Técnicas Projetivas.

Publicou seis livros relativos ao estudo do Método de Rorschach, entre eles: Teoria e prática do método de Rorschach (1967), Manual de psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial (1980), A intuição do psicólogo: técnicas de abordagem com o uso do Rorschach (2000). Exerceu, durante dez anos, a direção do Setor de Orientação Infantil do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP). A experiência nessa área está condensada no livro Orientação infantil (1971), traduzido para o espanhol pela editora Kapelusz, em 1973.

Ministrou 28 cursos nos setores de Técnicas Projetivas e de Psicologia Infantil. Desempenhou as funções de coordenadora-geral do Curso de Formação de Orientadores Profissionais da FGV, professora de Técnicas de Investigação da Personalidade, coordenadora e supervisora do Serviço de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nesse serviço, treinou e formou uma equipe de dez psicólogos que constituiriam a estrutura do mesmo. Foi supervisora de bolsistas procedentes de diversos países latino-americanos (Unesco).

Realizou mais de 30 pesquisas, entre elas a intitulada Respostas de espaço em branco no teste de Rorschach e sua correlação com o PMK e a Entrevista psicológica (1° Prêmio Emílio Mira y López, em x1966). Estudou o desenvolvimento humano do ponto de vista psicológico, pesquisando as amostras randomicamente válidas, de uma população que compreendia desde a primeira infância aos 80 anos de idade, com indivíduos supostamente “normais”, com o intuito de estabelecer um referencial entre normal e patológico.

Contribuiu com inúmeros trabalhos na área clínica, tais como: O psicodiagnóstico miocinético no diagnóstico de epilepsia (1969); A esquizofrenia e o psicodiagnóstico de Rorschach (1972), A técnica de Rorschach como instrumento de investigação da personalidade para avaliação dos recursos do excepcional deficiente mental (1980), Algunas consideraciones sobre el mal de pánico (1997). Foi membro da Sociedade de Licenciados em Filosofia de Madri; foi presidente do Primeiro Conselho Regional de Psicologia do antigo Estado da Guanabara; foi membro correspondente da Academia Paulista de Psicologia. Trabalhou como psicoterapeuta e, principalmente, como especialista em psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial.

Publicações

ADRADOS, I. A esquizofrenia e o psicodiagnóstico de Rorschach. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, p. 69-92, 1972.

ADRADOS, I. A intuição do psicólogo: técnicas de abordagem com o uso do Rorschach. Rio de Janeiro: Entreletras, 2000.

ADRADOS, I. A técnica de Rorschach como instrumento de investigação da personalidade para avaliação dos recursos do excepcional deficiente mental. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, p. 74-92, 1980.

ADRADOS, I. A técnica de Rorschach em crianças. Petrópolis: Vozes, 1985.

ADRADOS, I. Algunas consideraciones sobre el mal de pánico. Revista Psicodiagnóstico de Rorschach y otras tecnicas proyetivas, Buenos Aires, v. 18, n. 1, p. 115-121, 1997.

ADRADOS, I. La orientación del niño. Buenos Aires: Kapesluzs, 1973.

ADRADOS, I. Manual de psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial. Petrópolis: Vozes, 1980.

ADRADOS, I. O psicodiagnóstico miocinético no diagnóstico de epilepsia. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, p. 37-74, 1969.

ADRADOS, I. Orientação infantil. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

ADRADOS, I. Rorschach na adolescência normal e patológica. Petrópolis: Vozes, 1976.

ADRADOS, I. Rorschach: teoria e prática do método na terceira idade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

ADRADOS, I. Técnicas de Rorschach: atlas e dicionário para crianças e pré-adolescentes. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1983.

ADRADOS, I. Teoria e prática do Teste de Rorschach. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Regina Sampaio Dias



AIRES, Matias
(1705-1763)

Figura muito interessante no contexto cultural do Brasil do século XVIII, nasceu em São Paulo. Recebeu sua primeira instrução no Colégio dos Jesuítas em São Paulo, licenciou-se em Artes (denominação dos estudos propedêuticos de Filosofia) na Universidade de Coimbra; e, posteriormente, em Paris, dedicou-se ao estudo das Ciências Naturais, da Matemática e da Língua Hebraica. Nessa cidade, entrou em contato com as doutrinas iluministas, das quais se tornou porta-voz ao regressar ao Brasil.

Entre as suas obras, destacam-se, pela contribuição à história das ideias psicológicas, as Reflexões sobre a vaidade dos homens ou Discursos morais sobre os efeitos da vaidade (1752) e O problema de arquitectura civil, a saber: por que os edifícios antigos têm mais duração e resistem mais ao tremor da terra que os modernos? (1770). Esse é um estudo científico sobre a composição dos materiais usados na construção civil, escrito por ocasião do terremoto de Lisboa.

O primeiro livro é um texto de Filosofia Moral, cuja tese principal é a afirmação de que a vaidade é a causa determinante dos comportamentos individuais e sociais. O método do estudo é, conforme prega o título, uma reflexão de tipo introspectivo, tendo por objetivo

a observação da experiência individual, que se põe como ponto de partida, horizonte e termo de comparação no que diz respeito à realidade social.

A vaidade constitui, segundo o autor, o núcleo da subjetividade do homem. Trata-se de um afeto da alma independente da disposição do corpo, em virtude do qual o homem vive buscando uma contínua aprovação de si mesmo. A origem da vaidade reside na imaginação, que não é um defeito da vontade, mas do entendimento. No centro do dinamismo que a vaidade desencadeia está o desejo, que, produto da imaginação, cria ou finge os objetos que compõem a experiência psicológica.

Por sua vez, o desejo é fruto das paixões, termo utilizado na época para definir as emoções. As paixões formam uma espécie de labirinto intrincado, onde se perde a percepção da realidade das coisas. A vaidade é uma "paixão escondida": ela "se esconde de tal sorte, que a si mesma se oculta e ignora" (Aires, 1993, p. 18). A vaidade é causa de diversos conflitos, no plano da vontade individual e no plano social.

O segundo livro, de natureza científica, traz uma contribuição muito interessante ao estudo da Psicologia da percepção. É uma tentativa de atribuir causas naturais às ilusões óticas sofridas pelos mineiros. Estas seriam efeitos das luzes artificiais e dos vapores minerais.

Publicações

AIRES, M. O problema da arquitetura civil, a saber: porque os edifícios antigos têm mais duração e resistem mais ao tremor da terra que os modernos? [S. l.: s.n.], 1770.

AIRES, M. Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos morais sobre os efeitos da vaidade. [S.l.: s.n.], 1752.

AIRES, M. Reflexões sobre a vaidade dos homens. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Referências

MASSIMI, M. A contribuição de um iluminista brasileiro à história das idéias psicológicas. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 9, n. 1, p. 39-50, 1993.

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1990.

Marina Massimi



ALBUQUERQUE, Floriano Cavalcanti de *(1895-1973)*

Nasceu em Belém, Pará. Tendo-se transferido para Natal, estudou nos colégios Americano, Diocesano Santo Antônio e Atheneu Norte-Riograndense. Em Recife, cursou o primeiro ano de Engenharia e concluiu o curso de Direito, em 1918.

Regressando a Natal, foi professor das disciplinas: Lógica, Fisiopsicologia e História da Filosofia, no Colégio Atheneu. Posteriormente, ensinou Introdução à Ciência do Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publicou os seguintes ensaios: O pessimismo: sob o conceito universal (1920); Antônio Marinho e seu tempo (1955); Sílvio Romero: sociólogo, crítico e jurista; Clóvis Bevilacqua e sua concepção jurídico-filosófica e A concepção filosófica da história.

Com seu trabalho acerca de Antônio Marinho, Cavalcanti resgatou a memória do primeiro crítico literário norte-rio-grandense, falecido em 1902 com 23 anos.

Dentro dos cânones traçados pelo abalizado mestre, exerceu a crítica. Descreveu o jovem pensador potiguar, Antônio Marinho, como um discípulo de Taine. Este estabeleceu como condicionantes da obra de arte os fatores raça, meio e momento, associados à individualidade sugerida por Zola e perfilhada por Sylvio Romero. Por isso, a sua crítica era psicossociológica, abrangendo o pessoal e o social, numa análise inteligente das qualidades atoras e reatoras do escritor, o que não foi suficiente somente com os três agentes clássicos.

Ao analisar a obra de Marinho, Floriano Cavalcanti utilizou a mesma abordagem psicossociológica desenvolvida pelo autor estudado. Com isso, deu continuidade a uma embrionária Psicologia da literatura iniciada em terras potiguares por Antônio Marinho. Convertido ao catolicismo, Cavalcanti morreu em Natal, no dia 7 de outubro de 1973.

Publicações

ALBUQUERQUE, F. C. de. A concepção filosófica da história. [S.l.: s.n.], [s.d.].

ALBUQUERQUE, F. C. de. Antônio Marinho e seu tempo. [S.l.: s.n.], 1955.

ALBUQUERQUE, F. C. de. Clóvis Bevilacqua e sua concepção jurídico-filosófica. [S.l.: s.n.], 1955.

ALBUQUERQUE, F. C. de. O pessimismo: sob o conceito universal. Revista do Centro Polymatico, Natal, n. 1, 1920.

ALBUQUERQUE, F. C. de. Sílvio Romero: sociólogo, crítico e jurista. [S.l.: s.n.], 1954.

Referências

CÂMARA CASCUDO, L. da. Floriano Cavalcanti, sua evolução intelectual e filosófica. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, Natal, v. 3, n. 3, p. 268-278, 1955.

CARVALHO, D. B. de. A cidade e a alma reinventadas: a história da psicologia como signo e vetor da modernização urbana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MEDEIROS FILHO, J. Contribuição à história intelectual do Rio Grande do Norte. Natal: Academia Norte- riograndense de Letras, 1983. v. 1.

MELO, V. Patronos e acadêmicos. v. 2. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974.

PERSONALIDADES históricas do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto / Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine, 1999. v. 1.

SILVA, R. N. da. Bacharéis de Olinda e Recife (Norte-riograndenses formados em 1832-1932). Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

Denis Barros de Carvalho



ALBUQUERQUE, José de *(1904-1984)*

Natural do Rio de Janeiro, foi médico e sexólogo, sendo considerado o pioneiro nos estudos de sexologia no Brasil, com o médico Hernani de Irajá. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo a tese intitulada Cirurgia do sympathico periarterial, em 1924. Durante as primeiras décadas do século XX, trabalhou com o tema da "questão sexual" e os seus efeitos sobre a sociedade brasileira, por isso foi considerado um dos precursores do projeto de educação sexual, em caráter nacional, voltado para o esclarecimento da sociedade brasileira sobre assuntos de higiene e educação sexual. Suas obras tiveram significativo impacto na difusão e vulgarização de assuntos ligados às questões sexuais e aos problemas psicológicos relacionados a certas patologias de origem sexual.

Albuquerque defendia que os principais fatores motivacionais de doenças, os quais tinham origem em um fator sexual, eram consequência da falta de uma política de educação sexual, gerando preconceitos que prejudicavam a luta por uma verdadeira educação sexual. A questão da educação sexual e de sua importância para a saúde da população teve seu ápice na década de 1930 e ocorreu por meio de várias fontes de divulgação: folhetos, periódicos, palestras, transmissões radiofônicas e até mesmo em festas populares, como o Carnaval (1935).

José de Albuquerque também lutou para a institucionalização da andrologia no Brasil, pois considerava que a medicina tinha que dedicar-se ao estudo dos problemas sexuais do homem, como já ocorria com a ginecologia. Além disso, desenvolveu um preventivo para doenças venéreas: o Venereol.

Estudioso dos problemas relacionados à educação sexual e sexologia, José de Albuquerque teve o reconhecimento de seu trabalho entre o público leigo brasileiro e também no exterior (França, México, Chile, Argentina, Holanda, entre outros). Contudo, não gozou de grande prestígio entre os seus pares, o que pode ter ocorrido por ser um crítico das sociedades médicas brasileiras da época. Entre os assuntos abordados por ele, podemos destacar os seguintes: adultério; impotência sexual; o problema das doenças venéreas; família e a educação sexual; prostituição. Participou de várias entidades voltadas para o debate de sexologia: foi membro efetivo da Société de Sexologie de Paris; delegado junto à Union Internationale contre le Peril Vénérien; membro honorário da Sociedade Mexicana de Eugenesia; membro de honra estrangeiro do 1º Congresso de Eugenia de Lima; membro honorário da 2ª Jornada Peruana Antivenérea; membro honorário do 1º Congresso de Medicina Interna do México; membro correspondente do Instituto Argentino de la Población; presidente honorário do Comitê de Sexologia do 1º Congresso Interamericano de Higiene Mental; membro honorário da Sociedade Médica de Valparaíso; membro honorário da Assemblée Générale Contre le Peril Vénérien, em Haia e Amsterdã.

Para divulgar e implementar suas ideias sobre a questão sexual, José de Albuquerque fundou o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), em 5 de julho de 1933. O principal objetivo do CBES era divulgar um novo modelo de educação sexual para a sociedade brasileira, nos mesmos moldes do que já acontecia na Europa e nos Estados Unidos. O Círculo realizava sessões públicas, semanais, com o intuito de promover suas ideias. Essa entidade contou com a colaboração de médicos, advogados, jornalistas, professores, entre outros profissionais interessados na temática sexual. O CBES pretendia ter uma abrangência nacional e, assim, comprovar a importância da higiene sexual. Nesse sentido, o CBES se insere na lógica dos movimentos higienistas da época que buscavam produzir uma reforma social, por meio de uma intervenção médico-científica. Essa entidade contava ainda com um Posto de aconselhamento, um Museu e uma Pinacoteca de Educação Sexual.

Com o intuito de promover suas ideias e projetos para a população brasileira, o CBES criou o Hino à educação sexual, gravado pela RCA Victor e divulgado em várias rádios do Rio de Janeiro (Rádio Clube do Brasil, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Rádio Cajuti, Rádio Guanabara, Rádio Nacional etc.). O CBES organizou dois importantes eventos: a I Semana de Educação Sexual, realizada no Rio de Janeiro, em 1934, e a Semana Paulista de Educação Sexual, realizada em São Paulo, no ano seguinte, em 1935. José de Albuquerque criou também outra instituição: o Centro Coordenador de Estudos em Andrologia (CCEA). Ele foi ainda, no período de 1936 a 1938, professor da primeira cátedra de clínica andrológica criada em uma universidade brasileira, na Universidade do Distrito Federal. Foi idealizador e fundador de dois periódicos: o Jornal de Andrologia (1932-38), publicado em outros cinco idiomas (francês, inglês, alemão, italiano, espanhol), e o Boletim de Educação Sexual (1933-39), veículos de difusão dos debates que ocorriam nessas duas instituições e das ideias de José de Albuquerque e seus colaboradores.

Na tentativa de defender suas ideias acerca da educação sexual, candidatou-se a deputado federal, em 1937, tendo como linha política a defesa de política sexológica em âmbito nacional. Elaborou um programa político que tratava dos seguintes temas: exame pré-nupcial; controle de natalidade; assistência à maternidade; disseminação da educação

sexual e antivenérea no país. Propôs, ainda, a criação de uma lei que responsabilizasse os indivíduos que contaminassem seus parceiros sexuais.

Publicações

ALBUQUERQUE, J. de. Catecismo da educação sexual: para uso de educandos e educadores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

ALBUQUERQUE, J. de. Cirurgia do sympathico periarterial. Tese (Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1924.

ALBUQUERQUE, J. de. Da impotência sexual do homem. Rio de Janeiro: [s.n], 1933.

ALBUQUERQUE, J. de. Educação sexual pelo rádio. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Educação Sexual, 1935.

ALBUQUERQUE, J. de. Educação sexual. Rio de Janeiro: Editora Calvino, 1934.

ALBUQUERQUE, J. de. Higiene sexual. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1929.

ALBUQUERQUE, J. de. Introdução ao estudo da patologia sexual. Rio de Janeiro: Tipografia Coelho, 1928.

ALBUQUERQUE, J. de. O perigo venéreo na paz, na guerra e no pós-guerra. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1943.

ALBUQUERQUE, J. de. O sexo em face do indivíduo, da família e da sociedade. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Educação Sexual, 1936.

ALBUQUERQUE, J. de. Programa de ação legislativa. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1937.

Referências

CARRARA, S. L. Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

CARRARA, S. L.; MARTINS, H. A sexologia e o mercado editorial no Rio de Janeiro de entre-guerras. Cadernos IPUB, [S.l.], v. 1, n. 18, p. 21-36, 2000.

CARRARA, S. L.; RUSSO, J. A. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entre-guerras: entre a ciência e a auto-ajuda. História, Ciências, Saúde - Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 273-290, maio/ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104=59702002000200003-&lng=en&nrm-iso. Acesso em: 15 dez. 2015.

REIS, G. V. dos. Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

Hildeberto Vieira Martins



ALBUQUERQUE, Medeiros e *(1867-1934)*

José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, nascido em Recife, estudou no Colégio Pedro II e, posteriormente, na Escola Acadêmica de Lisboa, até 1884. Retornando ao Rio de Janeiro, continuou seus estudos com Emilio Goeldi e Sylvio Romero, além de conviver com a intelectualidade da época. Foi jornalista, professor, político, literato (autor de contos, poesias, romances, peças teatrais), orador, ensaísta e memorialista. Como jornalista, dirigiu jornais e colaborou com diversos outros. Como político, foi deputado federal. Defendeu a entrada do Brasil na I Guerra Mundial, após sua permanência nos primeiros anos do conflito na França. Ocupou a cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, desde 1899. Foi autor da primeira reforma ortográfica promovida pela Academia, já que era grande defensor da simplificação da escrita.

Participou, ativamente, do movimento republicano – é autor da letra do Hino da República –, o que favoreceu sua nomeação por Benjamin Constant, em 1892, como vice-diretor do Ginásio Nacional (nome que a nova República deu ao antigo Colégio Pedro II). Em 1897, já Diretor de Instrução Pública, reformulou o Pedagogium, órgão destinado a ser um "museu de educação", transformando-o em centro de cultura superior e nele criando o primeiro laboratório de Psicologia Experimental do país. Esse laboratório foi planejado por Binet e, para dirigi-lo, Medeiros e Albuquerque convidou o jovem médico Manoel Bomfim.

Grande interessado em Psicologia, foi um dos primeiros a divulgar entre nós a teoria das emoções de William James, convidando Antônio Austregésilo para ministrar um curso sobre a fisiologia do sistema nervoso. Entusiasta do hipnotismo, publicou um livro sobre o tema e artigos no Journal de Psychologie Normale et Patologique. Irmão mais velho de Maurício de Medeiros, que a ele muito deveu de sua formação e inserção profissional, escreveu Os tests (1924), a primeira obra brasileira sobre a temática, além de ter divulgado, de várias formas, a importância dos testes, a ponto de Isaías Alves se considerar seu discípulo. Faleceu no Rio de Janeiro.

Publicações

ALBUQUERQUE, M. e. Os testes. Rio de Janeiro: Liv. Alves, 1924.

Ana Maria Jacó-Vilela



ALBUQUERQUE, Therezinha Lins de *(1926-2024)*

Natural do Recife. Décima-segunda filha de uma família de quinze irmãos. Seu primeiro contato com a Psicologia se dá durante a formação em Pedagogia. Formada em 1949, na primeira turma desse curso na Faculdade de Filosofia de Recife – hoje incorporada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) –, convive nesse período com Anita Paes Barreto, Noêmia Varela, entre outros nomes de relevo na educação de Recife. Recém-graduada em Pedagogia, Therezinha encontrava-se decepcionada com a área da educação julgando que esta não apresentava um dinamismo e um contato mais profundo com as questões humanas.

Em 1951, muda-se com a família para o Rio de Janeiro, e a partir de então, ocorre sua inserção efetiva na Psicologia. No ano seguinte, é apresentada por Noêmia Varela a Elisa Dias Veloso, diretora do Centro de Orientação Juvenil (COJ), sendo aceita nessa instituição como estagiária e, posteriormente, técnica de educação. É no COJ que Therezinha entra em contato com a Psicologia, atendendo adolescentes em diagnóstico psicológico e psicoterapia. O COJ, atualmente vinculado à Fiocruz, pertencia ao Departamento Nacional da Criança do Ministério da Saúde, e tinha um funcionamento interdisciplinar, contando com os setores de Psiquiatria, Psicologia e Serviço Social. Era a única clínica do então Distrito Federal a atender, gratuitamente, adolescentes e suas famílias. Sua finalidade básica era a formação e preparação de pessoal técnico especializado para todo o Brasil.

Em 1955, uma reforma administrativa faz com que Therezinha retorne à sua lotação de origem, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). A pedido do seu diretor, Anísio Teixeira, organiza o Gabinete de Psicologia na Escola Guatemala, posteriormente denominado Serviço de Orientação Psicopedagógica (SOPP), permanecendo ali durante doze anos. Na coordenação do serviço, Therezinha assinala a importância de uma visão global sobre a criança que não excluísse os contextos da escola, família e comunidade. Sua atividade centra-se no acompanhamento à professora, cujas atitudes são priorizadas, e na dinâmica da relação professor/aluno. O SOPP foi pioneiro em Psicologia Escolar no Estado do Rio de Janeiro, tornando-se um centro de referência e, por isso, recebendo estagiários de todo o país. Em razão desse trabalho, Therezinha passa a lecionar no curso de especialização em Orientação Educacional da PUC-RJ (1958-1960) e publica três livros, o primeiro deles Acompanhamento psicológico à professora: uma experiência, de 1972. Em 1967, Therezinha deixa o SOPP.

Em 1968, assume a coordenação do COJ, onde permanece até 1977. Em 1972, participa, com Inês Besouchet, Wilson Chebabi e outros, da criação do Centro de Estudos de Antropologia Clínica (CESAC), conveniado com a PUC-RJ, de orientação interdisciplinar. Inicia-se nesse centro um curso de especialização em Psicologia Clínica, e Therezinha leciona, com Norma Jatobá, a disciplina Psicologia Clínica.

Participa da formação do Conselho Regional de Psicologia, no Rio de Janeiro, sendo sua primeira presidente, no período de 1977 a 1979. Em 1980, é eleita vice-presidente do Conselho Federal de Psicologia. Em 1983, aposenta-se

pelo INEP, dividindo-se entre o atendimento clínico em consultório particular e a atividade docente na PUC-RS, onde leciona em curso de especialização. Sua contribuição é reconhecida até os dias de hoje por assinalar a importância da Psicologia, numa perspectiva global e preventiva, no contexto escolar.

A trajetória pessoal e profissional de Therezinha permite observar a relevância da participação feminina na emergência e autonomização da profissão de psicólogo no Brasil, ainda que essa participação nem sempre seja contemplada pela historiografia tradicional.

Publicações

ALBUQUERQUE, T. L. de et al. O estágio supervisionado: estudo preliminar. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 22, n. 2, p. 47-53, 1970.

ALBUQUERQUE, T. L. de. Acompanhamento psicológico à professora: seus rumos. Petrópolis: Vozes, 1976.

ALBUQUERQUE, T. L. de. Acompanhamento psicológico à professora: uma experiência. Petrópolis: Vozes, 1972.

ALBUQUERQUE, T. L. de. O psicólogo clínico. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 22, n. 2, p. 55-63, 1970.

ALBUQUERQUE, T. L. de. Psicologia e educação: acompanhamento psicológico à professora: uma experiência, seus rumos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

SOUZA, A. M. N. de; ALBUQUERQUE, T. L. de. Estrutura e dinâmica de um serviço de psicologia escolar. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 14, n. 3, p. 61-76, 1961.

Referências

ALBUQUERQUE, T. L. de. Entrevista. Rio de Janeiro, 6 ago. 2000. 1 cassete (105 min), estereo. Entrevista concedida a Cristiane Ferreira Esch, Suzana Canez da Cruz Lima e Marcello Santos Rezende.

ALBUQUERQUE, T. L. de. Entrevista. Rio de Janeiro, 9 jun. 2000. 1 cassete (135 min), estereo. Entrevista concedida a Cristiane Ferreira Esch, Suzana Canez da Cruz Lima e Marcello Santos Rezende.

CENTRO DE ORIENTAÇÃO JUVENIL.Atendimento ao cliente no Centro de Orientação Juvenil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 21, n. 4, p. 111-127, 1969.

CNPq (3ª ed.). Pioneiras da Ciência no Brasil. CNPq. Disponível em: http://cnpq.br/pioneiras-da-ciencia-do-brasil3. Consultado em: 19 jun. 2022

Cristiane Ferreira Esch
Suzana Canez da Cruz Lima
Marcelo Santos Rezende



ALKMIM, Hélio Durães de *(1927-2003)*

Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 13 de setembro de 1927. Cursou a Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, atual Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), formando-se em 1952. Fez residência em Neurologia e Psiquiatria na Northwestern University, em Chicago, entre 1953 e 1958. Cinco anos mais tarde, participou de um curso intensivo de Pedagogia Médica em Cáli, na Colômbia.

Quando chegou dos Estados Unidos, em 1958, começou a trabalhar no Instituto Raul Soares, ocupando o cargo de chefe da terceira seção. No ano seguinte, foi colocado à disposição da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Passou a compor a equipe que, coordenada por Helena Antipoff, no município de Ibirité, investiu na assistência às necessidades educacionais, médicas, psicológicas e sociais da criança excepcional. Defendia a criação, na Fazenda do Rosário, de uma clínica psiquiátrica infanto-juvenil, cujo serviço poderia ser realizado por equipes multidisciplinares.

Na década de 1960, tomou conhecimento do interesse de Helena Antipoff em incluir na educação do excepcional as crianças consideradas bem-dotadas e uniu-se a ela nessa causa. Os frutos dessa dedicação começaram a surgir em 1972, quando se empenhou na estruturação de um plano de ação para a educação do bem-dotado. Nasceu o Projeto de Civilização Rural de Cultura e Lazer (CIRCULA) e dele, em 1973, a Associação Milton Campos para o Desenvolvimento das Vocações dos Bem-dotados (ADAV), em plena atividade ainda hoje. Os objetivos do projeto CIRCULA foram sintetizados por Hélio Alkmim da seguinte forma:

Manter a ADAV com atividades de enriquecimento de currículo que propiciam aos bem-dotados a oportunidade de desabrochar os seus talentos, desenvolver o seu potencial intelectual, artístico e criativo, treinar sua capacidade de liderança e fermentar em seu meio a essência preventiva e benéfica da saúde, educação e bons costumes em prol de uma sociedade mais equilibrada, produtiva e feliz (Alkmim, 1988, p. 35)

Assim, o trabalho com as crianças bem-dotadas deveria ser realizado com ênfase nos benefícios dos ambientes naturais e a partir de projetos desenvolvidos pelos próprios membros da Associação. Esses projetos eram planejados, experimentados e continuamente avaliados em seus resultados, marca dos trabalhos desenvolvidos por Helena Antipoff, que Hélio Alkmim conseguiu manter ao longo dos anos em que atuou no CIRCULA e na ADAV.

Concomitantemente aos projetos a que se dedicou na Fazenda do Rosário, compondo por diversas vezes, ao lado de Daniel Antipoff, a diretoria e a secretaria não só da ADAV, mas também do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) e da Fundação Estadual Helena Antipoff, Hélio Alkmim teve ampla atuação como Psiquiatra na capital mineira. Logo que retornou dos Estados Unidos, abriu seu consultório particular. Em 1959, participou da fundação da Clínica Nossa Senhora de Lourdes, que se caracterizou, nos seus primeiros anos, por oferecer atendimento psiquiátrico open-door. Em 1961, foi convidado para participar da fundação do Hospital Galba Veloso e indicado como seu primeiro diretor. Em 1963, deixou as atividades no Galba Veloso para assumir a cadeira de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da UFMG, que ocupou por cinco anos. A partir de 1973, dirigiu a residência em Psiquiatria no Instituto Raul Soares,

aposentando-se do serviço público em 1985. Em 1998, ingressou na Ordem Franciscana Secular. Faleceu em Belo Horizonte, em 18 de abril de 2003.

Publicações

ALKMIM, H. D. de. A Escola Ativa ensaiada na educação dos bem-dotados. Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Belo Horizonte, n. 8, p. 35-38, 1988.

ALKMIM, H. D. de. A família do excepcional no conceito e na obra de Helena Antipoff. Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, n. 56, p. 23-32, 1981.

ALKMIM, H. D. de. A violência nos jovens. Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Belo Horizonte, n. 14, p. 30-36, 2000.

ALKMIM, H. D. de. Educação integral. Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Belo Horizonte, n. 13, p. 48-53, 1997.

ALKMIM, H. D. de. Helena Antipoff e seu conceito ecológico. Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Belo Horizonte, n. 2, p. 73-80, 1982.

ALKMIM, H. D. de. Onde estão os bem-dotados? Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, n. 41, p. 40-41, 1974.

ALKMIM, H. D. de. Projeto da clínica rural de psiquiatria infanto-juvenil. Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, n. 53/54, p. 43-49, 1980.

ALKMIM, H. D. de. Uma experiência que deu certo... ADAV - Educação do Bem-dotado. Amae Educando, p. 9-13, ago. 1988.

Referências

ALKIMIN, H. D. de. Entrevista. Belo Horizonte, 26 set. 2000. Entrevista concedida a Érika Lourenço. Manuscrito.

MORETZSOHN, J. A. História da psiquiatria mineira. Belo Horizonte: COOPMED, 1989.

Érika Lourenço



ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e – Marquês de Abrantes *(1794-1865)*

Ministro e diplomata baiano, é autor das Cartas políticas, escritas em Londres, em 1825, sob o pseudônimo de Americus. Numa delas, discute a reforma das instituições carcerárias no país e propõe modalidades de modificação do comportamento dos presos, numa visão determinista da conduta humana. Para Almeida, a reforma da instituição deve visar à do preso e pode ser realizada na medida em que o indivíduo for condicionado a repetir atos bons, por reforços ou estímulos adversos. Assim, o homem pode ser induzido a executar boas ações pelo prêmio ou pelo castigo. Um meio muito eficaz para a reforma do comportamento é o hábito do trabalho que, por sua vez, pode ser induzido pelo estímulo da retribuição: o estabelecimento de uma relação entre trabalho e satisfação das necessidades e a introjeção no indivíduo de obrigações, constantemente criadas pela sociedade, determinam a relação de dependência entre o indivíduo e a máquina social.

Publicações

ALMEIDA, M. C. du P. e. Cartas políticas. Londres: [s.n], 1825.

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1990.

Marina Massimi



ALVES, Isaías
(1898-1968)

Natural de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1910. Tendo-se dedicado ao magistério antes mesmo da sua formatura, obteve, em 1931, o Masters of Arts e Instructor in Psychology pelo Teachers College da Columbia University, tendo estudado com Edward L. Thorndike. Dirigiu o Ginásio Ypiranga, a partir de 1911. Foi professor do Ginásio da Bahia. Na Escola Normal da Bahia (atual Instituto Central de Educação Isaías Alves), lecionou Psicologia educacional (a partir de 1931) e realizou estudos psicológicos, com a colaboração de Simone Bensabath e João Inácio Mendonça, seus assistentes; foi idealizador, fundador e professor da Faculdade de Filosofia da Bahia (atualmente integrada à Universidade Federal da Bahia).

Foi comissionado pelo governo da Bahia para orientar professores primários na utilização de testes pedagógicos e psicológicos. Realizou, em 1926, a aferição da escala Binet-Simon, na versão Cyril-Burt, publicada nos Anais Médico-Sociais da Bahia. Realizou também pesquisas com o Teste de Ballard. Entre 1932 e 1935, montou o Serviço de Testes no Serviço de Medidas Escolares do Instituto de Educação, na gestão de Anísio Teixeira, na Direção da Instrução Pública do Distrito Federal; aí criou e produziu vários estudos sobre testes. Escreveu inúmeras obras, entre as quais: Teste individual de intelligencia: noções gerais sobre testes (1927), abordando a fórmula Binet-Simon-Burt e sua adaptação para a realidade brasileira, e os testes de labirinto de Porteus; Os testes e a reorganização escolar (1930), procurando demonstrar a aplicabilidade dos testes à situação escolar; além disso, publicou obras sobre Educação e ministrou inúmeros cursos na Bahia e em outros Estados sobre testes e sua aplicação à Educação. Realizou pesquisas sobre a evolução psicológica da criança, tendo coletado 36.616 notas sobre o desenvolvimento dos seus três filhos mais novos, trabalho que ainda está a merecer análise. Isaías Alves integra uma tradição de educadores baianos, iniciada em meados do século XIX, com Abílio Cesar Borges, Barão de Macahubas.

Publicações

ALVES, I. Os testes e a reorganização escolar. Bahia: A Nova Graphica, 1930.

ALVES, I. Teste individual de intelligencia. Bahia: Off. Graphicas da Luva, 1928.

Referências

ANTUNES, M. A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890 - 1930): uma contribuição aos estudos em história da psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

CABRAL, A. C. M. A Psicologia no Brasil. Psicologia, Boletim [da] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51, 1950.

LOURENÇO FILHO, M. B. A Psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 41-53, set. 1971.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da Psicologia no Brasil. Psicologia, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-14, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia no Brasil. In: QUEM é o psicólogo brasileiro. São Paulo: Edicon/CFP, 1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Org.). História das ciências no Brasil. São Paulo, EPU/EDUSP, 1979. v. 3, p. 235-276.

Mitzuko Aparecida Makino Antunes
Nádia Maria Dourado Rocha



ALVES, Pórcia Guimarães *(1917-2005)*

Nasceu em Curitiba, Paraná. Tornou-se, em sua incansável trajetória, símbolo de luta pela Psicologia brasileira e, especialmente, a paranaense. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, em 1940, lecionou durante 45 anos, do curso primário ao superior, 30 deles dedicados à Psicologia da Educação.

Foi idealizadora de inúmeros projetos, muitos inovadores e pioneiros, como:

- a criação, em 1949, do Centro de Orientação Infantil, que completaria, com o atendimento psicológico, a equipe de médicos pediatras e psiquiatras do Departamento Estadual da Criança;
- a instalação e direção do Centro Educacional Guaíra, em 1954, que desenvolveu novas técnicas e atividades em educação e no qual instalou, em 1956, o Serviço de Orientação Psicopedagógica, com o objetivo de atender crianças que apresentassem dificuldades de aprendizagem – foi a primeira Clínica Psicológica do Estado do Paraná;
- a organização, em 1958, da primeira Classe Especial para deficientes mentais, que visava à não segregação das crianças e à sua integração e convivência com alunos comuns;

- em 1960, a construção do primeiro pavilhão de Artes Industriais do Paraná;
- a instalação, em 1961, por solicitação da Associação de Assistência ao Psicopata do Paraná, da Escola Mercedes Stresser, para atendimento às crianças deficientes mentais – anexa à mesma, instalou uma Clínica Psicológica para o exame dos candidatos à Escola;
- em 1962, a inauguração do Instituto Decroly, sua 3ª Clínica Psicológica, que objetivava ser também uma escola de recuperação, onde havia salas de foniatria, fisioterapia e ludoterapia;
- a organização, em 1967, da Seção de Seleção e Orientação Profissional, anexa ao Instituto Decroly. Nesse instituto, também fez funcionar, em 1968, o Jardim de Infância e a Classe para Superdotados.

Além disso, participou das reuniões para a criação e instalação dos Cursos de Psicologia no Brasil. Fez parte das discussões junto ao Conselho Federal de Psicologia, que vinculou o Estado do Paraná à Região Sul, formando, com o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o Conselho Regional–07, do qual foi, em 1976, vice-presidente. Nesse mesmo ano, participou do Grupo de Trabalho que tinha como finalidade elaborar um plano para o desmembramento e a instalação do Conselho Regional do Paraná, o que ocorreu somente em 1979. Relacionou-se, em sua trajetória, com nomes respeitáveis da Psicologia e da Educação, como Mira y López, Jean Piaget, Noemy da Silveira Rudolfer, Carolina Bori, Nilton Campos, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, entre outros.

Em 1949, publicou o artigo A anorexia essencial na infância, pela Revista Pediatria e Puericultura; em 1958, Perturbações emocionais na aprendizagem, pelo Boletim do Instituto Antonio Aurélio da Costa Ferreira, em Lisboa, Portugal; em 1962, publicou um capítulo intitulado A análise sociométrica como recurso didático, no livro La sociedad y la educación en América Latina, organizado por Robert Havighurst; em 1967, Aspectos Pedagógicos do Mongolismo, na Revista Brasileira de Deficiência Mental; em 1977, publicou, nos Cadernos de Psicologia Aplicada, o artigo Da necessidade de atendimento e orientação às crianças limítrofes; e, em 1997, publicou, pela editora Pinha, o livro Memórias da Psicologia no Paraná.

Publicações

ALVES, P. G. A análise sociométrica como recurso didático. In: HAVIGHURSTR. (Org). La sociedad y la educación en América Latina. Buenos Aires: Eudeba, 1962.

ALVES, P. G. A anorexia essencial na infância. Revista Pediatria e Puericultura, 1949.

ALVES, P. G. Aspectos pedagógicos do mongolismo. Revista Brasileira de Deficiência Mental, 1967.

ALVES, P. G. Da necessidade de atendimento e orientação às crianças limítrofes. Cadernos de Psicologia Aplicada, 1977.

ALVES, P. G. Memórias da psicologia no Paraná. [S.l.]: Pinha, 1997.

ALVES, P. G. Perturbações emocionais na aprendizagem. Boletim do Instituto Antônio Aurélio da Costa Ferreira, Lisboa, 1958.

Sheila Maria Rosin Cella



ALVIM, Mariana Agostini de Villalba *(1909-2001)*

Filha de Laura Palha Alvim e Álvaro Freire de Villalba Alvim, médico pioneiro, que introduziu a radioterapia no Brasil. Nasce na cidade do Rio de Janeiro. Casa-se com o barítono português João Sampaio Brandão, em 12 de dezembro de 1928. Juntamente com o marido e os sogros, muda-se para Paris, onde iria morar por cinco anos. Ali estuda e é influenciada pelo eminente professor Henri Wallon, pilar em sua formação profissional e política. Mariana e João voltam ao Brasil marxistas-leninistas, nos tempos de Getúlio Vargas, quando ser comunista constituía um crime. Grandes dificuldades sofre o casal, devido à militância política no Partido Comunista. Chegam a ser perseguidos e a ter de se esconder, em condições precárias, no interior do Rio de Janeiro. Nessa época sombria, ocorre o que foi talvez a maior perda de Mariana, a morte de seu esposo em um acidente de avião, o qual, antes de alcançar seu destino, Belo Horizonte, choca-se com uma montanha. No final da década de 30, Mariana gradua-se, no Rio de Janeiro, em Serviço Social, área afim à Psicologia; a profissão de psicólogo só iria ser regulamentada em 1962.

Inicialmente, trabalha em um jardim de infância público; posteriormente, atua na Biblioteca Central de Educação, da Secretaria de Educação da Prefeitura do então Distrito Federal. Em 1941, realiza com sucesso um concurso na área de Serviço Social é admitida pelo Ministério da Justiça. Seu posto de trabalho foi o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), que, no período da ditadura, viria a se tornar a desmoralizada Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM).

Em 1945, o famoso psiquiatra Emílio Mira y López é convidado a ministrar, na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, um curso de seleção e orientação profissional. Tal curso iria se estender por todo aquele ano. Em 1946, é convidado e funda o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP). É então que seleciona, entre os alunos que fizeram o curso com ele, aqueles que iriam participar dos trabalhos realizados no/pelo ISOP, sob sua orientação. Assim, Mariana é escolhida e trabalha como Psicóloga do ISOP durante treze anos.

Depois de formada profissionalmente e pela vida, escolhe o Planalto Central para continuar sua jornada e, em 6 de abril de 1960, parte para a nova capital. Impaciente, não esperou pela seleção de professores que iriam inaugurar o sistema educacional de Brasília. De 1961 até meados de 1962, trabalha como Chefe do Centro de Psicologia Aplicada da Prefeitura do Distrito Federal. Em maio de 1962, é convidada pelo então Reitor da Universidade de Brasília (UnB), Darcy Ribeiro, a organizar o Serviço de Seleção e Orientação da UnB. Mariana torna-se Chefe do Setor de Orientação, órgão subordinado à Secretaria Geral dos Cursos da Universidade. Ainda em 1962, participa da Comissão de Seleção de Servidores da UnB. Em fevereiro de 1963, devido ao início do ano letivo, pede afastamento da Comissão de Seleção, pois deveria continuar o trabalho de orientação com os novos alunos da Universidade e a prestar assistência aos veteranos. Em julho de 1965, Mariana solicita seu retorno ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, sua instituição de origem, a fim de reassumir suas funções.

Referências

DANTAS, M. L. R. Subversão e ternura: a saga de Mariana. Recife: Bagaço, 1999.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Centro de Documentação. Brasília, DF, 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Secretaria de Recursos Humanos. Setor de Microfilmagem. Brasília, DF. 2015.

João Marcelo Santos Souza
Rachel Nunes da Cunha



AMARAL, Lygia Alcântara do *(1911-2003)*

Nasceu em São Paulo, em 1911, descendente de uma família de fazendeiros de café. Em 1928, forma-se normalista, tendo cursado a Escola Normal da Capital, futura escola Caetano de Campos. Ampliando a sua formação, faz o curso de Educadores Sanitários, criado por Geraldo Horácio de Paula Souza, médico sanitarista e diretor da Escola de Higiene e Saúde Pública do estado, do Instituto de Higiene de São Paulo. Em 1932, graduou-se como Educadora Sanitária. Irá trabalhar na seção de Higiene Mental Escolar, onde o trabalho com crianças se dá sob a orientação do Dr. Durval Marcondes.

Após cinco anos de estudos e atividades clínicas, recebeu o Certificado do Serviço de Higiene Mental, conferido pelo Dr. Durval Marcondes. Nesse contexto e através do contato com Durval Marcondes, tem início seu interesse pela Psicanálise, que a guiará por toda a sua vida. Junto com a colega Virgínia Bicudo, participa ativamente da criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) desde os seus primeiros momentos.

Em 1945, ingressou no Grupo Psicanalítico de São Paulo, fazendo análise didática com a Dra. Adelheid Koch. Em 1951, já como membro, pleiteou uma bolsa de seis meses para estudar psicanálise em Londres, em função do seu traba-

lho na Clínica de Orientação Infantil, organizada pelo Dr. Durval Marcondes. Acompanhou, nesse mesmo ano, a Dra. Adelheid Koch ao Congresso Internacional de Amsterdã, a fim de que fosse feito o pedido de reconhecimento do Grupo de Psicanálise de São Paulo para SBPSP. Nesses seis meses, teve contato com Anna Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott, Hanna Segal, Esther Bick, Isabel Menzies, Martha Harris e Francis Tustin. Teve como supervisores Beth Joseph e Hans Thorner.

Em 1959, passou a analista didata e teve uma participação ativa na estruturação do curso de formação de analistas de crianças, em 1978, sendo professora da primeira turma. Na segunda metade dos anos 1950, lecionou no Curso de Psicologia Clínica da Cadeira de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), organizado pelo Dr. Durval Marcondes e a Dra. Anita Castilho Marcondes Cabral. No Brasil, posteriormente, submeteu-se a reanálises com Frank Philips e, durante um mês, com o Dr. Wilfred Bion, quando esteve em Brasília, em 1979.

A atividade mais importante da Profa. Lygia de Alcântara Amaral foi o trabalho pioneiro de análise de crianças em São Paulo, com a colega Profª. Virgínia Leone Bicudo, igualmente normalista e "visitadora psiquiátrica social". Ambas trabalharam no atendimento de crianças do Serviço de Saúde Escolar do Instituto de Higiene Pública de São Paulo. Posteriormente, prestaram enorme contribuição ao criar o curso de formação de analistas de criança no Instituto de Psicanálise de São Paulo e a possibilidade de atendimento psicanalítico para crianças. Lygia Amaral foi a pioneira em São Paulo, introduzindo a análise de criança e a observação mãe/ bebê, a partir da abordagem kleiniana. Publicou alguns artigos na Revista Brasileira de Psicanálise.

Publicações

AMARAL, L. A do. Entrevista: uma passagem com Bion. Revista Percurso, [s.d.].

Referências

AMARAL, L. A do. Depoimento. São Paulo, [1989]. 1 cassete: VHS. Depoimento concedido a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo para elaboração do Projeto Memória.

BARCELOS, R. Algumas anotações biográficas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. São Paulo, 1976. (Mimeogr.).

CARVALHO, C. Á. de. Os psiconautas do Atlântico Sul: uma etnografia da psicanálise. Campinas: Unicamp, 1998.

GALVÃO, L. A. P. Notas para a história da psicanálise em São Paulo. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 1, n. 1, 1967.

MOKREJS, E. A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis: Vozes, 1993.

NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

OLIVEIRA, C. L. M. V. de. A implantação do movimento psicanalítico na cidade de São Paulo. 2000. Texto debatido em um dos grupos dos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em: http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/CarmenLuciaValadares.htm. Acesso em: fev. 2001

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAGAWA, R. Y. A construção local da psicanálise. Marília: Interior/ Psicanálise, 1996.

SAGAWA, R. Y. A história da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

SAGAWA, R. Y. A psicanálise pioneira e os pioneiros da psicanálise em São Paulo. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). Cultura da psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SAGAWA, R. Y. Os inconscientes no divã da história. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SAGAWA, R. Y. Redescobrir as psicanálises. São Paulo: Lemos, 1992.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo "Farrapos": a trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Arquivos: dados pessoais e currículos dos membros. São Paulo, 2015.

Marina Massi



ANCHIETA, José de *(1534-1597)*

Nasceu em 1534, em São Cristóvão, na ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias. Seu pai era de origem navarra, parente de Santo Inácio de Loyola, e sua mãe tinha sangue indígena (guanche). Aos 14 anos de idade, José, na companhia do seu meio-irmão Pedro Núñez, embarca para Portugal a fim de estudar Filosofia e Direito. Foi estudar no prestigioso Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Nessa cidade, encontra a recém-fundada ordem religiosa da Companhia de Jesus, onde ingressou em 1551. Em 8 de maio de 1553, ainda como simples irmão, embarcou em Lisboa para a Bahia, com a terceira leva de jesuítas que iriam missionar no Brasil, dirigidos pelo Pe. Luis da Grã.

Em 25 de janeiro de 1554, festa da conversão de São Paulo, o Pe. Manuel Paiva celebrou a missa de inauguração do colégio, no planalto de Piratininga, onde José de Anchieta iria atuar como mestre de latim e colocar em prática as competências e conhecimentos adquiridos em Coimbra. Aprende a língua da terra e dá aulas de gramática para os meninos indígenas. O termo desse processo será a transcrição da gramática dos tupis-guaranis num livro que é fundamental para a história do Brasil: a Gramática das línguas mais faladas nas costas do Brasil, publicado no fim do século XVI. Esse livro contribuiu para a formação e transmissão daquela que foi a língua geral do Brasil, forma de

tupi simplificado e falado por todos os habitantes do Brasil, até a proibição pombalina em meados do século XVIII.

Anchieta foi o primeiro pregador de destaque em São Paulo. No informe de 1573 ao padre geral, do provincial Inácio Tolosa, acerca do período em que Anchieta foi superior em São Vicente (1567-1577), aquele afirma que "de sua muita caridade (apesar de doente) tira forças para servir ao Senhor, que lhas dá, com muitas frequentes pregações, de que se têm ajudado os moradores" (Massimi, 2005, p. 291).

Através das Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões, podemos perceber como sua obra é significativa para o estudo das ideias psicológicas. De fato, somente com os tratados dos jesuítas é que a atenção à subjetividade do índio passa a compor a sua representação na consciência quinhentista. Nesses documentos, o conhecimento psicossocial, adquirido pela experiência direta e cotidiana com os indígenas, é filtrado pelo crivo da visão antropológica da teologia católica da época.

Na Informação da província do Brasil, o olhar de Anchieta é particularmente atento aos traços psicológicos do temperamento dos nativos. Ele afirma que eles "são melancólicos", e retrata a sensibilidade e a força da sua imaginação: "Se querem morrer com apreender somente a morte na imaginação ou com comer da terra; ou lhes digam que se hão de morrer ou lhes ponham medo morrem brevissimamente" (Anchieta, 1988, p. 442).

Anchieta frisa também o fato de que eles amam muito os filhos e interpretam a nudez como sinal de sua "candura natural", representando "o estado de inocência" (Anchieta, 1988, p. 442). Outro aspecto "positivo" da Psicologia indígena apontado por Anchieta é o da sociabilidade: "Não são de mandões, mas benfazejos e caritativos; todos os que lhes entram em casa comem com eles sem lhes dizer nada" (Anchieta, 1988, p. 442).

É nítido também o interesse pelo conhecimento das características psicológicas do indígena em informação dos casamentos dos indígenas do Brasil, e Anchieta investiga as peculiares relações de parentesco existentes na comunidade indígena, procurando desvendar os "sentimentos" vivenciados em tais relações sociais. Ele descobre, por exemplo, que os indígenas têm um particular "sentimento de adultério" (Anchieta, 1988, p. 457). Acerca dos indivíduos polígamos, afirma:

Não é possível saber-se com qual delas se juntaram com ânimo marital, porque nem eles entendem quanto importa falar nisto verdade, nem o sabem dizer realmente, porque para com todas tivera o mesmo ânimo (Anchieta, 1988, p. 460).

A dificuldade do missionário em compreender a Psicologia do outro é, aqui, muito clara. Ao mesmo tempo, Anchieta busca entender os motivos de alguns fenômenos sociais particularmente curiosos e estranhos para o olhar europeu, como o fato de que, após o parto, é o pai a receber cuidados e visitas, e não a mãe. Nos escritos de Anchieta, podemos entrever o reconhecimento efetivo da identidade psicossocial do indígena enquanto sujeito, cuja subjetividade se revela no espaço de relações concretas e deve ser entendida na sua peculiaridade e diversidade.

Publicações

ANCHIETA, J. de. Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil. Apresentação do Prof. Dr. Carlos Drumond e aditamentos do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1990. v. 11.

ANCHIETA, J. de. Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1988.

ANCHIETA, J. de. Correspondência ativa e passiva. Introdução, versão e notas do Pe. Helio Abranches Viotti. São Paulo: Loyola, 1984. v. 6.

ANCHIETA, J. de. Diálogo da fé. Introdução Histórico-literária e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1987. v. 8.

ANCHIETA, J. de. Doutrina cristã: catecismo brasílico, doutrina autógrafa e confessionário brasílico. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1992. v. 10. 2 t.

ANCHIETA, J. de. Lírica portuguesa e tupi, lírica espanhola. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1994. v. 5.

ANCHIETA, J. de. Os feitos de Mem de Sá. 4. ed. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1986. v. 1.

ANCHIETA, J. de. Poema da Bem-Aventurada Virgem Mãe de Deus Maria. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1984. vol. 4.

ANCHIETA, J. de. Poemas eucarísticos e outros. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1975. v. 2.

ANCHIETA, J. de. Sermões. Pesquisa, introdução e notas do Pe. Helio Abranches Viotti. São Paulo: Loyola, 1988. v. 7.

ANCHIETA, J. de. Teatro de Anchieta. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1977. v. 3.

ANCHIETA, J. de. Textos históricos. Pesquisa, introdução e notas do Pe. Helio Abranches Viotti. São Paulo: Loyola, 1989. v. 9.

Referências

CARDOSO, A. Vida de São José de Anchieta: um carismático que fez história. São Paulo: Loyola, 2014.

MASSIMI, M. Conhecimentos acerca do índio e da sua psicologia na literatura de língua portuguesa sobre o Brasil do século XVI. In: ATAS do Congresso Internacional: Anchieta 400 anos. São Paulo: FJB, 1998.

MASSIMI, M. Palavras, almas e corpos no Brasil colonial. São Paulo: Loyola, 2005.

Marcio Luiz Fernandes
Marina Massimi



ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de *(1763-1838)*

Eminente cientista e político brasileiro, nascido na Vila de Santos, desempenhou um papel fundamental no processo de formação do Estado brasileiro pós-colonial. Formou-se em Direito e Filosofia na Universidade de Coimbra. Entrou para a Academia das Ciências e por esta foi enviado para viajar pela Europa com o objetivo de aperfeiçoar os estudos em História Natural, Metalurgia e Química.

Em 1800, foi nomeado intendente-geral das Minas de Portugal. Em 1802, depois de receber o grau de doutor, foi nomeado professor titular da cadeira de Metalurgia junto à Universidade de Coimbra. Regressou ao Brasil em 1819, dedicando-se à causa da independência política do país. Foi aclamado vice-presidente da junta de governo em 1821 e, em 1822, nomeado Ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros.

Sua obra de organização do Império interrompeu-se, devido a um dissídio com o Imperador D. Pedro I, em razão do qual foi exilado na França, porém, pôde voltar ao Brasil em 1829. Novamente acusado de pretender o regresso de Dom Pedro I, após a abdicação, foi confinado na Ilha de Paquetá, na Baía de Guanabara.

Em 1823, escreveu um documento de natureza política para ser discutido na Assembleia Constituinte, a saber: os Apontamentos para a

civilização dos índios bravos do Império do Brasil. Trata-se de um projeto de aculturação dos índios, segundo os modelos e valores característicos do homem ocidental da época. Os nativos brasileiros não seriam mais dominados pela força das armas, mas pela educação baseada na emulação e na oferta de "prêmios" (as riquezas, as comodidades, os prestígios sociais dos quais goza o homem ocidental). O índio é concebido como um "mero autômato, cujas molas podem ser postas em ação pelo exemplo, educação e benefícios" (Silva, 1965, p. 12). "Domesticado", o índio aprenderia o hábito do trabalho, o conceito de propriedade privada, a sujeição ao poder da "civilização". O conhecimento dos mecanismos psicológicos do comportamento humano torna-se assim um meio para realizar essas finalidades. Tal antropologia mecanicista funda-se no conceito do "homem-máquina" formulado pelo filósofo e médico francês J. O. Lamettrie, mas, ao mesmo tempo, vislumbra afirmações de sabor behaviorista. Para José Bonifácio, a "perfectibilidade do selvagem" depende de que, "mudadas as circunstâncias, mudam-se os costumes" (Silva, 1965, p. 12). De tal modo que:

> [...] se Catão nascera entre os sátrapas da Pérsia, morreria ignorado entre a multidão de escravos. Newton, se nascera entre os Guaranis, seria mais um bípede, que pesara sobre a superfície da terra. Mas um Guarani criado por Newton talvez ocupasse o seu lugar. (Silva, 1965, p. 12).

Faleceu em Niterói.

Publicações

SILVA, J. B. de A. e. Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil. 2. ed. Santos: ISEPO, 1965.

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1990.

Marina Massimi

ANDRADE, Eugênia Moraes de *(1911-1999)*

Nasceu em Campanha da Princesa, Minas Gerais. Formou-se em Letras Clássicas e Português, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), em 1937. Foi nomeada professora de Latim, em Araras (SP), tendo exercido essa função até 1943, ano em que passou a trabalhar em Seleção de Pessoal do Departamento de Serviço Público (DSP), mudando seu foco de interesse da área de Letras para a Psicologia. Fez cursos de formação e foi aluna do Professor Adrian Rondileau e da Professora Noemy da Silveira Rudolfer.

No campo da Psicologia, foi técnica do Setor de Psicologia do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP, cuja atribuição fundamental era a pesquisa na área de Psicologia Aplicada. Fez cursos sobre Psicologia do Trabalho com o Professor Mira y López, sobre Psicanálise com o Dr. Durval Marcondes e sobre Psicometria com Frederick Maria Urban, da Universidade de Pensilvânia, Estados Unidos.

Dedicou-se à tradução portuguesa e adaptação, para uso no Brasil, de testes psicológicos, que foram editados pelo Centro de Estudos em Psicologia Aplicada (CEPA), Rio de Janeiro. Colaborou na elaboração do questionário de personalidade "DADAHIE" (um questionário para medir sete variáveis de personalidade, cujas iniciais combinadas derivam o nome do instrumento), publicado na Revista de Administração (1950, p. 46-91) e cujo conteúdo coincide com a descrição de Murray (1938), em Exploration in Personality. Colaborou na padronização e pesquisa do teste 16PF, cujos resultados com universitários brasileiros foram publicados em Ciência e Cultura (1966), no International Journal of Psychology (1969) –

num artigo de autoria de John Ford – e na Revista da PUC (1974).

Eugênia continuou trabalhando no Instituto de Administração até 1967, ano da sua aposentadoria. Aposentada, aceitou convite do Reitor da USP para instalar e dirigir o Serviço de Seleção de Pessoal Técnico e Administrativo da Reitoria, dos Institutos e Faculdades da USP. Nesse trabalho, contou com a colaboração de Ivone Espínola. Como encarregada do Serviço, participou, com os professores Enzo Azzi e Raul de Moraes, da elaboração de provas psicológicas para seleção de candidatos da Escola de Ciências Médicas da Santa Casa, da elaboração de provas de inteligência dos exames vestibulares da Faculdade de Filosofia São Bento e da elaboração de provas de inteligência para concursos estaduais e federais na Fundação Carlos Chagas.

Publicações

ANDRADE, E. M. da. Questionário de psicanálise "DADAHIE". Revista de Administração, v. 13/14, p. 46-91, 1950.

ANDRADE, E. M. de. Padronização e pesquisa do teste 16PF. Ciência e Cultura, v. 18, n. 2, 1966.

ANDRADE, E. M. de. Padronização e pesquisa do teste 16PF: resultados com universitários brasileiros. Revista da PUC, 1974.

Referências

MORAIS, S. T. D. Professores universitários e psicólogos contam suas vidas. 5 v. Tese (Doutoramento em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

Elizeu Batista Borloti

ANDRADE, Helvécio de *(1864-1940)*

Helvécio Ferreira de Andrade nasceu em 6 de maio de 1864, em Engenho Boa Sorte, município da Capela, Sergipe. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1886. Em função da Reforma do Ensino ocorrida em 1911, durante o governo de José Rodrigues da Costa Dórea, Helvécio foi nomeado, no mesmo ano, professor catedrático da Cadeira de Pedagogia, Pedologia e Higiene Escolar, da Escola Normal de Sergipe. Uma de suas importantes contribuições foi introduzir o ensino de Psicologia como disciplina na formação de professores da Escola Normal de Sergipe. A Psicologia foi introduzida como base científica para o curso de Pedagogia, em que pensar a infância, o seu desenvolvimento e as suas particularidades passava a ser fundamental para um novo projeto de escola.

Do resultado de sua experiência como professor do Curso Normal de Sergipe, publica, em 1913, Curso de pedagogia: lições práticas elementares da psicologia, pedologia, metodologia e higiene escolar, professoradas na Escola Normal de Aracaju. Esse livro, composto de 132 páginas, foi dividido em quatro partes. A primeira parte foi subdividida em 19 lições, a segunda em 8, a terceira em sete, e a última em seis lições.

Na primeira parte, Psychologia Pedagógica, o autor apresenta a Psicologia como a "Ciência da Alma" e seus princípios gerais: teorias, metodologia e aplicações pedagógicas. Na segunda parte do livro, Helvécio expõe a Pedologia, estudo sistemático do desenvolvimento físico e psíquico das crianças, o que permitiu a discussão de temas como hereditariedade, memória e afetividade. Na terceira parte, o autor trata, especificamente, da metodologia do ensino, onde dá destaque aos diferentes métodos de ensino, principalmente, o método intuitivo, e seus princípios didáticos cor-

respondentes. Na última parte, Helvécio mostra o tópico da Higiene Escolar. O autor sustenta a importância da higiene para o bom desenvolvimento da criança. Temas como a infância, a estrutura física das escolas, seu mobiliário e a postura dos alunos são apresentados com a mesma importância das demais lições do livro.

As discussões teóricas empreendidas por Helvécio, em seu livro Curso de pedagogia: lições práticas elementares da psicologia, pedologia, metodologia e higiene Escolar, professoradas na Escola Normal de Aracaju, não passaram despercebidas no cenário sergipano. Adolfo Ávila Lima apresentou ao longo de 12 artigos sob o título: Críticas e ensaios de psychologia pedagógica, publicadas no Diário da Manhã, em Sergipe, entre os dias 7 e 21 de agosto de 1914, severas críticas à referida publicação. Posteriormente, coube a Helvécio refutar as afirmações de Adolfo A. Lima, expostas ao longo de 18 artigos, publicados pelo jornal O Estado de Sergipe, entre os dias 23 de agosto e 13 de setembro de 1914.

Helvécio faleceu no ano de 1940.

Publicações

ANDRADE, H. de. Críticas e ensaios de Psicologia Pedagógica. Refutação: Série de 18 artigos. O Estado de Sergipe, [S.l.], 23 ago. – 13 set. 1914.

ANDRADE, H. de. Curso de Pedagogia: lições práticas elementares da Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene Escolar, professoradas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913.

ANDRADE, H. de. O homem e sua natureza. Correio de Aracaju, Aracaju, 4 e 6 out. 1911.

ANDRADE, H. de. Pensar e dizer. Diário da Manhã. Aracaju, 27 jul. 1923.

Referências

ANDRADE, H. F. de. Críticas e ensaios de Psychologia Pedagógica: refutação. O Estado de Sergipe, [S.l], 23 ago. - 13 set. 1914.

GUARANÁ, A. Dicionário bio-bibliográfico sergipano. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

LIMA, A. A. Críticas e ensaios de Psychologia Pedagógica. Diário da Manhã. 7 a 21 de agosto de 1914.

NASCIMENTO, J. C. do; WENDLING, M. M. Contribuição aos estudos sobre a história da Psicologia no Estado de Sergipe. Cadernos UFS, v. VIII, Fascículo 3, 2006.

OLIVEIRA, Y. D. de. Educação da criança à luz da ciência: a contribuição de Helvécio de Andrade, em Sergipe (1911-1935). Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

VALENÇA, C. de A. Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais da pedagogia moderna por Helvécio de Andrade (1911-1935). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2006.

Renato Sampaio Lima
Sonia Cristina Pimentel de Santana



ANDRADE, Luis Francisco Gonçalves de *(1940-)*

Nasceu em Catolé do Rocha, interior da Paraíba. Após ter feito o curso de Filosofia no Brasil e Licenciatura em Teologia na Universidade Gregoriana de Roma, iniciou os estudos de Psicologia na Universidad Complutense de Madrid, na Espanha. Em seguida, transferiu-se para a Université Catholique de Louvain, na Bélgica, onde concluiu a graduação em Psicologia e obteve o título de Mestre (1970) e Doutor (1976) nessa área. Fez pós-doutorado no Brasil, pela PUC de São Paulo (1990).

Após regressar do seu doutoramento, iniciou, em 1979, na cidade de João Pessoa, a prática da Psicanálise, tendo se consagrado como pioneiro. Continuou sua formação psicanalítica, iniciada na Bélgica, prosseguindo com sua análise pessoal e como membro, durante 21 anos, do Círculo Psicanalítico de Pernambuco – Unidade do Círculo Brasileiro de Psicanálise, do qual foi Vice-Presidente.

Com o título de primeiro Psicólogo da Paraíba, ajudou a elaborar o projeto de implantação do curso de Psicologia da UFPB, em 1972. Devido à ausência de concursos públicos e à escassez de profissionais com formação na área de Psicologia - sobretudo com títulos de pós-graduação – lecionou nessa Instituição como professor titular, de 1970 (quando a disciplina de "Introdução à Psicologia" era obrigatória no chamado "ciclo básico" de todos os cursos de tal universidade) até 1994, quando se aposentou. Auxiliou na implantação do mestrado em Psicologia da UEPB, em Campina Grande, tornando-se professor dessa instituição em 1995.

Publicou os livros A linha e o ponto: o caminho desde Freud (Livro 1) (Ideia: João Pessoa, 2009) e A linha e o ponto: o caminho desde Lacan (Livro 2) (Ideia: João Pessoa, 2010), nos quais busca abordar aspectos teóricos e clínicos dos dois psicanalistas. Em 2015, foi lançada pela Editora Annablume outra obra, intitulada: Lacan: um novo Freud? o paradigma lacaniano e seu alcance clínico. Além dessas obras, já publicou mais de 30 artigos em revistas especializadas, com destaque para Les epilepsies et le Test de Szondi (1975), apresentado durante o I Congresso Internacional sobre a obra e o teste de Leopold Szondi, em Paris. Atuou como colaborador do livro Desafios da Psicologia contemporânea (UFPB: João Pessoa, 2010), com o capítulo intitulado: Psicanálise no Nordeste: para quê?

Atualmente, é membro da Escola Internacional de Psicanálise do Campo Lacaniano (sede em Paris); Membro do The International Council of Psychologists, Inc, desde 1980, e Fundador da Sociedade Psicanalítica da Paraíba e da Escola Psicanalítica de João Pessoa, das quais foi o primeiro Presidente.

Recebeu, em 2011, uma homenagem do Conselho Regional de Psicologia 13ª Região (CRP-13/PB), no Dia do Psicólogo, e da Clínica EPSI (Espaço Psicanalítico), em reconhecimento ao seu trabalho na área de Psicologia e Psicanálise.

Publicações

ANDRADE, L. F. G. de. A agonia da psicanálise. Cadernos de Psicanálise. Revista do Círculo

Psicanalítico de Pernambuco. Recife, ano VII, n. 2, p. 64-79, out. 1991.

ANDRADE, L. F. G. de. A indeterminação do desejo. In: TRAÇO Freudiano Veredas Lacanianas. Colóquio realizado em novembro de 2014. Veredas, Recife, ano 20/21, n. 17, p. 27-42, 2015.

ANDRADE, L. F. G. de. A insuportável heteridade feminina. In: JORNADA do Traço Freudiano, 20, 2015, Recife. Anais... Recife: [s.n.], 2015.

ANDRADE, L. F. G. de. A lesão de órgão e a psicose: duas formas de forclusão. In: JORNADA Norte-Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2, JORNADA Do Círculo Psicanalítico de Sergipe, 4, 15-18 nov. 1995, Aracaju. "A clínica psicanalítica hoje" coletânea de todos os trabalhos apresentados na Jornada Norte-Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise e Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe. Sergipe: [s.n], 1995.

ANDRADE, L. F. G. de. A linha e o ponto: o caminho desde Freud. Livro 1. João Pessoa: Idéia, 2009.

ANDRADE, L. F. G. de. A linha e o ponto: o caminho desde Lacan. Livro 2. João Pessoa: Idéia, 2010.

ANDRADE, L. F. G. de. A psicanálise cem anos depois: novas figuras de gozo. Revista do Círculo Psicanalítico da Bahia. Salvador, n. 3, nov. 2001.

ANDRADE, L. F. G. de. A psicanálise frente a AIDS. Estudos de Psicanálise. Revista do Círculo Brasileiro de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 16, p. 61-65, out. 1993.

ANDRADE, L. F. G. de. A psicossomática: uma forma de forclusão. Estudos de Psicanálise. Revista do Círculo Brasileiro de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 19, p. 66-79, set. 1996.

ANDRADE, L. F. G. de. A pulsão autopunitiva. Estudos de Psicanálise. Revista do Círculo Brasileiro de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 15, p. 131-139, 1992.

ANDRADE, L. F. G. de. A questão do narcisismo: Lacan versus Kohut. In: SEMANA Nordestina de Psicologia. 1. 1989, Anais... Departamento de Psicologia, UFPB. 1989.

ANDRADE, L. F. G. de. As instituições psicanalíticas e seus discursos. Stylus Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 7, p. 87-96, out. 2003.

ANDRADE, L. F. G. de. As vias perversas do desejo. In: JORNADA Norte-Nordeste Do Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2, JORNADA do Círculo Psicanalítico de Sergipe, 4, 15-18 nov. 1995, Aracaju. "A clínica psicanalítica hoje" coletânea de todos os trabalhos apresentados na Jornada Norte-Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise e Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe. Psicanalítica, Sergipe, 1995. Revista do Círculo Psicanalítico de Pernambuco, Recife, ano 4, n. 4, p. 59-73, out. 1996.

ANDRADE, L. F. G. de. Breve discurso sobre a verdade (em Lacan). Cadernos de Psicanálise. Revista do Círculo Psicanalítico de Pernambuco. Recife, ano VIII, n. 1, p. 17-40, abr. 1992.

ANDRADE, L. F. G. de. Consequências do discurso moderno sobre a economia do gozo da mulher. Veredas, Recife, n. 11, p. 49-52, 2005.

ANDRADE, L. F. G. de. Da outra cena de Freud ao Outro de Lacan. Trad. Do artigo de Antoine Vergotte "Del'autre scene de Freud a l'Autre de Lacan". Estudos de Psicanálise. Revista do Círculo Brasileiro de Psicanálise, n. 15, p.101-129, 1992.

Amanda Falcão Evangelista Dantas



ANGELINI, Arrigo Leonardo
(1924-2024)

Natural de Santo André, São Paulo, inicia o Curso Normal em 1939, no Colégio Paulistano, formando-se professor primário em 1941. Em 1942, ingressa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), no curso de Pedagogia. Durante a graduação, realiza, no Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, atividades de pesquisa, elaboração e aferição de testes destinados à seleção de candidatos aos cursos profissionais mantidos por essa instituição. Em 1945, passa a exercer as mesmas atividades na Divisão de Transportes do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), onde ficou até 1948. Nesse mesmo ano, é nomeado vice-diretor do Colégio Estadual e Escola Normal "Cardeal Leme", na cidade de Pinhal, São Paulo, lá permanecendo até 1948.

É nomeado, em 1949, primeiro assistente de Noemy da Silveira Rudolfer, da Cátedra de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. É diplomado especialista em Psicologia Educacional, pela USP, em 1951. Em 1952, realiza viagem aos Estados Unidos, com o objetivo de visitar os Departamentos de Psicologia de diversas universidades. Na Universidade de Northwestern, planeja, conforme sugestões do Prof. Benton J. Underwood, um experimento sobre aprendizagem serial verbal, tema de sua tese de doutorado, aprovada na USP, em 1953, com o título: Sobre os efeitos da similaridade intra-serial e de graus de derivação interserial na aprendizagem verbal.

Defende, em 1954, sua tese de livre-docência, O papel dos interesses na escolha da profissão, utilizando a aferição sobre o Interest Schedule de Thurstone.

Posteriormente, Angelini elabora, em colaboração com sua esposa Hebe, o Inventário de Interesse Angelini, no qual adota a sistemática de substituir o nome de profissões por atividades profissionais. Em 1954, realiza, durante a viagem ao Canadá e Estados Unidos, um estágio no Departamento de Psicologia da Universidade de Michigan. Discute com John W. Atkinson um plano de pesquisa sobre nova técnica projetiva destinada a avaliar a motivação humana. Assim, elabora e executa um amplo projeto de investigação para aferir tal técnica para o nosso meio e redige sua tese: Um novo método para avaliar a motivação humana: Estudo do motivo de realização, submetida, em 1956, ao concurso para o cargo de Professor Catedrático de Psicologia Educacional da USP, que exercia interinamente desde 1954. Foi professor visitante da Universidade Central da Venezuela, entre 1960 e 1961, iniciando, nessa instituição, o curso de pós-graduação em Psicologia Educacional.

Durante os anos de 1966 e 1967, foi professor colaborador do Instituto Central de Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Foi professor visitante da Universidade do Texas, durante o ano acadêmico de 1967-1968, ministrando cursos de pós-graduação em Psicologia Intercultural. A partir desse momento, intensifica seus estudos sobre questões ligadas à influência da cultura sobre o psiquismo. Em 1970, com a criação do Instituto de Psicologia da USP, passa a integrar o corpo docente do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, mas logo foi indicado como diretor pro tempore do novo Instituto. Em março daquele ano, foi nomeado diretor para o qua-

driênio 1970-1974. No Instituto de Psicologia da USP, exerceu, entre 1974 e 1976, o cargo de vice-diretor. Em 1976, foi indicado, novamente, para dirigir o Instituto, função exercida até 1980. Seu percurso se complementa pela participação, no período de 1950 a 1997, em 65 congressos no Brasil e no exterior, com a apresentação de trabalhos, geralmente, resultados de pesquisas, e por sua participação em entidades da área de Psicologia, como: a Sociedade de Psicologia de São Paulo, a Associação Brasileira de Psicólogos, o Conselho Federal de Psicologia e a Academia Brasileira de Psicologia. Depois de se aposentar, passou a presidir a Academia Paulista de Psicologia.

Publicações

ANGELINI, A. L. A avaliação da motivação humana pelo M.P.A M. Revista de Psicologia Normal e Patológica, v. 4, n. 1, p. 3-14, jan/jun.1958.

ANGELINI, A. L. Apreciação crítica do conexionismo como teoria da aprendizagem. Boletim de Psicologia, v. 2, n. 5/6/7, p. 39-47, set./dez.1950; mar. 1951.

ANGELINI, A. L. Aspectos atuais da profissão de psicólogo no Brasil. Boletim de Psicologia, v. 28, n. 70/71, p. 35-42, 1975.

ANGELINI, A. L. Influência da variação da similaridade entre os itens sobre a curva de posição serial, em aprendizagem verbal. Boletim de Psicologia, v. 4/5, n. 14/1516, p. 1-7, dez. 1952; mar./jun./set. 1953.

ANGELINI, A. L. Interesses artísticos e aptidões artísticas. Boletim de Psicologia, v. 10, n. 35/36, p. 104-119, 1958.

ANGELINI, A. L. Motivação humana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

ANGELINI, A. L. O papel dos interesses na escolha da profissão. Tese (Livre docência) – Universidade de São Paulo, 1954.

ANGELINI, A. L. Pesquisa intercultural em Psicologia. Boletim de Psicologia, v. 22, n. 59/60, p. 13-25, 1970.

ANGELINI, A. L. Sobre os efeitos da similaridade intra-serial e de graus de derivação inter-serial na aprendizagem verbal. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1953.

ANGELINI, A. L. Um novo método para avaliar a motivação humana: estudo do motivo de realização. Tese (Docência) – Universidade de São Paulo, 1956.

ANGELINI, A. L.; ROSEN, B. Motivação, aspiração profissional e alguns aspectos da educação dos filhos: estudo comparativo de dados obtidos no Brasil e nos Estados Unidos. Pesquisa e Planejamento, São Paulo, v. 7, p. 39-53, 1964.

Referências

BONOW, I. W. Atualidade de Lourenço Filho na Psicologia. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 23, n. 3, jul./set. 1971.

CABRAL. A C. M. A psicologia no Brasil. Boletim de Psicologia da FFCL USP, n. 3, 1950.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. A psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, dez. 1979. Edição especial.

GINSBERG, A. Os primeiros congressos brasileiros de psicologia e a participação de psicólogos brasileiros nos congressos internacionais. Boletim de Psicologia, v. 26, n. 69, dez.1975.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, v. 1, n. 1, maio 1975.

WITTER, G. P. Entrevista com Arrigo Leonardo Angelini. Psicologia Escolar e Educacional, v. 2, n. 1, 1º sem.1998.

WITTER, G. P. Primeiras dissertações/teses em psicologia escolar e educacional da USP. Psicologia Escolar e Educacional, v. 2, n. 1, 1º sem. 1998.

Renata Alves Lima



ANTIPOFF, Daniel I.
(1919-2005)

Filho da educadora e psicóloga Helena Antipoff e do jornalista e escritor Vitor Iretzky, passou os primeiros anos de sua infância na Rússia, país onde nasceu. Em 1925, morou com os pais na Alemanha e, em 1926, mudou-se com a mãe para a Suíça. Nesse país, estudou na Maison des Petits, a escola criada por Édouard Claparède para aplicação das novas propostas pedagógicas, desenvolvidas no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Em 1929, com a vinda de Helena Antipoff para o Brasil, Daniel mudou-se para a França, sendo o primeiro aluno interno da École Beauvallon, que acabava de ser fundada por Margerite Soubeyran, uma ex-aluna do Instituto Jean-Jacques Rousseau e da Universidade de Genebra.

Em 1938, com a Europa às portas da Segunda Guerra Mundial, Daniel Antipoff veio para o Brasil e, já no ano seguinte, ingressou no curso de Agronomia da Universidade de Viçosa. Formado, mudou-se para Belo Horizonte. Começou a trabalhar como agrônomo em Contagem e passou a frequentar o curso de Filosofia da Universidade de Minas Gerais (UMG), em 1943. Em 1944, tendo-se casado com Ottília Lisboa Braga (que veio a se chamar Ottília Braga Antipoff), mudou-se para Patos de Minas, onde trabalhou como agrônomo e professor de línguas até o final da década de 1940.

De volta a Belo Horizonte, em 1951, começou a trabalhar no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-MG), tendo participado, a pedido do Departamento Regional do SENAC, da instalação do Gabinete de Orientação Profissional do Serviço, do qual se tornou diretor dez anos depois. Ainda no início da década de 1950, foi um dos membros fundadores do Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP), que estava sendo organizado nas dependências do Instituto de Educação, sob a orientação de Emílio Mira y López. Atuou no SOSP por um ano, período em que se habilitou na aplicação de testes de inteligência e na condução de entrevistas psicológicas. Deixando o SOSP, Daniel Antipoff engajou-se em uma pesquisa no Departamento de Instrução de Oficiais de Minas Gerais, órgão da Polícia Militar, onde buscou averiguar a eficiência dos testes de personalidade. Logo depois, foi convidado para participar do estabelecimento de critérios para os exames psicotécnicos para motoristas no Departamento de Trânsito (DETRAN-MG), colaborando com o Dr. José Nava, médico responsável pelo serviço.

Em 1956, foi aluno do curso de Psicologia Experimental ministrado por André Rey no Instituto Superior de Educação Rural (ISER), em Ibirité, estando presente na Primeira Reunião Preparatória da Sociedade Brasileira de Psicologia. Em 1957, quando a Sociedade se estabeleceu, foi eleito seu primeiro Secretário-Geral.

Atendendo a convite feito pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em 1963 mudou-se para São José dos Campos, onde assumiu o cargo de Chefe da Divisão de Alunos. Aí, trabalhou como psicólogo residente, oferecendo atendimento terapêutico aos alunos dos cursos de Engenharia.

Em 1964, retornou a Belo Horizonte e ao trabalho no SENAC, passando a atuar como Diretor dos Cursos Noturnos. Concomitantemente, assumiu a presidência do Instituto de Psicologia Aplicada

de Minas Gerais (IPAMIG), conseguindo seu credenciamento para a realização dos exames psicotécnicos exigidos pelo DETRAN.

Na Universidade de Denver, nos Estados Unidos, fez, em 1970, um curso de pós-graduação em Educação de Crianças Excepcionais. Durante o ano de 1972, morou no Estado do Rio de Janeiro, trabalhando como assistente técnico no setor de Educação do Superdotado, no então recém-fundado Centro Nacional de Educação Especial (CENESP). Novamente em Belo Horizonte, passou a coordenar os Cursos de Formação de Educadores de Bem-dotados, que eram oferecidos pela Associação Milton Campos para a Assistência à Vocação (ADAV) e, junto com sua esposa, Ottília Antipoff, fundou a EDUC, uma escola construída no meio rural – no município de Nova Lima – para o atendimento de crianças talentosas.

Em 1980 criou o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), acatando sugestão de Helena Dias Carneiro para a preservação da filosofia e das ideias de sua mãe. Em 1989, tendo como superintendente Hélio Alkmim, assumiu a direção da Fundação Helena Antipoff, administrando os setores de Psicologia e Pedagogia, a Escola Sandoval Soares de Azevedo e os cursos de aperfeiçoamento para o professorado rural.

Trabalhando com Psicologia clínica e orientação profissional desde a década de 1950, a partir da década de 1980 ficou conhecido também por atuar no diagnóstico de crianças e adolescentes bem-dotados, atividade que desempenhou, ao lado da direção do IPAMIG e da administração da EDUC, até seu falecimento, em 2005, em Belo Horizonte.

Publicações

ANTIPOFF, D. I. A pesquisa em psicologia educacional. Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Belo Horizonte, n. 5, 1985.

ANTIPOFF, D. I. Aspectos psicológicos e características do trote no Instituto Tecnológico da Aeronáutica. Revista da Psicologia Normal e Patológica, São Paulo, n. 3, p. 94-112. 1964.

ANTIPOFF, D. I. Contribuições ao estudo das diferenças individuais no Teste da Atenção Difusa em motoristas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1955.

ANTIPOFF, D. I. Entre dois continentes. Belo Horizonte: [s.n.], 1997.

ANTIPOFF, D. I. Helena Antipoff: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

Referências

ANTIPOFF, D. I. Entrevista. Belo Horizonte, 2000. Entrevista concedida a Nelma Marçal Lacerda Fonseca, responsável pelo projeto do Banco de Depoimentos Orais do Museu da Escola de Minas Gerais. Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação.

REUNIÃO PREPARATÓRIA DA SOCIEDADE MINEIRA DE PSICOLOGIA, 1, 12 nov. 1956, Ibirité. Lista de presença. Ibirité, 1956. Manuscrito pertencente ao Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Ibirité.

SOCIEDADE MINEIRA DE PSICOLOGIA. Estatutos. Belo Horizonte, 1957.

Érika Lourenço



ANTIPOFF, Helena Wladimirna *(1892-1974)*

Filha de Vladimir V. Antipoff (1862-1927), oficial do Regimento de Infantaria do Distrito Militar de Vilno, e da pedagoga Sofia Antipoff (?-?), Helena Antipoff viveu com a família em Grodno, na província de Minsk, então pertencente ao império da Rússia, até 1901, quando o pai foi transferido para São Petersburgo, na época centro cultural importante e capital do império russo. Frequentou então, nessa cidade, escola secundária privada bem conceituada, dirigida pela educadora Lyubov Stepanovna Tagantseva (?-?).

Nessa escola, além do currículo de estudos clássicos, as estudantes eram estimuladas a participar da vida cultural da cidade. Ao mesmo tempo, crescia no país a insatisfação com o regime czarista, e Antipoff participou do movimento que reclamava mudanças políticas, a implantação de um parlamento e maior justiça social. Em 1908, frequentou um grupo de estudos do marxismo e participou de experiências de educação de adultos trabalhadores. Logo seu pai, então promovido a general, foi alertado pelas autoridades sobre essas atividades. Vladimir e Sofia então decidiram que a filha deveria prosseguir seus estudos em Paris, para onde Helena migrou com a mãe e as irmãs em 1910.

A jovem iniciou então estudos superiores na Universidade de Paris-Sorbonne, tendo frequentado seminários de intelectuais influentes nas áreas da Filosofia e da Psicologia como Henri Bergson (1859-1941), Pierre Janet (1859-1947) e Théodule Ribot (1839-1916), no Collège de France e na própria Sorbonne. Interessou-se então pelo estudo da Psicologia. Em 1911, estagiou no Laboratório de Psicologia da rue Grange-aux-Belles, ligado à Sorbonne, sob a orientação de Théodore Simon (1873-1961), parceiro de Alfred Binet (1857-1911) na invenção dos primeiros testes de inteligência ali desenvolvidos. Nesse laboratório, participou de estudos sobre o desenvolvimento mental das crianças das escolas públicas de Paris utilizando a escala métrica de inteligência Binet-Simon. Ali conheceu o médico e psicólogo suíço Édouard Claparède (1873-1940), que esteve em Paris para comunicar a fundação do Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, primeira escola de Ciências da Educação a ser instalada na Europa. Helena decide então especializar-se em Educação e parte para Genebra, matriculando-se na primeira turma do recém criado Instituto (Hofstetter, 2010).

Sob a orientação de Claparède, atuou como professora na Maison des Petits (Casa das Crianças), escola infantil anexa à instituição destinada à experimentação de novos métodos pedagógicos inspirados no trabalho da médica e educadora italiana Maria Montessori (1870-1952) e na educação ativa, e continuou os estudos sobre o desenvolvimento mental das crianças no laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra. Em julho de 1914 obteve o certificado de estudos em Ciências da Educação.

Entre 1915 e 1917 morou na cidade de Gijón, na Espanha, onde atuou como educadora e publicou artigos de divulgação da perspectiva da Educação Nova na imprensa local. Voltou à Rússia em 1917, para cuidar do pai que havia sido ferido na Guerra 1914-1918. Passou a residir novamente em São Petersburgo, e lá se uniu ao escritor e jornalista Viktor Iretzky

(1882-1936), com quem teve o filho Daniel Iretzky-Antipoff (1919-2005). Entre 1920 e 1924 trabalhou como psicóloga residente em duas instituições de acolhimento e orientação de crianças abandonadas e/ou em situação de risco social, em Petrogrado e em Viatka (Antipoff, 1924). Utilizando o método de observação proposto pelo psicólogo russo Alexander Lazurski (1874-1917), aperfeiçoou o exame psicológico de crianças e adolescentes em seu contexto natural e propôs formas de orientar sua educação. Ainda na União Soviética, associou-se ao Laboratório de Psicologia Experimental de Petrogrado, fundado por Alexandre Petrovich Nechaev (1870-1948), e participou de estudos sobre a medida do nível mental em crianças, e sobre os efeitos daquela "época extraordinária da guerra, da revolução, da fome e do terror" sobre o desenvolvimento mental infantil (Antipoff, 1924a, 1924b). A pesquisa sobre o nível mental das crianças foi posteriormente traduzida e publicada em francês nos Archives de Psychologie, em Genebra, e em português, no Brasil. Em 1922, Iretzky foi exilado em Berlim, por divergências com o governo soviético acerca da liberdade de expressão, e em 1924 a esposa e o filho foram reencontrá-lo. Antipoff deixou a União Soviética a pretexto de visitar instituições para crianças e adolescentes com deficiência mental na Alemanha, com documento atestando esse objetivo fornecido por Nechaev.

Em Berlim, trabalhou em uma instituição de educação infantil, mas logo decidiu voltar à Suíça, onde obteve o passaporte Nansen (para estrangeiros apátridas) e se tornou assistente de Édouard Claparède no Instituto Jean Jacques Rousseau, então integrado à Universidade de Genebra. Nessa posição, obteve o diploma universitário em Ciências da Educação, lecionou Psicologia e realizou pesquisas no Laboratório da Universidade. Dedicou-se então a investigações sobre desenvolvimento moral, inteligência e psicomotricidade, cujos resultados foram publicados nos periódicos Archives de Psychologie (editado por Claparède) e Intermédiaire des Éducateurs (editado pelo Instituto Rousseau e destinado a educadores). Um desses trabalhos, sobre a gênese e desenvolvimento dos sentimentos de compaixão e de justiça na criança, foi comentado por Jean Piaget (1896-1980) no livro Le jugement moral chez l'enfant (Piaget, 1932).

Em 1929, Antipoff foi convidada por representantes do governo de Minas Gerais, Brasil, a lecionar Psicologia Educacional e dirigir o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte (um dos primeiros laboratórios nessa área instalados no país), colaborando na implantação da reforma de ensino então realizada (Reforma Francisco Campos-Mário Casassanta), inspirada nos ideais do movimento da Educação Nova. Nessa época promoveu extenso programa de pesquisa sobre os ideais, interesses e desenvolvimento mental das crianças mineiras, assessorando as escolas públicas na modernização de métodos e processos educacionais. Os resultados sobre o nível de desenvolvimento mental evidenciaram que os quocientes intelectuais dos alunos variavam conforme o nível de bem-estar social das famílias. A partir dessas observações, Antipoff propôs o conceito de "inteligência civilizada" para interpretar os resultados dos testes, considerando o forte impacto do meio social e cultural dos examinandos nesses resultados. Para ela, cinco fatores deveriam ser considerados na interpretação dos instrumentos de avaliação psicológica: experiência, cultura, ambiente social, aptidões individuais e afetividade. Considerava, contudo, que a plasticidade do ser humano permitiria que o trabalho escolar bem planejado poderia equalizar o desenvolvimento de todos os estudantes, diminuindo assim os efeitos perversos da desigualdade social e cultural. Por outro lado, a verificação da existência de crianças necessitando de cuidados especiais levou-a a propor a um grupo de intelectuais, educadores, médicos

e religiosos a criação, em 1932, da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, instituição destinada ao tratamento e educação dos indivíduos que se afastassem acentuadamente de seu grupo de idade em relação ao desenvolvimento intelectual e socioafetivo, denominados "excepcionais", por sugestão de Antipoff. Em 1935, a Sociedade Pestalozzi participou, juntamente com o governo estadual, da fundação do Instituto Pestalozzi, uma das primeiras instituições dedicadas à educação especial no país. Em 1939, a Sociedade ampliou suas atividades, com a implantação de instituição educacional para excepcionais na Fazenda do Rosário, localizada em propriedade rural adquirida no município de Ibirité, distante 26 km de Belo Horizonte.

Em 1943, Antipoff fundou a cadeira de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Minas Gerais (federalizada em 1949, e denominada Universidade Federal de Minas Gerais a partir de 1965), lecionando essa matéria em cursos de formação de educadores. Entre 1944 e 1949, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a convite do médico sanitarista Gustavo Lessa (1888-1962), para atuar no Departamento Nacional da Criança, no Ministério da Educação e Saúde. Entre 1945 e 1947, exerceu importante papel na vinda do médico e psicólogo Emílio Mira y López (1896-1964) para o Brasil, intermediando sua contratação pela Fundação Getúlio Vargas. Ainda no Rio de Janeiro, organizou o COJ – Centro de Orientação Juvenil, em 1946, juntamente com Mira y López, como clínica de higiene mental destinada ao atendimento psicológico de crianças e adolescentes encaminhados por queixas escolares ou considerados desajustados, e dirigiu a instituição até 1949. Em 1945, juntamente com um grupo de colaboradores, fundou a Sociedade Pestalozzi do Brasil, destinada ao atendimento e educação de excepcionais na capital do país. Em 1949 voltou a Minas Gerais a convite do Secretário de Estado de Educação, o professor e poeta Abgar Renault (1901-1995), para instalar serviço de orientação para escolas rurais no governo estadual e promover a formação técnica de professores para o ensino rural utilizando e ampliando a estrutura já existente na Fazenda do Rosário. Em 1951, obteve a cidadania brasileira e, em 1953, reassumiu a cátedra de Psicologia na Universidade de Minas Gerais. A partir dessa época, e paralelamente à atuação na Universidade, liderou extensa obra educativa na Fazenda do Rosário, onde, desde 1940 funcionava a escola para excepcionais organizada de acordo com os princípios que Antipoff defendia: o aprender fazendo, a atenção à atividade e interesses dos educandos, à equidade, em um ambiente democrático e acolhedor. Em 1949, ao dar início a um curso de formação pedagógica para educadores e familiares de indivíduos excepcionais, Antipoff destacava o papel imprescindível da educação na construção de "instituições sociais mais perfeitas, formar famílias mais felizes e revelar uma vida mais pura e espiritualmente mais elevada e mais justa" (Antipoff, 1992, p. 231). No Rosário, atenção especial era dedicada à arte e ao artesanato regional, com vistas ao desenvolvimento da criatividade.

Em 1956, quando dirigia o Instituto Superior de Educação Rural, na Fazenda do Rosário, Antipoff convidou o psicólogo genebrino André Rey (1906-1965) a lecionar curso de aperfeiçoamento em Psicologia Experimental, ministrado a um grupo de educadores, médicos e outros profissionais interessados na formação em Psicologia e nos avanços científicos na área. No mesmo ano, esse grupo, por sugestão de Rey, fundou a Sociedade Mineira de Psicologia, da qual Helena Antipoff foi a primeira presidente. A Sociedade atuou no movimento de promoção da regulamentação da profissão do psicólogo no Brasil, que resultou na promulgação da Lei 4.119, de 27 de agosto de 1962, que regula seu exercício no Brasil. Helena Antipoff e profissionais ligados

a esse grupo promoveram a criação dos cursos de formação de psicólogos estabelecidos na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1961) e na Universidade Federal de Minas Gerais (1963).

A preocupação com o psicodiagnóstico levou Antipoff a elaborar instrumento projetivo de avaliação da personalidade e dos interesses baseado em uma redação sobre "As minhas mãos". Inspirando-se em Alfred Binet (1857-1911), que estudava as tendências psíquicas de suas duas filhas através de seus escritos, e em Alexander Lazurski (1874-1917), que aconselhava a observação psicológica em atividades cotidianas, Antipoff propôs o tema das mãos como expressão das tendências psicológicas, prolongamento do pensamento, da inteligência e expressão da criatividade. A autora iniciou a pesquisa sobre o teste em 1943 e publicou a primeira versão em 1948. O teste foi posteriormente incorporado à coleção do Centro de Psicologia Aplicada (CEPA), e atualmente não está autorizado pelo Conselho Federal de Psicologia por falta de atualização de sua padronização para a população brasileira.

Nos últimos anos de vida, Antipoff voltou-se para a educação dos bem dotados, consciente de que, no Brasil, a precariedade das condições de vida e as falhas de um sistema educacional seletivo e excludente provocavam a perda de um grande contingente de pessoas talentosas, que poderiam, se melhor orientadas, contribuir para o desenvolvimento do país. Assim nasceu a ideia de criação da ADAV – Associação Milton Campos de Desenvolvimento de Talentos e Vocações de Bem Dotados, em 1972, com recursos de prêmio recebido pela autora de uma associação de industriais de São Paulo. A proposta da ADAV foi oferecer atividades de enriquecimento e desenvolvimento da criatividade e do talento a estudantes selecionados das escolas públicas da região de Belo Horizonte. Essas atividades incluíam palestras de cientistas, educadores e artistas e oficinas pedagógicas em áreas científicas e artísticas.

Ainda em 1972, a Universidade Federal de Minas Gerais concedeu à psicóloga e educadora o título de Professora Emérita, por sua contribuição ao desenvolvimento da Psicologia e das Ciências da Educação, e pelo trabalho de estabelecimento de instituições de grande relevância nessas áreas no Brasil. É considerada na atualidade uma das mais influentes educadoras na história da educação brasileira, e por esse motivo sua biografia e principais publicações fazem parte da Coleção Educadores do Ministério da Educação, e estão disponíveis no sítio https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2020/06/Helena-Antipoff.pdf.

A biblioteca que pertenceu à autora, os manuscritos e testemunhos de sua atuação nas inúmeras instituições que fundou ou das quais participou como psicóloga e educadora ao longo de sua longa e produtiva carreira estão preservados no Museu Helena Antipoff, sediado na Fundação Helena Antipoff, localizada na cidade de Ibirité, em Minas Gerais, e na Sala Helena Antipoff, na Universidade Federal de Minas Gerais. Estudantes e pesquisadores vinculados ao Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (www.cdpha.pro.br) estudam aspectos relevantes de sua obra e seus desdobramentos na atualidade.

Publicações

ANTIPOFF, H. L'expérience russe. L'éducation sociale des enfants. Semaine Littéraire, Genève, v. 32, n. 1615, p. 592-594, 1924.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF (Org.) Coletâneas das Obras Escritas de Helena Antipoff (Vol. 1 – Psicologia Experimental; Vol. 2 – Fundamentos da Educação; Vol. 3 – Educação do Excepcional; Vol. 4 – Educação Rural; Vol. 5 – Educação do Bem Dotado). Belo Horizonte, MG: Imprensa Oficial, 1992.

CAMPOS, R. H. F. (Org.) Helena Antipoff – Textos Escolhidos. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

Referências

ALMEIDA, M. O. et. al. Helena Antipoff – 85 anos de Brasil. Ibirité, MG: Fundação Helena Antipoff, 2016.

ANTIPOFF, D. I. Helena Antipoff: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1975.

CAMPOS, R. H. F.; LOURENÇO, É. Helena Wladimirna Antipoff (1892-1974). In: CAMPOS, R. H.F. (Org.) Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros. p. 53-58. Rio de Janeiro, RJ: Imago ed.; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2001.

CAMPOS, R. H. F.; LOURENÇO, É.; ANTONINI, I. Imagens do psicólogo no Brasil dos anos 40 na correspondência entre Helena Antipoff e Mira y Lopez. In: GUEDES, M. do C. (Org.) História e historiografia da psicologia: revisões e novas pesquisas. p. 129-137. São Paulo: Educ, 1998.

CAMPOS, R. H. F. Helena Antipoff (1892-1974): a synthesis of Swiss and Soviet psychology in the context of Brazilian education. History of Psychology, Washington, DC, USA, v. 4, n. 2, p. 133-158, 2001.

CAMPOS, R. H. F. Helena Antipoff. In: FÁVERO, M. de L. A.; BRITTO, J. M. Dicionário de Educadores no Brasil – Da Colônia aos Dias Atuais. 2ª. ed. p. 451-457. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ/Mec-Inep.Comped, 2002.

CAMPOS, R. H. F. Helena Antipoff. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. (Coleção Educadores), 2010.

CAMPOS, R. H. F. Helena Antipoff, psicóloga e educadora – Uma biografia intelectual. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

CAMPOS, R. H. F. Helena Antipoff: A quest for democracy and human rights with the help of psychological science. In: PICKREN, W.; DEWSBURY, D.; WERTHEIMER, M. (Eds.) Portraits of Pioneers of Developmental Psychology, p. 51-66. New York, NY: Psychology Press, 2012.

CAMPOS, R. H. F.; LOURENÇO, É. Helena Antipoff: Science as a Passport for a Woman's Career between Europe and Latin America. Transversal: International Journal for the Historiography of Science, v. 6, p. 15-34, 2019.

CAMPOS, R. H. F.; FARNESE, S. Helena Antipoff e a educação social na Rússia após a revolução dos bolcheviques. Cadernos de História da Educação, v. 21, p. 1-21, e162, 2023.

DEPARTAMENTO NACIONAL DA CRIANÇA. O Centro de Orientação Juvenil (1946-1956). Rio de Janeiro, DF: Ministério da Saúde (Coleção N.N.Cr. nº 155), 1956.

JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Dicionário Histórico das Instituições em Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: Imago Ed./ Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

MASOLIKOVA, N.; SOROKINA, M. Helena Antipova. Moscou: Center Alexander Solzenitcyn of Studies of the Russian Diaspora, Museum of Russia Abroad. (em russo), 2018.

MURCHISON, C. (Ed.). The Psychological Register. Worcester, Mass.: Clark University Press, 1929.

PIAGET, J. (Avec la collab. de N. Baechler, A.-M. Feldweg, M. Lambercier, L. Martinez-Mont, N. Maso, V. Piaget et M. Rambert). Le jugement moral chez l'enfant. Paris: Félix Alcan, 1932.

RAFANTE, H. C.; LOPES, R. E. Helena Antipoff no Departamento Nacional da Criança: a Psicologia no Centro de Orientação Juvenil (1946-1956). Psicologia da Educação, São Paulo, 30, p. 25-42, 2010.

SOROKINA, M.; MASOLIKOVA, N. The Russian Apostle of Brazil: Psychologist Yelena Antipova. Education, v. 31, p. 18-39, 2017.

Regina Helena de Freitas Campos
Érika Lourenço



ANTIPOFF, Ottília Braga *(1916-2011)*

Psicóloga e educadora natural de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais. Em 1935, formou-se pela Escola Normal Oficial de Visconde do Rio Branco, ingressando logo em seguida como professora de Psicologia Infantil e Higiene Escolar nessa mesma escola, cargo que ocupou até 1944. Nesse mesmo ano, casou-se com Daniel Antipoff, filho da educadora e psicóloga Helena Antipoff, mudando-se para Patos de Minas. Entre 1946 e 1949, foi professora de Psicologia da Escola Normal Oficial de Patos de Minas.

Em 1949, transferiu-se para Belo Horizonte, passando a trabalhar no consultório médico-pedagógico do Instituto Pestalozzi, na clínica médico-pedagógica de Belo Horizonte, sob orientação do Dr. Fernando Magalhães Gomes, e como assistente técnica do Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP). Participou em 1956 do curso intensivo de Psicologia Experimental ministrado por André Rey, professor da Universidade de Genebra, no Instituto Superior de Educação Rural (ISER). No ano seguinte, foi uma das sócias fundadoras da Sociedade Mineira de Psicologia, ocupando o cargo de segunda secretária.

Em 1960, iniciou sua formação acadêmica em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, atual Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), onde cursou três dos cinco anos da graduação, tendo concluído o restante na Universidade de São Paulo (USP), no período em que acompanhou o marido a São José dos Campos, então contratado como Psicólogo residente do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). Em 1963, foi uma das fundadoras e coordenadora da Escolinha de Arte do ITA, inspirada nos padrões da Escolinha de Arte do Brasil. No mesmo ano, em São José dos Campos, foi Psicóloga na clínica do Dr. Carlos Alberto Martins.

Retornou a Belo Horizonte em 1964, quando participou da fundação do Instituto de Psicologia Aplicada de Minas Gerais (IPAMIG), no qual atuou como chefe do setor clínico e responsável pela orientação psicopedagógica das classes especiais, entre 1973 e 1986. No período de 1969-1973, foi professora de Psicologia e Didática Especial no curso de pós-graduação em Educação Emendativa na Fazenda do Rosário, em Ibirité. Também em 1973, foi professora de Psicologia na Faculdade de Belo Horizonte. Nesse mesmo ano, foi sócia fundadora da Associação Milton Campos para o Desenvolvimento das Vocações (ADAV), local onde exerceu o cargo de vice-presidente e foi responsável pelo setor de Psicologia.

Sua formação profissional foi complementada por diversos cursos de pós-graduação, entre os quais Curso de Dinâmica de Grupo e Relações Humanas, com duração de um ano, na USP; Curso de Psicodrama, orientado pelo Prof. Pierre Weil, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria de Minas Gerais; Curso de Aperfeiçoamento em Psicodrama, orientado pela Profª Anne Ancelin Schutzemberger, da Sorbonne; Curso de Educação de bem-dotados, com a Profª Erika Landau, da Universidade de Israel; Formação Psicanalítica, supervisionada pelo Prof. Bernardo Blay, de São Paulo; Estágios no Laboratório de Psicologia do ISER, sob orientação de Helena Antipoff.

Em 1978, com o marido Daniel Antipoff, fundou a Escola EDUC, voltada para o atendimento de

crianças talentosas. Participou da fundação do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), em 1980 e, nos anos 90, esteve entre os fundadores da Escola da Serra e da Seccional de Minas Gerais da Associação Brasileira para Superdotados, sendo presidente desta entre 1996 e 1998. Ao longo de sua carreira, publicou importantes artigos na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e nos Boletins da Sociedade Pestalozzi. Participou de congressos nacionais e internacionais como palestrante e monitora de minicursos, o primeiro em Roma, em 1958. Em 2002, participou da reunião de criação do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD), em Lavras, constando como uma das sócias fundadoras do mesmo. Faleceu no dia 26 de dezembro de 2011.

Publicações

ANTIPOFF, O. B. Dez anos em prol do bem-dotado: pesquisa. Ibirité: ADAV, 1984.

ANTIPOFF, O. B. Educação do bem-dotado. Educação e Realidade, Porto Alegre, set./dez. 1985.

ANTIPOFF, O. B. Educação do excepcional: manual para professores. Prefácio de Helena Antipoff. Belo Horizonte: Edições Pestalozzi, 1974.

ANTIPOFF, O. B. Método da experimentação natural. AMAE, v. 15, n. 136, ago. 1981.

Referências

ANTIPOFF, D. I. Entre dois continentes. Belo Horizonte: [s.n], 1977.

ANTIPOFF, O. I. B. Entrevista. Belo Horizonte, 2000. Entrevista concedida a Isabel Gontijo Antonini, por ocasião da elaboração do verbete. Manuscrito.

CONSELHO BRASILEIRO PARA SUPERDOTAÇÃO. Nota de falecimento. Disponível em: http://conbrasd.org/wp/?p=4506. Acesso em: 18 mar. 2016.

Isabel Gontijo Antonini
Érika Lourenço



ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães - Visconde de *(1811-1882)*

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Estudou Medicina no Colégio Médico-Cirúrgico do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Após obter o grau de Médico – profissão que nunca chegou a exercer – realizou uma viagem de estudos à França. Lá, contudo, em vez de se dedicar à Medicina, frequentou as aulas do curso de Filosofia ministrado por Jouffroy, no Collège de France, e se integrou ao grupo interessado em Literatura. Graças a Araújo Porto Alegre, ex-aluno de Debret, conheceu Garrett, cuja influência foi decisiva no que concerne à sua adesão ao Romantismo. Tal orientação também marcou Torres Homem que, com Araújo Porto Alegre, ajudou-o a fundar a revista Niterói, através da qual pretendia promover a nacionalização da literatura brasileira. Seu papel na história da literatura, em nosso país, foi muito significativo, como ressalta José Guilherme Merquior em De Anchieta a Euclides.

No domínio que nos interessa aqui, devemos-lhe, especialmente, a obra A alma e o cérebro, publicada em 1876 e dedicada a D. Pedro II, que, inclusive, ainda em sua fase de elaboração, ouviu a leitura de alguns capítulos. Como o título indica, a questão central abordada ao longo de suas 414 páginas é a das relações entre mente e cérebro e seu objetivo é o de rejeitar as teses sustentadas por Gall em sua Frenologia. Sua posição, aqui, confirma-se de

forma, rigorosamente, espiritualista. Não haveria como fundar o conjunto das atividades do espírito no cérebro. Nem haveria condições para se localizar tais atividades, como pretendeu Gall.

Publicada A alma e o cérebro, em 1876, e já, em 1877, saía no Rio de Janeiro uma resenha, extraordinariamente crítica e profundamente desfavorável a essa obra, assinada por um autor que se identificava apenas pelas iniciais A.B. Editada pela Tipografia Americana, sob a forma de um pequeno folheto, nela A.B. censurava desde a linguagem, definida como mais adequada a uma obra poética do que a um trabalho com pretensões científicas, até a oposição a Gall, dado que este estaria, a esse tempo, totalmente ultrapassado. De qualquer forma, Gonçalves Magalhães destaca-se como um pioneiro da Psicologia em nosso país.

O livro A alma e o cérebro compõe-se de um prólogo de cinco páginas e de vinte e cinco capítulos. Ivan Lins, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, quando ocupou, precisamente, a cadeira de Gonçalves Magalhães, também se revelou extremamente crítico à obra A alma e o cérebro, reprovando o modo superficial como o autor trata a Frenologia. Positivista, Ivan Lins teria que se manter fiel a Comte que, de fato, mostrou-se muito simpático às teses sustentadas por Gall, nelas percebendo a única forma de a Psicologia ganhar a condição de conhecimento científico ou positivo.

Publicações

ARAGUAIA, D. J. G. de M. A alma e o cérebro: estudos de Psicologia e fisiologia. Rio de Janeiro: [s.n.], 1876.

Referências

MERQUIOR, J. G. De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Antonio Gomes Penna

ARRUDA, Elzo
(1916-1995)

Natural do Estado de Minas Gerais. Formou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em 1938. Doutorou-se na mesma Universidade em 1941. Dedicou-se à Psiquiatria, concorrendo a vários concursos para a cátedra, sendo em todos aprovado e obtendo o título de livre-docente.

Como psiquiatra, foi diretor do Instituto de Psiquiatria do Centro Psiquiátrico Nacional do Serviço Nacional de Doenças Mentais do Ministério da Saúde, diretor e organizador do Departamento de Psicologia e Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Oriente (Venezuela), em 1964. Ingressou no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getulio Vargas (FGV) como médico, supervisor psiquiátrico e psicólogo, em 1955, permanecendo nessa função até 1982. Foi professor titular de Psicologia da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e diretor pro tempore do mesmo Instituto, de 1969 a 1970, além de diretor efetivo, de 1970 a 1974, nomeado pelo Ministro da Educação a partir de uma lista de indicações. Foi também titular da cadeira de Psicologia Escolar da Faculdade de Educação e Chefe do Departamento de Psicologia da Personalidade por vários períodos. Ao aposentar-se, recebeu o título de Professor Emérito do Instituto de Psicologia.

Autor de muitos livros de psiquiatria, alguns centrados em estudos patográficos, como o que escreveu sobre Nietzsche, dispunha de bons conhecimentos de fenomenologia. Escreveu muitos trabalhos publicados tanto nos Arquivos Brasileiros de Psicologia, do ISOP-FGV, como no Boletim de Psicologia do Instituto de Psicologia da UFRJ. Entre eles, vale mencionar suas teses:

1) Psicologia e psico-patologia infantis, capítulo publicado no livro Pediatria, puericultura e medicina infantil, redigido e organizado pelo Prof. Dr. José Martinho da Rocha (1965); 2) Dinâmica dos fatores que interferem no rendimento escolar do adolescente, tese de cátedra apresentada ao Departamento de Educação da Faculdade Nacional de Filosofia (1961); 3) Ensaio de psicologia e psicopatologia husserlianas, tese para a cátedra de Psiquiatria da Universidade do Brasil (1947); 4) Psicodiagnóstico miocinético (PMK) (1945).

Publicações

ARRUDA, E. Dinâmica dos fatores que interferem no rendimento escolar do adolescente. Tese (Cátedra) – Departamento de Educação, Faculdade Nacional de Filosofia, 1961.

ARRUDA, E. Ensaio de psicologia e psicopatologia husserlianas. Tese (Cátedra de Psiquiatria) – Universidade do Brasil, 1947.

ARRUDA, E. Psicodiagnóstico miocinético (PMK). Arquivos do Serviço Nacional de Doenças Mentais, 1945.

ARRUDA, E. Psicologia e psicopatologia infantis. In: ROCHA, J. M. da. Pediatria, puericultura e medicina infantil. São Paulo: Fundo Procienx, 1965.

Referências

ROCHA, J. M. da. Pediatria, puericultura e medicina infantil. São Paulo: Fundo Procienx, 1965.

Antonio Gomes Penna

ASSUMPÇÃO, Ester
(1906-2001)

Nasceu em Luz, Minas Gerais. Fez curso normal no Colégio Stela Matutina, em Juiz de Fora, formando-se em 1926.

Em 1927, foi nomeada professora primária do Estado, passando a lecionar em Bom Despacho. Como professora, foi convidada, em 1928, pelo prefeito de Bom Despacho para fazer o discurso de saudação a Francisco Campos, Secretário de Estado da Educação que estava de passagem pela cidade. Após proferir o discurso, foi convidada pelo Secretário para participar do Curso de Aperfeiçoamento Experimental para professoras, que seria promovido no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte, naquele ano.

Entre 1929 e 1930, foi aluna da primeira turma da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais. Terminado o curso, foi convidada por Helena Antipoff, que fora sua professora de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento, para lecionar nas classes anexas que haviam sido criadas para a demonstração das novas técnicas de ensino então divulgadas. No ano seguinte, 1932, em colaboração com Helena Antipoff, assumiu também aulas especiais para crianças surdas, atividade que exerceu até 1934. Nesse mesmo ano, fez parte do grupo que propôs, sob a liderança de Helena Antipoff, a criação da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Em 1935, criado o Instituto Pestalozzi, foi convidada a integrar seu corpo docente. Tornou-se diretora efetiva dessa instituição em 1946, cargo do qual se afastou em 1969, quando se aposentou.

O interesse pela educação de crianças e adolescentes com deficiência, despertado pelo trabalho no Instituto Pestalozzi, levou Ester Assumpção a enveredar pelo caminho da Educação Especial e pela conjugação entre Psicologia e Educação.

Buscou manter-se sempre informada nessas duas áreas, tendo, inclusive, participado do curso de Psicologia Experimental ministrado por André Rey no Instituto Superior de Educação Rural, em 1956. Estava presente na Primeira Reunião Preparatória da Sociedade Mineira de Psicologia, idealizada no decorrer desse curso. Sua formação e prática fizeram-na acreditar que a educação se dava através de um processo de maturação da personalidade e adesão a valores socialmente transmitidos, crença que orientou sua ação na educação dos excepcionais.

Outra característica que a marcou foi a capacidade de criar frentes de atendimento e assistência às crianças e adolescentes com deficiência. Assim, abriu em sua própria casa um "lar" para adolescentes excepcionais (1942); fundou o Instituto Santa Helena para a educação de crianças bem-dotadas (1945), com a colaboração de sua prima Zilda Assumpção, que também fora aluna da Escola de Aperfeiçoamento; fundou a Sociedade de Proteção ao Excepcional (1953); criou a Clínica São José (1957), posteriormente Departamento Infantil da Sociedade de Proteção ao Excepcional, oferecendo classes para crianças com dificuldades motoras e deficiência intelectual, reforço pedagógico e oficinas de trabalhos manuais; construiu em Betim a Escola Nossa Senhora d'Assumpção (1969), reconhecida pelo Conselho Regional de Educação em 1974, hoje Centro Especializado Nossa Senhora d'Assumpção (CENSA). Criou ainda (1987) a Sociedade Ester Assumpção de Pesquisa e Assistência ao Excepcional. Na década de 1990, Ester Assumpção retirou-se das atividades profissionais, passando sua direção do CENSA às afilhadas, Vera Lúcia Assumpção Teixeira Dias e Maria Eugênia Assumpção Ivar do Sul. Faleceu em 2001.

Publicações

ASSUMPÇÃO, E. Nossa experiência com a educação dos surdo-mudos. In: INFÂNCIA Excepcional II. Belo Horizonte: Secretaria de Educação e Saúde Pública, 1934. p. 65-75.

ASSUMPÇÃO, E. Surdo-mudez, suas origens e educação dos surdo-mudos. In: INFÂNCIA Excepcional III. Belo Horizonte: Secretaria de Educação e Saúde Pública, 1937. p.109-117.

Referências

ANTIPOFF, D. I. Helena Antipoff: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

DIAS, V. L. A. T. Entrevista. Belo Horizonte, 12 jul. 2000. Entrevista concedida por telefone a Érika Lourenço. (Vera Lúcia Assumpção Teixeira Dias é prima e afilhada de Ester Assumpção, atualmente na direção do Centro Especializado Nossa Senhora da Assumpção, ao lado de sua irmã Maria Eugênia Assumpção Ivar do Sul).

PRATES, M. H. O. Introdução oficial do movimento da Escola Nova no ensino público de Minas Gerais: a Escola de Aperfeiçoamento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

REUNIÃO PREPARATÓRIA DA SOCIEDADE MINEIRA DE PSICOLOGIA, 1/12 nov. 1956, Ibirité. Lista de presença. Documento pertencente aos Arquivos do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Ibirité.

SENA, G. (Org.). Ester vida Assumpção. Belo Horizonte: CENSA, 1997.

Érika Lourenço

ASSUMPÇÃO-SEMINÉRIO, Maria Luíza *(1930-2013)*

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Formou-se em Letras Clássicas pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1954), atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Após a conclusão do curso, aprimorou seus conhecimentos em Literatura brasileira através de um bacharelado específico. Realizou ainda um curso de pós-graduação em Orientação Educacional na Faculdade Fluminense de Filosofia (atual Universidade Federal Fluminense), em 1959, o que lhe permitiu obter o registro de orientadora educacional, uma das pioneiras da área. Da mesma forma, conseguiu seu registro de psicóloga entre os precursores da profissão. Não obstante, resolveu prestar vestibular e matricular-se na primeira turma do Curso de Psicologia da Universidade do Brasil, em 1964.

Atuou, a partir de 1963, como professora no Curso de Orientação Educacional na Universidade Federal Fluminense; em 1971, iniciou sua principal atividade docente, no Instituto de Psicologia da UFRJ. Foi aprovada, em 1960, em concurso público do antigo Estado da Guanabara e, em 1965, já dispondo do registro de psicóloga, foi nomeada coordenadora do Centro de Treinamento de Professores da Secretaria de Estado de Educação. Em 1967, passou a colaborar com a UNIRIO, assumindo, em 1962, por um período de oito anos, a chefia do Serviço de Psicologia junto à Cátedra de Psiquiatria no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle.

Em 1970, fez o Curso de Especialização em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- RJ), iniciando, em seguida, seu mestrado, pelo que se tornaria uma das mais antigas psicólogas a defender dissertação nessa área. Em 1975, inscreveu-se no Concurso Público para Docente Livre do Instituto de Psicologia da UFRJ, obtendo, a par desse título, o de Doutor, que vinha sendo outorgado aos que preenchiam tais requisitos, por não existirem ainda cursos de doutoramento. Tornou-se, então, responsável pelas disciplinas de conteúdo psicanalítico. Realizou sua formação clínica no Curso de Psicanalista do antigo Instituto de Medicina Psicológica, hoje Sociedade Psicanalítica Iracy Doile, entre 1970 e 1977. Em seguida, realizou na mesma entidade o Curso de Formação de Grupo Terapeuta. Com a criação, em 1977, do Curso de Mestrado do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), foi convidada para exercer funções docentes nesses cursos como professora titular.

Desde o tempo de sua atuação na FGV, e após a extinção do ISOP, em 1990, continuou realizando pesquisas interdisciplinares de Psicanálise e Literatura sobre uma figura de primeiro plano da literatura brasileira – Machado de Assis. Publicou, em 1977, a obra Estruturação da entrevista psicológica. Permaneceu publicando seus trabalhos, principalmente, nos Arquivos Brasileiros de Psicologia, e apresentados em congressos nacionais e internacionais. A relevância de suas obras é sempre lembrada através de convites como palestrante em instituições de ensino superior.

Publicações

ASSUMPÇÃO–SEMINÉRIO, M. L. Estruturação da entrevista psicológica. São Paulo: Atlas, 1977.

Referências

SEMINÉRIO, F. L. P. Entrevista. Rio de Janeiro, out. 2000. Entrevista concedida a Luísa Helena Morgado.

Luísa Helena Morgado



AUGRAS, Monique
(1937-)

Monique Rose Aimée Augras é natural de Châteauroux, comuna francesa da região do Indre. Nessa pequena cidade, fez seus estudos iniciais, tendo-se alfabetizado aos 4 anos de idade. No período de 1955 a 1958, licenciou-se em Psicologia, pela Universidade Paris-Sorbonne, onde também se especializou em Psicologia Social e Psicopatologia. Obteve o doutorado, em 1960, na mesma Universidade onde se graduou.

Em 1961, a convite do professor Emílio Mira y López, migrou para o Brasil a fim de trabalhar no setor de Provas do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) aplicando o Psicodiagnóstico de Rorschach e o Teste de Apercepção Temática de Murray (TAT). Ao observar a necessidade de normas-padrão para a população brasileira, em 1968, publicou Teste de Rorschach: atlas e dicionário, com a colaboração de Elida Sigelmann e Maria Helena Moreira.

Em 1967, ano da regulamentação da profissão de Psicólogo no Brasil, obteve o registro como Psicóloga, figurando, assim, como membro do primeiro grupo de psicólogos brasileiros.

Em 1968, atuou como professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lecionando técnicas projetivas. Em 1970, foi contratada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) para compor o corpo docente do Curso de mestrado, que se iniciara naquela instituição e, em 1985, passou a integrar, como docente, o curso de graduação em Psicologia da PUC-Rio.

Seu percurso inicial, no Brasil, foi marcado pelas pesquisas na área do Psicodiagnóstico e, depois, revela produções na área da Psicologia da Cultura, versando mais especificamente sobre aspectos das religiões afro-brasileiras.

Constam no seu currículo a orientação de quase uma centena de dissertações de mestrado, várias teses de doutorado e diversos trabalhos de conclusão de curso.

Aposentou-se ao final do ano de 2006, continuando ativa e atuante, ministrando conferências no Brasil e no exterior e participando de bancas examinadoras de tese.

Publicações

AUGRAS, M. R. A. A dimensão simbólica. Rio de Janeiro: FGV, 1967.

AUGRAS, M. R. A. Alteridade e dominação no Brasil: psicologia e cultura. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

AUGRAS, M. R. A. Imaginário da magia: magia do imaginário. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

AUGRAS, M. R. A. Le double et la métamorphose. 2. ed. Paris: Meridiens Klincksieck, 1992.

AUGRAS, M. R. A. Medalhas e brasões: a história do Brasil no samba. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

AUGRAS, M. R. A. O Brasil do samba-enredo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

AUGRAS, M. R. A. O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis: Vozes, 1983.

AUGRAS, M. R. A. O que é tabu. São Paulo: Brasiliense, 1988.

AUGRAS, M. R. A. O ser da compreensão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.

AUGRAS, M. R. A. Opinião pública: teoria e pesquisa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

AUGRAS, M. R. A. Teste de Rorschach: atlas e dicionário. Rio de Janeiro: FGV, 1968.

AUGRAS, M. R. A. Todos os santos são bem-vindos. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

Referências

AUGRAS, M. R. A. Currículo lattes. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/5345913436818147. Acesso em: 01 out. 2015.

AUGRAS, M. R. A. Psicologia Ciência e Profissão. 2008, v. 28, n. 3, p. 660-660. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932008000300017. Acesso em: 01 out. 2015.

FILHO, L. Prefácio da 1ª Edição. In: AUGRAS, M. R. A. Teste de Rorschach: atlas e dicionário. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

Larissa Assunção Rodrigues



AUSTREGÉSILO, Antônio Rodrigues Lima *(1876-1961)*

Natural de Recife, Pernambuco. Psiquiatra e neurologista, considerado o fundador da Neurologia brasileira, por ter sido o primeiro catedrático de Clínica Neurológica no Brasil. Dedicou sua vida profissional à clínica e ao magistério, publicando grande quantidade de livros e artigos em revistas científicas. Sua obra é extensa e atravessa os campos da Criminologia, da Psicanálise, da Psicoterapia, da Psiquiatria e da Neurologia. Ocupou cargos expressivos em instituições médicas da época, como os de presidente da Academia de Medicina, da Sociedade Brasileira de Neurologia e da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Foi, ainda, um dos fundadores do periódico Archivos Brasileiros de Medicina, em 1911.

Aos 16 anos de idade, foi para a cidade do Rio de Janeiro cursar medicina, formando-se, em 1899, pela Faculdade de Medicina desse Estado. Trabalhou, então, no Hospício Nacional de Alienados (1906), na enfermaria da Santa Casa de Misericórdia (1910), e foi professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1909). Em 1912, foi convidado, em virtude de sua dedicação aos "enfermos nervosos", a ocupar o cargo de professor da primeira cátedra de Neurologia no Brasil, fundando, assim, a "escola neurológica brasileira", que teve Deolindo Couto como seu continuador.

Austregésilo também foi um dos precursores da Psicanálise em território brasileiro. Já em 1919, publica seu primeiro livro, intitulado Sexualidade e psiconeuroses, em que lança mão de algumas ideias psicanalíticas. Influenciado por tais ideias, passou a se dedicar, de maneira mais intensa, aos aspectos psicológicos do ser humano. À Psicoterapia reservou um lugar privilegiado, atuando por mais de quarenta anos nesse campo. Chegou a produzir sua própria concepção psicoterápica, na qual estabelece uma curiosa conjugação entre Neurologia e Psicanálise. Para Austregésilo, nutrição e reprodução caracterizariam a síntese da vida. Por isso, essas duas leis vitais – representadas por fames e libido – deveriam ser educadas e controladas para que os indivíduos pudessem atingir o grau mais elevado da civilização.

Austregésilo utilizou dois dispositivos principais em sua prática profissional: a Psicoterapia, exercida em seu consultório particular, e a Autosugestão, divulgada através de seus livros de autoajuda, que ocuparam um lugar fundamental em sua produção. Com tais livros, pretendia extrapolar os limites do consultório e levar conselhos de cunho curativo e preventivo ao grande público. Entre as obras estão A Cura dos nervosos (1939); Conselhos práticos aos nervosos (1929); Educação da alma (1932). Faleceu no Rio de Janeiro-RJ.

Publicações

AUSTREGÉSILO, A. R. L. A cura dos nervosos. In: AUSTREGÉSILO, A. R. L. Obras completas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1944/1949. v. 5.

AUSTREGÉSILO, A. R. L. Auto-sugestão. Archivos Brasileiros de Medicina, v. 4, n. 4, p. 237- 414, 1924.

AUSTREGÉSILO, A. R. L. Conselhos práticos aos nervosos. In: AUSTREGÉSILO, A. R. L. Obras completas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1944/1949. v. 2.

AUSTREGÉSILO, A. R. L. Educação da alma. In: AUSTREGÉSILO, A. R. L. Obras completas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1944/1949. v. 4.

AUSTREGÉSILO, A. R. L. Fames, libido e ego: sua aplicação à análise mental. In: AUSTREGÉSILO, A. R. L. Obras completas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1944/1949. v. 2.

AUSTREGÉSILO, A. R. L. Psiconeuroses e sexualidade. In: AUSTREGÉSILO, A. R. L. Obras completas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1944/1949. v. 2.

AUSTREGÉSILO, A. R. L. Psycho-analyse nas doenças mentaes e nervosas. Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, ano 4, v. 1, n. 1/2, p. 87-114, 1922.

AUSTREGÉSILO, A. R. L. Sexualidade e psiconeuroses. [S.l. : s.n.], 1919.

Referências

GOMES, M. M. Marcos históricos da neurologia. Rio de Janeiro: Ed. Científica Nacional, 1997.

LOPE, J. L. Antônio Austregésilo, psiquiatra. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. v. 10, n. 2, p. 109-114, 1961.

MARIZ, J. Antônio Austregésilo, história de um professor de medicina. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

MOKREJS, E. A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

Fábio Jabur



AZEVEDO, Fernando de
(1894-1974)

Filho de Sara de Lemos Almeida e de Francisco Eugênio de Azevedo, natural de São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, sua formação inicial foi realizada em colégios da Companhia de Jesus. Entre 1903 e 1914, estudou no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, chegando a efetuar os votos para ordenar-se padre jesuíta. Ao deixar a Ordem, ingressou na Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro, curso depois transferido para Belo Horizonte e concluído apenas em 1918, no Largo de São Francisco, em São Paulo.

Advogado e antigo jesuíta, Fernando de Azevedo dedicou toda a sua vida ao magistério e à política educacional. Foi nomeado para as cadeiras de Latim e de Psicologia, no Ginásio do Estado, em Belo Horizonte (1914-1917); de Latim e Literatura (1921- 1924) e de Latim (1925-1930), na Escola Normal de São Paulo; de Sociologia, no Curso de Aperfeiçoamento do Instituto Pedagógico de São Paulo (1931-1933); de Sociologia Educacional, na Escola de Professores do Instituto de Educação de São Paulo (1933-1938); e, com a extinção desse, de Sociologia Educacional (1938-1942) e de Sociologia (1942), na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1961. Assumiu a Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, no Rio de Janeiro (1927-1930); a Diretoria de Instrução Pública de São Paulo (1933); a Secretaria da Educação e Saúde, no Estado de São Paulo (1947); e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Paulo (1961).

Elaborou e foi o primeiro signatário do Manifesto de 1932 e do Manifesto de 1959. Dirigiu o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956-1961), subordinado ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e ao Ministério de Educação e Cultura. A atuação política e no magistério foi sempre acompanhada de uma ação junto aos órgãos da mídia impressa, seja diretamente como jornalista, no Correio Paulistano (1917-1922), como redator e crítico literário, em O Estado de São Paulo (1923- 1926), como integrante do Departamento de Publicidade e Propaganda, de O Estado de São Paulo (1932), seja através dos inúmeros artigos e entrevistas publicadas ao longo de mais de quarenta anos.

A vida pública de Azevedo contemplou, ainda, uma intensa atividade editorial. Escreveu centenas de artigos e dezenas de livros, com destaque para A poesia do corpo (1916), título modificado na segunda edição para Da educação física (1920), e A cultura brasileira (1943). Organizou, entre outros, os dois volumes de As ciências no Brasil (1955), com um capítulo de autoria de M. B. Lourenço Filho, sobre a Psicologia no Brasil. Fundou e dirigiu para a Cia. Editora Nacional as coleções Biblioteca pedagógica brasileira e Brasiliana, ambas lançadas em 1931. Essa última, quando do afastamento de Azevedo de sua direção (1946), havia publicado 286 volumes, escritos por autores nacionais e estrangeiros.

Entre outras atividades, Fernando de Azevedo foi o primeiro Secretário da Sociedade Eugênica de São Paulo (1919) e o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (1935). Elaborou junto com Mário Cardim e Domicílio Pacheco e Silva, para a Prefeitura Municipal de

São Paulo, o projeto de construção da primeira praça de jogos infantis (1924), publicado como apêndice na obra Da educação, na edição de 1960. Defendeu a centralidade da criança no processo pedagógico, divulgando o ideal da Escola Nova e implementando reformas educativas baseadas em princípios escolanovistas, nos anos 1920 a 1930.

Publicações

AZEVEDO, F. de. (Org.). As ciências no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

AZEVEDO, F. de. A cultura brasileira. [S.l. : s.n.], 1943.

AZEVEDO, F. de. A poesia do corpo. [S.l. : s.n.], 1916.

AZEVEDO, F. de. Da educação física. 2 ed. [S.l. : s.n.], 1920.

AZEVEDO, F. de. História de minha vida. Rio de Janeiro: José Olympio/ Conselho Estadual de Cultura, 1971.

AZEVEDO, F. de. Manifesto. São Paulo: [s.n.], 1932.

AZEVEDO, F. de. Manifesto. São Paulo: [s.n.], 1959.

AZEVEDO, F. de. Projeto de construção da primeira praça de jogos infantis. In: DA educação. São Paulo: [s.n.], 1960 (apêndice).

Referências

CARDOSO, M. C. F. de C. Cronologias. In: VIDAL, D. G.; CARDOSO, M. C. F. de C. (Coord.). Conversa de educadores: Abgar Renault e Fernando de Azevedo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1999. p. 31-44. (Cadernos do IEB).

VIDAL, D. G. (Coord.). CD-ROM Arquivo Fernando de Azevedo (IEB-USP) e a reforma Azevedo da instrução pública. (Distrito Federal, 1927-1930). São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/ FAPESP, 1999.

Diana Gonçalves Vidal



AZZI, Enzo
(1921-1985)

Nasceu em 10 de dezembro de 1921, em Bozzolo (Mantova), Itália. Fez o primário em uma escola municipal e o ginásio em uma escola salesiana. Após a sua "maturità clássica", em um colégio estadual em Gênova, foi "Encarregado de Ensino" em um Ginásio Salesiano. Em 1941 inicia, em Parma, seu curso de Medicina e Cirurgia. Com residência no Instituto de Doenças Nervosas e Mentais e uma tese sobre alucinações, torna-se Doutor em Medicina em 1947. Nos dois anos seguintes, enquanto trabalhava como Assistente Voluntário na Clínica Neuropsiquiátrica da Universidade de Parma, a convite de seu orientador, Professor P. Otonello, fez um curso de especialização em Psicologia e Pedagogia no Ateneu Salesiano de Turim, onde iniciou uma pesquisa experimental com crianças, sobre percepção estereoscópica.

Foi indicado pelo Diretor do Instituto de Psicologia Experimental de Turim, Professor Giacomo Lorenzini, para vir ao Brasil instalar, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), um Instituto de Psicologia e Pedagogia. Chega em novembro de 1949, com cartas de recomendação que destacam seu "zelo no desempenho das funções e entusiasmo pelas disciplinas que escolheu", e também sua "vasta preparação doutrinária e plena capacidade para

exercê-la como médico e como docente". No Brasil, dedicou-se em tempo integral à Psicologia, enquanto aguardava a revalidação de seu diploma de Medicina. Quando instalava o Instituto de Psicologia PUC-SP, o IPPUC-SP (inaugurado oficialmente em agosto de 1952), foi contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de São Bento para dar aula de Psicologia Científica aos alunos de Filosofia, e de Psicologia Geral e Educacional aos de Pedagogia.

Ainda em 1950, começou a lecionar também Psicologia Geral na Escola de Serviço Social e, em 1951, assumiu aulas na Universidade Católica de Campinas, ministrando disciplinas nas áreas de criança e aprendizagem, adolescência e personalidade. Desse modo, com exceção de alguns poucos artigos publicados em revista de psiquiatria, suas pesquisas e publicações ocorreram na área de Psicologia, em especial, sobre jovens (possivelmente como parte de seu compromisso com a linha de trabalho dos salesianos, responsáveis pela proposta de laboratório importado para o IPPUC-SP).

Criou e dirigiu o Boletim do Laboratório de Psicologia e Pedagogia Experimental do IPPUC-SP (1952-4), substituído a partir de 1955 pela Revista de Psicologia Normal e Patológica (RPNP), que dirigiu até seu último número, em 1973. Responsável pela permuta com 156 periódicos estrangeiros, a RPNP, trimestral, foi publicada sem interrupção, embora com alguns volumes condensados. Foi responsável também pela criação da Coleção Monografias da RPNP (publicação de teses de doutorado de professores da PUC-SP, entre elas as de Ana Maria Poppovic, Joel Martins e Sílvia Lane). Como bem revelam as suas publicações, o Instituto foi se distanciando do projeto original voltado à Pedagogia, sem perder, entretanto, o compromisso com a escola e a educação. Assim, o Laboratório passou a servir (de 1956 a 1958) como um espaço para o estágio dos alunos do Curso de Especialização em Psicologia Educacional da Universidade de São Paulo (USP), e o Setor de Pesquisas do IPPUC-SP manteve, com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, convênios que comissionavam no IPPUC-SP professores em pesquisa e estágio.

Como Assessor Técnico, colaborou com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e o Juizado de Menores de São Paulo nas áreas de orientação educacional e vocacional (1954-1965), além de chefiar convênio da PUC-SP com o Serviço de Doenças Mentais do Ministério da Saúde (1962-1969).

Criou e dirigiu no IPPUC-SP cursos de Especialização (com duração de dois anos e um ano de estágio) em Psicologia Clínica (1958) e de Psicologia do Trabalho (1961). Na FFCL de São Bento, criou o Curso de Fonoaudiologia, em 1962, com três anos de duração, e, em 1963, o Curso de Psicologia, com seis anos de duração e a exigência de dois Trabalhos de Conclusão de Curso (uma pesquisa experimental, ao final do 4º ano, para o bacharelado, e o outro em uma das áreas de estágio – clínica, educação, trabalho – como requisito para o diploma de psicólogo).

Em 1966, deixa todas as outras atividades que não as da PUC-SP (IPPUC-SP e FFCL de São Bento), para assumir docência (Psicologia Médica e Psiquiatria) e pesquisa na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, onde chefiou o Departamento de Psiquiatria (a partir de 1969). De 1967 a 1969, dirigiu a FFCL de São Bento. Colaborou com as experiências paritárias de ensino que a São Bento viveu em 68, resultando essa colaboração num processo que o Governo Militar conduziu para "apurar suas ações subversivas". Deixou a Direção da Faculdade, quando a Reforma Universitária imposta pelo Ato Institucional, de dezembro de 1968, levou a PUC-SP a incorporar as unidades agregadas, criando, com as vagas e professores da São Bento e da FFCL Sedes Sapientiae, a nova Faculdade de Psicologia da PUC-SP.

Em nenhum momento, descuidou de suas relações com o exterior, em especial com a Europa – onde teve a oportunidade de estagiar em institutos, laboratórios e clínicas psicológicas e neuropsiquiátricas, enquanto criava o IPPUC-SP. Foi correspondente e resenhador da pesquisa brasileira para a APA e alguns periódicos italianos, além dos de outras Universidades, como a de Louvain e a de Amsterdam – o Excepta Medica, Section VIII- Neurology and Psychiatry. Por outro lado, manteve viva na RPNP, nos vinte anos da revista, uma seção de resenhas de livros e periódicos, principalmente, estrangeiros. Foi membro efetivo da Sociedade Interamericana de Psicologia, da Association Internationale de Psychologie Appliquée e da The International Society for Clinical and Experimental Hypnosis.

No Brasil, foi sócio-fundador de várias entidades, entre elas a Sociedade Brasileira de Psicologia Religiosa e a Associação Brasileira para o Estudo Científico da Doença Mental. Exerceu cargos em diretorias de associações, como a Sociedade Pestalozzi de São Paulo (1953-1954) e a Sociedade de Psicologia de São Paulo (1961-1964). Integrou Comissões, como a de Código de Ética dos Psicólogos, Exame de Requerimentos para Registro Profissional de Psicólogo (MEC, 1962-1963), Cinema e Revistas e Publicações (Juizado Privativo de Menores de São Paulo) e Combate à Deficiência Mental (MEC, 1966).

Casado com Maria Lúcia Barbosa, teve três filhos e faleceu, em São Paulo, em maio de 1985.

Maria do Carmo Guedes



AZZI, Rodolpho
(1927-1993)

Natural de Piracicaba (SP), cursou o 1° Ciclo como interno no Colégio Militar no Rio de Janeiro e o 2° no Colégio Mackenzie, em São Paulo. Aos 20 anos, trabalhou como revisor do jornal O Estado de S. Paulo, época em que foi inserido em discussões políticas. Formou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Em 1954, foi assistente extranumerário da Cadeira de Ética dessa Faculdade. Casou-se, em 1953, com Mariza Antonia Gurgel Azzi, com quem teve dois filhos: Ricardo e Roberta. Prestou dois concursos para o magistério secundário estadual: Filosofia e Sociologia.

Foi Professor Efetivo de Sociologia em Pirajuí, no segundo semestre de 1954, de onde saiu para um contrato no ensino superior na Universidade Nacional do Paraguai, durante os anos de 1955-1956. Voltando ao Brasil, assumiu a Cadeira de Filosofia no Instituto de Educação de Guaratinguetá, até o início de 1957, quando foi contratado como Professor de Psicologia na FFCL de São José do Rio Preto, onde ficou até dezembro de 1960. Professor reconhecido em Psicologia Experimental, foi convidado a criar um Laboratório de Psicologia e a dar aulas na recém-criada Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, onde lecionou de março a outubro de 1961.

No primeiro semestre de 1961, foi também indicado pela Direção da FFCL da USP para Assistente do Professor Fred Keller, contratado para dar aulas aos alunos de Fisiologia e Psicologia (Psicologia Comparada e Psicologia Experimental). Teve oportunidade, então, de participar do grupo que, sob a coordenação de Keller, fez o primeiro experimento no país em análise do comportamento. Em outubro de 1961, foi contratado como Instrutor e, em 1964, colocado à disposição da Universidade de Brasília (UnB). Nesse período, foi também Assessor Técnico para Psicologia da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sócio da Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP) e da Associação Brasileira de Psicólogos (ABP), de cuja Diretoria participou no biênio 63-65, como Secretário Geral.

Na UnB, foi Professor Assistente até 19/10/1965, demitido juntamente com 15 colegas pelo então reitor do Governo Militar, Laerte Ramos de Carvalho. Voltando a São Paulo, reintegrou-se à USP, na Cadeira de Psicologia Social e Experimental, onde ficou, pelo menos, até novembro de 1969. O próprio Rodolpho descreve sua experiência profissional fora da docência, indicando em sua trajetória um trabalho, em 1952, como Assistente do Departamento de Propaganda da Good-Year; em 1961, por quase um ano, Analista da Marplan (Pesquisa de Mercado); e, por um semestre (dezembro de 1965 a julho de 1966), trabalhou no Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (INESE).

Em 1967, foi redator especializado do Projeto do Metrô (HMD) de São Paulo; na sequência, entre 1969 e 1972, foi Diretor da firma AZZI & Marchi Ltda., Pesquisa de Mercado. E, ao longo de 1969, também foi Assessor para Programas de Psicologia para a TV Cultura. Rodolpho Azzi participou, com Carolina Martuscelli Bori, do planejamento e implantação do Departamento de Psicologia da UnB, tendo feito duas viagens aos Estados Unidos para conhecer Laboratórios de Universidades e de Hospitais, o Institute for Behavioral Research, em Washington, e o Departamento de Psicologia da Universidade do Arizona, onde pronunciou conferência sobre o ensino de Psicologia na UnB e os problemas da Psicologia no Brasil.

Em 1965, teve seu Projeto de Doutorado sobre Programação de Ensino aprovado pelo Professor Keller. Em decorrência de consequências de sua cassação, durante a ditadura militar, Rodolpho teve empregos esporádicos após o fechamento da firma Azzi & Marchi Ltda. Por ocasião de seu falecimento, vivia com Maria Tereza Araújo Silva, com quem teve um filho, Diego. Apesar da ditadura e de seus modos de ação terem levado à interrupção de suas duas carreiras – a acadêmica e a empresarial –, sua contribuição é reconhecida nos dois campos em que atuou como pioneiro: na Pesquisa de Mercado, na qual inseriu uma contribuição que levou a Azzi-Marchi para a história da pesquisa de mercado no Brasil, e, na Psicologia, o desenvolvimento da Análise do Comportamento, com a publicação, como autor e coautor, de vários artigos, além de colaborar em traduções de importantes obras nessa área.

Publicações

AZZI, R. et al. Exteroceptive control of response under delayed reinforcement. J. Exp. Anal. Behav., n. 7, p. 159- 162, 1964.

AZZI, R. et al. Relações temporais entre dois esquemas de reforçamento. Boletim de Psicologia, n. 14, p. 35-40, 1962.

AZZI, R. et al. Suggested portuguese translations of expressions in operant conditioning. J. Exp. Anal. Behav., 6, p. 91-94, 1963.

AZZI, R. Máquina de aprender: a moda e o medo. Pesquisa e Planejamento, São Paulo, CRPE, n. 5, p. 126-136, 1962.

AZZI, R. Situação atual da pesquisa psicológica no Brasil. Boletim de Psicologia, n. 16, p. 63-67, 1964.

AZZI, R.; FIX, D. Nota sobre respostas em DRL e DLR. Ciência e Cultura, v. 15, n. 2, 1963.

AZZI, R.; MARCHI, Á. Comparação entre modos de resposta na instrução programada. Pesquisa e Planejamento, São Paulo, CRPE, n. 7, p. 78-101, 1964.

BORI, C. M.; AZZI, R. Uma experiência no ensino da psicologia. Jornal Brasileiro de Psicologia, v. 1, n. 20, p. 105-110, 1964.

BORI, C. M.; PESSOTI, I., AZZI, R. Um curso moderno de psicologia II. Ciência e Cultura, n. 17, p. 129, 1965.

KELLER, F.; BORI, C. M.; AZZI, R. Um curso moderno de psicologia. Ciência e Cultura, n. 16, p. 397-399, 1964.

Referências

AZZI, R. Curriculum vitae. Acervo NIEHPSI/PUC-SP, 1969.

AZZI, R. Depoimento. 1971. [S.l.]: DOI-COD: Departamento de Investigação da Ditadura brasileira. Depoimento concedido ao Departamento de Investigação da Ditadura brasileira (DOI-COD) na época da ditadura militar no Brasil.

AZZI, R. Projeto de Doutorado. Cartas de Rodolpho Azzi para Fred S. Keller. Cópia de original da Milne Special Collections, University New Hampshire Library, Durham NH, 1963.

EDUARDO, O. da C. Pequena história comentada da Pesquisa de Mercado e Opinião Pública no Brasil: a etapa pioneira. Revista da ESPM, p. 9-22, jan./fev. 2003.

Maria do Carmo Guedes
Roberta Gurgel Azzi

BAHIA, Alcyon Baer *(1911-1974)*

Psiquiatra e psicanalista de Recife, Pernambuco, radicado no Rio de Janeiro. Diplomado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, ainda estudante, se interessa pela Psiquiatria, durante internato na clínica do Prof. Henrique Roxo. Após a formatura (1936), torna-se professor do Instituto Profissional XV de Novembro, vinculado ao Serviço de Assistência ao Menor (SAM), ingressando, posteriormente (1942), como psiquiatra, no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM). Na mesma época, assume a chefia da Seção de Pesquisas e Tratamento Somato-Psíquico do SAM. Volta sua atenção para as ideias freudianas, julgando necessária a realização de uma formação analítica oficial com vistas ao exercício clínico da Psicanálise. Parte para Buenos Aires, em 1945, onde se analisa com Angel Garma e cumpre outros requisitos do processo formativo na Associação Psicanalítica Argentina (APA). Para manter-se financeiramente, envia artigos ao Jornal do Commércio, dentre os quais estão Realidade da fantasia, A neurose, a moral e o Estado, O criminoso e o neurótico e O medo da morte.

Retorna ao Brasil, ao final de 1949, passando a reunir-se regularmente, a partir de 1951, com Walderedo Ismael de Oliveira, Danilo Perestrello e Marialzira Perestrello, também oriundos da APA, no então conhecido como "Grupo Argentino". Ainda em 1951, organiza, no SNDM, o que será considerado pela tradição o primeiro grupo terapêutico do Brasil, para o qual os pacientes eram selecionados mediante aplicação do teste de Rorschach, interpretado segundo as perspectivas psicanalíticas. A respeito dessa experiência, publica o primeiro trabalho brasileiro sobre grupos terapêuticos, na forma de comunicado à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.

Nessa linha pioneira, cria, em 1954, o Serviço de Psicoterapia e, em 1959, o Ambulatório de Psicoterapia de Grupo no SNDM, além de tornar-se, em 1958, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo, a primeira do gênero em solo carioca, apresentando, na sessão inaugural, o trabalho Esquema para uma teoria da psicoterapia de grupo, muito influenciado pelas ideias de Bion. Além dos grupos, sua produção principal, à época, versa sobre a concepção psicanalítica da criação artística, destacando-se Repressão, lembrança e amnésia. Nesse trabalho, apresentado na APA (1956) para a obtenção do grau de titular, combina análises do filme Rashomon, de Kurosawa, da peça Assim é se lhe parece, de Pirandello, e de experiências de pacientes diagnosticados como portadores da Síndrome de Korsakow.

Em 1959, torna-se um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), após um intrincado percurso em que o "Grupo Argentino", reunido a ex-analisandos de Mark Burke e aos "ingleses" (formados em Londres), depois de permanecer dois anos como Grupo de Estudos sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, é reconhecido pela International Psychoanalytical Association no Congresso de Copenhague. Participa ativamente da SBPRJ, da qual logo se faz analista didata e chega a presidir, no biênio 1964-1965. Vem a falecer no Rio de Janeiro (1974), e um de seus últimos trabalhos – Influências e conseqüências do advento de novas teorias no manejo da técnica psicanalítica, no qual novamente explora as consequências das teorias bionianas, é incluído, em 1981, em coletânea norte-americana dedicada à memória do psicanalista britânico.

Publicações

BAHIA, A. B. A neurose, a moral e o Estado. Jornal do Commércio, [s.d.].

BAHIA, A. B. Esquema para uma teoria da psicoterapia de grupo. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 7, n. 4, 1958.

BAHIA, A. B. Experiências psicanalíticas em terapia de grupo. Medicina, Cirurgia e Farmácia, n. 220, 1954.

BAHIA, A. B. Influências e conseqüências do advento de novas teorias no manejo da técnica psicanalítica. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 7, n. 1, 1973.

BAHIA, A. B. New theories: their influence and effect in psychoanalytical technique. In: GROTSTEIN, J.S. (Ed.). Do I dare disturb the universe? A memorial to Wilfred R. Bion. Beverly Hills, California: Caesura Press, 1981.

BAHIA, A. B. O criminoso e o neurótico. Jornal do Commércio, [s.d.].

BAHIA, A. B. O medo da morte. Jornal do Commércio, [s.d.].

BAHIA, A. B. Realidade da fantasia. Jornal do Commércio, [s.d.].

BAHIA, A. B. Repressão, lembrança e amnésia. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1956.

Referências

PERESTRELLO, M. (Org.). História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

RANGEL, V. A psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica: um rosto carioca. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1996.

SOUZA, M. S. et al. O pensamento psicanalítico de Alcyon Baer Bahia. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 8, n. 4, 1974.

Heliana de Barros Conde Rodrigues
Patrícia Jacques Fernandes

BAQUERO, Victoriano Miguel *(1923-2018)*

Filho de Victorina Miguel Rico e Baltasar Baquero Garcia, é natural de Del Bierzo-Leon, Espanha, onde nasceu no dia 13 de junho de 1923. Seu nome de Batismo era Victoriano Baquero Miguel, entretanto em algumas publicações aparece referenciado o nome Victoriano Baquero. Era filósofo e teólogo. Foi responsável pela organização, criação e estruturação do primeiro curso superior em Psicologia do Estado de Goiás. Em 1942, ingressa na Companhia de Jesus, ordenado no ano de 1956. Muda-se para Goiânia, Goiás, em 1959, a fim de colaborar para o desenvolvimento do projeto educacional da Universidade Católica de Goiás, atualmente, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Em 1960, criou o Gabinete de Orientação Psicológica, com o objetivo de fortalecer o curso de Pedagogia. Nesse Gabinete, discutiam-se diversas temáticas psicológicas, entre as quais cabe ressaltar: Psicologia da infância, Psicologia da adolescência, Psicopatologia educacional, Psicologia da aprendizagem e Orientação educacional. Nesse espaço, foi ofertado, no ano de 1962, um curso de Psicotécnico, concedido por psicólogos que vinham de Belo Horizonte, Minas Gerais.

É importante destacar que, nesse período, não se falava em Curso de Psicologia, "porque eu e os jesuítas queríamos formar educadores, que era assim como nossa missão principal – formar educadores – e formamos. Fortaleceu-se o Curso de Pedagogia e o Curso de Orientação". (Entrevista concedida em 10/03/2009).

No ano de 1964, o Pe. Victoriano Baquero Miguel S.J. foi transferido para a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, retornando a Goiânia no ano de 1973. No período compreendido entre 1964 e 1965, o Gabinete não funcionou. As atividades do Gabinete foram retomadas, no ano de 1966, por iniciativa do Pe. José Maria Monteoliva S.J., Psicólogo, que, posteriormente, foi transferido para a reitoria da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Desta maneira, as atividades do Gabinete se encerram mais uma vez.

Em 1973, com o retorno do Pe. Baquero à cidade de Goiânia, o Gabinete de Orientação Psicológica é organizado novamente. Nesse mesmo ano, foi designado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade para organizar a criação do curso de Psicologia, o qual se iniciaria no segundo semestre desse mesmo ano. Para realizar essa tarefa, contou com o apoio da Ir. Meire Conrad, freira franciscana, e do Pe. Luiz Thomazzi S.J. Sob sua coordenação, organizaram o primeiro programa do curso de Psicologia, tendo como referencial o ensino do curso de Psicologia oferecido pela PUC-RJ.

No segundo semestre de 1973, iniciaram-se as atividades do primeiro curso de Psicologia do Estado de Goiás, pela então Universidade Católica de Goiás, concedido pelo Departamento de Educação. Nos dois primeiros anos, foi organizado por um núcleo básico, em que foram ofertadas disciplinas, como: Filosofia, Teologia, Português e Estudos dos Problemas Brasileiros.

Outra importante contribuição no processo de consolidação do curso de Psicologia no Ensino Superior do Estado de Goiás, ocorreu, em 1976, com a criação do departamento de Psicologia, sendo o Pe. Victoriano Baquero Miguel S.J., o primeiro diretor, cargo no qual permaneceu até o ano de 1978.

Pe. Victoriano Baquero Miguel S.J. ministrou aulas de Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Experimental. Foi responsável por organizar diversas demandas do curso, como a contratação de diversos professores em seus primeiros anos de funcionamento, entre os quais é possível destacar Marrie Claire Angosto Pierre,

Lorismario Ernesto Simonassi, Benito Pereira Damasceno e Humberto Ferreira. Outros professores da Universidade foram remanejados para o Curso de Psicologia.

O Gabinete de Orientação Psicológica, criado por ele, foi utilizado para atendimento psicológico da população em geral e destinava-se às atividades práticas das disciplinas técnicas que utilizavam testes psicológicos.

Faleceu em janeiro de 2018.

Publicações

BAQUERO, V. Afetividade integrada libertadora. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BAQUERO, V. Autobiografia processo de integração. São Paulo: Paulus, 1996.

BAQUERO, V. Psicoterapia centrada no corpo. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

Referências

MIGUEL, V. B. Entrevista concedida a Divino de Jesus da Silva Rodrigues, no Rio de Janeiro, em 10 de março de 2009.

MOURA, C. de A. (Org.). Psicologia 30 anos: amostra de produção científica do CEPSI. Goiânia: Ed. UCG, 2004.

RODRIGUES, D. de J. da S. A história da psicologia no Brasil: 40 anos do curso de psicologia da PUC Goiás. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

Anderson de Brito Rodrigues
Divino de Jesus da Silva Rodrigues
Jaqueline Veloso Portela de Araújo



BARRETO, Anita Paes
(1907-2003)

Nasceu em Recife. Em 1924, concluiu o Curso Normal, laureada com medalha de ouro. Foi nomeada, no ano seguinte, professora primária do Estado de Pernambuco, lotada na capital. Como primeira tarefa, coube-lhe ocupar-se da educação de crianças excepcionais. O interesse pela educação especial a acompanhou por toda a sua vida profissional: no Instituto de Psicologia de Pernambuco, onde, em 1925, ano da fundação do Instituto, iniciou sua prática e estudos psicológicos, sob a orientação de Ulisses Pernambucano; na Escola Aires Gama, hoje Ulisses Pernambucano, da qual foi diretora de 1942 a 1957; na Clínica de Conduta da Faculdade de Filosofia do Recife, criada, em 1949, com a colaboração de Béla Szekely, onde atuou como Primeira Psicóloga – denominação então corrente para designar o profissional mais destacado.

Seguindo a tendência da época e a orientação predominante do Instituto de Psicologia, Anita realizou numerosos estudos relacionados à Psicotécnica: em 1927, em colaboração com Ulisses Pernambucano, publicou Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão; entre 1931 e 1935, coordenou e realizou várias pesquisas objetivando a elaboração da Revisão Pernambucana do Teste de Binet, Simon, Terman, trabalhos publicados em Neurobiologia, Jornal

de Medicina de Pernambuco e Arquivos de Assistência a Psicopatas de Pernambuco; em 1955, com a colaboração de Dilucina Lopes e Maria do Carmo Souto, realizou pesquisa sobre O psicodiagnóstico de Rorschach em crianças, cujos resultados foram expostos na VII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Anita Paes Barreto destacou-se por sua atuação docente na Escola de Serviço Social de Pernambuco, na Faculdade de Filosofia do Recife e na Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco. Católica praticante, sensibilizada pelos problemas sociais, imprimiu um sentido político à sua atuação como psicóloga e educadora. A influência primeira, viera de Ulisses Pernambucano. Na maturidade, fez-se mais presente a dimensão política de sua ação, sobretudo como fundadora e diretora da Divisão de Educação do Movimento de Cultura Popular e colaboradora de Miguel Arraes: Assessora de Educação, quando ele era prefeito do Recife; Secretária de Educação do Estado e Presidente da Fundação da Promoção Social, quando ele era governador do Estado. De 1988 a 1991, Anita integrou o Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Com o golpe militar de 1964, foi presa por 17 dias, acusada de subversão, oportunidade em que deu uma lição de coerência e altivez. Em 1997, o Conselho Federal de Psicologia lhe concedeu uma comenda, por sua contribuição ao desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão.

Publicações

BARRETO, A. P. Estudo psicotécnico de quatro supernormais. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, 1932.

BARRETO, A. P. O psicodiagnóstico de Rorschach em crianças. Lumen, p. 21-48, 1980. Número especial.

BARRETO, A. P. Revisão pernambucana da Escala de Binet-Simon-Terman, de 9 a 10 anos. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, 1934.

BARRETO, A. P. Revisão pernambucana da Escala de Binet-Simon-Terman, nas idades de 11 anos e adultos. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, 1934.

BARRETO, A. P.; CAMPOS, A. Revisão pernambucana da Escala de Binet- Simon-Terman, de 5 a 8 anos. Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, 1934.

PERNAMBUCANO, U.; BARRETO, A. P. Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão. Recife: Imprensa Industrial I. Nery da Fonseca, 1927.

Referências

PERNAMBUCANO, U. O vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 1, n. 1, 1931.

Paulo da Silveira Rosas



BARRETO, Pereira
(1840-1923)

Natural de Resende. Figura significativa do pensamento nacional, publicou obras iniciadoras do positivismo brasileiro, entre elas Três filosofias. O primeiro volume, intitulado Filosofia teológica (1874-76), em especial, a parte denominada "Complemento para o estudo do teologismo", é um exemplo da aplicação da Psicologia, ou "fisiologia mental", como ciência positiva, ao estudo do homem e da sociedade.

Formou-se em Ciências Naturais e Medicina na Universidade de Bruxelas. Em 1865, começou a desempenhar papel de destaque na intelectualidade brasileira com sua obra Teoria das gastralgias e das nevroses em geral, tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para a revalidação do diploma obtido na Bélgica. Essa obra é considerada a primeira manifestação de "positivismo integral" no pensamento brasileiro, assim como a aplicação da primitiva "ortodoxia" de Barreto à Medicina. Os fenômenos físicos, astronômicos, morais ou sociais são vistos como sujeitos a lei fixas e invariáveis.

A atividade intelectual de Barreto foi desenvolvida, principalmente, em São Paulo, onde trabalhou como clínico e escreveu livros e artigos para divulgar o positivismo no cenário cultural brasileiro. Colaborou em jornais como A Província de São Paulo e O Estado de São Paulo.

Publicações

BARRETO, P. Obras filosóficas. São Paulo: Grijalbo, 1967. v. 1.

BARRETO, P. Teoria das gastralgias e das nevroses em geral. [s.d.].

BARRETO, P. Três filosofias. [S.l: s.n.], [s.d.]. 3 v.

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU, 1990.

Anderson Pereira da Silva
Marina Massimi



BARROS, Carlos Paes de *(1919-2001)*

Natural de Leverger, Mato Grosso, Carlos Paes de Barros, além de Psicólogo, era Médico e Psiquiatra. Seu primeiro bacharelado foi em Física, pela Universidade de Chicago, em 1948. Formou-se em Medicina, pela Faculdade Nacional do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)), em 1952, e em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), em 1957. Fez sua formação psicanalítica no antigo Instituto de Medicina Psicológica (atual Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle), filiado à International Federation of Psychoanalytic Societies.

Sua primeira análise foi com Iracy Doyle, fundadora do referido instituto. Lá foi psicanalista didata e supervisor. Foi membro psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, instituição que sucedeu ao Instituto de Medicina Psicológica. Foi presidente da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada e membro efetivo da Associação Brasileira de Psicólogos, da Interamerican Society of Psychology, da World Psyquiatric Association e da American Association for the Advancement of Science, entre outras associações científicas.

Professor de Psicologia e Psicanálise na PUC-RJ, na UFRJ, e na Faculdade de Humanidades Pedro II, foi efetivamente um pioneiro, tendo despertado um grande entusiasmo pelo estudo rigoroso da teoria psicanalítica por parte de muitos colegas e alunos. Sua interpretação do texto freudiano influenciou brilhantes pensadores, como Luiz Alfredo Garcia Rosa. Por várias vezes, desde 1958, foi escolhido paraninfo dos formandos em Psicologia da PUC-RJ. Diretor do Departamento de Psicologia da PUC-RJ por muitos anos, a partir de 1968, e Coordenador dos cursos de Pós-Graduação, lecionou inúmeras disciplinas, entre elas Psicologia da Personalidade, Psicologia Dinâmica, Psicopatologia, Construção de Teoria em Psicologia e Teorias e Técnicas Psicoterápicas.

Seus mais importantes trabalhos versam sobre a metapsicologia freudiana, tendo empreendido uma interpretação original da obra de Freud Projeto de uma psicologia para neurologistas. Foi um dos primeiros a valorizar e estudar com rigor esse texto, não só no Brasil, mas internacionalmente. Publicou, em 1971, o artigo Thermodynamic and evolutionary concepts in the formal structure of Freud's Metapsychology, que faz parte de uma publicação norte-americana sobre psiquiatria e psicoterapia, editada por Silvano Arietti.

Em 1975, lança um novo artigo sobre a metapsicologia freudiana, enfatizando o ponto de vista econômico, desta vez em uma revista brasileira, Conscientia. Em 1998, uma edição especial do periódico Cadernos do Tempo Psicanalítico, revista editada pela Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, teve como tema as obras reunidas de Carlos Paes de Barros. Os artigos de 1971 e 1975, supracitados, foram novamente publicados (o primeiro, pela primeira vez, em português), ambos com revisão do próprio autor. Essa edição de Cadernos do Tempo Psicanalítico inclui, ainda, o trabalho Psicopatologia infantil, apresentado em um Simpósio da American Academy of Pediatrics, em Curitiba, e publicado originalmente, em 1967, na Revista Brasileira de Pediatria. Esse conjunto de artigos é muito expressivo do pensamento do

autor, mas ele se encontra desenvolvido também em inúmeras dissertações de mestrado por ele orientadas, desde que se instituiu o Mestrado em Psicologia Clínica da PUC-RJ, aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE), em 1967.

Publicações

BARROS, C. P. de. Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico. Revista Conscientia - Psicanálise: Problemas Metodológicos, Rio de Janeiro, n. 2, 1975.

BARROS, C. P. de. Projeto de uma psicologia para neorologistas. [S.l.: s.n.], [19 - -].

BARROS, C. P. de. Psicopatologia infantil. Revista Brasileira de Pediatria, 1967.

BARROS, C. P. de. Thermodynamic and evolutionary concepts in the formal structure of Freud´s Metapsychology. In: ARIETTI, S. (Ed.). The world biennial of psychiatry and psychotherapy. New York: Basic Books, 1971. v. 1.

Referências

Obras reunidas Carlos Paes de Barros. CADERNOS do Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, n. 3, 1998. Edição especial.

Ana Maria de Toledo Piza Rudge



BASTIDE, Roger
(1898-1974)

Roger Bastide nasceu em Nîmes, cidade localizada no sul da França, em 1898. Filho de educadores protestantes, cursou a Escola Normal e, em 1924, formou-se em Filosofia na Universidade de Bordeaux. Em 1938, recebeu, através de George Dumas, a proposta de assumir a Cátedra de Sociologia na recém-constituída Universidade de São Paulo, fazendo parte do que mais tarde se denominou "Missão Francesa da USP", onde permaneceu por 16 anos (1938-1954), sendo que, em seus dois últimos anos no Brasil, as suas atividades foram divididas entre Paris e São Paulo. Bastide retornaria ao país ainda mais duas vezes: em 1962 e 1973. Faleceu em 10 de abril de 1974, na França.

Bastide estabeleceu interlocuções com vários pensadores brasileiros, especialmente com Mário de Andrade (e os modernistas), Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. Outras referências importantes para o desenvolvimento da obra bastidiana acerca das religiões afro-brasileiras foram os médicos Nina Rodrigues e Arthur Ramos, considerados os principais estudiosos de tais religiões antes de Bastide, e que influenciaram sobremaneira seus trabalhos. Todos esses debates consolidaram a sua visão sobre a sociedade brasileira, que foi retratada em suas publicações sobre arte, cultura, religião, sociologia, psicanálise, etc.

Apesar de ter sido um intelectual versátil – seus temas de estudo podem ser situados nos campos da Sociologia, Antropologia, Literatura, Psiquiatria social, Psicanálise, Etnopsiquiatria, entre outros –, suas obras mais importantes, ao menos no Brasil, são as que tratam das religiões de matriz africana. Tais obras se diferenciam das existentes até então pela constante preocupação do autor em trabalhar os fenômenos religiosos a partir de uma óptica multidisciplinar. Bastide acreditava que as rígidas fronteiras entre disciplinas impediam um conhecimento pleno sobre os fatos sociais. Enquanto a Psicanálise e a Psicologia social compreendiam o entorno do indivíduo enquanto instância formadora da personalidade, era preciso que a Sociologia também reconhecesse a importância da subjetividade nos fenômenos sociais. Sua análise sobre o fenômeno da possessão nas religiões afro-brasileiras, por exemplo, representa um significativo diferencial aos trabalhos realizados até então, por inserir o elemento psicológico enquanto complementar ao elemento religioso/cultural. É nesse sentido que a sua obra se apresenta, inicialmente, como uma crítica à perspectiva durkheimiana, já que valoriza os fatores individuais como aspecto fundamental para a compreensão do fenômeno religioso.

Nesse sentido, Bastide foi pioneiro ao ministrar uma série de cursos na USP, demonstrando as possibilidades de diálogo entre a Sociologia e a Psicanálise e outras disciplinas psi, disciplinas que, para o autor, deveriam ser parceiras nos estudos sociais e individuais, em um momento no qual a Sociologia paulista – baseada fortemente em Durkheim – tendia a ignorar os processos psicológicos nos estudos dos fatores sociais. Tais cursos foram publicados em 1948, em livro intitulado Sociologia e Psicanálise.

Em 1951, Bastide foi convidado a lecionar na École Pratique des Hautes Études, em Paris, e sua volta definitiva para a França se deu três anos depois, em 1954. Suas duas teses defendidas para poder praticar a docência universitária na França se transformaram mais tarde nos livros mais importantes sobre as religiões de matriz africana no Brasil, a saber, Les réligions africaines au Brésil (1960), publicado no Brasil com o título As religiões africanas no Brasil, em 1971, e Le candomblé de Bahia, rite nagô (1958), também publicado em português tendo como título O candomblé na Bahia: rito nagô (1961). Bastide também lecionou no Institut des Hautes Études d'Amérique Latine, e na Université de Paris (Sorbonne), onde, em 1958, assumiu a disciplina de Etnologia Social e Religiosa, mas também dava cursos sobre métodos antropológicos e sobre as relações entre a Sociologia e a Psicanálise. No ano de 1961, Bastide criou conjuntamente com Henri Baruk, Charles Morazé e François Raveau o Centre de Psychiatrie Sociale, em Paris. Tal centro tinha por objetivo ser um ponto de encontro para estudantes, pesquisadores e professores de diversas áreas que estivessem interessados nos fenômenos de patologias sociais e doenças mentais. Também eram realizadas conferências sobre o tema da Psiquiatria social.

Como resultado de tais encontros, Bastide desenvolveu um projeto denominado Sociologia das doenças mentais – publicando um livro com o mesmo nome em 1967 –, o qual se propunha a estudar os distúrbios mentais a partir do método sociológico, interessando-se somente pelas coletividades e pelos grupos, por exemplo, os grupos religiosos, familiares, militares, etc.

Para Bastide, a loucura não podia ser compreendida nela mesma, era preciso enxergá-la em sua totalidade. Para isso, era necessário abordá-la enquanto patologia sim, mas, principalmente, enquanto fruto de uma ruptura entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo. Assim, constituir-se-ia a "Psiquiatria social", que teria por função compreender e vencer as doenças mentais que se proliferavam, tornando-se um problema social, e formando profissionais que, além de tratá-las, ajudassem a inserir o doente

na sociedade. Bastide também propunha que se compreendesse o psiquiatra enquanto parte do mesmo complexo cultural no qual o doente estava inserido. Desta forma, entender-se-ia que o que numa cultura era considerado "anormal" ou "desviante" não necessariamente o era em outra cultura. Neste sentido, pode-se localizar a obra de Bastide enquanto parte fundamental no desenvolvimento do que hoje conhecemos por Etnopsiquiatria, criada na França por Georges Devereux, nos anos 1960.

Com a morte de Bastide, em 1974, François Raveau fundiu o Centre de Psychiatrie Sociale com o Centre Charles Richet d'Étude de la Personnalité Normale et Pathologique Post-Concentrationnaire, criando o Centre de recherche et d'Étude des Dysfonctions de l'Adaptation (CREDA), que ainda se encontra em funcionamento.

Publicações

BASTIDE, R. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BASTIDE, R. Introducción a la psiquiatría social. México: Editorial Stylo, 1949.

BASTIDE, R. Le candomblé de Bahia: rite nagô. [S.l. : s.n.], 1958.

BASTIDE, R. Le rêve, la transe et la folie. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

BASTIDE, R. Les réligions africaines au Brésil. [S.l. : s.n.], 1960.

BASTIDE, R. O candomblé na Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BASTIDE, R. Psicanálise do cafuné: estudos de sociologia estética brasileira. Curitiba: Guaíra, 1941.

BASTIDE, R. Sociologia das doenças mentais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

BASTIDE, R. Sociologia e psicanálise. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1974.

Referências

NUNES, E. D. Roger Bastide: a construção do social na fronteira das disciplinas. A doença mental como campo de estudo. Cadernos de Saúde Pública, n. 31, v. 5, p. 909-920, 2015.

PEIXOTO, F. A. Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Edusp, 2000.

QUEIROZ, M. I. Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide. In: QUEIROZ, M. I. (Org.). Roger Bastide: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-75.

QUEIROZ, M. I. Roger Bastide, sociologue brésilien. In: POIRIER, J.; RAVEAU, F. L'autre et l'ailleurs: hommage à Roger Bastide. Paris: Berger-Levrault, 1976. p. 88-96.

RAVELET, C. Bio-bibliographie de R. Bastide. Disponível em: http://claude.ravelet.pagesperso-orange.fr/bio_biblio.pdf. Acesso em: 23 fev. 2015.

Marcela Franzen Rodrigues
Hildeberto Vieira Martins



BENKÖ, Antonius
(1920-2013)

Nome adotado no Brasil por Pe. Antal Benkö, natural de Paks, Hungria. Sua formação religiosa iniciou-se em casa, continuando no Colégio Secundário Pius, de Jesuítas, em Pécs, de 1930 a 1938. Em 1941, iniciou a licenciatura em Filosofia na Escola Superior dos Jesuítas Húngaros. Em 1944, começou a licenciatura em Teologia em Szeged, onde ficou até 1946, concluindo-a, em 1948, na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, onde se ordenou sacerdote, em 1947. De 1949 a 1951, cursou licenciatura em Psicologia, concluída com trabalho sobre o teste Szondi, na Universidade Católica de Louvain, onde terminou a licenciatura em Filosofia (1950) e fez doutorado em Psicologia Aplicada, investigando o exame psicológico dos candidatos à vida sacerdotal (1954).

Por sugestão de seus superiores, fixou-se no Brasil, em 1954, lecionando, até 1959, na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, em Nova Friburgo. Entre 1958 e 1959, fez pós-doutorado na Universidade Loyola (Chicago) e na Universidade de Fordham (Nova York). Em 1957, aceitou convite de Pe. Alonso, Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), para dirigir o Instituto de Psicologia Aplicada (IPA), com fins de reformulá-lo. Transferiu o curso de Psicologia da Santa Casa para o campus da Gávea, alterou sua estrutura e duração e introduziu a disciplina de Psicanálise, com o nome de Psicologia Profunda, convidando Roberto Azevedo, de São Paulo, para quinzenalmente ministrá-la. Em 1960, criou o Centro de Orientação Psicopedagógica (COPP), origem do atual Serviço de Psicologia Aplicada.

Em 1962, integrou, com Carolina Bori, Arrigo Angelini e Pedro Parafita Bessa, a comissão responsável pela avaliação dos requerimentos de registro profissional de Psicologia, presidida por Lourenço Filho. Foi vice-presidente (1964) e presidente (1967) da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada. De março a outubro de 1966, lecionou na Universidade de Brasília. Em 1966, deixou a direção do IPA, sucedendo-o a Aroldo Rodrigues. Em 1967, participou da reforma que introduziu a estrutura departamental e o sistema de créditos na PUC-RJ, e que criou o Mestrado em Psicologia. Em 1968, conquanto prosseguisse lecionando na área de Psicologia, dirigiu o recém-criado Departamento de Teologia. De 1972 a 1975, foi Vice-Reitor Acadêmico da PUC-RJ. De 1974 a 1975, foi Conselheiro Efetivo do I Plenário do Conselho Regional de Psicologia 5ª Região (CRP/05), eleito vice-presidente pelos conselheiros, tendo Thereza Mettel como presidente.

Foi para a Áustria, em 1975, renunciou à cidadania brasileira, adquirida em 1959, para naturalizar-se austríaco (1987) e, desde 1996, lecionou na Universidade Católica Pázmány Péter, em Budapeste.

A Revista de Psicologia Normal e Patológica foi o principal veículo de seus escritos no Brasil: nas partes I e II, de Valores e limites do Teste de Szondi (1955), abordou a fundamentação teórica e técnicas, respectivamente, e na parte III, sobre a validade do teste (1956), completou o estudo; em Um ensaio de exame psicológico dos seminaristas (1956), investigou a utilização de métodos psicológicos para o exame dos

candidatos ao sacerdócio, e este foi tema em Aspectos psicológicos da vocação religiosa e sacerdotal (1961); em Pseudo-debilidade mental (1966), relatou um diagnóstico de criança com problemas mentais e propôs um olhar multidisciplinar; publicou também o livro Psicologia da religião (1981).

Faleceu em Budapeste, em 24 de novembro de 2013.

Publicações

BENKÖ, A. A orientação educacional e direção da escola secundária. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961. (Cadernos de Orientação Educacional, 22). Em colaboração.

BENKÖ, A. A orientação educacional no Brasil e a sua relação com a orientação profissional. Boletin Asociación Internacional de Orientación Escolar y Profesional, n. 15, p. 26-28, 1967.

BENKÖ, A. A personalidade do adolescente. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959. (Cadernos de Orientação Educacional, 18).

BENKÖ, A. Aspectos psicológicos da vocação religiosa e sacerdotal. Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 7, p. 769-773, 1961.

BENKÖ, A. Aspectos psico-sociais da religiosidade no Estado da Guanabara. Síntese, n. 3, p. 49-103, 1975.

BENKÖ, A. Como se tem feito e como deverá ser feito o treinamento de psicólogo clínico? Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, n. 22, p. 21-35, [197-].

BENKÖ, A. Conveniência e integração da orientação educacional na escola secundária. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, [195-]. (Cadernos de Orientação Educacional, 11).

BENKÖ, A. Dois aspectos da seleção de seminaristas. In: KÖVECSES, G. (Ed.). Vocações sacerdotais e religiosas. Porto Alegre: Paulinas, 1961.

BENKÖ, A. Estudo de valores: estudo comparativo entre estudantes norte-americanos e brasileiros. Verbum, n. 24, p. 177-189, 1967.

BENKÖ, A. Examen de la motivation. Vie Spirituelle, n. 29, 1954. Supplément.

BENKÖ, A. Formação profissional do psicólogo. Boletim de Psicologia, n. 47/50, p. 75-89, 1964-1965.

BENKÖ, A. Inventário multifásico de personalidade. Rio de Janeiro: CEPA, [s.d.].

BENKÖ, A. Prefácio. In: SAALFELD, L. J. Orientação educacional e aconselhamento. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BENKÖ, A. Preparo técnico e condições de estágio. Rio de Janeiro, [195-]. (Cadernos de Orientação Educacional, 6).

BENKÖ, A. Psicologia da religião. São Paulo: Loyola, 1981.

BENKÖ, A. Psicologia moderna e concepção espiritualista do homem. Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 7, p. 627-645, 1961.

BENKÖ, A. Psicologia; Vontade. In: ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1963.

BENKÖ, A. Um ensaio de exame psicológico dos seminaristas. Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 2, p. 423-453, 1956.

BENKÖ, A. Valores e limites do Teste de Szondi, I. Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 1, p. 302-341, 1955.

BENKÖ, A. Valores e limites do Teste de Szondi, II. Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 1, p. 515-562, 1955.

BENKÖ, A. Valores e limites do Teste de Szondi, III. Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 2, p. 218-250, 1956.

BENKÖ, A; O'DONNELL, M. L.; SILVEIRA NETO, R. Pseudo-debilidade mental. Revista

de Psicologia Normal e Patológica, n. 12, p. 405-412, 1966.

Referências

LANGENBACH, M; et al. História do I. P. A.: algumas reflexões em psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1982. p. 1-54. (Série Estudos - PUC-RJ, O Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da PUC-RJ: uma prática em debate, 10).

OSUNA, L. V. Uma constituição do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1953-1979). Monografia (Curso de Psicologia) – Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

Antônio Carlos Cerezzo
Jessé Guimarães da Silva



BESOUCHET, Inês
(1914-1991)

Psicanalista inovadora e criativa. Nasceu em Quatro Irmãos, Rio Grande do Sul. Trabalhou muitos anos como psicóloga, no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), e inscreveu-se na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), em 1949, para se tornar psicanalista, já com experiência como psicóloga infantil e psicodramatista. Enfrentou corajosamente o preconceito contra a qualificação de psicólogos e analisou-se com Werner Kemper; depois, na França, com Sacha Nacht. Tornou-se membro associado da SPRJ, em 1955, efetivo, em 1958, e didata, em 1965.

Procurada, nos anos de 1970, por psicólogos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) para especialização em Prática Clínica, formou uma equipe com Therezinha Lins, Norma Jatobá, Emanuel Carneiro Leão, Arcângelo Buzzi, Fábio Lacombe, Joel Birman, Carmen Da Poiant e Wilson de Lyra Chebabi. Essa equipe propôs-se a trabalhar a crise que surgia da interdição de aceitar psicólogos para a formação psicanalítica e empreendeu uma revisão dos fundamentos das diversas práticas que se inclinam para a alma humana. A isso se chamou Antropologia Clínica. Um número enorme de profissionais passou pelo Centro de

Estudos de Antropologia Clínica (CESAC). Em 1972, a direção da PUC estabeleceu um acordo com o CESAC, em que o curso funcionaria como uma pós-graduação da PUC, e esta seria sobre a prática da Psicologia Clínica pelo conhecimento amplo e múltiplo acerca do ser humano.

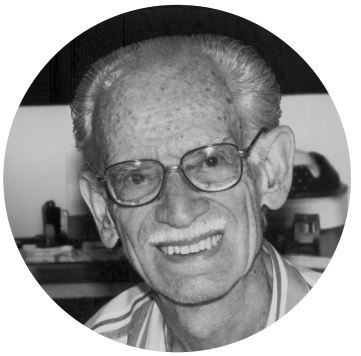
Tal qual um novo Sócrates, Inês Besouchet não fazia palestras ou conferências, nem escrevia textos. Marcou o seu lugar, não de uma obra escrita, nem de uma erudição copiosa a ser reproduzida por seguidores, mas sim o de um estilo. Ouvia, perguntava e fazia observações a partir das falas dos interlocutores. Um estilo de praticar a clínica que guardava uma perfeita consonância com o seu estilo de vida, confluência de fatores como: 1°) sua origem judaica que, como ocorreu com Freud, marcou-a com um traço de comprometimento com a experiência concreta e uma aptidão de tornar relativo o imediato para haver lugar para a promissão; 2°) sua experiência política, por vezes violenta, com prisão e risco de vida, risco sempre consciente, dada a lesão cardíaca que trazia desde o nascimento; 3°) suas experiências analíticas, ressaltando a importância do analista como pessoa; 4°) seu amplo convívio com as diversas manifestações artísticas. Tais características foram capitais para que Inês centralizasse, silenciosa e modestamente, o movimento que atraiu, durante os anos 1970 e 1980, psicólogos, psicanalistas, artistas, sociólogos, antropólogos e filósofos, num intercâmbio caracterizado pela transitoriedade e pela repercussão profunda na maneira de pensar de cada um.

As diversas facções que surgiram nas instituições psicanalíticas procuravam cooptá-la para o seu molde, e ela foi capaz de resistir sempre. Acolhendo as diversas propostas, Inês, num certo sentido, não era aceita integralmente por nenhuma facção, pois não se sujeitava a ter de renegar as outras. Até sua morte no Rio de Janeiro (RJ), continuou analista da International Psychoanalytical Association, prestigiada por diversos outros núcleos dissidentes, respeitada pelo meio intelectual e reconhecendo práticas consideradas mágicas pelo mundo científico, como o candomblé e as façanhas do sensitivo Thomas Green Morton.

Referências

CHEBABI, W. de L. [Depoimento do próprio autor do verbete]. [S.l.: s.n.], [s.d.].

Wilson de Lyra Chebabi



BESSA, Halley Alves
(1915-1994)

Nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Formou-se em Medicina pela Universidade de Minas Gerais (UMG – posteriormente Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG) em 1945, especializando-se em Criminologia (1954) no Instituto de Criminologia da Faculdade de Direito da UFMG. Em 1984, concluiu o curso de Teologia na Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG). Por sua formação católica, atuou, enquanto estudante, em movimentos como a Juventude Estudantil Católica e a Juventude Universitária Católica.

Em 1959, tornou-se livre-docente da disciplina Medicina Legal, pela Faculdade de Direito da UFMG, com a tese Personalidade e crime, que contém um estudo minucioso da contribuição das ciências psicológicas à compreensão de atos criminosos, ou seja, dos "aspectos bio-psicossociais que podem e devem ser considerados na avaliação da responsabilidade penal" (Bessa, 1958, p. 169). Propõe a teoria da frustração-agressão de Rosenzweig como guia na análise, e a avaliação psicotécnica através do Psicodiagnóstico Miocinético (PMK) de Mira y López ou do Psicoteste de Frustração do próprio Rosenzweig.

Seu interesse pelas ciências psicológicas o levou a aproximar-se da Psicologia, tendo sido sócio fundador da Sociedade Mineira de Psicologia, em 1957, e da Sociedade de Psicoterapia de Grupo de Minas Gerais, em 1966. Lecionou diversas disciplinas relacionadas à Psicologia em cursos superiores, como Higiene Mental e Aspectos Psicopedagógicos da Conduta do Menor no Curso de Serviço Social da UCMG (1947-1960); entre 1953 e 1977, foi professor das cadeiras de Fisiologia Nervosa e Medicina Legal, na Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, instituição da qual foi cofundador; Psicologia e Lógica Aplicada e Psicologia Judiciária, no Curso de Criminologia da Escola de Polícia Rafael Magalhães (atual Academia de Polícia de Minas Gerais); entre 1962 e 1964, lecionou Medicina Legal na Faculdade de Direito da UFMG, e, a partir de 1975, na Faculdade de Ciências Médicas da UCMG.

Após obter o registro como Psicólogo, atuou na instalação do Conselho Regional de Psicologia da 4ª Região (Minas Gerais e Espírito Santo), que presidiu entre 1980 e 1982. Participou da fundação do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em 1961, e da Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), instituição que dirigiu entre 1971 e 1975, e que mantém curso de Psicologia desde 1971. Entre 1974 e 1979, foi Conselheiro no Conselho Federal de Psicologia, tendo-se destacado na defesa da atuação profissional dos psicólogos na área clínica. Foi um dos pioneiros na abertura de espaço para o trabalho de psicólogos nas áreas da Psicologia clínica, Psicologia jurídica e Psicologia hospitalar. Teve intensa atuação na defesa da humanização do tratamento das doenças mentais, particularmente em conferências e artigos publicados na imprensa de Belo Horizonte a partir da década de 70, nos jornais O Diário (de orientação católica) e Estado de Minas.

Em seus últimos anos, dedicou-se especialmente ao estudo e a proferir palestras sobre tanatologia. Foi um dos coordenadores da edi-

ção do livro Morte e suicídio - uma abordagem multidisciplinar, publicado pela Editora Vozes, em 1984, no qual apresentou a introdução A morte e o morrer.

A facilidade e capacidade de manter os ouvintes atentos, renderam-lhe o título de bom orador. Segurava a atenção de auditórios repletos fora da Psicologia também: espiritualidade, religiosidade, moral e cívica, educação para o amor, e outros.

Colaborou também na fundação da Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), para a qual doou parte de sua biblioteca particular.

Juntamente com sua esposa Laudejour, foi um dos iniciadores do movimento "Escola de Pais", em Belo Horizonte.

Foi homenageado com o nome de uma praça no Bairro Estoril, em Belo Horizonte, e na denominação do Centro de Documentação e Informação "Halley Alves Bessa", inaugurado pelo Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP-04), em 30 de abril de 2006.

Publicações

BESSA, H. A. Personalidade e crime. Monografia (Livre-Docência da Cadeira de Medicina Legal), Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, 1958.

D'ASSUMPÇÃO, E. A.; D'ASSUMPÇÃO, G. M.; BESSA, H. A. (Coord.). Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar. Petrópolis, Vozes,1984. 237 p.

Referências

BESSA, H. A. Curriculum vitae. Belo Horizonte, 1975.

Regina Helena de Freitas Campos



BESSA, Pedro Parafita de *(1923-2002)*

Nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Quando tinha dois anos de idade, sua família mudou-se para Itaúna e, quatro anos mais tarde, para a capital do Estado, Belo Horizonte. Ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, atual Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1941, optando pelo curso de Ciências Sociais, no qual se bacharelou aos 21 anos. Em 1944, matriculou-se no curso de Didática, que correspondia ao de Licenciatura, hoje. Recebeu aulas teóricas e práticas de Psicologia Educacional ministradas por Helena Antipoff no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professoras de Belo Horizonte. Nesse período, sob a orientação de Helena Antipoff, deu início à sua carreira de pesquisador, investigando o conteúdo dos jornais de Belo Horizonte.

Em 1945, com a mudança de Helena Antipoff para o Rio de Janeiro, a cadeira de Psicologia da Faculdade de Filosofia ficou vaga. Assumiu-a primeiro Maria Angélica de Castro, que depois retornou à sua terra natal, Santo Antônio do Monte. Tendo sido um dos alunos que mais se destacara ao cursar a disciplina, Pedro Parafita foi convidado pela direção da Faculdade a ocupar a vaga. Começou assim, em 1946, a ensinar Psicologia Educacional nos cursos de Didática e

Pedagogia da Universidade de Minas Gerais. Em 1949, iniciou seu trabalho como técnico em exame da personalidade no Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP), que acabara de ser fundado no Instituto de Educação. Trabalhou em vários setores do SOSP entre 1949 e 1952 e, em seguida, tornou-se seu diretor, cargo que ocupou até 1957.

Participou do curso de Psicologia Experimental ministrado, em 1956, pelo professor André Rey, no Instituto Superior de Educação Rural (ISER), localizado na Fazenda do Rosário, em Ibirité. No decorrer desse curso, surgiu a ideia da fundação da Sociedade Mineira de Psicologia, e Pedro Parafita figurava entre os trinta signatários da Primeira Reunião Preparatória da Sociedade Mineira de Psicologia, realizada em 12/11/1956. A Sociedade foi fundada no ano seguinte e Pedro Parafita foi eleito seu Secretário Científico. Foi também um dos membros da equipe que, em 1957, deu forma ao projeto de criação do curso de Orientação Educacional como especialização ligada ao curso de Pedagogia da Universidade Católica de Minas Gerais. Nessa universidade, foi o criador e primeiro diretor do Instituto de Psicologia, que passou a funcionar em 1959. Dois anos mais tarde, deixou a instituição.

No início da década de 1960, participou da criação do curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, sendo também seu primeiro diretor. Em 1962, integrou, com Carolina Bori, Arrigo Angelini e o Padre Antonius Benkö, a comissão encarregada do registro profissional de psicólogos, a qual era presidida por Lourenço Filho. Em 1967, foi o indicado da lista tríplice para a direção da Faculdade de Filosofia da UFMG, cargo que ocupou entre fevereiro de 1968 e outubro de 1969, período politicamente conturbado e marcado por diversas manifestações estudantis. Foi aposentado da Universidade em 1969, por motivos políticos. Passou a dedicar-se à Psicologia clínica, atendendo em seu consultório particular. Faleceu em Belo Horizonte, em 17 de setembro de 2002.

Publicações

BESSA, P. P. de. Interesses e estruturas sociais. Tese (Concurso para a cátedra de Psicologia Educacional) – Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1963.

BESSA, P. P. de. O Teste MM. Tese (Livre docência para a cadeira de Psicologia Educacional) – Faculdade de Filosofia, Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1960.

BESSA, P. P. de. Processo de racionalização do trabalho. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1952. (Tese de concurso).

Referências

BESSA, P. P. de. Entrevista. Belo Horizonte, [s.d.]. Entrevista concedida a Nelma Marçal Lacerda Fonseca, responsável pelo projeto do Banco de Depoimentos Orais do Museu da Escola de Minas Gerais. Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação.

GOULART, I. B. Psicologia da educação em Minas Gerais: histórias do vivido. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

REUNIÃO PREPARATÓRIA DA SOCIEDADE MINEIRA DE PSICOLOGIA, 1., 12 nov. 1956, Ibirité. Lista de presença. Documento pertencente aos Arquivos do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Ibirité.

SOCIEDADE MINEIRA DE PSICOLOGIA. Estatutos. Belo Horizonte, 1957.

Érika Lourenço



BIAGGIO, Angela Maria Brasil
(1940-2003)

Angela Maria Brasil Biaggio nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 29 de julho de 1940, vindo a falecer no dia 19 de maio de 2003, em Porto Alegre. Foi casada com Luis Isnard Leão Biaggio (falecido), com quem teve dois filhos: Ana Cristina – casada, mãe de duas filhas – e Maurício (falecido em 1995).

Graduou-se em Psicologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1964. Em seguida, incentivada por Pe. Antonius Benkö, um dos fundadores do Curso de Psicologia da PUC-Rio, fez parte de um grupo de seis ex-alunos que foram aos Estados Unidos para realização de cursos de pós-graduação. Recebeu o título de Mestre em Psicologia Educacional, em 1965, sob a orientação de Julian C. Stanley, e de Doutora em Psicologia, em 1967, sob a orientação de Robert Grinder. Ambos os cursos foram realizados na Universidade de Wisconsin.

Lecionou em várias instituições no Brasil e nos EUA. Em 1968, integrou o corpo docente do Curso de Psicologia da PUC-Rio. Entre 1970 e 1971, foi professora no Departamento de Psicologia da Minnesota State University at Morehead, nos EUA e, em 1972, foi professora na Universidade de Brasília.

A primeira experiência como professora pesquisadora em Porto Alegre ocorreu em 1972, quando integrou o corpo docente do Curso de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a convite de Zaida Grimberg Lewin, na época, vice-coordenadora do Curso de Mestrado. Em 1974, retornou ao Rio de Janeiro para trabalhar junto ao psicólogo social Aroldo Rodrigues na PUC-Rio, onde permaneceu até 1980. Em 1981, a convite de Juracy Cunegatto Marques, voltou para Porto Alegre, a fim de integrar o corpo docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde teve importante atuação no Programa de Pós-Graduação, na área de Psicologia Educacional.

Em 1986, foi convocada por Cláudio Hutz e William Gomes para colaborar no planejamento e integrar o corpo docente do Curso de Mestrado em Psicologia, transferindo-se, então, da Faculdade de Educação para o Departamento de Psicologia da UFRGS. Assumiu suas novas atividades com entusiasmo e dedicação, tornando-se uma referência para o novo Curso. Aposentou-se em 1998, mas continuou como professora colaboradora até o seu falecimento.

Seus estudos e pesquisas foram divulgados através dos livros Psicologia do desenvolvimento, com primeira edição em 1975, um best seller da Editora Vozes e Pesquisas em psicologia do desenvolvimento, publicado em 1984. Entre suas pesquisas, destacam-se os trabalhos de tradução e adaptação de várias escalas, entre elas o Inventário de Ansiedade Traço/Estado (IDATE) (Spielberg; Gorsuch; Lushene; Biaggio; Natalício, 1979) e o Inventário de Expressão de Raiva Estado/Traço (STAXI) (Biaggio, 1995). Os estudos em desenvolvimento moral na teoria de Kolhberg (Biaggio; Anandalakshmy, 1969) e ansiedade, raiva e depressão na concepção Traço-Estado de Spielberger (Biaggio, 1980) deram-lhe reconhecimento internacional.

Nos últimos anos, dedicou-se aos estudos de julgamento moral, ecologia e pacifismo (Biaggio, 1999; Biaggio; Souza, 2002). Seu último livro foi Lawrence Kohlberg: ética e educação moral (2002). Foi também uma divulgadora para outros países da História da Psicologia no Brasil (Biaggio, 1982, 1987, 2000). Não seria exagero afirmar que, nas décadas de 1980 e 1990, foi uma das pesquisadoras brasileiras em psicologia com maior reconhecimento no exterior. O envolvimento com associações científicas e agências de fomento foi ativo e produtivo. Em 1969, foi aceita como membro da American Psychological Association, sendo promovida a fellow em 1995. Esteve sempre ligada à Sociedade Interamericana de Psicologia, assumindo a presidência na gestão de 1991 a 1993. Em 1998, no Ato de Fundação da Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento, realizada no dia 02 de maio, na cidade de Gramado, RS, foi aclamada Presidente Honorária. Quando o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) organizou o primeiro comitê para a área da psicologia, entre 1976 e 1978, foi uma das representantes da área. Na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi representante de área entre 1990 e 1993.

Publicações

BIAGGIO, A. M. B. Adaptação brasileira do Inventário de expressão de raiva Estado/Traço (STAXI). Revista Ibero-americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica, v. 1, n. 1, p. 15-35, 1995.

BIAGGIO, A. M. B. Brazil. In: KAZDIN, A. E. (Ed.) Encyclopedia of psychology. Washington, D.C.: American Psychological Association/New York, NY: Oxford University Press, 2000. v. 1, p. 464-466.

BIAGGIO, A. M. B. Desenvolvimento da forma infantil experimental em português do IDATE. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 32, n. 3, p. 106-118, 1980.

BIAGGIO, A. M. B. Desenvolvimento moral: vinte anos de pesquisa no Brasil. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 2, n. 1, p. 60-69, 1988.

BIAGGIO, A. M. B. Historical aspects of psychology in Brazil. Interdisciplinaria, v. 3 n. 2, p. 207-213, 1982.

BIAGGIO, A. M. B. Lawrence Kohlberg: ética e educação moral. São Paulo: Moderna, 2002.

BIAGGIO, A. M. B. Pesquisas em psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1984.

BIAGGIO, A. M. B. Psicologia do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1975.

BIAGGIO, A. M. B. Psychology in Brazil. In: GILGEN, A. R.; GILGEN, C. K. (Eds.). International handbook of psychology. New York, NY: Greenwood Press, 1987. p. 79-96.

BIAGGIO, A. M. B. Universalismo e relativismo no julgamento moral. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 12, n. 1, p.5-19, 1999.

BIAGGIO, A. M. B.; ANANDALAKSHMY, S. Manutenção da ordem moral: uma perspectiva transcultural. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 21, n. 4, p. 9-18, 1969.

BIAGGIO, A. M. B; SOUZA, L. K. Atitudes em relação à paz, à guerra e à violência em jovens de cinco cidades brasileiras. Revista do Departamento de Psicologia da UFF, v. 13, n. 2, p. 65-82, 2002.

Referências

GOMES, W. B.; SILVA, A. da. C.; GAUER, G. Pesquisa e pós-graduação stricto sensu. In: GOMES, W. B. (Org.). Psicologia no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: MuseuPsi, 2006. Cap. 10. Disponível em: http://www.ufrgs.br/museupsi/PSI-RS/Chap10.htm. Acesso em: 15 jul. 2015.

William Barbosa Gomes



BICUDO, Virgínia Leone
(1915-2003)

Natural de São Paulo, SP, Virgínia Leone Bicudo foi a primeira candidata a psicanalista não médica no Brasil. Professora normalista, em 1930; Educadora sanitária, pelo Instituto de Higiene e Saúde da Universidade de São Paulo, em 1932; bacharela em Ciências Sociais, pela Escola de Sociologia e Política, em 1945. Iniciou sua carreira, em 1932, como Educadora sanitária, pelo Instituto de Higiene Pública de São Paulo.

Contratada, em 1933, pela diretoria do Serviço de Saúde Escolar, passou a trabalhar na Seção de Higiene Mental Escolar, dirigida por Durval Marcondes, onde exerceu a "função de 'visitadora psiquiátrica social', correspondente próxima do que, mais tarde, passou a ser a profissão de psicólogo" (Sagawa, 1996, p. 103). Tornou-se a primeira mulher a pleitear a formação em Psicanálise na América Latina, iniciando sua análise didática em 1937 com a Dra. Adelheid Lucy Koch (1896-1980), passou a membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), em 1945, e a analista didata, em 1955. Foi uma das fundadoras do primeiro núcleo psicanalítico da América Latina, o Grupo Psicanalítico de São Paulo, constituído oficialmente em 5 de junho de 1944, com a Dra. Adelheid Koch, Dr. Durval Bellergarde Marcondes, Dr. Flávio Rodrigues Dias, Dr. Darcy de Mendonça Uchôa e Frank Philips.

Viaja para Londres e ingressa na formação do Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica, de 1955 a 1960; faz análise didática com Frank Philips e supervisão com a Dra. Esther Bick. Participa de várias atividades de um curso para psicólogos na Tavistock Clinic, de 1955 a 1957. Quando volta a São Paulo, em 1960, ocupa-se de duas grandes tarefas: formar analistas e difundir a Psicanálise. Assumiu a presidência da segunda Diretoria do Instituto de Psicanálise, em 1962, permanecendo até 1975, através de sucessivas reeleições. Devido à formação não médica, exerceu forte influência na admissão de candidatos, não exclusivamente médicos, na SBPSP.

O seu empenho na difusão da Psicanálise no Brasil, através da grande imprensa, está particularmente registrado num livro publicado sob o título Nosso mundo mental, criado a partir de um programa semanal na Rádio Excelsior. Em 1951, passou a ocupar uma seção fixa de página inteira, aos domingos, na Folha da Manhã, sob o mesmo título. Foi Diretora Editorial da Revista Brasileira de Psicanálise, da qual participou em cargos diferentes de 1967 a 1979. Foi professora contratada na cadeira de Psicologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; professora Chefe do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e professora na Escola de Sociologia e Política. Outra importante contribuição de Virgínia Bicudo foi o trabalho de introdução à análise de crianças e formação de analistas, feito com Lygia Alcântara Amaral, no Instituto de Psicanálise de São Paulo. Pioneira da Psicanálise em São Paulo, foi também uma desbravadora, com ideias arrojadas e politizadas sobre a função social do psicanalista.

Publicações

BICUDO, V. L. Características da produção psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Correio Fepal – Federação Psicanalítica da América Latina, São Paulo, 1987.

BICUDO, V. L. Contribuição para a história do desenvolvimento da Psicanálise em São Paulo. Arquivos de Neuropsiquiatria, São Paulo, v. 6, n. 1, 1948.

BICUDO, V. L. Memória e fatos. Revista IDE, São Paulo, n.18, 1989.

BICUDO, V. L. Nosso mundo mental. Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1956.

BICUDO, V. L. O Conselho Regional de Psicologia homenageia Durval Marcondes. Alter, Brasília, v. 8, n. 2, 1978.

BICUDO, V. L. O Instituto de Psicanálise: órgão de ensino da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Alter, Brasília, v. 6, n. 3, 1976.

Referências

BARCELOS, R. Algumas anotações biográficas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. São Paulo, 1976. Mimeografado.

BICUDO, V. L. Depoimento. São Paulo, 29 set. 1989. 1 cassete (90 min): VHS. Depoimento concedido a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo para elaboração do Projeto Memória.

CARVALHO, C. Á. de. Os psiconautas do Atlântico Sul: uma etnografia da psicanálise. Campinas: UNICAMP, 1998.

ENTREVISTA com Virgínia Bicudo. Alter, Brasília, v. 15, n. 1, 1996.

GALVÃO, L. A. P. Notas para a história da psicanálise em São Paulo. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 1, n. 1, 1967.

NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

OLIVEIRA, C. L. M. V. de. A implantação do movimento psicanalítico na cidade de São Paulo. 2000. Texto debatido em um dos grupos dos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em: http://www.geocities.com/HotSprings/ Villa/3170/CarmenLuciaValadares.htm. Acesso em: 10 fev. 2001.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAGAWA, R. Y. A construção local da psicanálise. Marília: Ed. Interior/ Psicanálise, 1996.

SAGAWA, R. Y. A história da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da Psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

SAGAWA, R. Y. A psicanálise pioneira e os pioneiros da Psicanálise em São Paulo. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). Cultura da psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SAGAWA, R. Y. Os inconscientes no divã da história. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SAGAWA, R. Y. Redescobrir as psicanálises. São Paulo: Lemos, 1992.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo farrapos: a trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO. Arquivos. São Paulo, [19 - -].

Marina Massimi

BLAY NETO, Bernardo
(1918-1993)

Médico psiquiatra e psicanalista, natural de São Paulo. Forma-se em Medicina na Universidade de São Paulo (USP), em 1944, e prossegue sua formação em Clínica Médica na Santa Casa de São Paulo.

Em 1948, passa a ser assistente de neurologia do Hospital das Clínicas da USP. No início de 1950, começa sua formação em Psicanálise na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e faz sua primeira análise pessoal com a Dra. Adelheid Koch. Em 1953, torna-se um dos primeiros psicanalistas, ao lado de Lygia Amaral, a se interessar pela psicoterapia de grupo no Brasil. Realiza, no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, as primeiras tentativas de tratamento psicológico em grupo de pacientes psicóticos, com recursos de técnicas psicodramáticas.

Trabalhou também, de forma inovadora, utilizando técnicas de grupo, com pacientes surdos-mudos e com alcoólatras. Ficou reconhecido como um dos pioneiros da terapia de casais no Brasil. Psicanalista didata da SBPSP, encaminhou-se cada vez mais para o trabalho analítico com grupos, no início de 1960. Foi fundador da Federação Latino-Americana de Psicoterapia de Grupo, presidente da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo e vice-presidente da International Group Psychotherapy Association.

Professor de Psicanálise do Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, logo no início da década de 1960, ensina e divulga a Psicanálise, ininterruptamente, a estudantes de Psicologia, por mais de 30 anos. A partir de 1971, com a criação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e até a sua morte, permanece no cargo de professor do Departamento de Psicodinâmica, onde leciona temas kleinianos e bionianos utilizando técnicas grupais, sempre com um estilo muito próprio, transmitindo conceitos psicanalíticos com base nos instigantes diálogos apoiados na experiência emocional de cada um dos alunos. Morre de forma trágica e inesperada, em 14 de janeiro de 1993, no seu consultório.

Publicações

BLAY NETO, B. Minha vida e minhas vivências: contribuições práticas em torno de um longo aprendizado. In: COMO eu faço psicoterapia. São Paulo: Grupo de Estudos Psiquiátricos do Hospital do Servidor Público Estadual/ Typus, 1995.

BLAY NETO, B. O grupo como um todo: um enfoque psicanalítico. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 3, n. 3/4, p. 416-423, 1969.

Referências

LEVISKY, R. B. Homenagem póstuma ao nosso querido amigo e colega Bernardo Blay Neto. In: JORNADA Paulista de Psicoterapia Analítica de Grupo, 11; 1993, Valinhos, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n.], 1993.

Nelson Ernesto Coelho Júnior



BOMFIM, Manoel
(1868-1932)

Nasceu em Sergipe. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1890. Em 1898, ingressou no magistério, lecionando Educação Moral e Cívica na Escola Normal do Rio de Janeiro, na qual assumiu logo depois a cátedra de Pedagogia e Psicologia. Em 1902, foi a Paris com a finalidade de desenvolver seus estudos em Psicologia, tendo frequentado o Laboratório de Psicologia anexo à Clínica Jouffroy, em Saint'Anne, e estudado com Georges Dumas e Alfred Binet, com quem planejou a instalação do primeiro Laboratório de Psicologia brasileiro, instalado, em 1906, no Pedagogium, do qual foi diretor por quinze anos; há poucas informações sobre a produção desse laboratório, embora suas atividades sejam citadas nas obras publicadas pelo autor.

De volta ao Brasil, foi nomeado diretor da Instrução Pública. Autor de vasta obra, escreveu sobre História do Brasil e da América Latina, Sociologia, Medicina, Zoologia e Botânica, além de vários livros didáticos, dos quais alguns de Língua Portuguesa, em coautoria com Olavo Bilac; em Psicologia e Educação escreveu Lições de pedagogia (1915) e Noções de psychologia (1916), obras utilizadas como suporte para suas aulas na Escola Normal; Pensar e dizer: estudo do symbolo no pensamento e na linguagem (1923), obra em que demonstra vasta cultura geral e domínio das mais importantes correntes de Psicologia na época; O methodo dos testes (1926) e Cultura e educação do povo brasileiro (1932), além de outras publicações como: Crítica à Escola Activa, O fato psychico, Clinica psychiatrica: das alucinações auditivas do perseguido e O respeito à criança.

Sua obra escrita revela um pensador original e não articulado às ideias correntes na época; sua interpretação de Brasil apoia-se na análise histórica da colonização empreendida pela metrópole, na exploração e na espoliação das riquezas brasileiras, com consequências sobre as condições culturais do povo; assim, defende a expansão da educação pública como meio privilegiado para a construção de uma sociedade democrática, calcada na liberdade, que só poderia ser atingida pelo acesso de todos ao saber. Suas concepções de Psicologia, fenômeno psicológico e método para seu estudo, também segue caminho diverso do corrente na época. Considera o fenômeno psicológico como eminentemente histórico-social, constituído nas relações entre consciências, mediatizadas pela linguagem, compreendida como produto e meio da socialização. Crítica a pesquisa realizada em laboratório, considerando que a complexidade do psiquismo não seria passível de ser apreendida em condições tão restritas e artificiais; propõe o método interpretativo para o estudo do psiquismo, baseado no estudo das múltiplas manifestações humanas, no qual deveria ser incluído o estudo da história forjada pela humanidade ao longo do tempo, expressão maior da inteligência e fonte para sua compreensão.

É possível dizer que Bomfim antecipou algumas ideias posteriormente correntes na Psicologia, como as de Vigotski e Piaget, assim como teria antecipado as ideias de Ernst Bloch e Antonio Gramsci em sua interpretação da sociedade. Entretanto, Bomfim permaneceu "esquecido" na historiografia brasileira, fenômeno esse que

pode ser parcialmente explicado por suas diferenças e contraposição aos pensamentos hegemônicos da época.

Publicações

BOMFIM, M. Clínica psychiatrica: das alucinações auditivas do perseguido. São Paulo: Typ. Espindola, 1904.

BOMFIM, M. Crítica à escola ativa. A Academia, 1929.

BOMFIM, M. Cultura e educação do povo brasileiro. Rio de Janeiro: [Pongetti, 1932].

BOMFIM, M. Lições de pedagogia. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926.

BOMFIM, M. Noções de psychologia. Rio de Janeiro: Livraria Escolar, 1916.

BOMFIM, M. O fato psíquico, objeto da psicologia: introdução a um curso de psicologia. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1904.

BOMFIM, M. O método dos testes: com aplicações à linguagem do ensino primário. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928.

BOMFIM, M. O respeito à criança: discurso pronunciado na solenidade de entrega às normalistas de 1905. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto profissional, 1906.

BOMFIM, M. Pensar e dizer: estudo do symbolo no pensamento e na linguagem. Rio de Janeiro: Casa Electros, 1923.

Referências

ANTUNES, M. A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890 - 1930): uma contribuição aos estudos em história da Psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

CABRAL, A. C. M. A Psicologia no Brasil. Psicologia – Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51, 1950.

LOURENÇO FILHO, M. B. A Psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 41-53, set. 1971.

PENNA, A. G. Apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da Psicologia na cidade do Rio de Janeiro. In: TEXTOS do Centro de Pós-graduação em Psicologia. Rio de Janeiro: ISOP-FGV, 1985.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-14, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia no Brasil. In: Quem é o psicólogo Brasileiro. São Paulo: Edicon/CFP, 1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Org.). História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979. v. 3. p. 235-276.

RIBEIRO, D. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BOMFIM, M. A América Latina: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

Mitsuko Aparecida Makino Antunes

BONOW, Iva Waisberg
(1913-1997)

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Licenciou-se em Filosofia na primeira e única turma formada pela Universidade do Distrito Federal. Diplomou-se em fevereiro de 1938 e passou a exercer o magistério no Colégio Pedro II e no Colégio Universitário, lecionando Psicologia.

Em 1943, tornou-se professora catedrática de Psicologia do Instituto de Educação. A disciplina era oferecida nos três anos de duração do curso de formação de professores primários. Por algum tempo, trabalhou no Colégio Andrews, onde fundou e dirigiu o Serviço de Orientação Educacional.

Em 1954, publicou o livro Elementos de psicologia, prefaciado pelo professor Lourenço Filho e editado pela Melhoramentos, integrando a coleção Biblioteca de Educação, organizada e dirigida pelo próprio professor Lourenço Filho. O sucesso desse texto foi imenso, dele produzindo-se nove edições até 1967. Publicou, também, o Manual de trabalhos práticos de psicologia educacional, em 1966, na condição de coordenadora e coautora e, ainda, como coautora, o livro Psicologia educacional, editado em 1964. Desde 1956, dedicava-se a uma tarefa empolgante: a de coordenadora geral da tradução, adaptação e ampliação da edição brasileira da Enciclopédia Delta Larousse, obra em 15 volumes, da qual saíram duas edições: a primeira em março de 1960, e a segunda, revista e atualizada, em 1964. A estas se seguiram três anuários, respectivamente, de 1965, 1966 e 1967.

Publicações

BONOW, I. W. (Coord.). Manual de trabalhos práticos de psicologia educacional. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966. 332 p. (Atualidades Pedagógicas, 87).

BONOW, I. W. (Coord.). Psicologia educacional. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1964.

BONOW, I. W. Elementos de psicologia. São Paulo: Melhoramentos, 1954. (Biblioteca de Educação).

BONOW, I. W. Problemas do magistério primário no (antigo) Distrito Federal. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 30, n. 71, p. 136-141, jul./set. 1958.

Antonio Gomes Penna
Ruy Lourenço Filho

BONTEMPO, José Maria
(1774-1843)

Nasceu na segunda metade do século XVIII. Formou-se provavelmente em Coimbra. É considerado o primeiro professor de Farmácia do Brasil, tendo lecionado desde a fundação, em 1809, da Escola de Medicina do Rio de Janeiro (fundada por D. João VI). É autor do primeiro livro da Escola – Compêndio de matéria médica, publicado em 1814. Além deste livro, publicou mais três (Compêndios de medicina prática feitos por ordem de sua Alteza Real, 1815; Plano de Academia Médico Cirúrgica, 1825; Trabalhos médicos oferecidos à Majestade D. Pedro I, 1825), que discorrem sobre alguns conceitos e patologias da Psiquiatria da época, como loucura e histeria.

É considerado um autor de inspiração materialista, de acordo com a teoria de Cullen (1785), pois admite uma continuidade entre a sensibilidade e as faculdades intelectuais, sendo a sensibilidade considerada a característica fundamental do ser humano. Há também, nessas obras, uma classificação detalhada das ditas "moléstias nervosas". Diante de determinados casos (por exemplo, os de ninfomania), o autor atribui ao médico a tarefa de desvelar a verdade ocultada no sujeito, através da interpretação dos discursos, comportamentos e linguagem, à semelhança das funções do psicólogo em nossos dias.

Publicações

BONTEMPO, J. M. Compêndio de matéria médica. [S.l. : s.n.], 1814.

BONTEMPO, J. M. Compêndios de medicina prática feitos por ordem de sua Alteza Real. [S.l.: s.n.], 1815.

BONTEMPO, J. M. Plano de Academia Médico Cirúrgica. [S.l. : s. n.], 1825.

BONTEMPO, J. M. Trabalhos médicos oferecidos à Majestade D. Pedro I. [S.l. : s.n.], 1825.

Referências

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Michele Candiani
Marina Massimi



BORI, Carolina Martuscelli
(1924-2004)

Natural de São Paulo (SP), onde nasceu em 4 de Janeiro de 1924 e faleceu em 4 de outubro de 2004. Expressiva personalidade da Psicologia brasileira, notabilizou-se por sua atuação no fortalecimento da pesquisa científica e na introdução da Análise Experimental do Comportamento no Brasil. Sua formação superior iniciou-se na Universidade de São Paulo (USP), onde se licenciou em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), em 1947. Em 1948, foi contratada pela USP como Professora Assistente de Psicologia. Obteve o grau de Mestre, em 1952, na Graduate School of the New School for Social Research, em Nova York. Doutorou-se em Psicologia pela FFCL-USP, sob a orientação de Annita de Castilho e Marcondes Cabral, em 1954.

Sua carreira desenvolveu-se entre a Psicologia, a Educação, a ciência em geral e a política científica. É inestimável sua contribuição na formação de mestres e doutores, os quais hoje são professores e pesquisadores em Psicologia, em programação de ensino e em ensino de ciências espalhados pelo País. Carolina participou da implantação da Psicologia Experimental na USP, em Rio Claro, e nas universidades federais de São Carlos, da Bahia, do Pará e do Rio Grande do Norte. Integrou o grupo de professores que participou, com Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, da fundação da Universidade de Brasília (UnB), onde coordenou o Instituto de Psicologia e criou o laboratório de Psicologia Experimental (de 1963 a 1965). Na UnB, participou do desenvolvimento do sistema de instrução personalizada – método Keller.

Participou da regulamentação da profissão de psicólogo e do estabelecimento do primeiro currículo mínimo para a formação de psicólogos (1962). Presidiu ou participou de diretorias de sociedades científicas, como a Associação Brasileira de Psicologia, a Sociedade de Psicologia de São Paulo, a Associação de Modificação do Comportamento e a Sociedade Brasileira de Psicologia. Foi fundadora e presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, como também da Associação de Docentes da USP. Presidiu a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) (de 1986 a 1989), sendo a primeira mulher a ocupar tal posição.

No período da ditadura militar, Carolina contribuiu de forma significativa, através das associações científicas e de classe, para o engajamento da comunidade acadêmica com as grandes questões políticas e sociais e com a restauração da democracia. Sua preocupação em "diminuir a distância entre o conhecimento gerado na academia e o que chega à população" traduziu-se no incentivo, na SBPC, às atividades de divulgação científica, como programas de rádio e conferências por todo o país na década de 1980. Com o mesmo espírito, participou da criação e do desenvolvimento do FUNBEC, do Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciência (IBEC), da Associação Interciência e da Estação Ciência, em São Paulo. Recebeu, na década de 1990, homenagens e títulos honoríficos de universidades brasileiras e de associações científicas, como a SBPC e a American Psychological Association. Foi a primeira mulher a receber o título de Doutora Honoris Causa da UnB. Foi professora emérita da USP. Aposentada, não abdicou de sua carreira, tendo

participado da Comissão de Especialistas de Ensino de Psicologia – Ministério da Educação, e continuou a atuar no Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da USP e no IBEC.

Publicações

BORI, C. M. A 38ª reunião anual. [Editorial]. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 38, n. 6, p. 951,1986.

BORI, C. M. Aparelhos e o laboratório de Psicologia. Jornal Brasileiro de Psicologia, v. 1, n. 1, p. 61-65, 1964.

BORI, C. M. As novas diretrizes curriculares para os cursos de psicologia no Brasil: impactos sobre a formação. In: CONGRESSO Norte Nordeste de Psicologia, 2., 2001, Salvador. Anais... Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2001.

BORI, C. M. Carolina Bori recebe título de professor emérito. [Entrevista]. Jornal da USP, São Paulo, 26 out. 1994, p. 8, 1994.

BORI, C. M. Chapters in the life of Fred S. Keller. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 12, n. 3, p. 189-190, 2000.

BORI, C. M. Como o laboratório de psicologia estuda a expressão da personalidade. Boletim de Psicologia, n. 25, 26 e 27, p. 7-26, 1956.

BORI, C. M. Criança e conhecimento e a questão da aprendizagem. In: REUNIÃO Anual de Psicologia, 21., 1991, Ribeirão Preto. Anais (Comunicações)... Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1991. 288 p.

BORI, C. M. Discurso inaugural da quadragésima primeira reunião anual da SBPC. Ciência e Cultura, [S.l.], v. 41, n. 10, p. 1024-5, 1989.

BORI, C. M. Duração de componentes e taxa relativa a reforços em esquemas concorrentes de reforçamento. In: REUNIÃO Anual de Psicologia, 16., 1986, Ribeirão Preto. Programa e resumos. Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1986. 124 p.

BORI, C. M. et al. (Coord.). Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/ texto/me000072.pdf. Acesso em: 05 maio 2015.

BORI, C. M. et al. Concurso lembra teste com ratos, diz psicóloga. Folha de São Paulo, São Paulo, caderno 4, p. 4, 1993.

BORI, C. M. Experimentos de interrupção de tarefa e a teoria de motivação de Kurt Lewin. São Paulo: [s.n.], 1959. 174 p.

BORI, C. M. Famílias de categorias baixa e média de status social de centros urbanos: caracterização das relações formais e informais dos membros e do papel social dos cônjuges. São Paulo: [s.n.], 1969. 158 p.

BORI, C. M. O papel do experimentador e do sujeito na situação experimental. Boletim de Psicologia, v. 5, p. 9-17, 1953.

BORI, C. M. Pesquisa e a base do conhecimento. [Entrevista]. Jornal do CRP-6, [S.l.], 01 nov., p. 3-4, 1994.

BORI, C. M. Relações emergentes entre estímulos e suas aplicações ao ensino de leitura, escrita e matemática: notas para uma avaliação. In: SIMPÓSIO Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico. 8., 2000, Serra Negra. Anais... Serra Negra: ANPEPP/PUC-Campinas, 2000. 156 p.

BORI, C. M. SBPC, ciência e tecnologia. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 211, 1989.

BORI, C. M. Trajetória de três propostas de formação do psicólogo. In: REUNIÃO Anual de Psicologia, 28., 1998, Ribeirão Preto. Resumos... Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1998. 42 p.

BORI, C. M. Um curso de estatística aplicada à experimentação psicológica. Ciência e Cultura, [S.l.], n. 18, 19, 20, p. 18 – 21, 1954.

BORI, C. M.; DIAS, T. R. S. Proposta de um procedimento para identificar funções relativas de eventos quantitativamente diferentes. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 39, n. 7, supl., p. 892, 1987.

BORI, C. M.; TODOROV, J. C.; SOUZA, D. G. Momentary maximizing in concurrent schedules with a minimum interchange over interval. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, Bloomington, v. 60, n. 2, p. 415-435, 1993.

BORI, C. M.; ZANNON, C. M. L. C. SBP, 1972: relato do Plano Brasília por Fred S. Keller. Psicologia: Teoria e Pesquisa, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 191-192, 1996.

DIAS, T. R. S.; BORI, C. M. Proposta de um procedimento para identificar funções relativas de eventos qualitativamente diferentes. Ciência e Cultura, Brasília, DF, v. 39, n. 7, supl. p. 892, 1987.

FREITAS, L. C.; BORI, C. M. Delineamentos de pesquisa em análise do comportamento aplicada à educação. Ciência e Cultura, Brasília, DF, v. 39, n. 7, supl. p. 888-9, 1987.

HOLLAND, J. G.; SKINNER, B. F.; AZZI, R. (Trad.).; BORI, C. M. (Colab.). A análise do comportamento. São Paulo: EPU, 2004. 174 p.

LANE, S. T. M. et al. Filosofia da pós-graduação. In: SIMPÓSIO Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico, 4., 1992, Brasília, DF. Anais... Brasília, DF: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1992. p. 57-60.

MARQUES, A. P.; BORI, C. M. Reeducação postural global um programa de ensino para a formação do fisioterapeuta. In: REUNIÃO Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, 25., 1995, Ribeirão Preto. Programa e resumos. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia de Ribeirão Preto, 1995. p. 457.

MARTUSCELLI, C. Desenho no estudo da personalidade: a prova de desenho da figura humana. Boletim de Psicologia, [S.l.], n. 21, 22, 23 e 24, p. 59-62, 1955.

MARTUSCELLI, C. Estudo psicológico do grupo. In: QUEIROZ, M. I. P. et al. Estudos de sociologia e história. São Paulo: Ed. Anhembi, 1957. p. 84-125.

MARTUSCELLI, C. Experimentos de interrupção de tarefas e a teoria de motivação de Kurt Lewin. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1959.

MARTUSCELLI, C. Percepção e arte. Boletim de Psicologia, [S.l.], v. 35 e 36, p. 101, 1958.

MARTUSCELLI, C. Uma pesquisa sobre aceitação de grupos nacionais, "raciais" e regionais em São Paulo. Boletim CXIX, Psicologia, São Paulo, n. 3, 1950.

TODOROV, J. C.; SOUZA, D. G.; BORI, C. M. Momentary maximizing in concurrent schedules with a minimum interchanger interval. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, [S.l.], v. 60, n. 2, p. 415-35, 1993.

ZANNON, C. M. L. C.; BORI, C. M. SBP 1972 relato do Plano Brasília por Fred S. Keller. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 12, n. 3, p. 191-192, 1996.

Referências

AB'SABER, A. N. Carolina Bori: a essência de um perfil. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 37-39, 1998.

ADES, C. Lembranças a respeito de Carolina: 1968. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n.1, p. 71-77, 1998.

ALMEIDA, A. M.; et al. Carolina Bori, psicologia e ciência no Brasil. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 25-30, 1998.

ALMEIDA, A. M.; et al. Produção na universidade: os frutos da pós-graduação. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 269-273, 1998.

BORGES, M. M. Carolina Martuscelli Bori e a UnB. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 101-104, 1998.

BORI, C. M. Entrevista. In: SBPB, Cientistas do Brasil: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998.

Entrevista concedida a Maria Amélia Matos e Vera Rita da Costa.

CANDOTTI, E. Carolina em 20 anos. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 211-215, 1998.

CARVALHO, M. C. C. de; MORAES, E. S. D. Carolina Bori e a criação do curso de Psicologia na UFBA. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 109-111, 1998.

CUNHA, W. H. de A. Carolina Martuscelli Bori e a Psicologia na USP. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 49-60, 1998.

DACHEMBERG, H. B. Dona Carolina. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 261-267, 1998.

ENGELMANN, A. Carolina Martuscelli Bori. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 61-65, 1998.

FEITOSA, M. A. G. Carolina Bori recebe o título de Doutora Honoris Causa na Universidade de Brasília. Brasília, DF, 27 out. 2000. Apresentação feita em sessão especial do Conselho Universitário da Universidade de Brasília.

FERNANDES, A. M. A construção da ciência no Brasil e a SBPC. Brasília, DF: Universidade de Brasília/ANPCS/ CNPq, 1990.

GOLDEMBERG, J. Sobre Carolina Bori. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p.199, 1998.

JARDIM, J. B. Carolina em Belo Horizonte. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 117-120, 1998.

LAGOA, V. Aprendendo a compreender minha ação numa pré-escola montessoriana. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 173-179, 1998.

MATOS, M. A. Carolina Bori: a psicologia brasileira como missão. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 67-70, 1998.

MATOS, M. A. Contingências para a análise do comportamento no Brasil. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 89-100, 1998.

MENEZES, L. C. Além da ciência. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 161-162, 1998.

NALE, N. Programação de ensino no Brasil: o papel de Carolina Bori. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 275-301, 1998.

ORMASTRONI, M. J. S. Será que eu contei tudo? Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 133-135, 1998.

PACHECO FILHO, R. A. A influência de Carolina Bori no CENAFOR: uma semente que germinou. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 163-171, 1998.

SOARES, V. Professora Carolina Bori. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 145-147, 1998.

SOUZA, D. das G. O percurso de uma nova área de pesquisa na UFSCAR. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 121-129, 1998.

STAMIROWSKI, O. L. Prolegômenos ao conhecimento de uma Carolina Bori. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 251-260, 1998.

TASSARA, E. T. de O. Carolina Bori: a abertura de novos espaços. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 153- 154, 1998.

TUNES, E.; SIMÃO, L. M. Sobre análise do relato verbal. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 303-324, 1998.

Mariza Monteiro Borges



BRANDÃO, João Carlos Teixeira *(1854-1921)*

Diplomou-se em Medicina em 1877. Influenciado pela psiquiatria francesa, lançou os primeiros fundamentos da assistência psiquiátrica no Rio de Janeiro. Concursado, ocupou a primeira cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas criada no Brasil, em 1881. Assumiu o cargo de diretor do Hospício Pedro II, em 1883. Em 1890, após a Proclamação da República, o Hospício foi desanexado da Santa Casa de Misericórdia, com o seu nome alterado para Hospício Nacional dos Alienados, passando a integrar a Assistência Médico-Legal a Alienados, que englobaria as Colônias de Mesquita e São Bento, na Ilha do Governador. Seus trabalhos tiveram alcance internacional. Representou o Brasil no Congresso Internacional de Antropologia Criminal, realizado em Bruxelas, em 1892, e foi ainda conferencista na Sociedade Médico-Psicológica de Paris.

Insistiu, junto aos políticos, na reforma da assistência psiquiátrica no Brasil, sempre chamando a atenção para os maus-tratos dispensados aos doentes mentais. Em 1901, deixou suas atividades na Faculdade de Medicina e foi eleito deputado federal, tendo sido reeleito várias vezes. Na Faculdade de Medicina, foi substituído por Marcio Nery e depois por Henrique Roxo. Em 1903, Juliano Moreira substituiu Teixeira Brandão na direção do Hospício. Entre seus trabalhos, destacam-se: Desétablissements d'alienés au Bresil (1884); Alienados do Brasil (1886); Assistência aos alienados (1889); Elementos fundamentais de psiquiatria clínica e forense (1918).

Publicações

BRANDÃO, J. C. T. Alienados do Brasil. [S.l.: s.n.], 1886.

BRANDÃO, J. C. T. Assistência aos alienados. [S.l.: s.n.], 1889.

BRANDÃO, J. C. T. Desétablissements d'alienés au Bresil. [S.l.: s.n.], 1884.

BRANDÃO, J. C. T. Elementos fundamentais de psiquiatria clínica e forense. [S.l.: s.n.], 1918.

Referências

RIBAS, J. C. Teixeira Brandão nos primórdios da assistência psiquiátrica brasileira. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 6, n. 2, p. 39, jun. 1977.

UCHOA, D. M. Organização da psiquiatria no Brasil. São Paulo: Sarvier, 1981.

André Luis Masiero



BRASIL, Maria Auxiliadora de Souza *(1928-2022)*

Natural de Barbacena, Minas Gerais. Bacharel, licenciada em Pedagogia (1955); Doutora em Pedagogia, com a tese em Psicologia Educacional (1962); Docente Livre em Psicologia Educacional (1963) e Professora Titular de Psicologia da Personalidade, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (1974). Fez o curso de Psicologia Experimental (1956) com o professor André Rey, no Instituto Superior de Ensino Rural (ISER), e formou-se em Psicanálise (1969), no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. É filiada ao Círculo Vienense de Psicologia Profunda.

Fundou, em 1963, o curso de Psicologia da UFMG, juntamente com os professores Galeno Procópio de Alvarenga e Pedro Parafita de Bessa. Realizou importantes pesquisas nessa Universidade, como professora, na Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica (FEAP) (hoje Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais - FHEMIG) e na Secretaria de Estado da Educação, como psicóloga. Essas pesquisas deram origem a suas teses: Da necessidade e da possibilidade da aplicação da psicologia à educação (1962); Da problemática da adolescência (1963); Da personalização e da sintalização progressivas (1973).

Sua produção científica acrescida da sua experiência pessoal e profissional como professora, pesquisadora e psicóloga clínica (desde 1962), fundamentaram a elaboração original da Técnica Psicoterapêutica Analítico-fenomenológico-existencial e da Teoria Psicoterapêutica de mesmo nome, dela decorrente.

A Teoria Psicoterapêutica Analítico-fenome nológico-existencial é uma exegese hermenêutica do dado analisando-analista ao nível ôntico-antropológico, um corpo coerente e formalizado de conhecimentos sobre o ser humano e sobre o grupo humano. Combina o estudo das teorias científicas com os sistemas lógicos ou matemáticos (empirismo) e com os "estudos de caso" de cada teoria descritos, segundo seus próprios modos (análise do discurso), com vistas à visão esotérica, interior, do ser-no-mundo.

Descreve, explica e acompanha o desenvolvimento normal e patológico do ser humano e do grupo humano em função da lei geral da harmonização e das leis particulares do campo vivencial, da percepção, da emoção, da inteligência, da consciência, da moralidade, da sexualidade, da religiosidade, da personalidade e da sintalidade, sob o primado da lei operacional da aprendizagem.

A Teoria é realista, no sentido de que proporciona uma descrição das entidades por ela postuladas; é formalista, porque é uma ferramenta conceitual útil; e é reducionista, porque não postula diferença de natureza entre as teorias das ciências naturais e das ciências sociais, uma vez que as segundas se reduzem às primeiras que, por sua vez, são explicáveis por elas, na qualidade de fenômenos sociais e históricos.

Os termos da Teoria, quer observacionais, teóricos e formais, procuram servir à descrição, o autêntico método da ciência (termos empíricos), à explicação, especulação ilegítima sobre as causas últimas (termos hipotéticos), e à compreensão, método típico das ciências do espírito, que tratam do sentido da vida (ampliação da utilização dos termos hipotéticos).

A Técnica Psicoterapêutica Analítico-fenomenológico-existencial indica um caminho seguro para que o indivíduo e o grupo, afastados da harmonização consigo mesmos e com o todo universal, possam procurar conhecer as origens das suas vivências que fornecem material para seus raciocínios distorcidos, e reformular suas deduções e induções tendenciosas.

As obras completas da autora estão organizadas em duas coleções bilíngues publicadas pela Fundação Souza Brasil (www.fsb.org.br), instituição criada com o objetivo de difundir as contribuições da Dra. Maria Auxiliadora de Souza Brasil para o desenvolvimento das Ciências Humanas e formar profissionais especialistas na Técnica Psicoterapêutica Analítico-fenomenológico-existencial. A coleção Surge uma aurora é uma trilogia que compreende o estudo analítico-fenomenológico-existencial das religiões, das filosofias e da ciência sobre o ser humano, a Teoria Psicoterapêutica Analítico-fenomenológico-existencial. A coleção Uma luz no caminho reúne oito livros que versam sobre os temas autoconhecimento, sexo, adultez, utopia, alienação, simbolização e mística sob a ótica analítico-fenomenológico-existencial, culminando com o testamento da autora como educadora.

Publicações

BRASIL, M. A. de S. A trilogia: ciência: da psicoterapia analítico-fenomenológico-existencial: fundamentos = The trilogy: science: on analitical-phenomenological-existencial psycotherapy: the fundaments. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil. 2014. 468 p. v. 1. (Surge uma Aurora, 3).

BRASIL, M. A. de S. A trilogia: ciência: da psicoterapia analítico-fenomenológico-existencial: a teoria = The trilogy: science: on analitical-phenomenological-existencial psycotherapy: the theory. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2009. 512 p. v. 2. (Surge uma Aurora, 4).

BRASIL, M. A. de S. A trilogia: ciência: da psicoterapia analítico-fenomenológico-existencial: a técnica – The trilogy: science: on analitical-phenomenological-existencial psycotherapy: the technique. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil. 2008. 512 p. v. 3. (Surge uma Aurora, 5).

BRASIL, M. A. de S. A trilogia: ciência: da psicoterapia analítico-fenomenológico-existencial: a simbolização – The trilogy: science: on analitical-phenomenological-existencial psycotherapy: simbolization. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil. 2010. 328 p. v. 4. (Surge uma Aurora, 6).

BRASIL, M. A. de S. A trilogia: ciência: da psicoterapia analítico-fenomenológico-existencial: equipo técnico – The trilogy: science: on analitical-phenomenological-existencial psycotherapy: technical kit. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2011. v. 5. (Surge uma Aurora, 7).

BRASIL, M. A. de S. A trilogia: filosofia: a metateoria do conhecimento filosófico – The trilogy: philosophy: the metatheory of philosophical knowledge. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2013. 252 p. (Surge uma Aurora, 2).

BRASIL, M. A. de S. A trilogia: religião: o novíssimo testamento – The trilogy: religion: the newest testament. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil. 2012. 152 p. (Surge uma Aurora, 1).

BRASIL, M. A. de S. Da necessidade e da possibilidade da aplicação da psicologia à educação. Belo Horizonte: Gráfica da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, 1962. 199 p.

BRASIL, M. A. de S. Da personalização e da sintalização progressivas. Belo Horizonte: [s.n.], 1973. 145 p.

BRASIL, M. A. de S. Da problemática da adolescência. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963. 145 p.

BRASIL, M. A. de S. Psicologia I: curso de psicologia da personalidade, direções de estudo teórico. Belo Horizonte: Livraria Lê, 1971. 153 p.

BRASIL, M. A. de S. Psicologia II: curso de psicologia da personalidade, direções de estudo prático. Belo Horizonte: Livraria Lê, 1972. 164 p.

BRASIL, M. A. de S. Psicologia III: curso de psicologia da personalidade, procedimentos didático-terapêuticos. Belo Horizonte: Livraria Lê, 1973b. 163 p.

BRASIL, M. A. de S. Vida e adultez – Life and adulthood. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2008a. 88 p. (Uma luz no caminho, 3).

BRASIL, M. A. de S. Vida e alienação – Life and alienation. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2010a. 112 p. (Uma luz no caminho, 5).

BRASIL, M. A. de S. Vida e autoconhecimento – Life and self-knowledge. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2012a. 148 p. (Uma luz no caminho, 1).

BRASIL, M. A. de S. Vida e mística – Life and mysticism. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2011b. 120 p. (Uma luz no caminho, 7).

BRASIL, M. A. de S. Vida e sexo – Life and sex. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2012b. 144 p. (Uma luz no caminho, 2).

BRASIL, M. A. de S. Vida e simbolização – Life and symbolization. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2009a. 156 p. (Uma luz no caminho, 6).

BRASIL, M. A. de S. Vida e testamento – Life and testament. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2010b. 132 p. (Uma luz no caminho, 8).

BRASIL, M. A. de S. Vida e utopia – Life and utopia. Belo Horizonte: Fundação Souza Brasil, 2008b. 104 p. (Uma luz no caminho, 4).

Referências

BRASIL, M. A. de S. Curriculum vitae. 1973. Mimeografado.

Roberto Patrus Mundim Pena
Rubens Cançado Magalhães Ribeiro

BRAZIL, Circe Navarro Vital *(1930-1995)*

Nasceu no Rio de Janeiro. Graduada em Filosofia, em 1957, pela Universidade do Brasil, exerceu grande influência na formação de profissionais e pesquisadores em Psicologia. Seu interesse pela pesquisa e ensino iniciou-se cedo, quando, após conclusão do Curso Normal, deu aulas, no bairro carioca de Deodoro, na classe de alfabetização. Essa experiência conduziu grande parte de sua carreira – o desafio de ensinar reconhecendo os diferentes contextos socioculturais, e sua relevância na relação professor-aluno e nos métodos de ensino; e influenciou sua escolha pelo curso de Filosofia, que possibilitava um enfoque universal dos problemas do homem, o estudo sobre a constituição do conhecimento e o estudo de Psicologia. Em seguida, ingressou no Colégio Pedro II, onde iniciou a carreira no magistério do 2° grau, lecionando Filosofia.

Em 1958, começou a trabalhar no Instituto de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação do Estado da Guanabara, no setor de Psicologia e Ortofrenia, realizando o Curso de Especialização em Psicopedagogia e Psicometria. Logo depois aprofundou seus estudos em Epistemologia Genética de Jean Piaget e iniciou sua experiência em Psicanálise, cujo interesse se intensificou após o casamento (1968) com o psicanalista Horus Vital Brazil, membro fundador do Instituto de Medicina Psicológica (IMP), hoje Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID).

Realizou inovadora experiência pedagógica no Colégio André Maurois, na década de 1960, que resultou no livro Uma experiência interrompida, escrito em coautoria com Henriette Amado, Samira Mesquita e Célia Dourado. No início dos anos 1970, começou importante trabalho de pesquisa da aplicação de descobertas e conceitos fundamentais da linguística contemporânea

à reformulação do ensino da leitura e escrita, propondo nova metodologia para alfabetização. Desde então, decorreram muitas publicações e a sua participação à frente do Laboratório de Currículos da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, onde coordenou os trabalhos científicos e técnicos (1975-1979).

Suas inquietações levaram-na a fazer mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), em 1974, e doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1982, em Psicologia. Iniciou o exercício do magistério superior, em 1970, na PUC-RJ, no Departamento de Psicologia, onde trabalhou, até 1995, na graduação, no mestrado e doutorado em Psicologia. Foi Coordenadora da Pós-Graduação no período de 1987 a 1989. Ingressou, em 1973, como Professora Plena no Curso de Mestrado em Educação do Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Na PUC-RJ e no IESAE-FGV, Circe orientou cerca de cem teses de mestrado e doutorado em Psicologia do Desenvolvimento, Psicopedagogia, Psicologia Escolar, Psicologia Institucional, Psicologia Clínica, Psicologia Social e Teoria Psicanalítica. Foi também professora no IMP, de 1970 a 1981. Em 1986, participou do Projeto de Mudança, na Fundação de Educação Estadual do Menor (FEEM-RJ), coordenado pelo prof. Roberto Mangabeira Unger. Em 1991, entrou para o quadro de professor adjunto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), lecionando na graduação e no mestrado em Psicologia Social até sua forçada aposentadoria, em 1994. Faleceu, em 10 de dezembro de 1995, no Rio de Janeiro.

Durante toda a sua carreira acadêmica, fez muitas conferências, organizou três seminários nacionais, dois deles sobre pesquisa (1986, 1988) na PUC-RJ. Teve importante participação junto aos órgãos de fomento à pesquisa – CNPq, CAPES e FINEP – na qualidade de consultora de projetos de pesquisa e para credenciamento do Mestrado de Psicologia Social e da Personalidade, PUC-RS, 1988.

Circe era conhecida pela sua inquietude intelectual, por seu pensamento multidisciplinar e criativo, pela sua ternura e rigor, como também pela paixão e dom de despertar interesse e entusiasmo pela pesquisa na busca de novos conhecimentos teóricos e da prática social.

Publicações

AMADO, H. et al. Uma experiência interrompida. Rio de Janeiro: Lidador, 1972.

BRAZIL, C. N. V. A estrutura do inconsciente e as estruturas inconscientes: um ensaio de metodologia em ciências do homem. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

BRAZIL, C. N. V. A estrutura do inconsciente, Lacan, L'Arc. Rio de Janeiro, Editora Rio Sociedade Cultural, 1975. (Lugar, n. 7).

BRAZIL, C. N. V. A fascinação do significado. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1982.

BRAZIL, C. N. V. A organização de currículos no Estado do Rio de Janeiro (1, 2, 3). In: REFORMULAÇÃO de currículos: Pré-Escolar e 1ª Grau. Rio de Janeiro: Bloch, 1976. v. 1.

BRAZIL, C. N. V. A organização social do saber. Fórum Educacional, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, out./dez. 1989.

BRAZIL, C. N. V. A pesquisa como produção de texto: desafios metodológicos. Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, ago. 1987.

BRAZIL, C. N. V. Estrutura, jogo e criatividade na prática educacional. Fórum Educacional, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, abr./jun. 1977.

BRAZIL, C. N. V. O jogo das palavras: alfabetização como processo sociolingüístico. Fórum Educacional, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, jan./mar. 1984.

BRAZIL, C. N. V. O jogo e a constituição do sujeito na dialética social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

BRAZIL, C. N. V. Piaget e uma proposta metodológica em educação. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, abr./jun. 1977.

BRAZIL, C. N. V. Psicanálise e educação: ação, linguagem e teoria. In: PSICOLOGIA escolar: artigos e estudos. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1990. v. 1.

Referências

SOUZA, A. N. D. de; VITAL BRASIL, L. N. Uma professora além da academia. Cadernos do Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, n. 2, p. 11-18, 1996.

Sônia Elisabete Altoé



BRAZIL, Horus Vital
(1926-2005)

Nasceu em São Paulo e graduou-se em Medicina pela Faculdade Fluminense de Medicina em 1949. Foi chefe de departamento no Instituto Vital Brazil, fundado por seu pai, em Niterói. Trabalhou também no Serviço Especial de Saúde Pública do Ministério de Saúde, em 1950/51, e no Ministério da Aeronáutica, onde, em 1952, tornou-se chefe do Departamento de Psicologia e Psiquiatria do Instituto de Seleção e Controle. Durante o sexto ano do curso de medicina, fez estágio no Manicômio Judiciário Heitor Carrilho. Sua especialização em Psiquiatria foi realizada, de 1957 a 1960, no programa de residência do Bellevue Psychiatric Hospital da New York University.

Fez parte da primeira turma do Instituto de Medicina Psicológica (IMP), fundado no Rio de Janeiro, em 1952, por Iracy Doyle, sua primeira analista, cujo prematuro falecimento, em 1956, levou-o a completar sua formação psicanalítica no William Alanson White Institute, de Nova York. Retomou sua análise pessoal com Clara Thompson e, depois, com Gerard Chrzanowski, que influenciaram sua formação no sentido da valorização da prática clínica e do interesse por contribuições das diferentes linhas teóricas, sem fechamentos ou dogmatismos. No W.A. White, no Bellevue Psychiatric Hospital e no Flower Fifth Avenue Hospital, da Columbia University, onde frequentou seminários clínicos e

teóricos, teve supervisores e professores das mais diversas posições teórico-clínicas, a saber: de Erich Fromm a Michael Balint, de Frida Fromm-Reichmann a Alberta Szalita-Pemow e Florence Powdermaker.

Ao voltar de Nova York, em 1961, Horus reinaugura o Instituto de Medicina Psicológica (atual Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID)) com seus colegas Jaime Pereira, Magdalena Pimentel e Urano Alves, com o intuito de manter a formação psicanalítica com a referida diversidade de contribuições teórico-clínicas e um estilo de transmissão que, apoiado na contribuição básica de Freud, leva à formação de opinião ao lado do permanente questionamento.

Horus foi, desde então e ao longo de sua vida, a coluna vertebral tanto do IMP quanto da SPID, ensinando nos cursos teóricos, analisando e supervisionando gerações de psicanalistas, e mostrando grande sensibilidade na transmissão da Psicanálise.

Homem de vasta inteligência e cultura, extremamente curioso, interessado em todos os temas atuais nos mais diversos campos de saber, Horus foi um estudioso apaixonado pelo ofício de Psicanalista. Publicou ao redor de 70 artigos, capítulos de livros e livros. Profundamente envolvido com a transmissão da psicanálise, marcou todos os que com ele trabalharam, questionando com sutileza e discreto senso de humor o enfatuamento do analista e o dogmatismo como incompatíveis com sua função.

Foi membro da American Psychiatric Association (1961-2005), da Associação Brasileira de Psiquiatria (1970-2005), da William Alanson White Psychoanalytic Society (1959-2005), da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (1984-2005), fellow da American Academy of Psychoanalysis (1960-2005). Foi "membro didata" do Centro Psicoanalítico de Madrid, em 1978, 1980 e 1984, e membro do Executive Committee da International Federation of Psychoanalytic Societies, de 1975 a 1984.

Foi editor das revistas Tempo Psicanalítico, da SPID, e Conscientia, da Editora Vozes de Petrópolis. Foi editor associado da Weiterentwicklung der Psychoanalyse und Ihrer Anwendlungen, da editora Vandenhoek und Ruprecht, de Gottingen e Zurich, em 1974 e 1975. Desde 1970, foi editor associado de Contemporary Psychoanalysis, revista da W. A. White Society. Participou de inúmeros congressos e esteve sempre presente e apresentou trabalhos naqueles promovidos pela International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS), a cada dois anos em países diversos.

O VIII Fórum Internacional de Psicanálise da IFPS, com o tema "Psicanálise, cem anos depois" foi idealizado e presidido por Horus e teve lugar no hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, de 10 a 14 de outubro de 1989. Sua proposta, muito bem-sucedida, de promover o encontro de psicanalistas de diversas orientações teóricas, concretizou-se com a presença de 43 sociedades psicanalíticas e aproximadamente 1000 profissionais de 19 países, entre eles sua amiga Piera Aulagnier, Conrad Stein, Joel Dor e Gerard Chrzanowiski.

No XI International Forum of Psychoanalysis, em Nova York, em maio de 2000, proferiu a conferência, intitulada An ethic for the Psychoanalyst in the postmodern age e publicada na revista da IFPS, que considerou como o testemunho final de uma opinião formada por muitos anos no difícil ofício de psicanalista.

Horus Vital Brazil faleceu na tarde do dia 17 de maio de 2005, aos 79 anos, em sua residência em Ipanema, no Rio de Janeiro.

Publicações

BRAZIL, H. V. A estrutura de sublimação em psicanálise. In: MOURA, J. C. (Coord.). Hélio Pellegrino A- Deus: simpósio sobre psicanálise e religião em homenagem a Hélio Pellegrino. Petrópolis: Vozes, 1988.

BRAZIL, H. V. Ambição e paixão pelo poder. In: NOLASCO, S. (Org.). A desconstrução do masculino. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

BRAZIL, H. V. An ethics for the psychoanalyst in the postmodern age. In: INTERNATIONAL Forum of Psychoanalysis, 11., New York, May 2000.

BRAZIL, H. V. As ideologias do desejo, utopias e um inconsciente político. In: FRANÇA, M. I. (Org.). Desejo, barbárie e cidadania: uma articulação entre psicanálise e política. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRAZIL, H. V. De l'interprétation et du style. Topique, Revue Freudienne, Paris, v. 46, p. 281-292, 1990.

BRAZIL, H. V. Die interpretation als symbolischer akt und das subjekt des zweifels. In: WIENER Arbeitkreis für Tiefenpsychologie, Wien, 1998.

BRAZIL, H. V. Dois ensaios entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BRAZIL, H. V. Introdução a uma ética de reconhecimento e renúncia. In: FRANÇA, M. I. (Org.). Ética, psicanálise e sua transmissão. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRAZIL, H. V. La psychanalyse entre deux narcissismes: le pouvoir dans la transmission du savoir. In: ENC. Topique. Paris: PUF, 1984.

BRAZIL, H. V. Moldura, interpretação e transferência. In: BIRMAN, J.; NICÉAS, C. A. (Coord.). Transferência e interpretação. Rio de Janeiro: Campus, 1982. p. 105-116. (Teoria da Prática Psicanalítica, 1).

BRAZIL, H. V. O sujeito da dúvida e a retórica do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

BRAZIL, H. V. On questioning the psychotherapy of the psychosis. The American Journal of Psychoanalysis, New York, v. 48, n. 4, p. 320-327, Winter 1988.

BRAZIL, H. V. Sintoma, significação e cura. In: BIRMAN, J.; NICÉAS, C. A. (Coord.). Análise, com ou sem fim. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 55-77. (Teoria da Prática Psicanalítica, 5).

Ana Maria de Toledo Piza Rudge



BRIQUET, Raul Carlos *(1887-1953)*

Natural de Limeira, São Paulo. Médico e professor, foi um dos pioneiros, ao lado de Arthur Ramos, no ensino da Psicologia Social no Brasil. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1911, dedicou-se à Ginecologia e Obstetrícia. Acumulou uma vasta experiência clínica nessa especialidade e, por essa razão, foi nomeado para o exercício do magistério de disciplinas relacionadas a essa área, na Universidade de São Paulo, desde a sua fundação, em 1934.

O seu interesse pela Psicologia manifestou-se na Faculdade de Medicina, enquanto nela ainda era estudante. Apresentou sua tese de conclusão de curso em 1910, sob o título Da psycho-physiologia e patologia musicaes, com a qual obteve o título de médico. Nessa obra, editada em 1911, sob a forma de brochura, revelou estar familiarizado com teorias da época acerca da Psicofisiologia musical e de fenômenos normais e patológicos da dismusia e audição cromatizada. Nas últimas páginas dessa tese, na seção intitulada "Proposições", encontram-se propostas de aplicações terapêuticas da música, antecipando-se, portanto, ao desenvolvimento da Musicoterapia no país.

Os interesses de Raul Carlos Briquet abrangeram outras áreas do conhecimento e de atuação profissional, além da Medicina e da Psicologia.

Porém, sem abandonar a prática profissional, em rigor, praticou a Medicina até o final de sua vida. Nunca descurou de sua formação humanística, por isso, reunia condições intelectuais e culturais suficientes para assumir responsabilidades no magistério superior na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Lecionou, nessa Instituição, disciplinas relacionadas à Sociologia, Psicologia e Educação. Os livros de maior importância teórica oriundos dessa experiência pedagógica são Psicologia social (1935) e História da educação: evolução do pensamento educacional (1946). Na Psicologia, não se filiou formalmente a qualquer das correntes teóricas e metodológicas em desenvolvimento na primeira metade do século XX. Em particular, seu conhecimento a respeito da Psicologia Social era, essencialmente, uma continuidade do tema das representações sociais coletivas, central na obra do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917). Interessou-se igualmente por outros tópicos da Psicologia, notadamente, os da timidez, do vestuário e do desenvolvimento psicológico na infância e na adolescência. Foi também um dos introdutores da Psicanálise no Brasil. Uma coletânea de textos de sua autoria acerca desses temas compõe o seu livro Palestras e conferências, publicado em 1944.

Para melhor compreender e avaliar o desempenho científico e pedagógico de Raul Carlos Briquet, torna-se indispensável considerar o seu período de vida, marcado por três grandes acontecimentos: a Grande Guerra (1914-1918), a II Guerra Mundial (1939-1945) e a reestruturação política, econômica e institucional promovida pela Revolução de 1930. As reformas educacionais promovidas pelo ministro Gustavo Capanema, entre 1934 e 1945, alteraram substancialmente o sistema de ensino superior no Brasil, favorecendo a licenciatura e os estudos sociais. Por outro lado, a participação brasileira nos dois conflitos mundiais, notadamente, na II Guerra Mundial, fez com que Raul Carlos Briquet se preocupasse com o atendimento aos feridos em combate. Assim, foi o primeiro médico a propor o ensino da Enfermagem no Brasil, tendo sido autor de textos técnicos de apoio pedagógico, dentre os quais se destaca o Manual da socorrista de guerra (1943).

Foi membro de diversas instituições científicas, dentre as quais figuram o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, a Associação Paulista de Medicina, a Sociedade Paulista de História da Medicina, a Sociedade de Obstétricos e Ginecólogos (Buenos Aires), a Sociedade Ginecológica (Montevidéu) e a Academia Paulista de Letras. Faleceu em São Paulo (SP).

Publicações

BRIQUET, R. C. Da psychophysiologia e patologia musicaes. São Paulo: Typographia Modelo, 1911.

BRIQUET, R. C. História da Educação: evolução do pensamento educacional. São Paulo: Renascença, 1946.

BRIQUET, R. C. Manual da socorrista de guerra. Revista dos Tribunais, São Paulo, 1943.

BRIQUET, R. C. Obstetrícia normal. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1939.

BRIQUET, R. C. Obstetrícia operatória. São Paulo: Editora Nacional, 1932.

BRIQUET, R. C. Palestras e conferências. São Paulo: Editora Atlas, 1944.

BRIQUET, R. C. Psicologia social. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935.

Helmuth Ricardo Krüger



BRITO, Farias
(1862-1917)

Nasceu no Ceará. Conhecido como filósofo, formou-se em 1884. José Veríssimo preferiu defini-lo, cautelosamente, como um historiador da Filosofia, em especial, da Filosofia moderna e contemporânea. Foi também um bom professor de Filosofia, concorrendo, com Euclides da Cunha, à cátedra do Colégio Pedro II, da qual acabou por ser titular devido à morte violenta e inesperada do autor que vencera o concurso e exercera a cátedra por poucos meses. Destacou-se como historiador do que se produziu, principalmente, no século XIX e início do século XX, na área da Psicologia.

É autor da magnífica série de estudos intitulada Filosofia do espírito, que inclui, especialmente, A base física do espírito, editada em 1912, e O mundo interior, editada em 1914 (ambas no Rio de Janeiro). Essas obras cobrem não só o advento da Psicologia científica, como atingem os estudos que marcaram a contribuição da Escola de Würzburgo, já no século XX. Na segunda delas e logo no primeiro capítulo, intitulado Necessidade de uma orientação nova, Farias Brito critica a Psicologia científica que estava sendo produzida, definindo-a como uma Psicologia sem alma. Expressa sua preferência – nesse particular, seguindo Nietzsche – pela Psicologia dos poetas e dos grandes romancistas. Cita, por exemplo, as grandes criações de Shakespeare, de Molière e de Goethe, que contêm conhecimentos extremamente profundos da Psicologia humana.

Em A base física do espírito, Farias Brito se dedica a um autêntico estudo de história da Psicologia, com vasta cobertura da escola associacionista e da psicofísica de Fechner. Sobre esse autor, Farias Brito reproduz o perfil elogioso que dele foi traçado por William James. É ainda nesse livro que Farias Brito ressalta, como posteriormente Foucault, "que Fechner foi o verdadeiro criador da Psicologia experimental e introdutor do método experimental no domínio das ciências de ordem moral e psíquica". Além do extenso estudo que procede de Fechner, detém-se o mestre cearense também no estudo das contribuições de Bergson no domínio da Psicologia, focalizando, em especial, o Essai sur les données immédiates de la conscience, em que Bergson afirma que "a sensação é já um começo de liberdade".

Farias Brito faleceu no Rio de Janeiro, aos 55 anos.

Publicações

BRITO, F. A base física do espírito. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912.

BRITO, F. O mundo interior. Revista dos Tribunais, Rio de Janeiro, 1914.

Referências

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 03 dez. 2015.

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Antonio Gomes Penna

BROTERO, José Maria de Avelar *(1798-1873)*

Professor da Faculdade de Direito de São Paulo, de 1828 a 1871, e discípulo de Cabanis. Autor do texto Princípio de direito natural (1829), síntese das aulas por ele ministradas, que serviria como compêndio para o curso jurídico. Todavia, por ter sido um texto muito criticado pela Câmara dos Deputados, tal objetivo nunca se realizou. A obra inspira-se na filosofia francesa sensualista de Condillac, Cabanis, Helvetius e Holbach (essa orientação evidencia-se, sobretudo, nas notas de rodapé do livro, enquanto o texto aparenta seguir as doutrinas tradicionais da filosofia escolástica). Para Brotero, o estudo da Fisiologia é a base para o conhecimento da natureza humana. A superioridade do homem em relação aos animais depende da evolução de seu cérebro, sendo a sensibilidade a base da vida psíquica e moral. A "Ciência do homem" por ele preconizada deve visar ao conhecimento das faculdades intelectuais, afetivas e morais do homem, com base no que ele define como a "Física da natureza humana". Tal conhecimento é útil para a constituição e a aplicação do Direito Natural: permite discernimento ao jurisconsulto acerca da igualdade das ações humanas, das modificações do comportamento, das diferenças entre as pessoas. Também proporciona uma ponderação mais atenta da moralidade da ação com base nas características da natureza humana e das circunstâncias físicas que sobre estas influem.

Publicações

BROTERO, J. M. de A. Princípio de direito natural. [S.l.: s.n.], 1829.

Referências

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Marina Massimi



BROŽEK, Josef *(1913-2004)*

Josef Brožek nasceu em 1913, na cidade de Melnik, na Boêmia, atual República Tcheca. Viveu sua juventude em Varsóvia (Polônia), entre 1913 e 1915, e com a sua família foi deportado para a Sibéria (1915-1920). Em junho de 1937, tornou-se PhD pela Charles University, em Praga, na Tchecoslováquia, com uma tese sobre Memória: suas medidas e sua estrutura. Entre 1938 e 1939, atuou como psicólogo, nesse país, na área da Orientação vocacional e da Psicologia industrial. Em 1939, por causa da Segunda Guerra Mundial, emigrou para os Estados Unidos e ali naturalizou-se, em 1945. Continuou sua atividade de pesquisador, desempenhando diversas funções no ambiente universitário na Europa e nos EUA. A partir de 1941, foi pesquisador no Laboratório de Higiene Fisiológica, onde desenvolveu estudos sobre os efeitos da desnutrição no comportamento humano e no campo da psicologia do trabalho. Foi pesquisador no M.I.T. (Massachusetts Institute of Technology), em 1980-1981. A partir de 1958, foi nomeado professor de Psicologia e Pesquisador da Lehigh University, em Bethlehem, Pennsylvania, nos Estados Unidos.

Sua produção na área científica abraça o estudo das relações entre Desnutrição e Comportamento, com trabalhos clássicos como: The biology of human starvation (Keys et al., 1950), que em dois

volumes apresenta o experimento de Reabilitação Nutricional de Minnesota, incluindo aspectos fisiológicos, neuromusculares, sexuais, morfológicos e psicológicos, detalhando informações sobre comportamento, funções cognitivas e personalidade em situações de desnutrição; Nutrition, malnutrition and behavior (Brožek, 1978); e a consolidação da Historiografia da Psicologia no mundo. Josef Brožek foi um dos pioneiros na pesquisa em História da Psicologia Moderna. Em 1965, participou da criação da Divisão 26 da American Psychological Association, dedicada à História da Psicologia, e da organização do periódico Journal of the History of the Behavioral Sciences, que se tornou um dos principais veículos de difusão da pesquisa científica na área. Colaborou na institucionalização do campo de estudos da História da Psicologia, organizando, em 1966 e em 1971, com R. I. Watson, um curso de verão na área, destinado a professores, nas Universidades de New Hampshire e de Lehigh. Foi um dos criadores, em 1968, da International Society for the History of Behavioral and Social Sciences, mais tarde denominada Cheiron. Em 1969, Brožek, em colaboração com Mary Henle, da Universidade de Princeton, organizou o primeiro congresso da nova sociedade.

Na área da História da Psicologia, Brožek realizou inúmeras pesquisas em arquivos e bibliotecas dos EUA e da Europa, especialmente da Europa Oriental, publicou trabalhos que abordavam a História da Psicologia em diversos países, por exemplo: Recent development in soviet psychology (Brožek, 1964); Quantitative explorations in history of psychology in Yugoslavia: translations (Brožek, 1972); e History of international psychology revisited: abstracting non english periodical literature in the USA (Brožek; Siegler, 1991). Através da organização e participação em congressos, de visitas científicas e de contatos epistolares mantidos com fidelidade, até o fim de sua vida, com pesquisadores do mundo inteiro, incluindo jovens em formação nessa área de estudos, tornou a Historiografia da Psicologia um domínio internacional, envolvendo, nessa construção, não apenas estudiosos de países de língua anglo-saxônica, mas também de idiomas eslavos e latinos.

Suas visitas ao Brasil foram determinantes para a criação e articulação do grupo de historiadores brasileiros da Psicologia, bem como para a publicação de trabalhos na área. A primeira visita ao Brasil ocorreu no Rio de Janeiro, a convite do Professor Antonio Gomes Penna, organizador do Primeiro Seminário Latino-Americano de História da Psicologia (1988). Na ocasião, Brožek fez também uma breve visita a São Paulo, a convite da Professora Maria do Carmo Guedes, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A segunda visita ocorreu no mês de maio de 1996, em Ribeirão Preto (SP), a convite da Professora Marina Massimi, para lecionar uma disciplina introdutória de Historiografia da Psicologia aos alunos do primeiro ano de curso. O curso, por ele proferido em português e redigido em forma de apostila, foi editado na revista Memorandum (Brožek; Massimi, 2001, 2002a, 2002b). Naquele mesmo mês, em Teresópolis (RJ), participou com muito interesse, no âmbito do Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, de uma reunião, na qual ocorreu a consolidação do grupo de trabalho em História da Psicologia, que reúne pesquisadores brasileiros na área, ativo até hoje.

Em 1997, Brožek visitou novamente o Brasil: em São Paulo, proferiu conferência sobre a historiografia da psicologia ao redor do mundo, no Congresso Internacional da Sociedade Interamericana de Psicologia e participou também de uma mesa redonda; em Belo Horizonte, visitou o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) e o grupo de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que organizava o acervo Antipoff; decidiu, então, doar parte de sua biblioteca pessoal para o Centro. A partir dessa doação, que contém uma preciosa coleção de livros, periódicos, teses e manuscritos

do autor, além de fotografias e slides, o acervo do CDPHA se ampliou, e novos temas de pesquisa vieram a ser explorados pela equipe, de cuja orientação, Brožek participou com grande disponibilidade.

Quanto às publicações no Brasil, encarregou-se, em colaboração com M. Massimi, da preparação da versão brasileira da Historiografia da psicologia moderna (1998). Um dos resultados da sua colaboração com o Grupo de História da Psicologia da ANPE-PP e o CDPHA foi a publicação, em 2001, do Dicionário biográfico da psicologia no Brasil, editado com o apoio do Conselho Federal de Psicologia, no qual Brožek figura como coautor. Publicou resenha da obra no Journal of the History of the Behavioral Sciences no vol. 39, n. 4, outono 2003.

Da imensa "obra" de Josef Brožek, cabe destacar o método de trabalho, o qual se baseava inteiramente em tecer relações: entre países e áreas geográficas distantes – documentadas pelas suas inúmeras pesquisas realizadas em diversas áreas do mundo e possibilitadas pelo seu grande conhecimento dos idiomas; e relações entre pessoas – construídas através da promoção e participação em cursos, simpósios, eventos científicos, criação e fortalecimento de associações, sociedades e grupos de trabalho, e, sobretudo, pela amizade, que ele manteve com fidelidade até o fim da vida, através de visitas e de contatos epistolares, com pesquisadores do mundo inteiro, incluindo jovens em formação na sua área de estudos.

Publicações

BROŽEK, J. International historiography of psychology. The British Psychological Society, History and Philosophy Section. Newsletter, n. 27, p. 30-35. 1998.

BROŽEK, J. Memória: suas medidas e sua estrutura. [S.l.: s.n.], 1937.

BROŽEK, J. Nutrition, mal-nutrition and behavior. Annual Review of Psychology, n. 29, p. 157-177, 1978.

BROŽEK, J. Quantitative explorations in history of psychology in Yugoslavia: translations. Psychological Reports, v. 31, n. 2, 1972.

BROŽEK, J. Recent development in Soviet Psychology. Annual Review of Psychology, v. 71, n. 3, 517-528, 1964.

BROŽEK, J.; MASSIMI, M. (Ed.). Curso de introdução à historiografia da psicologia: apontamentos para um curso breve - parte segunda: da descrição à interpretação. Memorandum, n. 2, p. 103-109, 2002. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/brozek02.htm. Acesso em: 25 fev. 2004.

BROŽEK, J; MASSIMI, M. (Ed.). Curso de introdução à historiografia da psicologia: apontamentos para um curso breve. Memorandum, n. 1, p. 72-78, 2001. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos01/brozek01.htm. Acesso em: 25 fev. 2004.

BROŽEK, J; MASSIMI, M. (Ed.). Curso de introdução à historiografia da psicologia: apontamentos para um curso breve - parte terceira. Memorandum, n. 3, p. 112-131, 2002. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos03/brozek04.htm. Acesso em: 25 fev. 2004.

BROŽEK, J; MASSIMI, M. Historiografia da psicologia moderna. São Paulo: Loyola, 1998.

BROŽEK, J; SIEGLER, S. L. History of international psychology revisited: abstracting nonenglish periodical literature in the USA. Perceptual and Motor Skills, v. 72, n. 3, 1064-1066, 1991.

Referências

CAMPOS, R.H.F. (Ed.). Brožek. Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

CAMPOS, R.H.F. História da Psicologia. In: SIMPÓSIO de Pesquisa e Intercâmbio Científico, 6, 1996, Teresópolis. Anais. Teresópolis: Anpepp, 1996. p. 179-183. Tomo I.

KEYS, A; et al. The biology of human starvation. Oxford, England: The University of Minnesota Press, 1950. 2 v.

MASSIMI, M. Marcus Marulus, i suoi maestri e la "psychologia de ratione animae humanae". Storia e critica della psicologia, v. 4, n. 1, p. 27-42, 1983.

MASSIMI, M. The origins of modern psychology: explorations in the old and the new world. In: PSYCHOLOGY in its historical context: essays in honor Prof. Josef Brozek. Valencia: s/n, 1984. p. 221-228.

Marina Massimi
Clara Mellin Lutz

BUENO, Carlos Maria Galvão *(1834-1883)*

Professor de Filosofia no Colégio da Glória e na Faculdade de Direito, em São Paulo, a partir de 1870. Autor de Noções de philosophia, 1877. Adepto da Filosofia de C. F. Krause – interpretação do idealismo alemão, numa abordagem espiritualista e panteísta – enfatizava, especialmente, a perspectiva humanista e social desse tema, inspirada nos ideais da maçonaria, muito difundida no Brasil da época.

A Psicologia filosófica proposta por Galvão Bueno em seu texto, é subordinada à Antropologia, entendida como ciência do homem ou conhecimento da natureza humana, na totalidade de suas manifestações. A obra subdivide-se em Psicologia individual – o estudo da alma considerada por si mesma – e Psicologia geral – o estudo das relações da alma com os demais seres e das determinações concretas do eu humano (sexualidade, caráter, temperamento, aptidões).

A primeira, inclui uma Psicologia experimental (histórica e analítica) e uma Psicologia racional (especulativa e sintética). O panteísmo krausiano traduz-se, no plano da Psicologia, na rejeição do dualismo cartesiano, base do ecletismo: o eu humano não pode ser entendido apenas como espírito, mas também na sua corporeidade.

Galvão Bueno desenvolve uma ampla reflexão acerca do conceito de caráter, definindo-o como um modo de ser, fundamental e durável, que resulta das forças, tendências e cultura, do pensamento, do sentimento e da vontade. O caráter é responsável pelas atividades do espírito. Não corresponde ao "eu" inteiro, mas ao "eu" em seu estado atual.

Publicações

BUENO, C. M. G. Noções de filosofia. [S.l.: s.n.], 1877.

Referências

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Marina Massimi

BURKE, Mark
(1900-1975)

Nos anos 1940, um grupo de brasileiros, liderados por Domício de Arruda Câmara, solicitou a Ernest Jones, então presidente da International Psychoanalytical Association (IPA), que encaminhasse didatas para formar psicanalistas no Instituto Brasileiro de Psicanálise, no Rio de Janeiro. Jones indicou Mark Burke, psicanalista judeu polonês radicado em Londres que, com o alemão Werner Kemper, ex-diretor do Instituto Göring do regime nazista, também indicado pelo presidente da IPA, participou de uma acirrada disputa política na instituição que ambos ajudavam a consolidar.

Da mesma forma que o passado nazista de Kemper foi ignorado no Rio de Janeiro, as arbitrariedades e instabilidades psíquicas de Burke foram acobertadas pelos dirigentes do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBP) e ficaram por conta das fofocas e maledicências dos grupos rivais. Burke irritava-se constantemente com os ruídos em torno do local de trabalho e moradia, chegando ao descontrole emocional. Instalado no bairro de Santa Tereza, exigiu, segundo comentários, que se tomassem providências junto às autoridades brasileiras para desviar as rotas dos aviões, porque o barulho dos motores atrapalhava seu trabalho.

Mark Burke chegou ao Rio de Janeiro em 2 de fevereiro de 1948. Não era didata, mas apenas psicanalista associado à British Psychoanalytical Society. Autorizado pela IPA, iniciou a função de didata no Brasil, em 23 de fevereiro do mesmo ano. Werner Kemper, também autorizado pela IPA como didata sem ter tido a mesma função na Alemanha, chegou em dezembro de 1948. Logo as divergências entre os dois se manifestaram, envolvendo alunos e analisandos. O ponto de partida foi a acusação de exercício ilegal da

profissão por Anna Kattrin, mulher de Kemper, alçada à posição de psicanalista e de didata pelo marido, que lhe encaminhava os formandos do IBP para análise. Kemper defendeu-se com ataques a Burke, acusando-o de ser louco e arrastar os analisandos na sua loucura. Os boatos se espalharam. Fatos foram ignorados pelos dois lados. As divergências se estendiam tanto ao campo teórico e técnico como às concepções de formação do psicanalista. Os analisandos de Kemper achavam que o grupo rival tentava impor a teoria kleiniana como hegemônica, enquanto o grupo de Burke rejeitava o ecletismo do psicanalista alemão, que ensinava as teorias de Jung, Adler, Reich e Schultz-Hencke e associava a Psicanálise individual com terapias de grupo. Burke só aceitava médicos como analisandos. Os formandos "leigos", não médicos, eram encaminhados a Kemper. O psicanalista inglês chegou a segregar os "leigos", dando aulas separadas às turmas de formandos médicos e não médicos.

Desiludido com os acontecimentos, Burke retornou a Londres em 1953. Alguns de seus analisandos o seguiram, outros procuraram completar a formação em São Paulo ou Buenos Aires. No mesmo ano, Kemper e seu grupo fundaram a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Os ex-analisandos de Burke e seguidores criaram, em 1959, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Ambas as instituições foram reconhecidas pela IPA. Em Londres, Mark Burke continuou a trabalhar. Faleceu nos Estados Unidos, em 1975.

Referências

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo farrapos: a trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

Taeco Toma Carignato



CABRAL, Annita de Castilho e Marcondes *(1911-1991)*

Nasceu em Novo Horizonte, São Paulo. Quando tinha cerca de seis anos, a família mudou-se para São Paulo, onde Annita iniciou os seus estudos. Precoce, aprendia com facilidade, e por isso saltou dois anos: a quinta e a sétima séries do ginásio. Em 1923, ingressou no Curso Normal do Instituto de Educação Caetano de Campos, onde foi aluna de Manuel B. Lourenço Filho. Depois de formada, passou a trabalhar com Noemy Silveira Rudolfer, no Instituto de Psicologia Aplicada. Em 1928, fez o Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico, dirigido por Lourenço Filho, no qual teve como professores Jean Maugüé e Noemy Silveira Rudolfer. Ingressou na então recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), onde se formou em Filosofia e Ciências Sociais. Obteve uma bolsa de estudos para os Estados Unidos, estudou com Koffka no Smith College e, mais tarde, com Wertheimer, na New School for Social Research em Nova Iorque.

Voltou ao Brasil, em 1943, decidida a ficar e a criar condições para a instalação de um curso de Psicologia. Em 1944, aproveitando a vinda de Otto Klineberg para a FFCL da USP, iniciou os contatos para a fundação da Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP), com o intuito de aglutinar as pessoas que trabalhavam com Psicologia. Participou da diretoria dessa Sociedade em 1945, 1946, 1947 e

1950, sendo presidente em 1948, 1949 e 1953. No seu segundo mandato, criou o Boletim de Psicologia, cujo primeiro número, lançado em 1949, trazia o seu discurso de posse na presidência da SPSP.

Sob a orientação de Jean Maugué e, depois, de Roger Bastide, elaborou sua tese de doutorado: O conflito dos resultados dos experimentos sobre memória de formas, defendida na FFCL da USP, em 1945. Foi professora assistente da cadeira de Psicologia e colaborou com Otto Klineberg na obra Psicologia moderna, publicada pela Editora Agir em 1953. Em 1947, assumiu a cátedra de Psicologia do curso de Filosofia da FFCL da USP, em substituição a Otto Klineberg. Aos poucos, foi expandindo a cadeira de Psicologia e introduzindo, no curso de Filosofia, novas disciplinas relacionadas à Psicologia. Em 1953, submeteu à Congregação da FFCL da USP o seu projeto do curso de Psicologia e, nesse mesmo ano, apresentou-o aos participantes do I Congresso Brasileiro e Jornada Latino-americana de Psicologia, realizados em Curitiba. Teve a iniciativa de fundar, em 1954, a Associação Brasileira de Psicologia (ABP), para obter sustentação nacional ao curso de Psicologia e para a legalização da profissão de Psicólogo. Participou de comissões de psicólogos que se reuniam no Congresso Nacional para reivindicar a criação do curso até que, em 1962, foi promulgada a Lei nº 4.119, regulamentando a criação dos cursos de Psicologia e a formação do Psicólogo.

Nessa época, com Cícero Cristiano de Souza, Aníbal Silveira e Durval Marcondes, criou o curso de especialização em Psicologia Clínica da FFCL da USP, com a duração de dois anos. Presidiu a cátedra de Psicologia, ministrou diversas disciplinas, mas não se especializou em nenhuma. Manteve-se na direção do curso até 1968, quando os professores assistentes da cadeira solicitaram o seu afastamento. Permaneceu ainda um ano na Faculdade de Psicologia, convidada por Arrigo Angelini, mas como professora assistente do departamento de Psicologia Educacional. Depois se afastou definitivamente da USP. Trabalhou ainda em Santo André, num curso de pós-graduação, em que deu cursos sobre Piaget, Gestalt e Kurt Lewin. Faleceu em São Paulo.

Publicações

CABRAL, A. C. e M. A psicologia no Brasil. Psicologia - Boletim da F.F.C.L. da U.S.P., São Paulo, n. 3, p. 11-51, 1950.

CABRAL, A. C. e M. O conflito dos resultados dos experimentos sobre memória de formas. Psicologia – Boletim da F.F.C.L. da U.S.P., n. 2, p. 1-156, 1946.

CABRAL, A. C. e M. Problemas da formação dos psicólogos. Boletim de Psicologia, v. 5/6, n. 18-20, p. 64-68, 1953/1954.

CABRAL, A. C. e M. Programa de ação. Boletim de Psicologia, v. 1, n. 1, p. 3-5, 1949.

CABRAL, A. C. e M. Requisitos básicos da formação de psicologistas. Ciência e Cultura, v. 5, n. 1, p. 43-44, 1953.

Referências

AUGRAS, M. (Org.). O homem e o mestre. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 9-11, jul./set. 1971.

BOLETIM DE PSICOLOGIA, v. 27, n. 69, p. 1-14, jul./dez. 1975.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 4.119 de 1962. Regulamenta a criação dos cursos de Psicologia e a formação do psicólogo. 1962.

MORAIS, S. T. P. Professores universitários e psicólogos contam suas vidas. 1999. v. 1 e v. 5. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1999.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, v. 1, n. 1, p. 1-14. maio 1975.

PFROMM NETO, S. A psicologia no Brasil. In: MOTOYAMA, S.; FERRI, M. G. (Org.). História das ciências no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1981.

Lucia Ghiringhello

CABRAL, Ruth Cunha
(1919-2004)

Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, nasceu em 05 de outubro de 1919 e faleceu em 16 de junho de 2004. Psicóloga pioneira na implantação de programas em educação especial no estado do Rio Grande do Sul, sua trajetória profissional exemplifica o perfil dos primeiros psicólogos no Brasil, cuja experiência profissional e formação entrelaçaram-se ao longo dos anos. Diplomada como aluna mestra pelo Instituto de Educação General Flores da Cunha de Porto Alegre, em 1939, iniciou suas atividades profissionais como professora primária no interior do Estado. Em 1947, retornou para Porto Alegre, onde continuou a lecionar e a exercer atividades administrativas em grupos escolares. Nesse período, foi aprovada no vestibular para o Curso de Bacharelado e Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Rio Grande do Sul (futura Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), diplomando-se em 1956. Logo depois, realizou nos Estados Unidos um estágio em Educação na Universidade de Waine, Detroit, Michigan.

Retornando ao Brasil, passou a dirigir a Divisão de Educação Especial da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, aposentando-se como servidora do Estado em 1969. Em 1967, graduou-se no Curso de Formação de Psicólogo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Na década de 1970, passou a lecionar Psicologia do Excepcional e Técnicas Projetivas no recém-criado curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aposentando-se em 1989. Três anos antes, defendera sua dissertação de mestrado em Psicologia Educacional intitulada Relação entre aspectos cognitivos e afetivo-emocionais da aprendizagem, no Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

Alguns dos seus trabalhos foram publicados pela Divisão de Educação Especial da Secretaria da Educação, destacando-se Educação e reabilitação do deficiente visual (1968), Educação especial no Rio Grande do Sul (1968) e Subsídios para anteprojeto de lei que atualiza a legislação federal pertinente ao menor excepcional (1968, por solicitação da Câmara dos Deputados). Foi assídua colaboradora da Revista Brasileira de Deficiência Mental e tradutora de obras psicológicas para o português, destacando-se o livro de Erikson (1978) Como educar crianças com problemas de desenvolvimento. Um artigo publicado por Cabral na Revista Psico, em 1988, com o título Rememorando, é hoje um dos mais importantes documentos da historiografia em Psicologia no Estado do Rio Grande do Sul.

Publicações

CABRAL, R. C. Aspectos pedagógicos da deficiência mental. Revista Brasileira de Deficiência Mental, v. 2, n. 1/2, 1967.

CABRAL, R. C. Aspectos psicológicos da deficiência mental. Revista Brasileira de Deficiência Mental, v. 9, 1974.

CABRAL, R. C. Educação e reabilitação do deficiente visual. Divisão de Educação Especial da Secretaria da Educação, 1968.

CABRAL, R. C. Educação especial no Rio Grande do Sul. Divisão de Educação Especial da Secretaria da Educação, 1968.

CABRAL, R. C. Habilitação do deficiente mental. Revista Brasileira de Deficiência Mental, v. 7, n. 2, 1972.

CABRAL, R. C. Relação entre aspectos cognitivos e afetivo-emocionais da aprendizagem. Dissertação. (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

CABRAL, R. C. Rememorando. Revista Psico, 1988.

CABRAL, R. C. Subdesenvolvimento e deficiência mental. Revista Brasileira de Deficiência Mental, v. 4, n. 1/2, 1969.

CABRAL, R. C. Subsídios para anteprojeto de lei que atualiza a legislação federal pertinente ao menor excepcional. Câmara dos Deputados, 1968.

Referências

ERIKSON, B. Como educar crianças com problemas de desenvolvimento. Tradução Ruth Cabral. Porto Alegre: Globo, 1978.

William Barbosa Gomes

CALDAS, Yone
(1935-2006)

Yone Caldas Silva nasceu em 07 de maio de 1935, em Niterói, RJ. Como aconteceu com muitas jovens de sua geração, seu contato com o estudo formal de Psicologia ocorreu através da formação como professora, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, onde desenvolveu interesse pela Psicologia Experimental. Após a conclusão do curso normal, em 1954, lecionou na rede pública de ensino. Em 1956, ingressou no curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – o primeiro criado no Brasil, em março de 1953; naquele momento, o curso ainda era ministrado no período noturno nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia. Yone Caldas acompanhou a transferência do curso para o campus daquela universidade, no bairro da Gávea, e para o período diurno, em 1957, quando a direção foi assumida pelo Pe. Antonius Benkö – momento que representou uma guinada no investimento da universidade no curso de Psicologia, refletindo-se na sua expansão.

Em 1960, Yone Caldas concluiu a graduação em Psicologia (Jacó-Vilela et al., 2007), tendo tido uma destacada atuação em instituições científico-profissionais no campo da Psicologia. Ainda em 1960, filiou-se à Associação Brasileira de Psicologia Aplicada (ABRAPA) – anteriormente chamada de Associação Brasileira de Psicotécnica –, entidade da qual participou ativamente, inclusive como diretora, por muitos anos.

Com a regulamentação da profissão, em 1962, juntamente com Therezinha Lins de Albuquerque e Hanns Ludwig Lippmann, fundou a Associação Profissional dos Psicólogos do Estado da Guanabara (APPEG), considerando a importância de localizar os psicólogos e organizá-los em uma entidade que pudesse zelar por seus interesses.

Após um período de inatividade, em 1977, esta associação foi revitalizada como Associação Profissional dos Psicólogos do Rio de Janeiro (APP-RJ), transformada, em 1980, no Sindicato dos Psicólogos do Rio de Janeiro (Santos, 2011). Yone permaneceu na instituição até 1968, quando passou a dedicar-se ao seu trabalho clínico, de base psicanalítica.

Junto com o mesmo grupo fundador da APPEG, Yone Caldas criou, em 1971, a Sociedade de Psicologia – Clínica atualmente Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ) –, num movimento de grande importância para a psicologia, uma vez que as sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro filiadas à International Psychoanalytical Association (IPA) – a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) – impediam o ingresso de não-médicos. Foi o início de um movimento de ruptura que abriu espaço à criação de inúmeras sociedades de formação de psicanalistas, cujos fundadores advogam para si o direito ao exercício da psicanálise, independentemente de autorização formal de alguma instituição, notadamente daquelas sob a égide médica (Figueiredo, 1987).

O interesse organizativo e institucional de Yone Caldas a levou a se envolver também na política da profissão, sobretudo no Sistema Conselhos de Psicologia, criado a partir da Lei 5776/1971. Presidiu o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-RJ) de 1980 a 1982, bem como foi eleita para o IV Plenário do Conselho Federal de Psicologia (CFP), de 1982 a 1985, voltando posteriormente a integrar o VII Plenário (1989-1992), tendo assumido a presidência do CFP ao longo deste período (Souza, 2014).

Faleceu em 07 de abril de 2006, no Rio de Janeiro.

Referências

FIGUEIREDO, A. C. Estratégias de difusão do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1987.

JACÓ-VILELA, A. M. et al. Uma gestação silenciosa: a presença feminina nas instituições de psicologia no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX In: RIBEIRO, M. A. T.; BERNARDES, J. (orgs.). A produção na diversidade: compromissos éticos e políticos em psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007, p. 231-266.

SANTOS, A. D. Sindicato dos Psicólogos do Rio de Janeiro. In: JACÓ-VILELA, A. M. (org.), Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro/Brasília: Imago/CFP, 2011, p. 408-410.

SOUZA, D. R. J. Sobre uma Psicologia oficial e seus efeitos de sentido: uma análise das normativas do Conselho Federal de Psicologia. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, 2014.

Ana Maria Jacó-Vilela
Adriana Amaral do Espírito Santo
Filipe Degani-Carneiro
Maria Cláudia Novaes Messias



CAMPOS, Francisco
(1891-1968)

Nasceu em Dores de Indaiá, Minas Gerais. Formou-se em Ciências Jurídicas, pela Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte (atual Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG) em 1914, tendo-se destacado no cenário nacional principalmente como jurista e como político. Foi deputado estadual em 1919; deputado federal em 1921; catedrático de Filosofia e Direito na Faculdade Livre de Direito em 1924; Secretário dos Negócios do Interior de Minas em 1926. Atuou com Francisco Mendes Pimentel (1869-1957), no final da década de 1920, para a criação da Universidade de Minas Gerais. Foi ainda Ministro da Educação e Saúde Pública de 1930 a 1932; Secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal em 1935 e Ministro da Justiça entre 1937 e 1942.

Em 1926, foi convocado pelo governador Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1926-1930) para assumir a Secretaria dos Negócios do Interior de Minas Gerais, responsável pelas questões relacionadas à educação no Estado. Nesse cargo, idealizou a Reforma do Ensino Primário e Normal de Minas Gerais, hoje conhecida como Reforma Francisco Campos – Mário Casasanta, importante marco para o desenvolvimento da Psicologia em Minas Gerais. Elaborou, em 1927, novo programa e regulamento para o ensino primário, mostrando-se conhecedor das teorias psicológicas e pedagógicas então em voga nos grandes centros europeus e nos Estados Unidos.

A partir de janeiro de 1928, teve início a implantação da Reforma, que se fundamentava nos ideais pedagógicos da Escola Ativa – uma escola que valoriza a atividade e a espontaneidade infantis e se embasa no conhecimento do funcionamento psicológico e biológico da criança. A Reforma proposta por Francisco Campos deveria atingir, sobretudo, o ensino primário, mas, para sua implantação, fazia-se necessária também a reforma do ensino normal, com a preparação das professoras para atuar de acordo com o novo modelo educacional. Assim, a Psicologia Educacional passou a constar, pela primeira vez, como disciplina independente no currículo das escolas normais de segundo grau em Minas Gerais. Por outro lado, para iniciar nos novos métodos educacionais as professoras já formadas e em atividade nas diversas escolas do Estado, Francisco Campos estabeleceu a Escola de Aperfeiçoamento em Belo Horizonte, cujo programa de ensino previa o ensino da Psicologia nos dois anos do curso.

Além de inserir disciplinas de Psicologia no ensino normal secundário e superior, o autor da Reforma promoveu ainda a ida das professoras Inácia Ferreira Guimarães, Amélia de Castro Monteiro, Alda Lodi, Benedita Valadares Ribeiro e Lúcia Schmidt Monteiro de Castro para estudar com John Dewey, na Universidade de Colúmbia, e a vinda de psicólogos europeus de renome, como Léon Walther, Théodore Simon e Helena Antipoff, para compor o quadro de professores da Escola de Aperfeiçoamento. Com tais iniciativas, Francisco Campos possibilitou a inauguração, em 1928, com a presença de Théodore Simon, do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, o qual se manteve em funcionamento por todo o período de existência da Escola. Faleceu em Belo Horizonte, em 1968.

Publicações

CAMPOS, F. Pela civilização mineira. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1930.

Referências

ARANHA, M. L. A. História da educação. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

LIMA, L. de O. Estórias da educação no Brasil: de Pombal a Passarinho. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1981.

MINAS GERAIS. Decreto n. 7.970-A, de 15 de outubro de 1927. Regulamento do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1927. Programas do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

MORAES, M. C. M. de. Francisco Luís da Silva Campos. In: FÁVERO, M. de L. A.; BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999. p. 195-200.

MOURÃO, P. K. C. O ensino em Minas Gerais no tempo da República (1889-1930). Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de MG, 1962.

NISKIER, A. Educação brasileira: 500 anos de história 1550-2000. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

PEIXOTO, A. M. C. Educação e Estado Novo em Minas Gerais. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

PRATES, M. H. de O. Introdução oficial do movimento da Escola Nova no ensino público de Minas Gerais: a Escola de Aperfeiçoamento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

Érika Lourenço



CAMPOS, Francisco
(1912-1982)

Francisco Campos Rodríguez, natural da Espanha, iniciou a sua vida profissional com apenas 16 anos no Instituto Nacional de Psicotécnica de Madrid. Lutou na Guerra Civil Espanhola ao lado dos republicanos e, ao seu término, liberado do campo de prisioneiros, onde esteve detido nos últimos seis meses da contenda, retornou ao seu antigo emprego, cursando, simultaneamente, "Filosofia y Letras" na Universidade Central de Madrid, graduando-se em 1944.

Nesse mesmo ano, publicou, pela Editorial Gredos, uma tradução literal e literária de De officiis, de Cícero, e, no ano seguinte, fez o mesmo com as Catilinarias. Ao longo da vida, realizou, eventualmente, traduções no campo da Filosofia e Psicologia, envolvendo o português, espanhol, inglês e italiano.

No Instituto de Psicotécnica, além de renomados psicólogos espanhóis, teve oportunidade de assistir a visitantes ilustres, em cursos e conferências, como Piéron, Piaget, Claparède, Hans Rupp, Moore e Werner Wolff.

Nessa época, colaborou na adaptação do vocabulário do teste de Weschler ao espanhol e foi responsável pela adaptação da Revisão Stanford da prova de Terman-Merril. Realizou também estudos de validação e padronização dos testes, utilizados no Instituto de Psicotécnica.

Fundou e organizou o Laboratório de Psicotécnica da Institución Sindical Virgen de la Paloma (escola-piloto de formação profissional, com 1.500 alunos), o qual dirigiu até a vinda ao Brasil, em 1950. Realizou, entre outras atividades, uma análise profissiográfica das especialidades lá ensinadas (Campos, 1947), efetuando, em seguida, os estudos de validação das provas psicotécnicas por ele adaptadas ou criadas (Campos, 1948).

Organizou, em 1948, o Gabinete Psicofisiológico de la Armada (Marinha), o qual também assessorou até 1950 e onde criou testes para seleção de profissionais, que continuaram sendo usados, por muitos anos, com o nome de "Test Campos". Nesse ano, recebe convite de Emílio Mira y López para ser vice-diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional, da Fundação Getúlio Vargas (ISOP/FGV) com a missão de chefiar e estruturar tecnicamente a Divisão de Seleção do ISOP. Apesar de já ser um nome considerado na Psicologia na Espanha, aceita o convite, basicamente, diante do contraste entre a plena democracia vivida pelo Brasil na época e o clima de dogmatismo e intolerância presente na Espanha.

Nos 32 anos em que viveria no Brasil, Francisco Campos realizou uma importante contribuição, especialmente nas áreas do trabalho e educação. Destaque-se que, no início da década de 1950, apenas algumas empresas pioneiras tinham serviços de seleção e orientação profissional, e o nascente ISOP inovou, introduzindo um sistema de atenção aberto à comunidade. Francisco Campos foi o principal colaborador de Mira y López nessa fase, por contribuições técnico-científicas na seleção profissional e, na área docente, via formação de especialistas na matéria.

Concretamente, foi responsável no ISOP/FGV, pela organização integral dos processos de seleção de trabalhadores para as mais variadas funções, envolvendo desde contínuos até altos executivos, já que o ISOP prestava serviços não só a empresas e indústrias, como também a entidades governamentais. Essa atividade requeria de forma permanente a criação e adaptação de novos testes, que foram validados com grande rigor científico, assegurando-se a confiabilidade das provas adaptadas à realidade brasileira. Publicou diversos desses trabalhos, quando considerou que seriam úteis a outras instituições.

Nessa época, realizou um número expressivo de conferências e recursos com intenção de divulgar a Psicologia industrial, então incipiente no Brasil, e visando formar novos profissionais. O seu público era constituído por alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), por membros de serviços sociais de diversos estados da federação e pelos participantes de cursos ministrados no próprio ISOP.

A atividade de Francisco Campos na introdução, adaptação e padronização de instrumentos e técnicas de Psicologia aplicada constituiu uma valiosa contribuição ao desenvolvimento da Psicologia no Brasil, destacando-se a criação de novos testes e a publicação de suas pesquisas na revista Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (posteriormente Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada), editada por intermédio do ISOP/FGV.

A partir de 1962, com a regulamentação da profissão de Psicólogo e criação da correspondente carreira universitária, verificou-se a necessidade de fundar uma unidade voltada à criação de testes e investigações psicológicas. Com esse objetivo, a FGV, em 1966, constitui o Centro de Estudos e Pesquisas Psicométricas (CETPP). Francisco Campos foi o seu supervisor técnico e, a partir de 1969, passou a dirigi-lo, direcionando-o à pesquisa.

Paralelamente, dedica atenção a testes projetivos, especialmente, o Zulliguer, por sua adaptabilidade à seleção profissional. Publica trabalhos e contribui para a divulgação do teste no Brasil, mediante a realização de cursos. Também se aprofunda no Teste de Rorschach, publicando, em 1978, uma nova folha de respostas, adaptada ao Brasil, junto ao seu respectivo guia.

O trabalho de mais envergadura realizado no CETPP foi, indubitavelmente, o Diagnóstico Nacional de Desenvolvimento Educacional (DNDE), reconhecido, à época, como o trabalho mais importante realizado no âmbito da educação no Brasil. Realizado entre 1969 e 1977, teve como finalidade a análise comparativa dos determinantes que influíam no rendimento escolar em nível nacional e permitiu, a partir de seus resultados, o replanejamento do ensino no país. Tratou-se de pesquisa de grande complexidade metodológica, diante do tamanho da amostra, dezenas de milhares de estudantes distribuídos por todo o Brasil. Além do desenho da pesquisa, Francisco Campos também padronizou, ao longo desses anos, os instrumentos utilizados para a coleta de dados. O trabalho final, conjunto de informes em 25 volumes, totalizou cerca de 5.000 páginas, ficou rico em resultados práticos e gerou uma base para o planejamento do ensino em âmbito nacional no país.

Francisco Campos aposentou-se do ISOP em 1980, vindo a falecer dois anos depois.

Publicações

CAMPOS, F. A Comunicação do resultado dos testes de personalidade em seleção. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, p. 45-56, dez. 1966.

CAMPOS, F. A entrevista coletiva em seleção profissional. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, p. 31-40, jun. 1967.

CAMPOS, F. Algunos esquemas profesiográficos, ensayos profesionales. Madrid: [s.n.], 1947.

CAMPOS, F. Alguns testes de habilidade mecânica na seleção profissional. In: CONGRESSO Interamericano de Psicologia, 6., Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 1959. p. 110-119.

CAMPOS, F. Análise do trabalho. Boletim CEPA, p. 2-8, set. 1977.

CAMPOS, F. As respostas de movimento no Z-Teste. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, p. 65-77, mar. 1968.

CAMPOS, F. Bateria coletiva para seleção de costureiras. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, set. 1955.

CAMPOS, F. Catilinarias de Cícero: manual bilíngue em duas traduções e notas. Madrid, Editorial Gredos, 1945.

CAMPOS, F. De officiis de Cícero: comentários e notas críticas e históricas. Madrid: Editorial Gredos, 1944.

CAMPOS, F. De officiis de Cícero: traduções literal e literária. Madrid: Editorial Gredos, 1944.

CAMPOS, F. Diagnóstico Nacional de Desenvolvimento Educacional (Brasil). In: SEMINÁRIO da Associação Internacional d Orientação Escolar e Profissional (AIOSP), 8. 1977. Atas... Lisboa, 1977, p. 207-247.

CAMPOS, F. Diagnóstico Nacional de Desenvolvimento Educacional: o primeiro DNDE. Arquivos Brasileiros de Psicologia, p. 126-141, abr./jun. 1979.

CAMPOS, F. El Instituto de Selección y Orientación Profesional de Rio de Janeiro. Revista de Psicologia General y Aplicada, Madrid, p. 95-113, 1966.

CAMPOS, F. Estudo comparativo de valores nas profissões de economista, policial, jurista e psicólogo. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, p. 5-16, out./dez. 1963.

CAMPOS, F. Inteligência ou interesse? Um teste de vocabulário. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, p. 31-40, dez. 1967.

CAMPOS, F. La psicologia como arma contra el subdesarollo. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, jun. 1966. Reproduzido na Revista de Psicologia General y Aplicada, Madrid, 1968, p. 537-552.

CAMPOS, F. Notas del Laboratório Psicotécnico Virgen de la Paloma. Revista de Psicologia General y Aplicada, Madrid, 1948.

CAMPOS, F. O Congresso de Rorschach de Brasília. Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, p. 67-80, abr./jun. 1973.

CAMPOS, F. O entrevistador em seleção de pessoal. Arquivos brasileiros de Psicologia Aplicada, p. 27-52, out./dez. 1976.

CAMPOS, F. O exame da personalidade na seleção profissional. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, p. 61-70, dez. 1955.

CAMPOS, F. O fator humano e os acidentes de trânsito: 1a parte, visão geral. Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, p. 99-117, out./dez. 1978.

CAMPOS, F. Orientador profissional ou psicólogo: colaboração ou confronto? Boletim CEPA, p. 2-6, dez. 1976.

CAMPOS, F. Os questionários de solicitação de emprego. Boletim CEPA, set. 1978.

CAMPOS, F. Padronização de testes. Boletim CEPA, p. 8-11, jun. 1966.

CAMPOS, F. Problemas humanos na seleção profissional. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, p. 75-78, mar./set. 1957.

CAMPOS, F. Respostas de perspectiva no teste de Rorschach e Inteligência. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, p. 41-62, jan./mar. 1972.

CAMPOS, F. Seleção psicotécnica de motoristas. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, set. 1951.

CAMPOS, F. Sexo e diferenças do tipo de inteligência. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, p. 73-80, out./dez. 1985.

CAMPOS, F. Testes psicológicos na seleção para formação profissional. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, p. 33-52, set. 1969.

Referências

ADRADOS, J. M. C. [Depoimento do autor do verbete, filho de Francisco Campos]. [S.l.], 17 jan. 2016.

Juan Manuel Campos Adrados



CAMPOS, Murillo de *(1887-1968)*

Natural do estado de São Paulo, Brasil. Médico psiquiatra, formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Foi nomeado segundo tenente médico do Exército Brasileiro por decreto de 1º de julho de 1909. No mesmo mês, foi mandado servir na 10ª Inspeção Permanente, em São Paulo. Em novembro desse mesmo ano, foi diagnosticado com neurasthenia aguda e obteve 60 dias de licença para tratamento.

Em agosto de 1912, foi nomeado para servir no Hospital Central do Exército (HCE), onde se tornaria chefe de enfermaria, no ano de 1922, e chefe da Clínica Psiquiátrica, em 1924. Entretanto, sem prejuízo de seu serviço militar, nesse período começou a prestar serviços no Hospício Nacional de Alienados (HNA), colaborando no tratamento e realizando observações dos internos militares oficiais e praças "afetados de doenças mentais", chegando a tornar-se, em 1925, chefe da Sessão Militar de Observações do HNA. Em agosto de 1926, tornou-se assistente militar da clínica psychiatrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Defendeu sua tese de livre-docência, em 1928, sob o título As constituições em psiquiatria: contribuição a seu estudo. Em março de 1929, foi nomeado para dirigir as aulas de Clínica Psychiatrica e Moléstias Nervosas, da Escola

de Aplicação do Serviço de Saúde do Exército. Murillo de Souza Campos foi também, um dos colaboradores na fundação da filial da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro e teria instalado, em 1929, um consultório psicanalítico no HNA. Além disso, foi um dos primeiros adeptos do uso de testes psicológicos no Brasil, escrevendo artigos que analisavam e incentivavam esse novo método de diagnóstico. Publicou artigos em periódicos como Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Archivos de Medicina Legal e Identificação e Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria. Em um de seus artigos (Campos, 1931), descreve o caso de um antigo militar de 80 anos, que tentou matar a mulher encarregada da casa em que residia; para análise desse caso, utilizou a classificação tipológica de Kretschmer (que descreve quatro tipos de sujeito: pícnico, atlético, leptossômico e displásico); o teste de Binet-Stanford (que consiste em um teste de medida do nível intelectual, a partir do qual se pode determinar a idade mental do observado); e o teste de Bouler-Jung (um teste de associação de ideias, em que o observado responde a uma palavra de estímulo com outra que lhe vier à mente).

Realizou também um estudo com 100 soldados, utilizando o teste de Binet-Stanford; os resultados parciais foram relatados em um artigo de Mário Saturnino (também Médico do Corpo de Saúde do Exército), que concluiu ser predominante a idade mental de 10 anos, a frequência de epiléticos (por doença ou constituição), a influência da sífilis sobre o nível mental, além de fazer distinção entre psicoses orgânicas e funcionais.

Esses dois exemplos são importantes, por apontar que a utilização de testes psicológicos, na primeira metade do século XX, foi além do espaço educacional, inserindo-se também na Psiquiatria.

Murillo de Campos era um estudioso de Hygiene Mental, abordando em vários de seus artigos temas como a importância da profilaxia dos distúrbios nervosos e mentais nos grandes exércitos (que utilizava a aplicação de testes psicológicos como processo seletivo juntamente ao exame físico), o desenvolvimento de filhos únicos e a eclosão de distúrbios neuróticos, além de realizar uma análise sobre a definição, caracterização, diagnóstico e tratamento da demência precoce (esquizofrenia).

Em parceria com Leonídio Ribeiro, publicou o livro Espiritismo no Brasil, em 1931, apresentando um estudo "clínico e médico-legal", no qual discutia a relação do Espiritismo com a Medicina, baseando-se em três questões: a explicação dos fenômenos ditos espíritas, o espiritismo como fator de alienação mental e os danos que acarretaria à saúde da população. Além disso, produziram juntos um artigo sobre o laudo médico de Febrônio Índio do Brasil, o primeiro ocupante do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro.

Publicações

CAMPOS, M. de. As constituições em psiquiatria: contribuição a seu estudo. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1928.

CAMPOS, M. de. Caracterologia psiquica da epilepsia. Archivos de Medicina Legal e Identificação, ano IV, n. 9, p. 208-217, 1934.

CAMPOS, M. de. Notas sobre hygiene mental no exército. Arquivos Brasileiros de Hygiene Mental, ano I, p. 90-100, mar. 1925.

CAMPOS, M. de. O filho único e a hygiene mental. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, ano VII, p. 3-17, jan./ mar. 1934.

CAMPOS, M. de. O grupo das esquizofrenias ou demência precoce. Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, n. 3, p. 155-188, 1929.

CAMPOS, M. de. Tentativa de homicídio por octogenário displazico, eunucoide delirante. Archivos

de Medicina Legal e Identificação, ano I, n. 1, p. 39-43, 1931.

RIBEIRO, L.; CAMPOS, M. de. O espiritismo no Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1931.

Referências

PERESTRELLO, M. História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

SATURNINO, M. Psychometria de 100 soldados pelos tests de Binet. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, ano III, n. 1, p. 12-17, 1930.

VENANCIO, A. T. A. Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 327-343, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104=59702010000600004-&lng=en&nrm-isohttp://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702010000600004. Acesso em: 11 ago. 2015.

Julia Xavier
Thais Lins
Ana Maria Jacó-Vilela



CAMPOS, Nilton
(1898-1963)

Nasceu no Rio de Janeiro. Em 1923, formou-se em Medicina, pela Faculdade Nacional de Medicina da antiga Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Especializou-se em Psiquiatria e, já em 1924, integrava a equipe de psiquiatras da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, então dirigida por Gustavo Riedel, que, em 1923, implantou um laboratório de Psicologia para incentivar os médicos-psiquiatras, lotados na Colônia, a realizarem pesquisas, tendo como sujeitos os doentes ali internados. Com a ajuda da Fundação Graffée-Guinle, obteve verbas suficientes para a aquisição dos principais instrumentos disponíveis, naquela época, em todos os grandes laboratórios das universidades europeias. Nilton Campos tornou-se um dos assistentes de Waclaw Radecki, Psicólogo polonês convidado por Riedel para organizar e dirigir o laboratório. De Radecki, recebeu sua formação psicológica através de cursos privados, para os quais eram convidados os médicos-psiquiatras que operavam na Colônia. A importância de Radecki na formação de Nilton Campos está expressamente reconhecida no capítulo Ensaio crítico e analítico baseado no sistema do discriminacionismo afetivo de Radecki, do livro Psicologia da vida afetiva,

publicado em 1930. A participação de Nilton Campos no laboratório estende-se de 1924 a 1930.

Entre 1931 e 1933, radicou-se em São Paulo, onde, com seu colega Joaquim Penino, fundou, organizou e dirigiu o Instituto Médico-Pedagógico Paulista, instituição voltada para a assistência a pessoas com deficiência intelectual, considerada como modelo por Lourenço Filho. Ainda em São Paulo, Nilton Campos foi um dos fundadores da Sociedade de Neuropsiquiatria Paulista. Retornando ao Rio, em 1934, dirigiu o Serviço Neuropsicológico da Secretaria de Saúde e Assistência a Psicopatas do Distrito Federal. Em 1935, foi designado Diretor do Instituto de Psicologia de Assistência a Psicopatas, mantendo-se nesse cargo até 1937. Foi, ainda, neuropsiquiatra do Serviço de Neuropsiquiatria da Secretaria de Saúde e Assistência, de 1933 a 1938. Sua carreira acadêmica inclui passagem como professor no Colégio Pedro II; o exercício da cátedra de Psicologia Educacional, na Faculdade Nacional de Filosofia, em substituição a Lourenço Filho, e, a partir de 1944, o exercício da cátedra de Psicologia Geral, até então entregue ao professor André Ombredane, que regressara à França. O exercício da cátedra efetiva de Psicologia Geral, conquistada em concurso a que concorreu, como candidato único, com uma tese sobre O método fenomenológico em psicologia, estendeu-se de 1948 a 1963, quando faleceu, aos 65 anos de idade. Nilton Campos também exerceu a cátedra de Psicologia Social e Econômica, que integrava o currículo da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde tinha como assistente Carlos Sanchez de Queirós; essa cátedra foi posteriormente conquistada em concurso por Eliezer Schneider.

Sua produção científica pode ser dividida em dois períodos: o de sua participação no Laboratório da Colônia do Engenho de Dentro, quando realizou com Radecki o trabalho A influência do material mnemônico esquecido sobre a associação voluntária, e o período que se inicia com a publicação do Boletim do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, no qual sua produção foi significativa.

Publicações

CAMPOS, N. Ensaio crítico e analítico baseado no sistema do discriminacionismo afetivo de Radecki. In: CAMPOS, N. Psicologia da vida afetiva. Rio de Janeiro: Fundação Gaffré-Guinle, 1930.

CAMPOS, N. O método fenomenológico na psicologia. Boletim do Instituto de Psicologia, ano 13, n. 9/10, 1963.

CAMPOS, N.; RADECKI, W. A influência do material mnemônico esquecido sobre a associação voluntária. In: ANNAES da Colonia de Psychopatas do Engenho de Dentro. Rio de Janeiro: [s.n.], 1930.

Referências

ANNAES da Colonia de Psychopatas do Engenho de Dentro. Rio de Janeiro: [s.n.], 1928-1930.

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Antonio Gomes Penna



CANNABRAVA, Euryalo *(1908-1979)*

Começou a carreira em 1930, no Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, sob a direção de Waclaw Radecki. Em 1932, quando esse laboratório foi transformado em Instituto de Psicologia, foi docente de Psicologia Aplicada ao Direito, e depois, com Jaime Grabois, um dos articuladores do movimento que levou à criação, em 1937, do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil. Todavia, não chegou a lecionar no Instituto, pois, segundo Centofanti (1982, p. 29), antes de este entrar em funcionamento, foi "designado para dirigir o Instituto de Pesquisas Educacionais".

Cannabrava (1957, p. 22) descreveu as três fases por que passou para adotar a posição filosófica que manteve até o final de sua vida. O objetivo da primeira fase era "formular uma teoria filosófica baseada no contacto direto e imediato com os problemas da existência," e a busca de uma "filosofia concreta" situada "entre a fenomenologia husserliana e o existencialismo germânico", mas com independência desses. Corresponde a essa fase o livro Seis temas do espírito humano, de 1941, no qual adota uma posição existencialista.

Em 1942, o livro foi comentado por Alceu de Amoroso Lima, que o considerou o introdutor da Filosofia Existencial no Brasil (Martins, 1996). A segunda fase é de transição e está representada no livro Descartes e Bergson, de 1943, que já contém a atitude crítica que será adotada no período posterior. Todavia, nessas duas obras, diz Cannabrava (1957, p. 22), observa-se "a valorização das reações afetivas e a confiança no 'a priori emocional', proveniente da aguda insatisfação com o intelectualismo inoperante que tudo pretende reduzir a estruturas racionais". Assim, nessas duas fases, a Psicologia exerce papel relevante em sua "técnica de reflexão crítica", papel que ela cede à lógica no período propriamente crítico.

No pós-guerra, Cannabrava vai aos Estados Unidos, onde mantém "estreito contato com o grupo neopositivista da Escola de Chicago", que influencia na definição de sua posição filosófica, "sobretudo na forma de crítica do método e crítica da linguagem que lhe deram Carnap e Morris" (Vaz, 1969, p. 353-354). Mantém contato com os filósofos ingleses, e, em 1948, visita Alfred N. Whitehead, em Cambridge, com quem debateu sobre a estética dos países latino-americanos e sobre "a função metafísica da poesia".

Foi professor-visitante da Universidade de Columbia, onde teve a oportunidade de examinar trabalhos então inéditos de Wittgenstein sobre o problema da indução matemática, e comprou, no câmbio negro e a peso de ouro, uma das Wittgenstein's dictations. Assim, entre 1948 e 1949, Cannabrava escreveu uma série de textos sobre o "mecanismo de previsão indutiva", que compuseram a tese para o Concurso à Cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II, o qual venceu em 1951.

A tese tornou-se, em 1956, o livro Elementos de metodologia filosófica, que tem como complemento a obra Introdução à filosofia científica, publicada no mesmo ano. "Filosofia científica" é o conceito que ele defende ao longo de toda sua obra e o que lhe dá unidade interna. Sua produção posterior é feita sob essa perspectiva.

Os Ensaios filosóficos (1957) têm a finalidade de mostrar como se pode fundamentar científica-

mente a Filosofia. O livro contém uma crítica à posição existencialista, na qual Cannabrava defende a tese da impossibilidade de o existencialismo ser um método adequado para a investigação crítica da filosofia. A série de crônicas sobre a filosofia existencial serve para exemplificar um tipo de literatura antifilosófica e anticientífica, como é também o caso da crítica à doutrina de Maritain. Mas, a maior parte do livro é dedicada à discussão das ideias e posições dos filósofos do Círculo de Viena e da filosofia analítica inglesa.

Para Hegenberg (1978, p. 147), esses ensaios tiveram caráter inovador, para a época, pois apresentavam ao leitor brasileiro autores então "praticamente desconhecidos no país: Russell, Ayer, Tarski, Nagel e Goodman", e o mérito de ter introduzido no país "algumas noções da lógica moderna -- e.g., a de implicação material, a de modelo, a de cálculo, a de estrutura lógica e aludindo à 'implicação estrita de Lewis' e, indiretamente, à lógica modal".

Constam ainda do curriculum vitae de Cannabrava (1977):

[...] conferencista na Universidade de Londres, a convite do Professor A. J. Ayer, conferencista na Universidade de Los Angeles, a convite do Professor Piatt, bolsista da Guggenheim Foundation, Professor Titular da Cadeira de Estética Informacional e Criatividade, no curso de pós-graduação, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Professor Titular de Cibernética e Lógica Matemática, na Faculdade de Humanidades.

Em 1963, publica Estética da crítica e, em 1969, Crítica literária e estética. Nunes (1978) classificou sua Estética como uma das posições então atuais no pensamento estético brasileiro.

Teoria da decisão filosófica (1977) é obra-síntese na qual Cannabrava expõe sua filosofia científica configurada no "Sistema Logos-Psiquê"; trabalho inspirado na filosofia de Wittgenstein, e no qual aceita como efetivo o dualismo do espírito humano. Assim, nessa perspectiva, teríamos duas espécies de conhecimento: o lógico ou epistêmico, por meio de operações abstratas e de sentido formal, e o psicológico ou cognitivo, assentado na observação empírica.

Cannabrava considera que o "dado" colhido pela atividade mental são as vivências com as formas de vida, que coincidem com nossas experiências subjetivas. Em consequência, tomando a linguagem verbal como um operador tecnológico para a expressão dessas vivências, sua pesquisa visa conectar o cognitivo (pensamento imagético) ao epistêmico (pensamento simbólico). Isso é feito pela análise dos operadores tecnológicos que suportam os mecanismos associativos que, em nossas decisões subjetivas, ligam a imagística e o simbólico.

Sua proposta é que se examine a decisão cognitiva como uma técnica objetiva subjacente à decisão subjetiva, interessando-lhe então os elos associativos entre esta última e a primeira. Ele marca sua posição criticando Köhler por não ter percebido que "a experiência subjetiva (Erlebnis) está munida, como diz Wittgenstein, de um substrato técnico, de um operador tecnológico", e ao que ele acrescenta de operador tecnológico; "de rigor informal e de controle incompleto" (p. 145).

Publicações

CANNABRAVA, E. A cultura brasileira e seus equívocos. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1955. 57 p.

CANNABRAVA, E. Contribuição da lógica matemática à mensuração dos fatores psíquicos. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 2, n. 3, set. 1950.

CANNABRAVA, E. Convention, nature and art. Philosophy and Phenomenological Review, v. 4, n. 3, mar. 1949.

CANNABRAVA, E. Crítica literária e estética. In: SIMPÓSIO de Língua e de Literatura Portuguesa, 2., Anais... Rio de Janeiro: Gernasa, 1969.

CANNABRAVA, E. Descartes e Bergson. São Paulo: Amigos do Livro, 1943.

CANNABRAVA, E. Dois aspectos da teoria do conhecimento. In: CONGRESSO Brasileiro de Filosofia II, 1., Anais... [S.l.: s.n.], 1950. p. 377-388.

CANNABRAVA, E. Elementos de metodologia filosófica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CANNABRAVA, E. Ensaios filosóficos. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1957.

CANNABRAVA, E. Estética da crítica. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Serviço de Documentação, 1963.

CANNABRAVA, E. Estrutura e teoria científica. In: CONGRESSO Internacional de Filosofia de São Paulo. Anais... [São Paulo]: [s.n.], 1956. v. 3. p. 799-806.

CANNABRAVA, E. Estrutura lógica do argumento matemático. In: CONGRESSO Nacional de Filosofia, 3., Anais... [S.l.: s.n.], 1959. p. 295-298.

CANNABRAVA, E. Filosofia como síntese reflexiva. Revista Brasileira de Filosofia, v. 1, p. 36-61, 1951.

CANNABRAVA, E. Introdução à filosofia científica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CANNABRAVA, E. Introdução ao objetivismo crítico. Revista Brasileira de Filosofia, v. 2, p. 48-76, 1952.

CANNABRAVA, E. Juízos analíticos e juízos sintéticos. In: CONGRESSO Brasileiro de Filosofia II, 1., Anais... [S.l.: s.n.], 1950. p. 367-375.

CANNABRAVA, E. Lógica modal e dedução. Revista Brasileira de Filosofia, v. 5, p. 60-68, 1955.

CANNABRAVA, E. Ludwig Wittgenstein. Revista Brasileira de Filosofia, v. 2, p. 592-593, 1952.

CANNABRAVA, E. Philosophical analysis, causality and space-time. In: CONGRÈS International de Philosophie, 10., Actes... [S.l.: s.n.], 1953. p. 168-174.

CANNABRAVA, E. Present tendencies in Latin America Philosophy. The Journal of Philosophy, v. 45, n. 5, p. 113-119, 1949.

CANNABRAVA, E. Seis temas do espírito moderno. São Paulo: Panorama, 1941.

CANNABRAVA, E. Teoria da decisão e matemática qualitativa. CONGRESSO Nacional de Filosofia, 4., Anais... [S.l.: s.n.], 1962. p. 476-484.

CANNABRAVA, E. Teoria da decisão filosófica: bases psicológicas da matemática, da linguística e da teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

Referências

ACERBONI, L. A filosofia contemporânea no Brasil. Trad. J. B. Feres. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1969.

CENTOFANTI, R. Radecki e a psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, ano 3, n. 1, p. 2-50, 1982.

CHISHOLM, R. M. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia. Revista Brasileira de Filosofia, v. 2, p. 594-595, 1952. Resenha.

CRIPPA, A. (Org.). As idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Convívio, 1978.

HEGENBERG, L. A lógica e a filosofia da ciência no Brasil. In: CRIPPA, A. (Org.). As idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Convívio, 1978. p. 143-201.

LARA, T. L. Caminhos da razão no ocidente: filosofia ocidental, do renascimento aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIMA, A. A. Meditação sobre o mundo moderno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

MARTINS, W. História da inteligência brasileira. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996. v. 7.

NUNES, B. O pensamento estético no Brasil. In: CRIPPA, A. (Org.). As idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Convívio, 1978. p. 85-142.

PAIM, A. História das idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Grijalbo, 1967.

SEVERINO, A. J. A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

VAZ, Pe. H.L. O pensamento filosófico no Brasil de hoje. In: FRANCA, L. Noções de história da filosofia. Rio de Janeiro: Agir, 1969. p. 343-377.

VITA, L. W. A filosofia atual no Brasil. Revista Brasileira de Filosofia, v. 8, p. 331-340, 1958.

Norberto Abreu e Silva Neto

CARDIM, Fernão
(1540-1625)

Nasceu em Viana do Alentejo. Entrou na Companhia de Jesus, em 1566, e aí desempenhou as funções de administrador, historiador e etnógrafo. Após concluir os cursos de Humanidades, Artes Liberais e Teologia no Colégio de Évora, tornou-se ministro do mesmo colégio e adjunto do Mestre de Noviços em Évora e Coimbra.

Embarcou para o Brasil, em 1583, como secretário do Visitador Cristóvão de Gouveia. Permaneceu no país como Reitor do Colégio da Bahia e do Rio de Janeiro até ser nomeado procurador em Roma, em 1598. Caiu em poder de piratas ingleses em seu retorno ao Brasil, em 1601, o que retardou sua chegada na Colônia para 1604, quando se tornou Provincial até 1609. Foi novamente Reitor dos colégios da Bahia e do Rio de Janeiro e, com o cativeiro de Domingos Coelho, durante a invasão holandesa na Bahia, em 1624, assumiu o cargo de Vice-Provincial.

Considerado um escritor de vasta cultura, deixou obras significativas sobre a cultura e os costumes dos indígenas, importantes para a reconstrução das ideias psicológicas no Brasil colonial, tais como: Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias ou Tratados da terra e gente do Brasil (1583-1601), entre outros tratados e cartas sobre a experiência e a atuação da Companhia de Jesus nas terras brasileiras. Veio a falecer na Bahia, em 1624.

Publicações

CARDIM, F. Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias. [S.l. : s.n.], 1583-1601.

CARDIM, F. Tratados da terra e gente do Brasil. [S.l. : s.n.], 1583-1601.

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira – da época colonial até 1934. São Paulo: Epu, 1990.

MASSIMI, M. Palavras, almas e corpos no Brasil colonial. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Paulo José Carvalho da Silva
Marina Massimi

CARDOSO, Ofélia Boisson *(1894-1994)*

Educadora e Psicóloga brasileira natural do Rio de Janeiro. Cursou a Escola Normal do Rio de Janeiro e exerceu o magistério primário durante vários anos. Em 1934, inscreveu-se no Curso de Orientadoras Escolares, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, e desempenhou a atividade de orientadora em escolas primárias da rede pública. Muito interessada em problemas de ajustamento psicológico e de rendimento escolar, dedicou-se ao estudo de questões de Psicologia infantil e juvenil e de aprendizagem.

Em 1944, publicou seu primeiro livro, intitulado Ensinar e aprender, que teve bom acolhimento. O livro reproduz a parte essencial de um curso para professores primários que a autora realizou, em 1941, e trata da aprendizagem inicial da leitura e da escrita, da linguagem e da matemática nas classes elementares.

Ocupou o cargo de Técnica de Educação da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro e lecionou Psicotécnica na Faculdade de Serviço Social da Prefeitura do Rio de Janeiro. Em 1945, exerceu a chefia do Serviço de Ortofrenia e Psicologia do Centro de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro e, depois, chefiou a Seção de Pesquisas Pedagógico-Sociais do Serviço de Assistência a Menores (SAM).

Quando foi fundada a Associação Brasileira de Psicotécnica, em setembro de 1949, a professora Ofélia Boisson Cardoso, foi um dos nove sócios honorários então aclamados pelos serviços prestados à área. Nos anos 50, passou a dedicar-se mais à Psicologia Clínica, e, dessa experiência, resultaram quatro livros, editados na Biblioteca de Educação da Editora Melhoramentos, dos quais se tiraram várias edições.

Publicações

CARDOSO, O. B. Alguns problemas de perturbação do caráter. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, v. 3, n. 8, p. 176-184, fev. 1945.

CARDOSO, O. B. Alguns problemas do ensino da linguagem. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, v. 24, n. 59, p. 58-102, jul./set. 1955. Parte 1.

CARDOSO, O. B. Alguns problemas do ensino da linguagem. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, v. 25, n. 61, p. 35-39, jan./mar. 1956. Parte 2.

CARDOSO, O. B. Aspectos psicológicos no ensino da linguagem. Rio de Janeiro: Conquista, 1963.

CARDOSO, O. B. Divulgando experiências sobre os Testes ABC. Revista do ensino, Porto Alegre, n. 28/29, mar./abr. 1955.

CARDOSO, O. B. Ensinar e aprender. Rio de Janeiro: A Noite, 1944.

CARDOSO, O. B. Fatores sociais de higiene mental. In: CONGRESSO Interamericano de Psicologia, 6., 1960, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1960.

CARDOSO, O. B. O problema da repetência na escola primária. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 13, n. 35, p. 74-88, jan./abr. 1949.

CARDOSO, O. B. Problemas da adolescência. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

CARDOSO, O. B. Problemas da família. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

CARDOSO, O. B. Problemas da infância. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

CARDOSO, O. B. Problemas da mocidade. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

CARDOSO, O. B. Problemas relacionados à maturidade e o Teste ABC, de Lourenço Filho. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, v. 22, n. 55, p. 154-174, jul./set. 1954.

CARDOSO, O. B. Técnica de aplicação e julgamento dos Testes ABC. Revista de Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, [s.d.].

Ruy Lourenço Filho



CARNEIRO, Helena Dias Pereira *(? - ?)*

Ao buscar conhecimentos psicopedagógicos para cuidar de problemas de saúde de seu filho, José Luiz Pereira Carneiro, tornou-se fiel colaboradora de Helena Antipoff, que, nessa ocasião (1945), servia ao Ministério da Saúde no Rio de Janeiro, onde fundou o Centro de Orientação Juvenil (COJ). Uma das primeiras mães a batalhar com Helena Antipoff, participou da criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil (SPB), em 1945, no Rio de Janeiro. Fez parte também do Conselho Consultivo (1975), como 2° Tesoureiro (suplente) da Federação Nacional das Sociedades Pestalozzi (FE- NASP, 1978-1982).

Desenvolveu e dinamizou atividades vitais para a SBP: coordenou o Conselho de Estudantes da SPB, que discutia grande parte do trabalho pedagógico e social com Helena Antipoff (coordenadora técnica), e publicou o Boletim da SPB. Participou da fundação da primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em 1954, no Rio de Janeiro. Lecionava Matemática no Serviço Nacional do Comércio (Senac-RJ), quando foi convidada a estudar a Psicologia do ensino de Matemática e do diagnóstico das dificuldades na aprendizagem da Matemática, como assistente do Prof. André Rey, em curso dado no Laboratório de Psicologia do Instituto Superior Rural (ISER), em 1958, em Ibirité. Apresentou o projeto de um centro nacional destinado a preservar a obra da Mestra Helena Antipoff, documentar sua época e divulgar seu ideário, em 1979, em Belo Horizonte. A partir desse projeto, foi fundado, em 1980, o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA). Helena Dias Carneiro participou como Coordenadora Regional do CDPHA-RJ, entre 1980-1988, e promoveu a implantação do Arquivo Oral e do Encontro Anual Helena Antipoff, além da publicação do Boletim do CDPHA.

Referências

BOLETIM DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF. Ibirité: CDPHA, n.1, 1981.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil. Acervo Helena Dias Carneiro. Belo Horizonte. [20 --].

Ivani Maria de Souza



CARRILHO, Heitor Pereira
(1890-1954)

Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte. Psiquiatra forense, considerado um dos construtores dessa área de saber no Brasil. Formou-se em medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1911, com a tese Contribuição clínica ao estudo das formas depressivas da psicose pré-senil, fruto de sua experiência como interno do Hospício Nacional de Alienados. Em 1917, tornou-se "alienista efetivo" daquela instituição.

Tornou-se, em 1915, livre-docente de Clínica Psiquiátrica da Faculdade Fluminense de Medicina. Em setembro de 1918, foi designado chefe do Serviço de Alienados Delinquentes da Assistência a Alienados do Distrito Federal. Durante a maior parte da década de 1910, dedicou-se ao estudo dos "alienados delinquentes" e "delinquentes alienados", e às implicações médico-legais de certas categorias de doentes mentais, colaborando em vários periódicos médicos do período. Dedicou-se, assim, ao estudo teórico e prático, por meio de exames e elaboração de avaliações, de "epiléticos", "parafrênicos", "esquizofrênicos" e "anômalos morais" criminosos. Diferentemente de alguns psiquiatras de relevo do período, não realizou viagens de estudos fora do país, mas, por contatos próximos com Juliano Moreira, Antônio Austregésilo e Ulysses Vianna, reproduzia e elaborava o que havia de mais validado na ciência psiquiátrica, sobretudo o modelo de psiquiatria do alemão Emil Kraepelin.

Em 1921, foi indicado por Juliano Moreira para a direção do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro, primeira instituição dessa natureza no país, a qual dirigiu até sua morte, produzindo ali uma enorme quantidade de laudos psiquiátricos. Em 1930, iniciou a publicação dos Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro. Não tendo publicado livros, nesta revista condensou toda a sua produção: artigos sobre os mais variados temas, resultados de pesquisas, discursos, laudos psiquiátrico-legais, relatórios do Conselho Penitenciário do Distrito Federal (do qual participou a partir de 1933 até fins da década de 1940), jurisprudências etc.

Nas décadas de 1920 e 1930, consolidou-se como personagem importante no establishment criminológico e penal da cidade do Rio de Janeiro, sendo respeitado pessoal, intelectual e cientificamente por juristas e magistrados de renome, como Nelson Hungria, Magarinos Torres, Roberto Lyra, Ary Azevedo. Nesse período, atuou sistematicamente na Sociedade Brasileira de Criminologia, da qual foi um dos sócios-fundadores em 1933.

Heitor Pereira Carrilho teve participação significativa na elaboração de projeto de Código Penitenciário, em 1931; foi o único médico a atuar nas subcomissões legislativas do período. Defendeu a colaboração entre psiquiatras e juristas para a transformação do sistema penitenciário e das leis penais, sempre preconizando um olhar "biopsicológico". Na década de 1940, lutou pela reestruturação do Manicômio Judiciário e pela construção das Casas de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, previstas nas novas normativas penais do período.

Publicações

CARRILHO, H. P. A colaboração dos psiquiatras nas questões penais. Arquivos do Manicômio Judiciário

do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano I, v. 2, p. 155-172. 1930.

CARRILHO, H. P. Contribuição clínica ao estudo das formas depressivas da psicose pré-senil. Tese (Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1911.

CARRILHO, H. P. Estudo clínico das parafrenias. Trabalho (Livre-docência) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1915.

CARRILHO, H. P. Psicopatologia da paixão amorosa e seu aspecto médico-legal. Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, ano IV, v. 1 e 2, p.33-59, 1933.

Referências

DIAS, A. Arquivos de ciências, crimes e loucuras: Heitor Carrilho e o debate criminológico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

Allister Andrew Teixeira Dias



CARVALHAES, João
(1927-1976)

Nasceu em 15 de agosto de 1927, em Santa Rita do Passa Quatro (SP). Cursou a Escola Normal, depois o Bacharelado em Ciências Políticas na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Trabalhou, de 1942 a 1946, na The São Paulo Trainway Light and Power Company Limited. Ao ser criada a Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC), em 1946, nela ingressou no cargo de escriturário, iniciando sua prática no uso de testes psicológicos na seleção de pessoal e ocupando diferentes cargos, chegando a Psicotécnico Supervisor nas áreas de ensino, seleção e formação profissional, seu último cargo naquela instituição, na qual permaneceu até 1970.

Trabalhou ainda, em outras instituições públicas e privadas, como Phebo, Instituto Brasileiro de Segurança, Fundação Getúlio Vargas, Estrada de Ferro Sorocabana, Credicard, Banco de Crédito Nacional, IDORT, Serbank e VASP.

Recebeu duas homenagens relacionadas ao seu trabalho como psicotécnico, em 1958: o Diploma de Mérito da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, do Ministério do Trabalho, e a Medalha de Mérito na Segurança do Trabalho, do Departamento Nacional do Trabalho, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Realizou cursos de aperfeiçoamento sobre o psicodiagnóstico miocinético (PMK), muito utilizado em seu trabalho com o futebol, além de outros oferecidos pela Sociedade de Psicologia de São Paulo.

A inserção na área esportiva, aparentemente, foi influenciada tanto por sua experiência como psicotécnico como por suas atividades na área de Jornalismo. Possuía dois registros como jornalista profissional, circulando pelo jornalismo esportivo – com 16 crônicas sobre boxe, sob o pseudônimo João do Ringue, em especial no jornal Equipe – até mergulhar no trabalho como psicólogo do esporte. Publicou seu primeiro artigo de Psicologia, Resultado do método introspectivo, em 1944, no jornal da cidade de Taquaritinga. Desde então, até 1975, publicou outros artigos sobre recrutamento, seleção e treinamento de pessoal e sobre psicologia do esporte em jornais e revistas de grande circulação, como também em periódicos especializados em Psicologia, como os Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada. Em seu acervo encontram-se, ainda, 64 artigos inéditos, dos quais 21, especificamente, ligados à psicologia do esporte, e 19 participações em palestras e eventos científicos, dos quais 12, claramente, voltados para o esporte.

Em 1954, foi contratado pela Federação Paulista de Futebol, atuando na seleção psicotécnica de candidatos à Escola de Árbitros e na preparação psicológica dos árbitros até 1959. Em 1957, foi contratado pelo São Paulo Futebol Clube (SPFC), onde permaneceu até 1974. Em 1961, realizou a seleção de candidatos ao Curso de Jurados e Juízes da Federação Paulista de Pugilismo.

Em seu livro Um psicólogo no futebol: relatos e pesquisas (1974), abordou o seu trabalho no SPFC e na seleção brasileira de futebol, descrevendo pesquisas e teorias sobre o jogador de futebol e o trabalho do psicólogo no esporte. Afirmou que seu interesse sobre psicologia aplicada ao esporte pode se concretizar após os contatos com Mira y López nos cursos sobre o PMK. Considerou sua atuação no SPFC o trabalho mais importante de sua carreira, embora o maior destaque midiático tenha sido sua atuação na Seleção Brasileira de Futebol campeã da Copa do Mundo de 1958. A repercussão desse resultado lhe conferiu uma Medalha Especial, concedida pelo Presidente da República.

Em 1963, a Federação Paulista de Pugilismo solicitou que preparasse os lutadores para os Jogos Pan-Americanos. Colaborou também com a preparação de atletas da Federação Paulista de Basquete que participaram do II Torneio Mundial de Biddy Basketball (um formato de basquete adaptado para crianças), em Porto Rico.

Sua atuação na área esportiva, decorria da Psicologia aplicada e experimental da época. Criou um laboratório de experimentação e pesquisa em Psicologia, na Federação Paulista de Futebol, utilizado para estudar o jogador e o árbitro de futebol. Empregou muitos testes psicológicos com ambos os públicos, como o PMK, o Teste da Figura Humana e o Armytest. Em seu acervo pessoal, constam muitos outros testes, principalmente, de inteligência e de personalidade.

Criou um teste psicológico, o JC, que, em 1955, encontrava-se em análise pela Campanha de Inquéritos e Levantamento do Ensino Médio e Elementar (CILEME). Essa instituição já lhe havia solicitado o envio dos testes utilizados na CMTC com o fim de organizar um arquivo. Em 1970, teve outro teste de sua autoria publicado: o Teste da Destreza Digital.

Foi sócio da International Society of Sports Psychology e, em 1951, sócio efetivo e segundo-secretário da Sociedade de Psicologia de São Paulo. Renunciou ao cargo, em maio de 1952. Foi escolhido patrono da Cadeira 22 da Academia Paulista de Psicologia, destinada àqueles que se empenharam em ampliar os horizontes da Psicologia por espaços ainda pouco explorados, como o esporte, em sua época. Tornou-se psicólogo com a publicação da Lei 4.119/62, que regulamentou a profissão, obtendo o registro n. 79 em 1974.

Em 2000, a Comissão de Psicologia do Esporte do Conselho Regional de São Paulo realizou um vídeo comemorativo sobre Carvalhaes, resultante de pesquisa cujos dados estão disponíveis no site do CRP-SP, que também atribuiu a Carvalhaes, postumamente, a medalha "Centenário da Psicologia Científica", durante a comemoração do I Centenário da Psicologia como Ciência (1979), por sua contribuição ao desenvolvimento da Psicologia.

Publicações

CARVALHAES, J. Considerações sobre a inteligência dos atletas de futebol. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 23, n. 2, p. 97-101, 1971.

CARVALHAES, J. Correlação entre o estado psicológico e o rendimento do atleta no futebol e conseqüente prognóstico da performance. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 21, n. 3, p. 63-88, 1969.

CARVALHAES, J. Duas experiências de descondicionamento psicológico numa equipe de futebol. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 24, n. 4, p. 49-54, 1972.

CARVALHAES, J. Experimentações psicológicas no esporte. In: CONGRESSO Inter-Americano de Psicologia, 6, 1960. Anais... 1960, p. 142.

CARVALHAES, J. O porquê de um psicólogo no futebol. Esporte e Educação, v. 6, n. 35, p. 24, 1974.

CARVALHAES, J. Psicologia no esporte: história, fundamentos, perspectivas e pesquisas. Boletim de Psicologia, v. 26, n. 69, p. 61-73, 1975.

CARVALHAES, J. Sociometria e experimentação de dinâmica de grupo no futebol. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 23, n. 1, p. 73-98, 1971.

CARVALHAES, J. Teste Destreza Digital. São Paulo: Vetor, 1970.

CARVALHAES, J. Um psicólogo no futebol: relatos e pesquisas. São Paulo: Editora Esporte Educação, 1974.

Referências

CARVALHO, C. A. Para além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a história da psicologia do esporte no Brasil. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CIAMPA, F. da C.; AZEVEDO, M. L. B.; WAENY, F. C. Pioneiro da psicologia do esporte: João Carvalhaes. [Filme-vídeo]. Produção: Mônica Leopardi B. de Azevedo e Maria Fernanda Costa Waeny. Direção: de Fernão da Costa Ciampa. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2001.

COSTA, H. C. B. V. A. Resgatando a memória dos pioneiros: João Carvalhaes. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, ano 26, n. 3, p. 15-21, 2006.

CUSTODIO, E. M. Lino de Macedo: um construtor da Psicologia. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 28, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200007&lng=pt&nrm=is>. Acesso em: 17 dez. 2015.

HERNANDEZ, J. A. E. João Carvalhaes: um psicólogo campeão do mundo de futebol. Estudos e pesquisas em psicologia, v. 11, n. 3, 2011. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8356/6155. Acesso em: 25 ago. 2013.

PIONEIRO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE. João Carvalhaes. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/default.aspx. Acesso em: 17 dez. 2015.

WAENY, M. F. C.; AZEVEDO, M. L. B. de. João Carvalhaes: pioneiro da psicologia do esporte. 2003. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/artigo.aspx. Acesso em: 3 mar. 2011.

Adriana Amaral do Espírito Santo
Cristianne Almeida Carvalho
Ana Maria Jacó-Vilela

CARVALHO, Manoel Marques de (1911- 1995)

Nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo. Realizou seus estudos na Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo. Em 1938, submeteu-se a concurso público para Técnico de Educação, alcançando um dos primeiros lugares. Nomeado para o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), foi designado Chefe da Seção de Inquéritos e Pesquisas. Mais tarde, realizou cursos de especialização na Escola de Educação da Universidade da Pennsylvania, Estados Unidos. Participou da Missão Cultural Brasileira no Paraguai. Mais adiante, submeteu-se a concurso público para professor de Psicologia Educacional do Instituto de Educação, sendo aprovado e nomeado, em 1948, para exercer suas atividades docentes.

Obteve o registro de Psicólogo através da Lei 4.119. Publicou, entre outros, os seguintes trabalhos: Aspectos do ensino numa universidade norte-americana (1944); Orientação educacional e oportunidades de educação (1945); Situação atual e tendências do ensino técnico-comercial no Brasil (1975).

Publicações

CARVALHO, M. M. de. Aspectos do ensino numa universidade norte-americana. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 1/2, p. 203-212, 1944.

CARVALHO, M. M. de. Orientação educacional e oportunidades de educação. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 5, n. 13, p. 35-48, 1945.

CARVALHO, M. M. de. Situação atual e tendências do ensino técnico-comercial no Brasil.

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 44. n. 99, p. 72-98, 1975.

Antonio Gomes Penna
Ruy Lourenço Filho



CARVALHO, Murilo Braga de *(1911-1952)*

Nasceu em Luzilândia, Piauí. Formou-se bacharel em Direito, em 1937, pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Não se dedicou à carreira de Advogado. Em 1938, tornou-se Técnico de educação por concurso público, em que alcançou o primeiro lugar. Logo foi designado para exercer a chefia da Seção de Psicologia Aplicada do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), do Ministério da Educação. Diretor da Divisão de Seleção do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), planejou e executou os concursos de seleção de pessoal de órgãos federais, em todo o país, no início da década de 1940. Em fevereiro de 1946, nomeado diretor do INEP, organizou o plano de construções escolares com recursos federais, em todo o Brasil, e de desenvolvimento de escolas normais para a formação de professores. Iniciou convênios com os Estados para o aperfeiçoamento de professores, criando bolsas de estudo na cidade do Rio de Janeiro, à época capital federal. Embora indicado para assistente da cátedra de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia da hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da qual era titular o eminente prof. Lourenço Filho, nunca a exerceu efetivamente.

No entanto, deixou apreciável número de trabalhos, entre os quais: 1) As classes homogêneas e os testes ABC, em 1933; 2) O datilógrafo (Relatório apresentado ao Conselho Federal de Serviço Público), em colaboração com o Professor Lourenço Filho, publicado em 1938, e com a conclusão também publicada na Revista do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT); 3) Validade e fidedignidade nos testes coletivos de inteligência (1948); 4) Seleção do pessoal: seus objetivos e seus problemas (1951). Na cidade de Barra do Piraí (RJ), existe uma escola com o seu nome, por certo, testemunhando o quanto lutou para que se instalassem escolas em todo o país. Veio a falecer na floresta ao sul da Região Amazônica, num acidente com o avião Presidente, da Pan American, em 1952.

Publicações

CARVALHO, M. B. de. As classes homogêneas e os testes ABC. Rio de Janeiro: [s.n.], 1933.

CARVALHO, M. B. de. Seleção do pessoal: seus objetivos e seus problemas. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 16, n. 44, p. 62-87, 1951.

CARVALHO, M. B. de. Validade e fidedignidade nos testes coletivos de inteligência. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 12, n. 34, p. 5-38, 1948.

CARVALHO, M. B. de; LOURENÇO FILHO, M. B. O datilógrafo: conclusão. Revista do IDORT, São Paulo, n. 77, p. 99-101, 1938.

CARVALHO, M. B. de; LOURENÇO FILHO, M. B. O datilógrafo: relatório. Revista do IDORT, São Paulo, n. 76, p. 86-88, 1938.

Referências

RIBEIRO, S. D. D. Educação e mídia: formação do sujeito em espaço-tempo de educação física. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16584. Acesso em: 21 dez. 2015.

Antonio Gomes Penna
Ruy Lourenço Filho



CASASANTA, Lucia Monteiro *(1908-1989)*

Nasceu em Santa Luzia, MG, no ano de 1908 e recebeu o nome de Lucia Schmidt Monteiro de Castro. Ao se casar com Mário Casasanta, mudou seu nome para Lucia Monteiro Casasanta. Atuou como professora de Metodologia da Linguagem, em Belo Horizonte, por mais de cinco décadas (1925/1977). Formou-se na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, em 1925. Entre 1927 e 29, especializou-se em Metodologia da Linguagem no Teacher's College, da Universidade de Colúmbia. Nesse período, cursou disciplinas de Psicologia, Sociologia e Metodologia da Leitura. Foi uma das professoras fundadoras da Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais (1929/1946) e contou com a efetiva colaboração de Helena Antipoff, coordenadora do Laboratório de Psicologia da referida escola.

Assumiu a cadeira de Metodologia da Língua Pátria e foi a responsável pela divulgação e vulgarização dos pressupostos do Método global no Brasil. Tradicionalmente, os métodos de leitura são agrupados em dois: métodos de orientação sintética (alfabéticos, fonéticos e silábicos) e métodos de orientação analítica ou global, assim denominados por partirem de determinados conjuntos, sentenças, frases, palavras.

As pesquisas de Decroly sobre a Teoria da aprendizagem fundamentaram os princípios do Método

global. Para os globalistas, a aprendizagem da leitura tem de considerar a "totalidade" da percepção visual da criança como marcha natural de seu desenvolvimento psicológico, além da motivação, do uso de jogos e interesse da criança.

No desenvolvimento de sua metodologia, o método global de contos, Lucia Casasanta contou não só com as pesquisas de Decroly, mas também serviram de suporte para a sua atuação as pesquisas realizadas por Alfred Binet, Theodore Simon, Édouard Claparède e Helena Antipoff.

Em experiências realizadas com Helena Antipoff e as alunas-mestras, nas Classes Anexas da Escola de Aperfeiçoamento, Lucia Casasanta aprofundou as pesquisas e demonstrou a superioridade do método global sobre os demais. Como resultado dessas pesquisas, define-se, metodologicamente, as cinco fases do método global de contos: conto, sentenciação, porção de sentido, palavração e silabação.

As pesquisas psicológicas, as experimentações metodológicas nas Classes Anexas e nas Classes de Demonstração, serviram de arcabouço para a produção de materiais didáticos - pré-livros - e de leitura suplementar da professora e de várias ex-alunas. Em 1954, Lucia Casasanta publica a coleção didática As mais belas histórias, cujo pré-livro Os três porquinhos foi um sucesso editorial, publicado ininterruptamente até 1994.

As inovações psicológicas e metodológicas advindas da Escola de Aperfeiçoamento se sustentaram mesmo após a transferência desta para o Instituto de Educação de Minas Gerais, em 1946, com a denominação de Curso de Administração. Em 1977, Lucia Casasanta aposenta-se como professora do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Minas Gerais, depois de ter atuado como professora durante mais de cinco décadas, como formadora de professoras-alfabetizadoras, defensoras do Método global. Além de sua atuação como professora, Lucia Casasanta foi membro do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais (1963/77) e do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais (1968/70). Em 1974, fundou a primeira Clínica de Leitura e Linguagem, em Belo Horizonte, cujo objetivo era atender e pesquisar alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita.

Analisando a trajetória profissional de Lucia Casasanta, podemos afirmar que ela foi uma grande defensora dos princípios psicopedagógicos do Método global de contos, como o mais adequado para o início da aprendizagem da leitura e da escrita.

Publicações

CASASANTA, L. M. A neta da galinha ruiva. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1971.

CASASANTA, L. M. As mais belas histórias. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1954. 4 v.

CASASANTA, L. M. As mais belas histórias: leituras intermediárias. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1954.

CASASANTA, L. M. Bingo: leitura infantil. Belo Horizonte: Editora do Brasil, [s.d.].

CASASANTA, L. M. Boneca: leitura infantil. Belo Horizonte: Editora do Brasil, [s.d.].

CASASANTA, L. M. Guia do mestre para aplicação das leituras intermediárias. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1954.

CASASANTA, L. M. Guia do mestre para aplicação do pré-livro. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1954.

CASASANTA, L. M. Guia do mestre para aplicação dos volumes 1 a 3. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1954.

CASASANTA, L. M. Língua pátria, linguagem oral, leitura, gramática, composição, ortografia e escrita. In: MINAS GERAIS. Secretaria da Educação. Programas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1952.

CASASANTA, L. M. Língua Pátria. In: MINAS GERAIS. Secretaria da Educação. Programa em experiência de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1940.

CASASANTA, L. M. Métodos de ensino da leitura. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1972.

CASASANTA, L. M. Pré-livro: história dos três porquinhos. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1954.

Referências

RODRIGUES, A. L. Biografia no livro de Lúcia Casasanta - As mais belas histórias. Juiz de Fora, MG: Editora Paratexto, 2023. In: GENEA MINAS. Lúcia Shmidt Monteiro de Castro (Lúcia Casasanta). Minas Gerais: Genea Minas, 2023. Disponível em: https://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira/restrita/enlace.asp?codenlace=1545817. Acesso em: 21 dez. 2024.

Francisca Izabel Pereira Maciel



CASASANTA, Mário *(1898-1963)*

Natural de Jaguari, Minas Gerais. Em Pouso Alegre, fez o curso secundário e formou-se no curso de Farmácia, em 1920. Em seguida, ingressou na Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais (atual Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)), formando-se bacharel em 1925. Atuou como Inspetor Geral da Instrução Pública de Minas Gerais (1928-1931), Professor Catedrático de Português do Ginásio Mineiro (1936), Professor de Direito Constitucional da Universidade de Minas Gerais (a partir de 1938), Reitor da Universidade de Minas Gerais (1930-1931 e 1941-1944), Advogado Geral do Estado (1933-1937), Diretor da Caixa Econômica Federal (1945-1957), Diretor do Instituto de Educação de Minas Gerais (1957-1958), Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (1957-1958) e Secretário do Interior do governo de José Magalhães Pinto (1963).

No cargo de Inspetor-Geral da Instrução Pública, durante o governo de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1926-1930), atuou ao lado de Francisco Campos, assumindo relevante papel na implantação da reforma do ensino público mineiro conhecida como Reforma Francisco Campos – Mário Casasanta. Nessa ocasião, a Igreja Católica mineira manifestou-se contrária aos conteúdos ensinados na disciplina Psicologia nas Escolas

Normais, à tendência positivista do professor contratado para ministrar essa disciplina, Dr. Iago Pimentel, e aos novos métodos de ensino em geral. Foi, sobretudo, a ação conciliadora de Mário Casasanta junto à Igreja e à sociedade que possibilitou a aceitação da Reforma, e especificamente, do ensino da Psicologia Científica para o professorado do Estado.

Em 1932, Mário Casasanta foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, apresentando críticas ao sistema educacional brasileiro então vigente, e propostas para a reconstrução das instituições de ensino segundo os moldes do Funcionalismo e da Escola Ativa.

Entre 1956 e 1958, esteve à frente da Secretaria da Educação do Governo de Abgar Renault. Nesse período, foi firmado um convênio entre o Estado de Minas Gerais e o governo norte-americano, resultando na instalação do Programa Brasileiro-Americano de Assistência ao Ensino Elementar (PABAEE) nas dependências do Instituto de Educação, então sob a direção de Mário Casasanta. O objetivo do programa era possibilitar o desenvolvimento de atividades relacionadas à educação, dentre as quais o estudo da Psicologia aplicada à educação, da orientação e da seleção profissional, visando a uma nova reforma do ensino público. Aderindo ao convênio, Mário Casasanta pensou que poderia fazer Belo Horizonte reviver o clima de "capital pedagógica do país". Entretanto, a pouca autonomia de que dispunha como diretor brasileiro do programa e o fato de discordar da abordagem dada às questões educacionais levaram-no a se desligar da direção do Instituto de Educação em 1959. Passou a investir seu tempo nessa instituição em atividades de pesquisa no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais (CREPE). Aí, em parceria com Lúcia Casasanta, dedicou-se ao estudo da linguagem da criança em fase escolar e a projetos de reconstrução da memória escolar no Brasil, publicando os resultados de suas pesquisas nos Boletins do CREPE. Faleceu em 1963.

Referências

CASASANTA, A. M. Mário Casasanta. In: FÁVERO, M. de L. A.; BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999. p. 402-411.

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc. gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

MOURÃO, P. K. C. O ensino em Minas Gerais no tempo da República (1889-1930). Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de MG, 1962.

NISKIER, A. Educação brasileira: 500 anos de história 1550-2000. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

PAIVA, E. V.; PAIXÃO, L. P. Subprojeto 2 - Programa Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar (PABAEE): reconstrução histórica. In: PEIXOTO, A. M. C. (Coord.). Projeto memória histórica do ensino primário e normal em Minas Gerais. Belo Horizonte: FAPEMIG/Faculdade de Educação/UFMG, 1995. Relatório final.

PEIXOTO, A. M. C. Educação e Estado Novo em Minas Gerais. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

PRATES, M. H. de O. Introdução oficial do movimento da Escola Nova no ensino público de Minas Gerais: a Escola de Aperfeiçoamento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

Érika Lourenço



CASTRO, Maria Angélica de *(1898-1988)*

Maria Angélica de Castro nasceu em Santo Antônio do Monte, Minas Gerais. Primeira de 14 irmãos, viveu na fazenda dos pais até a idade de 12 anos, quando foi levada para a cidade, a fim de iniciar os estudos. Logo depois, retornou à fazenda, pois o pai contratara um professor particular para cuidar da educação dos filhos. Ela fez parte do ensino primário com os irmãos e com os filhos dos empregados da fazenda. Aos 13 anos, foi matriculada como interna no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Lavras (MG), para seguir o Curso Normal. Não se adaptou à rigidez do colégio interno e prosseguiu os estudos na cidade de Oliveira (MG). Em 1916, concluiu o Magistério. Retornou para a fazenda e lá trabalhou, ensinando os irmãos e empregados. Em 1917, perdeu a mãe e, por isso, passou a ajudar a cuidar dos irmãos mais novos. Com a morte do pai em 1918, fixou residência em Santo Antônio do Monte, fazendo parte do primeiro corpo docente da Escola Municipal Amâncio Bernardes, onde permaneceu por 13 anos.

Em 1930, partiu para Belo Horizonte, pois fora selecionada, pela Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, para fazer o curso de orientador técnico na Escola de Aperfeiçoamento da capital. Foi na Escola de Aperfeiçoamento que conheceu Helena Antipoff, que seria sua grande referência na vida profissional. A indicação para a Escola seguia rígidos critérios, e a seleção também era bastante rigorosa. Havia 80 professoras concorrendo a 40 vagas. A seleção contou com a participação da psicóloga e educadora Helena Antipoff, que dirigia o Laboratório de Psicologia da Escola, e durou uma semana, incluindo testes de inteligência e de personalidade, entrevistas e análise de currículo.

A Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte pretendia formar técnicos que retornariam às suas cidades de origem e reorganizariam as escolas locais. Seu objetivo era garantir uma abordagem científica nas questões educacionais. Na Escola, aprendeu os fundamentos da Psicologia, principalmente da Psicologia Experimental. Os temas abordados incluíam o estudo da motricidade, das sensações, emoções, memória, aprendizagem e inteligência. Estudava-se, ainda, a personalidade e seus componentes, o temperamento, o caráter, os tipos mentais, a hereditariedade, o meio familiar e os autores de referência da Psicologia educacional, como Édouard Claparède, Alice Descoeudres e Alfred Binet.

Em 1931, concluída sua formação, Maria Angélica retornou a sua cidade natal, mas, em 1932, recebeu convite de Helena Antipoff para ser sua assistente no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, permanecendo na função até o ano de 1938, quando passou a trabalhar no Departamento Técnico de Educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. No Laboratório de Psicologia, trabalhou junto com Antipoff em uma série de pesquisas realizadas nas escolas locais, sobre ideais e interesses das crianças, seu desenvolvimento mental e os procedimentos adotados para a homogeneização das classes por nível intelectual com base nos resultados dos testes de inteligência. Os resultados desses trabalhos, que se encontram entre os primeiros desse tipo realizados no Brasil, foram publicados em boletins periódicos

e na Revista do Ensino, editados pela Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas Gerais: Formação das classes e o controle de sua homogeneidade, publicado em 1932; As classes do primeiro ano em 1933, em 1934; Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte, no intervalo de cinco anos (1929/1934), publicação de 1935; Organização das classes dos grupos escolares de Belo Horizonte, em 1936.

Em 1946, Maria Angélica foi convidada pelo Governador nomeado pelo Governo Federal para o Território do Acre, José Guiomard dos Santos, para assumir o Departamento de Educação e Cultura (DEC) daquele Estado, permanecendo no cargo até o ano de 1951. No Acre, Maria Angélica promoveu mudanças significativas no campo educacional: regulamentou a Escola Normal da capital e incentivou a criação de Escolas Normais regionais; lutou pela construção de escolas com espaços adequados para as crianças; fundou bibliotecas e promoveu a instalação de cinemas escolares; regulamentou o ensino primário; construiu e instalou diversas escolas, tanto na capital quanto no interior do estado.

Retornou a Belo Horizonte em maio de 1951, reassumindo seu lugar na Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, onde integrou a comissão responsável por rever os programas de Ensino Primário. Na mesma época, lecionou na Faculdade de Filosofia Santa Maria, que logo depois integraria a Universidade Católica de Minas Gerais. Após aposentar-se como funcionária do Estado de Minas Gerais, em 1953, retornou a sua cidade natal e fundou a Escola Normal Nossa Senhora de Fátima. Encerrou suas atividades profissionais em 1981, aos 83 anos de idade.

Em 1966, foi conferido a ela o título de Cidadã Benemérita de Santo Antônio do Monte; em 1980, recebeu, em Ouro Preto, o Diploma de Honra ao Mérito e a Medalha da Inconfidência; em 1984, recebeu a Medalha do Mérito Educacional, no Palácio da Liberdade, então sede do governo mineiro, em reconhecimento a sua contribuição para o desenvolvimento do Acre, de Minas Gerais e de Santo Antônio do Monte, sua terra natal.

Faleceu aos 90 anos, no dia 7 de junho de 1988.

Publicações

CASTRO, M. A. de. As classes do 1º ano em 1933. Boletim da Secretaria da Educação e Saúde Pública, Belo Horizonte, n. 15, 1934.

CASTRO, M. A. de. Formação das classes e controle de sua homogeneidade. Boletim da Secretaria de Educação e Saúde Pública, Belo Horizonte, n. 11, 1932.

CASTRO, M. A. de. Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte no intervalo de cinco anos (1929-1934). Boletim da Secretaria de Educação e Saúde Pública, Belo Horizonte, n. 17, 1935.

CASTRO, M. A. de. Organização das classes nos grupos escolares de Belo Horizonte (1934). Boletim da Secretaria de Educação e Saúde Pública, Belo Horizonte, n. 19, 1936.

Referências

BORGES, A. A. P. Entre tratar e educar os excepcionais: Helena Antipoff e a Psicologia na Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CASTRO, C. O. de. Gestão Maria Angélica de Castro: apropriação das ideias sobre a escola nova no território federal do Acre (1946/1951). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CASTRO, G. de. Maria Angélica de Castro. Disponível em: http://www.gildadecastro.com.br/?pag=conteudo.php&id=238. Acesso em: 20 jan. 2016.

Adriana Araújo Pereira Borges

CASTRO, Maria Lúcia Cabral de *(1955-)*

Nasceu em Macapá/AP, Brasil, no dia 18 de fevereiro de 1955. Bacharel em Psicologia (1982); Psicóloga (1983) pela Universidade Federal do Pará/UFPA. Ainda em Belém, tornou-se estagiária no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, na Casa Transitória do Pará, com atendimento a pessoas com transtornos mentais e na Fundação Bem-Estar Social do Pará/FBESP, para atendimento/guarda de crianças e adolescentes em situação de risco social.

Inscreveu-se no Conselho Regional de Psicologia sob o nº 00116/10ª Região (1983). Retornou à terra natal, Macapá, onde iniciou trabalho na então Secretaria da Educação, Cultura e Esporte/SECE do então Território Federal do Amapá, compondo a Equipe de Apoio Pedagógico/EAP, além de exercer assessoramento psicopedagógico a escolas do então 1° e 2° Graus. Passou a atuar como Especialista em Psicologia Escolar/Educacional entre 1984 e 1985. Lotada na Divisão de Educação Especial (DIESP/SECE), exerceu atividades na área, com equipe multiprofissional, atendendo a alunos da rede pública de ensino com Necessidades Educacionais Especiais (1986-2002). Ao assumir a chefia da DIESP, criou e aplicou, junto com professores da área, diversos programas de educação para alunos com necessidades específicas, inclusive participações em colóquios acadêmicos e proferindo palestras, inclusive em Caiena, na Guiana Francesa, em 1999, quando foi debatida a problemática das classes especiais e a inclusão de alunos com deficiência em escolas regulares do sistema de ensino francês.

Paralelamente a essas funções cursou Especialização em Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais, no Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (IESAE/FGV), com projeto de pesquisa intitulado A Integração da Pessoa Portadora de Deficiência Mental Educável de Classe Especial, nas Escolas de 1° Grau do Ensino Regular, sob orientação do Prof. Dr. Gaudêncio Frigotto (1986-1988). Entre 1989 e 1990, desenvolveu as seguintes atividades: trabalho técnico com população carcerária junto à Sociedade Pastoral Carcerária da Diocese de Macapá; docente convidada para atuar junto ao Núcleo de Educação da Universidade Federal do Pará, em Macapá (NEM/UFPA), ministrando Fundamentos da Educação Especial.

Com a criação da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP, em 1990, assumiu a matéria Psicologia da Educação, na matriz curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Coordenou dois processos seletivos para o Governo do Estado do Amapá, um para Oficiais da Polícia Militar e outro para Bombeiro Militar, assumindo também a função de instrutora de Cursos de Formação de Delegados e Agentes de Polícia. No âmbito da normatização profissional, foi eleita para o Conselho Regional de Psicologia da 10ª Região (PA/AP), e tornou-se membro do Conselho Federal de Psicologia, como representante da Região Norte (1992-1995). Concomitantemente a essas funções, atuou como psicóloga de base cognitivo-comportamental, bem como prestou serviços de Avaliação Psicológica, Seleção de Pessoal e Treinamento em Serviço (1996-2006). Em 2002, foi redistribuída do extinto Território Federal do Amapá para integrar o Quadro técnico-administrativo da UNIFAP, lotada na Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias/PROEAC.

No período de 2006 a 2012, exerceu o cargo de Diretora do Departamento de Recursos Humanos/DRH e, em prosseguimento à implantação e ao acompanhamento do PPCTAE, iniciou estudos sobre a viabilização de transformar o DRH em uma Coordenação de Gestão de Pessoas, perspectiva que se efetivou com

a criação da hoje Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas/PROGEP. Ao retornar à PROEAC, chefiou a Divisão de Serviço Psicossocial/DSP, desde 2013 a 2018, participando junto à equipe multiprofissional da elaboração da Política de Assistência Estudantil, voltada ao atendimento da comunidade acadêmica em vulnerabilidade socioeconômica. Até a presente data (2022) permanece na PROEAC, atuando como psicóloga junto ao Departamento de Ações Comunitárias e Estudantis/DACE. Com presença pioneira na Psicologia amapaense, colaborou para a inserção dos profissionais psicólogos em postos que antes eram ocupados por outros profissionais, como administradores. Ainda na ativa, após 37 anos de labor, Lúcia Cabral mostra sua dedicação ao serviço público, marca indelével que carrega desde o início de sua carreira.

André Elias Morelli Ribeiro
Norma-Iracema de Barros Ferreira



CASTRO, Tito Lívio de *(1864-1890)*

Bacharel em Letras, diplomado, em 1883, pelo Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Foi aluno de Sylvio Romero. Em 1884, ingressou na Faculdade de Medicina, doutorando-se em 1889. Dedicou-se à Filosofia, Crítica Literária, Sociologia, Psicologia, Psiquiatria, entre outros temas. Em sua obra A mulher e a sociogenia (redigida em 1887, mas publicada em 1893), com influências marcantes do evolucionismo de H. Spencer, de S. Mill e das ideias neolamarckistas, analisou as diferenças mentais entre homens e mulheres. Concluiu que, devido a condições ambientais, como a educação, a mulher apresentaria "nível mental inferior ao do homem". Logo, seria necessário aprimorar a educação feminina no Brasil. Militou pela introdução do ensino de ciências nas escolas brasileiras.

Orientado por Teixeira Brandão, em sua tese de doutoramento, Alucinações e ilusões (1889), procurou na Filosofia e na Sociologia os fundamentos da Psicopatologia. Para ele, o processo psíquico alucinatório seria um reflexo do passado mental do indivíduo, cujas imagens seriam produto de vários fatores preexistentes, oriundos do social, da história e da raça. A loucura, então, expressaria elementos ambientais nas suas manifestações, e nisso residiria a regularidade das manifestações alucinatórias.

Ainda aluno, assumiu interinamente por dois meses as aulas de Clínica Psiquiátrica do professor Teixeira Brandão, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando este se encontrava na Europa. Em 1913, publicou Questões e problemas, coletânea de ensaios literários, políticos e filosóficos. Além de sua atividade científica, também participou de campanhas políticas, escrevendo muitos artigos em favor da causa republicana. Filho adotivo, faleceu aos 26 anos de tuberculose, apenas um ano após a conclusão do curso de Medicina. Não obstante os esforços de Sylvio Romero, vários escritos seus foram perdidos ou ainda não foram publicados.

Publicações

CASTRO, T. L. de. A mulher e a sociedade. [S.l.: s.n.], 1893.

CASTRO, T. L. de. Alucinações e ilusões. 1889. Tese. [S.l.: s.n.], 1889.

CASTRO, T. L. de. Questões e problemas. [S.l.: s.n.], 1913.

Referências

ALBUQUERQUE, M. e. Quando eu era vivo... Memórias: 1867 a 1934. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

MARTINS, W. História da inteligência brasileira (1877-1896). São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977-78.

PAIM, I. Centenário de Tito Lívio de Castro. Revista de Psiquiatria, v. 3, n. 5, p. 25-9, 1964.

André Luis Masiero

CENTELHAS, Frei Firmino de *(1819-1887)*

Frade da Ordem dos Capuchinhos e professor de Filosofia e Teologia Moral no Seminário Episcopal de São Paulo. Sua principal obra é o Compêndio de philosophia catholica racional de 1864, destinado ao uso escolar. O plano de organização da "Psychologia" nessa obra está assim apresentado: a) Faculdades (atividade, sensibilidade e inteligência); b) Fenômenos (atos, afetos, ideias e juízos); c) Distinção alma-corpo; d) Dotes da alma humana (liberdade, responsabilidade e imortalidade).

A situação crítica do mundo católico brasileiro, no século XIX, por motivos como o legalismo, o aniquilamento das ordens religiosas pelo poder estatal, o ceticismo e o anticlericalismo da classe dirigente, a corrupção do próprio clero, tornava urgente a recuperação das raízes culturais católicas sintetizadas pela Filosofia tomista. Frei Firmino de Centelhas é um dos representantes da Psicologia Filosófica tomista e, nesse sentido, recusa a identificação do eu com a consciência e propõe um conceito mais amplo de pessoa enquanto totalidade psicofísica. Dessa forma, restringe-se o poder da consciência humana enquanto órgão de conhecimento de si mesmo e da realidade e reduz-se o destaque a ela conferido pela Filosofia cartesiana. Segundo tal abordagem, a consciência não pode conhecer por si mesma a própria natureza nem suas propriedades e deve, então, recorrer ao raciocínio.

Assim, justifica-se a necessidade da Psicologia Racional que, tendo como objetivo o estudo da natureza e das propriedades da alma, coloca-se numa perspectiva rigorosamente metafísica. Na obra do capuchinho francês aparece a preocupação por assumir, de maneira crítica, as doutrinas dos pensadores modernos, colocando-se em sintonia com o estudo de temas típicos da

"Psicologia Moderna", como o sono, a vigília, a loucura e a percepção.

Frei Firmino desenvolve a relação entre a Psicologia Científica e a Psicologia Filosófica, como se pode notar, por exemplo, quando escreve: "A Psychologia, esta primeira parte da Philosophia que dá-se como uma criação recente, nascida do método de observação, existe de há muito tempo e os antigos o conhecerão, ao menos no que tem de mais importante" (Centelhas, 1864, p. 18).

À revelia da Psicologia Empírica baseada no método da observação, a Psicologia Racional utiliza um método lógico-dedutivo e coloca o conhecimento sob a luz dos dados da Revelação cristã. Portanto, a verdade sobre o homem não pode ser patrimônio exclusivo da Psicologia Científica, que deve ser sempre complementada por outro tipo de conhecimento metafísico. Para Centelhas, a "Psychologia" é a "ciência da alma humana" (Centelhas, 1864, p. 19). Assim, nesse autor, o estudo da psique humana desenvolve-se no contexto mais amplo de uma antropologia, ou seja, do conhecimento do ser humano na sua realidade complexa de corpo e alma.

Publicações

CENTELHAS, Fr. F. de. Compêndio de philosophia catholica-racional. São Paulo: Typografia Schroeder, 1864.

CENTELHAS, Fr. F. de. Oração de abertura da aula de filosofia racional e moral. São Paulo: Tipografia Liberal de Azevedo Marques, 1854.

Referências

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. 1989. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Marcio Luiz Fernandes
Marina Massimi



CERQUEIRA, Luiz da Rocha *(1911-1984)*

Nasceu em União dos Palmares, Alagoas – e transferiu-se para o Recife, em 1934, objetivando realizar o curso de Medicina. Já no final deste ano, a partir de um encontro decisivo com Ulisses Pernambucano (Cerqueira, 1978), sua atitude diante da Medicina e da Psiquiatria começou a se definir. Ao longo de sua história profissional, esteve sempre voltado para a Psiquiatria social, a qual, além dos fundamentos próprios, médicos e psiquiátricos, apoiava-se nos conhecimentos da Psicologia Aplicada (Psicotécnica). Psiquiatria social que, sob a liderança de Ulisses Pernambucano, encontrava em José Lucena, Walderedo Ismael de Oliveira, René Ribeiro, José Carlos Cavalcanti Borges, entre outros, o necessário convívio científico, fortalecido por veículos que permitiam a publicação de seus artigos (Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Arquivos Brasileiros de Higiene Mental e Neurobiologia). Contava, ainda, com os trabalhos desenvolvidos por Ulisses Pernambucano, Anita Paes Barreto e colaboradores do Instituto de Psicologia, fundado por Ulisses Pernambucano, em 1925, os quais asseguravam o suporte psicológico.

Em 1935, em decorrência da "Intentona comunista", o Instituto de Psicologia foi extinto, e Ulisses Pernambucano preso e afastado de suas atividades públicas. Mas a linha de pensamento instaurada permaneceu estimulando o trabalho iniciado na

Faculdade de Medicina no âmbito da Psiquiatria e suas implicações sociais e psicológicas. Luiz Cerqueira, então estudante, incorporou os valores ali disseminados e, como a maioria dos psiquiatras do grupo quando profissional, realizou trabalhos enfocando testes psicológicos.

Interessou-se, sobretudo, por testes projetivos aplicados coletivamente. Em colaboração com Marcus Vinicius Machado Vieira, Psicotécnico do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), e Dahyl Marina Machado Vieira, Assistente de seleção do Ministério do Trabalho, Luiz Cerqueira publicou, entre 1954 e 1958, sempre como separatas do periódico Neurobiologia, Uma pesquisa sobre o teste de Rorschach coletivo; Uma pesquisa sobre o teste de Harrower coletivo; Uma pesquisa sobre o teste de Behn-Rorschach aplicado coletivamente; Um estudo comparativo dos testes de Rorschach, Harrower e Behn; e Um estudo psicométrico dos testes de Rorschach, Harrower e Behn. Publicou, ainda, em Atti del III Congresso Internazionale Rorschach: Le test de Behn Rorschach appliqué collectivement.

Concluído o curso de Medicina, em 1939, na Faculdade de Medicina do Recife, Luiz Cerqueira encontrou dificuldade para conseguir trabalho em Pernambuco, em razão de suas ligações com Ulisses Pernambucano. Por influência do próprio Ulisses, iniciou-se profissionalmente em Aracaju (1940 a 1943). Nos anos seguintes, esteve em Salvador (até 1948), onde criou o Sanatório Bahia e fez concurso para livre-docente da Universidade da Bahia. Em 1948, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até a morte, com intervalos em outras cidades, principalmente São Paulo e, mais demoradamente, Ribeirão Preto. No Rio de Janeiro, fundou o Instituto Ulisses Pernambucano, destinado à orientação psicopedagógica de pessoas com deficiência intelectual, e uma casa para "meninos-problema" em Araras, mantendo contato frequente com instituições não médicas, a exemplo da Escolinha de Arte. Em São Paulo, em 1973, atuou como Coordenador de Saúde Mental do Estado. De 1974 a 1981, quando completou 70 anos, trabalhou em Ribeirão Preto, de cuja Faculdade de Medicina foi livre-docente, retornando depois ao Rio, onde permanecera sua família.

Publicações

CERQUEIRA, L. et al. Uma pesquisa sobre o teste de Rorschach coletivo. Neurobiologia, Recife, v. 17, n. 3, p. 149-230, 1954.

CERQUEIRA, L. Le test de Behn Rorschach appliqué collectivement. In: CONGRESSO Internazionale Rorschach, 3., 1956, Roma.

CERQUEIRA, L. Psiquiatria social: problemas brasileiros de saúde mental. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1984.

CERQUEIRA, L. Raízes e tendências da psiquiatria social no Brasil. Recife: [s.n.], 1978. 14 p.

CERQUEIRA, L. Ulisses Pernambucano. Arquivos da Clínica Pinel, Porto Alegre, v. 5, n. 4, p. 223-238, dez. 1979.

CERQUEIRA, L. Um estudo comparativo dos testes de Rorschach, Harrower e Behn. Psicobiologia, Recife, v. 19, n. 3/4, p. 403-418, 1956.

CERQUEIRA, L. Um estudo psicométrico dos testes de Rorschach, Harrower e Behn. Psicobiologia, Recife, v. 21, n. 2, p. 114-151, 1958.

CERQUEIRA, L. Uma pesquisa sobre o teste de Benh-Rorschach aplicado coletivamente. Neurobiologia, Recife, v. 19, n. 3/4, p. 319-375, 1956.

CERQUEIRA, L. Uma pesquisa sobre o teste de Harrower coletivo. Neurobiologia, Recife, v. 18, n. 3, p. 241-312, 1955.

Referências

MEDEIROS, T. A vida e as vidas de Luiz Cerqueira. Psiquiatria Hoje, v. 9, n. 5, p. 3-6, out. 1984.

MEDEIROS, T. Depoimento. [S.l.], [2000]. Tácito Medeiros é psiquiatra, professor na Universidade Federal de Pernambuco, parente e estudioso de Luiz Cerqueira.

Paulo da Silveira Rosas

CITELLI, Antonina Gomes
(1935-2010)

Nascida em 13 de junho de 1935, em São João del-Rei (MG), como Antonina Gomes da Silva. Nessa cidade, realizou os estudos primários no Grupo Escolar Maria Teresa, de 1946 a 1948. Entre 1948 e 1954, fez o curso Ginasial e Normal no Colégio Nossa Senhora das Dores. A partir de então, passou a atuar como professora em instituições de ensino da cidade. Iniciou sua formação superior na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, cursando o bacharelado em Pedagogia (1956-1958) e sua respectiva licenciatura (1959). Cursou também Orientação Educacional (1959-1960). Durante essa última graduação, estagiou no Laboratório de Psicologia Experimental da instituição.

É provável que os primeiros flertes de Antonina Citelli com a Psicologia tenham acontecido em sua graduação em Pedagogia, quando frequentou aulas de Psicologia Educacional. Ao longo da segunda metade dos anos 1950 e início da década de 1960, frequentou as disciplinas Psicologia Geral e Diferencial (1956-1957), Orientação Profissional e Técnicas Psicopedagógicas (1961), Psicologia Clínica e Técnicas Sociométricas (1961), Psicologia Dinâmica e Psicologia Infantil (1962) e Técnicas Psicopedagógicas (1965), em cursos oferecidos na Faculdade Dom Bosco. Além disso, acompanhou aulas sobre Posições da Psicologia Contemporânea (1961), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Antonina Citelli compôs o primeiro grupo de psicotécnicas do Instituto de Psicologia e Pedagogia da Faculdade Dom Bosco, alçando posição de destaque na direção dos trabalhos da Equipe de Orientação Profissional e Educacional. Em São João del-Rei, as psicotécnicas eram, frequentemente, professoras ou estudantes de Pedagogia que estagiavam no mencionado laboratório e tinham conhecimento prático da aplicação e correção de testes e exames psicológicos com fins clínicos, de seleção e de orientação. Entre 1957 e 1968, realizou várias atividades nesse instituto: chefiou o setor de Orientação Educacional, supervisionando estágios e casos atendidos; assessorou a escola de aplicação anexa à Faculdade Dom Bosco, o Colégio São João, e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); participou de congressos científicos e eventos organizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário (CADES); junto da equipe do instituto, realizou jornadas para formação de professores, avaliação psicológica e orientação profissional de estudantes em cidades do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. No Laboratório de Psicologia Experimental, conduzia demonstrações didáticas de aparelhos e os utilizava para medições psicofisiológicas. Supervisionada pelo professor Geraldo Servo (1930-2001), realizou levantamentos sobre o estado emocional de crianças são-joanenses mediante a aplicação de testes e inventários e investigou a relação entre nível mental e rendimento escolar das mesmas crianças.

Suas atividades como psicotécnica e formação resultaram na aprovação da solicitação de registro profissional (nº 576 MEC) como Psicóloga, junto ao Conselho Federal de Educação, em 1963. Desde então, passou a se dedicar também à Psicologia clínica e à docência universitária.

Na Faculdade Dom Bosco, Antonina Citelli foi professora-assistente de Orientação Profissional e Psicologia da Adolescência (1962-1966) e professora-titular de Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem (em 1972). Em 1968, lecionou Psicologia Aplicada, na Faculdade Santa Marcelina, em Muriaé (MG). Em Barbacena (MG), ensinou Psicologia e Didática, na Faculdade de Filosofia Mater Divinae Gratiae (1969), ensinou Psicologia Geral e Judiciária no curso de Direito

(1972-1973), e chefiou o Departamento de Ciências da Educação e Didática (década de 1970), todos hoje vinculados à Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC). Em Barbacena, atuou também na Faculdade de Medicina da Fundação José Bonifácio (FUNJOB). Foi membro da Sociedade Mineira de Psicologia, a partir de 1964. Além das atividades como Psicóloga, acumulou as funções de professora da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, atuando como diretora e inspetora de escolas mineiras.

Antonina Citelli é representante do conjunto de mulheres que se dedicaram à Psicotécnica e à Psicologia nas cidades de São João del-Rei e de Barbacena. Sua biografia exemplifica o percurso de formação das primeiras psicólogas reconhecidas no país e sua ação para a difusão da prática e conhecimentos psicológicos. A prática docente dessa pioneira merece destaque na região dos Campos das Vertentes, em Minas Gerais.

Referências

BATISTA, R. L. L. Entre aparelhos e arquivos: uma história do Laboratório de Psicologia da Faculdade Dom Bosco de São João del-Rei (1953-1971). Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015.

FACULDADE DOM BOSCO. Instituto de Psicologia e Pedagogia: cinco anos de atividades (1960-1964). São João del-Rei: Edição do Autor, 1964. 96 p.

Rodolfo Luís Leite Batista
Dener Luiz da Silva
Marcos Vieira Silva



CLAPARÈDE, Édouard *(1873-1940)*

Natural de Genebra, Suíça. Médico e Psicólogo, considerado o pioneiro nos estudos da Psicologia da criança na Suíça. Formou-se em Medicina, pela Universidade de Genebra em 1897, e defendeu nesse mesmo ano sua tese de doutorado Du sens musculaire à propos de quelques cas d'hemiataxie posthémiplégique.

Em 1898, permaneceu como interno no Hospital La Salpêtrière, em Paris. De volta à Suíça, em 1899, começou a trabalhar no Laboratório de Psicologia estabelecido por Theodore Flournoy, na Universidade de Genebra, desde 1892. Em 1901, fundou com Flournoy, a revista Archives de Psychologie, primeiro periódico de Psicologia em língua francesa, do qual foi editor até 1940.

Estudioso dos processos psicológicos do ponto de vista funcional, publicou, em 1909, uma de suas obras mais conhecidas: Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale. Juntamente com Pierre Bovet, fundou o Instituto Jean-Jacques Rousseau em 1912, orientado para a formação de educadores, a realização de pesquisas nas áreas de Psicologia e Pedagogia, e o incentivo às reformas educativas baseadas na Escola Nova, que defendia desde 1899, quando foi cofundador da Liga Internacional pela Escola Nova. Em 1924, colaborou na fundação da Escola Internacional de Genebra e, no ano seguinte, do

Bureau Internacional de Educação, atualmente integrado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Sua obra foi traduzida em português e extensamente divulgada no Brasil. Esteve no país em 1930, a convite de sua colaboradora Helena Antipoff. Desembarcou no Rio de Janeiro, onde foi recebido por ex-alunos do Instituto Jean-Jacques Rousseau, médicos e psicólogos em atividade no Brasil, como: Gustavo Lessa, um dos presidentes da Associação Brasileira de Educação; Waclaw Radecki, seu assistente no Laboratório de Psicologia de Genebra, em 1901; Ernani Lopes, presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental. Em Belo Horizonte, pronunciou palestras na Escola de Aperfeiçoamento de Professores e ministrou um curso sobre Psicologia da criança e pedagogia experimental, título de seu primeiro livro publicado no Brasil em 1924. Aí recebeu a visita de Lourenço Filho, então professor da Escola Normal de São Paulo. Mal iniciaram-se as atividades previstas, estourou o movimento da polícia militar mineira: era o começo da Revolução de 1930. Foi obrigado a confinar-se na pensão onde morava Antipoff e dedicou-se a terminar a obra L'Éducation fonctionnelle, publicada no Brasil, em 1933, na Coleção Pedagógica Brasileira (v. 4), editada pela Companhia Editora Nacional e traduzida por Jayme Grabois. A obra de Claparède exerceu grande influência no pensamento de figuras ilustres da Psicologia, como Helena Antipoff, Lourenço Filho, Jean Piaget, entre outros.

Publicações

CLAPARÈDE, É. A educação funcional. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1933. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, 4).

CLAPARÈDE, É. A escola sob medida: a escola sob medida e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. (Estante de Pedagogia).

CLAPARÈDE, É. A psicologia da criança e pedagogia experimental. São Paulo: Ed. do Brasil, 1956. (Didática do Brasil,18).

CLAPARÈDE, É. Autobiografia. In: CLAPARÈDE, É. A escola sob medida: a escola sob medida e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. (Estante de Pedagogia).

CLAPARÈDE, É. Cinquante jours au Brésil. L'Éducateur, v. 67, n. 8, p. 113-118, avr. 1930.

CLAPARÈDE, É. Du sens musculaire à propos de quelques cas d'hémiataxie posthémiplégique. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade de Genebra, Genebra, 1897.

CLAPARÈDE, É. Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale. Genebra: Kunding, 1909.

Referências

ANTIPOFF, H. Prefácio. In: CLAPARÈDE, É. A psicologia da criança e pedagogia experimental. São Paulo: Ed. do Brasil S/A, 1956. (Didática do Brasil, 18).

Isabel Gontijo Antonini

CORRÊA, Silvério Manoel *(1928-1994)*

Nasceu em Portugal. Com a vinda da família para o Brasil quando tinha apenas algumas semanas de vida, foi registrado brasileiro, natural do Rio de Janeiro. Diplomou-se em Psicopatologia da Infância e da Adolescência (1954) no Instituto de Psicologia Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). No mesmo ano, obteve, também na PUC, a licenciatura em Matemática, Física e Desenho, e foi admitido, por concurso, na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, onde trabalhou até a aposentadoria, em 1991, como especialista em Educação, ocupando cargos de assessoria e direção de escolas públicas, sem abandonar a docência de Matemática para o ensino médio.

Contratado pela General Electric Co. (GE), fez diversos cursos promovidos pela companhia, alguns dos quais ministrados por professores da Harvard University: Administração Profissional de Empresas (1956/7), Supervisão de Treinamento (1956), Professional Business Management (1957) e Principles of Marketing (1958), além de participar de cursos ministrados por outras organizações, no Brasil e no exterior. Dirigiu o setor de Recursos Humanos da GE, em Santo André (SP, 1958/61), onde criou a Gerência de Cargos e Salários e a estruturação de pessoal da empresa. Transferido para o Rio de Janeiro, foi Diretor de Pessoal durante dez anos. Continuou investindo na própria formação, fazendo na GE, ao longo dos anos 60, os cursos de Psicologia Industrial, Comunicações e Relações Públicas. Produziu inúmeras publicações internas da empresa – folhetos, manuais e apostilas de "Administração de pessoal", "Benefícios e serviços", "Relações com a comunidade". Nessa mesma época, começou a lecionar na PUC, no Instituto de Administração e Gerência (1958), e no Curso de Psicologia (1962), onde permaneceu até sua morte.

Sensível à problemática do homem em sua relação com o trabalho, no início dos anos 1970, vai buscar novas respostas no Centro de Estudos de Antropologia Clínica (CESAC), dirigido por Inês Besouchet e Norma Jatobá. Nessa época, seus méritos já haviam ultrapassado os muros da GE e ele se tornou disputado por outras empresas. Ocupou, então, a Diretoria de Recursos Humanos da Listas Telefônicas Brasileiras (LTB) e, em seguida, da ASA Extrusão e Laminação S.A. A partir de meados dos anos 1970, torna-se infindável a lista de empresas às quais prestava consultoria nas áreas de Recursos Humanos, Gerência de Administração de Cargos e Salários, Desenvolvimento de Recursos Humanos e Psicologia do Trabalho. Ao mesmo tempo, introduziu na PUC, em cursos regulares de formação de psicólogo ou em cursos de especialização, as disciplinas Princípios de Administração e Psicologia do Trabalho, Motivação e Satisfação no Trabalho, Clima Organizacional, Sistema Integrado de Recursos Humanos, Higiene e Segurança no Trabalho e Ergonomia, entre outros. Membro da Academia Brasileira de Administração, foi agraciado com a cadeira Mary Parker Follet.

Referências

MOTTA, M. E. de S. Entrevistas com familiares de Silvério Manoel Corrêa. [2000].

Maria Euchares de Senna Motta



COSTA, Alice de Oliveira
(1911-1996)

Psicóloga e educadora, nascida em Salvador (BA) e descendente de família numerosa e abastada. Foi preparada em artes domésticas, estudou piano e idiomas, com professores particulares. No entanto, a vivacidade e a criatividade de Alice levaram-na a almejar o ingresso na vida acadêmica; por meio de exames supletivos (antigos art. 99 e art. 100), capacitou-se para o vestibular de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia, diplomando-se em 1946. Após a graduação, viajou para a França e, em Paris, durante um ano e seis meses, tomou contato com o movimento científico de Psicologia, no Laboratório de Psicotécnicas Henri-Piéron, e com as ideias inovadoras de Jean Piaget e Henri Wallon, mais tarde divulgadas na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Iniciou sua atuação como Psicóloga, ainda no final da década de 1940, quando não havia curso acadêmico de formação em Psicologia. Manteve constante comunicação com psicólogos famosos: Pierre Weil, Emílio Mira y López, Helena Antipoff, Mariana Alvim, Mathilde Neder, Monique Augrás, entre outros. Em 1958, quando foi criado o Instituto de Orientação Vocacional da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a orientação científica do professor Emílio Mira y Lopez, Alice foi vice-diretora da instituição e coordenadora de uma equipe de estagiários dos cursos de Filosofia, Pedagogia e Estatística, na realização do Projeto de Aplicação e Validação de Testes de Inteligência Geral e Aptidões Específicas e Questionário de Interesses Profissionais, nas escolas secundárias de Salvador e área metropolitana. Por seu vasto currículo, obteve o título de Psicóloga (pela Lei nº 4.119 de 27.08.1962), tornando-se a conselheira no 001 do Conselho Regional de Psicologia – 3ª Região. Trabalhou para a consolidação da Psicologia como ciência no Instituto de Orientação Vocacional (IDOV), e na orientação dos profissionais em Técnicas de Entrevistas e Técnicas de Exame e Aconselhamento, com outros professores do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Como pioneira na Bahia em Psicologia, implantou, no Serviço Nacional de Aprendizagem Profissional (SENAC), o Centro de Formação Profissional, por ela dirigido durante longo período. Com uma equipe de professores, implantou o Serviço de Orientação Educacional do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da UFBA. Foi docente da disciplina Psicologia Geral na Faculdade de Administração e Escola de Enfermagem da UFBA. Após dirigir o IDOV durante seis anos, integrou-se ao grupo de criação da Faculdade de Educação da UFBA, na Reforma Universitária (1969). Foi professora da disciplina Psicologia da Educação e chefiou o Departamento de Ciências da Educação, até a sua aposentadoria. Possuía vasta cultura geral – falava francês, inglês, italiano, lia alemão e mantinha contato contínuo com a literatura científica na área de Psicologia, mas escreveu pouco sobre a sua atuação profissional. Sua influência foi, no entanto, assimilada e multiplicada pelos profissionais e alunos que dela se aproximaram.

Referências

SANTOS, R. [Depoimento da própria autora do verbete]. [S.l.: s.n.], [19--].

Romélia Santos



COSTA, Waldir dos Santos *(1939-2019)*

Waldir dos Santos Costa nasceu em Manaus, em 15 janeiro de 1939. Aos 14 anos, foi para o Nordeste realizar sua formação salesiana. Fez noviciado e tornou-se salesiano professor. Na Faculdade Salesiana de Lorena, em São Paulo, cursou Pedagogia, Filosofia e Letras. Retornou a Recife-PE e começou a trabalhar com jovens. Em 1964 deixou de ser salesiano consagrado e inicia uma nova etapa de serviços externos, atuando como Docente. Formou-se Psicólogo em 1971, pela Universidade Católica de Pernambuco. No ano seguinte, recebe convite e vai atuar em uma clínica para habilitação de motoristas junto ao DETRAN-SP. Nesse mesmo período trabalhou também com uma escola de atendia estudantes com Síndrome de Down. Ao final de 1972, veio a Manaus para visitar a família e recebeu convite para montar o Serviço Médico e de Psicologia, no recém-criado DETRAN-AM. Se instalou em Manaus e, como a Faculdade de Medicina ainda estava formando os primeiros médicos, Waldir treinou os estudantes que viriam a atuar, depois de formados, na clínica do trânsito. De 1973 a 1975, foi diretor da Escola Melo Matos. Em seguida passou a integrar a Secretaria de Serviço Social, como assessor técnico e com a criação da FEBEM em Manaus, assumiu a presidência dessa entidade de 1977 a 1979. Teve a responsabilidade de desenvolver programas de educação para jovens em situação de vulnerabilidade social, tanto na capital, quanto no interior do Amazonas. Após sua saída da FEBEM, atuou como Psicólogo da Penitenciária Anísio Jobim. Waldir trabalhou em diversos projetos sociais no Amazonas, no setor público. Sua atuação séria e coerente, contribuiu para a consolidação da Psicologia como profissão. Em todos os órgãos que atuou, contribuiu para a formação de profissionais de outras áreas. E, ao ingressar, em 1973, como docente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para ministrar a disciplina de psicologia, alimenta a expectativa de ampliação do número de profissionais de Psicologia na região. Lutou durante anos pela criação do curso de Psicologia, cujo objetivo seria favorecer a formação de profissionais e ampliar a presença da psicologia no Amazonas. Até seu ingresso como professor na Faculdade de Filosofia e Letras, em 1973, só havia mais um psicólogo no estado, João Bosco Araújo. Sua atuação foi decisiva para a implantação do primeiro curso público de psicologia no Amazonas.

No último ano de atividade na UFAM antes da sua aposentadoria, coordenou a comissão de implantação do curso de Psicologia. Em 1995, ocorreu o primeiro vestibular, ocasião em que o curso de psicologia teve o maior número de inscritos em comparação aos demais cursos da universidade. Mesmo após sua aposentadoria, continuou a contribuir com a Universidade. Atuou como docente de Psicologia no ensino superior em instituições privadas, após a aposentadoria da UFAM. Em reconhecimento à posição eminente que Waldir alcançou no âmbito do ensino e da extensão, e pela relevância dos serviços prestados à sociedade amazonense, à UFAM e à Psicologia enquanto ciência e profissão, recebeu o título de Professor emérito, concedido pelo Conselho universitário da UFAM, em 2014 (UFAM, 2015).

No âmbito da profissão, sempre foi atuante e líder, sendo secretário regional do Conselho

Regional de Psicologia 1ª Região (CRP 01), de 1973 a 1988; coordenador do Núcleo Amazonas e Roraima, do CRP 01, de 1992 a 1995; Conselheiro do CRP 20ª Região (AM/AC/RR/RO), no primeiro (2011/2013) e segundo (2013/2016) plenários. Nos anos 80, atuou como psicólogo na EMBRATEL e PETROBRAS e com a chegada de muitos psicólogos em função da ampliação do processo de industrialização de Manaus, participou da criação da Associação Amazonense de Psicologia. Essa Associação articulou e mobilizou os psicólogos da região para a defesa da profissão e discussão dos desafios da atuação na Amazônia. De 1998 a 2009, coordenou o projeto "A Crítica na escola", da Rede Calderaro de Comunicações e atualmente coordena o projeto "Em tempo de ler", do Grupo Raman Neves de Comunicação.

A Psicologia do Amazonas e região deve muito a Waldir dos Santos Costa, que foi e continua sendo, uma referência ao se falar em psicologia no estado, sendo muito atuante e comprometido com a profissão até o final da sua vida. Sua atuação profissional, sempre marcada pela seriedade, bom humor e dinamismo, teve grande impacto: na trajetória da formação dos psicólogos no Amazonas, com a criação do curso de psicologia na UFAM que cresceu e hoje conta com um programa de pós-graduação, diversos laboratórios e grupos de pesquisa; na inserção da psicologia nas políticas públicas; na defesa intransigente da formação continuada no serviço público, a fim de qualificar o trabalho profissional na área da Psicologia; na criação de serviços e no desenvolvimento de instituições, que contam atualmente com a presença de psicólogos (Presa, 2014). Em síntese, sua atuação socialmente referenciada e comprometida com a ética, contribuiu para a abertura de campos de atuação para psicólogos, tanto no Amazonas como nos estados vizinhos. Waldir faleceu aos 80 anos, em 04 de maio de 2019, deixando seu legado para a psicologia no Amazonas e no Brasil.

Referências

PRESA, L. A. P. Levantamento de dados para requerimento do Título de Professor Emérito junto ao CONSUNI/UFAM. Manaus, 01 nov. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. CONSUNI. Ata da reunião do Conselho universitário da Universidade federal do Amazonas de 26 de março de 2014. Disponível em https://secretariadosconselhos.files.wordpress.com/2014/06/3-ata26-03-2014-consuni.pdf. Acesso em: 09 out. 2015.

Iolete Ribeiro da Silva



COUTINHO, José Lino *(1784-1836)*

Nasceu na Bahia. Formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, foi Deputado do Brasil em Lisboa, sendo signatário do manifesto de 22/10/1822, gesto de independência nacional. Foi Deputado Geral do Império por duas legislaturas, fazendo constante oposição ao imperador D. Pedro I. Interessado por questões de instrução pública, integrou a comissão que realizou trabalhos sancionados em lei de 15/10/1827, considerada por Peixoto (1946) como única manifestação nacional pela instrução popular. Ocupou a pasta da Justiça após a abdicação de D. Pedro I (1831-1833). Criou diversas escolas, tendo reorganizado as escolas de Medicina do Império e a de Belas-Artes do Rio de Janeiro (Silva, 1885).

Escreveu vasta correspondência à preceptora de sua filha Cora, nascida em 1818. As cartas foram postumamente publicadas, em 1849, sob o título Cartas sobre a educação de Cora. Na avaliação de Peixoto (1946), a proposta de educação de Cora é muito mais liberal e útil que a de Sofia, personagem de Jean-Jacques Rousseau. Consistia de orientações referentes à formação de atitudes e ausência de castigo corporal.

A educação, assim conduzida pela preceptora, ainda anônima, foi altamente eficaz, sendo Cora ancestral de importante família baiana. Para Castro (1977), as orientações refletem uma visão liberal; a vida familiar ganha novas dimensões com a exaltação da figura feminina, a qual não é encarada como submissa ao homem. Deve-se louvar, no entendimento da autora, a preocupação do pai em registrar o roteiro seguido para a educação de sua filha, como também o fato de a educação de Cora ter sido assumida pela figura paterna.

Referências

BLAKE, A. V. S. Diccionario bibliografico brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

CASTRO, D. de A. B. de. Cartas sobre a educação de Cora, do Dr. José Lino Coutinho. Salvador: UCSAL, 1977.

OLIVEIRA, E. de S. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942. Salvador: UFBA, 1992.

PEIXOTO, A. Breviário da Bahia. 2. ed. [S.l.]: Agir, 1946.

SILVA, I. F. da. Diccionario bibliographico portugues. Lisboa: Imprensa Nacional, 1885. Tomo 13.

Nádia Maria Dourado Rocha



COUTO, Sophia Clara de Siqueira *(1929-)*

Nasceu em Barão de Melgaço, Mato Grosso. Realizou seus estudos secundários na Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, em Tupã, Estado de São Paulo, no período de 1949 a 1951. Após, fez curso de Orientação Educacional na Faculdade Auxilium de Filosofia Ciências e Letras, em Lins, Estado de São Paulo, no período de 1963 a 1965, e cursou Teologia no Instituto Teológico de São Paulo, no período de 1969 a 1971. Atuou como professora e orientadora educacional, realizando atendimentos individuais e acompanhamento de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento, além de atendimento aos pais. Esses atendimentos resultaram na necessidade de aprofundar seus estudos em Psicologia, por considerar que muitos problemas apresentados pelas crianças e pais eram de natureza psicológica, alguns com indicação, inclusive, para psicoterapia.

Iniciou o curso de graduação em Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Corumbá, no ano de 1970, mas, no ano seguinte, transferiu-se para a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, em Bauru, concluindo-o em 1974.

Realizou atendimentos em São Paulo, durante o ano de 1975, e, em 1976, com a família residindo na capital mato-grossense, Cuiabá, retorna à cidade e inicia um trabalho com Psicologia Clínica, para adultos e crianças, sendo pioneira nesse tipo de atendimento. Faz um trabalho com os médicos João Bernardo, pediatra, e Carlos Botelho, neurologista, atendendo a crianças com problemas de aprendizagem. Nesse período, manteve uma escola em sua residência para o atendimento às crianças com queixas de problemas de aprendizagem e de comportamento. Nesse local, desenvolvia dois tipos de trabalho com as crianças, a saber: a ludoterapia, com atividades de teatro, dança e relaxamento. Nesse caso, as crianças eram encaminhadas pelos pais, que tinham o intuito de promover uma atividade extraclasse para os filhos. Já os atendimentos para crianças com os chamados, na época, distúrbios de aprendizagem, envolviam um método especial com exercícios de coordenação motora, de fala e atendimento psicológico. Essas crianças eram encaminhadas pelas escolas. As atividades desenvolvidas nesse espaço eram em horários alternativos ao da escola regular e distintos entre si, devido às especificidades dos dois trabalhos.

Também começa a ministrar aulas no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), no curso de Pedagogia, com disciplinas de Psicologia Aplicada.

Fez curso de especialização em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Minas Gerais, no período de 1979 a 1980, e, logo após, no período de 1982 a 1984, fez mestrado em Psicologia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), sob a orientação de Bernadete Gatti. Produziu uma dissertação com o tema: Pais e filhos: uma contribuição à questão dos fracassos escolares da criança com disfunção psiconeurológicas mínimas, na qual buscou aliar seus conhecimentos em Psicologia e Pedagogia.

Aposentou-se na UFMT e começou a ministrar aulas na recém-criada Universidade de Cuiabá, onde, com as psicólogas Ruth Feuerharmel e Ana Maria Bearzotti de Souza, auxiliou na construção

do primeiro curso de Psicologia do Estado de Mato Grosso, que teve início no ano de 1989. Após três anos ministrando disciplinas na área clínica, desligou-se da docência e dedicou-se à Psicologia Clínica, oferecendo atendimento psicoterápico a adultos. Foi pioneira na utilização da abordagem humanista de Carls Rogers e a existencial de Viktor Frankl, que propagou pelo Estado. Também ministrava cursos e palestras em escolas da capital e interior do Estado.

Pioneira na área clínica, passou a dar suporte a outros psicólogos que começaram a atuar em Cuiabá.

Publicações

SIQUEIRA. S. C. de. Pais e filhos: uma contribuição à questão dos fracassos escolares da criança com disfunção psico-neurológicas mínimas. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1984.

Naiara Rodrigues da Silva
Jane Teresinha Domingues Cotrin
Marcus Vinícius de Campos França Lopes



CRISTINA, Madre - Célia Sodré Dória *(1916-1997)*

Natural de Jaboticabal, frequenta escolas nesta cidade até 1935, quando termina o curso normal. Em 1940, em São Paulo, finaliza o bacharelado e licenciatura nos cursos de Pedagogia e Filosofia da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae. Tornou-se professora de Psicologia no curso de Pedagogia dessa instituição em 1941. Em 1942, na congregação das Cônegas de Santo Agostinho, faz seus votos, passando a ser conhecida como Madre Cristina.

Convidada para coordenar o curso de Pedagogia nessa mesma faculdade, inicia sua contribuição para a difusão da Psicologia. Substitui, extraoficialmente, várias disciplinas pedagógicas por Psicologia Evolutiva, Psicologia da Personalidade, Psicologia Diferencial, Psicopatologia. Inicia atividades clínicas, com os alunos desse curso, na área de psicopedagogia, diagnóstico, orientação vocacional e orientação de pais.

Num primeiro momento, os atendimentos eram feitos a pessoas de bom nível econômico, as quais conheciam esse tipo de trabalho e, além disso, tinham condições de pagá-lo. Os alunos do curso de Pedagogia faziam um trabalho de observação de crianças, e estas frequentavam a "Escola Santa Mônica", mantida pela congregação.

Em l952, Madre Cristina conclui seu doutoramento em Pedagogia na própria instituição, com a tese Psicodinamismo do ajustamento da personalidade. No ano de 1953, criou o primeiro curso de Psicologia Clínica. Era um curso teórico-prático, que durava três anos. Os alunos atendiam uma criança, supervisionados por um professor. O currículo do curso era aberto. Os profissionais que haviam feito especializações fora do país, eram convidados a ministrar disciplinas. Tanto nessa situação, quanto nas outras experiências posteriores, Madre Cristina mantém a característica de dar abertura a diferentes perspectivas da Psicologia. Nesse sentido, facilitou o conhecimento e o desenvolvimento de Ludoterapia, Psicanálise (diversificando a proposta de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise), Psicodrama, Gestaltterapia, Terapia Reichiana, Abordagem Junguiana, Psicomotricidade, Psicoterapia Breve, Cinesiologia, Psicopedagogia, Psicodinâmica, Psicossomática.

Percorreu a França, os Estados Unidos e a Suíça, efetuando estágios e cursos de especialização. Criou um espaço para discutir e favorecer alguns encaminhamentos para crianças excepcionais, filhos de pessoas que, posteriormente, fundaram associações que promovem, até hoje, trabalhos com excepcionais, como a Associação de Pais e Amigos do Excepcional. Em 1953, o trabalho ludoterapêutico, na clínica, passou a ser mais sistematizado. Foi ampliado o espaço físico da clínica psicológica infantil, e esta dirigia-se, basicamente, a pessoas que não pudessem pagar. Houve uma preocupação e cuidado com os registros e arquivamento das observações e dos atendimentos, que serviram para pesquisas posteriores.

Também na década de 1950, Madre Cristina viaja pelo Brasil todo, ministrando cursos ou realizando palestras em instituições, principalmente, para pais, pois, nesta ocasião, colaborava com a "Escola de Pais". Na década seguinte, suas palestras abordam, prioritariamente, o tema "Direitos Humanos".

Paralelamente a essas experiências, ainda na década de 1950, participou dos embates travados para a regulamentação da profissão. Desde o 1º Congresso Brasileiro de Psicologia, defende a regulamentação da profissão, assim como a formação do Psicólogo, a ser realizada em Faculdades de Filosofia. Participou de discussões e elaboração de projetos, em várias instâncias, tanto em São Paulo, quanto em outros Estados do país.

Após a aprovação da regulamentação, planeja um curso regular de Psicologia, que é organizado nos mesmos moldes do curso de especialização em Psicologia Clínica, já existente. A implantação desse curso, em 1964, dá-se paralelamente à tomada de poder pelos militares. Sua ação é canalizada para se contrapor a esse processo político, e ela usa os contextos possíveis para que isto venha a ocorrer. A partir de então, ela vincula a Psicologia à política. Considerava importante que os alunos tivessem uma preocupação com os problemas sociais e políticos. Apoiou e deu assistência a militantes, presos políticos, torturados, parentes de perseguidos e estimulou os que trabalhavam no Sedes, para que fizessem o mesmo.

Em 1975, com a passagem dos cursos regulares da antiga faculdade para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, um novo espaço foi criado, o Instituto Sedes Sapientiae. Nele, a Psicologia se faz representar em diferentes cursos de especialização, mas todos voltados para os objetivos da Madre: ampliar os horizontes tanto da educação quanto da Psicologia; manter uma relação entre teoria e prática; considerar as necessidades dos mais desfavorecidos (econômica, social e politicamente). Os professores de todas as áreas, que trabalharam tanto na Faculdade quanto no Instituto, relatam os esforços feitos para adaptar suas teorias e técnicas aos clientes que eram vítimas do período político, como também a sua preocupação em democratizar o atendimento psicológico para a população de baixa renda.

No final da década de 1970 e início da de 1980, contribui para mudanças no sindicato e nos Conselhos de Psicologia.

Em 1995, em entrevista realizada pelo Jornal do Conselho Regional de Psicologia 6ª Região, Madre Cristina manifesta sua preocupação com o futuro da Psicologia, considerando importante que novos fenômenos, tais como os parapsicológicos, pudessem ser estudados cientificamente.

Publicações

CRISTINA, M. Amor, sexo, segurança. [Ijuí]: Editora da Faculdade de Ijuí, 1967.

CRISTINA, M. Características masculinas e femininas de personalidade. Revista da PUC de São Paulo, 1959.

CRISTINA, M. Considerações sobre o significado da angústia. Revista de Psicologia Normal e Patológica, v. 1, p. 294-301, abr./jun. 1955.

CRISTINA, M. Critérios para uma definição normal. Revista de Psicologia Normal e Patológica, v. 5, n. 1/2, p. 58- 63, 1959.

CRISTINA, M. Educando nossos filhos. São Paulo: Sedes Sapientiae, 1983.

CRISTINA, M. Formação do psicólogo e regulamentação da profissão. Boletim de Psicologia, v. 5/6, n. 18/19/20, p. 61-63, 1053-1954.

CRISTINA, M. Personalidade e família. São Paulo: Sedes Sapientiae, 1968.

CRISTINA, M. Posição da orientação educacional da escola secundária. [S.l]: Ministério da Educação, 1961.

CRISTINA, M. Psicodinamismo do ajustamento da personalidade. Tese (Doutorado em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae, São Paulo, 1952.

CRISTINA, M. Psicologia científica geral. São Paulo: Agir, 1982.

CRISTINA, M. Psicologia do ajustamento neurótico. Petrópolis: Vozes, 1974.

CRISTINA, M. Psicopatologia. São Paulo: Sedes Sapientiae, 1958.

CRISTINA, M. Reforma universitária. Comissão Parlamentar de Inquérito. Diário do Congresso Nacional, [Brasília], 29 de nov. 1967. Suplemento 26.

Referências

ADEUS, Madre Cristina. Jornal do CRP, São Paulo, nov./dez. 1997.

CARVALHO, C. de A. Depoimento. [S.l.], [2000]. Consuelo de Assis Carvalho - aluna do curso de pedagogia e do primeiro curso de psicologia clínica, Professora desse curso e de cursos de especialização no Instituto Sedes Sapientiae.

CASTANHO, M. I.; CALEJON, L. M. Depoimento. [S.l.], [2000]. Marisa Irene Castanho, Laura Marisa Calejon - alunas do curso regular de psicologia, antes de o mesmo ser incorporado à PUC-SP.

CESARINO, A. C. A lição de Madre Cristina. Pastorais, 10 dez. [199-].

GRUNSPUM, H. Depoimento. [S.l.], [2000]. Haim Grunspum - médico, professor do primeiro curso de psicologia clínica, Diretor da clínica infantil, Membro do Conselho do Instituto Sedes Sapientiae.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE. Histórias e memórias. São Paulo, 1998. Material de circulação interna.

MEMÓRIA viva: Madre Cristina. Psicologia: Ciência e Profissão, São Paulo, v. 4, n. 2, 1984.

SASS, O. Madre Cristina: uma pioneira da psicologia. Jornal do CRP, São Paulo, v. 14, n. 91, jan./fev. 1995.

SCHMIDT, M. L. Madre Cristina: um instrumento de transformação. Percurso, v. 2, n. 4, 1º semestre 1990.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista



CUNHA, Jurema Alcides
(1925-2003)

Psicóloga clínica e Psicometrista, com trabalho destacado na área de Psicodiagnóstico. Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, teve seu primeiro contato com a Psicologia no Curso Normal do Instituto de Educação Flores da Cunha, sendo aluna de Victor de Britto Velho, Graciema Pacheco e Elmira Pellanda. Em 1946, assumiu uma cadeira de professora primária no Grupo Escolar Rio Branco, em Porto Alegre. No mesmo período, iniciou seus estudos de Filosofia, concluindo sua formação na Universidade do Rio Grande do Sul, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1950. Sua atração pelo curso de Filosofia devia-se às várias disciplinas relacionadas à Psicologia, como Psicopatologia e Psicodiagnóstico, incluindo testes como TAT, PMK e Rorschach.

Em 1952, passou a lecionar Psicologia para o Curso Normal do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Dois anos depois, matriculou-se no recém-criado Curso de Especialização em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), o primeiro curso desse gênero oferecido no Estado (1954-1956). Na verdade, Cunha havia sido cogitada para ser professora do curso, mas, na época, a PUC-RS não costumava incluir professoras em seu quadro docente.

Em 1963, foi aprovada em concurso para o cargo de psicóloga da Divisão Especial da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, tornando-se logo a seguir, Presidente da Comissão de Pesquisa. A comissão foi organizada para colaborar com um projeto de pesquisa do Instituto de Psiquiatria da Universidade de Maryland, com apoio do Foundations Funds for Research in Psychiatry e da Fullbright Comission, coordenada pelo Dr. Eugene B. Brody. Por esse intercâmbio, Cunha foi, entre 1963 e 1966, professora visitante da Escola de Medicina da Universidade de Maryland, em Baltimore, Estados Unidos. O projeto culminou com a publicação do livro The lost ones: social forces and mental illness in Rio de Janeiro (Brody; Cunha, 1973).

Em 1972, matriculou-se no Curso de Mestrado em Psicologia da PUC-RS, sob a orientação de Isaac Sprinz, concluindo-o, em 1977, com a dissertação Sinais simbólicos de agressão no teste de Bender e a dimensão da normalidade-anormalidade. Nesse mesmo ano defendeu sua tese de livre-docência, intitulada Suicídio e o teste de Bender. Suas publicações concentram-se na área dos testes e medidas. Realizou a padronização do Inventário de Inteligência Não Verbal de Pierre Weil, para escolares adolescentes do Estado do Rio Grande do Sul, e do Teste Projetivo Holtzman Inkblot Technique, também para o Rio Grande do Sul.

Escreveu cerca de 300 artigos de divulgação psicológica para o jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, e traduziu vários livros que foram muito utilizados nos cursos de graduação em Psicologia no Brasil, como: Ensinamentos básicos dos grandes psicólogos, de S. S. Sargent e K. R. Stafford (1969), e Psiquiatria dinâmica, de R. R. Mezer (1972), ambos publicados pela Editora Globo de Porto Alegre, em 1972. Em 1970, organizou um Dicionário de termos psicanalíticos, publicado também pela Editora Globo de Porto Alegre. Uma de suas contribuições mais importantes foi a organização do livro Psicodiagnóstico, original-

mente, publicado em 1986, o qual se encontra na 5ª edição, sem dúvida, o mais abrangente livro do gênero no Brasil.

Publicações

BRODY, E.; CUNHA, J. A. The lost ones: social forces and mental illness in Rio de Janeiro. New York: International University Press, 1973.

CUNHA, J. A. (Org.). Dicionário de termos psicanalíticos de Freud. Porto Alegre: Globo, 1970.

CUNHA, J. A. (Org.). Psicodiagnóstico. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CUNHA, J. A. Sinais simbólicos de agressão no teste de Bender e a dimensão da normalidade-a-normalidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

CUNHA, J. A. Suicídio e o teste de Bender. Tese (Livre-docência). [S.l.: s.n], 1977.

Referências

MEZER, R. R. Psiquiatria dinâmica. Tradução Jurema Cunha. Porto Alegre: Globo, 1972.

SARGENT, S. S.; STAFFORD, K. R. Ensinamentos básicos dos grandes psicólogos. Tradução Jurema Cunha. Porto Alegre: Globo, 1969.

William Barbosa Gomes
Adriano Moraes Migliavacca



CUNHA, Raquel Vieira da *(1918-1996)*

Filha de Leo e Grete Kestenberg, nascida em Berlim na Alemanha e naturalizada brasileira, fez sua formação profissional nos Estados Unidos da América do Norte, obtendo, em 1940, o B. A. em Psicologia, no Radcliffe College, Harvard University. Especializou-se em Psicologia infantil no Merril Palmer Institute, Michigan, em 1942, e, em 1945, recebeu o título de M. A. em desenvolvimento humano na Universidade de Chicago. Dando continuidade à sua formação, aperfeiçoou-se e especializou-se, no Brasil e no exterior, em Técnicas Projetivas, Hipnose Médica, Relaxamento, Psicoterapia Centrada na Pessoa e em Gestalt Terapia.

A partir de 1975, interessou-se pela gerontologia, participando de congressos internacionais, encontros científicos e seminários sobre o novo campo de estudos e atividades. Promoveu um seminário sobre gerontologia, conduzido pela Dra. Patrícia L. Kasschau (Estados Unidos), no Instituto Sedes Sapientiae (1975), São Paulo. Personalidade marcada por uma grande vivacidade, Raquel Vieira da Cunha realizou observações e estágios em gerontologia social no Ethel Percy Andrus Gerontology Center (Califórnia), no Centro de Gerontologia da Universidade Católica de Vijmejeu (Holanda) e em centros congêneres de Bonn (Alemanha), de Viena

(Áustria) e, em Israel, no Broockdale Institute e na Universidade de Tel-Aviv.

Foi umas das pioneiras em gerontologia social no Brasil, tendo sido a fundadora, em 1979, e coordenadora do Centro de Gerontologia Social do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. Até 1981, colaborou com várias entidades na formação de pessoal especializado para atendimento ao idoso e para a realização de eventos científicos.

Participou, com Rachel L. Rosenberg e outros colegas, do Encontro Centrado na Pessoa, com a presença de Carl R. Rogers (Estados Unidos) em Arcozelo, RJ, em 1977, bem como de muitos outros eventos sobre a Abordagem Centrada na Pessoa. Foi um dos membros convidados do Grupo de Estudos Avançados na Abordagem Centrada na Pessoa, coordenado pelo Dr. John K. Wood Ph. D, do Center for Studies of the Person e Dra. Rachel L. Rosenberg, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1984-1985). Em 1988, foi membro fundador do Núcleo Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa. Sócia-fundadora (1945) da Sociedade de Psicologia de São Paulo, chefiou a ativa III Divisão (1957-1958), quando contribuiu para a regulamentação da profissão do Psicólogo, discutindo e elaborando substitutivo ao projeto de lei.

Foi membro de diversas associações profissionais, como: a American Psychological Association; a Association for Humanistic Psychology; o International Council of Psychology; a Sociedade de Geriatria e Gerontologia de São Paulo; e a International Association of Gerontology.

Ocupou a cadeira 27 da Academia Paulista de Psicologia, cujo patrono é Herbert Baldus. Dedicou-se à Psicologia clínica, mantendo, até a data de seu falecimento em Washington - D. C., consultório particular para atendimento de adultos e idosos, ministrando também cursos de Wartegg. Em 27 de agosto de 1982, foi homenageada com o diploma "Honra ao Mérito" pelo Conselho Federal de Psicologia. Foi casada com o professor Mário Wagner Vieira da Cunha, tendo tido dois filhos, o engenheiro Maurício Vieira da Cunha e o economista Paulo Vieira da Cunha.

Referências

ALVES, I. C. B. Depoimento. [S.l.], [2000]. Depoimento concedido a Myriam Augusto da Silva Vilarinho. Iraci Cristina Boccato Alves é do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

GIMENEZ, D. R. Depoimento. [S.l.], [2000]. Depoimento concedido a Myriam Augusto da Silva Vilarinho. Denise Ramos Gimenez é da Academia de Psicologia de São Paulo e sucessora de Raquel Vieira da Cunha na Cadeira 27.

MORATO, H. P. Depoimento. [S.l.], [2000]. Depoimento concedido a Myriam Augusto da Silva Vilarinho. Henriette Penha Morato é do Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Boletim de Psicologia, São Paulo, v. 46, n. 105, jul./dez. 1996.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Boletim de Psicologia, São Paulo, v. 11, n. 37, jan./jun. 1959.

WAGNER, E. da C. A. e M. Depoimento. [S.l.], [2000]. Depoimento concedido a Myriam Augusto da Silva Vilarinho. Elvira da Conceição Abreu e Melo Wagner é Gerontóloga do Curso de Gerontologia do Instituto Sedes Sapientiae.

Myriam Augusto da Silva Vilarinho

CUNHA, Suzana Ezequiel da *(1919-2017)*

Natural de Santa Luzia, Minas Gerais. Pedagoga e Psicóloga. Formada como Normalista, em 1938, na antiga Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, hoje Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), foi nomeada professora das classes anexas à Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais, onde, com Helena Antipoff, conheceu o teste "As minhas mãos". Diplomou-se, em 1947, no Curso de Orientação e Administração Escolar do IEMG.

Exerceu a orientação escolar por alguns anos e, em 1950, matriculou-se no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde fez o bacharelado e licenciou-se em 1953. Ingressou, um ano depois, no Serviço de Orientação e Seleção Profissional do Instituto de Educação (SOSP), onde permaneceu até 1972. Nas atividades ali desenvolvidas, foi assistida pelos professores Pedro Parafita de Bessa e Mira y López. Por essa ocasião, trabalhou também no Gabinete de Psicotécnica do Departamento Estadual de Trânsito de Minas Gerais, ao lado de José Nava, com quem publicou várias pesquisas sob o título de Aspectos da personalidade. Concomitantemente, ministrou aulas de Estatística nos cursos de Orientação e Administração Escolar do IEMG, nos cursos de Pedagogia da UFMG e no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Em 1959, fez concurso no Ministério da Educação e Cultura para a profissão de Psicólogo: Reg. 292-Livro I - fl. 30. Participou da fundação dos cursos de Psicologia da Faculdade de Filosofia da UFMG (1962), da PUC Minas (1961) e da Fundação Universidade de Minas Gerais (FUMG) (1972), atual FUMEC, nos quais ministrou disciplina relacionadas com a Psicometria, Estatística e Técnicas de Exames Psicológicos.

Em 1971-72, foi convidada para preparar pesquisadores e planejadores em Educação Técnica para a América Latina, com as disciplinas Estatística e Metodologia da Pesquisa, pela Organização dos Estados Americanos (OEA), em convênio com o MEC e com a Universidade do Trabalho de Minas Gerais, onde realizou e publicou várias pesquisas. Em 1973, defendeu tese de livre-docência, na UFMG, sob a tutoria do professor Pedro Parafita de Bessa: O teste DHP: diagnóstico das habilidades do pré-escolar: um estudo exploratório. Com o teste DHP, desenvolveu várias pesquisas em Ibirité, Contagem, Belo Horizonte e região da Sudene, publicadas pela Editora CEPA. Entre 1973 e 77, coordenou projetos de pesquisa no Instituto Superior de Educação Rural (ISER) Fazenda do Rosário, em Ibirité, convidada por Helena Antipoff. Apresentou estudos sobre "O Teste M.M." nos Congressos Internacionais de Psicologia Aplicada, em Montréal e Paris, na década de 1970.

Em 1987, prestou concurso para professor titular de Psicologia, também na UFMG, defendendo a tese Da medida e do sistema de normas em psicologia: a escala S, obtendo o primeiro lugar. Dedicou sua vida profissional ao ensino e à pesquisa. Publicou livros e artigos, muitos em coautoria com Maria Tereza da Cunha Coutinho. Construiu testes como o DHP e o TEC, de atenção concentrada, publicados pela Editora CEPA. Orientou teses e exerceu várias atividades administrativas na UFMG. Após aposentar-se das suas funções públicas, continuou participando e acompanhando a construção dos novos conhecimentos no campo da Psicologia.

Publicações

CUNHA, S. E. da. A noção de validade de testes psicológicos. Rio de Janeiro: CEPA, 1980.

CUNHA, S. E. da. Atenção difusa em trabalhos automatizáveis e variáveis. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, mar./jun. 1958.

CUNHA, S. E. da. Estatística descritiva. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

CUNHA, S. E. da. O índice pessoal no teste M.M. de Helena Antipoff. Kriterion, Belo Horizonte, 1970.

CUNHA, S. E. da. O teste DHP: diagnóstico das habilidades do pré-escolar: um estudo exploratório. Tese de (livre-docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1973.

CUNHA, S. E. da. O teste DHP: estudos exploratórios das habilidades do pré-escolar. Rio de Janeiro: CEPA, 1976.

CUNHA, S. E. da. Os testes de inteligência e a orientação profissional. Kriterion, Belo Horizonte, 1962.

CUNHA, S. E. da; COUTINHO, M. T. C. Avaliação da implantação do ensino profissionalizante em Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, 1979. Relatório.

CUNHA, S. E. da; COUTINHO M. T. C. Diagnóstico científico de aptidões. Belo Horizonte: ULTRAMIG, 1976. Relatório.

CUNHA, S. E. da; COUTINHO, M. T. C. Estatística descritiva. Rio de Janeiro: Entreletras, 1999.

CUNHA, S. E. da; COUTINHO M. T. C. Iniciação à estatística. Belo Horizonte: Lê, 1974.

CUNHA, S. E. da; DAYREL, A.; GOIFFMAM, T. T. Aspectos psicológicos de uma seleção de supervisores de nível médio. Revista de Administração de Empresa, Rio de Janeiro, jan./ mar. 1972.

CUNHA, S. E. da; NAVA, J. A agressividade e a condução de veículos. In: NAVA, J. (Org.). Aspectos da personalidade. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957.

CUNHA, S. E. da; NAVA, J. Aplicação econômica do teste PF de Rosensweig em grupo. In: NAVA, J. (Org.). Aspectos da personalidade. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957.

CUNHA, S. E. da; WEIL, P. A medida da consciência cósmica. In: PEQUENO tratado de psicologia transpessoal. Petrópolis: Vozes, 1977. v. 5.

Maria Tereza da Cunha Coutinho



D'AMORIM, Maria Alice
(1928-)

Nasceu em São Paulo (SP). Teve seu primeiro contato com a Psicologia durante o curso colegial, nas aulas da Professora Madre Cristina Maria Sampaio, sobre Psicologia do Desenvolvimento. Mudou-se para o Rio de Janeiro aos 17 anos, cursando na Pontifícia Universidade Católica (PUC) a licenciatura em Filosofia. Com a criação do curso de Psicologia, voltou à PUC, onde teve como professor o Padre Antonius Benkö, S.J., através do qual conseguiu sua primeira bolsa de estudos para fazer, em Louvain, na Bélgica, um ano de licenciatura em Psicologia. Ao terminar o curso na PUC, passou imediatamente a ensinar na graduação, afastando-se apenas no período em que realizou seu mestrado em Psicologia Social na Universidade de Iowa (1964-1965), com uma bolsa da Fundação Fullbright. De 1966 a 1969, com auxílio de uma bolsa da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), realizou seu doutorado na Universidade de Louvain, sob a orientação do Professor Dr. Joseph Nuttin. Ao terminar o doutorado, recebeu convite para ensinar na Universidade de Québec, em Trois Rivières, aí permanecendo até voltar ao Brasil, em 1975, a convite da Universidade Federal da Paraíba.

Em 1981, passou a fazer parte do corpo docente da Universidade de Brasília (UnB), até sua apo-

sentadoria, em 1992, quando passou a lecionar, chamada pelo Professor Aroldo Rodrigues, no Mestrado em Psicologia da Universidade Gama Filho. Ao longo de sua carreira, teve oportunidade de realizar três pós-doutorados, um na Universidade de North Carolina, em Chapel Hill, outro na Universidade de Waterloo, no Canadá, e o terceiro na Universidade de Louvain-la-Neuve, na Bélgica. A vida acadêmica e profissional, rica e diversificada, propiciou à Professora Maria Alice D'Amorim, o convívio com importantes representantes, não só da Psicologia nacional, mas também internacional, trazendo-lhe experiências extraordinariamente profícuas.

Assumiu cargos de Chefia de Departamento e de Coordenação de Pós-Graduação nas várias universidades em que trabalhou, representando o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UnB na fundação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), de 1984 a 1986, e o da Universidade Gama Filho, de 1994 a 1996. Foi presidente da área de Psicologia na Capes e fez parte do Comitê de Consultores do Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do qual foi também bolsista-pesquisadora por vários anos consecutivos. Foi membro do primeiro corpo editorial da revista Psicologia: Teoria e Pesquisa da UnB, ocupando a função de secretária. Orientou teses de doutorado e dissertações de mestrado, publicou capítulos de livros no Brasil e no exterior, além de dezenas de artigos, alguns deles em revistas internacionais. E, ainda, apresentou trabalhos em congressos nacionais e internacionais.

Desde 1972, a Professora Maria Alice D'Amorim é membro da American Psychological Association e da International Communication Association, e, desde 1987, do International Council of Psychologists. Em sua vasta trajetória profissional, desenvolveu pesquisas no âmbito da Psicologia Social, Psicologia Organizacional e, mais recentemente, Psicologia da Saúde, concentrando-se, principalmente, nas áreas de atitudes, gênero e sexismo, teoria da ação racional e de atribuição de causalidade, liderança e comportamentos preventivos de saúde.

Publicações

D'AMORIM, M. A. A atitude diante da droga em um grupo de profissionais de saúde. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 5, n. 2, p. 71-78, 1992.

D'AMORIM, M. A. A medida na teoria da ação racional. In: PASQUALI, L. (Org.). Teoria e métodos de pesquisa em ciências do comportamento. Brasília: MEC, SEDIAE/INEP, LABPAM, 1996. p. 367-386.

D'AMORIM, M. A. Papel de gênero e atitudes acerca da sexualidade. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 5, n. 1, p. 71-84, 1989.

D'AMORIM, M. A. Sexism and feelings of discrimination. In: BAIN, B. et al. (Ed.). Psychology and education in the 21th century. Edmonton, Canada: ICPress, 1996.

D'AMORIM, M. A.; ASSELIN, R.; TREPANIER, G. A motivação profissional e a perspectiva temporal em função de sexo e do meio sócio-econômico, segundo a abordagem de Nuttin. In: LA PUENTA, M. de (Org.). Tendências contemporâneas da psicologia da motivação. São Paulo: Cortez, 1986. p. 111-126.

Referências

SMITH, P. et al. Leadership in Latin America organizations: an event management perspective. Interamerican Journal of Psychology, v. 33, n. 2, p. 91-121, 1999.

Eveline Maria Leal Assmar

D'AVILA NETO, Maria Inácia *(1943-2015)*

Nasceu em 9 de março de 1943, no Rio de Janeiro. Graduou-se em Psicologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estudou com os mestres Eliezer Schneider e Alice Mira (que a recomendou a Paul Fraisse, em Paris), aliando o espírito científico à preocupação social com as lições do psiquiatra José Otávio de Freitas, que a iniciou nos estudos de uma psicopatologia humanista. Em 1968, seguiu para Paris, onde permaneceu até 1971, tendo realizado estágio no Hospital Saint'Anne. Frequentou também os seminários de psicopatologia de Henri Ey e concluiu o Mestrado em Psicologia Social Clínica na Universidade de Paris VII, tendo também acompanhado as primeiras experiências com a "community psychology" ou "social ecology" norte-americanas, feitas na França por Serge Lebovici e a equipe do Centre Alfred Binet, em Paris.

Retornou ao Brasil em 1971 e tornou-se professora de Psicologia Social na Universidade de Brasília (UnB), tendo chefiado o departamento de Psicologia e sido responsável pelo reconhecimento do curso de Psicologia que ali fora criado desde os anos de 1960, quando da criação da UnB. Como professora de Psicologia Social, iniciou trabalhos comunitários na periferia de Brasília, inspirada na experiência da Psicologia social clínica francesa. Com a colega Stella Winge, montou uma unidade de ensino aplicado para a Asa Norte, que funcionava como clínica e antena preventiva. A partir de estudos das condições de vida naquela comunidade, promovia grupos de pais e encontros de psicólogos para avaliarem o desenvolvimento das crianças nas escolas locais. O trabalho com a comunidade acaba provocando denúncias na universidade, naquele período de grande autoritarismo político, e Inácia foi aconselhada a voltar a Paris para concluir a formação pós-graduada. Decide então cursar o Doutorado em Psicologia Social também na Université Paris Diderot, PARIS 7, sob a orientação do eminente psicossociólogo Paul Arbousse Bastide.

Em 1978, defendeu tese sobre a gênese das atitudes autoritárias em relação às mulheres na sociedade brasileira contemporânea (D'avila Neto, 1978), contribuição importante para o debate sobre a condição das mulheres no Brasil à época em que se iniciava o movimento de emancipação feminina entre nós, adotando a perspectiva crítica que animaria todo o seu trabalho posterior. A pesquisa foi posteriormente traduzida e publicada no Brasil (D'avila Neto, 1980, 1994). Voltou a Paris para o Pós-Doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales (1989-1990), sob a supervisão de Denise Jodelet, com pesquisa sobre a questão feminina, um estudo sobre as representações sociais do corpo feminino, e mais tarde (2007-2008) no Laboratoire Européen de Psychologie Sociale, na Maison des Sciences de l'Homme, sob a supervisão de Serge Moscovici. Ao longo de toda a sua formação, portanto, Inácia se aproximou das linhas de pesquisa mais relevantes da Psicologia social contemporânea, especialmente nas vertentes das representações sociais e dos Estudos Feministas. De Paris trouxe ainda a influência de René Lourau, o psicossociólogo da Análise Institucional, e um invejável conhecimento das tendências das ciências humanas pós-Maio de 1968, especialmente as discussões sobre a implicação do pesquisador com seus sujeitos de pesquisa e as questões psicossociais que atravessam a pesquisa em Psicologia e Psicanálise. Esses trabalhos eram muito originais, na época, por associarem a psicossociologia clínica francesa e a análise institucional de René Lourau e Geoges Lapassade, de inspiração histórico-dialética; a crítica cultural da Escola de Frankfurt, a Psicanálise de Freud

a Maud Mannoni, e a antipsiquiatria; a teoria das representações sociais e sua sensibilidade às diferentes formas de apropriação dos significados socialmente construídos por indivíduos e grupos com inserções, valores e perspectivas sociais diferentes; intérpretes do Brasil como Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, a teoria da dependência de Cardoso e Faletto, a vigorosa oposição ao autoritarismo (na tradição de Lewin e Adorno), a preocupação com o desenvolvimento comunitário e com as questões de gênero. Essa síntese complexa reflete, tanto a curiosidade intelectual, quanto a necessidade de engajamento em relação a questões culturais de maior impacto para a chamada geração 1968 (que foi um ano extraordinário, tanto na França quanto no Brasil, dos pontos de vista tanto político quanto de mudança sociocultural).

Essa formação diversificada, hibridizando perspectivas francesas, norte-americanas e latino-americanas, certamente contribuiu para modelar em Maria Inácia uma postura em Psicologia social original e engajada, crítica e sensível a situações de exclusão social, e ao mesmo tempo muito ativa na busca de soluções práticas para as questões que aborda.

De volta ao Brasil após a conclusão do doutorado, Inácia demite-se da UnB e é aprovada em concurso no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em janeiro de 1979. Foi a primeira docente doutora do Instituto de Psicologia. Propõe então um programa de Psicologia Social com temas brasileiros: a família patriarcal e o cotidiano urbano da cidade grande. Leciona também na pós-graduação em Psicologia, disciplinas da área da Psicologia Social e Comunitária. Em 1979, funda uma ONG – o Socius – junto com a colega Tânia Maciel, voltada para a dimensão cultural do desenvolvimento de comunidades e pesquisas ambientais, associando animação cultural e promoção da preservação ecológica. O Socius contou com orientação do psicossociólogo Joffre Dumazedier, fundador do movimento Peuple et Culture na França, e estudioso da dimensão cultural do desenvolvimento, e também de Paul Arbousse Bastide, com quem Inácia havia feito o Doutorado e com quem manteve intensa colaboração intelectual.

Em 1983, cria na UFRJ um Laboratório de Psicologia Social Clínica e inicia pesquisas sobre comunidades no Pantanal mato-grossense, com a participação de Dumazedier e o apoio da Unesco, do Centre National de la Recherche Scientifique francês e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, do lado brasileiro.

Dessa colaboração nasce o Projeto Sinuelo, no pantanal do Mato Grosso do Sul, sobretudo na região da Nhecolândia e da cidade de Corumbá pela preservação cultural e ecológica com a participação de todas as secretarias de estado e apoio do MEC, CNPq, CNRS e Unesco. Em 1989, instala, na UFRJ, programa de Mestrado Interdisciplinar em Ecologia e Desenvolvimento, embrião do Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), iniciado na própria UFRJ, em 1990, e dedicado a estudos sobre o desenvolvimento cultural endógeno de grupos e comunidades. O curso de Doutorado teve início em 2001.

O caráter inovador do EICOS foi reconhecido internacionalmente com a obtenção, em 1993, da primeira "Chaire Unesco" de Desenvolvimento Durável da UFRJ, peça-chave do projeto UNITWIN, primeira cátedra instalada pela Unesco, na América Latina, dando início a um amplo projeto de cooperação interuniversitária, do qual participa também a École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, sobre o tema das relações entre Meio Ambiente, Ecologia e Desenvolvimento Cultural de Comunidades. Em 2003, a Cátedra recebe o UNITWIN AWARD, única vencedora em toda

a América Latina na área de Ciências Sociais.

Em 1994, Inácia torna-se Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aprofundou então os laços com a Unesco, e foi também Professora Visitante na Université de Lille 3. Firmou convênio do EICOS com o curso de pós-graduação do Programa Erasmus Mundus, MITRA (Mobilités, identités, Conflits), aprovado no quadro da União Europeia, um programa de mestrado internacional que começou com seis universidades europeias, uma africana e uma mexicana, além da UFRJ. Atuou também como professora convidada na École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris, no período de 1999 a 2003, dirigindo seminários sobre pesquisa participativa em Psicologia Social.

Nos últimos anos, sua presença é cada vez mais requisitada em eventos e fóruns internacionais dedicados a questões de empoderamento das mulheres e sobre o desenvolvimento de comunidades, e Inácia participa levando sua mensagem de solidariedade e sustentabilidade. Orienta teses de doutorado e dissertações de mestrado sobre seus temas de eleição: a implicação do pesquisador com seus sujeitos de pesquisa, a intervenção psicossocial, a pesquisa participativa, as relações de poder, a autogestão.

Em todos os trabalhos que desenvolve no Instituto de Psicologia da UFRJ e no EICOS, Inácia permanece fiel a seus ideais: o ideal de justiça e não violência, no exercício de uma cidadania mais universal; a expansão de participação autogerida e criativa, como laço comunitário, produzindo cultura; a promoção do desenvolvimento durável; a expansão dos direitos universais do homem, da mulher, da criança, dos jovens e velhos, autóctones e estrangeiros, com laços culturais solidários. Torna-se referência na área da Psicologia social do desenvolvimento e sustentabilidade, com significativa presença em publicações internacionais.

Falece no Rio de Janeiro, em 07 de novembro de 2015.

Publicações

BEYSSAC, M. L. T. C.; D'AVILA NETO, M. I.; IRVING, M. A. L' Imaginaire de la Forêt Amazonienne au Brésil: Carte Culturelle Surui sur Google Earth. In: HARPET, C.; BILLET, P.; PIERRON, J. P. (Orgs.). A l' Ombre des Forêts - usages, images et imaginaires de la forêt. Paris: L'Harmattan, 2014, p. 121-145.

CAVAS, C.; D'AVILA NETO, M. I. Atravessando fronteiras: um estudo sobre mães-de-santo e a África imaginada nos terreiros de candomblé do Rio de Janeiro. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, v. 6, p. 52-70, 2015.

D'AVILA NETO, M. I. Ambiguous participation. Courrier de la Planète, v. 74, n. 3, p. 41-43, 2005.

D'AVILA NETO, M. I. Enquête participation sur les femmes brésiliennes défavorisées et leur conception sur le rôle culturel. Paris: Unesco, Division du Développement Culturel, 1986, 1989.

D'AVILA NETO, M. I. La condition féminine au Brésil em milieu urbain: recherche sur la génèse de l'autoritarisme à l 'égard des femmes dans la société brésilienne contemporaine. Thèse de Doctorat, Université de Paris VII, 1978.

D'AVILA NETO, M. I. La participación ambígua. Courrier de la Planète, v. 74, n. 3, p. 41-43, 2005.

D'AVILA NETO, M. I. Le language gestuel féminin - représentations sociales du corps dans la société brésilienne contemporaine. Paris: Unesco, Section des Politiques Culturelles, 1990.

D'AVILA NETO, M. I. O autoritarismo e a mulher – o Jogo da Dominação Macho-Fêmea no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1980 (1ª ed.); Editora Artes e Contos, 1994 (2ª ed.).

D'AVILA NETO, M. I.; BEYSSAC, M. L. T. C. de . A la recherche du paradis perdu narratives post--coloniales de l 'autre: le développement en jeux de miroirs. In: PIERRON, J.P.; PARIZEAU, M. H.

(Org.). Repenser la nature - dialogue philosophique Europe, Asie, Amériques. Quebec: Les Presses de l 'Université Laval, 2012, p. 357-374.

D'AVILA NETO, M. I.; CAVAS, C. Diáspora negra: desigualdades de Gênero e raça no Brasil. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, v. 2, p. 01-09, 2011.

D'AVILA NETO, M. I.; CAVAS, C. Frontières (pour une épistémologie de la notion). In: BERND, Z.; DEI-CAS, N. (Org.). Glossaire des mobilités culturelles. Bruxelas: P.I.E. Peter Lang, 2014, p. 203-216.

D'AVILA NETO, M. I.; CAVAS, C.; JARDIM, G. S. La décolonisation des femmes et de la nature: exercices sages pour réfléchir à propos des femmes et de l' écologie. Révue Emulations, v. 14, p. 49-68, 2015.

D'AVILA NETO, M. I.; DELVIGNE, A. D.; NAZARETH, J. C. Immigration Women: Feminism, Recognition and Social Justice in France and Brazil. In: BONIFACIO, G. (Org.). Feminism and migration: crosscultural engagements. London: Springer, 2012, p. 209-226.

D'AVILA NETO, M. I.; MACIEL, T. B. Pantanal, um eco-desenvolvimento necessário. In: MACIEL, T. B. (org.). O ambiente inteiro – a contribuição crítica da universidade à questão ambiental. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1992.

D'AVILA NETO, M. I.; MACIEL, T. B. SINUELO – Projet d 'animation culturelle et préservation écologique du Pantanal MS – Brésil. Paris: Unesco, Section des Politiques Culturelles, 1985.

D'AVILA NETO, M. I.; NAZARETH, J. C. Globalization and women's employment. Peace Review (Palo Alto, Calif.), v. 17, n.2-3, p. 215-220, 2005.

D'AVILA NETO, M. I.; NAZARETH, J. Mulheres Migrantes Nordestinas e suas redes de conterrâneos: além das estratégias cotidianas de sobrevivência. In: COSTA, S. L. C.; MENDES, R. (Org.). Redes Sociais Territoriais. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014, p. 97-114.

D'AVILA NETO, M. I.; NAZARETH, J.; CAVAS, C.; JARDIM, G. S. Mulheres em movimento: algumas ideias sobre a diáspora, migração e reconhecimento de mulheres no Brasil. In: MACIEL, T.; D 'AVILA NETO, M. I.; ANDRADE, R. (Org.). Fronteiras e diversidades culturais no século XXI: Desafios para o reconhecimento do estado global. Rio de Janeiro: MAUAD-X, 2012. p. 256-272.

IRVING, M. A.; D'AVILA NETO, M. I.; MACIEL, T. M. F. B. ; BEYSSAC, M. L. T. C. de. L'approche brésilienne de l'écologie sociale - propos sur la relation nature-société. In: CHARDEL, P.; REBER, B. (Orgs.). Ecologie sociale - le souci du commun. Lyon: Ed. Paragon, 2014, p. 91-110.

Cecília de Mello e Souza

DIAS, Flávio Rodrigues *(1899-1994)*

Nasceu em São Paulo (SP). Formou-se Médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1929, foi para a Europa, designado a fazer parte de uma comitiva oficial do Conselho Federal de Ensino, para visitar centros de Psicologia Experimental em Paris, Louvain, Berlim e Viena. Terminada essa atividade, permaneceu na Europa, a fim de especializar-se em Pediatria em Paris, Viena e, principalmente, Berlim. Nessa ocasião, tomou conhecimento da Psicanálise.

Ao retornar a São Paulo, abriu um consultório de Pediatria e foi convidado a tornar-se Diretor Clínico da Santa Casa de Santo Amaro, onde permaneceu por quatro anos. Um episódio casual, contado com muito humor, mudou totalmente o rumo de sua vida profissional e científica: o encontro com Durval Marcondes. Isso ocorreu em um bonde, na Avenida Paulista, o Dr. Flávio estava sentado ao lado de um jovem que lia um livro sobre Psicanálise. "No encontro providencial - conta o Dr. Flávio - a prosa se animou tanto que tenho a impressão de que o novo amigo se esqueceu para onde ia e até o que tinha em mente fazer..." (Arruda, 1969, p. 641).

Note-se o espírito científico desbravador desses dois médicos, porque, na Medicina, dos anos 1920-30, não havia qualquer aceitação científica e profissional da Psicanálise. Flávio Dias relatou, em entrevista, que raros médicos faziam indicação de tratamento psicanalítico, nos anos 1930-40, como Jairo Ramos, um grande clínico geral e especialista em gastroenterologia, que encaminhou pacientes para fazer análise. Algumas instituições científicas, como o Instituto de Pesquisas para Triagem da Secretaria de Justiça, fundado, em 1935, pelo doutor Cândido Mota Filho, deram certo apoio à Psicanálise. Nessa instituição, Flávio Dias foi contratado como médico para trabalhar com menores abandonados e anormais ou "psicopatas", como se dizia naquela época. Permaneceu lá por dez anos.

Embora não tenha participado da primeira Sociedade de Psicanálise de São Paulo, no período de 1927-1930, por estar na Europa, deu apoio a Durval Marcondes no empreendimento de trazer um analista didata a São Paulo. Em 1937, foi um dos primeiros analisandos da Dra. Adelheid Koch. Tornou-se membro do Grupo Psicanalítico de São Paulo e, com o reconhecimento definitivo da International Psychoanalytical Association (IPA), permaneceu membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, ao longo de sua atividade profissional e científica. Em 1968, aposentou-se. Numa sessão em sua homenagem na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), Paulo Gonzaga de Arruda relatou:

O nosso caro Flávio Dias se despede dos colegas, no mesmo tom afetuoso, bem conhecido de todos nós. Sua retirada deixa uma lacuna que jamais será preenchida. Sua despedida vem justificar aquilo que dele diziam, quando se esforçava por saber mais da Psicanálise, antes de seu encontro com Durval Marcondes e as consequências que daí surgiram: 'É um poeta...'. De fato, o último contato oficial que tivemos com o nosso colega que se despedia foi um encontro emocionante, a despedida de um poeta (Arruda, 1969, p. 641).

Publicações

DIAS, F. R. Discurso de homenageado. São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 2 out. 1968.

Referências

ARRUDA, P. G. Psicanalista que se aposenta. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v. 2, n. 4, 1969.

DIAS, F. R. Entrevista, [S.l.], 2 jul. 1983.

REICHSTUL, L. Um desconhecido muito ilustre. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 out. 1985. Folhetim.

SAGAWA, R.Y. A construção local da psicanálise. Marília: Interior/Psicanálise, 1996.

Roberto Yutaka Sagawa

DÓRIA, Antonio de Sampaio *(1883-1964)*

Natural de Belo Monte, Alagoas, bacharel em Direito, foi reconhecido, principalmente, por suas realizações em Educação. Assumiu a cátedra de Psicologia Educacional na Escola Normal de São Paulo, em 1914, tendo sido sucedido por Lourenço Filho, em 1925. Realizou, em 1920, a Reforma do Ensino de São Paulo, cuja principal finalidade era a difusão e a extensão do ensino elementar ou, em outras palavras, a diminuição do analfabetismo; para isso, propôs a redução do ensino primário para dois anos, ao final dos quais o aluno teria que sair da escola, independentemente, de seu desempenho. Propôs também a promoção automática da primeira para a segunda série, além de pagamento com gratificação aos professores pelo número de alunos alfabetizados. Essa reforma foi criticada por enfatizar a quantidade de alunos atendidos e desconsiderar a qualidade do ensino.

Em Educação e Psicologia, escreveu as obras Princípios de pedagogia – ensaios, publicada em 1914, e Questões de ensino, em dois volumes, sendo o primeiro volume denominado A reforma de 1920 em São Paulo, e o segundo Psychologia, publicado em 1926.

Na primeira obra, o autor defende a necessidade de a Educação fundamentar-se nos conhecimentos científicos sobre a "alma infantil"; inspirando-se, principalmente, nas ideias de Spencer sobre a "recapitulação abreviada", o autor cita também Rousseau, Galton, William James, Catell, Claparède, Compayré, Binet e Pestalozzi, além de muitas vezes referir-se a Ruy Barbosa.

Em Psychologia, obra que abrange os conteúdos das aulas ministradas na Escola Normal, percebe-se a influência de Wundt, não apenas pela afirmação da consciência como objeto de estudo da Psicologia, mas também pela proposição do método da introspecção, associado à observação e à experimentação; entretanto, é William James o autor que sustenta praticamente todo o desenvolvimento dos conteúdos. Bain, Herbert e Lange também são citados.

Publicações

DÓRIA, A. de S. Princípios de pedagogia: ensaios. São Paulo: POCAI-WEISS & C, 1914.

DÓRIA, A. de S. Psychologia. São Paulo: Typ. do Instituto Ana Rosa, 1926.

DÓRIA, A. de S. Questões de ensino. [S.l.: s.n.], 1926. 2 v.

Referências

ANTUNES, M.A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890 - 1930): uma contribuição aos estudos em história da psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Psicologia. Boletim [da] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51. São Paulo, 1950.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 41-53, set. 1971.

NAGLE, J. Educação e sociedade na primeira república. São Paulo: EPU/ MEC, 1974.

NAGLE, J. Introdução ao estudo da Escola Nova no Brasil (antecedentes). Boletim da Cadeira de Teoria Geral da Educação, Araraquara, ano I, n. 2, p. 81-108, 1964.

PAIVA. V. Educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 1973.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-14, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia no Brasil. In: QUEM é o psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon/CFP, 1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Org.). História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979. v. 3. p. 235-276.

Mitsuko Aparecida Makino Antunes



DOYLE, Iracy
(1911-1956)

Médica psiquiatra e psicanalista, nascida no Rio de Janeiro. Após formar-se em Medicina, no ano de 1935, pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, fez sua pós-graduação em Psiquiatria infantil, na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, em 1943, fundou a Clínica de Repouso da Tijuca, nos mesmos moldes da prestigiosa clínica psiquiátrica Menninger de Topeka.

Em 1946, retorna aos Estados Unidos e faz sua formação em Psicanálise no William Alanson White Institute de Nova Iorque, tendo realizado sua análise pessoal com Meyer Maskin e supervisão com Clara Thompson. Volta ao Brasil, em 1949, torna-se livre-docente de Psiquiatria da Universidade do Brasil e funda, em abril de 1953, o Instituto de Medicina Psicológica (atual Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, filiada à International Federation of Psychoanalytical Societies).

Como autora e professora, dedicou-se à divulgação e ao ensino da Psicanálise, destacando-se, nesse sentido, o seu livro O sentido do movimento psicanalítico, publicado em 1950. A "doutorinha", como era carinhosamente conhecida, teve também destacada participação no trabalho com crianças, desde a década de 1930, quando

se tornou membro da Conferência Nacional de Proteção à Infância. Posteriormente, viria a ser uma das primeiras especialistas em Psicanálise de crianças no Brasil.

Recusou-se a ingressar na International Psychoanalytical Association (IPA), mantendo-se como referência de autonomia e liberdade de pensamento em meio à ortodoxia oficial da IPA, que, até então, prevalecia tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Formou muitos alunos, entre os quais Horus Vital Brasil e Hélio Pellegrino, psicanalistas importantes para a consolidação de uma Psicanálise engajada e com preocupações sociais no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970. Em seu livro de 1952, Introdução à medicina psicológica, prefaciado por E. Myra e López, apresenta a Psicanálise como teoria e prática fundamentais para o desenvolvimento da Psiquiatria dinâmica.

Morreu, prematuramente, em 1956, em consequência de uma encefalite virótica, aos 45 anos, época em que se preparava para concorrer à cátedra de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina.

Publicações

DOYLE, I. Introdução à medicina psicológica. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1952.

DOYLE, I. O sentido do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1950.

Referências

FREITAS, L. A. P. de. SPID/IMP: 45 anos de psicanálise, de 1953 a 1998. Rio de Janeiro, out. 1998. Trabalho apresentado nas comemorações dos 45 anos de fundação do Instituto de Medicina Psicológica.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

Nelson Ernesto Coelho Junior



DUMAS, Georges
(1866–1946)

Nascido em Lédignan, na Provence francesa, e aluno da prestigiada École Normale Supérieure de Paris, Georges Dumas interessou-se cedo pela Psicologia. Como na época não havia diplomas específicos nessa área, após tornar-se agrégé em Filosofia, em 1889, começou a frequentar as aulas de Théodule Ribot, no Collège de France. Em 1890, formou-se em Medicina e, em 1900, obteve o diploma da Universidade de Letras. Na Medicina, Dumas apresentou tese sobre Os estados intelectuais na melancolia, publicada em 1895. Em 1897, foi nomeado chefe do Laboratório de Psicologia na Clínica de Doenças Mentais da Faculdade de Medicina de Paris e, em 1902, sucedeu seu colega Pierre Janet, como professor (Chargé de cours) de Psicologia na Sorbonne, onde se tornou catedrático de Psicologia experimental em 1912. Em 1904, junto com Pierre Janet, criou o Journal de Psychologie Normale et Pathologique (1903-1986), como órgão oficial da Sociedade Francesa de Psicologia, estabelecida pelos dois desde 1901. Considerado um intelectual culto e professor brilhante, Dumas exerceu influência tanto na França, como em países da América Latina. Foi membro da Academia de Medicina da França, da Academia de Ciências Morais e Políticas e presidente de diversas sociedades,

como a Sociedade médico-psicológica da França.

Segundo Reuchlin (1999), a parte mais original de sua obra são os estudos consagrados às emoções, utilizando recursos da psicofisiologia, por exemplo, em Le sourire et l'expression des émotions (1906). Esse e outros trabalhos se basearam em observações dos centros nervosos do simpático e das glândulas endócrinas, confrontadas às observações psicológicas e psicopatológicas. Seu trabalho se fundamentava no postulado da identidade fundamental entre mecanismos normais e patológicos, herdado de Claude Bernard, e no método comparativo de Ribot, que Dumas aperfeiçoou e enriqueceu. A Grande Guerra (1914-1918) lhe forneceu a ocasião de aplicar o método a outros problemas psicopatológicos, tendo publicado, em 1919, um livro sobre distúrbios mentais e distúrbios nervosos de guerra. Suas obras mais importantes e que o tornaram mais conhecido concretizaram-se na organização de duas coletâneas – o Traité de psychologie (1923) e o Nouveau traité de psychologie, em diversos volumes, cuja publicação foi iniciada em 1930. Os tratados reuniram contribuições de psicólogos franceses de variadas tendências.

Em função de seus cargos acadêmicos e institucionais, Georges Dumas recebeu alunos latino-americanos interessados em estudar Psicologia, entre os quais os psiquiatras brasileiros Ulysses Pernambucano, Juliano Moreira e Mauricio de Medeiros, que se inspiraram em sua experiência na França para criarem laboratórios de Psicologia experimental no Brasil. O interesse pela Psicologia experimental francesa, fortemente orientada ao estudo das patologias, levou o jovem médico brasileiro Maurício de Medeiros a convidar Georges Dumas, em 1908, a proferir conferências a convite da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Essa viagem de Dumas ao Brasil é considerada um marco importante na carreira do Psicólogo e Psiquiatra francês, que se tornou, a partir daí, uma referência no intercâmbio acadêmico e intelectual entre a França e a América Latina na primeira metade do século XX.

Entre as conferências de Georges Dumas no Rio de Janeiro, em 1908, estão palestras sobre misticismo e histeria, Psicologia da possessão demoníaca e espiritismo. A análise dos cursos de Dumas no Rio de Janeiro indica a defesa de um paradigma científico para explicar fenômenos que eram muitas vezes compreendidos e interpretados misticamente. No Brasil, a psicopatologia experimental, legitimada por ciências consagradas, como a química e a fisiologia, tornou-se relevante na reorganização de instituições de saúde mental, como o Hospital Nacional de Alienados.

Georges Dumas voltou ao Brasil em 1912, quando lecionou sobre a Psicologia patológica de Pierre Janet. Na década de 1920, fez numerosas viagens ao Brasil, e seus cursos assumiram mais profundidade teórica, em conferências sobre o estudo das emoções baseadas, principalmente, em experimentos fisiológicos. Ao todo, acredita-se que ele tenha vindo ao Brasil dezoito vezes. Desde os anos de 1920, Dumas passou a ser considerado pelos círculos diplomáticos franceses como indispensável para a ampliação da influência intelectual francesa no Brasil e na América Latina em geral, um dos objetivos da política externa da França, que disputava a hegemonia científica com outros países europeus no período. Suas vindas ao país eram apoiadas por instituições criadas para aprofundar essas relações de cooperação e intercâmbio acadêmico e científico, como o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, o Grupamento de universidades e escolas francesas para relações com a América Latina e o Serviço de obras francesas no exterior (SOFE). Georges Dumas esteve à frente da escolha de professores franceses, como Pierre Janet, Henri Wallon e Lévi Strauss, que vieram ao Brasil para ministrar palestras em diversas áreas do conhecimento e para comporem as missões francesas demandadas pelas primeiras universidades estabelecidas no Brasil, como as

missões na Universidade do Rio de Janeiro, na Universidade de São Paulo, e em Porto Alegre, na Universidade do Rio Grande do Sul. Nos anos de 1930, o psiquiatra francês recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade do Distrito Federal e pela Universidade do Rio de Janeiro, e foi homenageado com o título de cidadão honorário do Rio de Janeiro.

As relações acadêmicas estabelecidas por Dumas ultrapassaram a esfera científica e tornaram-se parte do esforço diplomático da França visando à expansão da influência cultural e científica na América Latina. Através dele, o Brasil contou com o apoio francês ao desenvolvimento científico em instituições de ensino e universidades, para a melhoria de sua imagem no cenário internacional. Por isso, na primeira viagem de Georges Dumas ao Brasil, em 1908, ele foi recebido por deputados, ministros e, inclusive, por Afonso Pena, presidente em mandato.

Publicações

DUMAS, G. (Org.). Le nouveau traité de psychologie. Paris: Alcan, 1930-1949.

DUMAS, G. (Org.). Traité de psychologie. Paris: Alcan, 1923-1924.

DUMAS, G. Auguste Comte: thèse latine, critique. Paris: Alcan, 1900.

DUMAS, G. L'odeur de sainteté. Revue de Paris, v. 1, n. 12, p. 531-552, 1907.

DUMAS, G. La tristesse et la joie: thèse de doctorat ès lettres. Paris: Alcan, 1900.

DUMAS, G. La vie affective, physiologie - psychologie - socialisation. Paris: P.U.F, 1948.

DUMAS, G. Le sourire et l'expression des émotions. Paris: Alcan, 1906.

DUMAS, G. Le surnaturel et les dieux d'après les maladies mentales: essai de théogénie pathologique. Paris: P.U.F, 1946.

DUMAS, G. Les états intellectuels dans la mélancolie. Paris: Alcan, 1895.

DUMAS, G. Les fonctions systématisées de la vie affective et de la vie active. Paris: Alcan, 1939.

Referências

CARROY, J.; OHAYON, A.; PLAS, R. Histoire de la psychologie en France – XIXe -XXe siècles. Paris: La Découverte. 2006.

LEFEBVRE, J. Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944). 1990. Cahiers du Brésil Contemporaine, n. 12. Disponível em: http://www.revues.msh-paris.fr/vernumpub/8-J.P%20Lefebvre.pdf. Acesso em: 20 set. 2010.

MARMION, J-F. Histoire de la psychologie. Paris: Éditions Sciences Humaines, 2012.

MELO, C. S. B. de; CAMPOS, R. H. de F. Scientific exchanges between France and Brazil in the history of psychology: the role of Georges Dumas between 1908 and 1946. Universitas Psychologica, v. 13, n. 5, p. 1681-1695, 2014.

REUCHLIN, M. Histoire de la psychologie. 18. ed. Paris: PUF, 1999.

SUPPO, H. R. La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950. Tese (Doutorado) – Université Paris 3, França, 1999.

Carolina S. Bandeira de Melo

DUMAZEDIER, Joffre
(1915-2002)

Nasceu em 30 de dezembro de 1915, em Taverny – Seine-et-Oise, e faleceu em 25 de setembro de 2002, em Créteil - Val de Marne, na França.

De origem humilde, órfão de guerra, perdeu seu pai na Batalha de Verdun, em 1916, e viveu seus primeiros anos com sua irmã e sua mãe, uma bordadeira. Na adolescência, foi estudar no Lycée Voltaire em Paris, onde realizou os seus estudos tendo recebido, durante toda sua carreira, bolsas e participado de concursos públicos. Na Segunda Guerra, fez parte da resistência francesa e criou, a partir do conjunto de seu trabalho sociopedagógico, aquilo que ele chamou de o "método de treinamento mental", aplicado por ele na área de educação, principalmente, dos adultos, no qual sistematiza o trabalho intelectual a partir de um conjunto de questões norteadoras para análise e reflexão sobre as situações. Esse método de treinamento foi organizado e publicado por seu aluno Chosson, em 1975 (L'entraiment Mental, Paris, Seuil, 1975). O método criado por Dumazedier foi recomendado como a base da educação de adultos pela Unesco, em 1988. Segundo Gaston Pineau, Schwartz e Dumazedier devem ser considerados líderes da corrente europeia, no que se refere ao conjunto dos movimentos socioeducativos que representam a educação permanente.

Atuou como sociólogo, sendo o pioneiro nos estudos sobre lazer e formação cultural. Foi presidente fundador da associação Peuple et Culture (a qual dirigiu por mais de vinte anos) na França do pós-guerra, instituição que funcionou como principal embrião das Casas e Centros Culturais naquele país e inspiração e modelo para vários outros países. Nesse contexto, conduziu uma pesquisa de campo de mais de 20 anos em Annecy. Lecionou na Sorbonne (Université René Descartes, a partir de 1952), onde dirigiu por muitos anos a Unidade de Ciências de Educação da Université de Paris V, e fundou, em 1953, e dirigiu, até 1984, a Equipe des Temps Sociaux, Ages et Modeles Culturels do CNRS (Equipe dos Tempos Sociais, Idade e Modelos Culturais do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França). Na International Sociological Association (ISA), fundou o grupo RC 13 – Sociology of Leisure, que segue em atividade.

No Brasil, trabalhou ativamente, a partir da década de 1960, em alguns estados brasileiros, com destaque para Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso do Sul. A participação de Dumazier como um dos precursores, ao lado de Violeta Arraes e Paulo Freire, do Movimento de Cultura Popular – que tem suas raízes no movimento francês Peuple et Culture, presidido por ele na França ao longo de 20 anos – é de notável importância para o desenvolvimento do movimento de educação popular no Brasil. Os seminários dos quais participou, a partir da década de 1970, promovidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC) nos anos seguintes, influenciaram sobremaneira a produção brasileira sobre o tema. Participou, na década de 1980, do projeto SINUELO, onde o problema colocado foi o desenvolvimento de uma região subdesenvolvida e magnífica por sua fauna e flora: o Pantanal. Após as tentativas educacionais anteriores, realizou-se um projeto fazendo um inventário dos recursos associativos consultando os dirigentes das associações voluntárias e órgãos de estado ligados ao desenvolvimento cultural da região.

Visionário ao tratar a questão do lazer sob a perspectiva de uma melhor qualidade de vida e da sustentabilidade, suas teorias e questionamentos continuam atuais. As necessidades, aspirações e a tradição local sempre foram apontadas como dados essenciais para uma política de desenvolvimento cultural. Em seus escritos postulou que o estudo das necessidades é inseparável dos critérios de desenvolvimento. Desta forma, associa o lazer a tudo o que o indivíduo faz no tempo livre, sendo a realização pessoal o fim último do desenvolvimento. Diante dessa perspectiva, o lazer, quando orientado

prioritariamente para fins desinteressados, para satisfação das necessidades individuais e sociais, para a expressão e para a criação da própria pessoa, não deve ser compreendido apenas como um tempo de repouso reparador. Tornou-se um tempo de atividade que tem um valor em si.

Seriam três as funções do lazer (ou os 3d's do lazer): descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal/social, e esses são elementos centrais da cultura vivida por milhões de trabalhadores, possuindo relações sutis e profundas com todos os grandes problemas oriundos do trabalho, da família, da política, das cidades, da vida. O lazer é um fenômeno que exerce consequências sobre o trabalho, a família e a cultura.

O espaço de lazer é um espaço diferente dos outros, pois é um espaço vivencial, cujo objetivo é o viver pelo viver, é ter oportunidade de ocupar o tempo livre para exprimir necessidades individuais, físicas, coletivas, de relaxamento, descanso, divertimento, integração, entre outros. O autor teoriza ainda sobre o que chama de "ação positiva do lazer" sobre o indivíduo, que promove benefícios para o físico, para a mente, para seu crescimento pessoal e desenvolvimento social. Dessa forma, o lazer influi diretamente na qualidade de vida e na saúde humana, no combate ao estresse e às crises existenciais (p. ex. como a advinda da aposentadoria).

Joffre Dumazedier recebia pesquisadores de todas as partes do mundo para trabalhar em sua casa, em Chateaurouge (pequeno lugarejo no interior da França, que fica a 80km de Paris), junto com seus alunos de doutorado. Esse grande homem, que levantava às cinco e meia da manhã para o café e trabalhava durante todo o dia, e que se dedicou sobremaneira a pesquisas ligadas às Ciências Sociais e ao estudo do lazer, ao treinamento mental, à educação de adultos, trabalhou em projetos em quase todos os países das Américas e da Europa, tendo seus livros traduzidos em mais de sessenta línguas. Viveu e morreu segundo seus valores essenciais, pois, a título de lazer, dedicou-se a atividades esportivas, à leitura de livros históricos, à família e aos amigos (aos quais abria, frequentemente, sua casa para, com muita gentileza, reunir todos para trabalhar) e quando de sua morte legou seu corpo para a pesquisa científica.

Publicações

DUMAZEDIER, J. et. al. (Org.). Temps libre et modernité: mélanges en l`honneur de Joffre Dumazedier. Paris: Presses de l`Université du Québec, 1993.

DUMAZEDIER, J. Revolution culturelle du temps libre 1968-1988. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

DUMAZEDIER, J. Sociologie empirique du loisir: critique et contre-critique de la civilisation du loisir. Paris: Éditions du Seuil, 1974. (Sociologie).

DUMAZEDIER, J. Vers une civilization du loisir. Paris: Editions du Seuil, 1962.

DUMAZEDIER, J.; RIPERT, A. Loisir et culture: le loisir et la ville. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

DUMAZEDIER, J.; SAMUEL, N. Société éducative et pouvoir culturel. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

Referências

CACERES, B. Les origines de peuple et culture: quarantieme anniversaire de peuple et culture. 1985. Disponível em: http://www.peuple-et-culture.org/IMG/pdf/caceres_40_ans_de_peuple_et_culture.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.

GASPAR, L. Movimento de cultura popular. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, [s.d.]. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/. Acesso em: 17 maio 2016.

MACIEL, T. B.; D`ÁVILA NETO, M. I. Pantanal: trajet d`une recherche. In: DUMAZEDIER, J. et al. (Org.). Temps libre et modernité: mélanges en l`honneur de Joffre Dumazedier. Paris: Presses de l`Université du Québec, 1993.

PINEAU, G. Éducation ou aliénation permanente? Montreal, Dunod: Bordas, 1977.

Tânia de Freitas Barros Maciel



EDELWEISS, Malomar Lund *(1917-2008)*

Psicólogo, psicanalista e hipnoterapeuta brasileiro, nasceu em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, em 11 de janeiro de 1917. Suas linhas de formação básica foram a jurídica e a filosófico-teológica. Formou-se em Direito, em 1942, pela Faculdade de Direito de Porto Alegre. Tornou-se professor universitário em 1952, no Rio Grande do Sul, com a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas, na qual assumiu a cadeira de Filosofia, além do cargo de Diretor.

Tomou conhecimento das ideias de Freud no currículo universitário de Direito. O conhecimento foi aprofundado pela leitura das obras do próprio Freud e, mais decisivamente, pelos escritos de Igor Caruso, particularmente, o livro Psychoanalyse und synthese der existenz (Psicanálise e síntese existencial). Na década de 1950, decidiu fazer Psicanálise didática em Viena, com Caruso, no Wiener Arbeitskreis für Tiefenpsychologie (Círculo Vienense de Psicologia Profunda). Sempre temendo "os homens de um só livro", manteve-se um estudioso da obra de Freud e de seus principais seguidores, mas ampliou seu leque de estudos, considerando a teoria psicanalítica parte do acervo do conhecimento psicológico.

De volta ao Brasil, exerceu a Psicanálise e multiplicou a influência dessas ideias pela fundação de instituições voltadas para a formação de psicanalistas e pelo ensino. Em 1956, no Rio Grande do Sul, deu início ao Círculo Brasileiro de Psicanálise. Em 1963, em Belo Horizonte, fundou o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Primeiro analista didata de Minas Gerais, é considerado o fundador da Psicanálise nesse Estado.

Estudioso dos fenômenos hipnóticos, desde 1949, assimilou, à sua atividade clínica, procedimentos psicoterapêuticos desenvolvidos por Milton Erickson, em especial, no que se refere à aliança entre a hipnose e os conceitos e processos psicanalíticos. Com a convicção crescente de que o transe hipnótico é um instrumento valioso tanto para acelerar o acesso ao inconsciente quanto para aumentar a eficácia dos processos psicoterapêuticos, desde 1982, dedicou-se à prática da hipnoanálise e da hipnoterapia.

Também multiplicou pelo ensino as ideias sobre hipnose e sua interligação com a Psicanálise, pois, após desligar-se das instituições que criara, fundou o "Curso e Grupo de Estudos de Hipnoterapia e Hipnoanálise". Ensinando e coordenando os Grupos de Estudos, se dedicou, por mais de vinte anos, e até poucos meses antes de sua morte, à formação de profissionais de saúde especializados no estudo da hipnose e na atividade clínica aliada ao seu emprego.

Seus pensamentos sobre Psicanálise, Psicologia e clínica estão esparsos em artigos de periódicos especializados e textos didáticos avulsos e, durante vários anos, manteve um site para divulgação das ideias sobre esses temas e hipnose. Seus conceitos principais sobre a interligação entre a Psicanálise e a hipnose, estão expressos no livro Com Freud e a psicanálise, de volta à hipnose, de 1994.

Sempre considerou que "o alvo supremo das terapias é o ser humano", de constituição psicossomática, em interação dialética com o contexto familiar e social. A série dos quatro fatores complementares enumerados por Freud – disposi-

ções inatas, traumas infantis, conflitos atuais e elemento desencadeador – era estudada por ele em livros clássicos e em periódicos que assinava e colocava à disposição de seus alunos.

Buscava o melhor conhecimento pela variedade e qualidade das fontes de que se nutria, mas alguns princípios eram ínsitos ao seu ensino e à sua prática. Ensinava que "o primeiro passo de libertação do que quer que seja de maléfico é aceitar a realidade das coisas, que, simplesmente, chama-se verdade: das minhas coisas, para mim, e das suas, para você". Destarte, pensava que se superavam quaisquer formas de absolutização do relativo, ou seja, neuroses e fundamentalismos tirânicos ou egocêntricos.

Faleceu em 06/10/2008, deixando para a Psicologia brasileira um exemplo de busca do melhor e um rastro de sabedoria.

Publicações

EDELWEISS, M. L. Com Freud e a psicanálise, de volta à hipnose. São Paulo: Lemos, 1994.

Referências

CARUSO, I. A. Psychoanalyse und synthese der existenz. Verlag Herder: Wien, 1952.

EDELWEISS, M. L. (Coord.) A hipnose atual em terapias: apresenta textos sobre hipnose e hipnoterapia. Disponível em: http://www.malomar.com.br. Acesso em: 10 fev. 2001.

Laura Cançado Ribeiro



FERNANDES, Sebastião *(1880-1941)*

Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte. Estudou no Atheneu Norte-rio-grandense e concluiu o curso de Direito em Recife, em 1902. Tornou-se o primeiro diretor da Escola de Aprendizes Artífices em 1910. Posteriormente, ocupou o cargo de juiz distrital, chegando à presidência do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte em 1937.

Seu principal trabalho foi Noções e aplicações de sociologia criminal (1922). Discípulo de Lombroso, Fernandes analisa a relação entre epilepsia e crime, a gênese da histeria, a Psicologia das multidões delinquentes e a Psicologia do júri.

Foi o primeiro jurista norte-rio-grandense a mencionar a Psicologia infantil em uma sentença a respeito do testemunho de uma criança. Em suas palavras, há uma "necessidade da aplicação dos resultados da Psicologia e da Psicopatologia na obtenção da prova testemunhal (...) como uma garantia de certeza muito mais segura que a solenidade (...) do compromisso ou juramento". Faleceu em Natal, no dia 29 de maio de 1941.

Publicações

FERNANDES, S. Noções e aplicações de sociologia criminal. Natal: Typographia do Estado, 1922.

Referências

CARVALHO, D. B. de. A cidade e a alma reinventadas: a história da psicologia como signo e vetor da modernização urbana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS JUVENAL LAMARTINE. Personalidades históricas do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1999.

LINHARES, P. Sebastião Fernandes: uma pluralidade inquieta. Mossoró: Esam, 1988.

MEDEIROS FILHO, J. Contribuição à história intelectual do Rio Grande do Norte. Natal: Academia Norte-riograndense de Letras, 1983.

MELO, V. Patronos e acadêmicos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974. 2 v.

SILVA, R. N. da. Bacharéis de Olinda e Recife (Norte-riograndenses formados em 1832-1932). Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

Denis Barros de Carvalho

FERREIRA, Maria Luíza de A. C. *(1928-2008)*

Maria Luíza de Almeida Cunha Ferreira nasceu em Belo Horizonte. Cursou Filosofia na Faculdade Santa Maria (atual Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC- Minas), formando-se em 1950. Entre 1954 e 1956, ocupou a cadeira de História e Filosofia da Educação no Curso Normal do Instituto de Educação de Belo Horizonte, inicialmente em substituição a uma professora que estava de licença e, no ano seguinte, sendo contratada para assumir a cadeira. Como professora dessa instituição, foi designada para trabalhar no Programa Brasileiro – Americano de Assistência ao Ensino Elementar (PABAEE), implantado no estado de Minas Gerais, no governo de Abgar Renault. Como membro da equipe do Programa, de 1957 a 1968, fez um ano de formação nos Estados Unidos com um grupo de mais treze professores, os quais deveriam desenvolver competências para aperfeiçoar professores em exercício nas Escolas Normais, instituições que formavam professoras para o ensino fundamental. Na Universidade de Indiana, fez cursos nas áreas de Filosofia e de Psicologia da Educação, estudando temas como desenvolvimento infantil, aprendizagem, ajustamento, testes, medidas e avaliação.

De volta ao Brasil, engajou-se na execução das propostas do PABAEE, começando a lecionar Psicologia nos cursos de formação para professores que passaram a ser oferecidos no final de 1957. Nesses cursos, não só transmitia aos professores os conteúdos básicos da Psicologia Educacional, como também enfatizava a prática, com exercícios de observação de crianças em geral, estudo de características psicológicas de uma criança em particular e montagem de projetos para aplicação dos conteúdos da disciplina em sala de aula.

Na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), lecionou

Psicologia da Educação, no Departamento de Ciências Aplicadas à Educação, de 1965 a 1968 e de 1977 a 1991. A Psicologia da Educação Integrava o currículo do curso de Pedagogia e era uma das matérias pedagógicas na formação de professores de ensino médio. Abrangia conteúdos de Psicologia da Criança e do Adolescente, e as principais teorias que versavam sobre aprendizagem, ajustamento, medidas e avaliação.

De 1969 e 1970, esteve, no Rio de Janeiro, como vice-diretora pedagógica do Colégio Jacobina. Em 1971, retornou a Belo Horizonte, dando início a uma nova etapa da sua vida profissional, voltada para o planejamento educacional. Assumiu cargos de assessoria nas Secretarias Estadual e Municipal da Educação e também foi indicada para o Conselho Estadual da Educação, onde atuou de 1972 a 1983, trazendo contribuições, sobretudo, para as áreas do ensino fundamental, especial, supletivo e rural, este último, em atuação no conselho diretor da Fundação Estadual de Educação Rural, com Helena Antipoff, em Ibirité.

Esteve na França no primeiro semestre de 1979, em viagem de observação a ela proporcionada pela direção do Centre National de Tele Enseignement (CNTE), serviço de educação supletiva do Ministério da Educação Nacional francês. Retornando ao Brasil, em 1980, defendeu sua tese de mestrado na Faculdade de Educação da UFMG com o tema Alunos de suplência de primeiro grau em periferia urbana: um estudo exploratório, tendo como orientadora a Profª Magda Soares.

Publicou diversos artigos em revistas especializadas, como a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, a Revista Criança e Escola (de Belo Horizonte), os Cadernos de Educação e os Cadernos de Fundamentos da Educação, ambos da Faculdade de Educação da UFMG. Em 1983, afastou-se do serviço no Estado e aposentou-se, em 1991, pela Faculdade de Educação da UFMG.

Faleceu em 12 de dezembro de 2012.

Publicações

FERREIRA, M. L. de A. C. Alunos de suplência de primeiro grau em periferia urbana: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 1980.

FERREIRA, M. L. de A. C. Currículum vitae. 1991. Para pré-qualificação para o PROQUALIDADE.

FERREIRA, M. L. de A. C. Formação e desenvolvimento de conceitos. Belo Horizonte: PABAEE, 1963.

FERREIRA, M. L. de A. C.; ALMEIDA, R. A primeira escola, reflexão e ação. Brasília, DF: MEC/DEF/FENAME, 1978.

Referências

FERREIRA, M. L. de A. C. Entrevista. Belo Horizonte, [s.d.]. Entrevista concedida a Nelma Marçal Lacerda Fonseca, responsável pelo projeto do Banco de Depoimentos Orais do Museu da Escola de Minas Gerais. Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação.

FERREIRA, M. L. de A. C. Entrevista. Belo Horizonte, 19 set. 2000. Entrevista concedida, por telefone, a Érika Lourenço. Não gravado.

GOULART, Í. B. Psicologia da educação em Minas Gerais: histórias do vivido. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

Érika Lourenço



FERREIRA, Silvestre Pinheiro
(1769-1846)

Filósofo, adepto do aristotelismo de cunho empirista. Autor das Prelecções filosóficas (1813). Entre 1813 e 1816, fez a transcrição das aulas ministradas no Seminário São Joaquim do Rio de Janeiro. Sua obra é norteada pelo objetivo de fornecer um fundamento ontológico à afirmação da liberdade humana e ao liberalismo político-econômico como modelo ideal para a sociedade brasileira. No pensamento de Silvestre Pinheiro, a Psicologia abrange todas as ciências que têm por objeto as faculdades do espírito, inclusive a estética e a ética. As faculdades do espírito são o pensamento e o desejo que, por sua vez, constituem diferentes modos de sentir. Para ele, a Psicologia deveria incluir em seu domínio o estudo dos animais.

Publicações

FERREIRA, S. P. Preleções filosóficas. São Paulo: Moderna: Edusp, 1970.

Referências

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Marina Massimi



FERREIRO, Emília
(1937-2023)

Emilia Ferreiro, Psicóloga e psicolinguista argentina, nasce no ano de 1937. Orientada pelo professor Jean Piaget, na Universidade de Genebra, obtém seu doutorado com muito sucesso. Ela estuda as Relações temporais na linguagem da criança (1971). No prefácio da tese, além de se sentir orgulhoso do minucioso trabalho feito pela sua aluna, Piaget afirma que ela mostra a existência de elaborações sucessivas e trabalhosas que têm a ver com regulações progressivas e não com uma programação hereditária. Para Piaget, a tese que a autora apresenta constitui uma contribuição notável para o estudo do desenvolvimento linguístico da criança e das relações entre essa evolução e a evolução das operações da inteligência. Elogia o trabalho de Emília Ferreiro, tanto do ponto de vista experimental, que qualifica de refinado, como do ponto de vista teórico. Após a tese, Emília continua pesquisando e escrevendo.

Segundo a autora, a escrita se torna um hábito. Passa a focalizar sua atenção na compreensão dos processos de aquisição da língua escrita. Fiel à tradição piagetiana, mas numa área que Piaget não tinha estudado, Emília Ferreira analisa a relação sujeito-objeto em relação à escrita. A criança efetua um trabalho mental que, progressivamente, lhe permite conhecer e integrar o conjunto de regras que fazem parte do sistema da língua escrita.

A autora desenvolve, assim, uma teoria psicolinguística que teve uma grande difusão internacional. Emília Ferreiro mostra a evolução psicogenética das concepções que as crianças constroem em relação à escrita. Tenta capturar as construções mentais, ou conceptualizações, que as crianças constroem em relação a essa temática.

A hipótese da autora é que a criança pequena procura compreender como funciona a escrita. Ela mostra que, enquanto objeto cultural, a aquisição da língua escrita evolui através de etapas que se dão numa ordem determinada. Porém, a autora foi mal compreendida. O fato de ter estabelecido etapas na construção da escrita não implica a necessidade de aprender o conteúdo correspondente a cada etapa em função da idade. Pelo contrário, para que as crianças possam evoluir, é necessário colocá-las em situações que permitam a cada uma delas utilizar e formular suas próprias estratégias em relação à escrita. Porém, cada criança pode ser ajudada através da escolha de situações propostas pelo professor, que questiona, guia e possibilita a criança a se expressar. Assim, cada criança formula suas descobertas, as quais lhe permitem a tomada de consciência, e também a outras crianças descobrir novas estratégias nessa busca de sentido.

O ano de 1966 foi o da intervenção militar na Argentina. Essa situação política incitou Emília Ferreiro a procurar refúgio na Suíça. Ela se estabelece em Genebra e trabalha no Instituto de Ciências da Educação junto com H. Sinclair et B. Inhelder. Ao mesmo tempo ela trabalha no Centro de Epistemologia Genética dirigido por Jean Piaget. No ano de 1971, retorna para Buenos Aires, onde cria, junto com G. Klimosvsky e R. García, um grupo de pesquisa importante. Se trata do Instituto de Psicologia e Epistemologia Genética, onde se produzem trabalhos de pesquisa e de publicações. Nessa época Emília queria saber quais são as razões do fracasso escolar inicial. Assim, ela observa as aulas e inventa situações para perguntar às crianças sobre o que pensam a respeito da escrita.

Infelizmente, por problemas políticos, o grupo se dispersa, e Emilia Ferreiro retorna, mais uma vez, para Genebra. Porém, queria trabalhar para a América Latina e na América Latina. Ela publica, junto com A. Teberosky, Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño. Finalmente, a partir de 1977, estabelece sua residência no México, onde se torna professora no Centro de Investigação e Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional de México. As condições excelentes que lhe oferece essa cidade vão, segundo a autora, lhe permitir desenvolver suas pesquisas e suas ideias.

Entre os anos 1992 e 2000, Emília Ferreiro recebe seis doutorados honoris causa: na Universidade de Buenos Aires, na Universidade Estadual de Rio de Janeiro, na Universidade Nacional de Córdoba, de Rosario e de Comahue, na Argentina, e na Universidade de Atenas, na Grécia.

No Brasil, recebe a Ordem Nacional de Mérito Educativo, além da medalha "Libertador da humanidade", da Assembleia Legislativa da Bahia. A Secretaria de Educação do governo da cidade de Buenos Aires a designa, no ano 2003, como "Maestra ilustre".

Nos anos 1980, as ideias de Emília Ferreiro provocaram, no Brasil, um grande impacto sobre a concepção que se tinha do processo de alfabetização. Assim, se torna uma referência para o ensino brasileiro, já que suas pesquisas mostraram que os educadores deveriam mudar, totalmente, seus métodos pedagógicos. Emília Ferreiro não propôs um método pedagógico, mas suas pesquisas mostram como se realiza a construção da linguagem escrita na criança. A autora apresenta quais são os processos de aprendizado dos pequenos e como estes questionam os métodos tradicionais de ensino. A escrita não é uma cópia de um modelo externo, mas é um processo de construção pessoal. Bem antes de iniciar o processo formal de aprendizagem da leitura e da escrita, as crianças constroem hipóteses sobre esse objeto de conhecimento. Ler não é decifrar, escrever não é copiar, diz a autora.

Além de sua tese de doutorado, a autora tem inúmeras publicações, muitas em coautoria.

Publicações

FERREIRO, E. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, E. L'écriture avant la lettre. Paris: Hachette, 2000.

FERREIRO, E. Les relations temporelles dans le langage de l'enfant. Préface de Jean Piaget. Genève: Droz, 1971.

FERREIRO, E. Los hijos del analfabetismo: propuestas para la alfabetización escolar en América latina. México: Siglo XXI, 1989.

FERREIRO, E. Narrar por escrito desde un personaje, acercamiento de los niños a lo literário. Madri: Fondo de Cultura Económica de España, 2008.

FERREIRO, E. Proceso de alfabetización: la alfabetización en processo. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, E.; GOMEZ PALACIO, M. Nuevas perspectivas sobre los processos de lectura y escritura. México: Siglo XXI, 1982.

FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. R.; GARCÍA HIDALGO, I. Caperucita Roja aprende a escribir: estudios psicolinguísticos comparativos entres lenguas. Barcelona: Gedisa ; México: [s.n], 1996.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño. México: Siglo XXI, 1979.

Referências

FERREIRO, E. Emilia Ferreiro e a alfabetização. Série de vídeos e reportagens. Nova escola, 2013.

FERREIRO, E. Culture écrite et éducation. Paris: Retz, 2001.

Silvia Parrat-Dayan



F

FIGUEIREDO, Manoel de Andrade de *(1670-1735)*

Nasceu no Espírito Santo. Exerceu a função de calígrafo junto à Corte Portuguesa. É autor da Nova escola para aprender a ler, escrever e contar, impressa em Lisboa, em 1722. Trata-se de um texto de Pedagogia prática, dividido em quatro partes: uma instrução para ensinar a ler, uma para ensinar a escrever, sobre a ortografia portuguesa e o ensino das oito espécies de Aritmética. A obra é bem conhecida por conter um retrato do autor, quarenta e seis gravuras e vários abecedários de letras de diversos caracteres, minuciosamente ornados. Todavia, poucos sabem que o texto contém importantes ideias psicológicas e pedagógicas, conselhos acerca do comportamento que os mestres devem ter na escola com seus alunos (sobretudo no ensino dos alunos intelectualmente carentes) e normas sugeridas para desenvolver o raciocínio matemático.

O autor acredita, firmemente, na educação como meio de modificação da personalidade humana. Afirma, por exemplo, que "a boa doutrina emenda má natureza" (Figueiredo, 1722, p. 21). Segundo Figueiredo, o ritmo da aprendizagem deve ser determinado pela capacidade da criança, não podendo ser demasiado rápido, pois, apesar de possuir boa memória, falta à criança habilidade necessária para realizar as operações lógicas complexas. De qualquer forma, é claro que é

possível “alcançar com o exercício, mais clareza de engenho” (Figueiredo, 1722, p. 11).

Muito valiosos, ainda na atualidade, são os conselhos acerca da modalidade mais adequada de lidar com o “menino rude”: o mestre “prudente” deve usar castigos menos rigorosos, pois a correção excessiva pode ter efeitos muito negativos para a criança que, “afflicta de não poder perceber a lição e temerosa ao mesmo tempo do castigo, que a intimida e mortifica, abraçando só o medo natural, se ausenta e foge da escola” (Figueiredo, 1722, p. 11).

O mestre deve respeitar a situação da criança, estimulando-a não tanto pelas punições quanto por tarefas adequadas à “capacidade dos talentos” dela (Figueiredo, 1722, p. 11). Figueiredo declara-se contrário ao ensino meramente mnemônico, alertando que é preciso levar o aluno a entender as razões do que aprende. Este, tomando conhecimento de algumas regras fundamentais, saberá aplicá-las em quaisquer situações. Faleceu em Lisboa.

Publicações

FIGUEIREDO, M. de A. de. Nova escola para aprender a ler, escrever e contar. [S.l.]: Officina de Bernardo da Costa Carvalho, 1722. Oferecido à Augusta Majestade do Senhor Dom João V, Rey de Portugal.

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 1990.

Marina Massimi



FLACH, José Arvedo *(1922-2022)*

Pedagogo e psicólogo, nascido em 25 de julho de 1922, em Poço das Antas, na época um pequeno distrito do município de Montenegro, Estado do Rio Grande do Sul. Membro da irmandade católica La Salle, onde adotou o nome de Irmão Henrique Justo.

Licenciado, em 1947, no Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), substituiu, em 1948, o Prof. Victor de Britto Velho na cadeira de Psicologia do Curso de Pedagogia da mesma Universidade, apoiando-se em obras de Mira y López e Arthur Ramos. Em 1952, recebeu o título de Doutor em Pedagogia pela PUCRS.

Seus estudos em Psicologia tiveram continuidade através dos cursos ministrados pelo psicólogo e psicanalista romeno Bela Szèkely (1881-1955), na PUC-RS em 1953. Na época, a prática da Psicanálise era uma atividade médica, e psicoterapeutas não psiquiatras eram malvistos. O impasse começou a ser contornado com a chegada de livros de Carl Rogers dos Estados Unidos, que lhe foram enviados por amigos, e com o contato com a obra de Igor Caruso (1914-1981), que lecionou alguns cursos na PUCRS em 1956.

Em um congresso realizado em Bruxelas, em 1958, Irmão Justo consolidou sua mudança de

compreensão teórica, aproximando-se das linhas humanistas. Realizou cursos de especialização em Barcelona (Psicologia Aplicada e Psicotécnica, 1956-1957), Paris (Psicologia Clínica, 1966-1967) e San Diego (EUA) (Psicoterapia Centrada na Pessoa, 1976). Foi um dos fundadores e, posteriormente, diretor do Curso de Psicologia da PUCRS, no período de 1976 a 1981.

No Brasil, destacou-se pela introdução do teste As Pirâmides Coloridas de Max Pfister e por sua importância na difusão da Teoria Centrada na Pessoa do psicólogo norte-americano Carl Rogers (1902-1987). Publicou cerca de 15 livros e 150 artigos, sendo os mais importantes: Carl Rogers: teoria da personalidade, aprendizagem centrada no aluno (1973); Testes das pirâmides psicológicos (1960) em colaboração com Theo Van Kolck e Somos diferentes: aspectos da psicologia diferencial (1976), inicialmente publicados com o nome de Henrique Justo e, em edições posteriores, com o nome de José Arvedo Flach.

Publicações

FLACH, J. A. Abordagem centrada na pessoa: consensos e discensos / Henrique Justo. São Paulo: Vetor, 2002.

FLACH, J. A. Você também é diferente. Petrópolis: Vozes, 1997.

FLACH, J. A.; KOLCK, T. V. Testes das pirâmides de cores. 3. ed. São Paulo: Vetor, 1996.

William Barbosa Gomes



F

FORGHIERI, Yolanda Cintrão *(1925-2023)*

Nasceu em Taguatinga, São Paulo. Aos cinco anos de idade, foi com sua família para a cidade de São Paulo, onde realizou sua formação acadêmica e reside até hoje. Obteve, através de cursos e concursos públicos, os seguintes títulos e cargos: titular (1993), livre-docente e doutora (1973), no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP); titular no Centro de Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP, 1981); especialista em Psicologia Clínica (1954), bacharela e licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) Sedes Sapientiae (1945); Psicóloga (registro 225/63 – Ministério da Educação e Cultura - MEC). Ministrou as seguintes disciplinas: Psicologia da Personalidade, na graduação, Aconselhamento Existencial, na pós-graduação da PUC-SP (1954 a 1986) e da USP (1955 a 1970). Nesses períodos e locais, prestou atendimento gratuito em Aconselhamento e Psicoterapia a professores, funcionários e alunos dessas instituições.

Concentrou-se no aprofundamento da abordagem fenomenológica em Psicologia, a partir de 1973, adotando-a em suas atividades como docente, pesquisadora, aconselhadora e psicoterapeuta. Ministrou cursos sobre essa abordagem em várias capitais do país e em Roma (Itália), como professora convidada da Universidade La Sapienza.

Realizou várias pesquisas, oito das quais de cunho fenomenológico sobre peculiaridades da vivência de bem-estar e de contrariedade e das relações entre estas e a saúde existencial. Divulgou suas pesquisas em apresentações e resumos de 34 congressos nacionais e quatro internacionais.

Orientou a elaboração de 12 doutorados e 20 mestrados. Participou de mais de 400 bancas examinadoras de concursos de ingresso e promoção na carreira docente e de teses e dissertações de várias universidades do Brasil. Entre suas publicações, destacam-se dois livros: Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas (1993, 1996, 2000); Fenomenologia e psicologia (1984), com capítulo sobre fenomenologia, existência e psicoterapia. Entre os artigos mais recentes estão: Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico (1996); A pesquisa fenomenológica na psicologia (1996); Paradoxo do existir humano: o bem-estar e a contrariedade (1994); O ideal de saúde existencial: contribuição da angústia para sua conquista (1993); Levantamento e classificação de pesquisas fenomenológicas (1992); O método fenomenológico na pesquisa psicológica (1991).

Aposentou-se na PUC-SP, em 1986, e na USP, em 1995, compulsoriamente, por ter completado 70 anos de idade. Continuou participando de bancas examinadoras e desenvolvendo suas atividades como pesquisadora e professora convidada da Escola Paulista de Psicologia Avançada e do Centro de Psicoterapia Existencial, ministrando as disciplinas Aconselhamento e Psicoterapia, Psicopatologia Fenomenológica.

Publicações

FORGHIERI, Y. C. A pesquisa fenomenológica na psicologia. Cadernos de Pesquisa - Clinica Psicológica Sedes Sapientiae, São Paulo, v. 5, p. 30-48, 1996.

FORGHIERI, Y. C. Fenomenologia e psicologia. São Paulo: Cortez, 1984.

FORGHIERI, Y. C. Ideal de saúde existencial: contribuição da angústia para sua conquista. In: WORLD Congress Of Sport Psychology, 8., 1993, Lisboa. Acta... Lisboa: [s.n.], 1993. p. 545-550.

FORGHIERI, Y. C. Levantamento e classificação de pesquisas. Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 7-19, 1992.

FORGHIERI, Y. C. O método fenomenológico na pesquisa psicológica. In: SIMPÓSIO de Pesquisa da ANPEPP, 3., 1991, São Paulo, Anais... São Paulo: ANPEPP, 1991. p. 243-248.

FORGHIERI, Y. C. Paradoxo do existir humano: o bem-estar e a contrariedade. Ontopsicologia, São Paulo, v. 8, p. 12-15, 1994.

FORGHIERI, Y. C. Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 1993.

FORGHIERI, Y. C. Saúde e adoecimento existencial: e paradoxo do equilíbrio psicológico. Temas em Psicologia, v. 1, p. 97-110, 1996.

Referências

FORGHIERI, Y. C. [Depoimento da própria autora do verbete]. [S.l.: s.n.], [20--].

Célia Cintrão Forghieri

FRANÇA, Eduardo Ferreira *(1809-1857)*

Baiano, filho do médico e filósofo Antônio Ferreira França e de dona Ana da Costa Barradas, faleceu em viagem à Europa, para onde se deslocava em busca de tratamento médico (Blake, 1883; Oliveira, 1992).

Era doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, onde recebeu rigorosa formação naturalista; foi apontado como o primeiro estudante do seu curso. Apresentou a tese Essai sur l'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme. Segundo Blake (1883), essa tese foi traduzida e publicada, em 1851, pelo Dr. João Ferreira de Bittencourt e Sá.

De volta ao Brasil, foi nomeado professor de química médica e princípios elementares de mineralogia da Faculdade de Medicina da Bahia. Exerceu a Medicina com extrema competência, sendo também grande filósofo. Durante a sua vida, procurou encontrar elementos observáveis que pudessem explicar o comportamento moral das pessoas. Representou o seu Estado em dez legislaturas, a partir de 1848. Segundo Paim (1972), em sua atividade política, Ferreira França interessou-se por questões de saúde pública, tendo dedicado a esse tema dois ensaios: Influência dos pântanos sobre o homem (1850) e Influência das emanações pútridas animais sobre o homem (1859).

Na qualidade de deputado estadual, elaborou um relatório sobre a situação do sistema penitenciário da Província (1847). Pertenceu a diversas associações literárias de jovens acadêmicos. Para Paim (1972), foi a atividade política e, mais precisamente, a representação em nível nacional que o levaram a se deparar com o problema da liberdade humana e a rever as concepções aprendidas na França e que culminaram com a sua obra mais importante, influenciada por Condillac e Maine de Biran: Investigações de psicologia. Publicada em 1854, é, provavelmente, a obra, sobre esse assunto, mais antiga nas três Américas. O livro contém reflexões sobre a Psicologia experimental, sendo intenção sua escrever outro livro dedicado ao que chamava de Psicologia racional, porém não foi concretizada, possivelmente, em virtude de sua morte prematura.

Investigações de psicologia, apresentado em dois volumes, com 284 e 424 páginas, respectivamente, é composto por seis partes: 1) Fenômenos da consciência e faculdades; 2) Modificabilidade (sensibilidade, afetividade); 3) Motilidade (movimentos); 4) Faculdades intelectuais I (percepção interna e externa, relações entre elas, das qualidades dos corpos e do hábito); 5) Faculdades intelectuais II (sensibilidade cerebral, sono e sonhos, consciência, razão, memória, imaginação, abstração, composição, generalização, juízo, faculdade do futuro, faculdade da fé, da ideia); Instintos (físicos, intelectuais, sociais e morais); e 6) Vontade. Em 1972, houve uma segunda edição, apresentada pelo Professor Antônio Paim.

Publicações

FRANÇA, E. F. Essai sur l'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme. [S.l. : s.n.], 1834.

FRANÇA, E. F. Influência das emoções pútridas animais sobre o homem. [S.l.: s.n.], 1859.

FRANÇA, E. F. Influência dos pântanos sobre o homem. [S. l.: s.n.], 1850.

FRANÇA, E. F. Investigações de psicologia. 2. ed. São Paulo: Grijalbo/USP, 1972.

Referências

BLAKE, A. V. S. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883.

OLIVEIRA, E. de S. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942. Salvador: UFBA, 1992.

PAIM, A. Apresentação. In: FRANÇA, E. F. Investigações de psicologia. 2. ed. São Paulo: Grijalbo/USP, 1972.

Nádia Maria Dourado Rocha



FRANCA, Leonel
(1893-1948)

O padre gaúcho Leonel Edgar da Silveira Franca é um dos principais personagens do movimento católico de reconquista de intelectualidade brasileira, a partir da década de 1920. Esse movimento visava se contrapor à influência do materialismo (seja em sua vertente positivista e biologicista, seja em sua versão histórica e dialética) no campo científico, educacional e intelectual brasileiro, e teve como principais vetores o Centro Dom Vital (1922) e sua publicação oficial, a revista A Ordem. Nos artigos de A Ordem, bem como em outras publicações e conferências de intelectuais católicos, observa-se a presença de temáticas psicológicas articuladas à teologia tomista que continham um acentuado caráter moral e de defesa de valores tradicionais, como a família e a religião (Jacó-Vilela; Bitar, 2003).

Após completar seus estudos no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo (RJ), Franca ingressou na Companhia de Jesus (1908), iniciando sua formação, a qual foi completada na Universidade Gregoriana, em Roma. Em 1915, retornou ao Rio de Janeiro e lecionou Filosofia no Colégio Santo Inácio. Em 1920, voltou à Roma, onde se doutorou em Filosofia e Teologia (1924). Novamente no Brasil, lecionou no Colégio Anchieta, antes de se transferir definitivamente para o Rio de Janeiro, em 1927.

A partir de então, Franca atuou intensamente no Centro Dom Vital, notabilizando-se como um grande apologista católico, envolvendo-se em diversas controvérsias públicas, especialmente, no debate sobre a laicização do ensino, que arregimentou setores católicos contra a proposta dos educadores escolanovistas no início da Era Vargas. Outros grupos intensamente combatidos por Franca foram os socialistas e os protestantes.

Nesse sentido, Franca se tornou um autor muito profícuo, publicando obras notáveis do pensamento católico brasileiro, como: A igreja, a reforma e a civilização; O divórcio; A crise do mundo moderno; O problema de Deus; e A psicologia da fé (Franca, 1934, 2001). Neste último, Franca se dedica à análise do ato de fé, sob o ponto de vista psicológico – isto é, de seu dinamismo interior – e a localiza duplamente como um ato da inteligência (racionalidade) e da vontade (afetividade) (Degani-Carneiro, 2013). Segundo a revisão bibliográfica empreendida por Paiva e cols. (2009), A psicologia da fé é o primeiro livro sobre a temática Psicologia e Religião de que se tem registro no Brasil.

Além de sua atuação no Centro Dom Vital, o padre Franca foi um dos fundadores e primeiro reitor das Faculdades Católicas do Rio de Janeiro, criadas em outubro de 1940, por decreto presidencial assinado por Getúlio Vargas. Em 1945, essa instituição foi transformada na Universidade Católica do Rio de Janeiro, agregando, em 1947, o título de Pontifícia (PUC-Rio). Foi nessa universidade que foi criado o primeiro curso de graduação em Psicologia do Brasil, em março de 1953.

Publicações

FRANCA, L. A formação da personalidade. Rio de Janeiro: Agir, 1954.

FRANCA, L. A igreja, a reforma e a civilização. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1948. (Trabalho original publicado em 1922).

FRANCA, L. A psicologia da fé e o problema de Deus. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Loyola, 2001. (Trabalho original publicado em 1934).

FRANCA, L. Catolicismo e protestantismo: resposta ao livro "Roma, a Igreja e o Anticristo", do Sr. Ernesto Luís de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCA, L. O divórcio. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

FRANCA, L. O protestantismo no Brasil: Lutero e o Sr. Frederico Hansen. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCA, L. Polêmicas (Obras completas do Pe. Leonel Franca, tomo III: Ensino Religioso e Ensino Leigo, Problemas de deontologia médica e Relíquias de uma polêmica ou polêmicas contra o modernismo). 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1953.

Referências

DEGANI-CARNEIRO, F. Psicólogos evangélicos: interseção entre religiosidade e atuação profissional em psicologia no Brasil. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

JACÓ-VILELA, A. M.; BITAR, A. P. M. Tensões entre o físico e o moral na constituição da psicologia no Brasil. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (Org.). Clio-Psyché – Paradigmas: historiografia psicologia, subjetividades. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003. p.19-25.

PAIVA, G. J. et al. Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 25, n. 3, p. 441-446, 2009.

Filipe Degani-Carneiro
Ana Maria Jacó-Vilela



F

FRANCO, Francisco de Mello *(1757-1823)*

Nasceu na cidade de Paracatu e faleceu em Ubatuba. Estudou no Rio de Janeiro e, a partir de 1771, em Lisboa. Na Universidade de Coimbra, cursou Filosofia (1776) e Medicina (1777). Foi condenado pelo Santo Ofício como "herege", "naturalista" e "dogmático", retomando os estudos, em 1782, e terminando o curso em 1786. Autor de um poema satírico sobre a academia conimbricense (O reino da estupidez, 1785), foi médico da Corte e sócio da Academia Real das Ciências, em Lisboa. Em 1817, encarregado de acompanhar a arquiduquesa Leopoldina, regressou ao Brasil, onde, porém, não logrou o favor encontrado em Portugal, chegando a perder todo o seu patrimônio.

Os acontecimentos da vida de Mello Franco evidenciam a condição de intelectual brasileiro, desenraizado de seu país devido às circunstâncias impostas pelo regime colonial. Autor de vários tratados e artigos, Mello Franco propõe uma Psicologia médica inspirada nas teorias do Iluminismo e do Sensualismo franceses e, especialmente, na doutrina do médico filósofo Cabanis.

Sua contribuição à história das ideias psicológicas encontra-se em três obras: o Tratado da educação física dos meninos para uso da nação portuguesa (Lisboa, 1790), a Medicina theologica, ou Suplica humilde aos senhores confessores e directores

sobre o modo de proceder com seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice (1794) e Elementos de higiene ou Dictames theoréticos e práticos para conservar a saúde e prolongar a vida (1813).

O Tratado da educação física, propõe a substituição dos tradicionais manuais de Pedagogia, afirmando que "sem a educação física, pouco se pode fazer na [educação] moral e literária" (Franco, 1946, p. 98-99). A tônica do texto é norteada pela filosofia empirista: "A fonte das nossas idéias são os sentidos" (Franco, 1946, p. 319).

A Medicina theologica (1794), confiscada pelas autoridades devido ao conteúdo polêmico, propõe uma transformação de discursos: os conceitos e práticas elaborados pela Teologia, em relação ao pecado, são traduzidos pelos conceitos e práticas da ciência médica acerca da doença. A afirmação de que "a experiência mostra que muitos pecados humanos têm sua origem em doenças particulares do corpo" (Franco, 1794, p. 23-24) abre uma nova fase na história da cultura brasileira, no que diz respeito à concepção do homem e de seu psiquismo, marcada pela penetração das ideias filosóficas do Iluminismo e do Materialismo.

Os Elementos de higiene pretendem "oferecer ditames para a felicidade dos povos" (Franco, 1823, p. XI), com base na constatação de que o estado físico do corpo tem influência sobre as operações da alma. Sendo o funcionamento do organismo regulado por leis da natureza compreensíveis e previsíveis, pode-se calcular e alterar seu dinamismo pela modificação das circunstâncias físicas determinantes, graças a remédios e normas higiênicas. Desse modo, a Medicina, "Ciência do Homem", substituiria a Ética, a Filosofia e a Teologia na tarefa de orientar indivíduos e sociedades rumo à felicidade.

Publicações

FRANCO, F. de M. Elementos de higgiene, ou Dictames theoréticos e práticos para conservar a saúde e prolongar a vida. 2.ed. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1823.

FRANCO, F. de M. Medicina theológica, ou súplica humilde, feita a todos os senhores confessores e directores, sobre o modo de proceder com seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice. Lisboa: Officinas de Antônio Rodrigues Galhardo, 1794.

FRANCO, F. de M. O reino da estupidez. [S.l.: s.n.], 1785.

FRANCO, F. de M. Tratado de educação física dos meninos para uso da nação portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

FRANCO, F. de M. Tratado de educação física dos meninos para uso da nação portuguesa. Lisboa: [s.n.], 1790.

Referências

MASSIMI, M. As idéias psicológicas de Francisco de Mello Franco, médico e iluminista brasileiro. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 7, n. 1, p. 83-90, 1991.

TONELLI, E.; FREIRE, L. M. S. (Ed.). Patronos da Academia Mineira de Pediatria: perfis biográficos. Belo Horizonte: Sociedade Mineira de Pediatria, 2007. 70 p.

Michele Candiani
Marina Massimi



FREIRE, Paulo
(1921-1997)

Filho de Joaquim Temístocles Freire e Eldetrudes Neves Freire, Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, Pernambuco. Em 1931, mudou-se com a família para Jaboatão, cidade onde concluiu o ensino primário e iniciou o ginasial. Em 1939, de volta a Recife, fez sua formação secundária no Colégio Oswaldo Cruz.

Formou-se na Faculdade de Direito de Recife, em 1946, mas não seguiu a carreira de Advogado. Foi na área da educação que desenvolveu sua trajetória profissional. Em 1947, começou a atuar como diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI) de Pernambuco, cargo no qual permaneceu até 1954. Entre 1954 e 1957, foi superintendente da instituição. Em 1960, foi nomeado professor efetivo de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco). Em 1961, junto com outros educadores, foi nomeado para o Conselho de Educação de Recife e, mais tarde, para a Divisão de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de Recife.

Nos primeiros anos da década de 1960, assumiu várias funções concomitantemente, o que indica seu engajamento em diferentes atividades culturais, educacionais e políticas, não apenas de nível local (Recife), mas também estadual (Pernambuco) e, posteriormente, nacional. Assim, participou da criação do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife (1960), foi diretor do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife (1962), foi membro do Conselho Estadual de Educação do Estado de Pernambuco (1963), foi presidente da Comissão Nacional de Cultura Popular (1963) e coordenador do Programa Nacional da Alfabetização, promovido pelo Ministério da Educação (1964).

Nessas atividades, Paulo Freire investia, sobretudo, na valorização da cultura popular e na educação de adultos analfabetos. Desenvolveu, a partir delas, seu método de alfabetização de adultos, que veio a ser conhecido como "Método Paulo Freire". Este foi utilizado no acima mencionado Programa Nacional de Educação de 1964, que tinha como meta a alfabetização de 5 milhões de adultos em todo o Brasil.

Com o golpe militar de 1964, Paulo Freire foi considerado um inimigo político e acabou por ser preso por um período de 60 dias. O motivo? O autor entendia que a educação não poderia ser politicamente neutra. Em decorrência de seu modo de pensar a educação, seu método de alfabetização propunha uma discussão acerca das condições de vida dos adultos analfabetos e, inevitavelmente, levava a discussões também sobre as condições de vida das populações menos favorecidas. Evidenciava, assim, a identificação entre política e educação. Foi considerado subversivo. Antes mesmo de sua prisão, o Programa Nacional da Educação fora suspenso.

Em setembro de 1964, após ser colocado em liberdade, decidiu por exilar-se. Ficou por um curto período na Bolívia e, em seguida, mudou-se para o Chile. No exílio nesse país, escreveu sua obra mais conhecida, Pedagogia do oprimido, concluída em 1968.

Mudou-se para os Estados Unidos em 1969, atuando como professor convidado na Universidade de Harvard. No ano seguinte, seguiu para Genebra –

Suíça, onde assumiu o cargo de Consultor Especial do Conselho Mundial das Igrejas. Nesta função, prestava assistência a atividades educacionais desenvolvidas em diferentes países do terceiro mundo. O objetivo era colaborar com a construção de uma educação para a paz e libertação dos processos opressores a que estão submetidas as populações desses países que vivem situações de guerras, crises econômicas e ditaduras militares.

Retornou ao Brasil após o exílio, pela primeira vez, em 1979 e, em 1980, voltou a residir no país. Nesse ano, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e passou a lecionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Unicamp. Foi Secretário de Educação do Município de São Paulo entre os anos de 1989 e 1991. Em 1991, foi também professor convidado da Universidade de São Paulo (USP). Envolveu-se, nesse período, em inúmeras atividades, como aulas, palestras, debates, entrevistas, conferências, publicações e congressos.

Ao longo de sua trajetória, Paulo Freire foi um intelectual marcado pelo compromisso com a transformação social, buscando a humanização e a libertação das pessoas mais atingidas pela opressão em seu dia a dia. Sua obra é especialmente voltada para a teorização sobre a consciência humana, como se constrói, se desenvolve existencialmente, se apropria do mundo e o critica, visando superar o que desumaniza o ser humano em sua relação com o outro, com a sociedade e a cultura. Assim, Paulo Freire, embora mais conhecido como um teórico da educação, pode e deve ser reconhecido por sua extraordinária contribuição conceitual à Psicologia da consciência humana e à epistemologia. Faleceu em São Paulo, no dia 02 de maio de 1997.

Publicações

FREIRE, P. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'água, 1995.

FREIRE, P. Cartas a Cristina. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. Cartas a Guiné-Bissau. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, P. Conscientização. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação?. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade da educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, P. Política e educação: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olhos D'água, 1993.

Referências

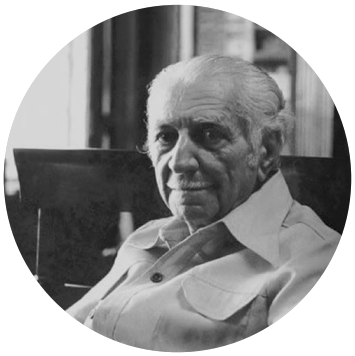
BEISIEGEL, C. R. Paulo Reglus Neves Freire. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M. (Org.). Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ / MEC-Inep, 1999. p. 440-446.

FREIRE, A. M. A. Paulo Freire: uma história de vida. São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, P.; BETTO, Frei. Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Educação em Ação).

ZITKOSKI, J. J. Paulo Freire & a educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Pensadores & Educação).

Érika Lourenço
Regina Helena de Freitas Campos



FREYRE, Gilberto
(1900-1987)

Nasceu em Recife, Pernambuco. Iniciou seus estudos com professores particulares em sua cidade natal. Obteve o grau de bacharel em Artes Liberais com especialização em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Baylor (EUA), em 1920. Realizou estudos de pós-graduação em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais na Universidade de Columbia, tendo apresentado a tese Social life in Brazil in the middle of the 19th. century (1923).

Foi professor de Sociologia na Escola Normal de Pernambuco e na Escola de Direito de Recife e professor visitante nas Universidades de Stanford, Michigan, Indiana, Virginia, Columbia e Buenos Aires. Colaborou também com as universidades de Coimbra, Münster, Sussex, Paris (Sorbonne). Foi deputado federal pelo Estado de Pernambuco (1946-1949), representante do governo brasileiro na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (1949), membro da Real Academia da Língua de Madrid e da Academia de Artes e Ciências de Boston. Reconhecido sociólogo e antropólogo brasileiro, foi aluno do sociólogo Giddings, do economista Seligman e do antropólogo Franz Boas. Com o último, aprendeu a diferenciar raça e cultura, e a discriminar os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, o que fortaleceu sua bagagem teórica de cunho social e culturalista, podendo, assim, contrapor-se às teorias racistas, predominantes à época, de seus primeiros escritos.

Sua obra mais importante, Casa grande & senzala, publicada em 1933, trata da formação da sociedade patriarcal do Brasil em termos econômicos, culturais e de organização familiar. Ao eleger a família como unidade básica na formação e desenvolvimento dessa sociedade, Freyre penetrou na história íntima da casa grande, desvendando, na vida doméstica, a organização política e religiosa do país. Assim, articulou a história com as ciências sociais, perpassando a Psicologia social, a Sociologia e a Antropologia. Delineou características comuns ao povo brasileiro, a partir da interação entre raça e ambiente, admitindo a possibilidade da existência de um caráter nacional – com maior expressão nas casas grandes –, ideia distante de seu mestre Franz Boas. A originalidade e a relevância da obra despertaram imediatos elogios e tornaram-na uma referência básica para o estudo psicossocial do povo brasileiro. A decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento urbano brasileiro foram objetos de análise na obra Sobrados e mucambos (1936).

A qualidade de seu legado, constituído por mais de sessenta livros e mais de trezentos artigos, facultou-lhe, por fim, o seu maior desejo: o de ser reconhecido como escritor. Foi laureado com o Prêmio Aspen (EUA, 1967), Prêmio Internacional de Literatura "La Madoninna" (1969) e homenageado com vários simpósios para discussão de sua obra, entre os quais o Foyer Culturel International de Cerisy-La Salle (1956) e o Simpósio Internacional na Universidade de Brasília (1980). Entre suas obras destacam-se: Nordeste (1937), Ingleses (1942), Problemas brasileiros de antropologia (1943), Sociologia: Introdução ao estudo de seus princípios (1945), Ordem e progresso (1959) e Um engenheiro francês no Brasil (1940).

Publicações

FREYRE, G. Casa grande & senzala. Rio de Janeiro: Maria Schimidt, 1933.

FREYRE, G. Ingleses. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

FREYRE, G. Nordeste. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

FREYRE, G. Ordem e progresso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

FREYRE, G. Problemas brasileiros de antropologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

FREYRE, G. Sobrados e mucambos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

FREYRE, G. Social life in Brazil in the middle of the 19th. century. Tese (Doutorado) – Columbia University, Baltimore. 1923.

FREYRE, G. Sociologia: introdução ao estudo de seus princípios. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

FREYRE, G. Um engenheiro francês no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

Elizabeth de Melo Bomfim



GARCIA, Célio
(1930- 2020)

Professor e psicanalista. Natural de Fortaleza, Ceará. Obteve o título de bacharel em Letras Clássicas, pela Faculdade de Filosofia do Ceará (1953), o de Licence ès Lettres – Mention Psychologie, pela Universidade de Paris (1955), e o de Doutor em Psicologia, pela Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1965. Na França, especializou-se em Psicologia social e em Psicopatologia e conviveu com os fundadores da Association pour la Recherche et l'Intervention Psychosociologique (ARIP).

No Brasil, foi assessor de pesquisa em educação sanitária (1960), junto ao Instituto e ao Departamento Nacional de Endemias Rurais, Ministério da Saúde; especialista em Dinâmica de grupo no Departamento de Orientação e Treinamento do Banco da Lavoura, em Belo Horizonte, Minas Gerais (1962); professor na UFMG (1963-1993), nos departamentos e mestrados de Psicologia e Filosofia. Recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais, em agosto de 2011.

Entre suas primeiras realizações, destacaram-se: (a) inaugurou a articulação entre as áreas de Psicologia e de Saúde, iniciada com prestações de serviços a escolas e órgãos do sistema público de saúde e com pesquisas sobre a formação de

atitudes e opiniões dos usuários; (b) colaborou na criação de metodologias práticas de trabalhos com grupos, iniciada com o Desenvolvimento em Relações Humanas (DRH) amálgama de contribuições norte-americanas, como grupo T, e europeias, como grupo de formação e socioanálise de Van Bokstaele, embriões dos trabalhos de Psicologia Social aplicada à ação industrial e comercial; (c) formou uma equipe de psicossociólogos na UFMG – o Setor de Psicologia Social –, responsável por pesquisas de dinâmica de grupo, intervenção psicossociológica e análise institucional, nas quais o dispositivo experimental de pesquisa em laboratório foi substituído por práticas terapêuticas e psicanalíticas em grupos, organizações e instituições concretas; (d) criou um programa de cooperação científica e cultural França-Brasil, financiado, inicialmente, pelo Serviço Cultural da Embaixada da França, sendo beneficiários os Departamentos de Psicologia e Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), da UFMG (1967-1975); nesse programa, doutoraram-se, na França, professores de Psicologia e vieram, em uma missão cultural, ao Brasil, os professores Max Pagès, André Lévy, Roger Lambert, Georges Lapassade, Pierre Fédida e Michel Foucault.

As primeiras publicações de Garcia foram sobre grupo e modelos matemáticos para as ciências humanas; logo depois, refletindo a hipótese freudiana, segundo a qual o inconsciente é estruturado como uma língua, as publicações abordaram Psicanálise, Linguística e Estruturalismo. Nos anos de 1970, Garcia escreveu sobre análise institucional e sobre temas que sempre o acompanharam: Ética e Política. Nos anos de 1980, destacaram-se suas contribuições sobre Filosofia e Psicanálise nos Cadernos de Psicologia, Revista do Departamento de Psicologia da UFMG (1985, 1986) e em Kriterion, Revista de Filosofia. Nessa época, retomou a questão metodológica, trabalhando sobre um novo paradigma para as Ciências Humanas, a Física e a Biologia. Nos anos de 1990, revisitou as questões da Psicanálise, Política e Lógica e formulou nova modalidade de prática política de saúde, a clínica do social que, atenta à subjetividade de cada um, atua com um dispositivo-programa que, mapeando as diferentes competências dos sujeitos-cidadãos, cria instrumentos sempre novos de pensar e fazer pensar o real, o que está em jogo para cada um. Aprofundou a análise das interfaces da Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise, Saúde Mental e Política. Sempre trabalhou em consultório, tendo sido membro da Escola Brasileira de Psicanálise, seção Minas Gerais. Veio a falecer em 29 de abril de 2020.

Publicações

GARCIA, C. Clínica do social. Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH/ Mestrado em Psicologia, 1997. 80 p.

GARCIA, C. Estamira, novas formas de existência: por uma clínica da carência. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2011. 87 p.

GARCIA, C. et al. Análise institucional: teoria e prática. Revista de Cultura Vozes, v. 67, p.

254-336, maio 1973.

GARCIA, C. Interfaces. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2011. 251 p.

GARCIA, C. Psicanálise, política, lógica. São Paulo: Escuta, 1993. 171 p.

GARCIA, C. Psicologia social em Minas: memórias e história. In: BOMFIM, E. de M. et al. (Org.). Psicologia social: memórias, saúde e trabalho. São João del-Rei: UFSJ; Abrapso Regional Minas, 2004. p. 10-18.

GARCIA, C.; SILVA, E. M. P.; VAZ, N. (Org.). Um novo paradigma em ciências humanas,

física e biologia. Belo Horizonte: Editora UFMG/ PROED, 1987. 102 p.

Referências

MACHADO, M. N. M. O setor. In: BOMFIM, E. de M. et al. (Org.). Psicologia social: memórias, saúde e trabalho. São João Del-Rei: UFSJ; Abrapso Regional Minas, 2004. p. 19-31.

MACHADO, M. N. M. Práticas pedagógicas da psicossociologia nos anos 60 e 70. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. Clio-Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. p. 35-40.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Documentos. Belo Horizonte: FAFICH-

Setor de Psicologia Social, [s.d.].

WEIL, P. et al. Dinâmica de grupo e desenvolvimento em relações humanas. Belo Horizonte: Itatiaia, 1967. 230 p.

Marília Novais da Mata Machado

GAYER, Olga Acauan *(1898-1985)*

Nascida em 25 de fevereiro de 1895, na cidade de Quaraí, Rio Grande do Sul. Faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 24 de julho de 1985. Foi casada com o jurista Claudino Gayer (1882-1964).

Educadora, especializada em métodos de alfabetização, e professora da cadeira de Pedagogia, que incluía noções de Psicologia e Direito Pátrio. Diplomou-se pela antiga Escola Complementar, atual Instituto de Educação General Flores da Cunha de Porto Alegre (RS), em 1913. Ainda como estudante, foi a Montevidéu, Uruguai, numa comitiva de professores e alunas da Escola Normal, para observar métodos de ensino seguidos nos estabelecimentos de instrução pública daquele país e adaptá-los ao ensino público gaúcho. Esses contatos tiveram prosseguimento com a adaptação para o português da cartilha Queres ler (Acauan; Souza, 1919, 1931, 1937; Dill, 2014; Trindade, 2004), escrita pelo educador e antropólogo uruguaio José Henriques Figueira (1860-1946). A adaptação foi realizada em colaboração com a colega Branca Diva Pereira de Souza. A cartilha foi adotada na educação pública e privada. As autoras descreveram a cartilha como "Livro de leitura e escripta corrente" fundado "na sciencia mental e no estudo da criança e composta de accordo com os princípios de espontaneidade, de autonomia e correlação natural das matérias (associação synergica) e dos methodos intuitivo e analytico-synthetico phonico de palavras e frases fundamentaes" (Acauan; Souza, 1935, p. XV). Em 1931, foi ao Rio de Janeiro e a Belo Horizonte, para encontros educacionais, nos quais se destacava pela sua familiaridade com a teoria de Edouard Claparède.

O interesse na história da psicologia motivou sua gestão junto ao Secretário dos Negócios do

Interior e Exterior, responsável pela Educação no Estado do Rio Grande do Sul, em 1923. Gayer propôs o desmembramento da cadeira de Pedagogia em Pedagogia e Prática de Ensino, e Psychologia e Direito Pátrio. Sua sugestão foi posta em prática dois anos mais tarde. Assume como professora na Escola Normal Complementar, em 1917, e chega a professora titular da Escola Normal General Flores da Cunha, em 1937.

Teve importante participação na gestão educacional no estado do Rio Grande do Sul, como: Inspetora em 1936; Membro do Conselho Estadual de Educação, de 1937 a 1955; Diretora Geral de Instrução Pública do Estado do RS, de 1937 a 1955; Inspetora Chefe da Seção Técnica da Diretoria da Instrução Pública da Secretaria da Educação e Saúde Pública (1937); Diretora Geral do Departamento de Educação Primária e Normal da Secretaria de Educação e Cultura do RS, em 1942, e Diretora do Instituto de Educação, de 1948 a 1955 (Beiser, 1997; Trindade, 2004). Aposentou-se do magistério, em 1955, mas foi reconduzida à direção do Instituto no mesmo ano, onde permaneceu até 1956. Sua importância na difusão dos conhecimentos psicológicos foi reconhecida por Lourenço Filho, no artigo A psicologia no Brasil (1971).

Publicações

GAYER, O. A.; SOUZA, B. D. P. de. Queres ler?: primeiro livro. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1919.

GAYER, O. A.; SOUZA, B. D. P. de. Queres ler?: primeiro livro. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1931.

GAYER, O. A.; SOUZA, B. D. P. de. Queres ler?: primeiro livro. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1937.

Referências

BEISER, A. C. P. Educação e educadores em Porto Alegre: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. Disponível em: http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5530/1/000140487-Texto%2BCompleto-0.pdf. Acesso em: 15 set. 2015.

DILL, A. C. Os livros não se despedem... aguardam um novo leitor. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Cópias dos certificados de conclusão de curso dos alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha entre os anos de 1917 e 1951. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Históricos dos professores do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Minutas do Instituto de Educação General Flores da Cunha dos anos de 1913-1914; 1921-1922; 1928-1929; 1930-1934; 1934-1936; 1939-1945. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Registros dos professores do Curso Complementar da Escola Complementar de Porto Alegre do ano de 1928. Porto Alegre, [s.d.].

LHULLIER, C.; GOMES, W. B. Idéias psicológicas nos Cursos Normais de Porto Alegre no período de 1920 a 1950. Psico, v. 30, n. 2, p. 45-62, 1999.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 23, n. 3, p. 113-142, 1971. Originalmente publicado em 1955.

TRINDADE, I. M. F. A produção de identidades alfabetizandas sul-rio-grandenses na intersecção de influências européias e latino-americanas. Educação, XXVII, n. 2, v. 53, p. 303-318, 2004.

VASCONCELOS, M. S. A difusão das idéias de Piaget no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Cristina Lhullier
Luiz Osvaldo Leite
William Barbosa Gomes



GINSBERG, Aniela Meyer *(1902-1986)*

Nasceu em 2 de outubro de 1902, em Varsóvia, Polônia. Em 1927, concluiu o curso de graduação em Psicologia, obtendo o título Magister Philosophiae na Universidade de Varsóvia. Em 1933, ainda na Universidade de Varsóvia, concluiu o curso de Pós-Graduação em Psicologia, obtendo o título de Doctor Philosophiae. A temática de sua dissertação de mestrado foi o medo, e de seu doutorado, a Teoria da Contradição.

Durante o ano de 1927, realiza uma viagem de estudos na Alemanha, passa o primeiro semestre em Berlim, estudando com os professores Max Wertheimer e Wolfgang Köler (ambos fundadores da Psicologia da Gestalt e responsáveis pelos estudos sobre a percepção), como também com Kurt Lewin (lembrado pela teoria de campo e analista dos problemas de mudança cultural, conflito, moral e minorias). No segundo semestre, vai para Hamburgo, onde tem aulas com William Louis Stern (considerado fundador da Psicologia diferencial e da Psicologia aplicada), com Martha Muchow e Heinz Werner (ambos representantes de programas de investigação em Psicologia Evolutiva e diagnóstico evolutivo, cujas contribuições se fizeram presentes na profissionalização da Psicologia educacional).

Em 1936, chega ao Brasil acompanhando o marido e, em 1937, é nomeada assistente da cadeira de Psicologia Social na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, permanecendo, nessa instituição, até 1940. Na ocasião, dirigiu o Laboratório de Psicologia Social, atividade anexa à cadeira de Psicologia Social, então ministrada por Noemy da Silveira Rudolfer.

Entre os anos de 1941 a 1958, organizou e dirigiu o Centro de Orientação Profissional anexo ao Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), tendo a oportunidade de trabalhar com a amiga Betti Katzenstein, com quem desenvolveu pesquisas nas quais se utilizavam basicamente testes projetivos para diagnose da personalidade humana.

Em outubro de 1943, participou de evento organizado por Helena Antipoff, a 1ª Jornada Brasileira de Psicologia, em Belo Horizonte.

No período de 1943 a 1946, é nomeada Assistente Técnica da Divisão de Seleção e Orientação Profissional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em São Paulo, trabalhando, novamente, com Betti Katzenstein.

Nos anos de 1946 e 1947, vai morar em Salvador, Bahia e lá, além de ministrar cursos nas Faculdades de Filosofia e Enfermagem, desenvolveu pesquisas com estudantes.

Em 1948, mudou-se para o Rio de Janeiro, sendo contratada como Adjunto Técnico no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getulio Vargas (FGV), desenvolvendo trabalhos coletivos, responsabilizando-se pela aplicação e análise de testes projetivos, principalmente, o Rorschach.

Em 1950, em São Paulo, novamente, ministra curso de Psicologia da criança, em parceria com Betti Katzenstein, no Hospital das Clínicas de São Paulo. De 1952 a 1959, a convite de Enzo Azzi, passa a trabalhar no Instituto de Psicologia Experimental, da Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo, organizando e dirigindo, então, o Centro de Orientação Psicológica. A partir de 1959, passa a chefiar a Clínica Psicológica da PUC-SP, exercendo essa atividade até 1962. No próprio Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (IPPUC-SP), Aniela ocupa o cargo de Vice-diretora do Departamento de Pesquisa, período compreendido pelos anos de 1963 a 1970.

Nos anos de 1958 a 1963, ministrou o curso de Especialização em Psicologia Clínica e Psicologia do Trabalho na PUC-SP, em parceria com um grupo multidisciplinar, que incluía, entre muitos, Ana Maria Poppovic.

Em 1972, ajudou a criar o curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP, ocupando o cargo de coordenadora e professora do referido curso, ministrando Seminários Teóricos e Metodológicos, além de orientar e compor bancas de defesa de teses e dissertações. Também fez parte da Academia Paulista de Psicologia, ocupou a cadeira no 11, cujo patrono fora Roger Bastide. Tomou posse em 1980.

Paralelamente às atividades exercidas em instituições diversas, Aniela sempre foi uma pessoa que se fez presente em congressos nacionais e internacionais, levando os resultados de suas pesquisas para serem apresentados, discutidos e difundidos, oportunizando, em muitos desses eventos acadêmicos, intercâmbio com países, como: Japão, Itália, Polônia, Índia. Já no 1º Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Medicina Legal e Criminologia, ocorrido em 1938 em São Paulo, Aniela apresentou uma pesquisa realizada no Laboratório de Psicologia Social da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, demonstrando desde aí, interesse em participar de reuniões científicas.

Em 1966, foi eleita presidente da Associação Brasileira de Psicólogos e, com Arrigo Leonardo Angelini, representou a categoria nas assembleias da União Internacional de Psicologia Científica (IUPS), certame ocorrido nos Congressos Internacionais de Psicologia. Em 1971, foi eleita vice-presidente da Sociedade Interamericana de Psicologia, com a incumbência de compor uma comissão que organizaria o XIV Congresso da SIP, que ocorreria em São Paulo, em 1973, tarefa que cumpriu com muita competência.

O período entre os anos de 1930-1960, foi caracterizado pelo intenso debate sobre a construção sociocultural das diferenças na Psicologia brasileira, e associada a essa ideia, Aniela Ginsberg procurou desconstruir a visão determinista biológica das raças/etnias e mostrar que, na interação dos indivíduos com a sociedade, as diferenças podiam se transformar em desigualdades.

No centro de suas investigações sempre estiveram presentes os processos intraculturais e interculturais, as relações étnico-raciais e as migrações, manifestos através de publicações de inúmeros artigos teóricos, pesquisas, resumos e resenhas em periódicos de grande circulação nacional e internacional e penetração acadêmica, citando, a título de exemplo, alguns dos mais reconhecidos, como a Revista de Psicologia Normal e Patológica (editada pelo IPPUC-SP), os Arquivos Brasileiros de Psicologia (até hoje publicadas pela FGV-RJ), o Boletim de Psicologia (publicado pela Sociedade de Psicologia de São Paulo).

Em 1985, foi homenageada pela PUC-SP, recebendo o título de Professora Emérita.

No dia 3 de agosto de 1986, Aniela Meyer Ginsberg faleceu em São Paulo, SP.

Em seu testamento, aparece a intenção de que se crie uma Fundação sem fins lucrativos, voltada, precipuamente, ao incentivo à pesquisa em Psicologia. Conforme seu desejo, em 1988, é criada e, em abril de 1991, instalada, como fundação juridicamente constituída, a Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg (FATG).

Publicações

GINSBERG, A. M. A posição do Teste de Rorschach entre os métodos projetivos. Boletim do Instituto de Psicologia Experimental e Educacional, ano 3, n. 7, p. 6-10, 1954.

GINSBERG, A. M. A respeito de Teste de Rorschach: uma nova técnica. Revista de Psicologia Normal e Patológica, ano 5, n. 1/2, p. 133-154, 1959.

GINSBERG, A. M. Comparação entre os resultados de um teste de nível mental aplicado em diferentes grupos éticos e sociais. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, ano 4, n. 4, 1951.

GINSBERG, A. M. Contribuições da psicologia à higiene mental nos processos de ajustamento social: a adaptação dos imigrantes e migrantes ao novo meio como problema de higiene mental. Boletim de Psicologia, ano 13, n. 41/42, 1961.

GINSBERG, A. M. Contribuições para um estudo psicológico sobre ladrões habituais: 1ª parte. Revista de Psicologia Normal e Patológica, ano 1, n. 1, p. 60-79, 1955.

GINSBERG, A. M. Contribuições para um estudo psicológico sobre ladrões habituais: 2ª parte. Revista de Psicologia Normal e Patológica, ano 2, n. 1, p. 3-22, 1956.

GINSBERG, A. M. Estudo comparativo dos interesses dos adolescentes de diferentes meios sociais. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, ano 5, n. 4, dez. 1953.

GINSBERG, A. M. Estudo comparativo dos resultados de algumas provas psicológicas aplicadas a um grupo de estudantes de medicina. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, ano 6, n. 1, mar. 1954.

GINSBERG, A. M. Estudo comparativo entre o tipo somático (Sheldon) e o tipo de vivência e fundo de personalidade (Rorschach). Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, ano 1, n. 2, 1949.

GINSBERG, A. M. Estudo comparativo entre os tipos de vivência de Rorschach e os tipos somáticos de Sheldon. Boletim de Psicologia, ano 1, 1949.

GINSBERG, A. M. Fundamentos psicológicos do anúncio. Faculdade de Ciências Econômica e Administrativas da USP. Seminário de Técnicas de Relações Públicas, n. 75. São Paulo: Instituto de Administração, 1949.

GINSBERG, A. M. Impressões de uma viagem de estudos. Boletim do Instituto de Psicologia Experimental e Educacional, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 3-12, mar. 1953.

GINSBERG, A. M. Impressões do Primeiro Congresso de Psicologia. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, ano 6, n. 2, 1954.

GINSBERG, A. M. Impressões do VI Congresso Interamericano de Psicologia. Revista de Psicologia Normal e Patológica, ano 5, n. 1/4, p. 503-509, 1959.

GINSBERG, A. M. Impressões sobre o XI Congresso Internacional de Psicotécnica. Boletim do Instituto de Psicologia Experimental e Educacional, ano 2, n. 4, p. 114-121, 1953.

GINSBERG, A. M. Le choix du compagnon de banc-résultat d'une enquête faite entre dês élèves d`une école primare à Bahia. Journal de Psychiatrie Infantile, v. 16, n. 4, 1949.

GINSBERG, A. M. Leucotomie temporale chez 42 epileptiques chroniques. In: YAHN, M. et al. Tratamento cirúrgico das moléstias. São Paulo: Agir, 1951.

GINSBERG, A. M. O andamento do processo de orientação profissional no National Institute of Industrial Psychology de Londres. Boletim do Instituto Experimental e Educacional, ano 2, n. 5, p. 158-159, 1953.

GINSBERG, A. M. O estudo das aptidões artísticas. Boletim de Psicologia, ano 10, n. 35/36, p. 120-126, 1958.

GINSBERG, A. M. O XV Congresso Internacional de Psicologia. Revista de Psicologia Normal e Patológica, ano 3, n. 3/4, p. 683-692, 1957.

GINSBERG, A. M. O X Congresso do Congresso Internacional de Organização Científica (CIOS) visto por um psicólogo. Boletim do Instituto de Psicologia Experimental e Educacional, ano 3, n. 6, p. 35-38, 1954.

GINSBERG, A. M. Pesquisa sobre os problemas de adaptação dos imigrantes em São Paulo, Brasil, realizado no Instituto de Psicologia da Universidade Católica. Cinquentenário da Fac. Filosofia, Ciência e Letras de São Bento, 1958. São Paulo: Universidade Católica, 1958.

GINSBERG, A. M. Pesquisas sobre as attitudes de um grupo de escolares de São Paulo em relação com as crianças de cor. In: BASTIDE, R.; FERNANDES, F. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo. [S.l.]: UNESCO/ ANHEMBI, 1955.

GINSBERG, A. M. Psicologia diferencial. In: KLINEBERG, O. et al. A psicologia moderna. São Paulo: Agir, 1953.

GINSBERG, A. M. Um estudo de 100 jovens bahianos, com o teste de Rorschach. Neurobiologia, tomo 13, n. 1, 1950.

GINSBERG, A. M. Um inquérito sobre as atitudes de estudantes bahianos em relação a diversos grupos nacionais e raciais. Boletim de Psicologia, ano 1, n. 4, 1950.

GINSBERG, A. M. XIII Congresso Internacional de Psicologia Aplicada. Revista de Psicologia Normal e Patológica, ano 4, n. 3/4, p. 327-338, 1958.

GINSBERG, A. M; BALDUS, H. Aplicação do psicodiagnóstico de Rorschach a índios Kaingang. Revista do Museu Paulista, São Paulo, v. 1, 1947.

GINSBERG, A. M.; BENSABATH, S. de A. Escolha do companheiro de carteira: resultado de um inquérito entre escolares baianos. Psyke, ano 1, n. 3, 1947.

GINSBERG, A. M.; KATZENSTEIN, B. Algumas inovações ao método de Rorschach e os primeiros resultados obtidos com esta técnica. Arquivos da Polícia de Civil São Paulo, 1942.

GINSBERG, A. M; KATZENSTEIN, B. O Teste de Mosaico de Marfaret Lowenfeld: descrição e alguns resultados obtidos em nosso meio. Revista de Psicologia Normal e Patológica, ano 2, n. 2, p. 251-272, 1956.

GINSBERG, A. M; KATZENSTEIN, B. Une investigation sur la résistance aux innovations techniques dans differents milieux sociaux du Brésil. Revista de Psicologia Normal e Patológica, ano 1, n. 2, p. 219-280, 1955.

GINSBERG, A. M; RUDOLFER, N. da S. Contribuição para a psicologia do anúncio. Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Identificação, Medicina Legal e Criminologia, 1. [S.l: s.n.], 1941.

GINSBERG, A. M.; RUDOLFER, N. da S. Contribuições para a psicologia do anúncio. Revista do Arquivo, n. 64, 1940.

Mônica Leopardi Bosco de Azevedo



GOMES, Jacintho Godoy *(1886-1959)*

Nasceu em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, em 02 de maio de 1886. Faleceu em Porto Alegre - Rio Grande do Sul, em 15 de outubro de 1959. Graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1911. Trabalhou, durante cinco anos, como médico legista na Chefatura de Polícia da cidade de Porto Alegre. Foi membro da Sociedade de Neuropsiquiatria do Rio Grande do Sul, a qual presidiu em 1939. Foi membro fundador da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, sendo patrono da cadeira número 34.

Em 1919, foi para a França, onde permaneceu por dois anos frequentando as aulas de Pierre Marie (1853-1940), Joseph Jules François Félix Babinski (1857-1932), Ernest Dupré (1862-1921) e Paul-Marie Maxime Laignel-Lavastine (1875-1953). Recebeu a titulação de especialista em Neuropsiquiatria. Fundou o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul, atual Instituto Psiquiátrico Forense Dr. Maurício Cardoso, em 1924, e o Sanatório São José. Foi diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre em duas ocasiões, de 1926 a 1932 e de 1937 a 1951, onde exerceu o cargo de diretor da Assistência a Alienados do Estado do Rio Grande do Sul.

Orientou teses de doutoramento dos estudantes da cadeira de Clínica Psychiatrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, as quais empregavam conceitos e métodos da Psicologia. Publicou os livros Psicopatologia forense (1932) e Psiquiatria no Rio Grande do Sul (1955). Sua biblioteca particular, que inclui títulos sobre Psiquiatria, Psicologia e Medicina Legal, além de diários dos cursos realizados na França, foi doada à Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Publicações

GOMES, J. G. Psicopatologia forense. Porto Alegre: Globo, 1932.

GOMES, J. G. Psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edição do autor, 1955.

Referências

FRANCO, Á; RAMOS, S. M. Panteão médico rio-grandense: síntese cultural e histórica - progresso e evolução da medicina no Estado do Rio Grande do Sul. São Paulo: Edição dos autores, 1943.

HASSEN, M. N. A. Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre: a Faculdade de Medicina faz 100 anos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

MUSEU DA HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível: http://www.muhm.org.br. Acesso em: 15 set. 2015.

Cristina Lhullier
Luiz Osvaldo Leite
William Barbosa Gomes



GRABOIS, Jayme *(1908-1990)*

Nasceu na Argentina. Sua família transfere-se para a Bahia, onde o jovem Jayme realiza seus estudos secundários e inicia o curso de Medicina. Logo, entretanto, transfere-se para o Rio de Janeiro e dá continuidade à sua formação na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Ainda como estudante, começou a frequentar o Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, integrando-se ao grupo que se organizou em torno de Wacklaw Radecki.

Terminado seu curso, passou a trabalhar no laboratório, ao lado de Nilton Campos e dos professores que, nenhuma ligação tendo com a Colônia, da qual o laboratório fazia parte, frequentavam-no para assistir às aulas do grande mestre polonês. Com o afastamento de Nilton Campos, em 1930, e em sua ida a São Paulo, Grabois aproximou-se mais de Radecki. Quando, em 1932, cria-se o Instituto de Psicologia e sua sede se transfere para o Edifício Nilomex, no centro do Rio de Janeiro, logo se organiza um primeiro curso de formação de psicólogos, com duração de seis meses, sob a direção de Wacklaw Radecki. Grabois fazia parte da equipe de professores do curso, estando, a essa altura, com a idade de 24 anos.

Durante toda a sua atuação, quer no laboratório, quer no Instituto, Jayme Grabois só redigiu um trabalho, em parceria com Euryalo Cannabrava, sob o título La formation volontaire des représentations, enviado para o X Congresso de Psicologia, que se realizou em Copenhague e publicado nos Annaes da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, em 1936. Teria, também, planejado uma pesquisa, ainda em colaboração com Euryalo Cannabrava, sob o título Contribuição experimental à psicologia das concepções. Chegou o autor deste verbete a ver no Instituto de Psicologia, as peças de madeira que seriam utilizadas na pesquisa. Entretanto, não foi encontrada comprovação de que a pesquisa tenha sido efetivamente realizada e publicada. Na verdade, a redação de trabalhos nunca foi seu forte. O que o caracterizava era o agudo espírito crítico. Possivelmente, essa disponibilidade para a crítica o inibiu, impedindo-o de deixar uma obra.

Como professor, sempre foi brilhante. Não fez, entretanto, carreira. Jamais, por exemplo, submeteu-se às provas de uma docência livre. Nomeado Diretor do Instituto de Psicologia, em 1937, permaneceu nessa condição até 1948, quando foi substituído por Nilton Campos, que acabara de alcançar a cátedra de Psicologia Geral na Faculdade Nacional de Filosofia. Sua substituição não decorreu de qualquer perseguição política. Resultou do próprio Regimento da Universidade, que impunha que a direção do Instituto fosse exercida por um professor catedrático. Por certo, terá sofrido restrições. Afinal, era irmão de um dos mais ativos membros do Partido Comunista, embora ele próprio jamais se tivesse envolvido com o Partido. Registre-se que o autor deste verbete foi seu aluno no curso complementar do Instituto La Fayette e com ele conviveu alguns anos, dele recebendo uma fortíssima influência em sua formação no domínio da Psicologia.

Publicações

GRABOIS, J; CANNABRAVA, E. La formation volontaire des représentations. In: ANNAES da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, 1936. p. 151-157.

Referências

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Antonio Gomes Penna



GRUNSPUN, Haim
(1927-2006)

Nasceu em Hotin da Bessarábia, na Romênia. Chegou ao Brasil em 1933. Naturalizou-se em 1950. Cursou Medicina na Universidade de São Paulo (USP, 1946 a 1951). Durante esse curso (de 1947 a 1951), estagiou no Hospital do Juqueri, onde conheceu Noemy da Silveira Rudolfer, Anita Cabral, Anibal Silveira e Durval Marcondes, os quais participavam, todos os sábados, de uma discussão de casos. A partir daí, começou a frequentar as aulas desses professores na USP e no Serviço de Higiene Mental.

A partir de 1951, trabalhou com Enzo Azzi, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), também realizando Ludoterapia, período em que escreveu vários artigos publicados na Revista Normal e Patológica. Prestou um concurso para o Instituto de Aposentadoria e Pensão do Comerciário (IAPC), como médico-psiquiatra. Foi nomeado, em 1952, e ficou nesse cargo até 1975. Em 1952, começou a trabalhar também em consultório particular, com Stanislau Krynski, realizando atendimento a crianças.

Em 1953, foi convidado para trabalhar com Ludoterapia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, pelo fato de estar atendendo no consultório nesta área, além de ter realizado um curso com Telma Recca, em 1949, professora da Universidade de Buenos Aires, pediatra e psicanalista junguiana. Nessa instituição, foi convidado para organizar uma clínica infantil, que serviria como local de estágio para os alunos do Curso de Especialização em Psicologia, criado em parceria com a Madre Cristina. A grade curricular era composta pelas disciplinas: Teoria da Psicologia, ministrada por Madre Cristina, Psicoterapia de Grupo de Adulto, por José Ângelo Gaiarsa, e Psicoterapia Infantil, ministrada por ele. Nesse período, foi realizado um convênio com o IAPC, através do qual ele ficou comissionado no Sedes para atender os clientes encaminhados a partir do Instituto. Trabalhava dois dias no Hospital do IAPC fazendo triagem e, nos outros dias da semana, no Sedes.

No início de seu trabalho, criou alguns artifícios para poder atender os clientes e, ao mesmo tempo, utilizar esse atendimento para que os alunos do curso de especialização pudessem observar seu trabalho. Atendia a criança em um tablado bem iluminado, onde era colocado um caixote de areia, uma bacia de água e brinquedos. Esse espaço era separado por uma cortina preta do local em que ficavam as alunas (não iluminado). Foi professor, supervisor e diretor da clínica, num período em que o número de clientes aumentou, sendo necessário ampliar o espaço físico três vezes. Na década de 1960, iniciou atendimentos grupais para poder atender a procura.

Com a aprovação da regulamentação da profissão, recebeu o registro como Psicólogo número 138. Participou, com Madre Cristina, da organização do curso regular de graduação em Psicologia. Na década de 1970, quando houve a fusão da Faculdade Sedes Sapientiae com a PUC-SP, passou a lecionar na PUC como catedrático do quadro em extinção. Também ofereceu cursos de Especialização pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEAE). Continuou no Instituto Sedes Sapientiae, criado após a fusão, como professor, supervisor e diretor da Clínica Psicológica até 1993.

De 1967 a 1970, cursou Direito na Faculdade de Direito de Bragança Paulista. Preocupado, principalmente, em entender e escrever sobre o direito das crianças, publicou obras sobre o tema.

Publicações

GRUNSPUN, H. (Org.). Clínica médica. São Paulo: Guanabara-Koogan, 1984.

GRUNSPUN, H. (Org.). Educar para o futuro. São Paulo: Atheneu, 1978.

GRUNSPUN, H. (Org.). Pais, filhos e tóxicos. São Paulo: Almed, 1983.

GRUNSPUN, H. Anatomia de um bairro: o Bexiga. São Paulo: Cultura, 1979.

GRUNSPUN, H. Autoridade dos pais e educação da liberdade. São Paulo: Sedes Sapientiae, 1968.

GRUNSPUN, H. Casamento e acalanto. São Paulo: Marco Zero, 1985.

GRUNSPUN, H. Crianças e adolescentes com transtornos. São Paulo, Atheneu, 1999.

GRUNSPUN, H. Distúrbios neuróticos das crianças. [S.l.]: Fundo Editorial Procieux, 1965.

GRUNSPUN, H. Distúrbios psicossomáticos das crianças. São Paulo: Atheneu, 1980.

GRUNSPUN, H. Distúrbios psiquiátricos das crianças. [S.l.]: Fundo Editorial Procieux, 1961.

GRUNSPUN, H. Do suicídio. Campinas: Papirus, 1991.

GRUNSPUN, H. Dos 70 aos 60: uma novela familiar. São Paulo: Marco Zero, 1990.

GRUNSPUN, H. Mediação familiar: o mediador e a separação de casais com filhos. São Paulo: LTr, 2000.

GRUNSPUN, H. Meu pai me matou. São Paulo: Marco Zero, 1987.

GRUNSPUN, H. O trabalho das crianças e dos adolescentes. São Paulo, LTR, 2000.

GRUNSPUN, H. Os direitos dos menores. São Paulo: Almed, 1985.

GRUNSPUN, H. Psicoterapia lúdica de grupo em crianças. São Paulo: Atheneu, 1997.

GRUNSPUN, H. Sexualidade hoje. São Paulo: Almed, 1985.

GRUNSPUN, H. Trem para o hospício. São Paulo: Cultura, 1980.

GRUNSPUN, H. Valores, que valores? São Paulo: Almed, 1984.

GRUNSPUN, H.; GRÜNSPUN, F. Assuntos de família. São Paulo: Kairós, 1984.

Referências

GRUNSPUN, H. Entrevista. 16 nov. 2000. Entrevista concedida a Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.

GRUNSPUN, H. Entrevista. 8 nov. 1999. Entrevista concedida a Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE. Histórias e memórias. São Paulo: [s.n.], 1998.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista



GUEDES, Luis José
(1882-1943)

Nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 12 de novembro de 1882. Iniciou o curso de Medicina na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, tendo se transferido para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou em 1904. Foi professor do Instituto Gymnasial Julio de Castilhos, assistente da Clínica Psychiatrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, médico do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (RS), diretor da Assistência a Alienados do Estado do Rio Grande do Sul e membro correspondente da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Rio de Janeiro. Trabalhou também como assistente extraordinário no Hospital de Alienados da cidade do Rio de Janeiro e assistente voluntário de Clínica Neurológica, cátedra do professor Antônio Austregésilo, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 30 de novembro de 1943.

Em 1917, prestou concurso para a cátedra de Clínica Neurológica e Psychiatrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, apresentando dois trabalhos, Estudo clínico das paralysias alternas e Subsídio ao estudo clínico da presbyofrenia. Assumiu a cátedra no mesmo ano e aí permaneceu até o seu falecimento, em 1943, quando foi sucedido por Décio Soares de Souza. Durante o período em que foi professor, impulsionou a elaboração de teses sobre aspectos psicológicos do funcionamento psíquico normal e patológico.

Atualmente, seu nome identifica o Centro de Estudos em Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em reconhecimento do seu pioneirismo nas investigações psiquiátricas.

Publicações

GUEDES, L. J. Estudo clínico das paralysias alternas. Tese de concurso à Secção de Clínica Neurológica e Psychiatrica. Porto Alegre: Officinas Graphicas da Livraria do Globo, 1917.

GUEDES, L. J. Subsídio ao estudo clínico da presbyofrenia. Tese de concurso à Secção de Clínica Neurológica e Psychiatria. Porto Alegre: Officinas Graphicas da Livraria do Globo, 1917.

Referências

HASSEN, M. N. A. Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre: a Faculdade de Medicina faz 100 anos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

Cristina Lhullier
Luiz Osvaldo Leite
William Barbosa Gomes



GUENTHER, Zenita Cunha
(1937-)

Nasceu em Cruzeiro, interior de São Paulo. Teve 7 irmãos naturais e duas irmãs adotadas. A irmã mais velha tinha paralisia infantil e epilepsia. A família, apesar de humilde (o pai estudou até o 4º ano primário e a mãe fez dois anos de escola rural), conseguiu oferecer uma educação diferenciada aos filhos (6 tiveram curso superior, em uma época em que não havia ensino médio público). A família incentivava o estudo, apesar de os irmãos terem começado a trabalhar aos 12 anos. Nessa idade, Zenita deixou a casa dos pais para estudar no internato da Fazenda do Rosário - Escola Normal Rural - selecionada por Helena Antipoff, na sua campanha "Cérebros para a educação", realizada nos anos de 1949 e 1950.

Depois da formatura, ocorrida em 1953, foi escolhida para continuar vivendo e trabalhando na Escola. Assumiu a classe anexa, criada para a prática pedagógica das normalistas. Nessa fase de professora rural, lecionou para classes multisseriadas que reuniam estudantes do 1º ao 3º ano, com idade entre 7 a 15 anos da comunidade rural adjacente, pequenos sitiantes ou agregados. Após os exigidos 3 anos de magistério, candidatou-se e foi classificada para o Curso Técnico de Orientação e Administração Escolar do Instituto de Educação de Minas Gerais (1957-1958) – depois transformado em curso de Pedagogia. Em seguida, por solicitação de Helena Antipoff, foi assistente no então Laboratório de Estudos Bio-sócio-psico-pedagógicos Édouard Claparède, do Instituto Superior de Educação Rural (ISER), na Fazenda do Rosário. Durante esse mesmo ano, tornou-se diretora das Escolas Reunidas do Prado, em Belo Horizonte. Em seguida, foi nomeada diretora de um grupo escolar em Lavras, (1960). Afastou-se do trabalho ao ser selecionada para uma cobiçada bolsa de estudos nos Estados Unidos, no Programa Aliança para o Progresso (1962-1963). Nos Estados Unidos, conheceu o marido, Richard Guenther. Após cumprir a exigência da Bolsa Kennedy de trabalhar por dois anos no próprio país, Zenita voltou a viver nos Estados Unidos, no estado da Flórida. Nessa fase, dedicou-se à família e à criação da única filha, Louise Helena. Ao mesmo tempo, estudava Psicologia (graduando-se em 1969), curso seguido do Mestrado em Aconselhamento Psicológico, na University of South Florida, Tampa, finalizado em 1972.

Através da indicação de Helena Antipoff, recebeu o convite do Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Professor Eduardo Osório Cisalpino, para ajudar na instalação do Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG). Nessa mesma época, em conjunto com sua irmã Zenilvia, fundou em Lavras uma escola para educação de crianças com deficiência, logo transformada em APAE.

O percurso profissional de Zenita foi profundamente marcado pela relação com Helena Antipoff, que conheceu aos 12 anos de idade e na qual se espelhava. Em seus últimos anos de vida, Helena Antipoff tinha um grupo de reunião chamado "grupo das 4as feiras", formado por elas, por Helio Alckmin (psiquiatra) e por Iolanda Martins (psicóloga). Nessas tardes de estudo, o tema superdotação, ou como preferiam, boa dotação ou bem-dotados, era discutido com entusiasmo.

Depois de prestar o concurso para a UFMG, e integrada ao quadro docente como professora, foi selecionada para a bolsa de estudos da CAPES para o doutorado, que cursou em Gainesville (1973-1977), na área Fundamentos da Educação/Psicologia. Em 1978, retornou à UFMG. No final da década de 1980, voltou mais uma vez aos Estados Unidos, de onde se transferiu para a cidade do Porto, em Portugal, para uma ação educacional envolvendo dois ramos de atividades: iniciar um programa para atenção às crianças sobredotadas e auxiliar no processo de transformação do então Curso de Bacharelado para Formação de Professores, em Licenciatura em Educação, em escolas superiores do Porto. Em 1984, recebeu um convite para organizar e orientar a Escola Especial para Superdotados, em Pojuca, Bahia, o que a levou a deixar a UFMG, passando à categoria de Professor Inativo.

Ao final de 1989, se instala definitivamente no Brasil, por fortes razões familiares. A mãe havia falecido e a irmã mais velha precisava de cuidados. A essa altura, Zenita já era conhecida no cenário internacional por estudos e publicações em colaboração com nomes como Dorothy Sisk, John Feldhusen, James Gallagher, depois Joan Freeman e Françoys Gagné.

Em 1992, Zenita e a irmã mais nova, Zenilvia, foram homenageadas pelos 20 anos da APAE de Lavras. Sentiu-se aí desafiada a buscar crianças talentosas nas classes mais humildes e desprivilegiadas, assunto explorado em seus estudos para o doutorado. Convidou o Rotary Clube Lavras Sul para iniciarem um novo projeto, o Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento (CEDET), fruto dos interesses de Zenita na capacidade humana. O Centro, instalado em 1993, é reconhecido internacionalmente pelo Conselho Europeu de Alta Capacidade (ECHA).

Zenita é autora de 20 livros e publicações de maior porte, e mais de 100 artigos, publicados em revistas e jornais científicos no Brasil e exterior. Palestrante, professora convidada e visitante em universidades, faculdades e entidades de preparação de professores nos vários Estados do Brasil e em outros países. Além de Diretora Técnica da ASPAT e Supervisora do CEDET-MG, é Consultora de várias entidades e órgãos educacionais; coordenou o Curso de Especialização à Distância na Universidade Federal de Lavras, onde é professora voluntária; participa de orientação, co-orientação, bancas e júris de teses, leciona e conduz seminários sobre Dotação e Talento, Psicologia Humanista na Educação, em várias Universidades do Brasil e Portugal; participa do Conselho Mundial para Crianças Dotadas e Talentosas WCGT (EUA) e do Conselho Europeu para Capacidade Elevada (ECHA); é membro honorário da ANEIS e APCS, em Portugal, e do Conselho Honorário Permanente do CONSBRAD. Por causa de sua relevância no campo da Psicologia e da Educação, Zenita teve sua biografia incluída no Who is Who in the World em 2006.

Publicações

GUENTHER, Z. C. (Org.). Conhecendo seu aluno. In: ENCONTRO Nacional sobre Educação de Bem Dotados. 1. 1994. Lavras. Anais... Lavras: CEDET-FAEPE, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1994.

GUENTHER, Z. C. (Org.). Encontro Nacional Sobre Educação De Bem Dotados. 2. 1997. Lavras. Anais... Lavras: CEDET-FAEPE, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1997.

GUENTHER, Z. C. Capacidade e talento: um programa para a escola. São Paulo: EPU, 2006.

GUENTHER, Z. C. CEDET 15 anos. Lavras: ASPAT - UFLA- FAEPE, 2008. (Coleção Debutante). 5 v.

GUENTHER, Z. C. CEDET: caminhos para desenvolver potencial e talento. Lavras: Editora UFLA, 2011.

GUENTHER, Z. C. Conhecendo o seu aluno. Porto: E.S.E Santa Maria, 1989.

GUENTHER, Z. C. Crianças dotadas e talentosas: não as deixe esperar mais Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GUENTHER, Z. C. Desenvolvendo talentos: guia básico para trabalho a partir da escola regular. Lavras: CEDET – FAEPE/ UFLA, 2000.

GUENTHER, Z. C. Desenvolver capacidade e talento: um conceito de inclusão, 2 ed. rev. Petrópolis: Vozes. 2006.

GUENTHER, Z. C. Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão. Rio de Petrópolis: Vozes, 2000.

GUENTHER, Z. C. Educando o ser humano: uma abordagem da psicologia humanista. Mercado de Letras: Campinas, 1997.

GUENTHER, Z. C. Estudo compreensivo dos programas de bolsas da Universidade Federal de Lavras. Relatório de Pesquisa. Lavras: Pro-reitoria de Pesquisa, UFLA, 1996.

GUENTHER, Z. C. et al. Dez anos em prol do bem-dotado. Belo Horizonte: MEC-ADAV, Impr. Oficial, 1984.

GUENTHER, Z. C. et al. Identificação do talento pela observação direta. Relatório de Pesquisa. Lavras: FAPEMIG- CEDET- UFLA, 1997.

GUENTHER, Z. C. Identificação de alunos dotados e talentosos: versão 2012. Lavras: CEDET, 2013.

GUENTHER, Z. C. Metodologia CEDET: caminhos para desenvolver potencial e talento. Polyphonía, v. 22/1, jan./jun.2011.

GUENTHER, Z. C. Perceptual orientation and school success: a study of disadvantaged Brazilian children. Tese (Doutorado) – University of Florida, 1977.

GUENTHER, Z. C. Reconhecimento, identificação e desenvolvimento de talentos, Talincrea. Talento, inteligencia y creatividad, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2015.

GUENTHER, Z. C. Talento informático: reconhecer, localizar e desenvolver. (no prelo).

GUENTHER, Z. C. Uma nova psicologia para a educação: educando o ser humano, Bauru: Canal 6, 2009.

GUENTHER, Z. C.; COMBS, A. Educação de pessoas. Belo Horizonte: FUMARC, 1980.

GUENTHER, Z. C.; FRANÇA-FREITAS, M. L. P. Tornar-se visível: o lugar do aluno dotado e talentoso na educação inclusiva. In: SOUZA, R. C. S.; ANJOS, I. R. S; FRANÇA-FREITAS, M. L. P. (Org.). Dotação e talento na educação inclusiva. São Cristóvão: UFS, 2014. p. 165-191.

GUENTHER, Z. C.; FREEMAN, J. Educando os mais capazes: idéias e ações comprovadas. São Paulo: EPU, 2000.

GUENTHER, Z. C.; NEMETH-TORRES, G. In spirituality: a perspective from a traditionally Latin culture. Gifted Education International, v. 1, n. 8, july. 2015.

GUENTHER, Z. C.; SILVA, D.; CARVALHO, J. Fundação José Carvalho: uma proposta educacional. Salvador: F.J.C, 1985.

Referências

GUENTHER, Z. C. Entrevista. Lavras, jan. 2016. Entrevista concedida a Adriana Araújo Pereira Borges. LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc.gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

Adriana Araújo Pereira Borges



GUERNER, Fausto
(1903-1938)

Nascido em São Paulo, em 18 de abril de 1903. Graduou-se em Medicina pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1924. Ainda aluno, trabalhou nas clínicas de Henrique Roxo e Antonio Austregesilo e Rocha Vaz. Em 1925, foi contratado como médico alienista pelo Instituto Aché de São Paulo. Entre 1925 e 1927, permaneceu na Europa visitando clínicas psiquiátricas e frequentando cursos de especialização, especialmente, no Hospital Salpetriere, em Paris.

De volta ao Brasil, foi contratado pelo Hospital do Juqueri, dedicando-se também à docência na Escola Paulista de Medicina, onde orientou as teses de Mario Yahn e Edmur de Aguiar Whitaker. Lecionou, em colaboração com o professor Enjolras Vampré, em 1934. Foi um dos fundadores da Liga Paulista de Higiene Mental e membro da Sociedade de Medicina Legal e Criminológica de São Paulo.

Por dez anos foi redator de vários periódicos médicos, como o São Paulo Médico – do qual foi um dos cinco fundadores – e a Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo. Em revistas científicas, publicou mais de 30 trabalhos sobre Educação sexual, Psicanálise, Alcoolismo, Higiene mental e Doenças encefálicas. Faleceu, prematuramente, aos 35 anos.

Referências

ARQUIVOS DO SERVIÇO DE ASSISTENCIA A PSICOPATAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: [s.n.], v. 3, n. 3/4, 1938.

André Luis Masiero



GUSMÃO, Alexandre de
(1629-1724)

Natural de Lisboa. Em 1644, embarcou para o Brasil com sua família e entrou na Companhia de Jesus quando ainda era estudante no Colégio do Rio de Janeiro, em 1646. Foi Mestre de Noviços, Reitor do Colégio do Espírito Santo, Reitor do Colégio da Bahia e Provincial por duas vezes. Fundou o Seminário de Belém da Cachoeira, do qual também foi Reitor. Promoveu as missões do sertão. Foi cativo de piratas. Sua atuação como administrador, pedagogo e asceta, está documentada em diversos tratados, sermões, cartas, meditações e preces. Veio a falecer na Bahia, em 1724.

No âmbito da História das ideias psicológicas no período colonial, destacam-se, entre outras obras, História do predestinado peregrino e seu irmão precito, de 1682, e a Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia, de 1685. A História do predestinado é considerada a primeira novela escrita no Brasil e condensa em seu enredo, moral-alegórico, uma vasta tradição de pensamento sobre o homem, com fundamentos clássicos, coloração medieval e dinamismo renascentista. A Arte de criar bem os filhos é o primeiro grande compêndio da Pedagogia brasileira e traz uma abordagem da infância, do desenvolvimento, da relação familiar, da aprendizagem e da motivação do período. Faleceu na Bahia.

Publicações

GUSMÃO, A. Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia. [S.l.: s.n.], 1685.

GUSMÃO, A. História do predestinado peregrino e seu irmão precito. [S.l.: s.n.], 1685.

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira – da época colonial até 1934. São Paulo: Epu, 1990.

MASSIMI, M. Palavras, almas e corpos no Brasil colonial. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Paulo José Carvalho da Silva
Marina Massimi

ITAPARICA, Manuel de Santa Maria *(1704-1768)*

Nasceu na ilha de Itaparica, no recôncavo baiano, em 1704. Esta data é informada por Jaboatam (1858, p. 370), uma vez que, segundo as crônicas dos frades menores da Província do Brasil, Frei Itaparica teria realizado seus votos religiosos no Convento Paraguaçu, em 2 de julho de 1720, com idade de dezesseis anos. É autor do Compêndio de philosophia elementar, escrito em 1852. O Compêndio foi divulgado, sobretudo, na Faculdade de Direito de São Paulo e no Colégio da Bahia. Com outros representantes do clero, como o bispo Dom Afonso de Moraes Torres e o frei Firmino de Centelhas, foi adepto da Psicologia Filosófica tomista.

A principal contribuição da Psicologia Filosófica, que vigorou no século XIX, foi servir como base para a constituição da Psicologia Científica. Ainda hoje, a Psicologia Filosófica revela-se valiosa para uma adequada formação do Psicólogo, pelo menos em dois níveis. No primeiro nível, ela aponta para os postulados últimos, os quais fundamentam as teorias científicas, no que se refere às seguintes questões: a imagem de ser humano, de sociedade e de realidade como um todo; o significado da existência e do universo e a possibilidade de um sentido último; o porquê da morte; a origem e o destino da história individual e universal.

Outro aspecto de relevância da Psicologia Filosófica é o fato de que ela se ocupa da formulação, estudo e análise dos conceitos básicos da Psicologia, tais como: mente, eu, consciência, personalidade, cognição, percepção, motivação, adaptação, ambiente, hábito, etc. É interessante estudar a elaboração conceitual das doutrinas, do século XIX, e mostrar a continuidade ou a ruptura com as tradições mais antigas.

Publicações

ITAPARICA, M. de S. M. Compêndio de filosofia elementar. Dedicado ao Exmo. e Revmo. Sr. Dom Romualdo Antonio de Seixas. Bahia: Tip. De E. Pedroza, 1852.

ITAPARICA, M. de S. M. Eustachidos: poema sacro e tragicômico em que se contém a vida de Santo Eustachio martyr, chamado antes Placido, e de sua Mulher e Filhos. [S.l: s.n.], 1769.

Referências

JABOATAM, Fr. A. de S. M. Novo orbe serafico brasílico, ou chronica dos frades menores da província do Brasil. Lisboa: [s.n], 1761. v. I. Reimpr. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858.

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Marcio Luiz Fernandes
Marina Massimi



KEHL, Renato
(1889-1974)

Natural de Limeira (SP), bacharel em Medicina (1915) e Farmacêutico de formação. Foi o principal responsável pela introdução da Eugenia no Brasil, ideia definida, em 1865, pelo psicometrista e matemático inglês Francis Galton, como ciência do aprimoramento das qualidades raciais humanas, tanto físicas quanto psíquicas e morais. Ainda estudante de Medicina, Renato Kehl interessou-se por hereditariedade e eugenia, publicou seu primeiro trabalho, em 1913, anexo a um estudo sobre Weissmann. Em 1917, realizou uma conferência sobre o tema na Associação Cristã de Moços, em São Paulo, e, em janeiro, de 1918, fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo (SESP), primeira do gênero na América Latina. Com sede na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, congregava mais de 100 associados, entre eles: Arnaldo Vieira de Carvalho, Luiz Pereira Barreto, Franco da Rocha e Oscar Freire. Entre os seus objetivos, a SESP previa o estudo e a aplicação da eugenia à "raça brasileira". A Sociedade publicava seus trabalhos sobre temas como educação, sexualidade, Psicologia e comportamento, higiene etc. nos Anais de Eugenia, sua revista periódica oficial.

A SESP se desfez em 1920. Kehl então voltou ao Rio de Janeiro e militou pela realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Incentivado por Miguel Couto, o congresso foi realizado entre 1º e 7 de julho de 1929, presidido por Edgard Roquette-Pinto. O Congresso contou com a apresentação de vários trabalhos sobre Psicologia, indicando, entre suas resoluções finais, a necessidade de se instituir no Brasil a seleção de imigrantes com o auxílio de testes psicológicos, como forma de barrar a entrada de "degenerados" no país.

Em janeiro de 1929, Kehl funda o Instituto Brasileiro de Eugenia, o qual passa a se chamar Comissão Central Brasileira de Eugenia, em 1931. Contou com amplo apoio da classe médica brasileira, como Belisário Penna, Octávio Domingues, Julio Porto-Carrero, Inacio da Cunha Lopes e Ernani Lopes, então presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental. Entre 1929 e 1933, Kehl foi diretor e editor do Boletim de Eugenia, periódico mensal destinado à propaganda eugênica no país. Foi membro da Academia Nacional de Medicina, da Liga Brasileira de Higiene Mental, da Sociedade Mexicana de Eugenia, da Eugenics Society of London, entre outras. Publicou muitos artigos em revistas brasileiras e internacionais e mais de vinte livros sobre vários temas, sempre com influência das doutrinas eugênicas. Kehl defendia a tese da hereditariedade, das características psicológicas adquiridas.

Entre suas obras no campo da Psicologia, destacam-se: Lições de eugenia (1929); Tipos vulgares, introdução à psicologia da personalidade (1946); Psicologia da personalidade: guia de orientação psicológica (1947). Após a Segunda Guerra Mundial, essas ideias entraram em decadência, devido às suas imprecisões científicas e, sobretudo, por terem sido impostas por governos totalitários, na tentativa de promover a "higiene racial".

Publicações

KEHL, R. Conduta: guia para a formação do caráter. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958a.

KEHL, R. Lições de eugenia. [S.l.: s.n.], 1929.

KEHL, R. Proposições. Imprensa Médica, v. 14, n. 276, p. 1551-2, dez. 1938

KEHL, R. Psicologia da personalidade: guia da orientação psicologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1947.

KEHL, R. Tipos vulgares: contribuição a psicologia prática. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1958b.

KEHL, R. Vinte anos de cruzada em prol da eugenia. São Paulo Medico, v. 2, n. 3/4, 1937.

Referências

CASTANEDA, L. A. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. Episteme, v. 3, n. 5, p. 23-48, 1998.

STEPAN, N. L. Eugenics in Brazil. 1917-1940. In: THE WELLBORN science, eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. Cambridge: Oxford University Press, 1990. p. 110-52.

André Luis Masiero



KELLER, Fred Simmons *(1899-1996)*

Nasceu em Rural Grove, Nova Iorque. Em 1936, casou-se com Frances Keller e teve dois filhos, Anne e John. Recebeu seu Ph. D, em 1931, da Harvard University. Em Harvard, Keller estabeleceu com B. F. Skinner uma amizade profícua, tanto no campo pessoal como no profissional. Foi um grande promotor e divulgador da Análise do Comportamento, presente em todos os eventos pioneiros que contribuíram para a formação de pesquisadores, com a abordagem analítico-comportamental.

Foi professor de várias universidades, entre elas: Tufts College; Columbia University (Professor Emeritus of Psychology, 1964); Universidade de São Paulo, 1961; Arizona State, Western Michigan University; Universidade de Brasília (UNB), 1964. Seu grande legado foi o desenvolvimento de melhores métodos de ensino e formação de pesquisadores. Keller nos transmitiu a ideia de que o ensino e a pesquisa são um trabalho de cooperação e de colaboração.

Em 1950, em colaboração com William Schoenfeld, publicou Principles of psychology: a systematic text in science of behavior, que se tornou uma referência histórica da análise do comportamento. Essa foi a primeira obra em linguagem acessível para difundir a análise do comportamento a estudantes de graduação e

pós-graduação. Além de um elevado número de artigos, em especial sobre o Personalized System of Instruction (PSI), Keller publicou livros que continuam importantes para a difusão da análise do comportamento e do PSI: The definition of psychology: an introduction to psychological systems (1937); Learning: a reinforcement theory (1954); em co-autoria com G. Sherman, PSI: thematic Keller plan handbook (1974); Summers and sabbaticals: selected papers in psychology and education (1977) e Pedagogue's process (1982). Da sua vasta produção acadêmica, foi publicado em língua portuguesa, traduzido por Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, apenas o livro dedicado a seu neto, Pedro Preguiça vai à escola, no qual ele ensina às crianças o aprender e o ensinar, tendo animais como personagens.

O grande compromisso de Fred Keller com a educação revelou-se na sua maneira de ensinar, na sua ação humanitária, na relação amigável com seus colaboradores e alunos e no método de ensino que desenvolveu, conhecido como: Plano Keller. Esse método foi desenvolvido, inicialmente, em Brasília e denominado Sistema de Instrução Personalizada (Personalized System of Instruction (PSI)). Ainda é amplamente utilizado para planejamento de ensino e como objeto de estudo em pesquisa. Fred Keller teve com o Brasil relações muito próximas. Depois de duas estadas na Universidade de São Paulo e na Universidade de Brasília, retornou ao país várias vezes para participar de eventos científicos, como também para receber o título de Professor Honoris Causa da UNB, em 1987. A última viagem de Keller ao Brasil foi como convidado especial da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC), para a reunião realizada em Campinas em 1994. As várias condecorações e homenagens que recebeu, ao longo de sua vida, são um reconhecimento de sua contribuição à ciência psicológica, à educação e à análise experimental do comportamento.

Publicações

KELLER, F. S. Itens de um fichário. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 3, n. 2, p. 84-91, 1987.

KELLER, F. S. Learning: a reinforcement theory. [S.l: s.n.], 1954.

KELLER, F. S. O nascer de um departamento. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 3, n. 3, p. 198-205, 1987.

KELLER, F. S. Pedagogue's process. Lawrence: T.R.I. Publicatiom, 1982.

KELLER, F. S. Pedro Preguiça vai à escola. São Paulo: Edicon, 1987.

KELLER, F. S. Summers and sabbaticals: seletecd papers in psychology and education. Champaign, IL: Research Press, 1977.

KELLER, F. S. The definition of psychology: an introduction to psychological systems. [S.l.: s.n.], 1937.

KELLER, F. S.; SCHOENFELD, W. Principles of psychology: a systematic text in science of behavior. New York: Appleton-Century-Crofts, c1950.

KELLER, F. S.; SHERMAN, G. PSI: thematic Keller plan handbook. New York: W. A. Benjamin, 1974.

Referências

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, v. 1, n. 1, p. 1-14, 1975.

TODOROV, J. C. The K & S in Brazil. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, v. 54, n. 2, p. 151-152, 1990.

TODOROV, M. S. A psicologia na Universidade de Brasília de 1963 a 1987. Brasília: CEDOC/UNB, 1999.

Rachel Nunes da Cunha
Mariza Monteiro Borges



KEMPER, Anna Kattrin *(1905-1978)*

Foi uma das figuras mais controvertidas do cenário psicanalítico carioca. Nascida em 14 de dezembro de 1905, em Brücherhof, na Alemanha, emigrou para o Brasil com o marido e filhos, em 1948, e manteve-se no centro de disputas políticas do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBP) e da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Em 1951, durante os conflitos entre Werner Kemper e Mark Burke no IBP, foi acusada de exercer a função de analista didata, sem a devida qualificação. Posteriormente, na década de 1960, na SPRJ, foi denunciada por irregularidades éticas e técnicas. Sua atuação também foi contraditória: tanto silenciou sobre o passado nazista do marido, como fundou, com Hélio Pellegrino e outros, a Clínica Social de Psicanálise, foco de resistência ao autoritarismo vigente na ditadura militar brasileira.

Polêmica à parte, Kattrin apresentava preocupações com o social, foi a única psicanalista que logrou organizar cursos para mães e terapias de grupo para casais, nos primeiros anos da Psicanálise, no Rio de Janeiro. Criticava os colegas por se apegarem excessivamente à técnica e defendia o convívio com os analisandos. Batalhava pela prática da Psicanálise por profissionais não médicos, mas, contrariando sua própria condição – entrara no país como grafóloga, sem portar diploma superior –, advogava a necessidade da formação universitária. Para ela, o fundamental era que todo psicanalista tivesse sido "profundamente analisado para ser capaz de revivenciar - e isso quer dizer sentindo, não intelectualizando os problemas do cliente" (Sério, 1998, cap. 5.2.1).

Na SPRJ, os opositores centralizaram as acusações no exercício ilegal da Psicanálise, pelo fato de Kattrin não comprovar a sua qualificação como didata, segundo as normas da International Psychoanalytical Association (IPA), que tratou de corrigir a falta: mesmo sem investigar o que, de fato, aconteceu na sua filiada alemã durante a Segunda Guerra Mundial, atestou que Kattrin passara por "um treinamento inteiramente adequado em Psicanálise freudiana em Berlim" (Relatório do Site Visit Committee da IPA, 27/4/62, p. 4, apud Sério, 1998, cap. 5.2.1). A ficha oficial da SPRJ qualifica-a como Psicóloga formada em Psicanálise pela Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft (DPG), a partir de 1943, com especialização em análise infantil, em 1946 (Sério, 1998, cap. 5.2.1). Acontece que, desde 1938, a DGP estava incorporada ao Instituto Göring, responsável pela política de saúde mental da Alemanha nazista.

Separada do marido, Kattrin desligou-se oficialmente da SPRJ, em 1970, e vinculou-se ao Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, que seguia as orientações de Igor Caruso, do Círculo de Viena. Com Hélio Pellegrino, organizou os Encontros Psicodinâmicos, cujas experiências deram origem à Clínica Social de Psicanálise. Essa instituição notabilizou-se pelas práticas liberalizantes de Psicanálise, no período de plena vigência da ditadura militar no Brasil.

Referências

COIMBRA, C. Os guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre". Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo "Farrapos": a trajetória da SPRJ: instituição e poder. 1998. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

VIANNA, H. B. Não conte a ninguém... contribuição à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

Taeco Toma Carignato

KEMPER, Werner Walter *(1899-1975)*

Nascido em 6 de agosto de 1899, em Hilgen, Alemanha, Werner Walter Kemper lutou na Primeira Guerra Mundial e, liberado, foi estudar Medicina em Marburg. Formou-se, em 1923, trabalhando em clínicas ginecológicas, onde utilizou hipnose em partos difíceis. O fracasso dessas experiências levou-o a ler obras de Freud.

Em 1928, ingressou no Instituto Psicanalítico de Berlim, foi aceito como associado da Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft (DPG) em 1932. Essas entidades foram incorporadas pelo Instituto Göring, em 1936. Kemper ingressou na policlínica do instituto, em 1938, sendo seu diretor de 1942 a 1945. Após a guerra, atuou na organização de três institutos antes de emigrar com a família para o Brasil, em 1948.

Ernest Jones, presidente da International Psychoanalytical Association (IPA), ao ser solicitado para indicar didatas dispostos a trabalhar no Rio de Janeiro, escolheu Mark Burke e Werner Kemper. Empenhado na restauração das sociedades psicanalíticas alemãs e na expansão do freudismo, além das fronteiras europeias, Jones não se preocupou com as posições políticas assumidas pelos seus indicados durante a guerra, que terminara recentemente. Assim, enviou para atuar juntos, na formação de psicanalistas do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBP), um judeu polonês radicado em Londres e um ex-diretor do Instituto Alemão de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia, criado por Matthias Göring, primo do marechal Hermann Göring, primeiro-ministro hitlerista e chefe da Gestapo.

No Rio de Janeiro, Kemper envolveu-se em escândalos na comunidade psicanalítica carioca, não pela colaboração com o nazismo, mas por disputas, junto com a mulher, Anna Kattrin, pelo

poder nas instituições em que trabalhou. O primeiro confronto foi com Burke e terminou com a saída de Kemper que, com seu grupo, fundou o Centro de Estudos Psicanalíticos, em 1951, e a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) em 1953. Burke, seu opositor no IBP, retornou a Londres no mesmo ano. Em 1955, a SPRJ foi reconhecida pela IPA.

Kemper participou de outra crise, nos anos de 1960, agora na SPRJ. Começou com acusações de colegas contra irregularidades éticas e técnicas cometidas por Kattrin. O trabalho simultâneo de Psicanálise individual e Psicoterapia grupal, da analista, contrariou alguns colegas, gerando confronto. Werner e Kattrin usaram e abusaram de manobras regimentais para manter suas posições, e a crise levou à intervenção da IPA. Kemper foi acusado de nazista, mas seu passado continuou velado até surgir novo escândalo, quando seu ex-analisando, Leão Cabernite, presidente da SPRJ, tentou acobertar as atividades de tortura de Amílcar Lobo Moreira da Silva, aluno da instituição.

Nos anos 1980, os historiadores alemães revelaram a colaboração de Kemper com o nazismo, provocando fortes manifestações de repúdio. Contudo, no Rio de Janeiro, Kemper mostrou toda a ambiguidade de sua formação. Ao lado de posições autoritárias, defendia a teoria e a técnica imbuídas de preocupações sociais. Fazia um trabalho preventivo e profilático, dando ênfase às atuações de profissionais diversos, como professores, pedagogos, assistentes sociais e juristas. Sua orientação na formação de psicanalistas provinha do modelo de ensino da DPG.

Separado de Kattrin, retornou à Alemanha em 1967. Faleceu em 27 de setembro de 1975.

Publicações

KEMPER, W. W. A indicação para psicoterapia nas neuroses. In: CURTIUS, O. (ed.). Psicoterapia na prática ou apanhado geral. Dusseldorf: Knorsch, 1938.

KEMPER, W. W. A psicanálise como fator cultural. Cultura, v. 2, n. 4, p. 23-37, 1951.

KEMPER, W. W. A situação hoje da psicoterapia. In: CONGRESSO de Psiquiatria e Neurologia Alemãs, 1948, Marburg.

KEMPER, W. W. Análise do ensino da psicanálise: histórico; situação atual; deficiências; modificações propostas. In: CONGRESSO Psicanalítico Latino-Americano, 2., 1958, São Paulo. Relatório Oficial... São Paulo: [s.n.], 1958.

KEMPER, W. W. Comparação crítica entre os resultados terapêuticos psiquiátricos e psicanalíticos. Revista Brasileira de Medicina, v. 23, n. 1, jan. 1966.

KEMPER, W. W. Comunicação extraverbal e situação analítica. In: CONGRESSO Latino-Americano de Psicoterapia De Grupo, 4., jul. 1962, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: [s.n.], 1962.

KEMPER, W. W. Da hipnose à medicina psicossomática. Brasil-Médico, v. 72, n. 1/4.

KEMPER, W. W. Escolha do órgão e medicina psicossomática. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, n. 3, p. 175-196, jul./ago./set. 1957.

KEMPER, W. W. Escolha do órgão e medicina psicossomática. Revista Brasileira de Psiquiatria, 1954.

KEMPER, W. W. Nuevas contribuciones filogeneticas a la psicologia de la mujer. In: CONGRESSO Psicanalítico Latino-Americano, 5., feb. 1964, México, Anais... México: [s.n.], 1964.

KEMPER, W. W. O fator psicógeno em medicina. Revista da Associação Médica de Minas Gerais, v. 7, n. 3/4, p. 1955-171, set./dez. 1956.

KEMPER, W. W. Relatório de Werner Kemper sobre a sua detenção durante uma análise didática e sobre seu presumível pano-de-fundo. 4 out. 1955.

KEMPER, W. W. Sobre a prescrição de analgésicos contra as dores de cabeça. Revista Brasileira de Medicina, v. 15, n. 1, jan. 1958.

KEMPER, W. W. The manifold possibilities of therapeuthic evaluation of dreans. The International

Journal of Psycho-Analysis, Londres, v. 39, parte 4, 1958.

KEMPER, W. W. Trabalho psico-higiênico na Alemanha e, em especial, em Berlim. In: AS BASES conceituais da psico-higiene e seus objetivos. Suíça: [s.n.], 1949.

Referências

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo "Farrapos": a trajetória da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

Taeco Toma Carignato



KHOURI, Yvonne Gonçalves *(1923-2013)*

Nasceu em 19 de dezembro de 1923, em São Paulo, capital. Formou-se na Faculdade de Saúde Pública da USP, em 1945, e graduou-se na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, em 1953. Concluiu o curso de especialização de Psicologia Clínica, na PUC- -SP, em 1959. Obteve o registro de Psicólogo, logo após a regulamentação da profissão, em 1962, nº 625, dado pelo MEC pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, em 1975, recebendo a inscrição CRP/06 - 1042. Concluiu o doutorado em Psicologia da Educação na PUC-SP, com a tese Estudo da personalidade de pré-escolares de diferentes status socioeconômicos, mediante o teste Z, em 1974. Organizou e deixou como referência o livro Psicologia escolar, publicado em 1984.

Destaca-se na trajetória profissional de Yvonne Khouri o compromisso com as questões sociais brasileiras, como Psicóloga na Secretaria da Educação da Prefeitura de São Paulo, como professora na PUC de São Paulo e como participante ativa no Sistema Conselhos de Psicologia.

No final dos anos 1950, assumiu a chefia do Setor de Psicologia Clínica e, em 1967, a da Seção de Psicologia Clínica no Departamento de Assistência Escolar da Secretaria de Educação do município de São Paulo. Acompanhou as

transformações da escola pública, o aumento dos índices de reprovação de alunos na 1ª série e o aumento dos encaminhamentos para atendimento psicológico.

Em 1974, realizou um levantamento, envolvendo crianças atendidas nas Clínicas, pais e professores. No ano seguinte, realizou a pesquisa Avaliação do desenvolvimento intelectual de alunos de 1ª série do ensino de 1º grau da PMSP e suas relações com o fracasso escolar. Os estudos resultaram na proposta, aceita pela Secretaria da Educação, do Projeto Piloto de Psicologia Escolar, instalado ainda em 1975. Um projeto pioneiro. Um desafio, pois confrontava o encaminhamento dado pela Psicologia, à época.

Em 1978, fundou e presidiu a Associação dos Psicólogos da Prefeitura (APP), valorizando o encontro dos psicólogos para a discussão crítica do seu trabalho. Aposentou-se em 1979.

Como professora na PUC-SP, cargo que ocupou, desde 1963, no Centro de Educação, assumiu por duas gestões sua direção e a função de representante no Conselho Universitário. No período de 1977 a 2000, chefiou o Departamento de Tecnologia da Educação, foi professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Currículo, participou do Programa de Avaliação Institucional e coordenou a Comissão de Avaliação Institucional.

Durante as décadas de 1980 e 1990, participou, ativamente, do Sistema Conselhos, atuando tanto no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo quanto no Conselho Federal de Psicologia. Assumiu a presidência do CRP-SP, em um período de importantes realizações para a organização política da categoria, como a realização do I Congresso Nacional de Psicologia (I CNP). Participou do planejamento e realização das três versões do "Encontro de Psicólogos da Área da Educação", nos anos de 1981, 1982 e 1983. Teve papel fundamental na publicação, em 1986, do livro Psicologia no ensino do 2º grau: uma proposta emancipadora, elaborado pela Comissão de Ensino do CRP-SP e Sindicato dos Psicólogos do estado. No Conselho Federal de Psicologia, foi membro da Câmara de Educação e Formação Profissional, onde realizou um levantamento sobre a prática do psicólogo, resultando no livro Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação, publicado em 1994.

Mais do que a sua produção profissional e acadêmica, destaca-se a sua figura humana, simples, sempre solidária e profundamente envolvida na defesa dos direitos dos setores menos privilegiados da população. Faleceu em São Paulo, capital, no dia 23 de janeiro de 2013.

Publicações

KHOURI, Y. G. (Org.) Psicologia escolar. São Paulo: EPU, Coleção Temas Básicos de Psicologia, 1984. v. 1.

KHOURI, Y. G. Aspectos do desenvolvimento intelectual de crianças pertencentes a níveis socioeconômicos diferentes. In: KHOURI, Y. G. (Org.) Psicologia escolar. São Paulo: EPU, Coleção Temas Básicos de Psicologia, 1984. v. 1, p. 45-54.

KHOURI, Y. G. Disciplina X antidisciplina. In: D'ANTOLA, A. (Org.). Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, Coleção Temas Básicos de Educação e Ensino, 1989. p. 41-48.

KHOURI, Y. G. Estudos da personalidade de pré-escolares de diferentes status socioeconômicos, mediante o teste Z. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1974.

KHOURI, Y. G. et al (Org). Psicologia do ensino do 2º grau: uma proposta emancipadora. São Paulo: Edicon/CRP- SP/SPESP, 1986.

KHOURI, Y. G. O autoritarismo na relação professor-aluno. In: KHOURI, Y. G. (Org.) Psicologia escolar. São Paulo: EPU, Coleção Temas Básicos de Psicologia, 1984. v. 1, p. 74-79.

KHOURI, Y. G. Saúde mental, educação e escola. In: D'ANTOLA, A. (Org.) Supervisão e currículo: rumo a uma visão humanista. São Paulo: Pioneira, 1983. p. 3-9.

Referências

ASSOCIAÇÃO DOS PSICÓLOGOS DA PREFEITURA DE SÃO PAULO. Anais do I Ciclo de Debates sobre o Atendimento psicológico a Escolares. São Paulo: PMSP/APP, 1978.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 6ª Região. Uma profissão chamada Psicologia – CRP-06, 20 ANOS. São Paulo: CRP06, 1994.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 6ª Região, SINDICATO DOS PSICÓLOGOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Psicologia no ensino do 2º grau: uma proposta emancipadora. São Paulo: Edicon, 1986.

KHOURI, Y. G. (Org.) Psicologia escolar. São Paulo: EPU, Coleção Temas Básicos de Psicologia, 1984. v. 1.

KHOURI, Y. Entrevista. [S.l], 2002. Entrevista concedida à Carmem Silvia R. Taverna.

PRATES, E. F. Os Encontros de Psicólogos da Área de Educação (1980-1982): um projeto de psicologia escolar e educacional em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) –

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

TAVERNA, C. S. R. Um estudo histórico sobre a psicologia escolar na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

Carmem Silvia R. Taverna



KLINEBERG, Otto
(1899-1992)

Nasceu em Quebec, Canadá. Realizou seus estudos em Filosofia e Psicologia na McGill University (Bachelor of Arts, 1919), obteve o Mestrado em Filosofia pela Universidade de Harvard em 1920, formou em Medicina, também pela McGill University, em 1925 e obteve o PhD em Psicologia pela Columbia University em New York, em 1927. Tornou-se professor dessa instituição e, mais tarde, professor visitante da Universidade de São Paulo e da Universidade de Paris - Sorbonne. Por seu trabalho, durante cerca de quarenta anos, nos Estados Unidos, ficou mais conhecido como um psicólogo social americano, muito embora tenha preferido intitular-se, em sua autobiografia, um psicólogo internacional de origem canadense (Klineberg, 1973). Foi pesquisador em vários países: Itália, França, Alemanha, China e Brasil. Realizou estudos na área antropológica com Franz Boas (1929-1931), na tradição culturalista, tendo sido influenciado também por Malinowski e Ruth Benedict.

Em 1935, publicou Race differences, enfatizando que a cultura era um modo de vida totalmente determinado pelo meio ambiente e que as diferenças fundamentais de mentalidades entre as raças eram devidas ao ambiente sociocultural e não às etnias. Seus estudos conduziram-no à afir-

mação de que a Psicologia não tinha justificativa para crer numa hierarquia racial de habilidades. Em Social psychology (1940), analisou a influência dos fatores sociais na natureza humana, as diferenças étnicas, a Psicologia diferencial e a relevância da interação social. O livro (com versão francesa datada de 1957) tornou-se um dos primeiros manuais de Psicologia Social traduzido no Brasil, em 1959.

Aceitou o convite da Universidade de São Paulo para reger, de 1945 a 1947, a cadeira de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Teve uma participação ativa na formação dos primeiros psicólogos de São Paulo, auxiliando-os na criação da Sociedade de Psicologia de São Paulo e na publicação de seus trabalhos científicos.

Entre suas obras publicadas no Brasil, destacam-se: Aspectos psicológicos das relações internacionais (1956), Introdução à psicologia social (1946) e A psicologia moderna (Klineberg et al., 1953). Esta última contou com a colaboração, entre outros, de Aniela Ginsberg, Annita Cabral, Lourenço Filho, Oswaldo de Barros Santos e Durval Marcondes. A partir de seu trabalho de organização dos profissionais, Klineberg tornou-se o terceiro presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo, entidade que ajudou a criar. De suas contribuições para as relações internacionais, mencionam-se: a coordenação de Social implications of the peaceful uses of nuclear energy (1964) e a obra The human dimension of international relations (1964). Agraciado por várias instituições, entre elas: a Society for the Psychological Study of Social Issues (SPSSI), a Columbia University, a Drew University, a Howard University e a Mcgill University, presidiu também, várias entidades, entre as quais a World Federation for Mental Health.

Publicações

KLINEBERG, O. Aspectos psicológicos das relações internacionais. Boletim de Psicologia [da] Sociedade de Psicologia de São Paulo, v. 8, n. 28/30, p. 38-40, 1956.

KLINEBERG, O. et al. A psicologia moderna. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1953.

KLINEBERG, O. Introdução à psicologia social. São Paulo. Boletim da FFCL-USP, 1946.

KLINEBERG, O. Psicologia social. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

KLINEBERG, O. Race differences. New York: Harper & Brothers, 1935.

KLINEBERG, O. Reflections of an international psychologist of canadian origin. International Social Science Journal, v. 25, p. 39-53, 1973.

KLINEBERG, O. Social implications of the peaceful uses of nuclear energy. Belgium: Unesco, 1964.

KLINEBERG, O. Social psychology. New York: Renihart & Winston, 1940.

KLINEBERG, O. The human dimension in international relations. New York: Holt, 1964.

Elizabeth de Melo Bomfim



KOCH, Adelheid Lucy
(1896-1980)

Psiquiatra e psicanalista naturalizada brasileira. Nasceu em Berlim, Alemanha. Primeira psicanalista com formação reconhecida pela International Psychoanalytical Association (IPA) a atuar na América Latina e a exercer a análise didática. Foi a analista didata pioneira do grupo organizado por Durval Marcondes que, em 1951, se tornaria a primeira sociedade psicanalítica latino-americana reconhecida pela IPA: a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Sua participação foi fundamental para a obtenção desse reconhecimento oficial.

As transformações econômicas, sociais e políticas das primeiras décadas do século XX, particularmente, aceleradas em São Paulo, incitaram as angústias e tensões inerentes à instabilidade social. Mobilizaram o desejo de modernidade e a confiança no desenvolvimento científico e tecnológico como expediente para a resolução de problemas humanos. Nesse contexto histórico, o trabalho de alguns entusiastas, do recém-desenvolvido conhecimento psicanalítico, encontrará possibilidade de expansão, apesar de a oposição dos adeptos das teorias organicistas estar dominante na Psiquiatria. Durval Marcondes será o mais importante desses primeiros psicanalistas. Empenhado no desenvolvimento da Psicanálise no Brasil, conhecia o procedimento oficial de formação de psicanalistas empregados pela IPA: análise didática, supervisão de casos clínicos e realização de cursos técnico-teóricos.

Com a intensificação do nazismo e a "arianização" das instituições médicas alemãs, iniciou-se o êxodo de psicanalistas judeus. Nessas circunstâncias, os entendimentos entre Marcondes e Ernest Jones, então presidente da IPA, possibilitaram a vinda, para o Brasil, de Adelheid Koch, autorizada a exercer a função de didata e a formar os primeiros psicanalistas brasileiros.

Judia, Adelheid formara-se psicanalista no Instituto de Berlim. Em julho de 1937, iniciou o trabalho psicanalítico no consultório emprestado por Marcondes, que também arregimentou, no serviço de saúde mental, o primeiro grupo de candidatos a analistas: o próprio Marcondes, Darcy de Mendonça Uchôa, Flávio Dias e Virgínia Bicudo. Dos quatro, apenas os três primeiros eram médicos. Assim, surgia o germe da futura SBPSP, já coerente com as concepções de Freud (1987), que rejeitava a exigência de formação médica como pré-requisito para a formação psicanalítica. Em seguida, a SBPSP pôde manter-se aberta à formação de profissionais de outras categorias, entre os quais os psicólogos. Nos momentos iniciais do grupo que viria a constituir a SBPSP, e também posteriormente, a atividade de Adelheid foi fundamental, ao receber, em formação, inúmeros psicanalistas importantes de São Paulo. Além de sua contribuição na formação de analistas, Adelheid ajudou Marcondes e os outros membros do grupo a conquistar credibilidade científica para a Psicanálise, através da divulgação do conhecimento psicanalítico, junto aos meios acadêmicos e à sociedade leiga, como nos lembra Sagawa (1994). O esforço de introdução da Psicanálise no Brasil, a despeito dos méritos do grupo que o empreendeu, suscita uma reflexão sobre a dependência do campo psicanalítico brasileiro, da legitimação pelos centros dos países economicamente mais desenvolvidos. Porém, esse é apenas mais um

caso a ser considerado, no âmbito da questão da condição de dependência da produção brasileira de conhecimento.

Referências

BRUNO, C. A. N. B. Psicanálise e movimento estético. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

FREUD, S. A questão da análise leiga. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 20. Título Original: Die Frage der Laienanalyse.

LOBO, R. As mudanças históricas e a chegada da Psicanálise ao Brasil. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MONTAGNA, P. Psicanálise e psiquiatria, São Paulo. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

OLIVEIRA, C. L. M. V. de. A implantação do movimento psicanalítico na cidade de São Paulo. 2000. Texto debatido em um dos grupos dos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em: http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/CarmenLuciaValadares.htm. Acesso em: 10 fev. 2001.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAGAWA, R. Y. A história da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

SAGAWA, R. Y. A psicanálise pioneira e os pioneiros da psicanálise em São Paulo. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). Cultura da Psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SAGAWA, R. Y. Os inconscientes no divã da história. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SAGAWA, R. Y. Redescobrir as psicanálises. São Paulo: Lemos, 1992.

Raul Albino Pacheco Filho



LANE, Sílvia Tatiana Maurer *(1933-2006)*

Sílvia Tatiana Maurer Lane nasceu em São Paulo, no Estado de São Paulo, Brasil, em uma família de origem suíço-alemã (por parte do pai) e eslava (por parte da mãe). A convivência com o pai, professor universitário, e o tio, especializado em filologia, parece ter despertado nela o gosto pelo trabalho intelectual. A mãe, marcada pela experiência da 1ª Guerra Mundial, na Lituânia, transmitiu-lhe o horror à violência e à guerra, e o compromisso com a humanização e melhoria da qualidade de vida das pessoas. Formou-se em Filosofia na Universidade de São Paulo, SP, em 1956, e lá teve professores intelectuais como João Cruz Costa (1904-1978), Antonio Cândido de Mello e Souza (1918-2017), Gilda Mello e Souza (1919-2005), Dante Moreira Leite (1927-1954), Carolina Martuscelli Bori (1924-2004) e Annita de Castilho e Marcondes Cabral (1911-1991). Annita ensinou-lhe as primeiras lições de Psicologia, através da leitura da obra do psicólogo alemão Kurt Koffka (1886-1941). Na faculdade, entre 1952 e 1956, Sílvia Lane envolveu-se nas atividades do Centro Acadêmico estudantil, e interessou-se por questões ligadas à psicologia da linguagem, segundo Sawaia (2002), especialmente as diferenças no significado das palavras para grupos sociais diversos, tema que escolheu para desenvolver em sua tese de Doutorado, defendida em 1972, sob a orientação de Aniela Meyer Ginsberg (1902-1986). Em 1955, obteve bolsa de estudos para estudar psicologia durante um ano no Wellesley College, nos Estados Unidos, onde conheceu o trabalho do psicólogo social Solomon Asch (1907-1996). Após obter o bacharelado e a licenciatura em Filosofia, em 1956, foi Assistente de Pesquisa da Divisão Educacional do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, entre 1956 e 1960, chegando a ocupar o cargo de diretora da Divisão no período 1959-1960. Iniciou a carreira docente em 1957 como professora de Psicologia Geral na Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha de São Paulo e em 1965, a convite de Maria do Carmo Guedes (1934-), tornou-se professora de Psicologia Social e da Personalidade na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Após a defesa da tese de Doutorado, em 1972, promoveu junto com seus colegas a instalação do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social na mesma universidade, o segundo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social a ser estabelecido no Brasil, e iniciou a trajetória de pesquisadora na área, orientando dez dissertações de Mestrado e vinte e duas teses de Doutorado. A partir dessa época participou ativamente da ALAPSO (Associação Latino-americana de Psicologia Social), cuja diretoria integrou entre 1977 e 1980, e da Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP).

Foi no congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia, em 1979, em meio às discussões sobre a chamada "crise" da Psicologia, em especial da Psicologia latino-americana, considerada pouco relevante na solução dos problemas sociais e políticos da região, que foi aprovada recomendação sugerindo a criação de associações nacionais de Psicologia Social, visando focalizar a realidade de cada país e incentivar o intercâmbio de pesquisadores e estudiosos. Sensibilizada com a ideia, Lane propôs a criação de uma Associação Brasileira de Psicologia Social, a ABRAPSO, du-

rante a 32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em julho de 1980, e foi sua primeira Presidente. A ABRAPSO passou a ser, a partir dessa época, o principal fórum de discussão e divulgação da pesquisa em Psicologia Social feita no Brasil, voltada para o conhecimento das condições psicossociais da população brasileira, e para o debate sobre as práticas transformadoras de que Sílvia era uma das principais incentivadoras.

No início dos anos de 1980 realizou, junto com a colega Maria do Carmo Guedes, visita a diversas universidades latino-americanas (Colômbia, Cuba, Equador, México, Peru, Venezuela), com o objetivo de conhecer projetos de intervenção psicossocial inspirados em ideais de conscientização e emancipação de grupos sociais oprimidos. A partir dessas visitas, Lane e Guedes lideraram uma rede de psicólogos engajados na construção de uma abordagem em Psicologia Social com contribuições à transformação social na América Latina (Guedes, 2007).

Também nessa época, Sílvia Lane inicia as publicações que a tornaram internacionalmente reconhecida por sua proposta original para uma agenda para a Psicologia Social latino-americana e brasileira, ao mesmo tempo crítica, teoricamente bem fundamentada e voltada para a práxis transformadora. A primeira dessas publicações foi o volume O que é Psicologia Social (1981). Esse pequeno trabalho despertou tanto interesse que logo em seguida Sílvia organiza, juntamente com o orientando e colega Wanderley Codo, a coletânea Psicologia Social: o Homem em Movimento (Lane; Codo, 1984). No livro, Lane critica a Psicologia como ciência positivista, que trata do indivíduo abstrato, que apenas responde aos estímulos ambientais como um autômato, e propõe considerar que "o ser humano traz consigo uma dimensão que não pode ser descartada, que é sua condição social e histórica", sendo também dotado de "criatividade, o poder de transformação da sociedade por ele construída" (Lane, 1984, p. 12). Esse discurso aponta a crítica à ideologia da adaptação, que perpassava a Psicologia produzida nas duras condições da ditadura militar no Brasil, e também a sensibilidade para a busca da transformação das precárias condições de vida das classes populares no país. O desejo de Lane é construir uma Psicologia Social que focalize a busca de soluções para as questões sociais de seu tempo, através do conhecimento concreto das condições de vida e da realidade psicossocial da população brasileira, especialmente das classes de baixa renda. Sua proposta baseia-se em uma leitura materialista e histórica da dialética do concreto como síntese de múltiplas determinações, nas lições de Jean Piaget (1896-1980) e da Psicologia sócio-histórica soviética, especialmente Lev Semionovith Vigotski (1896-1934) e Alexei Leontiev (1903-1979). A coletânea tornou-se logo um best-seller, sendo reeditada várias vezes e utilizada em cursos de graduação e pós-graduação nas universidades, evidenciando sua receptividade no seio da comunidade dos psicólogos sociais brasileiros. A essas publicações seguiram-se muitas outras, em que Lane aprofundou a perspectiva de análise proposta, sempre insistindo na necessidade de ampliar o raio de visão do psicólogo, incorporando conhecimentos socioantropológicos, e a metodologia ativa e participante. Entre essas publicações destacam-se Novas Veredas em Psicologia Social, organizado junto com Bader Sawaia (Lane; Sawaia, 1995); Arqueologia das Emoções, organizado junto com Yara Araújo (Lane; Araújo, 2000); e os capítulos "Histórico e Fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil", elaborado para a coletânea Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia (Lane, 2006) e "A Psicologia Social na América Latina: por uma ética do conhecimento", elaborado para a coletânea Paradigmas em Psicologia Social para a América Latina, organizada por Regina H. F. Campos e Pedrinho Guareschi (Lane, 2002). O texto sobre a Psicologia Comunitária foi escrito

quando Sílvia liderava o Grupo de Trabalho em Psicologia Comunitária da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia). O capítulo sobre a Psicologia Social na América Latina revisita um tema caro a Lane: os rumos da Psicologia Social em nosso subcontinente, e foi lido quando de sua participação no Colóquio Internacional: Paradigmas em Psicologia Social para a América Latina, realizado durante o Encontro Nacional da ABRAPSO em 1997, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Neste último texto, Lane desenvolve um tema que a preocupava especialmente nos últimos anos: a questão da ética do conhecimento. Em entrevista concedida à revista Psicologia e Sociedade, em 1995, ela reafirmava a convicção sobre a necessidade de democratizar o saber, em nossa sociedade profundamente desigual e excludente. Para ela, a aceitação das diferenças, a luta contra o preconceito e a discriminação dependiam dessa democratização, isto é, da presença do intelectual fora dos muros da academia, atuando e interagindo com os grupos sociais. E isto deveria ser feito:

[...] abrindo esse espaço para todo mundo, para quem quiser aprender e mais: fazendo o esforço de falar a linguagem de todo o mundo. Transmitir nosso saber numa linguagem do cotidiano. É um desafio. Mas é uma briga entre o poder autoritário e o poder democrático. Acho que esta é a questão fundamental da academia (Lane, 1995, p. 9).

Parte dos estudos que teriam marcado a construção, por Sílvia Lane, de uma psicologia social voltada à nossa realidade, são resultado de viagem realizada no início dos anos 1980 por seis capitais da América Latina. A viagem revelou-se rica oportunidade para conhecer de perto projetos voltados para o empoderamento e emancipação de populações submetidas a diversos tipos de opressão e exploração.

A abordagem à Psicologia social proposta por Lane, por ela denominada Psicologia crítica sócio-histórica, caracteriza-se por considerar a dialética sociocultural como constitutiva do ser humano, ao mesmo tempo enfatizando a força transformadora e criadora da consciência. De inspiração marxiana, e de mãos dadas com a Psicologia da Libertação de Martin-Baró, essa perspectiva de análise dos processos psicossociais baseia-se na indissociabilidade entre a teoria, a metodologia e a prática transformadora. Para Lane, toda a Psicologia seria social, já que o ser humano se constitui no social, sendo produto e produtor da história, a partir do domínio dos instrumentos de trabalho e do desenvolvimento da fala. Assim, os objetos de estudo da Psicologia Social devem ser a linguagem e o grupo, pois é a partir desses dois processos que o ser humano encontra a sua identidade. A metodologia a ser utilizada deve ser "participativa e qualitativa", visando "conhecer as pessoas, seus problemas e emoções e potencializá-las à emancipação" (Lane, 1984, p. 19). Essa ideia de que o conhecimento leva necessariamente à ação transformadora, à práxis, em busca de uma vida mais plena e satisfatória em termos éticos atravessa toda a obra de Lane na área da Psicologia Social, e é a marca que a distingue.

Em 2007, um grupo de parceiros, colegas e estudiosos da obra de Sílvia Lane, liderado pelas editoras convidadas Bader Burihan Sawaia, Maria Helena Coelho e Ana Maria Jacó-Vilela, organizou um volume especial do periódico Psicologia e Sociedade, da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) em homenagem à autora. Nesse número, em que Sílvia é lembrada como a "psicóloga da ação política" (Sawaia; Coelho; Jacó-Vilela, 2007, p. 6), os autores recordam memórias da psicóloga, destacam sua proposta de contribuir na construção de uma psicologia voltada para os problemas concretos da realidade brasileira e latino-americana, e sua contribuição teórica e prática ao desenvolvimento de uma abordagem original no contexto da Psicologia

Social contemporânea (Sawaia; Coelho; Jacó-Vilela, 2007).

Publicações

LANE, S. T. M. O que é Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LANE, S. T. M ; CODO, W. (Orgs) Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs.) Novas Veredas em Psicologia Social. São Paulo: EDUC/ Brasiliense, 1995.

LANE, S. T. M. Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.) Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996.

LANE, S. T. M. Parar para pensar...e depois fazer. Psicologia e Sociedade, v. 8, n. 1, p. 3-15, jan/ jun., 1996.

LANE, S. T..M.; ARAÚJO, Y. Arqueologia das Emoções. Petrópolis: Vozes, 2000.

LANE, S. T. M. A Psicologia Social na América Latina: por uma ética do conhecimento. In: CAMPOS, R. H. F.; GUARESCHI, P. (Orgs.) Paradigmas em Psicologia Social – a perspectiva latino-americana. Petrópolis: Vozes, p. 58-69, 2002, 2ª. ed.

Referências

CAMPOS, R. H. F. (Org.) Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996.

CAMPOS, R. H. F.; GUEDES, M. C. Sílvia Tatiana Maurer Lane (1933-2006) e a ética do conhecimento. Memorandum – Memória e História da Psicologia, v. 10, 158-161, 2006. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6741. Acesso em: 09 out. 2022.

GUEDES, M. do C. A viagem histórica pela América Latina. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. spe2, p. 39-45, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500017. Acesso em: 09 out. 2022,

NOVO, H. A.; FREITAS, M. de F. Q. de. A guerreira Sílvia Lane e suas lições de "paciência histórica": um depoimento emocionado. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. spe2, p. 31-36, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500015. Acesso em: 09 out. 2022.

REY, F. L. G. Encontro da psicologia social brasileira com a psicologia soviética. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. spe2, p. 57-61, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500019. Acesso em: 02 jul. 2021.

SAWAIA, B. B. Sílvia Lane. Rio de Janeiro: Imago; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002. (Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira).

SAWAIA, B. B.; PURIN, G. T. (Orgs). Sílvia Lane – Uma obra em movimento. São Paulo: EDUC, PIPEq-PUC-SP, 2018.

SAWAIA, B. B.; COELHO, M. H.; JACÓ-VILELA, A. M. A psicóloga da ação política. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. spe2, p. 6, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500002. Acesso em: 09 out. 2022.

Regina Helena de Freitas Campos



LANGER, Marie
(1910-1987)

Psicanalista austríaca de Viena, naturalizada argentina, nascida em Marie Glas. Descendente de família da burguesia judaica assimilada, formou-se médica nos anos 30, ingressando, à época, no Partido Comunista Austríaco e no Instituto de Psicanálise de Viena. A ascensão do nazismo incompatibiliza essa dupla inserção; em 1936, abandona a carreira analítica e parte para a Espanha, reunindo-se às Brigadas Internacionais. A derrota da Espanha Republicana e o avanço nazista a levam a exilar-se no Uruguai e, em 1942, a radicar-se em Buenos Aires, onde se torna membro-fundador da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Durante duas décadas, dedica-se predominantemente à Psicanálise, embora seus livros (Maternidad y sexo, 1951; Psicoterapia de grupo, 1957) e seu papel na criação da Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo (1955) indiquem que continua a enfatizar os vínculos entre as dimensões subjetiva e sócio-histórica.

Suas primeiras visitas ao Rio de Janeiro, acompanhada de outros membros da APA, ocorrem em 1945 (Congresso de Psicossomática) e 1946 (I Congresso Interamericano de Medicina). A partir de então, brasileiros como Danilo e Marialzira Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira irão realizar formação analítica em Buenos Aires.

A militância reassume primeiro plano, desde 1969, quando Mimi – como era carinhosamente chamada – filia-se à "Plataforma Internacional", movimento questionador da ideologia, pretensamente, neutralista da formação e prática psicanalíticas. Adere, então, à Federação Argentina de Psiquiatras (FAP), desenvolvendo atividades no campo da saúde mental e, finalmente, renuncia à APA e à International Psychoanalytical Association, enquanto membro do grupo "Plataforma Argentino" (1971).

No início da década de 1970, preside a FAP e participa do Centro de Docência e Investigação, que aglutina psiquiatras, psicólogos, pedagogos e assistentes sociais, como trabalhadores em saúde mental, oferecendo-lhes uma formação, na qual confluem Psicanálise e Marxismo. Dirige, na Granica, a coleção Izquierda Freudiana, em que são editadas, com textos dos integrantes de "Plataforma" e de "Documento" - outro grupo de analistas rompido com a APA -, as coletâneas Cuestionamos e Cuestionamos 2. Essa última torna pública, pela primeira vez, a denúncia do envolvimento do psicanalista carioca Amílcar Lobo com os organismos de repressão. Após o breve período de redemocratização argentina (1973-1974), quando se torna professora de Psicologia Médica da Universidade de Buenos Aires, Mimi é obrigada a exilar-se no México, em decorrência de ameaças da Aliança Anticomunista Argentina. Naquele país, colabora com a Universidade Autônoma Metropolitana como professora de Psicologia Clínica, supervisiona o Centro de Integração Juvenil e lidera ações de solidariedade a vítimas do terrorismo estatal. A partir de 1981, integra a equipe que apoia a revolução sandinista, oferecendo assessoria e assistência para a renovação do aparato de saúde mental nicaraguense. Tantas atividades em favor da liberdade a tornaram a primeira psicanalista eleita para o comitê-presidente da Casa de las Américas (1985). Ali, contribuiu para a organização do I Congreso de Psicologia Marxista

y Psicoanálisis (Havana, 1986), do qual chegou a participar, embora, enferma, vindo a falecer em Buenos Aires, em dezembro de 1987, em decorrência de câncer pulmonar. A seu pedido, foi velada no Movimento Solidário de Saúde Mental de Buenos Aires, organismo de assistência e defesa dos direitos humanos.

Publicações

LANGER, M. (Org.). Cuestionamos 2. Buenos Aires: Granica, 1973.

LANGER, M. Maternidad y sexo. Buenos Aires: Paidós, 1951.

LANGER, M. Vicisitudes del movimiento psicoanalítico argentino. In: SUÁREZ, A. (Org.). Razón, locura y sociedad. México: Siglo XXI, 1978.

LANGER, M.; BAULEO, A. (Org.). Cuestionamos. Buenos Aires: Granica, 1971.

LANGER, M.; GRINBERG, L.; RODRIGUÉ, E. Psicoterapia de grupo. Buenos Aires: Paidós, 1957.

LANGER, M.; PALACIO, J.; GUINSBERG, E. Memória, história e diálogo psicanalítico. São Paulo: Traço, 1987.

Referências

VOLNOVICH, J. C.; WERTHEIN, S. (Comp.). Marie Langer: mujer, psicoanálisis, marxismo. Buenos Aires: Contrapunto, 1989.

Heliana de Barros Conde Rodrigues

LEÃO, Sebastião Afonso de *(1866-1903)*

Nascido em Porto Alegre (RS), em 20 de janeiro de 1866, faleceu em Porto Alegre (RS), em 10 de fevereiro de 1903. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1888, defendendo a tese intitulada Da intervenção cirúrgica dos traumatismos do cérebro e da medula. Foi nomeado médico da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre em 1889. Iniciou suas atividades como médico legista da Chefatura de Polícia de Porto Alegre (RS), em 1896, exercendo essa profissão junto aos detentos da Casa de Correção.

Em 1897, escreveu um relatório para o então chefe de polícia, Antônio Augusto Borges de Medeiros (1863-1961), futuro presidente do Estado do Rio Grande do Sul, expondo suas teorizações a respeito da gênese da criminalidade. Nesse relatório, intitulado A criminologia moderna, fez uso das teorias de Cesare Lombroso (1835-1909) e Alexandre Lacassagne (1843-1924), contrastando as ideias das escolas de criminologia italiana e francesa. A primeira propunha a existência de um tipo criminoso nato, reconhecível pelos seus traços fisionômicos; a segunda acentuava o papel do meio social na geração dos criminosos. Suas conclusões aproximam-se da escola francesa, pois levam em consideração as origens sociais do crime no Estado do Rio Grande do Sul.

Fundou a Officina de Anthropologia Criminal na Casa de Correção, implantando o sistema de identificação proposto por Alphonse Bertillon (1853-1914) à polícia francesa em 1879. Participou também da fundação da Faculdade de Medicina e Pharmácia de Porto Alegre, em 1898, e da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, em 1900. Foi professor das cadeiras de Phisiologia e Pathologia Interna e Medicina

Legal da Faculdade de Medicina e Pharmácia de Porto Alegre de 1898 a 1903.

Publicou também Subsídios para o estudo clínico da neurastenia, memória científica, premiada pelo Círculo Médico Argentino em 1893. Foi jornalista, historiador e memorialista. Presidiu a Sociedade de Medicina de Porto Alegre e foi um dos fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras em sua primeira fase.

Publicações

LEÃO, S. A. de. A criminologia moderna. Porto Alegre, 1897. Mimeografado.

LEÃO, S. A. de. Da intervenção cirúrgica dos traumatismos do cérebro e da medula. Tese (Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1888.

LEÃO, S. A. de. Subsídios para o estudo clínico da neurastenia. [S.l. : s.n.], 1893.

Referências

HASSEN, M. N. A. Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre: a Faculdade de Medicina faz 100 anos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

MUSEU DA HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: http://www.muhm.org.br. Acesso em: 15 dez. 2015.

PESAVENTO, S. J. Imagens da violência: o discurso criminalista na Porto Alegre do fim do século. Humanas - Revista do IFCH-UFRGS, v. 16, n. 2, p. 109-131, 1993.

PORTO-ALEGRE, Aquilles. Homens ilustres do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917.

Cristina Lhullier
Luiz Osvaldo Leite
William Barbosa Gomes



LEITE, Dante Moreira *(1927-1976)*

Nasceu em Promissão, São Paulo. Cursou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde se doutorou, tornando-se professor livre-docente de Psicologia Educacional. Foi também professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (SP).

Suas primeiras obras tratavam da análise de conceitos morais, preconceitos raciais e patriotismo presentes nos livros didáticos (Leite, 1950). Em 1954, ao apresentar sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo, sob a orientação de Annita Cabral, com o título O caráter nacional do brasileiro, retomou, de certa forma, seus estudos anteriores, procurando desvendar os preconceitos e os estereótipos nos conceitos subjacentes ao caráter nacional presentes na produção literária brasileira. Delineou quatro fases das ideologias do caráter nacional brasileiro: o movimento nativista, o romantismo, a imagem pessimista e a superação da ideologia. A partir da análise intuitiva ou compreensiva de cada autor pesquisado, salientou suas influências recebidas, suas individualidades, seus níveis de descrição e seus traços comuns em relação às características psicológicas atribuídas ao brasileiro.

Leite chegou à conclusão de que as ideias sobre caráter nacional surgiam nos momentos de crise, acompanhavam os movimentos nacionalistas e

suas ideologias representavam não a tomada de consciência de um povo, mas a um obstáculo ao processo de surgimento de um povo na História. Reconheceu que as ideologias do caráter nacional brasileiro seguiam, bem de perto, as doutrinas europeias, e mais, que a superação da fase ideológica do caráter nacional não se deu repentinamente, mas foi construída ao longo dos anos por autores como Manoel Bomfim, Eduardo Frieiro, Otto Klineberg e Roger Bastide. Atacando os mitos e os preconceitos existentes na produção de uma elite intelectual, Leite travou um debate teórico com autores como Sílvio Romero, Oliveira Vianna e Viana Moog.

Em Psicologia diferencial (1966), Leite tratou das diferenças psicológicas, salientando que, do ponto de vista moral, todos os indivíduos são basicamente iguais e merecedores das mesmas oportunidades e direitos. Suas publicações Psicologia e literatura (1959), um ensaio analítico de obras literárias para adultos; O amor romântico e outros temas (1964), coletânea de vários textos selecionados pelo autor; Personalidade: manual para o seu estudo (1967) e O desenvolvimento da criança (1972) são destaques na obra de um autor, cuja significativa produção, publicada entre 1950 e 1976, foi marcada não só por livros e artigos, mas também pelo relevante trabalho de tradução de dezenas de manuais estrangeiros. Dados de sua vida particular tornaram-se públicos em Correspondência: registros de uma convivência intelectual (1996), nesta publicação, havia cartas enviadas ao escritor amigo Jorge Sena, colega na Universidade de Araraquara. Esse convívio, de vários anos, motivou um convite para um curso de verão na Universidade de Michigan, Chicago, em 1967.

Publicações

LEITE, D. M. Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros. Psicologia - Boletim da Fac. Fil. Ciênc. Letras-USP, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 175-206, 1950.

LEITE, D. M. O amor romântico e outros temas. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.

LEITE, D. M. O caráter nacional do brasileiro. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1959.

LEITE, D. M. O desenvolvimento da criança. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.

LEITE, D. M. Personalidade: manual para o seu estudo. São Paulo: Ed. Nacional, 1967.

LEITE, D. M. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos. Psicologia - Boletim da Fac. Fil. Ciênc. Letras-USP, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 207, 1950.

LEITE, D. M. Psicologia diferencial. São Paulo: Dominus, 1966.

LEITE, D. M. Psicologia e literatura. São Paulo: Ed. Nacional, 1959.

LEITE, D. M.; SENA, J. Correspondência: registros de uma convivência intelectual. Campinas: Unicamp, 1996. Obra póstuma.

Elizabeth de Melo Bomfim



LEITE, Octávio Soares
(1929-1991)

Graduou-se em Filosofia (1946) pela Faculdade Nacional de Filosofia, Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); cursou pós-graduação lato sensu em Londres (1950), com o lógico Ayer (Sir Alfred Jules). Em 1974, no Instituto de Psicologia da UFRJ, concluiu o doutorado e fez exame de livre-docência com tese sobre feminização de camundongos, intitulada O efeito do stress no comportamento sexual.

Um dos primeiros membros do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para ele a Psicologia somente poderia instituir-se como ciência se perfilhasse a teoria, os modelos e métodos da Física. Seus artigos teóricos semeiam os princípios do "behaviorismo lógico", os experimentais, a dependência dos comportamentos, das "bases biológicas". Em 1958, no Boletim do Instituto de Psicologia, n. 1-2, discute a necessidade de "revalidação do conceito de instinto para os estudos comportamentais". Nos n. 3-4, os "fundamentos do behaviorismo lógico".

Demonstra interesse pelo problema teórico da linguagem; discute as instâncias em que "o critério neopositivista de significado" levanta problemas (n. 5-6). É também pioneiro, entre nós, na área dos "estudos sobre a mente": expõe as concepções básicas de B. Russell relativas à "natureza da mente e do mental" (n. 7-8 do referido Boletim); logo após, (n. 9-10), apresenta o texto sobre "epistemologia genética e as relações entre a lógica, a linguagem e a ação". Esse texto antecipa, em termos teóricos, os estudos experimentais sobre o assunto, hoje, em voga, no Estado do Rio de Janeiro.

Foi um dos pioneiros, entre nós, a propor a obra de Carl Gustav Jung, como alternativa a Sigmund Freud, a quem criticava sob o ponto de vista neopositivista. Assim, na década de 1960, direciona suas baterias neopositivistas contra os fundamentos teóricos da Psicanálise; grande parte dos artigos dessa época é, por isso, dedicada à exposição da teoria da polaridade extroversão/introversão e da ansiedade/histeria; coerentemente, mostra a aplicabilidade da "teoria da aprendizagem" ao descondicionamento da ansiedade (introversão) e da histeria (extroversão); chega mesmo a aplicar, experimentalmente, técnicas (inibição recíproca, resposta assertiva) que, a partir do final dos anos 1960, viriam a constituir, entre nós, a base metodológica da chamada corrente comportamentalista. Apesar de sua crítica à Psicanálise, ressalta, na conclusão de suas pesquisas experimentais da personalidade, que a aplicação da análise fatorial aos dados de investigação experimental da personalidade redundara na "(...) surpreendente descoberta de que três fatores de terceira ordem obtidos correspondiam, nada mais nada menos, às categorias de Id, Ego e Superego de Freud" (n. 1-2- 3, 1966).

Na década de 1970, Octávio Soares Leite postula as bases neurobiológicas de uma forma rara de gênero sexual: o transexual, algo, então, totalmente alheio à Academia. Em 10/9/1968, apresenta - e o faz na Academia Brasileira de Ciências - os resultados iniciais de seus estudos experimentais com camundongos, para mostrar as bases neurobiológicas do transexual. Desse modo, a Academia toma conhecimento de que

"o estressamento provoca atrofia dos testículos em camundongos", com a consequente "feminização" dos roedores, que então apresentam "características de hipersexualidade".

Octávio Soares Leite escreveu, sobretudo, artigos; sua produção científica e atividade acadêmica foram prolíficas, originais e, como visto, pioneiras. Motivaram a criação de novos "cursos de formação de psicólogo" e lhe abrilhantaram os cursos ministrados. Influiu, assim, na formação de parte significativa da atual geração de professores e de profissionais de Psicologia, no Estado do Rio de Janeiro, personagens que hoje se destacam entre nós. A morte prematura o recolheu de nosso convívio, na madrugada do dia 28 de setembro de 1991, na mesma cidade que o viu nascer - Rio de Janeiro.

Publicações

LEITE, O. S. A epistemologia genética e as relações entre a lógica, a linguagem e a ação. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n. 9/10, p. 1-11, 1958.

LEITE, O. S. A natureza da mente e do mental segundo Bertrand Russell. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n. 7/8, p. 22-28, 1958.

LEITE, O. S. A teoria científica. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n.1/2, p. 13-25, 1959.

LEITE, O. S. Cattell redescobre o id, ego e superego de Freud. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n. 1/2/3, p. 1-8, 1966.

LEITE, O. S. Fundamentos do behaviorismo lógico. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n. 3/4, p. 11-19, 1958.

LEITE, O. S. O critério neopositivista de significado e alguns problemas que suscita. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n. 5/6, p. 22-30, 1958.

LEITE, O. S. O efeito do stress no comportamento sexual. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

LEITE, O. S. O efeito do stress no comportamento sexual: nota prévia. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n. 7/12, p. 13-32, 1970.

LEITE, O. S. O princípio de causalidade e a ciência moderna. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n. 3/4, p. 1-16, 1960.

LEITE, O. S. Revalidação do conceito de instinto. Boletim do Instituto de Psicologia - Revista de Estudos Psicológicos, n. 1/2, p. 3-15, 1958.

Ued Martins Manjud Maluf

LIMA, Adolfo Ávila
(1882-1960)

Nasceu no ano de 1882, em Estância, Sergipe. Bacharel em Direito, iniciou seu curso na Universidade da Bahia, mas se diplomou pela Faculdade de Direito do Recife. Sua contribuição ao campo da Psicologia teve início no ano de 1914, a partir de um entusiasmado debate com Helvécio Ferreira de Andrade.

Ao longo do total de 48 artigos publicados em dois jornais de Sergipe, O Estado de Sergipe e o Diário da Manhã, houve uma intensa discussão sobre a Psicologia: suas teorias, sua cientificidade, seus métodos e autores de destaque. As críticas iniciais sob o título Críticas e ensaios de psychologia pedagógica, foram apresentadas ao longo de 12 artigos publicados no jornal Diário da Manhã, entre os dias 7 e 21 de agosto de 1914.

O objeto inicial da análise de Adolfo A. Lima, foi o livro de Helvécio Ferreira de Andrade, editado, em 1913, com o título Curso de pedagogia: lições práticas elementares da psicologia, pedologia, metodologia e higiene escolar, professoradas na Escola Normal de Aracaju. No entanto, o debate acabou se transformando em uma rica discussão sobre a Psicologia do final do século XIX e início do século XX. Essas mesmas críticas seriam respondidas por Helvécio F. de Andrade, o que levou Adolfo A. Lima a escrever 18 artigos, sob o título de Réplicas e Tréplicas, publicados no mesmo jornal de Críticas e Ensaios de Psicologia Pedagógica, entre os dias 25 de agosto e 15 de setembro de 1914.

Na abertura de suas críticas, Adolfo A. Lima afirma que o objetivo do livro de Helvécio era atender à grande necessidade "do nosso meio escolar", da qual aquele discorda, pois "actualmente uma vasta e fecunda literatura pedagógica existe, capaz de satisfazer os mais intransigentes espíritos, nas batalhas do saber" (Lima, 1914). Na continuidade do debate, entre outras questões, Adolfo A. Lima critica a Psicologia que aspira à cientificidade através da observação e experimentação:

(...) O que, porém, eu entendo a respeito de tudo isto, é que a Psychologia é ainda uma espécie de nebulosa em formação, tendo descoberto algumas leis fixas e imutáveis, mas que, apesar disso, de quando em quando, estanca e silencia diante das estrelas indecifráveis do pensamento (Lima, 1914).

Por decreto, em 5 de abril de 1924, Adolfo A. Lima foi designado a ocupar a cadeira de Psicologia Fundamental e Infantil na Escola Normal de Sergipe. A participação desse bacharel em Direito nas discussões sobre a Psicologia e seu ensino junto à Escola Normal foi importante para a posterior institucionalização da Psicologia no Estado de Sergipe.

Adolfo Ávila Lima faleceu em abril de 1960.

Publicações

LIMA, A. A. Críticas e ensaios de Psychologia Pedagógica. Diário da Manhã. p. 7-21, ago. 1914.

LIMA, A. A. Críticas e ensaios de psychologia pedagógica: réplicas e tréplicas. Diário da Manhã, 25 ago./15 set. 1914.

LIMA, A. A. Psicologia de um super-homem. Diário da Manhã, p. 2-15, jun. 1915.

Referências

ANDRADE, H. F. de. Críticas e ensaios de psychologia pedagógica: refutação. O Estado de Sergipe, 23 ago./13 set. 1914.

GUARANÁ, A. Dicionário bio-bibliográfico sergipano. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

LIMA, A. A. Críticas e ensaios de Psychologia Pedagógica. Diário da Manhã, 7-21 ago. 1914.

NASCIMENTO, J. C. do; WENDLING, M. M. Contribuição aos estudos sobre a história da Psicologia no Estado de Sergipe. Cadernos UFS, v. VIII, Fascículo 3, 2006.

OLIVEIRA, Y. D. de. Educação da criança à luz da ciência: a contribuição de Helvécio de Andrade, em Sergipe (1911-1935). Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

VALENÇA, C. de A. Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais da pedagogia moderna por Helvécio de Andrade (1911-1935). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, 2006.

Renato Sampaio Lima
Sonia Pimentel



LIMA, Alceu Amoroso *(1893-1983)*

Nasceu no Rio de Janeiro. Estudou no Colégio Pedro II, fez bacharelado em Letras no Ginásio Nacional e concluiu a Faculdade Livre de Direito em 1913.

Participou da revista A Época, dirigida por alunos da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro, e dos jornais A União e O Jornal. Agnóstico em seus primeiros anos, tornou-se católico ao final da década de 1920. Adotando o pseudônimo de Tristão de Athayde, difundiu uma visão humanista na revista A Ordem. Esta, criada em 1921, torna-se porta-voz do Centro Dom Vital, fundado por intelectuais católicos, em 1922, com o objetivo de recristianizar a sociedade. Ambos estiveram sob a orientação de Alceu a partir de 1928, após o falecimento de Jackson de Figueiredo. Entre muitos editoriais e artigos que publicou, em A Ordem, O Instituto Oficial de Psicologia (1932), critica o Governo Federal por acatar a proposta de criação de um curso superior de Psicologia, formulada por Radecki, o que implicava uma Psicologia materialista, contrária aos princípios cristãos.

Na década de 1950, com outros educadores católicos, impediu a supressão, por parte do Ministério da Educação, da autonomia das escolas particulares. Suas ideias, que causavam expressivas reações na imprensa e no meio católico,

costumam ser divididas em dois momentos: o pensamento claro, influenciado por D. Sebastião Leme e Pe. Leonel Franca, divulgando a doutrina católica e criticando as correntes modernas de pensamento que lhe eram contrárias; e o pensamento difuso, posterior à morte da- queles nos anos 1940, centrado na política e influenciado por Jacques Maritain. Foi Secretário Geral da Liga Eleitoral Católica (1933), Presidente da Ação Católica Brasileira (1935) e um dos fundadores da Universidade Católica do Rio de Janeiro (1941) e da católica Livraria Agir Editora. Foi nomeado pelo Papa Paulo VI, membro da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz.

Na sua vasta produção literária, avaliada em 80 títulos, destacam-se algumas obras relativas à Psicologia. Em Idade, sexo e tempo (1938), fazendo uso de uma teorização decorrente da Caracterologia, Alceu fala da modelação do caráter e do temperamento, do desenvolvimento das idades e da proximidade da presença de Deus. Em Freud (1929), o pai da Psicanálise é apresentado como representante de uma ciência relativista, com postura positivista, para quem o homem é coagido e dependente dos instintos, enquanto a religião, engendrada no Complexo de Édipo, é definida pela necessidade de defesa contra a natureza, que, aos poucos, perde espaço para a ciência.

Com o golpe militar de 1964, Alceu resistiu às atitudes do Estado, expressando-se contra a violência e a tortura, principalmente, em seus artigos no Jornal do Brasil e na Folha de São Paulo, onde discorreu sobre direitos humanos, lutou pela anistia e pela redemocratização do país. Recebeu muitos títulos e prêmios, dentre eles o de Doutor Honoris Causa da Universidade Católica do Chile e o troféu Juca Pato como o Intelectual do Ano de 1964, pela União Brasileira de Escritores. Faleceu em Petrópolis (RJ). Após a sua morte, o Movimento Tortura Nunca Mais, lhe concedeu a Medalha Chico Mendes.

Publicações

LIMA, A. A. Afonso Arinos: anuário do Brasil. Rio de Janeiro: Seara Nova, 1923.

LIMA, A. A. Estudos III. Rio de Janeiro: A Ordem, 1930. 2 v.

LIMA, A. A. Estudos IV. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1931. 335 p.

LIMA, A. A. Freud. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1929. 59 p.

LIMA, A. A. Idade, sexo e tempo: três aspectos da psicologia humana. In: OBRAS completas de Alceu Amoroso Lima. 8. ed. [S.l.]: Agir, 1956.

LIMA, A. A. O Instituto Oficial de Psicologia. A ordem, Rio de Janeiro.1932.

Referências

MENEZES, R. de. Dicionário literário brasileiro. São Paulo: Saraiva, [s.d.]. p. 687-689. v. 3.

MOURA, O. As idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico no século XX. São Paulo: Convívio, 1978.

Jessé Guimarães da Silva



LIMA, Nestor dos Santos *(1887-1959)*

Nasceu em Assu, Rio Grande do Norte. Estudou no Liceu Paraibano (em 1904) e concluiu o curso de Direito na Faculdade de Recife, em 1911.

Através de concurso, entrou para o magistério, em 1911, assumindo a Cadeira de Pedagogia na Escola Normal de Natal. Nessa instituição, foi criador e titular da cadeira de Pedologia (1911-1928). Seu objetivo era questionar a relevância do estudo da Psicologia Geral para a formação de professores. Na sua opinião, o estudo científico da criança, como proposto por Claparède, seria muito mais pertinente para a Escola Normal. Em 1928, criou e assumiu a Cadeira de Psicologia Infantil, que ocupou até 1934. Seus principais trabalhos na área educacional são: Lições de metodologia (1911), Metodologia do ensino primário e normal (1913), Um século de ensino primário (1927) e o controvertido O celibato pedagógico (1928). O filósofo Antonio Basilio de Menezes (2012), em um estudo sobre a obra de Santos Lima, afirma que a Psicologia, a Medicina e a Pedologia são saberes que se encontram disseminados nas publicações do educador assuense. Menezes, ao estudar a biblioteca pessoal de Santos Lima e a bibliografia por ele produzida, destaca as seguintes obras que influenciaram o pensamento do escritor norte-rio-grandense:

- Edouard Claparède. Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale. Libraire Kündig, 1911;
- Gabriel Compayré. Psychologie appliqué à éducation. Deuxieme portie. Application. Paris: Paul Delaplane, 1908;
- Gustave Le Bon. Psychologie de l'éducation. Paris: Ernest Flamnarion, 1909;
- Frederic Paulhan. Les caractères. Paris: Felix Alcan, 1909;
- Clemente Quaglio. Compêndio de pedologia. Guia do professor para execução da folha biográfica nas escolas primárias. São Paulo: Typ. Siqueira, 1911;
- Maria Montessori. *Manual prático del método Montessori*. Barcelona: Araluce, 1915.

Nestor dos Santos Lima foi um dos primeiros estudiosos a divulgar os testes psicológicos no Rio Grande do Norte, em cursos de férias para professores no início da década de 30. Faleceu em Natal.

Publicações

LIMA, N. dos S. Lições de metodologia. Natal: Typographia do Estado, 1911.

LIMA, N. dos S. Metodologia do ensino primário e normal. Natal: Typographia do Estado, 1913.

LIMA, N. dos S. O celibato pedagógico. Natal: Typographia do Estado, 1928.

LIMA, N. dos S. Um século de ensino primário. Natal: Typographia do Estado, 1927.

Referências

CARVALHO, D. B. de. A cidade e a alma reinventadas: a história da Psicologia como signo e vetor da modernização urbana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MENEZES, A. B. N. T. de. As modas e o celibato: educação e normalização social no Rio Grande do

Norte na década de 1920. Revista HISTEDBR, n. 48, p. 184-198, 2012.

MENEZES, A. B. N. T. de. Nestor dos Santos Lima e a modernidade educacional: uma história do discurso (1911- 1928). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

PETROVICH, E. L. Nestor dos Santos Lima: aspectos de sua vida e obra. Revista do Instituto Histórico-Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, v. 79-80, 1987/1988.

RAMOS, J. C. C. de A. Nestor dos Santos Lima e a modernização conservadora da gestão educacional no Rio Grande do Norte entre 1924-1928. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

Denis Barros de Carvalho



LIPPMANN, Hans Ludwig *(1921-1981)*

Ao berlinense Hans Ludwig Lippmann devem ser creditados os esforços no sentido de implantar e administrar diversos cursos de Psicologia no Estado do Rio de Janeiro: o da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), primeiro curso de Psicologia do Brasil, criado em 1953; o da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1964; o da Universidade Gama Filho, em 1967; o da Universidade Santa Úrsula, em 1968; o da Universidade Federal Fluminense, em 1970 e o curso de Psicologia de Petrópolis, em 1977.

Era um generalista por opção. De oficial de farmácia do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo a aluno do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, passando por uma formação em Filosofia junto aos monges beneditinos do Mosteiro Nossa Senhora do Desterro, em Santos, Lippmann atravessou a década de 1940 trocando de assento nos bancos escolares, com o claro objetivo de vir a exercer o magistério superior, fato que se concretizaria, em 1949, com seu ingresso na Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Naquela instituição, Lippmann viria a ministrar, como professor de Psicologia, inúmeros cursos de extensão universitária, anos antes da institucionalização da profissão no Brasil.

Em 1951, tornou-se Chefe da Divisão de Serviço Social da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, anexa à Santa Casa da Misericórdia, onde, primeiramente, se localizou o curso de Psicologia da PUC-RJ. No mesmo ano, foi contratado como Psicólogo pela Casa de Repouso Alto da Boa Vista, para atuar no Centro de Estudos Psicossomáticos. A partir de 1952, passou a trabalhar como professor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB). Também era psicologista do Ministério da Educação e Saúde, membro do Conselho Consultivo das Pesquisas Sociais da Comissão Nacional de Bem-Estar Social, membro da Subcomissão de Terras e Colonização da Comissão Nacional de Política Agrária, em 1954, e psicólogo do Colégio Pedro II, em 1961.

Em 1960, Lippmann é admitido como catedrático na então Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ, com a defesa da tese Educação, escolha, existência, obra na qual propõe uma psicopedagogia desimpedida de naturalismos biológicos e psicológicos. A livre-docência é alcançada, dois anos depois, com a tese Pedagogia existencial e aconselhamento de adolescentes, cuja defesa lhe garantiu o provimento da cátedra de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Na tese, argumenta em favor de uma metodologia e de uma Psicologia mais compreensivistas do adolescente e de seus problemas educacionais. Para a Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)), chegou a escrever a tese Variações ontogênicas do homem contemporâneo (1961), cuja defesa, não realizada, teria, provavelmente, lhe valido a cátedra de Psicologia Educacional da Faculdade Nacional de Filosofia.

Era monarquista e religioso, mas profundamente influenciado pela ciência. Separava, claramente, religião e ciência e achava que cada uma tinha uma função social bem determinada. A ciência cuidaria do progresso da humanidade, e a religião católica cuidaria da moral humana. Em relação ao papel da Psicologia, Lippmann foi incisivo na crítica ao que chamava de "hipertrofia dos diagnósticos". Era um humanista que acreditava na perfectibilidade do homem. Otimista e esperançoso, a realidade sociocultural era, para ele, objeto de interesse, na medida em que constituía cenário privilegiado da realização humana, em seus aspectos intelectual, moral e filosófico. Como professor de cursos de graduação e pós-graduação em Serviço Social, Pedagogia, Filosofia e Psicologia, Lippmann foi, antes de tudo, um apaixonado pela ação pedagógica. Faleceu em Petrópolis (RJ).

Publicações

LIPPMANN, H. L. Educação, escola, existência. Tese (Cátedra) – Universidade do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1960.

LIPPMANN, H. L. Pedagogia existencial e aconselhamento de adolescentes. Rio de Janeiro: UEG, 1962.

LIPPMANN, H. L. Pedagogia existencial e aconselhamento de adolescentes. Tese (Livre docência) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1962.

Referências

KRÜGER, H. Hanns Ludwig Lippmann. In: FÁVERO, M. de L.; BRITTO, J. de M. (Org.). Dicionário de educadores no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Brasília: MEC/Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 2002, p. 430-434.

MANCEBO, D. Da gênese aos compromissos: uma história da UERJ. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

MANCEBO, D.; RIECHE, E. C. (Org.). O curso de psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: a história possível (1964-1978). Rio de Janeiro: UERJ/NAPE, 1998.

OSUNA, L. V. Uma história da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

REIS, Y. M. et al. Memória do curso de psicologia da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ/IP, 1988. Mimeografado.

Deise Mancebo



LOPES, Maria Brasília Leme *(1909-1996)*

Nasceu em 30 de janeiro de 1909, no Rio de Janeiro. Formou-se Professora, em 1925, pela Escola Normal da Prefeitura do Distrito Federal, e como Médica, em 1936, pela Faculdade de Medicina da então Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua excelência acadêmica fez-se mostrar já nos processos seletivos: obteve a primeira colocação em ambos.

Como normalista, foi aluna de Manoel Bomfim e Plínio Olinto, recebendo lições de Psicologia dos grandes nomes da área em sua época. Portanto, não é de se estranhar que, após sua formação, iniciasse seus trabalhos nesse campo. Foi assistente voluntária e chefe da Seção de Psicologia Aplicada da Liga Brasileira de Higiene Mental de 1928 a 1939, além de ter dirigido o Laboratório de Psicologia Aplicada inaugurado em 1933, no Rio de Janeiro. Essa sua experiência possibilitou a publicação de três artigos na revista da Liga, Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, sobre o uso e validação de testes psicológicos: Sugestões para o emprego dos testes (1928), Pesquisas sobre a memória de fixação (1930) e A attenção concentrada explorada pelo Test de Cancellamento (1932).

No primeiro artigo, escrito com Idalina Abreu Fialho, Maria Brasília Leme Lopes aponta para a diferença entre testes psicológicos e pedagógicos e destaca a importância da "estalonagem", ou seja, a validação dos testes, destacando a importância da utilização de testes padronizados nas escolas. Os testes de nível intelectual têm a finalidade de possibilitar a criação de classes homogêneas, sob o argumento de que "não é possível ministrar os mesmos conhecimentos, submeter ao mesmo plano de estudo, alunos de capacidade mental diversa", pois "os interesses de alunos de nível mental diferente não terão nem o mesmo objetivo, nem o mesmo alcance".

O segundo artigo, de 1930, intitulado Pesquisas sobre a memória de fixação, relata os resultados de uma experiência realizada em 1926, na qual foram aplicados "três testes de memória imediata a cerca de 400 pessoas, principalmente, crianças de escolas primárias" (Lopes, 1930, p. 235). Esse merece atenção especial porque foi o "primeiro dos trabalhos experimentais do laboratório de psicologia da Liga Brasileira de Hygiene Mental" (Lopes, 1930, p. 236). A aplicação ocorreu nesse laboratório, onde foram testados alunos das escolas municipais, Pedro II e Deodoro, e alunas da Escola de Enfermaria Alfredo Pinto.

O terceiro artigo, de 1932, intitulado A attenção concentrada explorada pelo Test de Cancellamento, estuda "um dos aspectos mais interessantes do funcionamento mental": a atenção concentrada em um único objeto. Visando a esse fim, Maria Brasília Leme Lopes emprega o Test de Cancellamento, na versão de Toulouse e Piéron. O teste consiste em um quadro com 1600 sinais distintos, distribuídos por 40 linhas, contendo 8 sinais diferentes, repetidos 5 vezes a cada linha. O teste foi aplicado em 76 pessoas (37 homens e 39 mulheres), com idade superior a 16 anos.

Na análise dos resultados obtidos pelo teste, destacamos a alusão a uma "marcada superioridade feminina" (Lopes, 1932, p. 52) no Test de Cancellamento, visto que as mulheres obtiveram

resultados superiores nos quesitos "Exatidão" e "Eficiência" e resultados menores no tempo de duração da prova. Mas, aponta a interferência de variáveis motoras e visuais, que dificultaram a avaliação da atenção. Contudo, apesar de todos esses problemas, Maria Brasília Leme Lopes conclui que o teste é capaz de medir a atenção voluntária, devido, principalmente, à sua duração, pois "longo e monótono, exige esforço voluntário para a manutenção da atenção concentrada na percepção dos sinais e na determinação de barrá-los" (Lopes, 1932, p. 60).

Esses artigos fazem parte dos primeiros escritos femininos em Psicologia no Brasil. Eles são uma pequena exceção em um meio que, à época, ainda era dominado por figuras masculinas, e, portanto, representavam um movimento de ruptura e abertura.

Durante esse período na Liga, realizou também diversos cursos, como de Psicologia Aplicada, ministrado pelo casal Fessard, em sua estada no Brasil, e também de Fisiologia Nervosa, ministrado por Miguel Osório. Esses cursos faziam parte de dois laboratórios experimentais, citados por Plínio Olinto como importantes referências entre os primeiros no Rio de Janeiro.

Os trabalhos de Maria Brasília Leme Lopes, em Psicologia Aplicada, foram interrompidos, em 1944, quando, após a conclusão do curso de Medicina, ingressou no campo da hemoterapia. Foi presidente da Comissão Nacional de Hemoterapia, a segunda mulher eleita para participar da Academia Nacional de Medicina, recebendo o título de membro honorário, em 1980, aos 71 anos. Lutou pela abertura do campo científico às mulheres, participou da fundação da Associação Brasileira de Mulheres Médicas (ABMM), em 1960, e presidiu essa associação durante cinco anos (1966-1971), período no qual apoiou eventos, como o XIV Congresso da Associação Internacional de Médicas, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1974. Faleceu em 22 de abril de 1996, deixando importantes contribuições para a Psicologia e para a Medicina.

Sua trajetória inicial poderia confundir-se com a de tantas outras mulheres brasileiras do início do século XX, cuja inserção no mercado de trabalho ocorreu por meio dos cursos normais, ministrando aulas para a educação primária, exercendo funções tipicamente associadas ao cuidado materno. Porém, distancia-se do comum por seu empenho e dedicação em conquistar um espaço ocupado quase, exclusivamente, por homens – o da ciência. Sua vida foi marcada pela divulgação científica e pela luta em prol da inserção feminina na ciência.

Publicações

LOPES, M. B. L. A attenção concentrada explorada pelo test de cancellamento. Archivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 5, n. 2, p. 41-63, 1932.

LOPES, M. B. L. Pesquisas sobre a memória de fixação. Archivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 3, n.2, p. 235- 240, 1930.

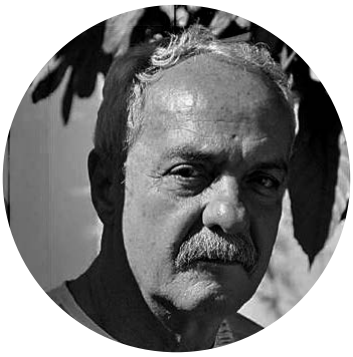
LOPES, M. B. L.; FIALHO, I. A. Sugestões para o emprego dos tests. Archivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 1, n. 2, p. 68-77, 1928.

Referências

OLINTO, P. A psicologia experimental no Brasil (1944). In: ANTUNES, M. A. M. História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 1944. p. 25-31.

RIBEIRO, P. R. M. Saúde mental no Brasil. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. 192 p.

Victor Portavales Silva
Ana Maria Jacó-Vilela



LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva *(1949-)*

Nasceu em Belo Horizonte (MG), no dia 22 de março de 1949. Graduou-se em Psicologia pela Universidade Católica de Minas Gerais, hoje Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em 1971. Chegou a Goiânia em 15 de janeiro de 1972 e, logo, passou a trabalhar em um Gabinete de Exames Psicotécnicos, realizando os testes para a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) dos motoristas profissionais, a única categoria de CNH para a qual o exame psicotécnico era exigido à época. Participou do movimento de criação do Conselho Regional de Psicologia, sendo seu registro profissional um dos primeiros do Estado. Exerceu a função de psicólogo, em Clínicas de Psicologia dedicadas à Seleção Profissional, em especial, as de exame psicotécnico para obtenção da CNH. Foi sócio do Centro de Exames Psicotécnicos e Orientação Psicológica (CEPOP) até 1984, quando passou para o regime de dedicação exclusiva na Universidade Federal de Goiás (UFG).

Na Faculdade Anhanguera, hoje Uni-Anhanguera, lecionou de 1973 a 1975. Foi um dos professores pioneiros dessa instituição, em que ministrava aulas de Psicologia Geral, disciplina que compunha o núcleo comum dos cursos de Direito, Ciências Contábeis e Administração.

Marcos Corrêa da Silva Loureiro ingressou na Universidade Federal de Goiás em 1976, exercendo a função de Psicólogo. No período de 1976 a 1977, foi Chefe da Divisão de Aconselhamento do Serviço de Orientação Educacional no Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação da UFG e, entre os anos de 1977 e 1980, atuou como Psicólogo no Serviço de Orientação Psicopedagógica da Faculdade de Educação.

Ao longo de sua carreira na UFG, ocupou, no âmbito administrativo, diversas funções, foi, entre os anos de 1998 e 2002, o Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação, e ainda o Diretor da Faculdade de Educação, entre os anos de 2002 e 2006.

Realizou seu trabalho de mestrado, intitulado A difícil relação teoria e prática: a orientação educacional na escola, no Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getulio Vargas, entre os anos de 1977 e 1982, sob a orientação do professor Dr. Victor Vincent Valla. Doutorou-se, no ano de 1997, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo, defendendo o trabalho Magistério como função pública e compromisso do professor, sob a orientação de Maria Helena Souza Patto.

Estudioso de diversas temáticas educacionais, aprofundou suas pesquisas no campo da formação de professores, das representações sociais, e nas relações entre Psicologia e Educação no Brasil. Nos seus diversos escritos, é manifesta uma preocupação com a relação entre teoria e prática, assim, como com as questões relacionadas ao método, a uma concepção de ciência que deve ir além das aparências.

Como expressão dessa concepção de ciência, destacam-se os textos Psicologia da educação no Brasil, no qual o autor discute a relação histórica entre Psicologia e educação no Brasil, principalmente, a contribuição de algumas abordagens psicológicas no contexto educacional brasileiro,

do século XX; e Psicologia escolar: mera aplicação de diferentes psicologias à educação?, publicado, em 1997, no livro Introdução à psicologia escolar, organizado por Maria Helena Souza Patto. Nesse texto, Marcos Corrêa da Silva Loureiro afirma ser papel da Psicologia na escola a apreensão da totalidade do fato educacional.

Sob sua direção, foi criado, no interior da Faculdade de Educação, o curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás, que iniciou seu funcionamento em 2006.

Professor aposentado da UFG desde 2008, ministrou disciplinas de Psicologia da Educação em diversos cursos de licenciatura. Orientou vários trabalhos de pós-graduação tanto em nível lato sensu quanto no stricto sensu. Colaborou de forma propositiva, política, humana e crítica para a formação de diversos professores na UFG.

É casado com a professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Walderês Nunes Loureiro, hoje aposentada, com quem teve três filhos.

Publicações

CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. da S. (Org.). Representações sociais e práticas educativas. Goiânia: Editora da UCG, 2003. v. 1. 244 p.

LOUREIRO, M. C. da S. A difícil relação teoria e prática: a orientação educacional na escola. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 1982.

LOUREIRO, M. C. da S. et al. Formação e profissionalização docente. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1999. v. 1. 118 p.

LOUREIRO, M. C. da S. Formação do pedagogo e possibilidades profissionais. Cadernos da Educação, Goiânia, v. 1, n. 3, p. 13-20, 1995.

LOUREIRO, M. C. da S. Magistério como função pública e compromisso do professor. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

LOUREIRO, M. C. da S. Magistério como função pública e compromisso do professor: questionando a qualificação como determinante da prática docente. In: SILVA, A. H. F.; EVANGELISTA, G. dos S. (Org.). Caminhando e abrindo caminhos: trajetória de uma rede municipal de educação. Goiânia: Editora da UFG, 2004. v. 1, p. 47-80.

LOUREIRO, M. C. da S. Proposta de regulamentação dos cursos de graduação da UFG: posição da FE. Interação (Goiânia), Goiânia, v. 23, n.1/2, p. 136-139, 2000.

LOUREIRO, M. C. da S. Psicologia da Educação no Brasil. In: MIRANDA, M. G. de; RESENDE, A. C. A. (Org.). Escritos de Psicologia e Educação. Goiânia: Editora da UCG, 2008. v. 1, p. 35-54.

LOUREIRO, M. C. da S. Psicologia escolar: mera aplicação de diferentes psicologias à Educação. In: PATTO, M. H. S. (Org.). Introdução a psicologia escolar. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. v. 1, p. 449-458.

LOUREIRO, M. C. da S. Representação e realidade: a assimilação do signo em lugar da realidade concreta. Interação (Goiânia), Goiânia, v. 26, p. 17-36, 2001.

LOUREIRO, M. C. da S.; FALEIRO, M. O. L; ALMEIDA, M. Z. C. M. Subsídios para uma avaliação de currículo: o caso do curso de Pedagogia da UFG. Ensaios, Rio de Janeiro, v. 4, p. 183-196, 1996.

Referências

LOUREIRO, M. C. da S. Entrevista. Goiânia, 2015. Entrevista concedida a Anderson de Brito Rodrigues.

Anderson de Brito Rodrigues
Divino de Jesus da Silva Rodrigues
Jaqueline Veloso Portela de Araújo



LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom *(1897-1970)*

Natural da Vila de Porto Ferreira, São Paulo, formou-se na Escola Normal de Pirassununga, realizou estudos complementares na Escola Normal de São Paulo e formou-se, em 1929, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Lecionou na Escola Complementar de Piracicaba e na Escola Americana; nessa época, iniciou suas pesquisas sobre leitura e escrita, o que resultou na publicação dos Testes ABC.

Em 1922/1923, empreendeu a Reforma do Ensino do Ceará, criando um laboratório de Psicologia na Escola Normal de Fortaleza, cuja finalidade era empreender pesquisas que subsidiassem a formação de professores. Em 1925, sucedeu a Sampaio Dória na cátedra de Psicologia da Escola Normal de São Paulo e na direção de seu laboratório, no qual revigorou as atividades de pesquisa (entre as quais testes mentais, jogos, aprendizagem, maturidade para leitura e escrita) e constituiu um grupo de pesquisadores. Em 1930, assumiu a Direção Geral do Ensino do Estado de São Paulo, implantando classes homogêneas com base em resultados de testes e criando o Instituto Pedagógico, no qual foi instalado um serviço de Psicologia Aplicada e oferecida a disciplina Psicologia da Educação, pela primeira vez ministrada como matéria de ensino superior.

Em 1932, colaborou com Anísio Teixeira na Escola Normal do Rio de Janeiro/Instituto de Educação como professor de Psicologia. Foi também catedrático de Psicologia na Faculdade Nacional de Filosofia e na Universidade do Brasil. Com a criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), em 1938, foi nomeado seu diretor; aí foram realizadas atividades de pesquisa, ensino, aplicação e difusão da Psicologia.

Colaborou com o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), implantando um serviço de seleção de candidatos ao serviço público civil. Foi cofundador da Associação Brasileira de Psicologia; também foi membro das associações: Société Française de Psychologie, American Educational Research Association e Institut d'Études Pédagogiques. Foi um dos mais importantes militantes na luta pelo reconhecimento da Psicologia como profissão, sendo nomeado presidente das comissões de registro profissional e de implantação do ensino de Psicologia. Presidiu a comissão que organizou o Curso de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getulio Vargas (FGV) e foi diretor do periódico Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, desse instituto.

Foi autor de significativo número de publicações em Psicologia, entre as quais: Teste ABC, Orientação e seleção profissional, A psicologia no Brasil e Estado atual da psicologia da motivação; traduziu obras de Claparède, Binet-Simon e Walther, entre outras. Como diretor da Biblioteca de Educação (Ed. Melhoramentos), incentivou a publicação de obras em Psicologia e Educação e planejou a tradução de autores estrangeiros. Foi membro ativo da Associação Brasileira de Educação (ABE), signatário dos Manifestos dos pioneiros das décadas de 1930 e 1950; um dos criadores e colaboradores do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT) e um dos fundadores da efêmera Sociedade Psicanalítica Brasileira. Mais do que pioneiro,

Lourenço Filho foi um dos mais importantes artífices da consolidação da Psicologia no Brasil, atuando em ensino, pesquisa, aplicação, publicando artigos e livros, criando e atuando em instituições que basearam suas atividades na Psicologia e liderando o processo que culminou com a regulamentação da profissão e a implementação dos cursos específicos para a formação de psicólogos.

Publicações

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. In: AZEVEDO, F. (Org.). As ciências no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

LOURENÇO FILHO, M. B. Estado atual da psicologia da motivação. Revista SENAC, Rio de Janeiro, v. 2, p. 12-27, jan. 1953.

LOURENÇO FILHO, M. B. Introdução ao estudo da Escola Nova. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

LOURENÇO FILHO, M. B. Orientação e seleção profissional. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 23, n. 3, 1971.

LOURENÇO FILHO, M. B. Testes ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

Referências

ANTUNES, M. A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890 - 1930): uma contribuição aos estudos em história da psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, v. 23, n. 3, 1971.

AUGRAS, M. O homem e o mestre: dados biográficos [Lourenço Filho]. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 9-11, set. 1987.

BONOW. I. W. Atualidade de Lourenço Filho na Psicologia. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 13-20, set. 1971.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Psicologia. Boletim [da] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51, 1950.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-14, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia no Brasil. In: QUEM é o psicólogo Brasileiro. São Paulo: Edicon/CFP, 1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Org.). História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979. v. 3. p. 235-276.

Mitsuko Aparecida Makino Antunes



MACAÚBAS, Abílio César Borges – Barão de *(1824-1891)*

Educador baiano. Médico, iniciou o curso de medicina em Salvador, porém o concluiu no Rio de Janeiro. Recém-formado, radicou-se na cidade da Barra, às margens do rio São Francisco, onde, em 1850, fundou o seu primeiro colégio, o Atheneu Barrense. Passando a residir em Salvador, foi nomeado Diretor Geral da Instrução Primária e Secundária da Província da Bahia, cargo que exerceu de 1856 a 1858. O seu programa de ação nesse cargo incluía um plano de valorização do corpo docente e dos alunos, com a consequente exclusão da prática de castigos físicos na escola (Alves, 1925, 1936).

Ao verificar que as suas teorias não eram compreendidas nem executadas, solicitou exoneração do cargo e abriu um estabelecimento de ensino, para pôr em prática o seu projeto pedagógico - O Gymnasio Bahiano (Blake, 1883; Alves, 1925, 1936). No plano educativo, que o Dr. Abílio procurava, acima de tudo, inspirar o amor ao estudo, familiarizando as crianças com todos os conhecimentos e desenvolvendo-lhes as aptidões naturais físicas, de acordo com as capacidades intelectuais. Em 1883, durante a Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, na presença de D. Pedro II, proferiu duas conferências sobre o "Arithmometer Fracionário", de sua invenção, e sobre a lei nova do ensino infantil, aplicada no colégio de Abílio, o que lhe valeu os foros de primeiro reformador do ensino público e particular no Brasil (Fleiuss, 1925). Em 1889, obteve a medalha de ouro na Exposição Internacional de Paris, onde exibiu trabalhos escolares, obras didáticas e inventos seus. Representou o Brasil no Congresso dos Americanistas. Integrou a comissão nomeada pelo Barão de Mamoré para reformar o ensino do Rio de Janeiro. Foi um dos primeiros a chamar a atenção do governo para a educação dos retardados e a criação de uma cadeira de "linguagem articulada" para os surdos-mudos. O Dr. Abílio não somente remodelou os métodos e processos de ensino e transformou o tirocínio escolar, mas também modificou os compêndios então adotados. Imaginou um processo de leitura que apelidou de "Leitura Universal", cuja eficiência procurou demonstrar. Chamou a atenção para como merecia cuidados o problema do analfabetismo em sua pátria. Em 1881, D. Pedro II lhe outorgou o título de Barão de Macahubas, em reconhecimento aos serviços prestados à educação brasileira.

Por sua ação pedagógica, fundada na preocupação com o educando e com a efetiva análise e implementação de condições adequadas para o processo de ensino/aprendizagem, numa época em que a Psicologia ainda não se havia, sistematicamente, dedicado a essas questões, Abílio César Borges, Barão de Macahubas, merece ser reconhecido como um precursor da tecnologia de ensino.

Referências

ALVES, I. Esboço da vida e obras do amigo dos meninos Dr. Abílio Cesar Borges (Barão de Macahubas). Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n. 50, 113-216, 1925.

ALVES, I. Vida e obra do Barão de Macahubas. Rio de Janeiro: Renato Americano, 1936. 22 p.

BLAKE, A. V. S. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883.

FLEIUSS, M. Conferência. Homenagens prestadas ao Barão de Macahubas pelo Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n. 50 p. 275-289, 1925.

Nádia Maria Dourado Rocha



MACHADO, Dyonélio
(1895-1985)

Psiquiatra, militante político e literato. Dyonélio Machado nasceu em Quaraí, Rio Grande do Sul, fronteira com o Uruguai, onde viveu até 1912, quando se mudou para Porto Alegre. Retornou à cidade natal, em 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Seu retorno para Porto Alegre, em 1918, ao término da Guerra, o levou a trabalhar como funcionário público do Estado e a lecionar português para estrangeiros.

Desde a adolescência, se envolveu com a atividade jornalística, sendo responsável pela criação, direção e colaboração de uma série de jornais, boa parte destes relacionado com críticas políticas. A partir de 1920, militou na política partidária, ingressando, inicialmente, no Partido Republicano (PRR). Na década de 1930, foi um dos líderes, no Estado do Rio Grande do Sul, da Aliança Nacional Libertadora (ALN) e entusiasmou-se com as ideias socialistas. Foi preso político, entre 1935 e 1937, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, junto a socialistas e intelectuais, como Graciliano Ramos.

Ao sair da prisão, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1947, elegeu-se deputado estadual, mas foi impedido de exercer o mandato, assim como os demais parlamentares comunistas, após a cassação do registro do PCB no Governo Dutra. Foi um dos líderes e redatores do Manifesto do Primeiro Congresso Nacional de Escritores realizado em São Paulo, em 1945, que se opôs à ditadura.

Sua obra literária é composta de doze livros de ficção, com um reconhecimento tardio de sua contribuição à literatura. O seu livro Os ratos, publicado em 1935, foi considerado precursor da literatura moderna urbana.

Em 1923, entrou para a Guarda Republicana, ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre – que hoje integra a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – e publicou o seu primeiro livro, Política contemporânea: três aspectos. Ainda no quinto ano da faculdade de Medicina, prestou concurso para o Hospital Psiquiátrico São Pedro, onde foi nomeado Psiquiatra, tomando posse em 1929, ano em que se formou. Em 1956, assume como substituto a direção do Hospital, e, em 1957, é oficialmente designado como diretor, função que desempenha até a aposentadoria em 1959.

Em 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde residiu até 1932, em razão do doutoramento em Neurologia e Psiquiatria, sob a orientação do professor Antônio Austregésilo. Nesse período, Dyonélio Machado trabalhou na Clínica Neurológica e aderiu à Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Sua tese doutoral: Uma definição biológica do crime, publicada em 1933, sustenta que o delito, especificamente o assassinato, é o excesso que o homem coloca na realização da luta pela vida, apropriando-se de teorizações da Escola Positiva de Criminologia, especialmente, de Enrico Ferri e Cesare Lombroso. Traduziu, em 1934, para a língua portuguesa, o livro, prefaciado por Freud, Elementos de Psicanálise, de Edoardo Weis, composto de conferências proferidas por este, no ano de 1930, na Associação Médica de Trieste.

Em seu trabalho no Hospital Psiquiátrico São Pedro, trabalhou de forma eclética com a Psicanálise e implementou a clínica de praxite-

rapia: prática de arte e artesanato. Posicionou-se de forma crítica aos tratamentos adotados pelos hospitais psiquiátricos no período: malarioterapia, insulinoterapia, convulsoterapia, penicilinoterapia e lobotomia, considerando-os violentos. Entendia a saúde mental enquanto a capacidade de adaptação à realidade. Produziu uma crítica contundente à eugenia, caracterizando-a como perigosa e capaz de produzir efeitos contrários aos que visa.

Foi um dos sócios-fundadores da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Neurocirurgia do Rio Grande do Sul e lecionou Neurologia e Psiquiatria na Santa Casa de Misericórdia.

A Secretaria de Saúde e Meio Ambiente do Estado, através da direção do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em 1985, homenageou-o com diploma de Honra ao Mérito, por relevantes serviços prestados ao doente mental. Em 1979, o cineasta Ivan Cardoso apresentou no VII Festival Nacional de Gramado o curta metragem Dr. Dyonelio.

Publicações

MACHADO, D. Eletroencefalografia. Porto Alegre: Globo, 1944.

MACHADO, D. Neurose traumática. Arquivos do Departamento Estadual de Saúde do RS, [S.l.], v. 4, 1943.

MACHADO, D. O louco do Cati. 5. ed. São Paulo: Planeta, 2003. (Original de 1941).

MACHADO, D. Os ratos. São Paulo: Nacional, 1935.

MACHADO, D. Políticas contemporâneas: três aspectos. [S.l: s.n.], 1923.

MACHADO, D. Uma definição biológica do crime. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1933.

Referências

MACHADO, D. O cheiro de coisa viva, entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.

Carolini Cássia Cunha

MACIEL, Nilo Antunes
(1920-1993)

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Graduou-se na primeira turma da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1945. No ano seguinte, por recomendação de Décio de Souza, tornou-se professor assistente da cátedra de Psicologia Geral, cujo titular era Victor de Britto Velho.

Tornou-se o primeiro psicólogo do Estado dedicado à seleção e treinamento de pessoal. Destacou-se pela implantação dos serviços psicotécnicos no Departamento Estadual de Estradas e Rodagem, em 1943, e na Viação Aérea Rio-grandense (VARIG), em 1952, assessorando, a partir daí, outras empresas e uma série de importantes instituições. Servindo-se, inicialmente, de testes desenvolvidos em outros países, chegou a conceber com originalidade seu próprio material de trabalho. Organizou o primeiro Serviço de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo pioneiro na implantação do conhecimento e formação dos profissionais de Psicologia no Estado. Aposentou-se como professor catedrático da UFRGS em 1981, falecendo em Porto Alegre 12 anos depois.

Referências

MACIEL, N. A. Entrevista. [S.l.], 29 maio 1991. Entrevista concedida a William Barbosa Gomes. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul. Divisão de Registros. Porto Alegre, [19--].

William Barbosa Gomes

MAHONEY, Abigail Alvarenga
(1929-)

Nasceu em São Paulo. Oriunda da escola pública, na qual realizou os estudos iniciais, cursou Pedagogia no período de 1948 a 1951, numa das principais universidades do Brasil – a Universidade de São Paulo.

Teve como professores, entre outros, Antônio Cândido e Joel Martins; o primeiro aprimorou-lhe o gosto pela Literatura, e o segundo, pela Psicologia.

Formada, prestou concurso público para trabalhar em escolas normais, e, por algum tempo, ministrou aulas em Registro e Avaré, interior de São Paulo.

Em sua carreira acadêmica, teve influência decisiva do Prof. Joel Martins. Em 1963, por ele incentivada, candidatou-se e recebeu bolsa de estudo da Organização dos Estados Americanos (OEA), mudando-se para os Estados Unidos, onde permaneceu por alguns anos. Nesse período, compatibilizou a vida familiar com a vida acadêmica, pois constituiu família casando-se com um professor norte-americano. Fez o Mestrado na Indiana University, na qual também deu início ao Doutorado, que foi terminado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Regressou ao Brasil em 1969, seis meses depois da criação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação (PED), de cuja criação participou ativamente o prof. Joel Martins, que foi o primeiro coordenador do Programa. Novamente por ele estimulada, aceitou o convite e o desafio de trabalhar nesse Programa recém-criado.

Em 1970, começou a dar aula no PED, tendo permanecido por 34 anos, com dedicação exclusiva, até se aposentar em 2006. Atuou na coordenação do PED, tendo deixado sua marca nas orientações de dissertações e teses, nos cursos ministrados e nas pesquisas e publicações realizadas.

Como orientadora, formou pesquisadores exercendo orientação constante e eficiente; titulou os primeiros mestres e doutores em Psicologia da Educação no Brasil, tendo orientado 55 trabalhos, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, 44 dos quais produzidos entre 1990 e 2006. Na orientação, fica clara a sua trajetória teórica: pesquisas fundamentadas na Abordagem Centrada na Pessoa, em Ausubel e em Wallon, foram sistematicamente produzidas – o último trabalho orientado, tendo como foco a afetividade, defendido em 2006.

Sua opção pela docência foi decorrente de uma intenção clara de fundamentar a ação de pedagogos e psicólogos (eram estes os que prioritariamente procuravam o Programa de Psicologia da Educação) a partir de teorias psicológicas humanistas.

Sistematicamente, trabalhou com autores que despontavam na área da Psicologia. Quando chegou ao PED, em 1970, e até meados dos anos 1980, deu cursos na vertente da Psicologia Humanista, particularmente da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, proposta recente na Psicologia estadunidense, e que influenciou a Educação e a Psicologia brasileiras nesse período. A escolha por esse autor não foi por modismo, mas pautada na clareza do papel fundamental dos aspectos afetivos no contexto escolar, e Rogers tinha princípios sólidos sobre essa questão. Foi nesse período que instituiu o primeiro grupo de estudos sob sua coordenação – Grupo de Estudos sobre Carl Rogers.

Com o senso crítico que sempre demonstrou, percebeu que Rogers dava conta da dimensão afetiva, mas não dava elementos para trabalhar também o lado cognitivo. Buscou em David Ausubel uma complementação para trabalhar também o cognitivo. Trabalhar com Rogers e Ausubel acabou por não satisfazê-la, porque

detectava a permanência da dicotomia entre a dimensão cognitiva e a afetiva. Na busca por um Psicólogo que desse conta da integração entre diferentes dimensões da condição humana, encontrou em Henri Wallon a resposta – uma teoria integradora entre o afetivo, o cognitivo e o motor, autor que embasou seu trabalho acadêmico-científico até sua aposentadoria.

Foi Abigail quem trouxe para a PUC-SP, no PED, os estudos sobre a obra de Henri Wallon, na forma de Grupo de Estudos e ministrando disciplinas eletivas. Deu cursos sobre a Psicogenética Walloniana a partir da segunda metade de 1980 e, na década de 1990, constituiu o Grupo de Estudos sobre Henri Wallon. Essa teoria, humanista e integradora, foi divulgada para várias universidades brasileiras, com a contribuição evidente das teses e dissertações que orientou apoiada nessa abordagem.

Desenvolveu, no PED, uma linha de pesquisa focalizando as contribuições da abordagem walloniana para a educação. Foram realizadas pesquisas teóricas e empíricas, tanto aprimorando a leitura e utilização desse referencial teórico, como focalizando problemáticas presentes na área da educação, tratando-as a partir dos conceitos e princípios da abordagem em questão, e trazendo contribuições para sua resolução.

Abigail foi responsável, juntamente com autores como Pedro Dantas, Heloisa Dantas e Maria José Garcia Werebe, pela difusão das ideias de Henri Wallon no Brasil. Não apenas ministrou disciplinas e orientou dissertações e teses, mas também apresentou tais ideias em eventos científicos e publicações. Inicialmente, a difusão da vertente walloniana restringiu-se à PUC, a partir dos cursos. Logo, porém, a difusão rompeu os muros da Universidade e ampliou-se para as diferentes regiões do país.

Para tal expansão, foi fundamental a formação que propiciou aos novos pesquisadores. Se no início estes se limitavam à elaboração das respectivas dissertações e teses, posteriormente, como seus discípulos, passaram a elaborar novas produções. Assim, sua contribuição fica perenizada a partir dos novos discípulos, que dão continuidade ao seu trabalho, ampliando a participação da abordagem walloniana na produção acadêmico-científica nacional.

A Psicologia da educação, no Brasil, traz as marcas da inquietude teórica e da competente atuação na trajetória acadêmico-científica de Abigail Alvarenga Mahoney.

Publicações

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

MAHONEY, A. A. Os 40 anos de PED. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, n. 33, dez. 2011.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). A constituição da pessoa em Henri Wallon. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2016.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). Henri Wallon: psicologia e educação. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da Educação, v. 10, 2 sem. 2005.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R.; ALMEIDA, S. H. Produção de Vigotski (e grupo) e Wallon: comparação das dimensões epistemológicas, metodológicas e desenvolvimental. Psicologia da Educação, v. 24, 1 sem. 2007.

Referências

ALMEIDA, L. R. Contribuições da psicologia de Rogers para educação: uma abordagem histórica. In: PLACCO, V. M. N. S. (Org.). Psicologia da Educação: revendo contribuições. 4. ed. São Paulo: Educ, FAPESP, 2007.

ALMEIDA, L. R. O Grupo Wallon na PUC – SP. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, n. 17, ago. 2003.

ALMEIDA, L. R.; MOROZ, M.; LEAL, D. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, n. 31, ago. 2010.

MOROZ, M.; ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. Abigail Alvarenga Mahoney: marcas de uma educadora no ensino e pesquisa em educação. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, n. 33, dez. 2011.

Laurinda Ramalho de Almeida
Melania Moroz

MAIA, Jacyr
(1914-1995)

Nasceu no Rio de Janeiro. Educador e estatístico brasileiro, foi aluno da Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ) e concluiu o curso em 1935. Especializou-se em Estatística da Educação, em particular, na apuração de testes. Trabalhou, ainda estudante, como técnico no Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE) da Prefeitura do então Distrito Federal (1933 a 1936).

Em 1938, foi aprovado no concurso de Técnico de Educação do Ministério de Educação e Saúde e lotado no recém-criado Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), sob a direção de Lourenço Filho. Trabalhou na Seção de Orientação e Seleção Profissional – cuja chefia assumiu em 1944 – que, nos anos iniciais da atividade do INEP, desenvolveu serviços de apoio à Divisão de Seleção do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), encarregado dos concursos públicos para servidores federais. Dedicou-se também ao magistério de Estatística aplicada à Educação, em cursos na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, junto à cadeira de Psicologia Educacional, com o professor Lourenço Filho. Em 1946, foi contratado para o Serviço de Psicotécnica do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), onde trabalhou em pesquisas, até 1953, sob a orientação de Léon Walther, professor suíço especialista em Psicotécnica. Em 1964, com a criação do Curso de Psicologia na Faculdade Nacional de Filosofia, foi convidado e regeu a disciplina de Estatística nos primeiros anos do curso.

Deixou, entre outras publicações: A prática da medida pelos testes e a contribuição do método estatístico, 1938; Organização de classes de analfabetos, 1944; Provas mentais na seleção de servidores públicos, 1944; Provas para seleção

de calculistas, 1944; Orientação e nível mental, 1945; Contribuição ao estudo da pressão arterial no adulto, 1941; Estatística e experimentação pedagógica, 1941; As provas de nível mental e aptidão na seleção ao serviço público, 1943.

Publicações

MAIA, J. A prática da medida pelos testes e a contribuição do método estatístico. Monografia (Para inscrição no concurso de Técnico de Educação do MES), Rio de Janeiro. 1938.

MAIA, J. As provas de nível mental e aptidão na seleção ao serviço público. [S.l.: s.n.], 1943.

MAIA, J. Estatística e experimentação pedagógica. [S.l.: s.n.], 1941.

MAIA, J. Organização de classes de analfabetos. In: CONGRESSO Nacional de Educação, 8., 1944, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: [s.n.]. 1944.

MAIA, J. Orientação e nível mental. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. v. 5, n. 13, p. 53-60, 1945.

MAIA, J. Provas mentais na seleção de servidores públicos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 1, n. 1, p. 73-83, jul. 1944.

MAIA, J. Provas para seleção de calculistas. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 2. n. 4, p. 70-78, out. 1944.

MAIA, J.; OLINTO, D. Contribuição ao estudo da pressão arterial no adulto. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1941.

Antonio Gomes Penna
Ruy Lourenço Filho



MANGE, Roberto
(1880-1955)

Engenheiro suíço, veio para o Brasil, aos 28 anos, para lecionar na cátedra de Mecânica Aplicada às Máquinas da Escola Politécnica de São Paulo, a convite de Geraldo de Paula Souza. Seu nome inscreveu-se na História da Psicologia no Brasil por seu trabalho pioneiro em instrução profissional racional e seleção de pessoal, com base na Psicotécnica. Foi uma das figuras mais relevantes na aplicação da Psicologia às questões do trabalho, um de seus maiores divulgadores e formadores de novos quadros na área.

No Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em 1925, utilizou os testes de Giese com a finalidade de selecionar alunos para o Curso de Mecânica Prática, base para seu projeto de "aprendizagem racional", que se caracterizaria pela rapidez, economia e eficiência. Com Paula Souza, Lourenço Filho e outros, tentou fundar um Instituto de Psicotécnica, inspirado nas ideias de Léon Walther. Porém, com a crise econômica, de 1929, adiou tais planos, que viriam a se concretizar, mais tarde, com a fundação do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), instituição na qual realizou trabalhos relativos ao "fator humano da produção econômica", implantando os serviços de Psicologia Aplicada ao Trabalho, com a colaboração de Aniela Ginsberg e Betti Katzenstein. Nessa perspectiva, realizou

extenso trabalho, nas seguintes instituições: Estrada de Ferro Sorocabana; Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, um dos centros de difusão da Psicologia Industrial; Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), participou de sua organização e direção; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e outras. No SENAI, implantou o Serviço de Psicotécnica e seu respectivo laboratório; idealizou e implantou os Cursos Vocacionais, que tinham na Psicotécnica uma de suas bases de sustentação.

Criou a Comissão de Psicotécnica da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária, assim como o Boletim de Psicotécnica da referida associação. Sua contribuição estendeu-se à produção de estudos, ensino e formação de profissionais em Psicologia do Trabalho; liderou um grupo de estudos, em sua própria casa, nas manhãs de domingo, discutindo métodos de ensino, seleção de pessoal, técnicas de avaliação de eficiência e questões relativas ao "fator humano". Alguns de seus contemporâneos o consideravam o pioneiro na difusão das ideias de Taylor no Brasil.

Referências

ANTONACCI, M. A. M. Institucionalizar ciência e tecnologia: em torno da fundação do IDORT (São Paulo, 1918-1931). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 59-78, mar./ago. 1987.

ANTUNES, M. A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890 - 1930): uma contribuição aos estudos em história da psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

BOLOGNA, I. O fator humano nas estradas de ferro. São Paulo: CFESP, 1942.

BOLOGNA, I. Roberto Mange e sua obra. Goiânia: UNIGRAF, 1980.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Psicologia. Boletim [da] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51. São Paulo, 1950.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil nos últimos 25 anos. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 143-151, set. 1971.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 41-53, set. 1971.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-14, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia no Brasil. In: QUEM é o psicólogo brasileiro. São Paulo: Edicon/CFP, 1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Org.). História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979. v. 3. p. 235-276.

SANTOS, O. de B. Psicologia aplicada à seleção e orientação profissional. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1973.

Mitsuko Aparecida Makino Antunes



MARCONDES, Durval
(1899-1981)

Foi o primeiro médico psiquiatra no Brasil que se interessou em praticar, clinicamente, as descobertas de S. Freud, nos anos 1920 e 1930. Em 1924, formou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. No ano seguinte, abriu um consultório particular, onde passou a praticar a análise de pacientes neuróticos, de forma autodidata. Contou com apoio científico de Francisco Franco da Rocha que, nessa época, já estava aposentado de seu consultório e de sua cátedra na Faculdade de Medicina. Em 1927, tomou a iniciativa de fundar a Sociedade Brasileira de Psicanálise, em São Paulo. Franco da Rocha foi designado como presidente. Vários médicos e intelectuais modernistas tornaram-se membros e foi lançada a Revista Brasileira de Psychanalyse. Essa primeira Sociedade foi desativada ao ter cumprido a tarefa de divulgar a Psicanálise.

Em 1930, Durval Marcondes tomou conhecimento do sistema de formação do Instituto de Psicanálise de Berlim. Após duas tentativas fracassadas, chegou a São Paulo, em 1936, a primeira psicanalista já formada pela International Psychoanalytical Association (IPA). Um ano depois, a Dra. Koch começou a analisar os primeiros candidatos: Virgínia Bicudo, Flávio Dias, Darcy de Mendonça Uchoa e o próprio Durval Marcondes. Em dezembro de 1938, após reivindicar por vários anos seguidos, obteve a criação de uma Seção de Higiene Mental Escolar na Secretaria de Educação. Organizou um grupo pioneiro de "educadoras sanitárias" ou "visitadoras psiquiátricas" em torno de uma Clínica de Atendimento Infantil, em moldes interdisciplinares, criando um novo tipo de atendimento de saúde mental a crianças e seus familiares.

Teve participação central no reconhecimento, pela IPA, do Grupo Psicanalítico de São Paulo, em 1943, e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), em 1951. Foi presidente dessa Sociedade nas gestões de 1944-1949, de 1955-1956 e de 1967-1969. Foi assistente de Psicologia Social (1934-1938) e professor de Psicanálise e de Higiene Mental (1940-1949) na Escola Livre de Sociologia e Política. Foi professor de Higiene Mental (1934-1937) no então Instituto de Higiene, hoje Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Em 1954, a professora Anita de Castilho e Marcondes Cabral convidou-o para dar aulas de Psicologia Clínica na Faculdade de Filosofia da USP. Lá, criou a Clínica Psicológica, onde os alunos exerciam seu aprendizado prático. Em 1957, foi criado o Curso de Graduação de Psicologia, o primeiro do país. Nesse curso, contou com a participação de vários psicanalistas da SBPSP.

O Parecer sobre exercício de psicoterapia por psicólogos clínicos e psicanalistas não-formados em medicina, de 1955, foi um dos documentos que romperam com a exclusividade pretendida pelos médicos referente à Psicoterapia. Esse documento colaborou com o movimento para a aprovação nacional da Lei nº 4119, de 1962, que dispõe sobre a formação e regulamenta a profissão de Psicólogo.

Publicações

MARCONDES, D. A atuação como revivência da cena primária: o papel do ataque epiléptico. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 1, n. 2, 1967.

MARCONDES, D. A higiene mental escolar por meio da Clínica de Orientação Infantil. Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo, v. 7, n. 6, 1941.

MARCONDES, D. A melancolia como aspecto patológico do mecanismo de identificação. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 1, n. 1, 1967.

MARCONDES, D. A psicanálise dos desenhos dos psicopatas. Revista da Associação Paulista de Medicina, v. 3, n. 4, 1933.

MARCONDES, D. A regressão na contratransferência. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 2, n. 1, 1968.

MARCONDES, D. A terapêutica psicanalítica da impotência sexual. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, n. 13, 1930.

MARCONDES, D. Avaliação dos resultados obtidos na clínica de orientação infantil de São Paulo. Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo, v. 7, n. 6, 1941.

MARCONDES, D. et al. Noções gerais de higiene mental da criança. São Paulo: Martins, 1946.

MARCONDES, D. Medicina e psicologia. São Paulo: Martins, 1952.

MARCONDES, D. Novos aspectos da entrevista clínica: dificuldades contratransferenciais. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 2, n. 2, 1968.

MARCONDES, D. O conceito de interpretação em psicanálise. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 16, n. 1, 1982.

MARCONDES, D. Os resultados do tratamento psicanalítico. Revista da Associação Paulista de Medicina, v. 6, n. 1, 1935.

MARCONDES, D. Parecer sobre exercício da psicoterapia por psicólogos clínicos e psicanalistas não-formados em medicina, 1955. Separata.

MARCONDES, D. Posição da psicanálise na psicologia e na ciência em geral. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 4, n. 2, 1970.

MARCONDES, D. Sobre a ejaculação precoce. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, v. 14, n. 10/12, 1931.

MARCONDES, D. Sobre dois casos de estereotipia gráfica com simbolismo sexual. Memórias do Hospital Juqueri, n. 3/4, 1928.

MARCONDES, D. Um aspecto psicanalítico da cirurgia. Revista de Cirurgia de São Paulo, v. 1, n. 4, 1935.

MARCONDES, D. Um sonho de exame: considerações psicanalíticas sobre "A casa de pensão". Revista Brasileira de Psicanálise, v. 1, n. 1, 1928.

Referências

BICUDO, V. L. Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. Arquivos de Neuropsiquiatria, São Paulo, n. 6, 1948.

BICUDO, V. L. O Conselho Regional de Psicologia homenageia Durval Marcondes. Alter, Brasília, v. 8, n. 2, 1978.

GALVÃO, L. A. P. Notas para a história da psicanálise em São Paulo. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 1, n. 1, 1967.

KLINEBERG, O. (Org). A psicologia moderna. São Paulo: Agir, 1953.

NOSEK, L. (Org.). Álbum de família. São Paulo: Casa do Psicólogo, [199-].

SAGAWA, R. Y. A construção local da psicanálise. Marília: Interior/Psicanálise, 1996.

SAGAWA, R. Y. Redescobrir as psicanálises. São Paulo: Lemos, 1992.

Roberto Yutaka Sagawa



MARINHO, Heloísa
(1903-1994)

Nasceu em São Paulo (SP). Iniciou seus estudos no Colégio Metodista de Petrópolis, concluindo os cursos secundário e normal no Colégio Bennett do Rio de Janeiro. Graduou-se em Pedagogia e Psicologia (em 1928, graduou-se em Filosofia, que incluía a formação em Psicologia) na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. Completou sua formação na Alemanha, onde realizou cursos de especialização e estagiou por algum tempo na Universidade de Frankfurt, em 1936/1937, em Psicologia da Forma Gestalt. Em 1938, cursou Especialização sobre "Influência social na formação de valores" no College Swarthmore, Universidade Pensilvania, Estados Unidos.

Em 1934, foi admitida como assistente na seção de Psicologia Educacional da Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Trabalhando com crianças que frequentavam o Jardim de Infância, dedicou-se à pesquisa do desenvolvimento da linguagem, produzindo, ao longo de sua carreira, cerca de quinze artigos e quatro livros: Vida e educação no jardim de infância, editado em 1952, e com mais duas edições até 1967; Vida, educação e leitura, publicado em 1976; Currículo por atividades, em 1978; Estimulação essencial, em 1978. Entre os artigos publicados, destacam-se aqueles que expressam os resultados de suas pesquisas no domínio da aquisição e desenvolvimento de linguagem: 1) A linguagem no pré-escolar (1944); 2) A linguagem na idade pré-escolar (1944), reproduzido novamente em 1955; 3) Assuntos predominantes na linguagem do pré-escolar (1944); 4) O vocabulário ativo na criança pré-escolar (1945); 5) Métodos de ensino de leitura (1957); 6) Escrita na escola primária (1965); 7) Como a criança aprende a ler brincando (1971).

Entretanto, seu talento e sua excelente formação nunca foram aproveitados nos cursos de Psicologia que começaram a se organizar, desde 1935, e, mais especialmente, na própria Faculdade Nacional de Filosofia. Em seu estágio na Alemanha, teria tido contato com os criadores da Teoria da Gestalt. Não obstante, nem no Instituto de Educação chegou a conquistar uma cátedra. Pelo jeito, a vida não lhe foi justa. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ).

Publicações

MARINHO, H. A linguagem na idade pré-escolar. 2. ed. [S.l.]: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), 1944. 72 p. (Boletim, 27).

MARINHO, H. A linguagem no pré-escolar. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 1, n. 1, p. 46-53, jul. 1944.

MARINHO, H. Assuntos predominantes na linguagem do pré-escolar. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 1, n. 3, p. 376-386, set. 1944.

MARINHO, H. Como a criança aprende a ler brincando. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 56, n. 124, p. 366-379, out./dez. 1971.

MARINHO, H. Currículo por atividades. Rio de Janeiro: América, 1978.

MARINHO, H. Escrita na escola primária. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 44. n. 100, p. 315-331, 1965.

MARINHO, H. Estimulação essencial. 1978. Mimeografado.

MARINHO, H. O vocabulário ativo na criança pré-escolar. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 4, n. 11, p. 210-222, maio 1945.

MARINHO, H. Vida e educação no jardim de infância. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1952. 254 p.

MARINHO, H. Vida, educação e leitura. Rio de Janeiro: América, 1976.

MARINHO, H.; FERREIRA, M. da C. B. da C. Métodos de ensino de leitura. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 28, n. 68, p. 131-150, 1957.

Ruy Lourenço Filho
Antonio Gomes Penna



MARQUES, Juracy Cunegatto *(1931-2023)*

Nasceu em Porto Lucena (RS), em 09 de janeiro de 1931. Egressa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), obteve o grau de Licenciada em Pedagogia em 1955, e o grau de Bacharela em Filosofia em 1960. Representa a última geração de "psicólogos" ou psicologistas oriundos do Curso de Filosofia da UFRGS.

Esteve envolvida na fundação da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, em 1959, e, em 1966, defendeu a primeira tese de Livre Docência em Psicologia na UFRGS, intitulada O questionário de ansiedade normal de Lykken em adolescentes e adultos masculinos e femininos. A Comissão Examinadora dessa tese reuniu nomes expressivos da Psicologia da época, como Pe. Antonius Benkö, do Rio de Janeiro, Prof. Arrigo Leonardo Angelini, de São Paulo, e o Prof. Pedro Parafita de Bessa, de Minas Gerais. Em seguida, foi para os Estados Unidos, onde desenvolveu estudos de pós-doutoramento em Psicologia Educacional na Universidade de Stanford – Califórnia (1968-1969).

Ingressou como professora de Psicologia na Faculdade de Filosofia da UFRGS, em 1960, através de concurso. Embora tenha se tornado assistente de Nilo Maciel na cadeira de Psicologia Geral, afinidades acadêmicas a levaram para a Psicologia Educacional junto à Profª. Graciema

Pacheco. Desta forma, colaborou, ativamente, com as aulas de didática.

Em 1963, cooperou, com Graciema Pacheco, na preparação de um projeto para criação de curso de graduação na UFRGS. O projeto, contudo, não foi aprovado na Universidade, ao que consta, pelas dificuldades em compor um corpo docente adequado. Nesta mesma época, colaborou como professora do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Por sua influência, alunos egressos da PUCRS foram fazer mestrado e/ou doutorado em Psicologia Educacional na UFRGS. Segundo os ex-alunos, suas aulas abriam outras perspectivas profissionais além da prática clínica, como a Psicologia educacional e a pesquisa.

Com a instituição do regime de dedicação exclusiva nas universidades federais, concentrou suas atividades na UFRGS até sua aposentadoria, em 1984. Nesse período, exerceu os mais diferentes cargos e funções, destacando-se na coordenação dos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação (1972-1981) e na direção da Faculdade de Educação (1981-1984). Em 1987, foi convidada para retornar à PUCRS e a colaborar com a reativação do curso de mestrado em Psicologia, tornando-se coordenadora do Curso de 1988 a 1999. Permaneceu na PUCRS até a sua aposentadoria, em 2003.

Durante seus longos anos de dedicação à área da Psicologia, destacou-se pelo empenho em desenvolver a pesquisa em Psicologia educacional, pelo trabalho aplicado com grupos e organizações e em trazer, para a Universidade, um padrão acadêmico de qualidade. Neste sentido, ressalta-se a sua atuação como Coordenadora da área de Psicologia e Educação da Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), entre 1994 e 1996. Entre as suas publicações, destacam-se: Ensinar não é transmitir (1969); A aula como processo (1973); Os caminhos do professor (1975); Paradigma para a análise do ensino (1977); Ajudando a criança a crescer (1979); Psicologia educacional: contribuições e desafios (1980); Ensinando para o desenvolvimento pessoal; Psicologia das relações interpessoais (1983); Administração participativa (1987); Vamos nos comunicar (1992).

Publicações

MARQUES, J. C. (Org.). Psicologia educacional: contribuições e desafios. Porto Alegre: Globo, 1980.

MARQUES, J. C. A ansiedade como fator pessoal de ajustamento pessoal. Boletim da SPRGS, v. 3, n. 5, p. 5-20, 1968.

MARQUES, J. C. A aula como processo. Porto Alegre: Globo, 1973.

MARQUES, J. C. Administração participativa. Porto Alegre: Editora Sagra, 1987.

MARQUES, J. C. Ajudando a criança a crescer. Porto Alegre: Globo, 1979.

MARQUES, J. C. Ensinando para o desenvolvimento pessoal: psicologia das relações interpessoais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

MARQUES, J. C. Ensinar não é transmitir. Porto Alegre: Globo, 1969.

MARQUES, J. C. O questionário de ansiedade normal de Lykken em adolescentes e adultos masculinos e femininos. Tese (Livre Docência em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1966.

MARQUES, J. C. Os caminhos do professor. Porto Alegre: Globo/UFRGS, 1975.

MARQUES, J. C. Paradigma para a análise do ensino. Porto Alegre: Globo, 1977.

MARQUES, J. C. Vamos nos comunicar. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Referências

GOMES, W. B.; SILVEIRA, A. da; GAUER, G. Pesquisa e pós-graduação stricto sensu. In: GOMES, W. B. (Org.). Psicologia no Rio Grande do Sul: Porto Alegre: Museu Psi, 2006. Cap. 10. Disponível em: http://www.ufrgs.br/museupsi/PSI-RS/Chap10.htm. Acesso em: 15 maio 2001.

William Barbosa Gomes



MATOS, Maria Amélia
(1939-2005)

Nascida na cidade de Birigui, interior de São Paulo, mudou-se para a capital em 1957, ingressando na primeira turma do curso de Psicologia, recém-instituído na Universidade de São Paulo (USP), em 1958. Em 1961, em seu último ano de graduação, conheceu Fred Keller, que veio ao Brasil em uma licença sabática para lecionar na USP. Nesse contato, Maria Amélia tornou-se sua auxiliar de laboratório e fez parte do grupo responsável pelos momentos iniciais de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil. O grupo era composto por Carolina Bori, Dora Fix Ventura, Isaías Pessotti, Maria Ignez Rocha e Silva, Rodolpho Azzi, entre outros. Em 1962, mudou-se para os Estados Unidos da América (EUA), para realizar estudos de pós-graduação. Fez o mestrado sob a supervisão de Keller, na Columbia University, entre 1962-1964, e, em 1969, obteve o doutorado pela mesma universidade. No doutorado, trabalhou sob a tutela de William N. Schoenfeld, colaborador de Keller na criação dos primeiros modelos de uso do laboratório de Análise do Comportamento, como recurso para o ensino de Psicologia. De forma complementar às suas atividades na pós-graduação, Maria Amélia atuou como assistente em um laboratório de Psicofisiologia no Veterans Administration Hospital e lecionou cursos introdutórios de Psicologia e Psicologia Experimental na Columbia University. Ela retornou ao Brasil, em 1969, em meio à ditadura militar brasileira e à reforma universitária em curso.

Maria Amélia foi uma professora e pesquisadora influente na Psicologia brasileira, especialmente por suas contribuições à Análise Experimental do Comportamento. Atuou em prol da institucionalização de linhas pioneiras de investigação em controle aversivo (punição), controle de estímulos (equivalência, discriminação simples e condicional), comportamento verbal, comportamento governado por regras etc. Maria Amélia fez pesquisas experimentais com humanos e não humanos e publicou materiais para o ensino de habilidades de pesquisador básico, com os dois tipos de sujeitos. Na comunidade analítico-comportamental, exerceu forte influência por meio da formação de mestres e doutores. Por exemplo, o currículo na Plataforma Lattes registra a orientação de 32 dissertações de mestrado e 38 teses de doutorado.

Teve participação destacada também na institucionalização científica da Análise do Comportamento no Brasil. Em nível nacional, por exemplo, contribuiu para o fortalecimento de diferentes periódicos, tais como: os Cadernos de Análise do Comportamento (1981-1985) e a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (1999 em diante). Além disso, cooperou para o estabelecimento de associações, tal como a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC). Auxiliou também, internacionalmente, como sendo a primeira editora para língua portuguesa do periódico latino-americano Acta Comportamentalia, editado pela Universidad de Guadalajara (México).

Sua atuação também impactou o desenvolvimento da Psicologia, de forma geral, no país. Maria Amélia foi membro nato da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), além de secretária por duas vezes, em 1991 e entre 1992 e 1993. Tinha

particular interesse pela afirmação da Psicologia como campo científico no Brasil. Nessa direção, publicou vários trabalhos mapeando e analisando a produção científica em Psicologia em diferentes sociedades, como o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Advogava também, uma formação científica dos psicólogos, especialmente por meio do laboratório de Psicologia experimental. Tais discussões foram veiculadas em diferentes fóruns, tal como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Publicações

MATOS, M. A. A ética do exercício de controles aversivos. Boletim de Psicologia, v. 23, p. 125-133, 1981.

MATOS, M. A. Produção e formação científica em psicologia. In: CONSELHO Federal de Psicologia. Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo: EDICOM, 1988, p. 100-122.

MATOS, M. A.; DANNA, M. F. Ensinando observação: uma introdução. São Paulo: Edicon, 1982.

MATOS, M. A.; TOMANARI, G. Y. A análise do comportamento no laboratório didático. São Paulo: Manole, 2002.

Referências

GUEDES, M. do C. et al. A introdução da análise do comportamento no Brasil: vicissitudes. Behaviors, v. 12, p. 41-57, 2008.

GUEDES, M. do C. et al. Institucionalização da análise do comportamento no Brasil: uma perspectiva histórica. Behaviors, v. 10, p. 17-29, 2006.

KELLER, F. S. Mulheres analistas do comportamento no Brasil (passado e presente). Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 4, n. 1, p. 43-46, 1981.

KELLER, F. S. Summers and sabbaticals: selected papers on psychology and education. Champaign: Research Press Company, 1977.

TOMANARI, G. Y. Notícia: Maria Amélia Matos (1939-2005): generosidade, competência, liderança. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 21, n. 2, p. 255-256, 2005.

Rodrigo Lopes Miranda
Sérgio Dias Cirino

MATTOS, Giscele
(1920-1997)

Fez curso pedagógico na Escola Normal da Bahia e curso no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), como condição para chefiar o Setor de Seleção do Departamento do Serviço Público (DSP). Durante muito tempo, trabalhou na clínica psiquiátrica do Hospital das Clínicas, aplicando o teste de Rorschach. Trabalhou com vários psiquiatras baianos, dando assessoria para a definição de laudos psiquiátricos e de acompanhamento psicológico. Criou o Serviço de Psicologia do Banco Econômico da Bahia, dirigiu-o até a sua aposentadoria. Organizou o Serviço de Psicologia do Serviço Social da Indústria. Atuou como Psicóloga clínica e prestou assessoria a várias empresas na capital baiana. Obteve o título de Psicóloga por trabalhos pioneiros em Psicologia no Estado da Bahia.

Referências

ROSAS, D. B. Depoimento. [S.l. : s.n], [19--].

Doreen Barreto Rosas



MAUGÜÉ, Jean
(1904-1990)

Natural de Cambrai – França. Filósofo, Jean Maügué foi convidado por Georges Dumas, em 1934, para dar aulas no Brasil, chegando aqui, em 1935, no paquebot Mendoza, junto com Lévi-Strauss, como um dos membros da missão francesa. Ele substituiu o Professor de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), Étienne Borne, permanecendo no Brasil até 1943. Maügué foi fortemente influenciado pelas leituras de Sigmund Freud e Karl Marx.

Em 1935, Maügué publicou o texto O ensino da filosofia e suas diretrizes, no qual lançou as bases para o ensino de Filosofia na FFCL-USP, dividindo o curso em grupo de disciplinas, dentre as quais, a Psicologia figurava no primeiro dos três anos do curso de Filosofia. Na cadeira de Psicologia, Maügué teve como assistentes Annita de Castilho e Marcondes Cabral.

A disciplina de Psicologia era denominada "A Psicologia Afetiva" e foi ministrada por Maügué, tendo como temas: vida afetiva e vida representativa; a tristeza e a alegria; a dor e o prazer; a significação da dor; valor educativo da dor; as tendências; as emoções; teorias sobre a emoção; significação da emoção; o medo e a cólera; os sentimentos; a fenomenologia dos sentimentos; a posição de Max Scheler; atitude clássica ou

racionalista; o amor; crítica da concepção naturalista do amor pelos fenomenologistas alemães; Freud e a concepção naturalista do amor; crítica; o sentimento social; e a pátria.

Maügué ministrou cursos monográficos, anualmente, versando sobre temáticas como percepção, vida afetiva, memória, personalidade. Nesses cursos, ele fazia a exposição e a crítica da Psicanálise, da Teoria da Gestalt, da Fenomenologia alemã e da Psicopatologia em Georges Dumas e Pierre Janet. Ex-aluno de Charles Blondel – Psicólogo social – e de Léon Brunschvicg – Filósofo, ele abordava a Psicologia tanto pelo fundamento filosófico quanto pelos determinantes sociais. Entre seus alunos, figuraram nomes como Anitta Cabral, João Cruz Costa, Lívio Teixeira, Antonio Candido de Mello e Souza e Gilda de Mello e Souza.

Por ocasião da morte de Freud, Maügué publicou no jornal O Estado de São Paulo, em 1939, um artigo intitulado Sigmund Freud. Além disso, como amante das artes, em 1940, auxiliou na organização da exposição "150 anos de pintura francesa", tendo escrito, em 1938, um artigo sobre pintura moderna.

Diante da Segunda Guerra Mundial, Maügué retornou à França, em 1943, e juntou-se, posteriormente, ao exército francês, lutando no norte da África até 1945. Herói de guerra, engajou-se no serviço diplomático na Argentina, na Grécia e no Canadá.

Em 1947, Maügué recebeu proposta para nova contratação pela USP, todavia, não foi exitosa. Tentou retornar ao Brasil, em 1953, pedindo apoio ao ex-aluno, ex-assistente e Professor João Cruz Costa, que fez a proposta da contratação de Maügué com o professor de Psicologia da USP. A proposta foi rechaçada pela Congregação, em especial, pela objeção de Annita Cabral. Após afastar-se do trabalho diplomático, retomou a carreira de professor de ensino secundário na França. Publicou, em 1982, sua autobiografia intitulada Les dents agacées, em que relata sua experiência na USP.

Nos nove anos em que esteve no Brasil, Jean Maügué foi uma figura marcante para gerações de filósofos e psicólogos que passaram pelo Curso de Filosofia da FFCL-USP, entre as décadas de 1930-1940. Em reconhecimento pela sua importância para a Psicologia no Brasil, tornou-se o patrono da cadeira no 17 da Academia Paulista de Psicologia.

Publicações

MAUGÜÉ, J. A pintura moderna. Revista Dissenso: revista de estudantes de Filosofia, n. 2, 1999.

MAUGÜÉ, J. Les dents agacées. Paris: Buchet/Chastel, 1982.

MAUGÜÉ, J. O ensino da Filosofia e suas diretrizes. Cadernos do Núcleo de Estudos Jean Maugué, 1996.

MAUGÜÉ, J. Sigmund Freud. In: SOUZA, P. C. (Org.). Sigmund Freud & o gabinete do Dr. Lacan. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Referências

ARANTES, P. E. Certidão de nascimento. Novos Estudos, n. 23, 1999.

CABRAL, A. de C. e M. A psicologia no Brasil (1950). In: ANTUNES, M. A. M. (Org.). História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CABRAL, A. de C. e M. Resgatando a memória dos patronos. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, ano XIX, n. 3, 1999.

CORDEIRO, D. S. A formação do discernimento: Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, H. de B. C. Da importância de não ser filósofo: um certo "clima" e a docência de Jean Maugüé. Mnemonise, v. 8, n. 1, 2012.

SILVA NETO, N. A. e. Subsídios para a construção de uma visão completa do legado de Jean Maugüé (1904 – 1985): Patrono da Cadeira no 17. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, ano XXVII, n. 1, 2007.

Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha



MEDEIROS, Ethel Bauzer *(1924-2023)*

Ethel nasceu em 18 de dezembro de 1924, no Rio de Janeiro, RJ. Seus pais emigraram da Itália para o Brasil no contexto da Primeira Guerra Mundial. O pai era médico, de origem russa, e a mãe uma condessa italiana. A família se estabeleceu, primeiramente, em São Paulo, posteriormente indo para o Rio de Janeiro (Lima, 2009). Na sua formação, através da história oral, ela ressalta estes aspectos familiares como marcantes em sua trajetória de vida, apontando o grande estímulo recebido no ambiente familiar em relação à cultura e conhecimento, com acesso a produções da música clássica e obras de literatura, filosofia e educação (Amaral, Nunes Junior, 2011).

Em 1932, ingressou na Escola Primária do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, onde teve contato com pessoas ligadas ao Movimento da Escola Nova, como Anísio Teixeira e Florestan Fernandes. Esse período influenciou sua obra, constituindo a visão do ensino como tarefa ativa, sendo permeado por um caráter lúdico, com o uso de atividades como: jogos, esportes e brincadeiras.

Aos 17 anos, concluiu o Curso Normal, habilitando-se como professora e trabalhando no subúrbio do Rio de Janeiro, atividade obrigatória da formação. Durante seu trabalho, foi grande a

ênfase na formação em atividades de recreação, esta como parte da doutrina do Movimento da Escola Nova. Concluída a formação, enquanto estudava Pedagogia, foi designada para atuar na Escola Primária do Instituto de Educação, lecionando o conteúdo de 'Recreação'.

Em 1946, foi aprovada em um concurso público para o cargo de Técnica de Educação no Ministério da Educação e Saúde, denominação, até 1953, do atual Ministério da Educação (MEC) (MEC, 2022). Neste trabalho, em 1947, optou pela especialidade de Seleção e Orientação Profissional, iniciando as atividades no Departamento Nacional de Educação, junto de Lourenço Filho, o qual anteriormente havia influenciado seu trabalho no Instituto.

À época, foi cursar o mestrado em educação na Northwestern University, na área de medidas e avaliação em Psicologia, concluindo o curso em 1949. Anísio Teixeira convidou-a para trabalhar no Instituto Nacional Pedagogia no início da década de 1950, órgão que posteriormente se tornou o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Como relatado em Amaral e Nunes Junior (2011), o próprio Anísio incumbiu-lhe de elaborar um manual de recreação para a escola primária, o qual foi finalizado em 1959, com consulta a materiais dos EUA, Inglaterra, Austrália, Uruguai, Canadá, França e Nova Zelândia.

Em sua trajetória de trabalho, ensino e pesquisa, foi educadora, servidora pública, consultora e gestora nos vários níveis de governo, atuando em diversos campos de conhecimento. Com vasta produção nas áreas de Psicologia, Lazer, Recreação, Administração, Educação e Políticas públicas, ela define sua atuação em dois campos profissionais: "[...] Educação e Psicologia (no magistério e pesquisa), e outro, da Recreação e Lazer [...]" (Lima, 2009, p. 104).

Foi autora e organizadora de profícua obra, com diversas edições traduzidas para outros idiomas, a pedido de países como Estados Unidos, Argentina e Uruguai. A primeira delas foi produzida a partir da solicitação do Ministério da Educação e Cultura (MEC), com o título de Jogos para recreação na escola primária (subsídio à prática da recreação infantil), publicado pelo Instituto Nacional de Pedagogia em 1959.

No campo da avaliação psicológica, com ênfase em psicometria, escreveu o livro Medida psicológica: princípios e práticas, publicado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 1976. Posteriormente, com maior ênfase em seleção e na prevenção do uso inadequado das ferramentas como testes nas avaliações, publicou Medidas psico & lógicas: introdução à psicometria.

O lazer, para Ethel, é compreendido como a articulação da atitude, do tempo e da possibilidade de livre escolha (Gomes, 2004, 2008), conceituando esse fenômeno da seguinte maneira: "De início, convém esclarecer o sentido de lazer, que conceituamos como o espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida" (Medeiros, 1975, p. 3).

Entre as relevantes produções sobre o tema no período, o trabalho O lazer no Planejamento Urbano (Medeiros, 1975), é fundamental ao elaborar a construção teórica e crítica. Na sua produção, os estudos do lazer ultrapassam o escopo da descrição e catalogação, atividade que era realizada, principalmente, por instituições governamentais. Um dos aspectos do lazer é o caráter desinteressado das atividades, permitindo e favorecendo aspectos relacionados ao lúdico (Medeiros, 1975; Marcellino, 2006).

É relevante observar que em O lazer no Planejamento Urbano (op. cit.), à época, eram apontadas questões contemporâneas, tratadas, por exemplo, em Goleman (2014) e Han e Gianchini (2017), tais como o excesso de estímulos e opções de escolha, oriundos da

grande quantidade de informações, que estariam causando um sentimento de exaustão e cansaço.

Na contemporaneidade, o lazer é associado a conceitos da Psicologia positiva, como bem-estar subjetivo e experiências de fluxo, aos quais ela acrescenta o caráter político junto de aspectos de planejamento e uso de espaços e tempos disponíveis (Gomes, 2008). Sua produção pode ser situada como pioneira nesse campo de estudos no Brasil, com um forte viés psicossociológico, tratando o lazer como elemento da qualidade de vida, sendo fundamental para a saúde, a educação e o aperfeiçoamento humano.

Ethel torna o lazer, enquanto experiência e atitude, em alvo de políticas públicas e forma de desenvolvimento das pessoas, rechaçando a visão negativa do tempo livre (Gomes, 2008) e dando relevo ao seu caráter de necessidade humana influenciada pela cultura local (Gomes, 2011). Ela também participou da implantação e fundação de entidades como a International Recreation Association, World Leisure and Recreation Association, Associação Brasileira de Recreação, e Asociaón Latino-Americana de Tiempo Libre y Recreación.

Publicações

MEDEIROS, E. B. Jogos para recreação na escola primária (subsídio a prática da recreação infantil). Rio de Janeiro: INEP, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1959.

MEDEIROS, E. B.; MACHADO, E. R. da C. 108 jogos para jardim de infância. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MEDEIROS, E. B. Jogos para recreação infantil. 2. ed. Rio de Janeiro. Fundo de Cultura: 1961. 2 v. 738 p.

MEDEIROS, E. B. A escolha da profissão. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1971. 62 p.

MEDEIROS, E. B. Lazer: necessidade ou novidade? Rio de Janeiro: SESC/ADRJ, 1975.

MEDEIROS, E. B. O lazer no planejamento urbano. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975. 253 p.

MEDEIROS, E. B. Medida psicológica: princípios e práticas. Rio de Janeiro: FGV, 1976.

MEDEIROS, E. B. O município e a recreação. Rio de Janeiro: [s.n.], 1976. 92 p.

MEDEIROS, E. B. The needs for planning for leisure in developing countries. WLRA Bulletin, v. XIX, n. I. p. 3, jan./fev. 1976.

MEDEIROS, E. B. Educação para o lazer. Boletim de Intercâmbio, Rio de Janeiro, n. 3, p. 37– 54, jul./set. 1980.

MEDEIROS, E. B. Play in human settlements: an integrated approach. In: WILKINSON, P. F. (Ed.). In celebration of play. London: Croom Helm, 1980. p. 31-42.

MEDEIROS, E. B. Provas objetivas, discursivas, orais e práticas: técnicas de construção. 9. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. 180 p.

MEDEIROS, E. B. Medidas psico & lógicas: introdução à psicometria. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 287 p.

MEDEIROS, E. B. Reminiscências de uma educadora: mais de meio século de trabalho em recreação e lazer. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. (Org.). Coletânea do IV Seminário "O lazer em debate". Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2003.

Referências

AMARAL, S. C. F.; NUNES JUNIOR, P. C. Trajetórias do Lazer no Brasil: memórias de Ethel Bauzer Medeiros. LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 14, n. 3. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/765. Acesso em: 10 ago. 2022.

GOLEMAN, D. Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 294 p.

GOMES, C. L. Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.^MEDEIROS, E. B. O lazer no planejamento urbano. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975. 253 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. História. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/97-conhecaomec-1447013193/omec-1749236901/2-historia. Acesso em: 10 ago. 2022.

André de Carvalho Bandeira Mendes



MEDEIROS, Maurício de *(1885-1966)*

Irmão mais moço de Medeiros e Albuquerque. Nascido no Rio de Janeiro.

Diplomado em Farmácia, em 1903, e Médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1907, foi também professor, ensaísta e político. Frequentou vários cursos de especialização médica na Europa, um dos quais com Emil Kraepelin. Ao retornar, esteve ligado ao Pedagogium, foi professor de Psicologia na Escola Normal do Distrito Federal e, posteriormente, catedrático de Fisiologia e Patologia Geral na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Médico-psiquiatra do Hospital dos Alienados.

Conhecedor de História Geral e da Medicina, assumiu, em 1946, a direção do Instituto de Psiquiatria da mesma faculdade. Em 1950, foi chefe da delegação brasileira no 1º Congresso Mundial de Psiquiatria. Participou de campanhas educativas antialcoolismo, era favorável à adoção da "lei seca" no Brasil. Para Medeiros, o alcoolismo era um dos principais motivadores da criminalidade.

Atuando na vida política do país, foi deputado estadual pelo Rio de Janeiro em 1916, deputado federal em 1921, reeleito em 1927 e Ministro da Saúde do governo Juscelino Kubitschek.

Para a docência da Escola Normal, escreveu a tese sobre Os supranormais, publicada em 1930, pela Editora da Vida Doméstica, mas, de fato, não defendida, em decorrência de suas atividades políticas. Na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tomou a iniciativa de convidar Danilo Perestrello, docente livre, mas de formação psicanalítica, para dar um curso centrado na Psicanálise. Demonstrou sua inclinação para a Psicologia quando, ao término de seu curso médico, decidiu conquistar o título de doutor com uma tese sobre Os métodos da psicologia, apresentada e defendida em 1907. Tal como ocorreu com Manoel Bomfim, procurou aprimorar sua formação psicológica frequentando os cursos de George Dumas na Sorbonne. Sob a influência de Dumas, instalou o que ele próprio considerava o segundo laboratório de Psicologia experimental no Brasil (o primeiro teria sido o de Manoel Bomfim) no próprio Hospital Nacional de Alienados. A aparelhagem, segundo afirma Plínio Olinto, teria sido encomendada por Juliano Moreira e com ela teriam sido realizados vários trabalhos de pesquisa.

Ao longo de suas atividades docente e clínica, produziu muitos livros, entre eles: Ciência impura, publicado em 1928; A psicoterapia e suas modalidades, publicado em 1929; Segredo conjugal, de 1933; Aspectos da psicologia infantil, editado pela José Olímpio, em 1952, e O inconsciente diabólico, publicado em 1964. Este último, focaliza uma série significativa de temas em que se revela o quanto Maurício de Medeiros estava atualizado e muito bem informado sobre o campo da Psicologia. Infelizmente, não há referências bibliográficas, embora o próprio texto, vez por outra, contenha indicações de filósofos, como Hegel, e psicanalistas, como Susan Isaacs. Com base na obra dessa autora, apresenta Maurício de Medeiros, no primeiro capítulo, os dez mandamentos da educação infantil. Outro texto importante de Maurício de Medeiros é o Casamento e psiquiatria, no campo da Medicina Legal, publicado em 1952, em Anhembi.

Publicações

MEDEIROS, M. de. Aspectos da psicologia infantil. São Paulo: Jose Olimpio, 1952.

MEDEIROS, M. de. Aspectos da vida infantil. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1952.

MEDEIROS, M. de. Casamento e psiquiatria. Anhembi, v. 22, n. 65, abr. 1952.

MEDEIROS, M. de. Ciência impura. [S.l.: s.n.], 1928.

MEDEIROS, M. de. O inconsciente diabólico. [S.l.: s.n.], 1964.

MEDEIROS, M. de. Os métodos da psicologia. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1907.

MEDEIROS, M. de. Os supranormais. Rio de Janeiro: Editora da Vida Doméstica, 1930.

MEDEIROS, M. de. Segredo conjugal. [S.l. : s.n.], 1933.

Referências

MARTINS, W. História da inteligência brasileira (1933-1960). São Paulo: Edusp, 1977-78.

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RIBAS, J. C. Maurício de Medeiros: educação anti-alcoólica. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 5, n. 4, dez. 1976.

Antonio Gomes Penna
André Luís Masiero



MELSOHN, Isaías
(1921-2009)

Natural de Lubin, Polônia. Médico psiquiatra e psicanalista. Emigrou com seus pais para o Brasil, em 1926, e, em 1946, formou-se em Medicina na Universidade de São Paulo (USP). Um ano antes, em 1945, entra como candidato na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e inicia sua análise pessoal com a Dra. Adelheid Koch, primeira analista didata a chegar ao Brasil, em 1937. Ainda em 1945, filia-se ao Partido Comunista do Brasil e adquire a cidadania brasileira através de naturalização. Em 1947, é contratado como Psiquiatra no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, no grupo do Dr. Aníbal Silveira, ao mesmo tempo em que inicia seu trabalho de Psicanalista em consultório particular.

A partir de 1954, passa a ministrar cursos no Instituto de Psicanálise da SBPSP, contribuindo, assim, diretamente para a formação de novos psicanalistas, atividade central em sua carreira. Torna-se psicanalista didata da SBPSP em 1958, e ocupa o cargo de secretário do Instituto de Formação da Sociedade, mantendo sua posição em defesa da prática da Psicanálise por não médicos, ao lado de outros psicanalistas de São Paulo, em oposição a psicanalistas do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, que defendiam que a Psicanálise deveria ser praticada apenas por médicos.

Em 1961, participa da fundação da Sociedade Rorschach de São Paulo e, em 1962, passa a dar aulas no Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), nas cadeiras de Psicologia Patológica e do Anormal e de Técnicas Projetivas. Em 1964, seu contrato não é renovado em função do golpe militar, mas, em 1991, recebe o reconhecimento acadêmico por meio do título de "Notório saber", outorgado pela Congregação do Instituto de Psicologia da USP.

Entre 1971 e 1973, reside em Londres, onde faz um período de análise com Hanna Segal. De volta ao Brasil, ao lado dos psicanalistas Roberto Azevedo e Regina Schneiderman, funda o Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae, em 1977. Esse curso será um dos primeiros centros de formação de psicanalistas fora do controle formal da International Psychoanalytical Association (IPA), em São Paulo.

Reconhecido como um dos autores mais originais da Psicanálise no Brasil, seu ensino foi, sobretudo, oral, publicou pouco mais de dez artigos em revistas especializadas. Vem formando várias gerações de psicanalistas, a partir de sua concepção dos fundamentos da Psicanálise, em que se destacam a crítica à noção de inconsciente e a influência da filosofia fenomenológica.

Em 1996, as psicanalistas Bela Sister e Marisa Taffarel publicaram o livro Isaias Melsohn - a psicanálise e a vida, com entrevistas e uma coletânea de seus principais artigos. Em 2001, lançou Psicanálise em nova chave (Editora Perspectiva). Morreu em maio de 2009, aos 88 anos, devido a problemas cardíacos. Deixou viúva, dois filhos, quatro netos e uma bisneta.

Publicações

MELSOHN, I. H. Novos conceitos em Psicanálise. Ide, n. 18, p. 26-29, 1989.

MELSOHN, I. H. O mítico, estético e a psicanálise: entrevista. Percurso Revista de Psicanálise, v. 15, p. 104-115, 1995.

MELSOHN, I. H. Psicanálise em nova chave. São Paulo: Perspectiva, 2001. 334 p.

MELSOHN, I. H. Sentido, significação; sonho e linguagem: reflexões sobre as formas de consciência no processo analítico. Boletim de Psiquiatria, v. 144, n. 2, 1981.

Referências

SISTER, B.; TAFFAREL, M. Isaías Melsohn: a psicanálise e a vida. São Paulo: Editora Escuta, 1996.

Nelson Ernesto Coelho Junior

MENDES, Floracy Artiaga *(1912-1978)*

Nascida na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás, é filha de Zoroastro Artiaga e Aracy Monteiro Guimarães. Seu pai foi um ativista de causas progressistas e personagem que tem o seu nome em um museu na cidade de Goiânia. Zoroastro Artiaga foi um grande intelectual goiano, professor, jornalista, advogado, historiador, geógrafo, escritor, fundando alguns jornais no Estado e deixando ao mesmo tempo uma valiosa obra a respeito da riqueza, dos costumes, da geografia, cultura e história de Goiás. Aracy Monteiro Guimarães, sua esposa, é descrita como uma mulher forte, combativa, inteligente e encantadora, companheira de diversas lutas.

Floracy Artiaga Mendes, desde cedo interessou-se pela cultura e pela liberdade do pensamento. Normalista diplomada, estudou no Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus em Catalão - Goiás, mantido pela Congregação Agostiniana. No ano de 1926, já era redatora do jornal Novo Horizonte da cidade de Catalão. Também escreveu no jornal O Mosquito, que circulava nessa mesma cidade. No ano de 1929, passa a ser redatora do jornal O Lar, tabloide redigido na cidade de Goiás. Nos escritos de Floracy Artiaga, veiculados nesse jornal, é perceptível uma preocupação com a natureza, com a história, com os diversos sentimentos e emoções.

Casou-se no dia 2 de março de 1934, com Luiz da Glória Mendes, médico recém-formado e pioneiro no exercício da Medicina em Goiânia. Atendia a todas as especialidades com idealismo, solidariedade e compaixão. O casal teve três filhos: Lucy, Luiz e Lucia.

Floracy Artiaga Mendes é descrita como uma mulher idealista, entusiasmada, de muitos ta-

lentos e muita sabedoria. Essas capacidades tornam-se evidentes em sua atuação, como escritora, pianista, redatora de diversos jornais, diretora da Revista de Educação e professora de Pedagogia e Psicologia na Escola Normal Oficial de Goiás. Defensora das ideias renovadoras na educação, cita em seus textos: Maria Montessori, Ferriére, Claparéde, Pestalozzi, Decroly e Lourenço Filho, entre outros.

Em 1942, participou do VIII Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia. Esse acontecimento, que teve como tema central a questão da educação rural e ocorreu durante o Batismo Cultural de Goiânia, contou com o comparecimento de diversas caravanas compostas por professores e vários representantes da educação nacional. Floracy Artiaga Mendes apresen- tou nesse congresso o trabalho A educação primária fundamental: objetivos e organização, no qual assevera que Psicologia, Biologia e Sociologia são conhecimentos centrais para a formação do professor, e que o conhecimento da criança deve ser o cerne de todo o processo educativo.

Defensora da escola ativa, faz referências, ao longo da tese apresentada no certame, a teóricos, como: Rousseau, Ferriére, Froebel, Dewey, Pestalozzi, Claparéde, Decroly e Lourenço Filho. Afirma, ainda, que o sentido de orientação do professor deve ser "encontrar na própria vida uma finalidade humanitária, trabalhar na escola pela felicidade espiritual e material de um povo, demonstrando praticamente que 'educação é vida e viver é desenvolver-se, é crescer" (Mendes, 1944, p. 125).

Na Revista Oeste, periódico que circulou no Estado de Goiás entre os anos de 1942 e 1944, Floracy escreveu artigos, nos quais assevera que a Escola Nova prepara a criança para ser o futuro cidadão. Em outro artigo, citando Claparéde, assinala que uma tarefa fundamental para transformar o ensino tradicional, seria a formação do novo professorado.

Na Revista de Educação e Saúde, periódico que contribuiu para a divulgação da psicologia escolanovista em Goiás, publicou diversos artigos acerca de questões que marcaram a sua atuação no contexto educacional goiano. No ano de 1946, momento no qual Floracy Artiaga Mendes torna-se diretora dessa revista, é perceptível a discussão em alguns textos de temáticas relacionadas à renovação do ensino, por exemplo, em 1946, é publicado um texto de Lourenço Filho, em que realiza uma saudação aos professores de Goiás. Nesse mesmo ano, em uma seção denominada Leitura pedagógica, há um trecho do livro Introdução ao estudo da Escola Nova, no qual Lourenço Filho realiza um comparativo entre a escola do tipo tradicional e a escola ativa.

Ainda em 1946, Floracy Artiaga Mendes publica, na Revista de Educação, o artigo Instituições e associações escolares, em que observa que educar é preparar para a vida e que a socialização da criança é uma das finalidades da Educação na Escola Nova.

Floracy, como professora, buscava motivar seus educandos para novas possibilidades, entendia que uma tarefa central na atividade docente era criar um ambiente escolar agradável. Afirma, ainda, que o processo de renovação pedagógica exigia do professor maior criatividade, dedicação, cultura e entusiasmo. Floracy aposentou-se, por volta de 1955, mudando-se com o marido para o Rio de Janeiro e, posteriormente, para Brasília, lugar no qual se dedicou à família e a obras de assistência social, falecendo no dia 30 de maio de 1978.

Publicações

MENDES, F. A. A educação primária fundamental: objetivos e organização. In: ASSOCIAÇÃO Brasileira de Educação (ABE). Congresso Brasileiro de Educação. 8. 1942. Anais... Goiânia. Rio de Janeiro: IBGE, 1944. p. 123-126.

MENDES, F. A. Instituições e associações escolares. Revista de Educação e Saúde, Goiânia, n. 25-26, p. 17-22, abr./maio. 1946.

MENDES, F. A. O Lar. Goiás: [s.n.], 1926-1932.

OESTE. Reprodução fac-sim. de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro do 1944. Goiânia: UCG/CEF, 1983.

Referências

MENDES, L. G. Entrevista. Entrevista concedida a Anderson de Brito Rodrigues. [S.l], 2015.

TELES, J. M. Dicionário do escritor goiano. Goiânia: Kelps, 2006.

Anderson de Brito Rodrigues
Jaqueline Veloso Portela de Araújo

MENDEZ, Cidália Dias
(1923-2016)

Nasceu em Salvador, Bahia. Iniciou o curso de Psicologia na Universidad del Chile, que frequentou durante um ano e meio, tendo-o interrompido por problemas de ordem familiar. Prestou vestibular para o curso de Pedagogia, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), concluindo-o em 1953. Ainda estudante, prestou concurso para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), foi aprovada em primeiro lugar, o que lhe deu direito a frequentar curso de Orientação Vocacional no SENAI - São Paulo, com duração de um ano. Foi assistente voluntária da professora Guiomar Florense, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da UFBA. Na Universidade da Califórnia, realizou dois anos de pós-graduação em Psicologia. No retorno, prestou concurso para a UFBA. Com a criação do Instituto de Seleção e Orientação Vocacional (IDOV), foi convidada pelo reitor para integrar a equipe técnica do mesmo, onde ficou por mais de dois anos. Em 1962-1963, licenciou-se, por dois anos, sem vencimentos, uma vez que fora convidada pela Petrobras para assumir o Setor de Recrutamento e Seleção de Pessoal. Demitiu-se da Petrobras. Reassumiu a Universidade, ficou lotada no Departamento de Neuropsiquiatria da Faculdade de Medicina, onde ministrou o curso de Técnicas de Avaliação da Personalidade. Trabalhou também na Federação das Indústrias do Estado da Bahia. No Serviço Social da Indústria (SESI), dirigiu o setor de Psicologia, no qual trabalhou também Romélia Santos.

Referências

MENDEZ, C. D. Depoimento. Depoimento concedido a Nádia Maria Dourado Rocha. Não gravado. Salvador, 2000.

Nádia Maria Dourado Rocha



MENDONÇA, João Ignácio *(1903-1969)*

Médico, nascido em Salvador, Bahia, fez o curso de Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, foi laureado, o que lhe garantiu matrícula gratuita, durante todo o curso. Ao concluí-lo, em 1926, foi agraciado com o prêmio Alfredo Brito, em virtude da qualidade de sua tese, considerada a melhor do ano. Arthur Ramos e Berardinelli foram seus colegas de turma. Depois de formado, seguiu com seus dois colegas ilustres para o Rio de Janeiro, em busca de melhores oportunidades. Por motivos de ordem familiar, necessitou regressar a Salvador.

Assumiu a docência em substituição ao Dr. Carlos Ribeiro, que se transferira para o Rio de Janeiro, e o fez em duas Escolas - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Escola de Economia, que, posteriormente, vieram a constituir a Universidade Federal da Bahia (UFBA), tornando-se catedrático nessas duas instituições. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, regia a cadeira de Psicologia no curso de Filosofia, e na Escola de Economia, a cadeira de Sociologia. Diretor da Escola de Economia, durante o período militar, foi um baluarte da liberdade, defendendo os estudantes. Concorreu à Cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Bahia, obteve o título de livre-docente dessa especialidade. Foi membro do Conselho Penitenciário e da Comissão de Entorpecentes da Bahia. Quando diretor do Hospital de Alienados Juliano Moreira, foi profundamente injustiçado por questões políticas. Também dirigiu o Instituto de Criminologia da Bahia. Seu último empreendimento foi a criação do curso de Psicologia, ideal acalentado por uma década, o qual viu concretizado apenas por um ano, uma vez que faleceu de infarto agudo do miocárdio, em 15 de abril de 1969.

João Mendonça era um homem terrivelmente irônico, arma que esgrimia com precisão e que o fazia temido por muitos. Mas a ironia era uma máscara que escondia a sensibilidade de um poeta. Trabalhos publicados: Da aprendizagem da clínica psiquiátrica: profilaxia das perversões sexuais nas prisões; Perigos sociais da maconha; Maconha e crime; Biotipologia criminal; e em coautoria com Bernardinelli, Os médicos e as toxicomanias código de menores: hierarquia da inteligência.

Publicações

MENDONÇA, J. I. Da aprendizagem da clínica psiquiatrica: profilaxia das perversões sexuais nas prisões. [S.l.: s.n.], [19--].

MENDONÇA, J. I. Maconha e crime: biotipologia criminal. [S.l.: s.n.], [19--].

MENDONÇA, J. I. Perigos sociais da maconha. [S.l.: s.n.], [19--].

MENDONÇA, J. I.; BERNARDELLI. Os médicos e as toxicomanias código de menores: hierarquia de inteligência. [S.l.: s.n.], [19--].

Referências

CARVALHO, M. C. C. de. Depoimento. [S.l. : s.n.], [19--].

Mercedes Cunha Chaves de Carvalho



METTEL, Thereza Pontual de Lemos *(1927-2015)*

Natural do Rio de Janeiro, graduou-se em Letras, em 1950, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). De 1954 a 1956, teve seu primeiro contato formal com a Psicologia ao realizar um curso de especialização na área, na Clínica Psicológica Infanto-Juvenil do Departamento Nacional da Criança do Ministério da Saúde. Em 1958, obteve uma bolsa de estudos da Comissão Fulbright e foi para os EUA realizar uma especialização em Psychological Counseling na Universidade de Winsconsin, onde também realizou seu mestrado e doutorado em Psicologia (1963).

De volta ao Brasil em 1964, Thereza ensinou Psicologia clínica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP-SP), até 1965. Ali, participou da fundação do curso de graduação em Psicologia, realizando os primeiros vestibulares do curso.

Retornando aos EUA, trabalhou como Psicóloga na Clínica da Universidade de Winsconsin (1965-1968) e, em 1967, realizou um pós-doutorado em Clínica Infantil no Children's Treatment Center, Madison, Wisconsin. Voltou ao Brasil, em 1969, e coordenou o ambulatório de Psicologia Infantil do Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto até 1974. Ali, participou como Psicóloga de equipe multidisciplinar com profissionais de saúde, contribuindo para a Psicologia da saúde no contexto hospitalar, promovendo ações como a introdução da mãe na enfermaria. Tendo trabalhado com Lovaas nos EUA, foi pioneira no diagnóstico e tratamento clínico comportamental de crianças autistas no Brasil. Ao mesmo tempo, de 1970 a 1975, foi professora da Pós-Graduação do Departamento de Psicologia Experimental da USP-SP.

Trabalhou como docente da PUC-RJ de 1974 a 1975 e participou ativamente da implantação do doutorado em Psicologia educacional dos Departamentos de Psicologia e Educação da universidade. Na ocasião, presidiu o Conselho Regional de Psicologia da 5ª Região. Em 1975, mudou-se para Brasília, participando da implantação do curso de pós-graduação em Psicologia na Universidade de Brasília (UnB). Após sua aposentadoria, obteve o título de Professora Emérita em 2006. Na UnB, também trabalhou em um centro de saúde familiar, atuando na recuperação de crianças desnutridas, e inaugurou, na capital, o trabalho de equipe com médicos e psicólogos, sempre enfatizando e promovendo a comunicação de qualidade entre médicos, pacientes e as famílias.

Enquanto na UnB, atuou na estruturação dos Conselhos de Psicologia e na formação de psicólogos, mestres e doutores em clínica infantil e em Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente, realizando e orientando pesquisas inovadoras com base na integração entre a abordagem sistêmica, a Análise do Comportamento e da perspectiva Etológica. De 1976 a 1979, foi conselheira do Conselho Federal de Psicologia. Em 1979, recebeu, do Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região, a Medalha 'Centenário da Psicologia Científica' pela contribuição ao desenvolvimento da Psicologia. Em 1981, recebeu a Medalha do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), concedida em reconhecimento à colaboração prestada à ciência brasileira. Foi mem-

bro de comitês de assessoramento do CNPq e CAPES, em diversas ocasiões, e presidente do Conselho Regional de Psicologia 1ª Região de 1980 a 1983. Foi editora da Revista Psicologia: Ciência e Profissão (1994-1998).

Thereza foi pioneira, no Brasil, na consolidação e desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão. Incansável, contribuiu diretamente para a estruturação e o funcionamento dos Conselhos de Psicologia e fortaleceu a pesquisa científica nas áreas de Psicologia clínica, Desenvolvimento humano e Saúde, formando Docentes, Pesquisadores e Psicólogos de alto nível. Sua formação com Carl Rogers no doutorado e especialização em Análise do Comportamento Aplicada levou-a a adotar uma visão sistêmica e abrangente na ciência e na profissão. Destacou a importância de se trabalhar e estudar a criança inserida em seu ambiente natural, sua família e sua escola. Valorizou os aspectos éticos no relacionamento entre os profissionais da saúde, e entre estes e seus pacientes. Sempre se posicionou contra radicalismos teórico-metodológicos. Em entrevista na revista Psicologia: Teoria e Pesquisa (2007), afirmou que "na ciência, não existe 'a' verdade, mas, sempre, a procura da verdade". Segundo ela, "é preciso saber dialogar, dentro da própria Psicologia. O diálogo é necessário".

Foi líder na organização e desenvolvimento da graduação, pós-graduação e pesquisa em Psicologia no país, sempre presente nos encontros científicos como conferencista, debatedora e participante de simpósios. Foi editora da revista científica Psicologia: Teoria e Pesquisa, e teve um papel de grande destaque na fundação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), da qual foi vice-presidente de 1988 a 1990 e presidente de 1990 a 1992. A obra de Thereza exerceu grande influência no pensamento de conceituados profissionais e acadêmicos dedicados à pesquisa e à formação universitária de psicólogos no Brasil.

Publicações

BRANCO, A. U.; METTEL, T. P. de L. O processo de canalização cultural das interações criança-criança na pré-escola. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 11, n. 1, p. 13-22, 1995.

BRITO, M. E.; METTEL, T. P. de L. Um estudo naturalístico do comportamento de pré-escolares durante a refeição. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 2, n. 1, p. 1-13, 1986.

DESSEN, M. A.; METTEL, T. P. de L. Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família. Psicologia, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 27-39, 1984.

FERREIRA, E.; METTEL, T. P. de L. Interação entre irmãos em situação de cuidados formais. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 12, n. 1, 1999.

MACIEL, V. M.; METTEL, T. P. de L. Diferenças de sexo e idade no comportamento agressivo em crianças de dois a cinco anos. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 37, p. 52-77, 1985.

METTEL, T. P. de L. A relação terapeuta: cliente sob o enfoque comportamental. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 7, n. 1, p. 28-29, 1987.

METTEL, T. P. de L. An exploratory study of the effects a feedback condition on counseling interviews with seventh graders. Dissertation (PhD) – University of Winsconsin, USA, 1963.

METTEL, T. P. de L. Considerações sobre o diagnóstico psicológico. Boletim de Psicologia, v. 33, n. 81, p. 34-39, 1981.

METTEL, T. P. de L. Fatores que interferem no processo de interação social da criança desnutrida e marginalizada culturalmente. In: SOCIEDADE Brasileira para o Progresso da Ciência, Anais... [S.l. : s.n], 1978. p. 46-51.

METTEL, T. P. de L. Reflexões sobre a metodologia observacional de enfoque etológico aplicada em pesquisa com excepcionais. In: REUNIÃO Anual da Sociedade de Psicologia. 18. 1988. Anais... [S.l. : s.n], 1988. p. 253-256.

Angela Uchoa Branco



MINICUCCI, Agostinho *(1918-2006)*

Nasceu em 1918, em Botucatu, Estado de São Paulo. Na Escola Normal de Botucatu aconteceu sua formação como Educador, e a sua primeira experiência profissional foi a de Professor primário. Seguiu para o curso de Letras Neolatinas e, em sequência, para o de Pedagogia, ambos no, então, Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração, hoje Universidade do Sagrado Coração, em Bauru, São Paulo. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, defendeu seu doutorado em Educação e Livre-Docência em Psicologia. Tímido e reservado, sempre se interessou por mitologia grega, hipnotismo, quiromancia e foi, justamente, a partir dessa ciência dita "oculta" que passou a utilizar as técnicas recém-descobertas com seus colegas, a fim de garantir seu relacionamento com eles. O contato com a Psicologia ocorreu no Curso Normal, no qual essa ciência aparecia atrelada à Educação na disciplina então ministrada pelo professor Guaraciaba Trench.

Além da influência do professor Trench, responsável pela disciplina Psicologia da Educação, Manuel Bonfim, Lourenço Filho e Francisco Marins foram importantes referências em sua vida profissional. Este último, coordenador de obras da Editora Melhoramentos, interferiu para que seus três primeiros livros fossem editados através dessa editora.

Por sua vez, Lourenço Filho incentivou-o a publicar seus três primeiros livros, os quais prefaciou (Relações humanas na escola; Relações humanas na família e Dinâmica de grupo na escola). Lourenço Filho também se interessava pela Grafologia, tal e qual o professor Agostinho, e sugeriu que o amigo desse continuidade aos estudos da teoria, a partir de referências linguísticas, didáticas e psicológicas.

Em 1940, como professor de Português na Escola Normal de Botucatu, organiza um grupo de professoras de alfabetização, com o objetivo de utilizar o teste ABC de Lourenço Filho, cujos resultados eram enviados ao próprio autor para análise. Continua estudando Grafologia, rebatizando-a com o nome de Grafoanálise ou Análise da Grafia.

É designado a ocupar o cargo de Orientador Educacional na Escola Normal de Botucatu, trabalho pioneiro e desconhecido no Brasil na época.

Estudando e utilizando frequentemente o PMK, obteve orientação para aplicação e correção do instrumento de Mira y López, na época no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), através de troca de correspondências. Fez uma adaptação da bateria de testes de inteligência (espacial, verbal e abstrata) para alunos que frequentavam a Escola Normal onde trabalhava.

Ao presidir um Consórcio de Menores, Agostinho Minicucci criou um movimento chamado "Creche Lar". Consistia num movimento comunitário, cujo objetivo era criar, em cada bairro, creches nas casas de moradores. O Consórcio proporcionaria às crianças que frequentassem a creche a alimentação, a assistência social e o convívio com o ambiente familiar. As mães-crecheiras, que possuíam disponibilidade física para receber algumas crianças e passar o dia com elas, receberiam por esse trabalho. Essa iniciativa estendeu-se a crianças maiores como oportunidade de uma espécie de estágio em empresas locais, passando a chamar-se então Guarda Mirim. Nesse consórcio havia um serviço de Psicologia, em que os

principais objetivos eram o acompanhamento do envolvimento da comunidade na questão da qualidade do local que receberia as crianças cujas mães trabalhassem, como também em entender o funcionamento de grupos.

E foi assim que Agostinho Minicucci emergiu no estudo da Sociometria e Dinâmica de grupo. Estudou e escreveu sobre muitos autores e assuntos (de Piaget a Lewin), com destaque para Celestin Freinet, do qual se utilizou de sua teoria do texto livre, tanto em escolas como nas fábricas.

Além do magistério em instituições de ensino médio e superior em Botucatu, Bauru e São Paulo, fez atendimentos individuais e em grupo, além de supervisões clínicas.

Ocupou a Cadeira 39 da Academia Paulista de Psicologia, cujo patrono é Antônio Miguel Leão Bruno, entre abril de 1982 até julho de 2006, quando faleceu.

Publicações

MINICUCCI, A. Algumas observações sobre o Teste da Árvore. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 1957.

MINICUCCI, A. Ambivalência, o adolescente, a grafologia e o psicodiagnóstico miocinético. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 1956.

MINICUCCI, A. Dinâmica de grupo na escola. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

MINICUCCI, A. Notas de um orientador provinciano. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 1957.

MINICUCCI, A. Relações humanas na escola. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

MINICUCCI, A. Relações humanas na família. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

MINICUCCI, A. Relações humanas: psicologia das relações interpessoais. Rio de Janeiro: Atlas, 2001.

MINICUCCI, A.; BASTOS, I. R. O Teste Palográfico do prof. Escala. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 1961.

Mônica Leopardi Bosco de Azevedo



MIRA Y LÓPEZ, Emílio
(1896-1964)

Nasceu em Santiago de Cuba. Em 1898, sua família retornou à Espanha, fixando-se, de início, na Galícia e, a partir de 1902, em Barcelona, onde Mira y López concluiu sua formação escolar básica e a graduação em Medicina (1917). Realizou o doutorado em Madri.

Psiquiatra, seu primeiro contato com a Psicologia ocorreu, em 1919, no Instituto de Orientação Profissional da Catalunha, onde foi Chefe do Laboratório de Psicofisiologia, cargo alcançado por concurso. Em 1926, assumiu a direção geral do Instituto. Filiado ao Partido Socialista, exerceu a chefia dos serviços psiquiátricos do exército republicano, durante a Guerra Civil Espanhola. Com a vitória de Francisco Franco (1939), Mira y López abandonou a Espanha, para onde jamais retornou. Durante sua permanência nesse país, publicara Teoria y práctica del psicoanálisis (1926), Manual de psicologia jurídica (1932) e Manual de psiquiatria (1936).

De 1939 a 1945, Mira y López percorreu vários países, proferindo conferências, ministrando cursos, coordenando ou realizando pesquisas e dirigindo atividades práticas, nos domínios da Psicologia e da Psiquiatria. Demorou-se, particularmente, na Inglaterra (onde, detentor de uma bolsa de research fellow no Maudsley Hospital, desenvolveu seu projeto PMK), na Argentina e no

Uruguai. Casou-se, em 1919, com Pilar Campins Garriga, de quem se divorciou, durante sua estada no Uruguai. Voltou a casar-se com Alice Madeleine Galland, a qual foi, desde então, sua colaboradora incansável e cuidadosa guardiã de sua memória. Três filhas nasceram da primeira união: Pillar, Emília e Montserrat. Do segundo, nasceram – todos no Brasil – Nuria, Rafael, Emilio Carlos (falecido com poucos meses de vida) e Emílio.

O primeiro contato de Mira y López, no Brasil, ocorreu em maio de 1945. A convite da Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e Estrada de Ferro Sorocabana, pronunciou conferências e deu um curso de Psicologia Aplicada ao Trabalho. Em outubro do mesmo ano, voltaria ao Brasil, Rio de Janeiro, para se ocupar de um curso que foi um marco na História da Psicologia Aplicada no Brasil: o curso do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), concluído em outubro de 1946. Logo depois, Mira y López foi convocado para assumir a direção do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP, Fundação Getúlio Vargas), em fase de organização no Rio de Janeiro. O ISOP funcionou, por um tempo, em laboratório, sala de aula, consultório psicológico, gabinete de seleção e orientação. Ao lado do PMK, foi a obra mais importante criada por Mira y López, à qual ele deu dimensão acadêmica e projeção internacional. Desenvolveu entre seus colaboradores o hábito de escrever e publicar, criando, para isso, os Arquivos Brasileiros de Psicotécnica - hoje Arquivos Brasileiros de Psicologia. Sua influência, rapidamente, ultrapassou os limites do Rio de Janeiro, estendendo-se, praticamente, a todo o Brasil. Ao lado de outros psicólogos, Mira y López participou das lutas pela regulamentação da profissão e pela formação acadêmica regular do Psicólogo no Brasil. Escreveu numerosos livros, abrangendo os campos da Psicologia, Psiquiatria e Educação. Faleceu em Petrópolis (RJ).

Publicações

MIRA Y LÓPEZ, E. Cuatro gigantes del alma. Buenos Aires: El Ateneu, 1954.

MIRA Y LÓPEZ, E. La psiquiatria en la guerra. Buenos Aires: Médico-Quirúrgica, 1944.

MIRA Y LÓPEZ, E. Le psychodiagnostique miokinétique. Paris: Centre de Psychologie Appliquée, 1951.

MIRA Y LÓPEZ, E. Manual de orientación profesional. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1952.

MIRA Y LÓPEZ, E. Manual de psicologia jurídica. Barcelona: Salvat Editores, 1932.

MIRA Y LÓPEZ, E. Manual de psiquiatria. Barcelona: Salvat Editores, 1936.

MIRA Y LÓPEZ, E. Psicologia evolutiva da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1960.

MIRA Y LÓPEZ, E. Temas actuales de psicologia aplicada. Buenos Aires: Editorial Oberon, 1965.

MIRA Y LÓPEZ, E. Teoria y práctica del psicoanálisis. Paris: Monografies Mediques, 1926.

Referências

FREITAS, E. Origens e organização do ISOP. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 25, n. 1, p. 7-16, 1973.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica. Número especial, em memória de Emílio Mira y López, v. 16, n. 2-3, 1964.

ROSAS, P. Emílio Mira y López. In: FÁVERO, M. de L. de A., BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/ MEC/ INEP, 1999. p. 165-169.

ROSAS, P. Mira y López: 30 anos depois. São Paulo: Vetor - Editora Psicopedagógica, 1995.

Paulo da Silveira Rosas



MOHANA, João
(1925-1995)

Nasceu em Bacabal, Maranhão. Filho de uma família libanesa cristã, recebeu essa formação religiosa. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia, em 1949, especializando-se em Pediatria.

Clinicou na cidade de São Luís, exerceu, por vários anos, suas atividades no Departamento Estadual da Criança. Foi educador sanitário da Campanha Nacional de Educação Rural junto à Missão Intermunicipal Rural Arquiodiocesana e atuou também em uma clínica particular. Em 1953, ingressou no Seminário Maior de Viamão em Porto Alegre (RS), onde se ordenou sacerdote, em julho de 1960, e retornou, em seguida, para a cidade de São Luís (MA).

Publicou dois romances: O outro caminho (1968) e Maria da tempestade (1987), ambos premiados pela Academia Brasileira de Letras e traduzidos em vários países da Europa. Isso o fez conhecido e requisitado em todo o Brasil como conferencista para casais. Sua obra principal, A vida sexual dos solteiros e casados (1969), é o elo indispensável entre a sua carreira de romancista e o seu ensaísmo psicanalítico-religioso. Escreveu outro importante livro, Sofrer e amar: psicologia e teologia do sofrimento (1973).

Como sacerdote, participou da Juventude Autêntica Cristã (JUAC). A cultura é tema de seu último livro: Diga não ao imperialismo cultural, publicado no Ano Internacional da Juventude, em 1985, em que propõe uma leitura da realidade e dos mecanismos ideológicos que se infiltram na religião, na política e na sociedade brasileira, oferecendo pistas para que os jovens, recusando a condição de objetos, possam transformar-se em sujeitos na construção de uma sociedade.

Mohana não se limitou a escrever sobre assuntos religiosos, mas também sobre literatura, teatro, música, cinema e cultura; em mais de quarenta títulos. Embora não fosse Psicólogo, foi marcante a sua participação nessa área. Sua Psicologia pode ser caracterizada como uma Psicologia "da salvação", que abre caminho para a realização ontológica no sentido de que o homem restabeleça o seu encontro. Na sua obra, Plenitude humana (1983), discute a realização pessoal como ponto-chave para o restabelecimento da paz interior.

Através de seminários, conferências e sessões de aconselhamento, pregava uma Psicologia baseada em sua reflexão sobre a vida. Ensinava que a adversidade, as neuroses, as dores eram como nuvens escuras, mas passageiras, e essas deveriam ser tratadas dessa forma; afirmava que o homem abraçava valores transitórios em detrimento de valores eternos, o que fazia com que mergulhasse na angústia, na depressão - enfim, o tédio da vida, a perda do significado da existência. Contemplava uma Psicologia iluminada pela fé, que indagava sobre a incerteza e a dúvida do homem perplexo diante de si e do mundo. Suas obras foram reeditadas inúmeras vezes. Faleceu em São Luís (MA).

Publicações

MOHANA, J. A vida sexual dos solteiros e casados. 12. ed. Porto Alegre: Globo, 1969.

MOHANA, J. Diga não ao imperialismo cultural. São Paulo: Loyola, 1985.

MOHANA, J. Maria da tempestade. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

MOHANA, J. O outro caminho. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

MOHANA, J. Plenitude humana. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.

MOHANA, J. Sofrer e amar: psicologia e teologia do sofrimento. 12. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

Márcia Antonia Piedade Araújo
Manoel William Ferreira Gomes
Ana Maria Jacó-Vilela



MONCORVO FILHO, Artur *(1871-1944)*

Carlos Artur Moncorvo Filho foi um importante Médico higienista, que se destacou pela atuação filantrópica de proteção à infância, especialmente, das camadas pobres urbanas.

Nascido a 13 de setembro de 1871, formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1897, dando sequência à atuação profissional do pai, considerado o precursor da Pediatria no Brasil.

Sua trajetória foi informada pelo saber higienista, segundo o qual caberia aos médicos o desenvolvimento de uma ação profilática na promoção da saúde da população, no combate às causas sociais determinantes de afecções físicas, morais e mentais, destacadamente, das camadas pobres.

A promoção da higiene seria condição de superação do atraso e desenvolvimento de uma nação civilizada, informando a gestão de indivíduos, espaços e instituições sociais. Tal perspectiva referenciou um conjunto de ações sanitárias voltadas para a erradicação de doenças epidêmicas, reformulação urbana e reordenamento de espaços de moradia, educação e trabalho.

Na gestão das populações, a infância foi priorizada, por meio de um amplo leque de intervenções, sob liderança de Moncorvo Filho. Sua atuação voltou-se, por um lado, para os espaços de inserção das crianças, que deveriam ser ordenados

de forma a garantir condições de salubridade. Por outro, junto aos sujeitos responsáveis pelos cuidados da população infantil, na instrução de mães, amas de leite e professores.

O médico desenvolveu uma cruzada, centrada no combate à mortalidade e abandono das crianças, tendo como foco a infância pobre ou desassistida. As intervenções deveriam ser fundadas na filantropia, em oposição às práticas caritativas religiosas, fortemente criticadas por seu caráter a-científico. Por outro, deveriam ser de responsabilidade do Estado, no desenvolvimento de políticas públicas de amparo à criança. O médico atuou basicamente em três frentes: institucional, acadêmica e associativa.

No que se refere à sua atuação institucional, buscando uma intervenção mais orgânica e profilática, Moncorvo Filho criou, em 1899, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI), o qual congregava uma série de programas e projetos, como: dispensário, creche, clínica pediátrica, etc. Seu foco privilegiado eram as mães pobres, transmitindo-lhes os preceitos de higiene infantil, através de conferências, cartilhas e filmes.

Moncorvo Filho buscou também intervir nas escolas, com a criação, em 1910, do Serviço de Inspeção Sanitária Escolar, que previa o acompanhamento da saúde dos alunos das escolas públicas, através da presença dos médicos nas escolas, o que não chegou a efetivar-se.

No que se refere à sua atuação acadêmica, Moncorvo Filho atuou, basicamente, como divulgador científico. Visando instruir a população nas práticas de cuidados à infância, buscou irradiar os saberes da Higiene infantil, da Pediatria e Puericultura. Para tal, criou canais de vulgarização científica dirigidos às mães, professores e médicos, como o Boletim do Instituto, o periódico: Arquivos de Proteção à Criança, bem como obras como: Hygiene infantil às mães pobres (1907); Hygiene escolar (1913); Hygiene infantil (1915); Formulário de doenças das crianças (1918); e Histórico da protecção à infância no Brasil 1500-1922 (1926).

Participou de diferentes associações científicas e profissionais. Sua ação mais destacada foi a realização, em 1922, do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância/ III Congresso Pan-americano de Proteção à Infância, congregando cerca de 300 participantes e 128 organizações científicas, tendo tido ampla divulgação no Brasil e exterior. Tal congresso constituiu um marco na difusão de saberes sobre higiene, desenvolvimento, educação e saúde da infância, bem como na formulação de políticas de promoção da criança, informando, assim, alguns aspectos do Código de Menores de 1927. O Congresso redundou também na criação do Museu da Infância, que buscava inventariar o histórico das práticas de cuidado infantil.

As ações de Moncorvo Filho foram significativamente ampliadas com a criação da Sociedade Científica Protetora da Infância e, em 1919, com a do Departamento da Criança do Brasil, que propunha a organização de um sistema nacional de amparo à infância. O departamento não contou, no entanto, com o apoio sistemático do Estado, em que os sucessivos governos, embora enaltecessem as ações do médico, pouco contribuíram para a sua institucionalização. O Departamento, sucedâneo do IPAI, funcionou até 1939, quando foi extinto. No ano seguinte, foi criado o Departamento Nacional de proteção à criança, em que o Estado, finalmente, assumiu a condução de políticas de assistência infantil, como pretendia Moncorvo Filho. O médico morreu 4 anos depois, em 1944.

Publicações

MONCOVO FILHO, A. A cruzada pela infância. Rio de Janeiro: Typ. Bernard Freré, 1919.

MONCOVO FILHO, A. Da assistência pública no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

MONCOVO FILHO, A. Das amas de leite no Brasil. In: CONGRESSO Brasileiro de Medicina e Cirurgia. 5. 1903. Rio de Janeiro.

MONCOVO FILHO, A. Formulário de doenças das creanças. [S.l.: s.n.], 1918.

MONCOVO FILHO, A. Histórico da proteção à infância no Brasil: 1500-1922. [S.l.: s.n.], 1926.

MONCOVO FILHO, A. Hygiene escolar. [S.l.: s.n.], 1913.

MONCOVO FILHO, A. Hygiene infantil. [S.l.: s.n.], 1915.

MONCOVO FILHO, A. Hygiene infantil às mães pobres. [S.l: s.n.], 1907.

Referências

BAZÍLIO, L. C. (Org.). Infância tutelada e educação: história, política e legislação. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.

FREIRE, M. M. de L.; LEONY, V. da S. A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930). História, Ciências, Saúde -Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, p. 199-225. 2011.

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc.gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

MARCÍLIO, M. L. História social da criança abandonada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MENDEZ, E. G. Infância e cidadania na américa Latina. São Paulo: Hucitec, 1998.

RAGO, M. Do cabaré ao lar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Carlos Arthur Moncorvo Filho. Disponível em: http://www.sbp.com.br/institucional/academia-brasileira-da-pediatria/patronos-e-titulares/carlos-arthur-moncorvo-filho/.Acesso em: 14 dez. 2015.

WADSWORTH, J. E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos de assistência à infância no Brasil. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 103-124, 1999.

Maria Cristina Soares de Gouvêa



MONTE ALVERNE, Francisco de – Frei *(1784-1858)*

Filósofo e pregador da Ordem dos Franciscanos. Autor do Compêndio de Filosofia (1859), professor de Filosofia no Seminário São José - Rio de Janeiro, em 1833, e no curso anexo à Faculdade de Direito de São Paulo, em 1813. Introduziu no Brasil a corrente filosófica do ecletismo espiritualista, formulada pelo filósofo francês V. Cousin, que buscava compatibilizar as contribuições do sensualismo, do idealismo, do empirismo, da filosofia escocesa e do kantismo.

Monte Alverne define o "eu" como uma substância distinta da matéria, simples, única e indivisível, capaz de todas as funções psíquicas e dotada da consciência de si mesma e do sentimento de sua individualidade. Para ele, o estudo da Psicologia é parte da Filosofia e compreende os seguintes tópicos: união da alma e do corpo; origem das ideias, faculdades da alma (sentidos, entendimento e vontade), fenômenos da alma. A alma é definida como uma potência capaz de produzir certos efeitos (os fenômenos psíquicos). As faculdades são operações da atividade da alma que só podem ser reconhecidas e determinadas, a partir da observação dos fenômenos que as manifestam. As ideias são as maneiras de existir da alma, que é consciente e sensível a elas.

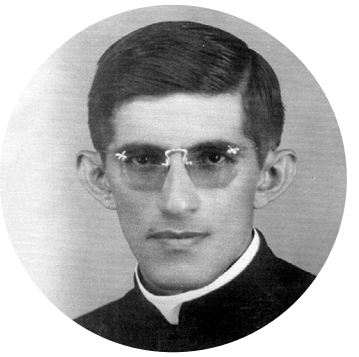
Publicações

MONTE ALVERNE, F. de. Compêndio de filosofia. [S.l.: s.n.], 1859.

Referências

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Marina Massimi



MONTE, Padre
(1905-1944)

Natural de Vitória de Santo Antão, Pernambuco. O Padre Luís Monte ingressou no Seminário São Pedro, em Natal, no ano de 1922. Concluiu os cursos de Filosofia e Teologia, em 1927, passando a exercer o sacerdócio em Natal. Pensador, cientista e pregador, Monte se dedicou a publicar alguns trabalhos na imprensa católica. Foi um dos primeiros norte-rio-grandenses a estudar o pensamento de Sigmund Freud. Teve a oportunidade de conhecer os textos no original, em alemão, língua na qual possuía segura fluência. Era um crítico da criminologia lombrosiana, tendo publicado trabalhos a respeito.

Seus principais trabalhos publicados na imprensa católica são: Evolução e moral (1935); Ilusão da liberdade (1935); Hormônio e crime (1935); A alma revelada pela fadiga (1935); Freud (1936); Estigmatizados (1942). Publica dois livros: Fundamentos de biologia (em 1935) e sua obra-prima: Fundamentos biológicos da castidade (em 1944). Este último possui quatro partes: I. Fisiologia da castidade; II. Continência, castidade e eugenia; III. Continência e loucura; e IV. Castidade e delinqüência. Escreveu um longo ensaio sobre Freud que, infelizmente, não foi encontrado até hoje. Faleceu em Natal, com 39 anos.

Publicações

MONTE, Pe. A alma revelada pela fadiga. In: A ORDEM. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1935.

MONTE, Pe. Estigmatizados. In: A ORDEM. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1942.

MONTE, Pe. Evolução e moral. In: A ORDEM. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1935.

MONTE, Pe. Freud. In: A ORDEM. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1936.

MONTE, Pe. Fundamentos biológicos da castidade. Natal: Tipografia, 1944.

MONTE, Pe. Fundamentos de biologia. Rio de Janeiro: Agir, 1935.

MONTE, Pe. Hormônio e crime. In: A ORDEM. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1935.

MONTE, Pe. Ilusão da liberdade. In: A ORDEM. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1935.

Referências

CARVALHO, D. B. de. A cidade e a alma reinventadas: a história da psicologia como signo e vetor da modernização urbana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

LIMA, B. R. Uma história de um cientista religioso: a obra do padre Luis Monte na interpretação de Luis da Câmara Cascudo. In: RANGEL, M. de M.; ARAÚJO, V. L. (Org). Caderno de resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas. Ouro Preto: EdUFOP, 2012.

PAIVA, J. O'G. de. Verdade e vida. Natal: Nordeste Editora Gráfica, 1947.

PEREIRA, N. O Padre Luiz Gonzaga do Monte, santo e sábio. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, v. 20, n. 9, p. 134-143, 1971.

Denis Barros de Carvalho

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento *(1900-1985)*

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1900, e passou uma parte de sua infância na cidade de Goiás, antiga capital do Estado. Realizou o Curso Normal em São Paulo, diplomando-se em 1918. Em 1922, foi nomeada professora do Grupo Escolar na cidade de Goiás. Em 1925, após participação em concurso, no qual apresentou a tese A escola moderna, foi nomeada Diretora do Grupo Escolar da capital, cargo esse ocupado até 1930, ano em que foi nomeada professora da disciplina de Didática na Escola Normal de Goiás, transformada, posteriormente, em Instituto de Educação de Goiás. Ocupou o cargo de diretora nesses dois espaços. Foi casada com João Monteiro, que realizou o curso de Direito na Faculdade de Goiás, sendo professor nessa instituição, além de Diretor Geral da Segurança Pública em Goiás.

Ofélia contribuiu para a difusão entre os professores goianos de algumas concepções a respeito dos ideais renovadores na educação. Promoveu reuniões com a finalidade de divulgar os novos métodos pedagógicos entre os docentes do Grupo Escolar, e foi responsável pela realização da primeira experiência de treinamento em serviço dos professores em Goiás.

Escreveu diversos livros, entre os quais podemos destacar Goiaz coração do Brasil, publicado, originalmente, em 1934, o qual objetiva auxiliar os professores dos grupos escolares goianos no que se refere ao ensino de história de Goiás; e Como nasceu Goiânia, obra publicada em 1938, na qual a autora retrata o processo de transferência da capital.

Na Revista de Educação, periódico que contribuiu para a disseminação da Psicologia escolanovista em Goiás, escreveu alguns artigos. Publicou, em 1937, um texto intitulado O nosso congresso, no qual realiza uma exposição acerca do Primeiro Congresso de Educação realizado, em outubro de 1937, na cidade de Goiânia. A autora afirma que o congresso excedeu a todas as expectativas, e diversas sugestões foram apresentadas no sentido de colaborar para a transformação da escola. Escreveu, ainda nessa revista, um artigo, em 1939, denominado Testes, no qual realiza uma discussão a respeito da importância dos testes psicológicos e das diversas possibilidades de mensuração da inteligência dos indivíduos. Afirma ainda que, entre as escalas métricas mais conhecidas, cabe destacar a de Binet e Simon e a de Terman.

No ano de 1942, apresentou o trabalho A educação primária fundamental nas zonas de Alto Sertão, no VIII Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia. A autora afirma nesse artigo que o grande problema da educação em Goiás é o da educação nas zonas de alto sertão. Entendendo que a educação é o preparo do indivíduo para a vida, a autora assevera que a escola deve apresentar relação com a experiência cotidiana dos indivíduos.

Na Revista Oeste, periódico que circulou, entre os anos de 1942 e 1944, em Goiás, Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro escreveu alguns artigos. No ano de 1943, publicou um texto intitulado O brasileiro de amanhã, no qual discute questões relacionadas à criança, à educação e o papel da Psicologia moderna.

Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro teve uma participação importante no contexto goiano. Escreveu livros que retratam o Estado de Goiás; promoveu cursos de formação para os professores; participou de congressos; ministrou aulas e foi diretora do Grupo Escolar, Escola Normal e Instituto de Educação; e ainda contribuiu, enormemente, para a disseminação em Goiás de um conhecimento renovador que compreendia a criança como um ser ativo.

Publicações

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE). Congresso Brasileiro de Educação. 8. 1942. Goiânia. Anais... Rio de Janeiro: IBGE, 1944, p. 103-105.

MONTEIRO, O. S. do N. A escola moderna. 1925. Tese (Livre-docência). Goiânia, 1925.

MONTEIRO, O. S. do N. Como nasceu Goiânia. Revista dos Tribunais, São Paulo, 1938.

MONTEIRO, O. S. do N. Educação primária fundamental nas zonas de Alto Sertão. [S.l.: s.n.], [s.d.].

MONTEIRO, O. S. do N. Goiaz: coração do Brasil. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983.

MONTEIRO, O. S. do N. Nosso Congresso. Revista de Educação, Goiânia, ano I, n. 2, nov./dez. 1937.

MONTEIRO, O. S. do N. Reminiscências: Goiás de antanho, 1907 a 1911. Goiânia: Oriente, 1974.

MONTEIRO, O. S. do N. Testes. Revista de Educação, ano III, n. 9, nov./dez. 1939. Goiânia, 1940.

REVISTA OESTE, Reprodução fac-sim. de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944. Goiânia: UCG/CEF, 1983.

Referências

TELES, J. M. Dicionário do escritor goiano. Goiânia: Kelps, 2006.

TELES, J. M. Memórias goianienses. 2. ed. Goiânia: PUC-GO, 2012.

Anderson de Brito Rodrigues
Jaqueline Veloso Portela de Araújo



MOREIRA, Juliano
(1873-1933)

Juliano Moreira nasceu em Salvador, a 6 de janeiro de 1873. Aos 13 anos de idade, matriculou-se como interno na Faculdade de Medicina da Bahia, adquirindo o grau de doutor, em 1891, com a tese Sífilis maligna precoce. Em 1896, ingressou, na referida faculdade, como professor substituto da Seção de Doenças Nervosas. No mesmo ano, foi aprovado como professor da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Doenças Nervosas, após defender a dissertação: Disquinesias arsenais. Nesse período, dedicou-se à Dermatologia e ao que hoje poderíamos chamar de europsiquiatria, atuando como Médico na Santa Casa da Misericórdia, no Hospital Santa Isabel e no Asilo São João de Deus. Colaborou nos periódicos Gazeta Médica da Bahia e Revista Médico-Legal e ajudou na fundação da Sociedade de Medicina Legal da Bahia. Em 1899, como catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, realizou conferência em que divulgava as ideias de Freud, sendo considerado, por vários estudiosos, como o precursor da Psicanálise no Brasil.

A rotina desregrada pela dedicação intensiva aos estudos levou-o a contrair tuberculose, buscando, então, tratamento na Europa até 1902. Nesse período, frequentou diversos cursos de doenças mentais, fez estágio de anato-

mia patológica e conheceu as principais clínicas psiquiátricas e manicômios da Alemanha, Inglaterra, Escócia, Bélgica, França, Itália, Áustria e Suíça. Voltando ao Brasil, Juliano Moreira instalou-se no Rio de Janeiro e, por influência de Afrânio Peixoto e do então ministro da Justiça e Negócios Interiores, J. J. Seabra, foi nomeado diretor do Hospício Nacional de Aliendos (HNA) em 1903. No período em que esteve na direção do HNA (1903-1930), Juliano Moreira defendeu a reformulação da assistência psiquiátrica pública, tanto no âmbito legislativo quanto assistencial. Incentivou a promulgação da primeira lei federal de assistência aos alienados (1903), ao mesmo tempo em que sugeriu novos formatos institucionais e de tratamento para a doença mental, a exemplo do que conhecera na Europa, como os hospitais-colônias e a assistência heterofa-miliar. Em 1911, foi nomeado diretor da Assistência a Alienados, decorrendo de sua gestão a criação do Manicômio Judiciário e a aquisição do terreno para construção da futura Colônia Juliano Moreira.

Como divulgador de uma Psiquiatria científica brasileira, J. Moreira fundou, em 1905, o Archivos Brasileiros de Medicina, com Antonio Austregésilo e Ernani Lopes e, no mesmo ano, junto a Afrânio Peixoto, criou o Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins (ABPNSA). Em 1907, fundou, com Afrânio Peixoto, a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, em que o ABPNSA tornou-se o seu órgão de divulgação e o renomeou como Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal.

Participou, de 1908 a 1910, da comissão da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, formada por Carlos Eiras, Henrique Roxo e Afrânio Peixoto, a qual foi encarregada de estabelecer uma classificação psiquiátrica. O trabalho dessa comissão foi oficializado no relato que fez atendendo às solicitações da Repartição Geral de Estatística, em 1910, deixando evidentes as influências da classificação psiquiátrica do alemão Émil Kraepelin, de quem foi assíduo divulgador no Brasil.

Foi também presidente de honra, entre outros, da Liga Brasileira de Higiene Mental, quando da fundação dessa, em 1923. Em 1928, é criada a seção Rio da Sociedade Brasileira de Psicanálise, com Juliano Moreira como presidente e Júlio Porto-Carrero como secretário geral.

No contexto internacional, participou de diversos congressos médicos, como o de Lisboa (1906), Amsterdã e Milão (1907), Londres e Bruxelas (1913), e foi membro de várias sociedades científicas europeias. Já em 1928, Juliano foi convidado pelas universidades japonesas de Tokyo, Kyoto, Sendai e Osaka para fazer diversas conferências sobre sua especialidade, sendo condecorado com a Ordem do Tesouro Sagrado pelo Imperador Hirohito (1901-1992). Em 1930, com o início do governo de Getúlio Vargas, foi exonerado do cargo de diretor do HNA, falecendo, em 1933, na localidade de Corrêas, região serrana do Rio de Janeiro.

M

Publicações

MOREIRA, J. Classificações em medicina mental. Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, ano 1, 1º trimestre, 1919.

MOREIRA, J. Culpabilidade dos sifilíticos que se casam. Revista Médico Legal, n. 1, 1895.

MOREIRA, J. Dados sobre a psychologia objectiva dos índios brasileiros. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, ano 13, 1917.

MOREIRA, J. Disquinesias arsenicais. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1896.

MOREIRA, J. Falsos testemunhos por desvios mentais. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, v. 8, 1912.

MOREIRA, J. Les maladies mentales dans les climats tropicaux. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, ano 2, n. 1, 1906.

MOREIRA, J. Quais os melhores meios de assistência a alienados? Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, ano VI, v. 1/2, p. 373-396, 1910.

MOREIRA, J. Querelantes e pseudo-querelantes. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, v. 4, n. 1/2, 1908.

MOREIRA, J. Sifilis maligno precoce. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1891.

MOREIRA, J; PEIXOTO, A. A paranoia e os syndromas paranoides. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, ano 1, n. 1, 1905.

Referências

LOPES, J. L. Juliano Moreira. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. v. 13, n. 1, 1964.

MOKREJS, E. A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOKREJS, E. Classificações em medicina mental. Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, ano 1, 1° trimestre, 1919.

MOKREJS, E. Culpabilidade dos sifilíticos que se casam. Revista Médico Legal, n. 1, 1895.

MOKREJS, E. Dados sobre a psychologia objectiva dos índios brasileiros. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, ano XIII, 1917.

MOKREJS, E. Falsos testemunhos por desvios mentais. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, v. 8, 1912.

MOKREJS, E. Quaes os melhores meios de assistência a alienados? Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, ano VI, v. 1 e 2, p. 373-396, 1910.

MOKREJS, E. Querelantes e pseudo-querelantes. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, v. 4, n. 1/2, 1908.

MOKREJS, E.; PEIXOTO, A. A paranoia e os syndromas paranoides. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, ano I, n. 1, 1905.

MOKREJS, E.; PEIXOTO, Les maladies mentales dans les climats tropicaux. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, ano II, n. 1, 1906.

PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). In: FIGUEIRA, S. (Org.) Efeito psi: a influência da psicanálise. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

PORTOCARRERO, V. M. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

VENANCIO, A. T. A.; CARVALHAL, L. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; CONDE, H. (Org.). Clio-Psyché ontem: fazeres e dizeres Psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2001. p. 151-160.

VENANCIO, A. T. A.; CARVALHAL, L. Juliano Moreira: a psiquiatria científica no processo civilizador brasileiro. In: DUARTE, L.F.D.; RUSSO, J.; VENANCIO, A.T. A. (Org.). Psicologização no Brasil: atores e autores. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 65-83.

Ana Teresa A. Venancio



MUSSOLINI, Gioconda
(1913-1969)

Nasceu na cidade de São Paulo (SP). Realizou sua formação profissional na Escola Normal Padre Anchieta, entre 1929 a 1932. Formou-se como bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), em 1937, e recebeu o título de Mestre em Ciências Sociais pela Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), em 1945.

Em 1941, iniciou os estudos de pós-graduação na Divisão de Antropologia e Sociologia na ELSP, onde foi aluna de Herbert Baldus, Emílio Willems, Donald Pierson e Radcliffe-Brown. Essa Escola foi a primeira instituição a ter uma cadeira de Psicologia Social, regida, primeiramente, por Raul Briquet e, posteriormente, por Donald Pierson. Em sua tese de mestrado Os meios de defesa contra a moléstia e a morte em duas tribos brasileiras: Kaingang de Duque de Caxias e Boróro Oriental, sob a orientação de Herbert Baldus, Gioconda Mussolini realizou uma análise psicológica comparativa entre esses dois grupos de indígenas.

Entre os anos de 1933 a 1934, estudou no Instituto de Educação Caetano de Campos, onde fez o curso de Aperfeiçoamento de Professores Primários. Esse lhe possibilitou a remoção do Grupo Escolar de Pariquera-açu, em Jacupiranga (SP), para o Grupo Escolar Vila Prudente, na capital paulista. Além disso, esse curso favoreceu seu contato com o ensino superior, uma vez que o Instituto foi incorporado à USP, em 1934. Nessa instituição, Gioconda Mussolini foi aluna de Noemy da Silveira Rudolfer e de Fernando de Azevedo.

Como aluna matriculada no Curso de Ciências Sociais e Política na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), teve como professores importantes intelectuais, a saber: Jean Maugüé, Pierre Monbeig, Paul Arbousse Bastide, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide.

Nessa mesma instituição, a partir de 1938, Gioconda Mussolini tornou-se professora comissionada à Cadeira de Sociologia I e membro do Centro de Pesquisa e Documentação Social. Sob a regência de Roger Bastide, Gioconda Mussolini orientou uma pesquisa sobre a criminalidade infantil, além de ser responsável pelos seminários das disciplinas de Psicologia Social, Relações entre Psicologia e a Sociologia, entre os anos de 1941 a 1944, apresentando pesquisas sobre vizinhança e análises sociológicas das doenças mentais.

Permaneceu na cadeira de Sociologia I até 1944, quando foi transferida para a Cadeira de Antropologia da mesma instituição na condição de 2ª assistente interina. De 1949 a 1951, foi Auxiliar de ensino da Cadeira de Antropologia, sendo, neste último ano, nomeada 1ª assistente da Cadeira de Antropologia. Nessa condição, foi professora da disciplina Introdução à Antropologia com destaque dos problemas de personalidade e cultura para os alunos do Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, instituído em 1958.

Ainda na FFCL-USP, Gioconda Mussolini iniciou seu doutorado sob a orientação de Egon Schaden, com uma pesquisa sobre populações caiçaras do litoral de São Paulo. Apesar de não ter concluído o doutorado, Gioconda Mussolini se dedicou ao tema da pesca em outras publicações, que lhe permitiram apontá-la como referência nesse campo de estudos.

Foi membro fundador, em 1945, da Sociedade de Psicologia de São Paulo (atual Associação de Psicologia de São Paulo) com Annita de Castilho e Marcondes Cabral, Otto Klineberg, Oracy Nogueira, Virgínia Leone Bicudo. Na Sociedade, proferiu palestra sobre Estereótipos raciais e nacionais: algumas observações feitas sobre a aplicação de um questionário, além de participar do curso de extensão sobre Modernas teorias de personalidade em 1953. Em 1966, foi responsável pela tradução do livro Race differences de Otto Klineberg.

Gioconda Mussolini faleceu em São Paulo aos 56 anos em pleno exercício de suas atividades profissionais.

Publicações

MUSSOLINI, G. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 1, n. 2, 1953.

MUSSOLINI, G. Ensaios de antropologia indígena e caiçara. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Estudos brasileiros, 38).

MUSSOLINI, G. Evolução, raça e cultura: leituras de antropologia física. São Paulo: Nacional, 1969.

MUSSOLINI, G. Notas sobre os conceitos de moléstia, cura e morte entre os índios Vapidiana. Sociologia, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 134-155, 1944.

MUSSOLINI, G. O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião. Sociologia, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 135-147, 1945.

MUSSOLINI, G. O cerco flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve a ilha como centro de difusão no Brasil. Sociologia, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 172-183, 1946.

MUSSOLINI, G. Os "pasquins" do litoral norte de São Paulo e suas peculiaridades na ilha de São Sebastião. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, v. CXXXIV, p. 7-68, 1950.

MUSSOLINI, G. Os japoneses e a pesca comercial no litoral-norte de São Paulo. Revista do Museu Paulista, São Paulo, v. XIV, p. 283-298, 1963.

MUSSOLINI, G. Os meios de defeza contra a molestia e a morte em duas tribos brasileiras: Kaingang de Duque de Caxias e Boróro Oriental. Dissertação (Mestrado) – Escola Livre de Sociologia e Política, São Paulo, 1945.

MUSSOLINI, G. Persistência e mudança em sociedades de folk no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31., 1954, São Paulo. Anais... São Paulo: Anhembi, 1955. p. 333-353. v. 1.

WILLEMS, E.; MUSSOLINI, G. A ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil. Tradução de Ana Maria Pontifex. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB/CEC, 2003.

WILLEMS, E.; MUSSOLINI, G. Buzios island: a caiçara community in Southern Brazil. New York: J.J.Augustin Publisher, 1952.

Referências

CIACCHI, A. Gioconda Mussolini (1913-1969). In: CONSELHO Nacional de Desenvolvimento Tecnológico - CNPq. Pioneiras da ciência no Brasil. Disponível em: http://www.cnpq.br/web/guest/pioneirasview//journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/2525137. Acesso em: 09 dez. 2015.

CIACCHI, A. Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 50, n.1, p. 181-223, jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034770120070001000005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 dez. 2015.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939-1949). São Paulo: Seção de Publicações da USP, 1953. v. 2.

Lidiane de Oliveira Goes
Ana Maria Jacó-Vilela



NEDER, Mathilde
(1923-)

Nasceu em Piracicaba, São Paulo. Psicóloga, destacou-se nos campos da Psicologia hospitalar, Psicoterapia breve, Psicoterapia familiar e Psicossomática. Licenciada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP, 1946). Especialista, também pela USP, em Psicologia educacional, Sociologia educacional, Administração escolar, Pedagogia e Psicologia clínica.

Entre 1952 e 1954, começou seu trabalho como colaboradora na Clínica Ortopédica e Traumatológica (atualmente, Instituto de Ortopedia e Traumatologia) do Hospital das Clínicas da USP (HC), acompanhando, psicologicamente, crianças submetidas à cirurgia de coluna e suas famílias. Esse evento marca o início da Psicologia Hospitalar no Brasil. Em 1957, passou a atuar no recém-criado Instituto Nacional de Reabilitação na USP (atual Divisão de Medicina de Reabilitação). Aprofundou suas atividades em Psicologia hospitalar, desenvolvendo Psicoterapia breve, da qual é pioneira no Brasil.

Em 1967, sua atividade em reabilitação é registrada em artigo de sua autoria, divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) na publicação Psychological services in the rehabilitation of the disabled. Em 1972, obtém doutoramento em Psicologia pela USP. Em 1974, passa a dirigir o recém-criado Serviço de Psicologia da Divisão de Reabilitação Profissional de Vergueiro, do HC. Em 1982, assume a coordenação das atividades psicológicas do Instituto Central do HC, montando e dirigindo a Unidade de Psicologia (posteriormente denominada Divisão). Em 1987, assume a Coordenadoria das Atividades dos Psicólogos do HC. Nessa função, foi presidente, entre 1991 e 1998, do Conselho Diretor e Editorial da Revista de Psicologia Hospitalar. Criada por sua própria iniciativa, trata-se de publicação inédita nesse gênero no país. Teve atuação destacada na criação e coordenação de cursos de Psicologia em nível superior. Foi chefe do último Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) São Bento, que deu origem à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Exerceu papel fundamental na criação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC. Nessa pós-graduação, criou e coordenou o Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar. Promoveu, em 1982, o primeiro Encontro Nacional de Terapia Familiar. Ainda na PUC, fundou o curso de especialização "Psicologia da Saúde: Psicologia Hospitalar". Entre 1991 e 1997, realizou pós-doutorados em Terapia Familiar nos Estados Unidos, México e Itália.

Contribuiu de modo substancial para a consolidação e o crescimento da profissão de Psicólogo, tendo papel destacado na Sociedade de Psicologia de São Paulo, a partir de 1958, na discussão do projeto que resultaria na Lei 4.119, de 1962, regulamentando a profissão. Na presidência dessa Sociedade (1969-1970), trabalhou pela criação do Sindicato de Psicólogos de São Paulo - primeiro do gênero no país. Em 1975, assumiu a presidência da Associação Brasileira de Psicólogos, que, em sua gestão, passou a denominar-se Associação Brasileira de Psicologia. Fez parte das duas primeiras gestões do Conselho Federal de Psicologia. Em 1989, criou o Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia Hospitalar (CEPPHO), de âmbito nacional e internacional. É

integrante da Academia Paulista de Psicologia. Continuou atuando em clínica particular, na PUC-SP e no Hospital das Clínicas e dedicando-se à pesquisa, ensino e intervenção em temas relativos a pacientes terminais e suas famílias, doenças autoimunes, ativação de imunidade e atendimento domiciliar.

Publicações

NEDER, M. Daily work in the psychology unit at a rehabilitation centre. In: BASIC services and equipment for rehabilitation centres - part V: Psychological services in the rehabilitation of the disabled. New York: United Nations, 1967. p. 9-35.

NEDER, M. O psicólogo no hospital. Revista de Psicologia Hospitalar, v. 1, p. 6-15, 1991.

Referências

NEDER, M. Entrevistas. [S.l.], [s.d.]. Entrevistas concedidas por Mathilde Neder por ocasião do Projeto "Memória da Psicologia Brasileira" (CFP/FURB).

NÚCLEO de Psicossomática e Psicologia Hospitalar. In: PONTIFÍCIA Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica: Mestrado e Doutorado. São Paulo, 1999. p. 35-37.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Mathilde Neder. Boletim de Psicologia, n. 26, 1975. Editorial.

Alexandre Dittrich
Rute Coelho Zendron



NICK, Eva
(1927-1990)

Nasceu em Viena, na Áustria. Filha de Siegfried e Auguste [Herzer] Graf. Chegou ao Brasil, em 1930, e naturalizou-se brasileira, em 1946. Do casamento com Jorge Henrique Nick, em 23 de dezembro de 1949, teve três filhos: Ricardo Jorge, Carlos Roberto e Sérgio Eduardo. Foi psicóloga, pedagoga, com pós-graduação em Estatística pela Universidade de Madri, Espanha, e Ph.D em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1975.

Tradutora de livros e artigos (alemão, inglês, espanhol, português), foi consultora técnica de várias instituições: do Centro Editor de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, de 1952 a 1956; do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Rio de Janeiro, de 1955 a 1968; do Ministério da Aeronáutica, de 1968 a 1970; do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), da Fundação Getulio Vargas (FGV), em 1970; do Centro de Estudos de Pessoal do Ministério do Exército, Rio de Janeiro, 1978; professora do Instituto de Educação, em 1966; da Universidade Gama Filho, de 1968 a 1971; da Universidade Federal Fluminense; e do Centro de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, a partir de 1978.

No Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, exerceu os cargos de

Chefe do Departamento de Psicometria (1972), Vice-Diretora (1973), Diretora Adjunta de Ensino de Graduação (1974), Diretora de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa (1977) e Chefe da Divisão de Psicologia Aplicada (1978). Foi também membro do Conselho Nacional de Pesquisas da Unesco, de 1957 a 1958. Foi premiada com as Medalhas da Ordem do Pacificador e da Ordem de Mérito de Santos Dumont, 1968. Foi membro de diversas sociedades científicas: da Associação Brasileira de Psicólogos, da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da Sociedade Interamericana de Psicologia e Psicometria Social. Seus hobbies eram música clássica, natação, poesias. Contribuiu como autora e coautora para o campo da Psicologia e áreas afins com várias publicações. Faleceu no Rio de Janeiro.

Publicações

CABRAL, Á.; NICK, E. Dicionário técnico de psicologia. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

KELLNER, S.; NICK, E. Fundamentos de estatística para as ciências do comportamento. Rio de Janeiro: Renes, 1971.

NICK, E. Estatística e psicometria. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1963.

NICK, E.; RODRIGUES, H. Modelos em psicologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

NICK, E.; WEIL, P. O potencial da inteligência do brasileiro. Rio de Janeiro: CEPA, 1972.

Referências

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 03 dez. 2015.

Elieth Nick
Sergio Eduardo Nick



NINA RODRIGUES, Raymundo *(1862-1906)*

Nasceu em Vargem Grande, Maranhão. Cursou a escola primária em sua cidade natal. Completou seus estudos de humanidades no Seminário das Mercês, em São Luís do Maranhão. Formou-se em Medicina na Bahia, defendendo o trabalho A morféa em Anajatuba (1886). Transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano seguinte, onde obteve o grau de doutor, com a tese As amiotrofias de origem periférica. Retornando à Bahia, tornou-se, em 1891, professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia e na Faculdade de Medicina de Recife. Foi membro da Academia Nacional de Medicina, da Academia Pernambucana de Letras e do Conselho Nacional de Ensino (1926- 1927). Foi influenciado, principalmente, pelas obras de Scipio Sighele, Tarde e Gustave Le Bon.

Grande parte de sua obra foi publicada nos periódicos com os quais colaborava. Fundou a Revista Médico-legal, na qual divulgou vários trabalhos. Foi redator da Gazeta Médica da Bahia e assíduo colaborador dos periódicos Brasil-Médico e Revista Médica de São Paulo. Suas principais obras foram: O animismo fetichista dos negros bahianos (1889); As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1894); e O alienado no direito civil brasileiro (1901). O livro Os africanos no Brasil (1932) é uma publicação póstuma, coordenada por Homero Pires, a partir dos textos que o autor organizara antes de

sua morte. Em 1939, Arthur Ramos reuniu uma série de textos de Nina Rodrigues, publicando-os sob o título As collectividades anormaes (1939).

Nina Rodrigues sustentou, com veemência, a ideia da inferioridade das raças negra, mulata e indígena, chegando a propor que o Código Penal desse um tratamento diferenciado às diversas raças. Para ele, as raças inferiores tinham mentalidade infantil e não podiam ser tão responsáveis quanto as raças superiores. Julgava o mestiço indolente, imprevidente, impulsivo e de baixa moralidade. Sobre a raça negra, considerava que, por maiores que tenham sido os seus serviços, haveria de se constituir sempre como um dos fatores da inferioridade racial brasileira. Além disso, Nina Rodrigues tratou como loucuras epidêmicas algumas experiências comunitárias, entre as quais a de Canudos, no Nordeste brasileiro. Sua teoria racista foi fortemente criticada, não impedindo, contudo, que o autor fosse considerado como o pai da escola baiana de Antropologia.

Publicações

NINA RODRIGUES, R. A loucura epidêmica de Canudos. Revista Brasileira, v. 3, n. 12, p. 69, 1897.

NINA RODRIGUES, R. A morféa em Anajatuba. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1886.

NINA RODRIGUES, R. As amiotrofias de origem periféricas. [S.l.: s.n.], [s.d.].

NINA RODRIGUES, R. As collectividades anormaes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. Obra póstuma organizada por Arthur Ramos.

NINA RODRIGUES, R. As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil. Bahia: [s.n.], 1894.

NINA RODRIGUES, R. O alienado no direito civil brasileiro. Bahia: [s.n.], 1901.

NINA RODRIGUES, R. O animismo fetichista dos negros bahianos. Revista Brasileira, 1889.

NINA RODRIGUES, R. Os africanos no Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1932.

Elizabeth de Melo Bomfim



NÓBREGA, Manuel da
(1517-1570)

Português, bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra, em 1541, e jesuíta, a partir de 1544. Embarcou para o Brasil, em 1549, na armada do Primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza, de quem foi amigo e conselheiro, bem como do terceiro governador, Mem de Sá. Colaborou na fundação das cidades de Salvador, Rio de Janeiro e, sobretudo, São Paulo. Teve papel-chave na atuação evangelizadora e educadora da Companhia de Jesus no Brasil. Fundou o Colégio do Rio de Janeiro, em 1567, e foi seu primeiro Reitor. Foi nomeado Provincial do Brasil por duas vezes.

O Diálogo do Padre Nóbrega sobre a conversão do gentio é uma das suas obras mais famosas e retrata a discussão da época sobre a possibilidade de conversão dos indígenas e sobre as bases da educação jesuítica, constituindo-se em uma das primeiras fontes da história das ideias psicológicas do período colonial. Outros tratados e suas numerosas cartas são documentos fundamentais para a compreensão dos primórdios da história do Brasil e da cultura e identidade do povo brasileiro. Faleceu no Rio de Janeiro.

Publicações

NOBREGA, M. da. O dialogo do Padre Nobrega sobre a conversão do gentio. [S.l.: s.n.], [15--].

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira – da época colonial até 1934. São Paulo: Epu, 1990.

MASSIMI, M. Palavras, almas e corpos no Brasil colonial. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Paulo José Carvalho da Silva
Marina Massimi



NOVAES, Maria Helena-Mira *(1926-2012)*

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Licenciada em Letras Neolatinas pela Faculdade Santa Úrsula, em 1946, iniciou sua formação em Psicologia, no início dos anos 1950, com o professor Mira y López, então diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getulio Vargas (FGV). Com mais de um diploma universitário (Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Escolar na Universidade de Genebra; Psicologia Social na Universidade de Paris V; Museus Histórico e Artístico, no Museu Nacional), diversas especializações e estágios realizados no Brasil, Europa, Estados Unidos e Canadá, começou a carreira de docente e pesquisadora, sem jamais dar por encerrada a sua formação. Estudou com grandes expoentes da Psicologia: Piaget, Rey, Inhelder e Zazzo, na Europa, e manteve contatos com Anastasi, Ebel, Cronbach, McKinnon e Rogers, nos Estados Unidos. Visitou os principais centros e serviços de Psicologia europeus e americanos. Doutorou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), em 1968, e fez a livre-docência na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1974, universidades essas nas quais exerceu o magistério e a pesquisa, desde 1960.

Sempre associou a ampliação do próprio horizonte teórico à diversificação da atividade profissio-

nal e à produção de novos conhecimentos. Suas experiências profissionais pioneiras redundaram em desdobramentos, especialmente no campo da Psicologia Escolar e da Aprendizagem. Participou da criação da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) e iniciou ali um Serviço de Psicologia e Orientação. Envolveu-se também na produção do Serviço de Orientação Psicopedagógica, coordenado por Therezinha Lins de Albuquerque, na Escola Guatemala – escola experimental do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), onde teve a oportunidade de conviver com o prof. Anísio Teixeira no ISOP, tomou parte na elaboração do Centro de Testes Psicológicos e Educacionais, que desenvolveu a primeira Bateria de Testes de Desenvolvimento Educacional padronizada no Brasil.

Dessas experiências resultaram inúmeros artigos publicados nos Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, o desenvolvimento de uma linha de pesquisa até então inédita no país, voltada para o diagnóstico e para o prognóstico escolar, a produção de um Glossário de termos psicológicos, a organização do livro Testes e medidas em educação. Seu conhecimento das técnicas de exame psicológico levou-a a colaborar com o Centro de Orientação Juvenil (COJ), órgão do Ministério da Saúde, coordenado por Elisa Dias Veloso. Na PUC-RJ, criou e implantou a disciplina Psicologia Escolar e Problemas da Aprendizagem. Colaborou com outras universidades, foi membro das Associações da área e liderou os estudos no campo da Psicologia Escolar no país. Antecipou-se a outros pesquisadores no desenvolvimento da pesquisa da criatividade e da superdotação: participou da criação da Associação Brasileira para Superdotados (ABSD), da qual foi presidente durante dois períodos, assim como da pesquisa do idoso, especialmente, no que diz respeito ao enfoque intergeracional. Essas atividades, tal como sua colaboração com órgãos governamentais – entre os quais o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) do Ministério da Educação, do qual foi responsável pelo planejamento dos processos de atendimento aos superdotados no Brasil - foram, sistematicamente, divulgadas através de publicações e participações em eventos científicos e culturais. Recebeu a Comenda "Ordem Nacional do Mérito Educativo", em novembro de 2000.

Suas principais obras são: Psicologia escolar (1970); Psicologia da criatividade (1972); Adaptação escolar (1974); Psicologia da educação e prática profissional (1992); Psicologia do ensino-aprendizagem (1985); Desenvolvimento psicológico do superdotado (1979); Psicologia da 3ª idade (1997); e Compromisso ou alienação frente ao próximo século (1999).

Publicações

NOVAES, M. H. Adaptação escolar. Petrópolis: Vozes, 1974.

NOVAES, M. H. Compromisso ou alienação frente ao próximo século. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

NOVAES, M. H. Desenvolvimento psicológico do superdotado. São Paulo: Atlas, 1979.

NOVAES, M. H. Glossário de termos psicológicos. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1975.

NOVAES, M. H. Psicologia da 3ª idade. Rio de Janeiro: NAU, 1997.

NOVAES, M. H. Psicologia da criatividade. Petrópolis: Vozes, 1972.

NOVAES, M. H. Psicologia da educação e prática profissional. Petrópolis: Vozes, 1992.

NOVAES, M. H. Psicologia do ensino-aprendizagem. São Paulo: Atlas, 1985.

NOVAES, M. H. Psicologia escolar. Petrópolis: Vozes, 1970.

NOVAES, M. H. Testes e medidas em educação. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1976.

Maria Euchares de Senna Motta

NUNES, Feliciano Joaquim de Souza *(1734-1803)*

Nasceu no Rio de Janeiro, onde ocupou o cargo de Almoxarife e participou da fundação da Academia dos Seletos (1752), importante associação de intelectuais da cidade. Sua posição cultural é marcada pela recusa da tradição escolástica e a defesa do valor do saber adquirido de modo autônomo.

Duas obras desse pensador autodidata são importantes para a história das ideias psicológicas: os Discursos políticos-morais comprovados com vasta eruditação das divinas e humanas letras a fim de desterrar do mundo os vícios mais inveterados, introduzidos e dissimulados, de 1778, e a Política brazilica dirigida aos venturosos índios da Villa de Lavradio novamente fundada pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Dom Luís de Almeida Soares Portugal Eça Silva Mascarenhas, Marques de Lavradio, códice manuscrito, Biblioteca Municipal do Porto, de 1781.

Os Discursos discutem vários aspectos da experiência individual e social (educação dos filhos, família, amizade, nobreza, etc.); foram escritos no Rio de Janeiro e impressos em Portugal. O autor dedicara o livro a Sebastião José de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal, primeiro-ministro do Rei Dom José I, mas a obra não agradou a seu destinatário, que, inclusive, a mandou queimar por conter doutrinas "anarquistas". Salvaram-se apenas três exemplares, dois dos quais fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; o livro foi reeditado em 1931, no Rio de Janeiro.

Entre os assuntos polêmicos dos Discursos, há um capítulo dedicado à refutação da crença na inferioridade intelectual das mulheres. O autor discute a capacidade feminina de entendimento com base em vários argumentos de natureza psicológica. De fato, Souza Nunes opõe-se às teorias da época que sustentavam a crença na inferioridade da mulher na tese da "desordem da orgânica composição do cérebro da mulher" (Nunes, 1931, p. 178), considerada por ele "sem fundamento", pois pela "razão e experiência" é possível comprovar que as mulheres possuem, em igual medida que os homens, as funções psicológicas do "entendimento e do discurso".

A Política brazilica (1781) evoca, pelo título, outra obra mais famosa: a Política indiana de Juan de Solorzano Pereira, texto inspirador da política pombalina no que diz respeito à questão indígena. Na realidade, o objetivo do livro de Nunes é fazer uma apologia da colonização portuguesa do Brasil, representando os índios brasileiros como encarnações de uma condição humana primitiva a ser superada pelo esforço civilizador da política pombalina. O manuscrito oferece normas de comportamento ou conselhos sobre vários tópicos de natureza ética e religiosa, chamados de "instruções". Entre outras: "As nossas ações nos distinguem; caráter do sábio é a valentia do ânimo; se venceres a ti vencerás a fortuna; sem prudência até o mais útil periga; a honra anima as ações; como deves escrever para deleitar mover e persuadir; consulta, ouve e verás o que não vês" (Nunes, 1781).

Publicações

NUNES, F. J. de S. Discursos políticos-moraes comprovados com a vasta erudição das divinas e humanas letras, a fim de desterrar do mundo os vícios mais inveterados introduzidos e dissimulados. 2. ed. Rio de Janeiro: Officina Industrial Gráfica, 1931. v. 1. Dedicado ao ilustríssimo Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello.

NUNES, F. J. de S. Política brazilica dirigida aos venturosos índios da Villa de Lavradio novamente fundada pelo Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor Dom Luís de Almeida Soares Portugal Eça Silva Mascarenhas, Marquês de Lavradio.

Biblioteca Municipal do Porto, 1781. Códice Manuscrito.

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 1990.

Marina Massimi

OLINTO, Plínio
(1886-1956)

Doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formou-se em 1910, com a tese intitulada Contribuição ao estudo da associação de idéias. Foi, seguramente, um dos primeiros a escrever sobre a história da Psicologia no Brasil. Publicou, em maio de 1944, na Imprensa Médica, ano XX, n. 3655, o trabalho intitulado A psicologia experimental no Brasil. Nesse texto de poucas páginas, destaca como contribuição pioneira a de Henrique Roxo que, em 1900, sob orientação de Teixeira Brandão, defendeu tese de doutorado em Medicina com o título Os atos psíquicos elementares nos alienados. O trabalho estuda as sensações em doentes assistidos na clínica neuropsiquiátrica, usando o psicômetro de Buccola e outros aparelhos. Plínio Olinto observou que o laboratório instalado por Manoel Bomfim, em 1906, contou com muitos aparelhos destinados à pesquisa experimental, selecionados por indicação de Alfred Binet e adquiridos pela Prefeitura do Distrito Federal, graças a Medeiros e Albuquerque. Segundo Plínio Olinto, a cidade do Rio de Janeiro contava, no começo do século, com dois laboratórios: o do Pedagogium e o do Hospital Nacional de Psicopatas, com material adquirido por Juliano Moreira, sob a inspiração de George Dumas. Foi nesse laboratório que Plínio Olinto atuou, durante dois anos, e publicou dois trabalhos resultantes de suas pesquisas.

Em 1916, ingressou por concurso na Escola Normal, onde passou a trabalhar ao lado de Manoel Bomfim, lecionando Psicologia até 1930. No Pedagogium, realizou um ensaio sobre A fadiga intelectual nos escolares, publicado, em 1913, e citado no livro Psicologia da infância, de E. Claparède.

Em 1921, quando da estada de Henri Piéron no Rio de Janeiro, foi seu assistente voluntário num

curso que o eminente mestre deu na Policlínica do Rio de Janeiro. Plínio Olinto trabalhou na Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro, no tempo em que Radecki organizou e dirigiu o laboratório, fundado por iniciativa de Gustavo Riedel. Contudo, nunca se juntou ao grupo de psiquiatras que passou a trabalhar com o mestre polonês, por não concordar com o sistema do discriminacionismo afetivo, criado por Radecki. Não obstante, realizou pesquisas, e uma delas, com a colaboração de Brasília Leme Lopes, foi publicada nos Anais.

Plínio Olinto assinalou que, com a retirada de Radecki, em 1932, o laboratório da Colônia foi transferido para o quinto andar do Edifício Nilomex, situado no centro da cidade, tendo como chefe Nilton Campos. Relatou que a Divisão Médica da Aeronáutica do Exército montou outro laboratório, no qual atuava A. Bretas, que recebera a sua formação de Radecki. Também Porto Carrero realizou, no Hospital da Marinha, várias pesquisas sobre aviadores. Plínio Olinto registrou ainda, a sua participação como assistente de Etienne Souriau, quando esse professor lecionou Psicologia do trabalho na Escola de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal. Souriau contou com a colaboração de Nelson Romero. O texto de história produzido por Plínio Olinto não se limitou ao Rio de Janeiro, cobriu também São Paulo e Fortaleza.

Publicações

OLINTO, P. A fadiga intelectual nos escolares. Revista de Pedagogia, Educação e Pediatria, ano 1, n. 3, 1913.

OLINTO, P. A psicologia experimental no Brasil. Imprensa Médica, ano 20, n. 3655, 1944.

OLINTO, P. Contribuição ao estudo da associação de idéias. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1910.

OLINTO, P. Higiene mental. Rio de Janeiro: Guanabara, 1939.

OLINTO, P. Introdução à psiquiatria. Rio de Janeiro: Briguier & Cia., 1930.

OLINTO, P. Noções de psicologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1936.

OLINTO, P. Notas de pedagogia e psicologia normal e patológica. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1918.

Referências

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Antonio Gomes Penna



OLIVEIRA, Antônio Xavier de *(1892-1953)*

Nascido em Juazeiro, Ceará, cidade em que viveu até os 18 anos, mudou-se para Salvador para fazer os estudos secundários e ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, permanecendo até 1915. Transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e formou-se médico em 1918.

Xavier de Oliveira teve um papel na criação da Universidade do Ceará, ao indicar no relatório sobre a refederalização da Faculdade de Direito do Ceará ao Ministério da Educação e da Cultura, em 1944, a criação de uma universidade com sede em Fortaleza. Tal mobilização para a fundação da universidade cearense se intensifica em 1947 por Antônio Martins Filho, culminando sua oficialização em dezembro de 1954.

Tornou-se deputado federal representando o Ceará e parlamentar da Assembleia Constituinte de 1933, pela Liga Eleitoral Católica. No Congresso, endossou propostas restritivas à imigração japonesa no Brasil ao lado de Miguel Couto, e a regulamentação da assistência social como dever do Estado. Entre as funções de assistência social, estavam medidas de higiene social e mental e educação eugênica e social.

Exerceu a função de psiquiatra da Assistência a Psicopatas no Rio de Janeiro no Hospital Nacional de Alienados e na Colônia de Psicopatas para mulheres. Foi docente da clínica psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina, Psiquiatra do Serviço Nacional de Doenças Mentais e do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

Aponta o prof. João Carlos Teixeira Brandão como seu principal responsável por sua inserção na Psiquiatria. Reconhece como referências importantes em sua carreira psiquiátrica Juliano Moreira, com quem trabalhou por 15 anos no Hospital Nacional de Alienados, e Henrique Roxo, de quem foi interno, assistente e docente em sua clínica e, posteriormente, psiquiatra em seu Instituto de Psiquiatria.

Membro da Liga Brasileira de Higiene Mental e adepto da eugenia, defensor inclusive da possibilidade de interrupção de gestação, na qual a concepção ocorreu sob o efeito de álcool, a fim de evitar o nascimento de uma prole degenerada. Apresentava-se bastante otimista com os avanços da ciência psiquiátrica de seu tempo, com a firme crença na cura das doenças mentais pelos métodos de tratamento do período, como a malarioterapia, convulsoterapia, eletrochoque e os progressos da bioquímica. Enfatizava a importância da alteração do Código Civil, propondo uma interdição civil limitada e administração provisória da pessoa e dos bens do insano, demonstrando o prejuízo da retirada total de capacidade civil de um alienado que se recupera por meio do tratamento adequado.

O sertão nordestino constituiu um tema de estudo recorrente em sua trajetória intelectual - das características peculiares do alcoolismo no sertão às vivências religiosas messiânicas nessa região. Interessou-se também, pelas experiências religiosas fora dos limites do catolicismo, especialmente religiões espíritas, não cristãs, às quais, de acordo com o médico, ofereciam significativo risco de eclosão de uma doença mental. Biografou beatos do sertão nordestino e estudou profetas no Pavilhão de Assistência a Psicopatas do Rio de Janeiro.

Publicações

OLIVEIRA, A. X. de. Beatos e cangaceiros: história real, observação e impressão psychologica de alguns

dos mais célebres cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro: [s.n.], 1920.

OLIVEIRA, A. X. de. Do direito de testar dos insanos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

OLIVEIRA, A. X. de. Espiritismo e loucura. [S. l.]: GEEM, 1930.

OLIVEIRA, A. X. de. Intercâmbio intelectual americano. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.

OLIVEIRA, A. X. de. Na assembleia constituinte: discursos e emendas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934.

OLIVEIRA, A. X. de. O exército e o sertão. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1932.

OLIVEIRA, A. X. de. O magnicida Manço de Paiva: aspecto clínico e médico-legal de sua psychopatia. Rio de Janeiro: Typ. Benedicto de Sousa, 1928.

OLIVEIRA, A. X. de. O problema imigratório na América Latina: o sentido político-militar da colonização japonesa nos países do novo mundo. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1942.

OLIVEIRA, A. X. de. O problema imigratório na constituição brasileira. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1937.

OLIVEIRA, A. X. de. Pio XII no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.

OLIVEIRA, A. X. de. Redivisão política e territorial do Brasil: estados de fronteiras, estados mediterrâneos e o Ministério de Terras, Migração e Colonização. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

Referências

ISAIA, A. C. Religião, misticismo e discurso médico psiquiátrico: Xavier de Oliveira e a busca por uma "normalidade religiosa". História: Debates e Tendências, v. 9, n. 2, dez. 2010.

OLIVEIRA, A. X. de. Do direito de testar dos insanos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

Carolini Cássia Cunha



OLIVEIRA, Djalma Teixeira
(1924-)

Nasceu em Itapecerica, Minas Gerais. Realizou seus estudos secundários em Pouso Alegre, Minas Gerais. Em 1957, formou-se em Medicina, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou um curso de Especialização em Psiquiatria e Psicanálise. Foi designado analista didata em 1967. Foi membro-fundador e presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (1964-1968), fundador do Grupo de Estudos Psicanalíticos (GREP) e Diretor Clínico do Centro Psicoterapêutico, hospital de orientação psicanalítica sediado em Belo Horizonte (1973-1983). É membro da Academia Mineira de Medicina desde 1995.

Em 1956, criou, no Rio Grande do Sul, o primeiro núcleo de Psicanálise filiado ao Círculo Vienense de Psicologia Profunda. Com Pierre Weil e Célio Garcia, participou da equipe que atuava no Departamento de Orientação e Treinamento do Banco da Lavoura de Minas Gerais, onde foram realizadas práticas em dinâmica de grupo e psicodrama, numa experiência singular, que teve lugar no início da década de 1960, adaptando às demandas de aperfeiçoamento dos chefes do Banco da Lavoura as técnicas de training group, criadas pelo National Training Laboratory in Group Development, em Bethel-USA, a partir dos estudos realizados por Lewin, Lippitt, Benne

e Bradford. Da experiência, resultou a criação de uma técnica denominada DRH (Desenvolvimento das Relações Humanas).

No Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, desenvolveu sua formação psicanalítica (1962-1964) que, teoricamente, questionava a ortodoxia que orientava a Sociedade Psicanalítica Internacional e procurava fazer uma aproximação entre o discurso freudiano e o discurso marxista. Sua análise pessoal foi feita com Malomar Lund Edelweiss, pertencente ao Círculo Vienense. Foi presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais por duas gestões consecutivas (1964-1968) e, posteriormente, da sua Comissão de Ensino (1968-1972). No Grupo de Estudos Psicanalíticos (GREP), ocupou o cargo de diretor por dois mandatos e foi professor de Psicopatologia Psicanalítica do GREP.

É autor de vários trabalhos científicos, apresentados em congressos nacionais e internacionais, e da obra Real, o simbólico e o imaginário na clínica psicanalítica (1994), fruto de sua vasta experiência clínica. Ao longo de sua vida profissional, o dinâmico psicanalista mineiro recebeu, para análise e supervisão, psicanalistas de várias instituições de Belo Horizonte.

Publicações

OLIVEIRA, D. T. Real, o simbólico e o imaginário na clínica psicanalítica. Belo Horizonte: GREP, 1994.

Elizabeth de Melo Bomfim



OLIVEIRA, Ralfy Mendes de *(1917-2008)*

Nasceu em 11 de julho de 1917, em Campos dos Goytacazes (RJ). Fez sua formação primária e secundária em sua cidade natal e em Laje do Muriaé. Em 1934, terminou o curso técnico de Contabilidade no Instituto Comercial de Campos, passando a trabalhar em escritórios no Rio de Janeiro e Niterói. Em Niterói, conheceu o trabalho de padres salesianos e, frequentando o Colégio Santa Rosa, decidiu-se pela vida religiosa. Em 1936, mudou-se para Lavrinhas (SP) e ingressou como aspirante salesiano no Colégio São Manoel. Em 1940, tornou-se noviço. Nas décadas de 1930 e 1940, demonstrava bastante interesse por música popular e se notabilizou como compositor e cantor de sambas-canção.

Entre 1941 e 1943, graduou-se em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena. De 1943 a 1946, transferiu-se para São João del-Rei e fez o curso de Magistério no Instituto de Filosofia e Pedagogia, estabelecendo seus primeiros contatos com a Psicologia. Em 1947, mudou-se para São Paulo para cursar Teologia, no Instituto Teológico Pio XI, até 1950, recebendo a ordenação sacerdotal no mesmo ano. A pedido da direção da congregação, instalou-se em São João del-Rei, lecionando Filosofia e Psicologia no Instituto de Filosofia e Pedagogia (1951-1952) e auxiliando na criação

da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (1952-1953).

Em 1953, Ralfy Mendes de Oliveira foi transferido para a Itália, onde estudou Pedagogia no Instituto Superior de Pedagogia do Pontifício Ateneu Salesiano, em Turim. Esse instituto foi o primeiro órgão especializado em Ciências da Educação a receber reconhecimento papal, em 1940, e, atualmente, faz parte da Universidade Pontifícia Salesiana. Embora se tratasse de uma formação em Pedagogia, muitas das disciplinas evidenciavam o conteúdo eminentemente psicológico do curso (Psicologia Experimental; Metodologia dos mental tests; Psicologia da Idade Evolutiva e Psicologia Diferencial) e o caráter aplicado à educação que era atribuído à Psicologia no período (Pedagogia Experimental; Problemas biopedagógicos do adolescente; Pedagogia Curativa e Psicologia Pedagógica). Ele ainda cursou as disciplinas de Biologia, Estatística e Metodologia Científica e realizou práticas em laboratórios de Psicologia Experimental.

Entre as pesquisas que realizou, sob a supervisão de Giacomo Lorenzini (1909- 2001), padre Ralfy Mendes avaliou a aptidão musical de indivíduos de diferentes idades e origens culturais com base na aplicação do teste de Seashore, concluindo que distintas fases de desenvolvimento e níveis de inteligência interferem na constituição da aptidão musical. Em 1954, apresentou o trabalho Influência da música na adolescência para conclusão do curso e obtenção de título.

Em Turim, Ralfy Mendes também se especializou no funcionamento de aparelhos de medições psicofisiológicas e, auxiliado pelos padres João Modesti (1919-2005) e Giacomo Lorenzini, foi um dos responsáveis técnicos pela compra do equipamento que compôs o Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade Dom Bosco, em São João del-Rei. Ocupou-se do translado dos instrumentos, partindo de Gênova, em novembro de 1954. No período em que esteve na Europa, viajou pela Itália, França, Espanha e Portugal, a fim de conhecer práticas pedagógicas empreendidas nesses países.

Em 1955, Ralfy Mendes voltou para São João del-Rei e se tornou o primeiro diretor do Laboratório de Psicologia Experimental, ocupando-se de sua instalação e organização de atividades. Inicialmente, o laboratório era ligado ao Centro de Estudos Pedagógicos e ao Serviço de Orientação Educacional e Profissional (SOEP), setores especializados na seleção e orientação de estudantes para as escolas da região e no acompanhamento de seminaristas, e possibilitou a criação do Instituto de Psicologia e Pedagogia (IPP), em 1958.

Ralfy Mendes era auxiliado por José Augusto França Fiúza (1928-), responsável pela manutenção da aparelhagem. Ministrou a aula inaugural do Laboratório, sob o título de Dificuldades e limites da experimentação em pedagogia, e dirigiu-o até 1958, sendo substituído por Geraldo Servo (1930-2001). Como Professor, lecionava Filosofia e Psicologia; como Sacerdote, ocupava-se da formação religiosa de seminaristas e ainda fundou um coral infantil.

Ao longo da década de 1950, as relações entre Música, Psicologia e Educação passaram a ser seu foco de interesse. Para ele, os estudos em Psicologia da Música deveriam articular os testes mentais utilizados para a avaliação da percepção auditiva e aptidão musical, com os problemas da educação estética dos jovens e as dificuldades de seleção e orientação de aspirantes às escolas de música.

Sua prática considerava que a avaliação de capacidades sensoriais e a tipificação da aptidão musical, possibilitadas pelos instrumentos de medida criados pela Psicologia, poderiam orientar e favorecer a educação musical. Nesse sentido, realizou pesquisas com base na aplicação do teste de Seashore e proferiu palestras sobre os aspectos educativos da Música. Além de seu interesse em Psicologia, em função de sua formação e atuação profissional como religioso, Ralfy Mendes

participou de debates acerca da presença do Ensino Religioso na grade escolar. Defendeu a importância de se analisar as características psicopedagógicas dos estudantes, considerando o ensino dessa disciplina importante para a formação de valores e desenvolvimento moral.

Após sua transferência da Faculdade Dom Bosco, Ralfy Mendes passou a se dedicar à formação de religiosos e ao trabalho pastoral e catequético: coordenador de formação religiosa (1957-1958); formador de noviços (1959-1963); delegado de salesianos cooperadores (1963-1969); sendo também professor de Antropologia Filosófica, Teologia Pastoral, Liturgia e Catequética (1968- 1972). Entre 1975 e 1979, foi membro do primeiro Conselho Estadual de Educação e Cultura do Rio de Janeiro. Nas décadas de 1970 e 1980, ocupou-se da criação (como a Revista da Catequese, em 1977) e edição de publicações católicas e foi assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1973-1980) e Conselho Internacional de Catequese (1988-1993), no Vaticano. Entre 1990 e 1999, residiu em Barbacena (MG) e atuou no Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa. Em 2000, transferiu-se para Campos dos Goytacazes, onde faleceu em 05 de março de 2008.

Publicações

OLIVEIRA, R. M. de. A aptidão musical à luz da moderna psicologia. Música Sacra, XVIII, p. 141-144, 1958.

OLIVEIRA, R. M. de. Diagnosi del talento musicale. Orientamenti Pedagogici: Rivista Internazionale di Scienze dell'Educazione, p. 387-390, 1954.

OLIVEIRA, R. M. de. Influência da música na adolescência. [S.l.: s.n.], 1954.

Referências

BATISTA, R. L. L. Entre aparelhos e arquivos: uma história do Laboratório de Psicologia da Faculdade Dom Bosco de São João del-Rei (1953-1971). Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015.

BOMFIM, E. M.; ALBERGARIA, M. T. A. Origem e relevância de um laboratório de psicologia no Brasil na década de 1950. Memorandum, v. 7, p. 151-164, 2004.

BRANDÃO, I. B. S. Psicologia no Brasil: a presença dos salesianos. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

FACULDADE DOM BOSCO. Instituto de Psicologia e Pedagogia: cinco anos de atividades (1960-1964). São João del-Rei: Autor, 1964. 96 p.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. Padre Ralfy Mendes de Oliveira (1917-2008). Campos dos Goytacazes, RJ: Autor, 2008. 18 p.

MONTALVERNE, S. Padre Ralfy: gente de Deus também sabe fazer samba. Última hora, Rio de Janeiro, p. 5, 30 nov. 1957.

SACRAMENTO, J. A. A. Os salesianos em São João del-Rei. Revista da Academia de Letras de São João del-Rei, v.6-7, p. 155-180, 2012.

Rodolfo Luís Leite Batista
Dener Luiz da Silva
Marcos Vieira Silva



OLIVEIRA, Walderedo Ismael de *(1917-2005)*

Psiquiatra e psicanalista paraibano de Caiçara, radicado no Rio de Janeiro. Após estudos primários no grupo escolar da cidade natal e secundário em João Pessoa, ingressou na Faculdade de Medicina de Recife. O internato – no Hospital da Tamarineira e no Sanatório Recife – o pôs em contato com Ulysses Pernambucano, de quem chegou a ser assistente. Concluído o curso (1939), mudou-se, no início dos anos 40, para o Rio de Janeiro. Atuou como estagiário na clínica neurológica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (cátedra de Antônio Austregésilo) e, pouco depois, como Psiquiatra na Colônia Juliano Moreira, no Sanatório Imaculada e no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), onde ingressou por concurso (1944).

Interessado pelas ideias freudianas, fundou, com outros jovens psiquiatras, o Centro de Estudos Juliano Moreira, cujos membros aspiravam a realizar formação analítica, trazendo à cidade um didata estrangeiro ou viajando ao exterior, em busca de uma sociedade reconhecida pela International Psychoanalytical Association (IPA). Sucessivos reveses, associados à primeira estratégia, levaram-no a dirigir-se a Buenos Aires, em 1947, após obter aprovação no concurso de livre-docência de clínica psiquiátrica. Analisou-se com Marie Langer e cumpriu os demais requisitos do processo formativo, apresentando, na Associação Psicanalítica Argentina (APA), O simbolismo da Torre de Babel, trabalho com que obteve o título de membro associado (1950).

Retornou ao Brasil em 1951, reassumindo atividades no SNDM, lotado na Colônia Juliano Moreira. Passou a reunir-se, regularmente, com Alcyon Baer Bahia, Danilo Perestrello e Marialzira Perestrello, igualmente formados pela APA, no então conhecido como Grupo Argentino, cujos objetivos incluíam a criação de condições institucionais para um futuro reconhecimento pela IPA. A partir do final da década de 1950, destacou-se com a sua atuação no estudo e condução psicanalíticos dos grupos, na institucionalização da Psicanálise e no magistério universitário. Reuniu psiquiatras do SNDM e começou a se dedicar às técnicas grupais, orientado pelas concepções então desenvolvidas pelos psicanalistas argentinos. Convidado por José Leme e Lopes a dirigir, no Instituto de Psiquiatria, o Departamento de Pesquisas Psicanalíticas, incrementou não só o trabalho terapêutico, como também uma investigação ampla sobre os grupos humanos, buscando subsídios adicionais nas Ciências Sociais. Em meados de 1958, tornou-se um dos fundadores e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo. Paralelamente, já na qualidade de membro titular, tanto da APA, quanto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, teve papel relevante no percurso que conduziu ao reconhecimento, pela IPA (1959), da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), da qual foi um dos fundadores e um dos primeiros didatas.

Ainda em 1959, iniciam-se suas atividades como professor do curso de graduação da Faculdade Nacional de Medicina, ministrando a disciplina Psicologia Médica. A partir dos anos 1960, teve intensa participação como membro de comissões diretivas e produtor científico tanto em sociedades brasileiras e internacionais ligadas aos grupos

como na própria SBPRJ, que presidiu, no biênio 1972-1974. No campo universitário, foi um dos primeiros a lecionar, no curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disciplina com conteúdo exclusivamente psicanalítico, então chamada Psicologia Profunda.

Publicações

OLIVEIRA, W. I. de. El matricídio en la fantasía. Buenos Aires: Ed. Nova, 1957.

OLIVEIRA, W. I. de. El simbolismo de la Torre de Babel. Revista de Psicoanálisis, v. 8, n. 3, 1951.

OLIVEIRA, W. I. de. Formação de novos núcleos psicanalíticos no Brasil. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 7, n. 4, 1973.

OLIVEIRA, W. I. de. O psicodiagnóstico de Rorschach em epiléticos. Rio de Janeiro: Americana, 1945.

OLIVEIRA, W. I. de. O simbolismo da Torre de Babel: a confusão de língua e a dissociação esquizofrênica. Neurobiologia, v. 14, n. 1, 1951.

OLIVEIRA, W. I. de. Observações psicológicas em esquizofrênicos tratados pelo método de Sakel. Neurobiologia, v. 11, n. 4, 1939.

OLIVEIRA, W. I. de. Psicoanálisis de una fobia a la desfloración. Revista de Psicoanálisis, Buenos Aires, v. 10, n. 1, 1953.

OLIVEIRA, W. I. de. Relações entre analistas: um estudo do grupo psicanalítico. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 14, n. 3/4, 1965.

OLIVEIRA, W. I. de. Sobre psicoterapia analítica de grupo. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 7, n. 4, 1958.

OLIVEIRA, W. I. de. Uma fobia à defloração e outros estudos psicanalíticos. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

OLIVEIRA, W. I. de.; CERQUEIRA, L.; SOUZA, M. S. S. Criação artística, destruição e impulsos reparadores do grupo. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 8, n. 3/4, 1959.

OLIVEIRA, W. I. de.; LA PORTA, E. Grupos de psicóticos y contenido psicológico en la situación de grupo. In: EL GRUPO psicológico. Buenos Aires: Nova, 1959.

OLIVEIRA, W. I. de.; LEVY, L. E. A.; MARTINS, R. B. Iemanjá: um mito brasileiro em floração. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 35, n. 5, 1986.

OLIVEIRA, W. I. de.; LIMA FILHO, H. A. Conflito edipiano e inveja no grupo terapêutico. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 8, n. 3/4, 1959.

Referências

PERESTRELLO, M. (Org.). História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

RANGEL, V. A psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica: um rosto carioca. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996.

Heliana de Barros Conde Rodrigues
Maria das Graças dos Santos Duarte



OMBREDANE, André
(1898-1958)

Nasceu na Bélgica. Foi professor da Universidade de Bruxelas, mas exerceu grande parte de sua vida profissional na França, onde trabalhou como assistente de George Dumas. Colaborou, inclusive, no Tomo III do Nouveau traité de psychologie, editado por Dumas, em 1933, com dois trabalhos altamente significativos: L'équilibre et l'orientation e Le langage.

Em 1929, publicou sua tese de Medicina com o título: Les troubles mentaux de la sclérose en plaques. Em 1936, publicou Le problème des aptitudes à l'âge scolaire e Les inadaptés scolaires (com N. Suarès e N. Canivet). Em 1939, publicou La syndrome de désintegration phonétique dans l'aphasie, com Th. Alajouanine e M. Durant. Em 1944-1945, publicou os três volumes de seus Études de psychologie médicale, sendo o primeiro dedicado a Perception et langage, o segundo a Geste et action e o terceiro aos Troubles du caractère et delire. Em 1951, publicou o que se poderia considerar o seu mais brilhante texto: L'aphasie et l'élaboration de la pensée explicite.

Foi contratado para assumir a Cátedra de Psicologia Geral e Experimental do Departamento de Filosofia da Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, onde lecionou de 1939 até 1944, retornando à França em 1945. Teve, por essa época, discípulos como o hoje acadêmico Prof. Dr. Evaristo de Moraes Filho e o neuropsiquiatra Dr. Benjamin Gaspar Gomes, com quem realizou um significativo estudo em sua área predileta, Psicopatologia.

Ombredane foi, sem dúvida, o grande nome de projeção mundial com que contou a Psicologia no Rio de Janeiro. Ao voltar para a Europa, continuou sua brilhante carreira acadêmica, publicando novos textos. Nos anos em que lecionou na Faculdade Nacional de Filosofia, ministrou, por muito tempo, suas aulas no Instituto de Surdos e Mudos, na rua das Laranjeiras, e não na sede da Faculdade. Faleceu em Paris.

Publicações

OMBREDANE, A. Geste et action. In: ÉTUDES de psychologie médicale. Rio de Janeiro; Paris: Hermann et Cie., 1944/1945. v. 2.

OMBREDANE, A. L'aphasie et l'élaboration de la pensée explicite. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.

OMBREDANE, A. L'équilibre et l'orientation. In: DUMAS, G. Nouveau traité de psychologie. [S.l.: s.n.], 1933. Tomo III.

OMBREDANE, A. La syndrome de désintegration phonétique dans l'aphasie, avec Th. Alajouanine e M. Durant. [S.l.]: Masson, 1939.

OMBREDANE, A. Le langage. In: DUMAS, G. Nouveau traité de psychologie. [S.l.: s.n.], 1933. Tomo III.

OMBREDANE, A. Le problème des aptitudes à l'âge scolaire. Paris: Hermann et Cie., 1936.

OMBREDANE, A. Les inadaptés scolaires (avec N. Suarès e N. Canivet). Paris: Hermann et Cie., 1936.

OMBREDANE, A. Les troubles mentaux de la sclérose en plaques. Paris: Presses Universitaires de France, 1929.

OMBREDANE, A. Perception et langage. In: ÉTUDES de psychologie médicale. Rio de Janeiro; Paris: Hermann et Cie., 1944/1945. v. 1.

OMBREDANE, A. Troubles du caractère et délire. In: ÉTUDES de psychologie médicale. Rio de Janeiro; Paris: Hermann et Cie., 1944/1945. v. 3.

Antonio Gomes Penna



OTÃO, José
(1910-1978)

Nasceu em Garibaldi, em 20 de julho de 1910, vindo a falecer em Porto Alegre, em 02 de maio de 1978. Religioso católico, membro da congregação Marista, seu nome civil era José Stefani.

Estudou Engenharia Civil na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pedagogia e Psicologia na Sorbonne (Paris). Foi, por mais de 23 anos, reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Fundou e dirigiu a revista Veritas, da mesma universidade. Integrou o Conselho Federal de Cultura. Presidiu a Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC).

Em sua obra Pensamentos de ontem e de hoje, escreveu sobre Psicologia do adolescente, Psicologia no mundo de hoje, vocação e profissão, condições e técnicas de estudo. Foi professor de Psicologia Educacional na PUC-RS e participou dos primeiros movimentos para a fundação da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul.

Publicações

OTÃO, J. Pensamentos de ontem e de hoje. Porto Alegre: Champagnat, 1962.

Referências

JOÃO, F.; CLEMENTE, E. História da PUC-RS. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 1997. 2 v.

William Barbosa Gomes



PACHECO, Graciema
(1910-1999)

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, diplomando-se no Curso Complementar da Escola Normal de Porto Alegre, atual Instituto de Educação General Flores Da Cunha, em 1928, e no Curso de Aperfeiçoamento da mesma Escola, em 1930, assumindo o Magistério estadual em 1932.

Trabalhou como assistente técnico do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional (CPOE) da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, entre 1939 e 1944, tornando-se diretora desse centro, entre 1945 e 1946. Em 1944, assumiu a regência das cadeiras de Psicologia da Criança e Psicologia Educacional do Curso de Formação de Professores Primários do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Graduou-se como bacharel em Filosofia pela Universidade do Rio Grande do Sul, em 1945, e licenciada em Filosofia pela mesma universidade, em 1946; foi aluna de Décio Soares de Souza e de Victor de Britto Velho. A partir de 1947, exerceu a função de professora de Psicologia no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul.

Foi organizadora e diretora do Colégio de Aplicação de Porto Alegre. Esteve envolvida, nos meados da década de 1960, no processo de organização do Curso de Graduação em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas, infelizmente, esse projeto não foi levado adiante.

Os profissionais da Educação a reconhecem como uma das principais difusoras das ideias pedagógicas e psicológicas no Estado e como uma das responsáveis pela instalação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também é reconhecida como pioneira no estudo e no ensino de Epistemologia Genética no estado do Rio Grande do Sul. Faleceu em Porto Alegre (RS), em 1999.

Referências

GOMES, W. B.; LHULLIER, C.; LEITE, L. O. Das primeiras disciplinas aos primeiros cursos de psicologia no Rio Grande do Sul. In: GUEDES, M. C.; CAMPOS, R. H. F. (Ed.). Estudos em história da psicologia. São Paulo: Educ, 1999. p. 153-180.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Cópias dos certificados de conclusão de curso dos alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha entre os anos de 1917 e 1951. Porto Alegre: Arquivo Histórico, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Históricos dos professores do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Arquivo Histórico, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Minutas dos anos de 1913-1914; 1921-1922; 1928-1929; 1930-1934; 1934-1936; 1939-1945. Porto Alegre, Arquivo Histórico, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Registros dos professores do Curso Complementar da Escola Complementar de Porto Alegre do ano de 1928. Porto Alegre: Arquivo Histórico, [s.d.].

LHULLIER, C.; GOMES, W. B. Idéias psicológicas nos Cursos Normais de Porto Alegre no período de 1920 a 1950. Psico, v. 30, n. 2, p. 45-62, 1999.

MUSEUPSI BRASIL. Museu Virtual de Psicologia. Disponível em: http://www.ufrgs.br/museupsi/. Acesso em: 10 fev. 2015.

Cristina Lhullier
Luiz Osvaldo Leite
William Barbosa Gomes

PAREDES, Eugênia Coelho
(1940 - 2020)

Nascida em Cuiabá (MT), graduou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), em 1964. Realizou, posteriormente, cursos de mestrado e doutorado em Psicologia na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação de Sylvia Leser de Mello (1977 e 1983), além do doutorado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientada por Candido Procópio Ferreira de Camargo e Carmen Junqueira (1989). Fez Pós-Doutorado no Laboratoire Européen de Psychologie Sociale (Paris, 2003), sob a orientação de Serge Moscovici e Denise Jodelet.

No final dos anos de 1960, retornou a Cuiabá e passou a ensinar Psicologia na Escola Técnica Federal de Mato Grosso (ETFMT) e no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá - embrião da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Participou de algumas atividades administrativas na UFMT: representou os professores titulares no Conselho Universitário; integrou os Colegiados de Curso do Departamento de Psicologia, do Instituto de Educação e do Curso de Pós-Graduação em Educação; foi membro da Comissão Permanente de Revalidação de Títulos Acadêmicos; presidente da Comissão Permanente de Avaliação Docente; Chefe da Divisão de Produção e Informação Científica do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional; Gerente de Capacitação de Docentes da Coordenação Geral de Pesquisa e Pós Graduação da UFMT e, posteriormente, Coordenadora Geral; e também representou a área de Psicologia como Editora Científica da Revista de Educação Pública da UFMT.

Ao longo do seu percurso acadêmico, constituiu, nessa referida universidade, em 1998, o primeiro

núcleo de pesquisas de Mato Grosso, identificado como Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia (GPEP), coordenando-o até o ano de 2012. Tal grupo de pesquisa formou mais de três dezenas de mestres que, posteriormente, construíram outros grupos e que hoje contribuem para compor o cenário mato-grossense da pesquisa no âmbito da Psicologia e Educação. Alguns deles, atualmente, são docentes do Departamento de Psicologia da UFMT, além de outros, que se ligaram às diversas universidades brasileiras. O GPEP promoveu parcerias nacionais e internacionais para a realização de atividades de formação e divulgação científicas. Participou dos comitês científicos das International Conferences on Social Representations, eventos bienais, nos quais foram apresentados trabalhos em distintas modalidades por pesquisadoras e pesquisadores do grupo cuiabano, em países como México (1998 e 2004), Canadá (2000), Escócia (2002), Itália (2006), Indonésia (2008), Tunísia (2010). Nesse processo, atuou ativamente nas Jornadas Internacionais de Representações Sociais e dos encontros bienais brasileiros.

Sob essa perspectiva, participou com todos os membros do GPEP na UFMT/Instituto de Educação dos Seminários de Educação, que congregavam pesquisadores de distintas regiões do Brasil. Como fruto de investigação financiada pelo CNPq, produziu nove DVDs, do tipo material didático ou instrucional, sobre os índios Kamaiurá do Alto Xingu, a partir de resultados obtidos com a pesquisa intitulada Dimensões míticas intervenientes no processo educativo: um estudo em representações sociais.

A convite de Serge Moscovici e sob os auspícios da Maison des Sciences de l´Homme, desenvolveu atividades acadêmicas na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris (2003). No European Ph.D. on Social Representations and Communication, sediado em Roma e coordenado por Annamaria de Rosa, apresentou sessões durante o Seminário "Identidade e Representações Sociais" (11° International Lab Meeting/2008), para acadêmicos de distintos países na modalidade presencial e on-line, em companhia dos professores: Denise Jodelet, da EHESS/França; Marisa Zavalloni, U. de Montreal/Canadá e Rein Raud, U. de Talin/Estonia.

Ao se propor a fomentar o campo da publicação científica, organizou e coordenou a Coleção Educação e Psicologia, com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT) e apoios das Editoras da UFMT e da Universidade de Cuiabá. Os títulos iniciais, referendados em suas publicações, foram escritos em coautoria com mestrandos do GPEP (as cinco primeiras referências abaixo). Na sequência, sistematizou e coordenou as edições das demais obras, que perfizeram os treze títulos publicados pela Coleção, em três anos (da 6ª à 13ª referências abaixo). O último título, prefaciado por Serge Moscovici, abrangendo capítulos elaborado por Denise Jodelet, (EHESS), Nikos Kalampalikis (U. de Lyon), Annamaria de Rosa (U. La Sapienza/Roma), Carmen Junqueira (PUC-SP) e Eugenia C. Paredes (UFMT), foi republicado na Europa.

Eugênia Coelho Paredes tem o registro 001 do Conselho Regional de Psicologia de Mato Grosso (CRP 18). Aposentou-se como docente na Universidade Federal de Mato Grosso, que lhe conferiu o título de Professora Emérita.

Publicações

JODELET, D., PAREDES, E. C. (Org.). Pensée mythique et représentations sociales. Paris: L'Harmattan, 2010.

PAREDES, E. C. et al. Ser professor: as representações sociais de docentes que trabalham em uma universidade pública de Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2007.

PAREDES, E. C. Laroie Exu: notas de estudo sobre a umbanda e a quimbanda em Cuiabá. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008.

PAREDES, E. C. Parahyso incoberto: percepções de mudanças nas condições de vida da cidade, por

alguns habitantes de Cuiabá. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008.

PAREDES, E. C.; JODELET, D. (Org.). Pensamento mítico e representações sociais. Cuiabá: EdUFMT/EdIUNIC/FAPEMAT, 2009.

PAREDES, E. C.; OLIVEIRA, R. A.; COUTINHO, M. M. T. Sexualidade: o que têm a dizer alunos e professores da rede pública cuiabana. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2006.

PAREDES, E. C.; PAGAN, A.; CANDIDO, M. E. A. L. AIDS: o que têm a dizer alunos e professores da rede pública de ensino cuiabana. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2006.

PAREDES, E. C.; PECORA, A. R.; PIZANESCHI, E. C. M. Perspectivas de futuro: o que têm a dizer alunos e professores da rede pública cuiabana. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2006.

PAREDES, E. C.; SAUL, L. L.; BIANCHI, K. S. Violência: o que têm a dizer alunos e professores da rede pública cuiabana. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2006.

Referências

ANDRADE, D. B. S. F. O lugar feminino: um estudo em representações sociais. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2007.

BATISTA, C. M. P.; CANDIDO, F. Ouvindo professores. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008.

JUNQUEIRA, C; KAMAIURÁ, W.; KAMAIURÁ, A. P. Cultura Kamaiurá. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008.

KAWARA, L. S. I. Um estudo transgeracional: a escola de língua japonesa em Cuiabá, segundo representações sociais da colônia japonesa. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2007.

TRINDADE, D. S.; LIMA, R. R.; VICENTE, S. S. Ensino, extensão e pesquisa: representações sociais de professores de uma universidade pública de Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2007.

Jane Teresinha Domingues Cotrin
Marcus Vinícius de Campos França Lopes
Ruzia Chaouchar dos Santos



PASQUALI, Luiz
(1933-)

Nasceu em Gaurama, Rio Grande do Sul, Brasil. Possui graduação em Filosofia (Faculdade de Filosofia pelo Instituto Franciscano de Filosofia, 1957), Pedagogia (Faculdade de Pedagogia pela Universidade Católica de Petrópolis, 1961) e Psicologia (Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation pela Université Catholique de Louvain, 1966).

Nessa mesma Universidade, realizou os cursos de mestrado (1967) e de doutorado (1970), sob a orientação do professor Antoine Vergote. Esses cursos de pós-graduação versaram sobre a Psicologia da Religião, abordando aspectos sobre o conceito e a imagem de Deus e imagens parentais.

No curso de doutorado, elaborou um instrumento de medida, que resultou no uso da técnica de análise fatorial para embasar suas hipóteses sobre a teoria. A análise foi realizada na Universidade de Rochester (NY). Ao final do doutorado, migrou para os Estados Unidos da América, onde se casou no ano de 1971.

Entre 1971 e 1974, foi professor assistente em uma escola em Michigan, no Grand Valley State College, em meio a behavioristas radicais, educadores e filósofos, enfrentou vários desafios como pesquisador. E nesse contexto, passou a

trabalhar com pesquisas empíricas. Surgiu então, um convite para retornar ao Brasil, quando havia apenas seis doutores de Psicologia no país e a intenção da criação de um curso de pós-graduação em Psicologia, pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Aceitou o desafio e, entre os anos de 1974 e 1975, foi professor titular e coordenador do curso de mestrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Ali iniciou a formação de pesquisadores e passou a ministrar disciplinas como planejamento de pesquisa e estatística e medidas, já que não havia pesquisadores que dominavam tais temas na época. Foi então que definiu sua trajetória de pesquisa, ao se aprofundar no campo da psicometria.

Em 1975, recebeu o que chamou de uma oferta irrecusável para assumir uma cadeira na Universidade de Brasília, onde permaneceu até a aposentadoria compulsória, e ainda atua como colaborador, vinculado ao programa de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Ainda em Brasília, nos anos de 1977 e 1981, teve dois filhos, que lhe deram dois netos cada.

Em 1981, após ler um artigo na Folha de São Paulo, que tratava sobre o desuso de testes psicológicos no Brasil, resolveu investir suas pesquisas na área. Submeteu então uma proposta ao FINEP para a criação de um laboratório de medidas em Psicologia. No ano de 1987, foi criado o Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medidas (LabPAM), que foi considerado o primeiro laboratório de Psicometria do Brasil e, ao longo do tempo, tornou-se um dos mais importantes centros de referência em avaliação psicológica no país. Esse laboratório acolheu estudantes de vários estados do Brasil, que buscavam formação em psicometria e em avaliação psicológica.

Em 1993, após participar de uma reunião da International Test Commission, teve acesso à técnica de Teoria de Resposta ao Item (TRI). Ao retornar ao Brasil, realizou no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) a primeira análise formal com o uso de TRI no Brasil, sendo precursor nesse campo. Em seguida, passou a dedicar-se, principalmente, ao processo de construção de novas medidas para o Brasil e à publicação de livros da área.

Durante o período da história da Psicologia brasileira, em que houve um marcante declínio na produção em avaliação psicológica e insuficiência na formação em psicometria, Luiz Pasquali orientou seu trabalho para reverter essa tendência. Para tal, desenvolveu pesquisas para produção de instrumental de avaliação, orientou inúmeros estudantes em nível de graduação e pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), elaborou livros e manuais em psicometria e avaliação psicológica e atuou em diferentes instâncias, em favor da revitalização da avaliação psicológica no país.

Juntamente com outros membros docentes e discentes da Universidade de Brasília, conduziu estudos contemplando uma ampla gama de construtos psicológicos, tais como: inteligência, traços de personalidade gerais e específicos, e outros próprios da Psicologia Social e da Psicologia do Trabalho. No âmbito do laboratório, coordenou serviços de assessoria e de consultoria, em diferentes estados do Brasil, para formulação de perfil profissiográfico de profissionais da área da segurança e de concursos públicos na área da segurança e outros setores público e privado.

Em consonância com os anseios e as preocupações dos profissionais, pesquisadores e docentes da área de avaliação psicológica, participou de inúmeras reuniões que tinham como propósito elaborar ações em favor do desenvolvimento da área no país. O final dos anos de 1990 e o início dos anos de 2000 marcaram um importante momento da Psicologia brasileira, com a fundação do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP). Luiz Pasquali foi o primeiro presidente

dessa associação científica. Também, nesse período, houve a constituição da Interinstitucional do Conselho Federal de Psicologia (CFP), cujo trabalho resultou na criação do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) do CFP.

A sua produção bibliográfica é extensa, contemplando a publicação de dezenas de artigos científicos, capítulos de livros e livros. Entre os anos de 1990 e 2012, Luiz Pasquali publicou livros, textos sobre psicometria, análise fatorial, Teoria de Resposta ao Item e metodologia de pesquisa, que constituem fontes de referência importantes no ensino e na pesquisa brasileira, cobrindo uma lacuna de décadas no país.

Como professor e pesquisador, além de ser membro do corpo editorial de revistas científicas brasileiras, participa ativamente de eventos científicos, desde os anos de 1970. Foi o primeiro a oferecer cursos de psicometria em congressos científicos, além de ter coordenado o primeiro curso de especialização em psicometria em 1995. Já orientou aproximadamente 60 estudantes de mestrado e 13 de doutorado.

Ao longo de sua carreira, recebeu os seguintes títulos: moção com louvor da Câmara Legislativa do Distrito Federal (2012), professor emérito da Universidade de Brasília (UnB) (2006), certificado de reconhecimento, pelo Instituto de Psicologia da UnB (2002), homenagem do CRP-01 Brasília (1998), diploma de colaborador emérito do Exército (1995) e medalha Santos Dumont, pelo Ministério da Aeronáutica brasileira (1986).

Tornou-se sócio-proprietário da empresa LabPAM Saber e Tecnologia, que atua na área de consultoria em avaliação psicológica e na publicação de obras.

Publicações

ARAÚJO, M. E. C.; PASQUALI, L. Datiloscopia: a determinação dos dedos. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2006. 371 p.

PASQUALI, L. A ciência da mente: a psicologia à procura do objeto. Brasília: LabPAM, 2008, 400 p.

PASQUALI, L. Análise crítica dos testes psicológicos. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2012. 148 p.

PASQUALI, L. Análise fatorial para pesquisadores. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2012. 267 p.

PASQUALI, L. Análise fatorial para pesquisadores. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2005. 302 p.

PASQUALI, L. Análises multivariadas para pesquisadores. 233 p. (no prelo).

PASQUALI, L. Delineamento de pesquisa em ciência: a lógica da pesquisa científica. São Paulo: Vetor, 2015. v. 1, 243 p.

PASQUALI, L. Delineamento de pesquisa: fundamentos estatísticos da pesquisa científica. São Paulo: Vetor, 2015. v. 2., 341 p.

PASQUALI, L. Instrumentação psicológica: fundamentos e prática. Porto Alegre: Artmed, 2010. 559 p.

PASQUALI, L. Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM/IBAPP, 1999. 306 p.

PASQUALI, L. Manual técnico e de aplicação da Bateria de Raciocínio Diferencial - BRD. Brasília: LabPAM, 2003. 110 p.

PASQUALI, L. Manual técnico e de aplicação da Bateria K-2. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2003. 46 p.

PASQUALI, L. Manual técnico e de aplicação do Teste de Memória Visual - TMV. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2004. 15 p.

PASQUALI, L. Manual técnico e de aplicação do Teste de Raciocínio Analógico Dedutivo - TRAD. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2003. 32 p.

PASQUALI, L. Manual técnico e de aplicação do Teste Não-Verbal de Raciocínio para Crianças - TNVRI. São Paulo: Vetor, 2005. 82 p.

PASQUALI, L. Os tipos humanos: a teoria da personalidade. Petrópolis: Vozes, 2003. 118 p.

PASQUALI, L. Planejamento e avaliação de ações de IEC em saúde: manual prático de planejamento estratégico. Brasília: Ministério da Saúde, 1997. 90 p.

PASQUALI, L. Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. 397 p.

PASQUALI, L. Psicometria: teoria e aplicações. Brasília: Editora UnB, 1997. 289 p.

PASQUALI, L. Questionário de saúde geral - QSG. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 96 p.

PASQUALI, L. Técnicas de exame psicológico - TEP: fundamentos das técnicas psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. v. 1. 233 p.

PASQUALI, L. Técnicas de exame psicológico: análise crítica dos testes psicológicos. v. 1, 175 p. (no prelo).

PASQUALI, L. Técnicas de exame psicológico: análise crítica dos testes psicológicos. v. 2, 154 p. (no prelo).

PASQUALI, L. Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento. Brasília: MEC/Sediae-Inep, 1996. 432 p.

PASQUALI, L. TRI - teoria de resposta ao item: teoria, procedimentos e aplicações. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2007. 236 p.

PASQUALI, L.; AZEVEDO, M. M.; GHESTI, I. Inventário fatorial de personalidade - IFP. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 61 p.

PASQUALI, L.; MOURA, C. F.; FREITAS, L. C. O. Manual técnico de aplicação da Escala de Agressividade, Autenticidade e Inibição - EdAAI. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2003. 37 p.

PASQUALI, L.; MOURA, C. F.; FREITAS, L. C. O. Manual técnico e de aplicação da Escala de Assertividade RATHUS - RAS. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2003. 32 p.

PASQUALI, L.; TRÓCCOLI, B. Profissiografia: análise de cargo. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2012, 69 p.

RIBEIRO, J. P. et al. Padres casados: depoimento e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1990. 125 p.

Referências

PASQUALI, L. Currículo lattes. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/7429386640846254. Acesso em: 15 out. 2015.

PASQUALI, L. Entrevista realizada na residência de Luiz Pasquali. Entrevista concedida a Elizabeth do Nascimento e Cristiane Faiad. [S.l.], 25 out. 2015.

Elizabeth do Nascimento
Cristiane Faiad



PATERNOSTRO, José Novaes *(1918-1997)*

O Psicólogo paulista José Novaes Paternostro teve marcada atuação no campo da Psicotécnica e da Psicologia aplicada ao trabalho. Atuou em seleção e orientação profissional, notadamente, na Estrada de Ferro Sorocabana, na qual começou a trabalhar com 14 anos, em tarefas administrativas de escritório (Morais, 1999). Posteriormente, quando o engenheiro suíço Roberto Mange recebeu a incumbência de formar um serviço de Psicologia aplicada, Paternostro foi selecionado para compor a equipe desse serviço, com a condição de cursar o bacharelado em Ciências Políticas e Sociais da Escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo (USP), com especialização em Psicologia Aplicada (1943-1947).

Após sua graduação, Paternostro atuou na função de Auxiliar Técnico (1947-1949), chegando a ocupar a Direção do Serviço de Seleção (1949-1965). Sua experiência no campo da psicotécnica envolveu diversos trabalhos de consultoria a várias instituições (Custódio, 2008), como a organização do Gabinete Psicotécnico para seleção de motoristas para o Departamento de Trânsito de São Paulo (1952). Foi ainda Diretor do Instituto de Psicologia Aplicada ao Trabalho da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientae (1967-1969).

Entretanto, o "pioneirismo" de Paternostro reside em uma atuação, relativamente, incomum. A extensa atuação de Paternostro com Psicotécnica, Psicodiagnóstico e Seleção profissional caminhou em paralelo com sua inserção religiosa. Paternostro era membro da Igreja Batista de Vila Mariana, em São Paulo, e realizava, já no final da década de 1950, a aplicação de testes psicológicos para a orientação vocacional e a avaliação de personalidade nos candidatos ao ingresso no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB) e no Instituto de Treinamento Cristão de Moças (IBER), que são, respectivamente, um seminário para formação de pastores e um instituto de formação de educadoras religiosas, ambos vinculados à Igreja Batista e sediados no Rio de Janeiro.

Segundo relatos de entrevista, a bateria de testes aplicados continha, dentre outros, aqueles de vocabulário, de inteligência, de raciocínio lógico, de aptidões e o psicodiagnóstico de Rorschach. Paternostro se dirigia ao Rio de Janeiro por ocasião da aplicação dos testes e retornava,aproximadamente, um mês depois, para entrevista devolutiva dos resultados. Tal avaliação atendia a um duplo objetivo: a) auxiliar os futuros pastores e educadoras quanto ao conhecimento de seus perfis ou características psicológicas, a fim de auxiliá-los em sua formação; b) identificar possíveis características que não recomendassem aqueles candidatos para a formação eclesiástica.

Ainda no campo do movimento batista, Paternostro também realizava palestras, cursos e escrevia publicações de cunho religioso, aparentemente, livretos e opúsculos, que não foram encontrados (Carelli, 1997). É esse um fato notável: já na década de 1950, vemos a ocorrência de um caso envolvendo um Psicólogo colocando sua expertise profissional a serviço de instituições religiosas, em caráter de "colaboração" (Berry; Berry, 1986, p. 37). Se, por um lado, o fenômeno dos "psicólogos evangélicos" e sua inserção em atividades promovidas por igrejas e instituições evangélicas são encontrados com relativa frequência na atualidade, por outro lado,

a trajetória de Paternostro mostra que se trata de um fenômeno com precedentes históricos de destaque.

Paternostro teve também, marcada atuação no campo da docência. Seu currículo profissional (Paternostro, 1979) registra que lecionou temas referentes à Psicologia Aplicada ao Trabalho, Psicotécnica e Psicologia Aplicada à Administração, Seleção e Orientação Profissional e Psicologia das Relações Humanas, nas seguintes instituições: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), PUC-SP, Instituto Sedes Sapientiae, USP, Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano (SP), dentre outras.

Além disto, Paternostro também lecionou em escolas teológicas no Estado de São Paulo:

- Faculdade Teológica Batista de São Paulo;
- Faculdades Teológicas da Igreja Metodista Livre de São Paulo;
- Faculdade Teológica da Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo;
- Universidade Metodista de Piracicaba; e) Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas (seção São Paulo). Nessas instituições confessionais, lecionou disciplinas como Psicologia da Religião, Psicologia Pastoral, Psicologia Geral e Orientação Vocacional.

Como reconhecimento pelos pares do mérito de sua trajetória profissional, Paternostro recebeu, em 1979, a Medalha Wilhelm Wundt, concedida pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo para personagens "pioneiras da Psicologia Experimental" na região. Em 1980, foi nomeado para a Academia Paulista de Psicologia, ocupando a cadeira nº 22, cujo patrono é João Carvalhaes.

Referências

BERRY, L. R.; BERRY, E. G. IBER: uma porta aberta para o serviço cristão. Rio de Janeiro: Instituto Batista de Educação Religiosa, 1986.

CARELLI, A. Obituário: José Novaes Paternostro. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, v. XVII, n. 3, 1997.

CUSTÓDIO, E. M. Lino de Macedo: um construtor da psicologia. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, v. XXVIII, n. 2, p. 187-196, 2008.

MORAIS, S. T. P. Professores universitários e psicólogos contam suas vidas. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 1999.

PATERNOSTRO, J. N. Curriculum vitae. São Paulo, 1979. (Documento não publicado).

Filipe Degani-Carneiro



PAVAN, Maria de Lourdes de Oliveira *(1922-1988)*

Nasceu em Campinas, São Paulo. Realizou todos os seus estudos em São Paulo. Bacharel em Química pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), em 1945, foi aluna, durante o curso de licenciatura, de Otto Klineberg e de Annita Castilho e Marcondes Cabral. Licenciou-se, em 1946, e, durante sete anos, lecionou Química no Colégio Estadual Presidente Roosevelt (1948 a 1954). Não satisfeita com essa atividade, decidiu mudar radicalmente sua vida profissional e dedicar-se à Psicologia. Retomou os estudos, prestou o vestibular e ingressou no curso de Filosofia da FFCL da USP, que concluiu em 1959. Fez o curso de especialização em Psicologia Clínica da FFCL da USP, concluído em 1960. Foi aluna de Annita de Castilho e Marcondes Cabral, o qual a convidou a ingressar como professora (inicialmente como assistente extranumerária e depois como professora assistente) na cadeira de Psicologia que presidia na FFCL da USP.

Com o início do curso de Psicologia, ministrou as seguintes disciplinas: Psicologia Experimental, Psicologia Social, Psicologia Diferencial, Psicanálise e Testes Projetivos. Em 1965, foi aluna da Universidade do Tennessee - Estados Unidos, onde fez curso de formação em Psicologia Clínica e teve o primeiro contato com a Terapia Comportamental. Em 1966, voltou ao Brasil e passou a integrar o quadro de professores da cadeira de Psicologia Experimental e do Trabalho, presidida pela professora Annita da Castilho e Marcondes Cabral. Doutorou-se em Psicologia, pela FFCL da USP, com a tese Estudo do efeito da proximidade do ser humano na execução de tarefas por esquizofrênicos: diferenças devidas ao fato do examinador ser familiar ou desconhecido para o sujeito, a qual defendeu, em julho de 1968, sob a orientação de Annita. Nesse mesmo ano, foi trabalhar no Austin State Hospital, em Austin, Texas – Estados Unidos. Quando regressou, em 1972, foi convidada a ingressar no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP.

No período de 1973-1975, fez o pós-doutorado em Terapia Comportamental com Wolpe, na Temple University, Filadélfia – Estados Unidos. Regressou ao Brasil, em 1975, e passou a lecionar disciplinas relacionadas à Terapia Comportamental, na graduação e pós-graduação. Na pós-graduação, ministrou as seguintes disciplinas: Terapia Comportamental – Técnica de Dessensibilização Sistemática por Inibição Recíproca (1975, 1976, 1978 e 1981); Alguns Usos da Terapia Comportamental (1976, 1977 e 1979); Aplicação de Técnicas de Psicoterapia Comportamental (1977); Técnicas de Psicoterapia Sexual (1980). Em 1982, defendeu tese de livre-docência com o título: A aplicação da terapia comportamental no tratamento de casais, pelo Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP.

Publicações

PAVAN, M. de L. de O. Aplicação da terapia comportamental no tratamento de casais. Tese (Livre-docência) – Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

PAVAN, M. de L. de O. Estudo do efeito da proximidade do ser humano na execução de tarefas por esquizofrênicos: diferenças devidas ao fato do examinador ser familiar ou desconhecido. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1968.

PAVAN, M. de L. de O. Memorial apresentado ao concurso de livre-docência no conjunto de disciplinas: técnicas de psicologia individual I e II, alguns usos da terapia comportamental, técnica de dessensibilização sistemática de J.Wolpe e técnicas de terapia sexual. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1982.

PAVAN, M. de L. de O. Técnica suportiva no tratamento de esquizofrênicos. In: REUNIÃO anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 24., 1972. Resumos... [S.l.], 1972. p. 505-506.

PAVAN, M. de L. de O. Técnicas terapêuticas no tratamento de esquizofrênicos. Boletim de Psicologia, v. 33, p. 58-66, jul./dez. 1981.

PAVAN, M. de L. de O. Um estudo das diferenças de inteligência entre gêmeos idênticos e fraternos mediante o teste Raven. Jornal Brasileiro de Psicologia, n. 1/2, p. 77-90, 1964.

PAVAN, M. de L. de O. Um estudo do teste Bender. Psicologia - Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, n. 12, 1968.

Referências

MORAIS, S. T. P. Professores universitários e psicólogos contam suas vidas. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Lucia Ghiringhello



PEIXOTO, Afrânio
(1876-1947)

Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, tendo sido discípulo de Raimundo Nina Rodrigues; defendeu sua tese inaugural com o título Epilepsia e crime, em 1897. Foi para o Rio de Janeiro, lá trabalhando com Juliano Moreira no Hospital Nacional de Alienados. Participou também da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Escreveu inúmeras obras que tratavam de temas afins à Psicologia ou referentes ao fenômeno psicológico, numa abordagem próxima à da Medicina Legal e à Psiquiatria, dentre elas: Novos rumos da medicina legal (sd), Criminologia (sd), Clima e saúde (sd), Elementos de medicina legal (1910), Psicopatologia forense (1916), Noções de higiene (1932) e Sexologia forense (1934). A estas, acrescentam-se obras sobre Educação, que também fazem referências a questões relacionadas à Psicologia, como: Ensinar a ensinar, Marta e Maria, A seleção dos incapazes afortunados pelo ensino secundário e Ensino primário no Brasil em 100 anos.

Publicações

PEIXOTO, A. Clima e saúde. [S.l.: s.n.], [s.d.].

PEIXOTO, A. Criminologia. [S.l.: s.n.], [s.d.].

PEIXOTO, A. Elementos de medicina legal. [S.l.: s.n.],1910.

PEIXOTO, A. Ensinar a ensinar, Marta e Maria: a seleção dos incapazes afortunados pelo ensino secundário e ensino primário no Brasil em 100 anos. [S.l.: s.n.], [s.d.].

PEIXOTO, A. Epilepsia e crime. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1897.

PEIXOTO, A. Medicina legal. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927.

PEIXOTO, A. Noções de higiene. [S.l.: s.n.], 1932.

PEIXOTO, A. Novos rumos da medicina legal. [S.l.: s.n.], [s.d.].

PEIXOTO, A. Psicopatologia forense. [S.l.: s.n.], 1916.

PEIXOTO, A. Sexologia forense. [S.l.: s.n.], 1934.

Referências

ANTUNES, M. A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890-1930): uma contribuição aos estudos em história da Psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Psicologia - Boletim [da] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51, 1950.

COSTA, J. F. História da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

CUNHA, M. C. P. O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 15. Disponível em: http://authorities.loc.gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 41-53, set. 1971.

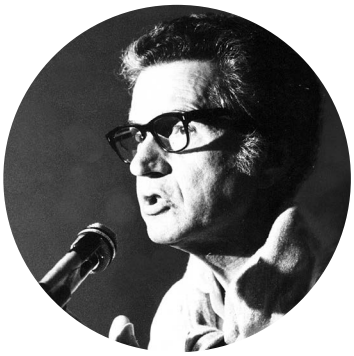
MACHADO, R. et al. Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-14, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia no Brasil. In: QUEM é o psicólogo brasileiro. São Paulo: Edicon /CFP, 1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Org). História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979. v. 3, p. 235-276.

Mitsuko Aparecida Makino Antunes



PELLEGRINO, Hélio
(1924-1988)

Hélio Pellegrino foi um homem de posições marcantes e engajadas no campo político, cultural e psicanalítico, considerado uma das grandes figuras da Psicanálise no Brasil. A sua atuação pela integração da Psicanálise com as questões sociais e políticas é expressiva e revela-se tanto nos grandes embates institucionais, como nas propostas inovadoras teóricas e clínicas.

Nascido em Belo Horizonte, Hélio Pellegrino pertenceu, com Otto Lara Resende, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, ao mitológico grupo de poetas conhecido como "Os quatro mineiros". Publica, em 1940, pela primeira vez, um poema no jornal O Diário. Além disso, atuou como colunista em tempos de censura, como ativista político na luta contra a ditadura, e é um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Com Otto Lara Resende, Darci Ribeiro e outros, edita, em 1944, o combativo jornal clandestino Liberdade. Em 1968, a sua participação na política o faz ser respeitado pelos estudantes, líderes da movimentação política libertária, desses anos, tornando-se porta-voz dos intelectuais. Discursa na "Passeata dos Cem Mil" e participa da Comissão dos Cem Mil - no dia 13 de 1968 é decretado o Ato Institucional Número 5.

Médico psiquiatra, em 1944, em Belo Horizonte. Decepcionado com a Medicina, decide tornar-se psicanalista. Em 1952, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde se analisou com Iraci Doyle. Depois da morte desta, transferiu-se para o divã polêmico de Anna Kattrin Kemper. Tornou-se membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), em 1956, e nunca parou de questionar a sua organização e propor inovações. Inovou com os "Encontros Psicodinâmicos", reuniões de psicoterapia em grupo com mais de cem pacientes, que promovia com Anna Kattrin Kemper. Preocupado com as questões sociais, fundou, em 1973, a Clínica Social de Psicanálise, destinada a oferecer tratamento psicanalítico à população pobre e vulnerável. Tornou-se, em 1978, membro titular da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro, que reunia vários dissidentes da SPRJ.

Vigiado durante praticamente todo o período ditatorial, devido principalmente à sua coluna no Correio do Brasil, na qual se posicionava claramente à esquerda, foi preso durante a ditadura militar sob a acusação de "assinar artigos considerados subversivos" e "atividade subversiva", ficando retido por dois meses em algum momento entre 1969 e 1970. Nelson Rodrigues foi uma de suas testemunhas de defesa na audiência que ocorreu no dia 26 de fevereiro de 1970.

Outro embate institucional importante, que teve como decorrência a sua expulsão temporária da SPRJ, foi ter criticado publicamente, com Eduardo Mascarenhas e Wilson Chebabi, na mesa-redonda A psicanálise e sua inserção no modelo capitalista, entre outras questões, os princípios da análise didática e o alto preço dos tratamentos, ou, como dizia, os "métodos feudais" da Psicanálise brasileira, dominada por meia dúzia de "barões da Psicanálise". O debate é transformado em reportagem, escrita pelo jornalista e futuro psicanalista Roberto Mello, e publicada a 23 de setembro de 1980, no Jornal do Brasil. No mesmo evento, são confirmadas as denúncias de Helena Besserman Vianna, de

1973, até então refutadas, sobre o envolvimento do psicanalista Amílcar Lobo com a tortura durante o regime militar, incitando uma polêmica que incendiaria a Psicanálise brasileira e, até hoje, produz consequências.

Teoricamente, formula a articulação do pacto edípico com o pacto social, que relaciona a constituição psíquica e a formação de sintomas com a inserção na cultura. Indicou a chave psicanalítica para a compreensão da violência e da delinquência no tecido social brasileiro.

A ruptura com o pacto social, em virtude de sociopatia grave – como é o caso brasileiro, pode implicar a ruptura, ao nível inconsciente, com o pacto edípico... Tudo aquilo que ficou reprimido – ou suprimido – em nome do pacto com o pai, vem à tona, sob forma de conduta delinquente e antissocial (Pellegrino, 1983, p. 9).

Hélio Pellegrino marcou a Psicanálise, no Rio de Janeiro, com a explicitação dos aspectos políticos e ideológicos, presentes nas malhas da instituição psicanalítica e na construção teórica, influenciando psicanalistas das gerações seguintes, entre os quais, Joel Birman e Jurandir Costa Freire.

Publicações

PELLEGRINO, H. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

PELLEGRINO, H. Arquivinho de Hélio Pellegrino. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2004.

PELLEGRINO, H. Lucidez embriagada. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

PELLEGRINO, H. Meditação de Natal. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

PELLEGRINO, H. Minérios domados. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PELLEGRINO, H. Pacto edípico e pacto social (Da gramática do desejo à sem-vergonhice brasílica). Folhetim, Rio de Janeiro, 11 set. 1983. p. 9-11.

Referências

LIMA, R. A. A psicanálise na Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985): história, clínica e política. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

MOURA, J. C. (Org.). Hélio Pellegrino: A – Deus. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

PIRES, P. R. Hélio Pellegrino: a paixão indignada. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Miriam Debieux Rosa
Diego Amaral Penha



PENIDO, Maurílio Teixeira-Leite - Padre *(1895-1970)*

Nasceu em Petrópolis – Rio de Janeiro.Formou-se bacharel em Filosofia, pela Universidade Gregoriana em Roma; em Letras, pela Universidade de Paris, e doutorou-se em Teologia, pela Universidade de Friburgo.

Iniciou sua atividade docente, em 1928, quando foi nomeado "docente privado" para lecionar na Universidade de Friburgo, na Suíça, lá permanecendo até 1938. Nessa Universidade, lecionou, principalmente, Filosofia, História das Religiões, Filosofia Anglo-saxônica, Filosofia Contemporânea e Psicologia da Religião. Nessa área, deixou-nos o livro La conscience religieuse, publicado em Paris, em 1936, mas ainda não traduzido para o português.

Retornando ao Brasil, foi nomeado, em 1938, para exercer a cátedra de Filosofia da Universidade do Distrito Federal, tornando-se catedrático em 1939. Em 1944, foi nomeado professor catedrático de Filosofia da Universidade do Brasil, lecionando no Departamento de Filosofia da Faculdade Nacional de Filosofia. No exercício dessa cátedra, Penido deu um curso sobre o inconsciente, divulgando entre nós a obra de Dalbiez. Mais tarde, publicou O inconsciente cognitivo em Leibniz (1946).

Sua já citada obra La conscience religieuse, representa uma significativa contribuição à Psicologia. Dividida em cinco capítulos, o primeiro discorre sobre a natureza da Psicologia da Religião, revelando um vasto domínio da literatura especializada nesse tema, e ainda divide-se em dois tópicos. No primeiro, o autor focaliza três categorias de Psicologia da Religião e, no segundo, dedica-se ao estudo empírico da consciência religiosa. O segundo capítulo trata do estudo da tipologia da conversão. O terceiro trata das teorias patológicas do ascetismo, desdobrando-se em quatro tópicos, dos quais o mais importante estuda os paralogismos com que Pierre Janet rejeita, em seu notável livro De l'angoisse à l'extase, a prática do ascetismo, entendendo-a como expressão de uma astenia psicológica. O quarto capítulo concentra-se no estudo da intuição natural de Deus. Finalmente, o quinto desenvolve-se em torno da personalidade de Maria da Encarnação. Resumidamente, o texto aponta para os três grandes problemas com que se defronta o estudioso da experiência religiosa: 1) a conversão, que marca o início da experiência religiosa; 2) o desenvolvimento dessa experiência através da prática do ascetismo sadio; 3) a experiência mística, conceituada como a expressão máxima da consciência religiosa.

Faleceu no Rio de Janeiro.

Publicações

PENIDO, M. T. L. La conscience religieuse. Paris: Pierre Téqui, 1936.

PENIDO, M. T. L. O inconsciente cognitivo in Leibniz. Revista Verbum, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1946.

Referências

MOURA, O. O Padre Penido: teólogo e apóstolo da liturgia. Rio de Janeiro: Tricontinental, 1995.

MOURA, O. Padre Penido: vida e obra. Petrópolis: Vozes, 1995.

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Antonio Gomes Penna



PENNA, Antonio Gomes
(1917-2010)

Natural do Rio de Janeiro (RJ). Psicólogo e professor de Filosofia e Psicologia, formado pela Faculdade Nacional de Direito (1944) e pela Faculdade Nacional de Filosofia (1948), ambas integrantes da antiga Universidade do Brasil, atualmente, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nessa Universidade, no início de sua carreira docente, foi assistente do professor Nilton Campos, quando este era diretor do Instituto de Psicologia. O trabalho realizado por Antonio Gomes Penna pode ser avaliado sob três aspectos interligados: como professor universitário; como criador de cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia; e, como autor de extensa obra escrita.

Iniciou sua vida profissional, em 1940, lecionando História da Economia. Como professor de Psicologia, Antonio Gomes Penna dedicou-se, especialmente, ao ensino da percepção, pensamento, memória, linguagem e aprendizagem, além da História da Psicologia e da Filosofia da Psicologia. A familiaridade com a Fenomenologia e, portanto, com o Gestaltismo, foi uma de suas características mais significativas. Com essa visão teórica, Antonio Gomes Penna influenciou muitos estudantes de Filosofia e de Psicologia, notadamente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na antiga Universidade do Estado da Guanabara, atualmente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. As atividades docentes de Antonio Gomes Penna se estenderam a militares da Aeronáutica e do Exército brasileiros. Lecionou, entre 1953 e 1968, temas da Psicologia de interesse militar, no Curso de Comando e Estado – Maior da Aeronáutica. Durante alguns anos, responsabilizou-se também por programas de Psicologia ministrados a oficiais que faziam cursos especializados no Centro de Estudos de Pessoal do Exército. Na condição de instrutor nesses cursos, Antonio Gomes Penna contribuiu para a formação de oficiais superiores e o desenvolvimento da Psicologia Militar no País.

Mediante a colaboração de Eliezer Schneider, Antonio Gomes Penna criou, em 1964, o Curso de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia, posteriormente integrado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na década de 1970, nessa Universidade e na Universidade Gama Filho, organizou cursos de mestrado em Psicologia. Entretanto, a considerar o número de mestres e doutores formados por esses cursos, tendo sido muitos deles orientados por ele, a sua contribuição mais significativa nesse nível de ensino ocorreu, entre 1971 e 1991, quando lhe coube coordenar o Centro de Pós-Graduação do Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getulio Vargas, no Rio de Janeiro, portanto, durante todo o período de existência desse Centro.

As obras escritas de Antonio Gomes Penna refletem, claramente, seus interesses filosóficos e científicos, relacionados à Psicologia. Em todas as suas obras revela-se uma preocupação especulativa, que se manifesta tanto na busca de relações entre conceitos e teorias originados de autores distintos, quanto na análise em profundidade de problemas por ele considerados importantes. Coerente com a sua formação filosófica, atribuiu maior relevo à análise internalista na História da Psicologia do que à abordagem externalista. Portanto, interessava-lhe mais estudar o desenvolvimento lógico de conceitos e teorias do que

circunstâncias de tempo e de lugar sob as quais a pesquisa psicológica é conduzida.

Antonio Gomes Penna participou ativamente do processo de institucionalização da Psicologia no Rio de Janeiro, após a promulgação da Lei nº 4.119, de 1962, que regulamentou a profissão de Psicólogo no Brasil. Nos últimos anos de vida, dedicou-se à elaboração da Coleção introdução à Psicologia, na qual se destaca o título Os filósofos e a Psicologia, que expressa a preocupação central desse influente intelectual brasileiro, que sempre buscou manter a Psicologia vinculada à Filosofia. É autor de uma extensa lista de artigos e livros. No caso dos livros, sua primeira obra intitulada Percepção e realidade veio a lume em 1966. Foi declarado Professor emérito do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1989. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ).

Publicações

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PENNA, A. G. Minha caminhada pela psicologia. In: JACÓ-VILELA, A. M., JABUR, F.; CONDE, H. de B. (Org.). Clio – Psyché – História da psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999, p. 13-34.

PENNA, A. G. Os filósofos e a psicologia. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

PENNA, A. G. Percepção e realidade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

Referências

FIGUEIREDO, L. C. Antonio Gomes Penna: razão e história. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

KRÜGER, H. Contribuição de Antonio Gomes Penna ao estudo da história da Psicologia. In: GUEDES, M. do C. (Org.). História e historiografia da psicologia. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1998. p. 51-64.

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc. gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

Helmuth Ricardo Krüger



PEREIRA, José Severo de Camargo *(1922-1994)*

Nasceu em Piracicaba – São Paulo. Filho de Hermantina de Camargo Pereira, professora primária, e de Manassés E. Pereira, professor de Francês. De seu pai aprendeu as primeiras letras desse idioma e, certamente, herdou o gosto pelo estudo e o primor com que se expressava. Muito jovem, quis seguir carreira militar. Para garantir vaga na escola, dedicou-se com afinco ao estudo da Matemática e de disciplinas afins. Razões diversas fizeram com que o projeto inicial fosse abandonado para seguir carreira de educador: ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), criada no início da década de 1940, onde cursou Pedagogia e, posteriormente, Psicologia. Durante o curso na USP, foi aluno e amigo de renomados professores, entre os quais merecem destaque, pela influência que tiveram em sua vida acadêmica, o Prof. Dr. Wilfred Leslie Stevens e o Prof. Dr. Mílton Camargo da Silva Rodrigues, de quem chegou a ser assistente na cadeira de Estatística.

A seriedade com que tratava dos assuntos de sua responsabilidade, fez com que o seu nome – Severo, simplesmente Severo, como passou a ser conhecido – ultrapassasse o limite de um nome, para marcar uma das principais características de sua personalidade. Dedicou toda a sua vida ao magistério de Estatística na USP, com ocasionais contribuições em outras instituições, notadamente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Imprimiu grande progresso ao Planejamento de Experimentos e ao campo de Testes e Medidas.

Deixou para a Psicologia Experimental importante trabalho em que examina, à luz da teoria de Köhler, a capacidade de percepção visual de diferentes tonalidades da cor cinza (Contribuição para o estudo experimental do problema da percepção, publicado no Boletim 210 da USP, 1955). Participou, ao lado de outras figuras de destaque, no mundo acadêmico, da elaboração do até hoje insuperável Vocabulário brasileiro de estatística, de autoria do Dr. Mílton da Silva Rodrigues (publicado no Boletim 203 da USP, 1956 e, no mesmo ano, uma réplica pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) / Conselho Nacional de Estatística), além de ter sido tradutor de importantes obras, como a Nova pedagogia científica, de Gaston Mialaret (publicado pela Companhia Editora Nacional em 1959), Educação e luta de classes, de Aníbal Ponce (publicado pela Cortez Editora); O método dos testes em pedagogia, de Anna Bonboir (traduzido em parceria com Marcos Fávero Florence de Barros e publicado pela Companhia Editora Nacional em 1974); A perspectiva científica, de Bertrand Russel (publicado também pela Companhia Editora Nacional em 1977).

No campo da Estatística, escreveu, em parceria com Wilton Bussab, Tábuas de Estatística e Matemática; contribuiu também, por ocasião de seu doutorado, com trabalho intitulado Método dos mínimos quadrados, em que desenvolveu, com magistral competência, num momento (1950) em que não havia, como hoje, disponibilidade de computadores e de programas de grande especialização, a questão da interpolação de funções parabólicas.

Aposentado na USP, continuou a colaborar, como consultor, com inúmeros institutos de pesquisa.

No auge de seu viço intelectual, ainda planejando produzir mais, veio a falecer, vítima de mal súbito, em 25 de setembro de 1994. Deixou esposa (Marylene Bonini) e um filho (Rodrigo Severo de Camargo Pereira).

Publicações

BONBOIR, A. O método dos testes em pedagogia. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. Rio de Janeiro: Compainha Editora Nacional, 1974.

MIALARET, G. Nova pedagogia científica. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. Rio de Janeiro: Compainha Editorial, 1959.

PEREIRA, J. S. de C. Contribuição para o estudo experimental do problema da percepção. Boletim da USP, São Paulo, n. 210, 1955.

PEREIRA, J. S. de C. Método dos mínimos quadrados. Tese (doutorado). 1950.

PEREIRA, J. S. de C.; BUSSAB, W. Tábuas de estatística e matemática. [S.l.: s.n.], [19--].

PONCE, A. Educação e luta de classes. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Cortez, [19--].

RUSSEL, B. A perspectiva científica. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. Rio de Janeiro. Compainha Editorial, 1977.

Referências

COSTA, S. F. [Depoimento do próprio autor do verbete]. [S.l.: s.n.], [20--].

Sérgio Francisco Costa



PEREIRA, Maria Solange Félix *(1953-2009)*

Nasceu na cidade Lins, interior de São Paulo. Em 1977, obteve o título de Psicóloga pela, à época, Universidade Estadual Paulista. Durante a década de 1980, realizou vários cursos de especialização e aperfeiçoamento em diferentes campos da Psicologia, tais como Psicologia Escolar e Psicologia Social. Seu foco principal era a relação entre Psicologia, Trânsito e Educação. Ela desenvolveu inúmeras atividades ligadas à educação para o trânsito, até o seu falecimento, em 2009.

Solange acreditava que a Psicologia poderia contribuir na disseminação de uma cultura da paz no trânsito, do respeito à cidadania e da solidariedade entre as pessoas. Em 1978, ela atuou como Psicóloga do Departamento Estadual de Trânsito de São Paulo (DETRAN-SP). Ao se mudar para Campo Grande, em 1979, vinculou-se ao DETRAN-MS, onde foi uma das primeiras psicólogas. Nessa instituição foi psicóloga perita examinadora, chefe da Divisão de Psicologia do Trânsito e diretora técnica dos Serviços de Engenharia e Operação de Tráfego, Educação e Fiscalização de Trânsito. Entre 1992 e 1998, foi diretora científica da Associação Brasileira de Educadores de Trânsito (ABETRAN).

Solange gostava de ser chamada de “militante”. Essa denominação parece ser uma característica

das primeiras psicólogas atuantes em Campo Grande, na década de 1970. Outras psicólogas de sua geração também se denominam "militantes", ainda na atualidade. Tal característica parece ter relação com dois pontos: essas mulheres tiveram atuação marcante com os movimentos do sistema conselhos e sua crença no compromisso social da Psicologia, especialmente, pela educação no trânsito, para a redução de acidentes e mortes.

A atuação de Solange e de suas colegas se liga à institucionalização dos conselhos federais e regionais de Psicologia no país. Foi delegada da sub-sede do Mato Grosso do Sul (MS), do Conselho Regional de Psicologia (CRP) no 06 (1980-1986) que, à época, também era o responsável portal sub-sede.

No Conselho Federal de Psicologia (CFP), ocupou várias posições, como membro de comissões para políticas e ações de Psicologia do Trânsito e de comissões para elaboração do Código Brasileiro de Trânsito. Em sua concepção, o Trânsito é um campo de relacionamento social. Portanto, a Psicologia Social era um caminho para pensar nas práticas psicossociais dos motoristas.

Nessa direção, Solange analisava a cultura do dirigir e como as pessoas, além de socialmente serem levadas a utilizar o automóvel pelo empobrecimento do transporte coletivo, exercem essa atividade como uma relação de poder, ou seja, a posse e o uso do automóvel são a expressão máxima disso.

As relações entre Psicologia e Trânsito também estavam presentes em sua prática como professora. Sua influência na educação do trânsito pode ser percebida pela docência em diferentes instituições brasileiras, entre as décadas de 1990 e 2000. Solange foi professora visitante na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), colaboradora na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e no Instituto de Certificação e Estudos em Trânsito e Transporte (ICETRAN).

Na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande, foi uma das primeiras professoras do curso de graduação em Psicologia, ocupando-se de diversas disciplinas. Foi coordenadora do curso por duas vezes, entre 1980-1984 e de 2000 a 2006.

Solange foi também responsável por coordenar vários cursos de especialização na área de Trânsito, específicos de Psicologia e interdisciplinares. Neste último, foi uma das pioneiras com o curso de Estudos Multidisciplinares de Trânsito em 1992. Foi aluna do Prof. Renier Johannes Rozestraten (1924-2008), de quem, a partir dos anos 1980, foi colaboradora. Juntos, eles produziram congressos e encontros da área de trânsito e, também, materiais e projetos em educação para o trânsito.

Publicações

MACEDO, G. M. L.; et al. Caderno de Psicologia de trânsito e compromisso social. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2000. 32 p.

PEREIRA, M. S. F. As representações das ações dos condutores sobre a prática no volante do automóvel. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

PEREIRA, M. S. F. Dirigir não é para qualquer um. Semana Nacional do Trânsito, 2005. Disponível em: http:// www.crpms.org.br/admin/arquivos/files/1443827789.pdf. Acesso em: 02 out. 2015.

PEREIRA, M. S. F. Educação e cidadania no trânsito: um caminho? Semana Nacional do Trânsito, 2005. Disponível em: http://www.crpms.org.br/admin/arquivos/files/1443827847.pdf. Acesso em: 02 out. 2015.

PEREIRA, M. S. F. Resenha: coleção psicopedagogia e educando para o trânsito. Psicologia: Pesquisa & Trânsito, v. 1, n. 1, p. 63-65, 2005.

PEREIRA, M. S. F.; ROZESTRATEN, R. J. A. Manual para portadores de deficiências: pro-

grama sem barreiras. Campo Grande: DETRAN-MS, 1997. 33 p.

ROZESTRATEN, J. A.; PEREIRA, M. S. F. Manual de trânsito para a terceira idade. Campo Grande: Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul, 1997. 34 p.

Referências

CURADO, J. C. Maria Solange: a última das nossas militantes Disponível em: http://177.6.81.242/crpms/admin/arquivos/files/1406227077.pdf. Acesso em: 14 set. 2015.

HOMENAGEADO. M. S. F. P. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 30, n. 2, 2010. p. 444. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000200017&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 set. 2015.

SILVA, F. H. V. de C. A psicologia do trânsito e os 50 anos de profissão no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 32, n. spe, p. 176-193, 2012.

Rodrigo Lopes Miranda
Renan da Cunha Soares Júnior



PERESTRELLO, Danilo
(1916-1989)

Psiquiatra e psicanalista natural do Rio de Janeiro (RJ). Formou-se em Medicina, em 1939, pela Universidade do Brasil, tornando-se livre-docente de Psiquiatria nessa Universidade. Trabalhou no Serviço Nacional de Educação Sanitária do Ministério de Educação e Saúde, onde publicou, através do Ministério, um conjunto de palestras de orientação de pais, intituladas Almas infantis. Foi membro da diretoria da Sociedade de Psicologia Individual do Rio de Janeiro, da Universidade do Brasil. Em 1944, ingressou como psiquiatra do Serviço Nacional de Doenças Mentais.

Iniciou, na Argentina, a sua formação em Psicanálise, em 1946. Contribuiu para a difusão da Psicanálise, incluindo no currículo da Faculdade de Medicina um curso de Psiquiatria com orientação psicanalítica. Foi um dos pioneiros da Psicanálise no Rio de Janeiro e da Medicina Psicossomática no Brasil. Participou da instalação do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro, que se caracterizou pela diferenciação em três grupos: o grupo Kemper, que fundou, em 1953, a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), o grupo Burke e o grupo Argentino, ao qual pertenceu. Como Alcyon Baer Bahia, Walderedo Ismael de Oliveira, Marialzira Perestrello e outros, a sua formação

em Psicanálise foi feita em Buenos Aires. Teve como analista didata Celes Cárcamo, e como supervisores Enrique Pichon Rivière e Marie Langer, fundadores da Associação Psicanalítica Argentina (APA), núcleo do freudismo argentino, reunido pelo entusiasmo pela Psicanálise e pelo sonho de salvá-la do perigo fascista.

Danilo Perestrello retornou ao Brasil, em 1949, como membro associado da Associação Psicanalítica Argentina. Contrariando decisão acordada no I Congresso de Higiene Mental (1954) e reafirmada no I Congresso Latino-americano em Buenos Aires, a Sociedade Psicanalítica Argentina reconheceu-o e a Walderedo Ismael de Oliveira como psicanalista didata, em 1957. Em seguida, a Sociedade Psicanalítica de São Paulo também os reconheceu como membros efetivos e didatas. Foi um dos fundadores do Grupo de Estudos da Sociedade Brasileira de Psicanálise e um de seus presidentes. Essas qualificações foram fundamentais para que, em 1959, o seu grupo, composto de psicanalistas formados na Argentina, associado aos partidários de Mark Burke, ambos dissidentes do grupo Kemper, pudessem fundar a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Destacou-se também pelo trabalho em Psicossomática, e publicou, em 1958, Medicina psicossomática, traduzido e publicado em Buenos Aires. É um dos fundadores e primeiro presidente da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática, em 1965. Em 1974, publica Medicina da pessoa (Livraria Atheneu Ltda.), livro utilizado como referência conceitual nos cursos de Medicina Psicossomática e Psicologia Médica das faculdades de Medicina.

Em 1968, teve participação fundamental nos eventos que seguiram o episódio conhecido como "Sexta-feira Sangrenta". No dia 21 de junho, a polícia reprimiu de maneira violenta a manifestação de aproximadamente 1600 estudantes da UFRJ, que haviam tomado o prédio da reitoria em protesto. Diversos estudantes foram presos e estima-se que 28 foram mortos. Era de saber comum que Danilo Perestrello, na época professor da UFRJ, se opunha ao regime militar de maneira discreta, porém, nesse episódio, tomou publicamente partido ao lado dos estudantes.

Publicações

PERESTRELLO, D. Almas infantis. Brasília: MEC, [19--].

PERESTRELLO, D. Medicina da pessoa. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1974.

PERESTRELLO, D. Medicina psicossomática. [S.l.: s.n.], 1958.

Referências

LIMA, R. A. A psicanálise na Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985): história, clínica e política. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

PERESTRELLO, M. História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo Farrapos: a trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1998.

Miriam Debieux Rosa
Diego Amaral Penha



PERESTRELLO, Marialzira *(1916-2015)*

Psiquiatra, psicanalista, escritora. Nasceu no Rio de Janeiro (RJ), formou-se em Medicina, em 1939, pela Universidade do Brasil. Filha do famoso jurista Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda (1892-1979), desde cedo compartilhou da vivência com a elite intelectual do Rio de Janeiro. Participou da instalação do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro, que se caracterizou pela diferenciação em três grupos: o grupo Kemper, que fundou, em 1953, a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), o grupo Burke e o grupo Argentino, ao qual pertenceu. Iniciou a sua formação em Psicanálise, em 1946, em Buenos Aires, onde teve como psicanalista didata Enrique Pichon Rivière, um dos fundadores da Associação Psicanalítica Argentina (APA), que se notabilizou por desenvolver formas de psicoterapia das psicoses e práticas de grupo, os chamados grupos operativos. Em 1952, foi qualificada psicanalista pela Associação Psicanalítica Internacional, além de tornar-se membro associado da Associação Psicanalítica Argentina.

Marialzira Perestrello fundou vários centros de estudos, entre os quais a Clínica de Orientação da Infância, do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, e o Grupo de Estudos, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Participou da fundação e estruturação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), em 1959, fruto da articulação de quinze psicanalistas, entre eles Alcyon Baer Bahia e Danilo Perestrello. O grupo, dissidente dos partidários de Werner Kemper, foi composto pelos psicanalistas formados na Argentina e pelos psicanalistas ligados a Mark Burke. Nessa instituição, ela ocupou vários cargos, incluindo a presidência.

O seu campo de pesquisa foi a História da Psicanálise no Brasil e as relações entre Psicanálise, Literatura e Arte. Relatou a fundação e estruturação da SBPRJ no livro História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação, de 1987. Publicou vários trabalhos no Brasil e no exterior. É autora do verbete Brésil, para o Dictionnaire international de la psychanalyse, dirigido por Alain Mijolla, lançado em 2000. Foi também editora associada da revista internacional Psychoanalysis and History. Recebeu prêmios e homenagens, entre os quais:

- Personalidade Cultural, pela União Brasileira de Escritores.
- Indicada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil como uma das dez mulheres de 2004.
- Estudada em tese pela Pontifícia Universidade Católica, sob o título: Marialzira Perestrello: um pouco da vida e da obra de uma pioneira da psicanálise no Rio de Janeiro.
- Recebeu placa de homenagem da Associação Brasileira de Psicanálise.
- Placa ofertada pelo Pen Club como exemplo dedicado à cultura.

Publicações

PERESTRELLO, M. Brésil, In: MIJOLLA, A. Dictionnaire international de la psychanalyse. [S.l.: s.n.], 2000.

PERESTRELLO, M. Cartas a um jovem psicanalista. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PERESTRELLO, M. Encontros: psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PERESTRELLO, M. História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Referências

ABRÃO, J. L. Marialzira Perestrello: mulher de vanguarda e pioneira da psicanálise. São Paulo: Zagodoni, 2018.

LIMA, R. A. A psicanálise na Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985): história, clínica e política. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo Farrapos: a trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

Miriam *Debieux Rosa*
Diego Amaral Penha



PEREZ-RAMOS, Aidyl M. de Queiróz (1925-2022)

Nasceu em Ribeirão Bonito, São Paulo. Depois de casada, passou a assinar com Aidyl Macedo de Queiroz Perez-Ramos. Quando criança, viveu em Santa Bárbara do Rio Pardo, hoje Águas de Santa Bárbara, até concluir o curso ginasial. A família mudou-se para Agudos (SP), onde fez o curso Normal. Foi durante esse curso que teve o primeiro contato com a Psicologia Educacional. Na década de 1940, mudou-se para São Paulo e ingressou no curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), onde teve como professores Jean Maugué e Noemy da Silveira Rudolfer. Concluído o curso, iniciou as primeiras experiências na área de Ludoterapia, na Clínica Psicológica, dirigida por Noemy da Silveira Rudolfer. Fez o curso de especialização em Psicologia Educacional da FFCL da USP e, posteriormente, o curso de especialização em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Como trabalho de conclusão desse último curso, apresentou a tese Considerações sobre a ludoterapia: evolução de dois casos.

Participou do IV Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, que se reuniu em São Paulo e no Rio de Janeiro, em 1948; do Congresso Internacional de Psiquiatria e do Congresso Internacional de Criminologia, em 1950, em Paris.

Em 1949, foi aprovada no concurso para a cadeira de Educação das Escolas Normais e começou a lecionar em Sorocaba. Voltou como comissionada para São Paulo, onde trabalhou como orientadora educacional no Serviço de Medidas e Pesquisas Educacionais da Secretaria da Educação. Em 1956, passou a exercer a função de Psicóloga no Serviço de Higiene Mental da Clínica Pediátrica da Faculdade de Medicina da USP.

Defendeu o doutorado em 1960, na PUC-SP sob a orientação de Enzo Azzi, apresentando a tese Os desajustamentos da criança asmática. Trabalhou como professora da PUC-SP e PUC-Campinas, onde lecionou Psicologia do Excepcional e Técnicas de Exame Psicológico. Paralelamente, exerceu a função de Psicóloga na Clínica Psicológica da PUC-SP, da Sociedade Pestalozzi, do Lar Escola São Francisco e do CIAM. Foi uma das fundadoras da Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE). Em 1962, aceitou o convite para exercer a função de professora visitante na Universidad Central de Venezuela, em Caracas, onde permaneceu até 1967. Realizou o curso de pós-doutorado na Columbia University. Em 1970, participou como perita da Organização das Nações Unidas (ONU), num programa de prevenção de deficiência mental na Espanha.

Voltou ao Brasil em 1972, e passou a trabalhar como assessora da APAE, atuando no projeto Programa da Ação Integral no Campo da Deficiência Mental (MINIPLAN), instituído pela Presidência da República com o apoio cultural e recursos da Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, vinculada ao Ministério da Ação Social. Em 1975, foi para Assis e assumiu o cargo de docente na FFCL da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP). Voltou à Venezuela, onde permaneceu trabalhando de 1980 a 1985. De volta ao Brasil, retomou as atividades docentes no departamento de Psicologia Clínica em Assis e se integrou ao programa de pós-graduação, como professora participante do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), na área de concentração de Psicologia Clínica. Aposentou-se do cargo de docente em Assis e continuou participando dos programas de pós-graduação da USP e também da PUC-Paraná.

Publicações

PEREZ-RAMOS, A. M. de Q. et al. Educação especial: modelos de serviços para o educando com retardo mental.[S.l.]: MEC/CENESP, 1979.

PEREZ-RAMOS, A. M. de Q. Considerações sobre a ludoterapia: evolução de dois casos. Monografia – (Especialização em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PEREZ-RAMOS, A. M. de Q. Critérios para análise dos distúrbios de comportamento na infância. Boletim de Psicologia, v. 13, n. 41/42, p. 7-13, 1961.

PEREZ-RAMOS, A. M. de Q. Diagnóstico psicológico: implicações psicossociais na área do retardo mental. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.

PEREZ-RAMOS, A. M. de Q. Os desajustamentos da criança asmática. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1960.

PEREZ-RAMOS, A. M. de Q.; EPPS, D. R. Alguns aspectos psicológicos da interssexualidade humana. Boletim de Psicologia, v. 15, n. 45/46, p. 27-45, 1963/1964.

PEREZ-RAMOS, A. M. de Q.; NEDER, M.; LOURENÇÃO, O. Observações à margem de estudos feitos por ocasião dos congressos de psiquiatria e de criminologia em Paris, em setembro de 1950. Boletim de Psicologia, v. 2/3, n. 8/9/10, p. 23-36, 1951.

PEREZ-RAMOS, A. M. de Q.; PEREZ-RAMOS, J. Estimulação precoce: serviços, programas e currículos. 2. ed. Brasília: Ministério da ação social. Coordenadoria Nacional para a Integração da pessoa portadora de deficiência, 1992.

Referências

MORAIS, S. T. P. Professores universitários e psicólogos contam suas vidas. v. 1 e v. 5. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Lucia Ghiringhello



PERNAMBUCANO, Ulisses *(1892-1943)*

Nasceu em Recife. Formou-se em Medicina, no Rio de Janeiro, em 1912. Nos últimos anos do curso, foi acadêmico interno do Hospital Nacional de Alienados. Sua formação sofreu a influência intelectual e realizadora do Dr. Juliano Moreira, pai da Psiquiatria brasileira. Depois de formado, residiu alguns anos no Paraná e, ao retornar a Pernambuco, casou-se com Albertina Carneiro Leão, sua prima.

Em 1918, é criada, no Recife, a cadeira de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal Oficial do Estado de Pernambuco e que, em sua avaliação, marca o início oficial da Psicologia no Estado (Pernambucano, 1930). Ulisses concorre com a monografia Classificação das crianças anormais: a parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental, considerada pelo historiador Isaías Pessotti (1984) como o primeiro trabalho no gênero publicado no país.

De 1923 a 1927, exerce a direção da referida Escola Normal e funda uma escola pioneira para crianças excepcionais, anexa à Escola Normal; sua precedência nessa área é reconhecida pela própria Profª. Helena Antipoff (Veloso, 1976, p. 104). Outro pioneirismo de Ulisses Pernambucano foi a fundação, em 1925, do Instituto de Psicologia do Recife, considerado como a primeira instituição cientificamente autônoma a funcionar regularmente no Brasil, conforme relatam Scheffer (1976) e Rosas (1984, 1985). Já na década de 1930, empreende a reestruturação de todo o serviço de Assistência a Psicopatas de Pernambuco, um projeto audacioso, de significativa repercussão local e no resto do país.

Tanto no Instituto de Psicologia, quanto na Assistência a Psicopatas, forma um amplo grupo de pesquisadores e funda alguns periódicos (Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Boletim de Higiene Mental, Neurobiologia), onde ele e seus colaboradores publicam seus trabalhos. Principais títulos na área da Psicologia: A psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (1921); Bases fisiopsicológicas da ambidestria (1924); Formação de hábitos sadios nas crianças (1926); A psicologia em Pernambuco (1930); As doenças mentais entre os negros de Pernambuco (1935); Neuropsiquiatria forense (1941); A ação social do psiquiatra (1943). E com colaboradores: Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão (1927); Ensaio de aplicação do Teste das 100 questões de Ballard (1930); O Teste 'A bola e o campo' em crianças de 12 e 13 anos (1931); Quocientes de inteligência em escolares do Recife (1931); Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em quatrocentos primeiros internos em casa de saúde particular (1940).

Paralelamente a esses trabalhos, desenvolve atividades na Faculdade de Medicina do Recife como professor de Clínica Neurológica e Psiquiátrica. Ainda na década de 1930, em pleno Estado Novo, a sua intransigente defesa de minorias marginalizadas - crianças excepcionais, doentes mentais, adeptos de seitas africanas - desperta a inveja de inimigos, que o denunciam como "subversivo". É sumariamente preso e permanece detido, por 60 dias, na Casa de Detenção do Recife, além de ser aposentado compulsoriamente do ensino público. Vem a falecer, prematuramente, no Rio de Janeiro, aos 51 anos, de um enfarto fulminante.

Publicações

PERNAMBUCANO, U. A ação social do psiquiatra. [S.l.: s.n.], 1943.

PERNAMBUCANO, U. A psicologia em Pernambuco. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 3, n. 1, p. 85-90, mar. 1930.

PERNAMBUCANO, U. A psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento. [S.l.: s.n.], 1921.

PERNAMBUCANO, U. A reforma da assistência a psicopatas de Pernambuco. Arquivos da Assistência a Psicopatas em Pernambuco, Recife, v. 3, n. 2, p. 208-214, 1933.

PERNAMBUCANO, U. As doenças mentais entre os negros de Pernambuco. [S.l.: s.n.], 1935.

PERNAMBUCANO, U. Bases fisiopsicológicas da ambidestria. [S.l.: s.n.], 1924.

PERNAMBUCANO, U. Classificação das crianças anormais: a parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental. Monografia. [S.l.: s.n.], [19--].

PERNAMBUCANO, U. Ensaio de aplicação do Teste das 100 questões de Ballard. [S.l.: s.n.], 1930.

PERNAMBUCANO, U. Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em quatrocentos primeiros internos em casa de saúde particular. [S.l.: s.n.], 1940.

PERNAMBUCANO, U. Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão. [S.l.: s.n.], 1927.

PERNAMBUCANO, U. Formação de hábitos sadios nas crianças. [S.l.: s.n.], 1926.

PERNAMBUCANO, U. Neuropsiquiatria forense. [S.l.: s.n.], 1941.

PERNAMBUCANO, U. O Teste 'A bola e o campo' em crianças de 12 e 13 anos. [S.l.: s.n.], 1931.

PERNAMBUCANO, U. Quocientes de inteligência em escolares do Recife. [S.l.: s.n.], 1931.

Referências

BARRETO, A. P. Contribuição ao estudo psicotécnico da inteligência superior. In: ESTUDOS Pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Commércio, 1937. p. 103-109.

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc. gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

MEDEIROS, A. Ulisses Pernambucano: um mestre adiante de seu tempo. Brasília: MEC/INEP, 1990.

PESSOTI, I. Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1984.

ROSAS, P. A psicologia na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 65, n. 150, p. 314-336, maio/ago. 1984.

ROSAS, P. Contribuição de Ulisses Pernambucano e seus colaboradores para a psicologia aplicada no Brasil. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 17-33, 1985.

SHEFFER, R. Evolução dos testes na psicologia e na educação. In: TESTES e Medidas na Educação. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1976. p. 23-38.

VELOSO, E. D. Helena Antipoff, psicóloga. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 101-107, jan./mar. 1976.

José Adailson de Medeiros



PHILIPS, Frank Julian
(1906-2004)

Nasceu em Sidney, na Austrália, em 6 de agosto de 1906, e faleceu em 13 de agosto de 2004. Mudou-se para os Estados Unidos, de onde veio ainda jovem, com a família, para o Brasil. Era Engenheiro de formação e trabalhou como executivo da Light, empresa multinacional canadense. Ao assistir a uma palestra proferida pela Dra. Adelheid Koch, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), passou a interessar-se pela Psicanálise e fez análise com ela (Sagawa, 1996). Em seguida, foi para Londres, voltando mais tarde ao Brasil, a convite da Comissão de Ensino do Instituto de Psicanálise, da SBPSP, para exercer as funções de analista; tornou-se um dos membros fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Entre 1948 e 1968, viveu em Londres, onde realizou sua formação como Psicanalista na Sociedade Britânica, analisando-se com Melanie Klein e, posteriormente, com Wilfred R. Bion, com quem estabeleceu um vínculo de amizade. Na Inglaterra, dedicou-se à atividade clínica, analisando crianças e adultos. Nos vinte anos que permaneceu em Londres, foram seus supervisores o D. H. Winnicott, Herbert Rosenfeld, Ester Bick, Lois Munro e Joan Riviere.

Em abril de 1968, Frank Philips manifestou sua intenção de voltar ao Brasil e trabalhar aqui, "para participar das atividades da Sociedade Brasileira de Psicanálise na qualidade de analista didata" (Barcellos, 1976, p. 35). Assim, Durval Marcondes, na função de presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, convidou, oficialmente, Frank Philips a retornar ao Brasil e integrar-se ao corpo de analistas e professores do Instituto.

Desde 1969, Frank Philips passou a exercer intensa atividade clínica, incluindo análises didáticas. Na SBPSP, realizou análise de candidatos e a reanálise de vários didatas. Como destaca Sagawa (1994):

> [...] apesar do convite oficial da Sociedade, Frank Philips não se integrou, nessa época, como membro da SBPSP. Começou a atender pacientes em seu consultório particular. Entre esses, diversos analistas membros da Sociedade. Houve um clima de verdadeira disputa por uma vaga de Philips, dando origem a uma prática quase desconhecida, até então, entre os membros da Sociedade, a "reanálise", que adquiriu contornos específicos, já que a reanálise desses analistas foi feita pelo mesmo analista, Frank Philips, que tinha a peculiaridade de ter sido analisado por Melanie Klein e Bion. (Sagawa, 1994, p. 27).

Exerceu uma influência marcante sobre o pensamento psicanalítico da Sociedade, introduzindo as ideias de Wilfred R. Bion e contribuindo para uma leitura particular dessas ideias na SBPSP. Em março de 1997, Frank Philips encerrou sua atividade clínica em São Paulo e, a partir dessa data, passou a residir na Inglaterra. O livro Psicanálise do desconhecido é uma compilação de seus artigos e seminários.

Publicações

PHILIPS, F. J. Psicanálise do desconhecido. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Referências

BARCELOS, R. Algumas anotações biográficas da Sociedade Brasileira de Psicanálise. SBPSP, 1976. Mimeografado.

CARVALHO, C. Á. de. Os psiconautas do Atlântico Sul: uma etnografia da psicanálise. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

OLIVEIRA, C. L. M. V. de. A implantação do movimento psicanalítico na cidade de São Paulo. 2000. Texto debatido em um dos grupos dos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em: http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/CarmenLuciaValadares.htm. Acesso em: 12 fev. 2001.

PHILIPS, F. J. Depoimento. São Paulo, 1989. 1 cassete: VHS. Depoimento concedido a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo para elaboração do Projeto Memória.

PLON, E.; PLON, M. (Org). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAGAWA, R. Y. A construção local da psicanálise. Marília: Ed. Interior/ Psicanálise, 1996.

SAGAWA, R. Y. A história da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

SAGAWA, R. Y. A psicanálise pioneira e os pioneiros da psicanálise em São Paulo. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). Cultura da psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SAGAWA, R. Y. Os inconscientes no divã da história. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SAGAWA, R. Y. Redescobrir as psicanálises. São Paulo: Lemos, 1992.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo Farrapos: a trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. [Dados pessoais e currículos dos membros]. São Paulo, SBPSP, [19--].

Marina Massi



PICHON-RIVIÈRE, Enrique *(1907-1977)*

Psiquiatra, Psicanalista e Psicólogo social, natural de Genebra e radicado na Argentina. Viveu na Argentina desde 1911, e, em Buenos Aires, a partir de 1926. Simpatizante do anarquismo, apoiou refugiados da Guerra Civil espanhola. Foi jornalista de Nervio e Crítica, vanguardista, boêmio. Levou 10 anos para graduar-se médico. Estudante, clinicou no Asilo de Torres, onde organizou time de futebol com pacientes oligofrênicos. Após a formatura (1936), desenvolveu, no Hospício de Las Mercedes, com enfermeiros e adolescentes internados, atividades consideradas raízes dos grupos operativos.

Dos problemas psicológicos (1934), esse foi seu primeiro artigo técnico, o qual se baseou em Jung e Adler, influenciado por Federico Aberastury, irmão de Arminda Aberastury, mulher com quem se casou em 1937. O casal integrou-se (1938) ao grupo de estudiosos de Psicanálise que, com a incorporação de analistas formados na Europa, obteve (1942) aval da International Psychoanalytical Association para criar a Associação Psicanalítica Argentina (APA).

Nos anos 1940, Pichon-Rivière, por meio da Psicanálise, elabora nosologias usando a epilepsia e, posteriormente, a melancolia como quadros de referência que redundarão na "teoria da enfermidade única". Teoriza sobre virtuais efeitos terapêuticos de narcose e choque convulsivo e incursiona em psicossomática, investigando enxaqueca e úlcera péptica.

Visita o Rio de Janeiro em 1945 (Congresso de Psicossomática), e em 1946 (Congresso Interamericano de Medicina). Como analista didata, formará psiquiatras brasileiros na Argentina, dentre eles Marialzira Perestrello. Em meados dos 1940, sublinha correlações entre inconsciente e criatividade, em trabalhos sobre o poeta Isidoro Ducasse, Conde de Lautréamont. Aplicaciones de la psicoterapia de grupo (1951) e valoriza o dispositivo grupal na formação médica, enfatizando dimensões - aprendizagem, comunicação, papéis - que anunciam a passagem "da Psicanálise à Psicologia social" - expressão que intitulará a recompilação da obra pichoniana.

Gradativamente, Pichon-Rivière instituirá uma transmissão fundamentalmente oral e remodelará o kleinismo hegemônico, incorporando novas referências (marxismo, Kurt Lewin, George Mead e Gaston Bachelard). Nessa gênese teórica despontam noções como "vínculo", "epistemologia convergente" e "esquema referencial"; na socioinstitucional, destaca-se a fundação de um núcleo docente-investigativo que, em 1955, integrar-se-á ao Instituto Argentino de Estudos Sociais, polo irradiador da "Operação Rosário" (1958). Nesta, Pichon-Rivière e discípulos - José Bleger, Fernando Ulloa e David Liberman, entre outros - realizam, durante um final de semana, uma experiência naquela cidade, considerada ato fundador dos grupos operativos. Divididos em grupos com coordenadores, cerca de mil participantes - professores, estudantes, boxeadores, prostitutas, donas de casa, operários - problematizam o cotidiano, concretizando a máxima que diz quequanto maior a heterogeneidade do grupo, maior a homogeneidade da tarefa.

Em 1959, Pichon-Rivière funda a Escola Privada de Psiquiatria Social, oferecendo pós-graduação a interessados em tarefas diversificadas - comu-

nitárias, pedagógicas, terapêuticas etc. Inovando em saúde mental no Policlínico Gregorio Araoz Alfaro (Lanús), Mauricio Goldemberg receberá colaboração de inúmeros alunos da Escola. Posteriormente, Pichon-Rivière supervisionará a pioneira comunidade terapêutica (Peña Carlos Gardel) coordenada por Alfredo Moffatt. Durante 1966-1967, voltará ao jornalismo, assinando, com Ana Quiroga – última companheira –, coluna sobre vida cotidiana em Primera Plana. Em 1967, sua Escola será renomeada como de "Psicologia Social", associando, indelevelmente, na Argentina, essa expressão às ideias pichonianas. O exílio de discípulos, provocado pela ditadura militar (1976), expandiu sua influência na América Latina e Europa. Faleceu em Buenos Aires.

Publicações

PICHON-RIVIÈRE, E. Aplicaciones de la psicoterapia de grupo. In: PICHON-RIVIÈRE, E. El proceso grupal: del psicoanálisis a la psicologia social I. Buenos Aires: Nueva Visión, 1980.

PICHON-RIVIÈRE, E. Dos problemas psicológicos. Revista de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social, t. 1, n.18, 1934.

PICHON-RIVIÈRE, E. Grupos operativos y enfermedad única. In: PICHON-RIVIÈRE, E. El proceso grupal: del psicoanálisis a la psicologia social I. Buenos Aires: Nueva Visión, 1980.

PICHON-RIVIÈRE, E. Psicoanálisis de la esquizofrenía. In: PICHON-RIVIÈRE, E. La psiquiatría, una nueva problemática: del psicoanálisis a la psicologia social II. Buenos Aires: Nueva Visión, 1983.

PICHON-RIVIÈRE, E. Psicoanálisis del Conde de Lautréamont. Buenos Aires: Argonauta, 1992.

PICHON-RIVIÈRE, E.; BLEGER, J. et al. Técnica de los grupos operativos. In: PICHON-RIVIÈRE, E. El proceso grupal: del psicoanálisis a la psicologia social I. Buenos Aires: Nueva Visión, 1980.

PICHON-RIVIÈRE, E.; QUIROGA, A.P. Psicologia de la vida cotidiana. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.

Referências

ALBERDI, J. M. Reformas y contrarreformas: políticas de salud mental en Argentina. Dissertação (Mestrado) – ESSO/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

BALÁN, J. Cuéntame tu vida: una biografía colectiva del psicoanálisis argentino. Buenos Aires: Planeta, 1991.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 03 dez. 2015.

LEMA, V. Z. Conversaciones com Enrique Pichon-Rivière. Buenos Aires: Timerman Editores, 1976.

VEZZETTI, H. Aventuras de Freud en el país de los argentinos. Buenos Aires: Paidós, 1996.

Heliana de Barros Conde Rodrigues
Ana Paula Jesus de Melo



PIÉRON, Henri
(1881-1964)

Natural de Paris, França. Filósofo e Psicólogo, é considerado um dos fundadores da Psicologia na França. Henri Piéron foi auxiliar de Pierre Janet, em Salpêtrière, depois, a partir de 1899, trabalhou com Alfred Binet, no Laboratório de Psicologia Fisiológica em Sorbonne e, posteriormente, em 1901, colaborou com Edouard Toulouse, no Laboratório de Psicologia Experimental, em Villejuif, que era ligado à Escola Prática de Altos Estudos. Em 1900, Henri Piéron apresentou sua primeira comunicação científica no 4º Congresso Internacional de Psicologia em Paris, intitulada Sur l'interprétation des faits de rapidité anormale das le processus d'évocation des images. Num estudo de 1907, Piéron considerou que o objeto da Psicologia seria o comportamento, alguns anos antes do Manifesto Behaviorista de John B. Watson, datado de 1913.

Henri Piéron foi um dos fundadores da Sociedade Clínica de Medicina Mental, em 1908. Sucedeu a Binet, em 1912, na cadeira de Psicologia e no Laboratório em Sorbonne. Criou em 1921, com o apoio de Pierre Janet, o Instituto de Psicologia, na Universidade de Paris. Em 1923, tornou-se professor do Colégio de França, criando a cadeira de Fisiologia das sensações, da qual foi titular. Em 1928, criou o Instituto Nacional de Orientação Profissional (INOP). Em 1944, Piéron conseguiu a criação do Diploma de Estado de Conselheiro de Orientação Profissional, e, em 1954, a criação do Diploma de Estado de Psicotécnico. Em 1951, foi nomeado presidente da União Internacional de Psicologia Científica. Aposentou-se em 1952, mas continuou trabalhando até 1962.

Henri Piéron destacou-se em áreas como a Psicofisiologia, a Psicologia experimental, a Psicologia educacional, a Orientação profissional, a Psicologia animal, a Testagem psicológica, a Psicologia zoológica e a Docimologia (o exame sistemático dos exames, conforme proposto por Piéron). Escreveu mais de 200 artigos e mais de 30 livros, e alguns de seus livros foram traduzidos para o português e/ou publicados no Brasil, como Psychologia experimental (com tradução e prefácio de Lourenço Filho), Dicionário de Psicologia, Ciência e técnicas dos exames, Psicologia do comportamento e A sensação. A relação de Henri Piéron com o Brasil foi estreitada a partir de palestras e conferências aqui ministradas, trocas de correspondências com pesquisadores, e culminou com o recebimento de um título de Professor Honoris Causa.

Em 1921, foi instituído por Henri Piéron, tendo Plínio Olinto como assistente, um curso de Psicologia experimental, como extensão universitária, que foi realizado no auditório da Policlínica do Rio de Janeiro. Em 1923, Piéron esteve no Rio de Janeiro para uma série de palestras sobre Psicologia educacional e o uso de testes, e participou, em 12 de outubro do mesmo ano, de reunião na Academia Brasileira de Ciências. Em 1927, Piéron ofereceu um curso prático de psicotécnica na Escola Normal de São Paulo, atividade realizada entre os meses de julho a setembro do mesmo ano, com a presença de Lourenço Filho, Noemi Rudolfer e Roberto Mange. Além disso, Piéron e sua esposa teriam cooperado com Roberto Mange na criação do Serviço de seleção de alunos no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

Henri Piéron trocou correspondências com importantes figuras da Psicologia do século XX no Brasil, como: Helena Wladimirna Antipoff, Ulisses Pernambucano, Waclaw Radecki, Pierre Gilles Weil, Manoel Bergstrom Lourenço Filho, Roberto Mange, Plínio Olinto, Afrânio Peixoto, Henrique Roxo, Emílio Mira y López, José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque, Oswaldo de Barros Santos, Nelson de Campos Pires, Odette Lourenção Van Kolck, Fernando de Villemor Amaral, Juliano Moreira, Nilton Campos e Jacques Mongruel. Além disso, se correspondeu também com outros importantes cientistas brasileiros, como: Antônio Carneiro Leão, Ramiz Galvão, Haity Moussatché, Miguel Ozorio de Almeida, Astrogildo Rodrigues de Mello, Cantídio de Moura Campos e Leoni Kaseff. Lourenço Filho se considerava um discípulo de Piéron e indicou que Roberto Mange e Noemi Rudolfer também foram.

Em 1947, foi concedido a Henri Piéron, o título de Professor Honoris Causa, pela Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro): a concessão foi decidida em 28 de agosto de 1947, e a entrega do título foi realizada na Escola Nacional de Engenharia, em 13 de outubro de 1947, sob a presidência do Reitor Ignácio M. Azevedo do Amaral, e teve como orador o Professor Antônio Carneiro Leão, autor do livro Adolescência e sua educação de 1950, que foi prefaciado por Piéron. Neste mesmo ano, ofereceu no Rio de Janeiro diversos cursos, como: Fisiologia Evolutiva em 13 lições, de 20 de junho a 24 de outubro; a questão do substrato fisiológico da intensidade sensorial, em 25 de julho; seminários no Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil, em 4 de agosto e 6 e 25 de setembro.

Publicações

PIÉRON, H. A sensação. Sintra: Europa-América, 1976.

PIÉRON, H. Ciência e técnicas dos exames. São Paulo: Livraria Morais, 1966.

PIÉRON, H. Dicionário de psicologia. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

PIÉRON, H. Prefácio. In: LEÃO, A. C. Adolescência e sua educação. São Paulo: Companhia

Editora Nacional, 1950.

PIÉRON, H. Psicologia do comportamento. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

PIÉRON, H. Psychologia experimental. São Paulo: Melhoramentos, 1927. (Bibliotheca de Educação).

PIÉRON, H. Sur l'interprétation des faits de rapidité anormale das le processus d'évocation des images. In: CONGRESSO Internacional de Psicologia. 4., 1900. Paris. Anais... Paris: [s.n.], 1900.

Referências

AUGRAS, M. Henri Piéron (1881-1964). Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 17, n. 2, p. 123-124, 1965.

BAKER, C. A. The beginnings of measurements in Brazilian Education. Peabody Journal of Education, v. 2, n. 5, p. 265-267, 1925.

BAPTISTA, M. T. D. S. A constituição da identidade de alguns profissionais que atuaram como psicólogos antes de 1962 em São Paulo. In: MASSIMI, M.; GUEDES, M. do C. (Org.). História da psicologia no Brasil: novos estudos. São Paulo: EDUC: Cortez, 2004.

CHARMASSON, T.; PAROT, F. Répertoire numérique dactylographié du fonds Henri Piéron (520AP). 1989.

GALIFRET, Y. Piéron: instaurateur de la psychologie en France. L'Anné Psychologique, v. 89, p. 199-212, 1989.

LE GRAND, Y. Henri Piéron (1881-1964). Vision Research, v. 6, n. 1-2, p. 127-128, 1966.

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc.gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

LOURENÇO FILHO, A. Psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 23, n. 3, p. 113-142, 1971.

OLINTO, P. A psicologia experimental no Brasil. In: ANTUNES, M. A. M. (Org.). História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

PIAGET, J. Henri Piéron: 1881-1964. The American Journal of Psychology, v. 79, n. 1, p. 147-150, mar. 1966.

REUCHLIN, M. Henri Piéron 18 juillet 1881 – 6 novembre 1964. Revue Européenne de Psychologie Appliquée, v. 54, p. 53-55, 2004.

Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha

PIERRE, Marie Claire Angosto *(1946-)*

De naturalidade francesa, nascida em 31 de dezembro de 1946, Marie Claire Angosto Pierre é filha de Irene Suzanne Juan e Joseph Antoine N. Angosto, e casada com Francisco Eduardo Ponte Pierre, com quem teve um filho.

Graduou-se em Psicologia na Universidade de Sorbonne, na França, e obteve o diploma de Estudos Superiores Especializados em Psicologia Social Aplicada e em Psicologia Industrial e o diploma de Estudos Avançados em Psicologia Social Aplicada, pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Paris V – René Descartes. Fez o curso de Mestrado em Psicologia Social e Etnologia pela Sorbonne. Trabalhou no Centro National de Recherches Scientifiques, com Madane Calame-Griaule, na área de Psicoetnolinguística. Em 1971, trabalhou na área da Psicologia com grupo de enfermagem em Paris.

Em 1972, veio para o Brasil com bolsa do Itamaraty, para desenvolver uma pesquisa de doutoramento pela Universidade de São Paulo, acerca de influências africanas na literatura oral brasileira, orientada por Genevieve Calame-Griaule e Roger Bastide, porém essa pesquisa não chegou a ser concluída.

No ano de 1973, foi a primeira professora contratada para atuar no recém-criado curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, antiga Universidade Católica de Goiás, ministrando as disciplinas de Psicologia Geral e Experimental e Psicologia Social. Posteriormente, lecionou as disciplinas Psicologia Social e Psicanálise.

No período de 1974 a 1975, foi coordenadora do curso de Psicologia, quando este era vinculado ao Departamento de Educação. No ano de 1974, coordenou as atividades dos trabalhos

de reorganização da matriz curricular do curso de Psicologia, em razão do processo de reconhecimento do curso junto ao Ministério da Educação, como também de adequação às normas da Reforma Universitária. Essa nova matriz curricular passou a vigorar a partir do primeiro semestre de 1975.

Em 1980, coordenou outro processo de restruturação curricular na instituição. Essa discussão teve ampla participação dos docentes, discentes e funcionários administrativos. Esse novo currículo, que passou a vigorar no primeiro semestre de 1985, propôs uma integralização do curso em uma matriz curricular de 4.800 horas, com duração de 12 semestres letivos, com isso as disciplinas foram mais bem distribuídas, tendo em vista uma interface e integração entre as mesmas. Nessa matriz curricular, foram, ainda, incluídos os pré-estágios e os pré-estágios obrigatórios, a criação de disciplinas optativas e a exigência de realização de relatórios de estágios.

Entre o período de 1981 a 1983, foi diretora do Departamento de Psicologia. Em 1981, elaborou coletivamente com os professores Sérgio de Araújo e Ivana Orionte Felipe, um projeto de criação de laboratório de Psicologia Social, Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico, aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1982. Também para incentivar a pesquisa no curso de Psicologia, elaborou com o professor Dinair P. da Silva e as professoras Milsse A. dos Reis, Márcia M. da Silva e Delza Maria, um programa para avaliação de testes e questionários psicológicos, auxiliando os alunos nos estágios obrigatórios e nas disciplinas que utilizavam testes e questionários, como instrumentos de pesquisas e/ou atendimentos psicológicos.

A professora Marie Claire Angosto Pierre, ao longo de sua trajetória na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, envolveu-se em diversas atividades acadêmicas. Dirigiu o Departamento de Psicologia, foi coordenadora do grupo responsável por reformular o currículo nessa instituição de ensino superior, contribuiu para a realização de atividades, eventos, congressos e encontros, orientou trabalhos monográficos e de iniciação científica, ministrou diversas disciplinas, principalmente, as relacionadas à área de Psicologia social, colaborando para o fortalecimento da Psicologia como ciência e profissão no Estado de Goiás.

Aposentou-se das atividades de docência no ano de 2010.

Publicações

PIERRE, M. C. A. Comparação entre os estudantes de psicologia: turmas 73/85. Estudos, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 185-190, abr./jun. 1985.

PIERRE, M. C. A. Influências africanas na literatura oral brasileira. Estudos, Goiânia, v. 15, n. 1/2, p. 35-62, jan./jun. 1988.

PIERRE, M. C. A. Notas para a história do curso de psicologia na UCG. In: MOURA, C. de A. (Org.). Psicologia 30 anos: amostra de produção científica do CEPSI. Goiânia: Ed. UCG, 2004. p. 39-60.

PIERRE, M. C. A. Pesquisa social por questionário. Goiânia: Ed. UCG, 2008.

Referências

MOURA, C. de A. (Org.). Psicologia 30 anos: amostra de produção científica do CEPSI. Goiânia: Ed. UCG, 2004.

RODRIGUES, D. de J. da S. A história da psicologia no Brasil: 40 anos do curso de psicologia da PUC Goiás. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

Anderson de Brito Rodrigues
Divino de Jesus da Silva Rodrigues
Jaqueline Veloso Portela de Araújo



PIMENTEL, Iago
(1890-1962)

Nasceu em São João del Rey, Minas Gerais. Doutorou-se em Medicina, pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1913, apresentando a tese Causas sociais da moléstia.

Exerceu a Medicina na cidade de Formiga (MG), até 1921. Em 1922, foi convidado para ocupar o cargo de Psiquiatra no Instituto Neuro-Psiquiátrico de Belo Horizonte, mais tarde denominado Instituto Raul Soares. Nesse hospital, junto com o Dr. Aureliano Tavares Bastos, introduziu e incentivou o uso das práticas psicológicas, sobretudo dos testes mentais, para auxiliar no diagnóstico psiquiátrico.

Foi autor da primeira tradução de uma obra de Freud a ser publicada no Brasil. O texto, Cinco lições de psicanálise, foi publicado, em 1925, em A Revista, coordenada por Carlos Drummond de Andrade.

No final da década de 1920, com a Reforma do Ensino Primário e Normal promovida por Francisco Campos, Iago Pimentel foi convidado a reger a cadeira de Psicologia Educacional da Escola Normal Modelo de Belo Horizonte. Devido à tendência positivista que revelava ao escolher os conteúdos a serem ensinados nessa disciplina, a Igreja Católica mineira se opôs à sua contratação, gerando um clima de rejeição à Reforma do Ensino. Mário Casasanta, Inspetor-Geral da Instrução Pública, resolveu a controvérsia, propondo que, em contrapartida à contratação de Iago Pimentel, um professor reconhecidamente católico, assumisse a cadeira de Biologia e Higiene da Escola Normal.

Em 1932, participou do grupo que, mobilizado pelas preocupações de Helena Antipoff com a assistência às crianças excepcionais, propôs a fundação da Sociedade Pestalozzi. Prestou serviço no consultório médico-pedagógico instalado pela Sociedade em 1934. Participou também, com um grupo de profissionais, em sua maioria ligada ao Instituto Raul Soares, da fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal de Belo Horizonte, proposta pelo Dr. Galba Veloso, em 1936, sendo eleito, na sessão inaugural, seu primeiro vice-presidente. Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1938, passando a exercer o cargo de professor de Psicologia e Lógica, no Colégio Universitário da Universidade do Brasil. Em 1943, retornou a Belo Horizonte e às suas atividades de professor e de psiquiatra no Instituto Raul Soares.

Entre novembro de 1945 e fevereiro de 1946, foi Secretário da Educação e Saúde Pública no governo do interventor João Tavares Corrêa Beraldo. Em 1946, como Secretário da Educação, fez a Exposição de Motivos para a transformação da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais em Curso de Administração Escolar, oferecido pelo Instituto de Educação. Na década de 1950, atuou ainda como professor de Psicologia da Educação, no Curso de Administração Escolar, e de Psicologia Social e Individual, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, atual Universidade Federal de Minas Gerais.

Os cursos que ministrou no campo da Psicologia atestam a influência da formação na área médica em suas concepções dos fenômenos psíquicos.

Os dois livros que escreveu sobre o tema, Noções de psicologia aplicadas à educação e Notas de psicologia, mostram, entretanto, uma evolução de suas concepções. Em Noções de psicologia aplicadas à educação, publicado no início da década de 1930, tratava de questões relacionadas à evolução biológica do homem, às bases orgânicas do funcionamento psicológico, às diferentes escalas para medida da inteligência. Já em Notas de psicologia, publicado em 1959, considerava, além dos fatores hereditários, a influência do meio físico e social na constituição dos indivíduos. Não obstante, a visão que prevalecia em sua obra era a da Psicologia como um ramo das Ciências Naturais. Faleceu no dia 22 de março de 1962. Hoje é o patrono da cadeira número sessenta da Academia Mineira de Medicina.

Publicações

PIMENTEL, I. Causas sociais de moléstias. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade Nacional de Medicina, Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1913.

PIMENTEL, I. Cinco lições de psicanálise. A Revista, 1925.

PIMENTEL, I. Noções de psicologia aplicadas à educação. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

PIMENTEL, I. Notas de psicologia. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais/Faculdade de Ciências Econômicas, 1959. (Estudos Econômicos, Políticos e Sociais, 7).

Referências

ANTIPOFF, D. Helena Antipoff: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BERTOL, R. Conexões Freud. O Globo, Rio de Janeiro, 6 fev. 2001. Segundo caderno, p. 1.

CASASANTA, A. M. Mário Casasanta. In: FÁVERO, M. de L. A.; BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999. p. 402-411.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 03 dez. 2015.

MAGRO FILHO, J. B. A tradição da loucura, Minas Gerais - 1870/1964. Belo Horizonte: COOPMED/Editora UFMG, 1992.

MORETZSOHN, J. A. História da psiquiatria mineira. Belo Horizonte: COOPMED, 1989.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, v. 1, n. 1, p. 1-15, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da Psicologia brasileira. In: CONSELHO Federal de Psicologia. Quem é o Psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon, 1988. p. 17-31.

PRATES, M. H. de O. Introdução oficial do movimento da Escola Nova no ensino público de Minas Gerais: a Escola de Aperfeiçoamento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

TEIXEIRA, D. Discurso de posse. In: ANAIS da Academia Mineira de Medicina - 1997. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina. No prelo.

Érika Lourenço
Breno Augusto Fernandino Tinoco

PINNA, Mateus da Encarnação *(1687-1764)*

Ilustre teólogo do Brasil colonial, ingressou aos 16 anos na Ordem Beneditina, no Mosteiro do Rio de Janeiro, cidade onde nasceu. Foi abade e provincial da ordem no Brasil.

Sua contribuição à história das ideias psicológicas encontra-se no conjunto de sermões agrupados sob o título de Viridiario evangélico (ao todo, 48 sermões). Os temas psicológicos, aí tratados, são: reflexões acerca dos métodos para conhecer a si mesmo e análise e terapia das emoções, especialmente, a saudade.

Num sermão de 1727, Pinna afirma que a representação da experiência subjetiva através da palavra constitui uma modalidade de objetivação. O método que realiza a transposição da experiência em discurso é definido como "sair de si mesmo", pois a condição que permite um conhecimento autêntico é uma "proporcionada distância" entre o objeto e quem o conhece: "Estando o objeto mui chegado aos olhos, a confusão das espécies faz impedimento à vista" (Pinna, 1730, p. 290).

O autor refere-se com frequência à experiência emocional do sujeito. Não existe solução de continuidade entre dor e alegria. Em muitos casos, emoções opostas convivem, transformando-se mutuamente uma na outra: "Ainda quando o entendimento nas ocasiões de gosto, só acha matéria para se alegrar, a natureza por um instinto oculto, lá tem presente um não sei o que de tristeza" (Pinna, 1730, p. 219).

A experiência afetiva da saudade é suscitada pela representação do objeto amado na memória: "Se a memória não repete a lembrança não pode atormentar a ausência" (Pinna, 1730, p. 165). O remédio, portanto, é substituir essa representação por outra diferente, pois "na memória não cabem duas diversas lembranças; porque empregando-se a memória na representação da segunda, se entregará ao esquecimento da primeira" (Pinna, 1730, p. 165-166).

Outros remédios aconselhados são: "suspender os discursos do entendimento" e o "desafogo da pena" pelas lágrimas, de onde "sai pelos olhos o mais destilado da pena, e o mais apurado do sentimento". De fato, as lágrimas têm a virtude de "extrair e trazer a si as qualidades que acham nos corações" (Pinna, 1730, p. 188).

A saudade produz uma dor especialmente intensa, cuja transposição em discurso é impedida pelas lágrimas, "porque os soluços contínuos, quebrando-se na garganta impedem na língua a formação das palavras com que o entendimento interpreta o que se passa no coração" (Pinna, 1730, p. 319).

Publicações

PINNA, M. da E. Viridiario, evangélico, em que as flores da virtude ilustram com discursos morais e os frutos da santidade se exortam com panegíricos em vários sermões. Lisboa: Oficina da Música, 1730.

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1990.

Marina Massimi

PIRES, Nelson de Campos *(1921-2004)*

Nasceu em Botucatu (SP). Formou-se professor na Escola Normal Oficial de Botucatu, em 1940, e iniciou suas atividades docentes. Interessado em Psicologia, pôde estudar essa disciplina ao ingressar nos cursos de Pedagogia e Didática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Foi aluno de importantes personalidades na área, como de Noemy da Silveira Rudolfer e de Annita Cabral.

Seu primeiro lugar de trabalho foi o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) de São Paulo; admitido como Auxiliar técnico e, posteriormente, como Assistente técnico, dedicou-se à aplicação da Psicologia e à organização dos primeiros cursos na área vocacional, na Divisão de Seleção e Orientação Profissional. Como bolsista do SENAI e do governo francês, viajou para a França e estudou Psicologia do Trabalho e Orientação Profissional, com Henri Piéron, em 1947.

De volta ao Brasil, entre os anos de 1955 e 1967, trabalhou no Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) como responsável pelo Laboratório de Psicologia Experimental, como redator da Revista de Psicologia Normal e Patológica e como professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientae e São Bento, integrando a equipe de Enzo Azzi.

Publicou com Aniela Ginberg e Enzo Azzi a pesquisa Comparação entre métodos projetivos e métodos experimentais no estudo de alguns aspectos da personalidade, inicialmente, na Revista de Psicologia Normal e Patológica, em 1965, e, posteriormente, em formato de livro, editado pela PUC-SP, em 1968. A pesquisa foi realizada no Laboratório de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da PUC-SP, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Nessa pesquisa, teve como objetivo comparar métodos projetivos e métodos experimentais no estudo de alguns aspectos da personalidade, e utilizou como instrumentos o Inventário de Personalidade de R. Bernreuter; o Psicodiagnóstico de Rorschach, o PMK e o Teste de Flexibilidade de Pensamento de Berg, além das provas de imagem especular, de percepção visual, de atenção difusa, entre outras.

Concomitantemente ao trabalho no Instituto de Psicologia da PUC-SP, foi aprovado em concurso e admitido no Departamento Estadual de Administração (DEA), em São Paulo, em 1958, mantendo suas atividades na aplicação da Psicologia no Trabalho. Após deixar esse cargo, em 1961, ingressou como docente na Faculdade de Saúde Pública da USP, ensinando Psicologia do Trabalho na Cadeira de Medicina e Higiene do Trabalho. Iniciou o serviço de assistência aos universitários, colaborando com a direção do Conjunto Residencial da USP (CRUSP) e com assistentes sociais no estabelecimento de critérios de seleção dos residentes. Também auxiliou a Coordenadoria de Saúde e Assistência Social da USP (COSEAS), na implantação do atendimento psicológico.

Com a regulamentação da profissão de Psicólogo, obteve o registro profissional de no 167, no Conselho Regional de Psicologia 6ª Região, São Paulo.

Habilidades mentais, profissiografia de ocupações médias, estudos das características de personalidade e assistência psicológica para estudantes universitários, foram temas abordados em suas publicações nas revistas: Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Boletim da Sociedade de Psicologia de São Paulo, Boletim da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Fundador da Academia Paulista de Psicologia, em 1979, e presidente, nos anos 1990 e 1991,

editou o Boletim da Academia e ocupou a cadeira número 40, cujo patrono é o Professor Walther Barione. Participou ativamente na Sociedade de Psicologia de São Paulo, como membro de diversas diretorias, incluindo o cargo de presidente. Foi homenageado pelo Conselho Federal de Psicologia, em 1980, por sua dedicação à docência, à produção científica e por sua atividade profissional.

Faleceu na cidade de São Paulo, em 21 de dezembro de 2004.

Publicações

GINSBERG, A. M.; AZZI, E.; PIRES, N. de C. Comparação entre métodos projetivos e métodos experimentais no estudo de alguns aspectos da personalidade. São Paulo: PUC, 1968.

Referências

CUSTÓDIO, E. M. Avaliação psicológica: ensino e pesquisa na década de sessenta. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 27, n. 2, 2007.

MORAIS, S. T. D. Professores universitários e psicólogos contam suas vidas. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

QUEIRÓS, A. M. P. R. Obituário. Nelson Campos Pires. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. XXV, n. 1, jan./abr., p. 76-78, 2005. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94625115. Acesso em: nov. 2015.

Carmem Silvia R. Taverna



PIZZOLLI, Ugo
(1863-1934)

Nasceu em Piacenza, Itália. Foi diretor da Escola Normal e professor da Universidade de Módena, na Itália. Ao lado de Agostinho Gemelli, ficou conhecido como profundo conhecedor de Psicologia Experimental na Itália.

Organizou e dirigiu o Laboratório de Psicologia da Escola Normal de São Paulo, criado na gestão de Oscar Thompson, em 1914, que recebeu, ao longo do tempo, diferentes denominações: Gabinete de Psychologia e Anthropologia Pedagógica, Laboratório de Pedagogia Experimental e Laboratório de Psychologia Experimental. Ministrou nessa escola um curso denominado "Curso de Cultura Pedagógica", composto de 46 lições teóricas e práticas, destinado a professores, inspetores escolares e diretores de grupos escolares, referindo-se a temas relativos aos exames anamnéstico, físico, antropológico, fisiológico e psicológico (abordando: sensibilidade interna e externa; audição, tato e senso muscular, gosto e olfato; atenção; memória; associação e volição), depois reunidos em livro, editado pela Escola Normal de São Paulo; realizou, com os alunos, visitas ao Instituto Disciplinar do Juquery, para demonstrar casos práticos que seriam depois estudados no curso.

Seus alunos elaboraram teses baseadas em pesquisas realizadas no laboratório, orientadas

por Pizzolli; esses trabalhos, precedidos pela transcrição de uma palestra de Oscar Thompson sobre a Pedagogia Científica, encontram-se publicados numa obra denominada O laboratório de pedagogia experimental, de 1914. Criou o denominado "Aparelho Pizzolli", para exame do processo lógico. Elaborou uma Carteira biographica escolar, para ser adotada pelas escolas do Estado. Voltou à Itália, em 1924, deixando o laboratório sob a responsabilidade de Clemente Quaglio e Sampaio Dória. Faleceu em Bolonha.

Publicações

PIZZOLLI, U. Carteira biographica escolar. São Paulo: [s.n.], [19--].

PIZZOLLI, U. O laboratório de psicologia experimental. [S.l.: s.n.], 1914.

Referências

ANTUNES, M. A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890 - 1930): uma contribuição aos estudos em história da psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Psicologia - Boletim [da] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51, 1950.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 41-53, set. 1971.

NAGLE, J. Educação e sociedade na primeira república. São Paulo: EPU/MEC, 1974.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, v. 1, n. 1, p. 1-14. São Paulo, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia no Brasil. In: QUEM é o psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon/CFP, 1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G., MOTOYAMA, S. (Org.). História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979. v. 3. p. 235-276.

THOMPSON, O. O futuro da pedagogia é científico. In: O LABORATÓRIO de pedagogia experimental. São Paulo: Typ. Siqueira, 1914. p. 9-10.

Mitsuko Aparecida Makino Antunes



POPPOVIC, Ana Maria
(1928-1983)

Nascida argentina, chega ao Brasil aos seis anos de idade. Ao se casar, substitui o sobrenome Belotti, de batismo, por Poppovic. Formada em Pedagogia (1949), especializa-se em Psicologia Clínica, pela Faculdade de Filosofia, em São Paulo, no ano de 1957.

O foco na educação de crianças "carenciadas" ou "marginalizadas", está presente desde o início da carreira, quando trabalha como Psicóloga do Serviço Social de Menores do Estado de São Paulo.

Em 1953, junto a Enzo Azzi e Helena Antipoff, organiza e funda a Sociedade Pestalozzi de São Paulo, para atendimento a crianças excepcionais. No ano seguinte, cria a Clínica Psicológica dessa instituição, assumindo sua direção.

Anos mais tarde, aceita o convite do Dr. Azzi para instaurar e dirigir a Clínica Psicológica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento (atual Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - IPPUC-SP). Essa clínica logo se torna referência, devido a um duplo pioneirismo: realizar atendimento aberto ao público e constituir-se centro especializado no diagnóstico e tratamento da Disfunção Cerebral Mínima (DCM). Destaca-se também, pelos avançados equipamentos, sendo a primeira faculdade do país a ter espelho para a observação dos atendimentos.

Em 1962, com a regulamentação da profissão de Psicólogo e a definição do currículo mínimo de formação, Poppovic participa da organização do Curso de Psicologia e, paralelamente, chefia o Departamento de Psicologia Aplicada à Educação, exercendo a função até 1971, quando se desvincula da Universidade.

Das pesquisas nesse período, destacam-se as que culminam na publicação do Teste Metropolitano de Prontidão (1966), que viria a substituir o "ABC", de Lourenço Filho como instrumento de medida da prontidão para a alfabetização. Sua tese de doutoramento, Disfunções psiconeurológicas da aprendizagem da leitura e da escrita, é defendida em 1967. Metodologicamente inovadora, a pesquisa projeta um tratamento interdisciplinar de coleta e análise dos dados, além de ser pautada no estudo de casos, método este que diverge dos padrões usuais da época, baseados em amostras quantitativas e preceitos estatísticos.

Logo após seu afastamento da PUC, assume o cargo de pesquisadora sênior do recém-inaugurado Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas (FCC). Com maior apoio financeiro e com a parceria de Yara Espósito, Lia Rosenberg e Maria Laura Barbosa Franco, Poppovic formula e implementa um grande projeto de alfabetização – o Programa Alfa – voltado à melhoria da educação nos anos iniciais e à formação de professores em exercício.

Ganhando visibilidade, desde a implantação em 1975, o Alfa torna-se referência curricular nacional para os três primeiros anos do ensino fundamental, a partir de 1977. Seis anos depois, o Programa registra um milhão e meio de crianças atendidas em todo o Brasil.

Os resultados que vão se consolidando com o Alfa, levam à criação de um novo projeto. Assim, em 1979, nasce o Pensamento e linguagem,

financiado pela Fundação Bernard Van Leer, constituindo-se uma proposta inovadora no campo da formação continuada para professores das primeiras séries do ensino fundamental.

Quatro eixos sustentam o Pensamento e linguagem: os processos cognitivos e os mecanismos psiconeurológicos necessários à alfabetização; o papel decisivo da linguagem no desenvolvimento do pensamento e na aquisição de novas aprendizagens; o processo de aprender envolvendo três tipos de operações cognitivas (conceitos, princípios e solução de problemas); a caracterização do autoconceito como inerente ao processo de aprender.

Da obra de Poppovic, surpreendem o volume e a profundidade de temas que ocupam lugar de destaque na vanguarda científica. Essa surpresa se desvela no modo como entende o fazer pesquisa, sempre atenta aos desdobramentos de caráter prático que devem advir dos estudos e, no sentido oposto, às inquietações de a prática implicarem em novos saberes, concretizando, assim, a difícil tarefa de diminuir a dicotomia entre teoria e prática.

Poppovic não fala à academia. Sua relação com a práxis determina sua postura como pesquisadora. Todo seu trabalho, trilhado na interface da Psicologia com a Educação, tem a ação como norteadora.

Publicações

POPPOVIC, A. M. Alfabetização: disfunções psiconeurológicas. São Paulo: Vetor, 1968.

POPPOVIC, A. M. Disfunções psiconeurológicas da aprendizagem da leitura e da escrita. Tese (Doutorado). 1967.

POPPOVIC, A. M. Programa Alfa: um currículo de orientação cognitiva para as primeiras séries do 1o grau, inclusive crianças culturalmente marginalizadas visando ao processo ensino-aprendizagem. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 21, p. 41-46, jun. 1977.

POPPOVIC, A. M. Subsídios para elaboração de um Plano Nacional de Atendimento à Criança. [S.l.: s.n.], 1983.

POPPOVIC, A. M. Teste Metropolitano de Prontidão: forma R. Manual de aplicação. São Paulo: Vetor, 1966.

POPPOVIC, A. M. Thought and linguage: a training program for primary teachers. [S.l.: s.n.], 1982.

Referências

PIMENTEL, A. Um estudo de caso na relação entre psicologia e educação: o Programa Alfa. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

Alessandra Pimentel

PORTO-CARRERO, Júlio Pires *(1887-1937)*

Nasceu em Pernambuco. Seu pai, o professor Carlos Porto-Carrero, era dono de um colégio na capital pernambucana. Porto-Carrero estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo sua tese de doutorado, Diagnóstico precoce da tuberculose pelos raios de Roentgen, em 1910. No ano seguinte, tornou-se Médico da Marinha, por meio de concurso. Nessa época, escreveu alguns trabalhos sobre sífilis e doenças venéreas: Profilaxia anti-venerea na armada, apresentado no 1º Congresso de Dermatologia, em 1918, e Consequencias jurídicas da sífilis, também de 1918. Em 1922, participou, como relator, do Congresso Brasileiro dos Práticos, realizado no Rio de Janeiro.

Em 1929, com a morte de Carlos Seidl, assumiu a cátedra de Medicina Legal na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Foi membro destacado da Liga Brasileira de Higiene Mental (responsável pela Clínica de Psicanálise criada em 1926) e membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Participou ativamente da Associação Brasileira de Educação. A partir dos anos 1920, tornou-se um dos maiores entusiastas e divulgadores da Psicanálise no Brasil. Além de divulgador, praticava ativamente a terapia psicanalítica em seu consultório e nas instituições onde trabalhou, intitulando-se Psicanalista. Em 1928, foi membro fundador da seção Rio da Sociedade Brasileira de Psicanálise – fundada por Durval Marcondes em São Paulo, no ano anterior – tendo assumido o cargo de Secretário-Geral, na presidência de Juliano Moreira.

Publicou vários livros sobre Psicanálise ou temas analisados à luz da Psicanálise. O primeiro deles, Ensaios de psicanálise, de 1929, é uma coletânea de artigos esparsos, a maioria deles com o claro objetivo de divulgar a nova doutrina, dirigidos a especialistas e ao público leigo. Em 1932, publicou dois livros vinculados à Medicina Legal, disciplina da qual era catedrático - Criminologia e psicanálise e Psicologia judiciária - consistindo o segundo de uma série de oito conferências pronunciadas em um curso de extensão universitária, sobre criminologia, realizado no mesmo ano. Ainda em 1932, publicou A psicologia profunda ou psicanálise, livro de divulgação, mais erudito, dirigido a especialistas da Medicina ou áreas afins.

Nos dois anos seguintes, publicou, sucessivamente, dois livros: Psicanálise de uma civilização e Grandezas e misérias do sexo, nos quais desenvolve, intensamente, a temática eugênica que já aparecia, embora atenuada, em seus escritos anteriores. Faz a apologia de um controle estatal da reprodução dos indivíduos, visando à melhoria da espécie. A isso se associam seu desprezo pela democracia representativa e a crença na necessidade de um governo de especialistas. Essa reorientação de seus escritos coincide com o domínio da Liga Brasileira de Higiene Mental, nos anos 1930, pelos psiquiatras de orientação eugênica, entre os quais Porto-Carrero se incluiria. Faleceu no Rio de Janeiro.

Publicações

PORTO-CARRERO, J. P. Consequencias jurídicas da sífilis. In: CONGRESSO Brasileiro dos Práticos, 1., 1922, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: [s.n.], 1922.

PORTO-CARRERO, J. P. Criminologia e psicanálise. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1932.

PORTO-CARRERO, J. P. Diagnóstico precoce da tuberculose pelos raios de Roentgen. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1910.

PORTO-CARRERO, J. P. Ensaios de psicanálise. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929.

PORTO-CARRERO, J. P. Grandezas e misérias do sexo. 2. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.

PORTO-CARRERO, J. P. Profilaxia anti-venerea na armada. In: CONGRESSO de Dermatologia, 1., 1918, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: [s.n.], 1918.

PORTO-CARRERO, J. P. Psicanálise de uma civilização. Rio de Janeiro: Guanabara Waissman Koogan, [1933?].

PORTO-CARRERO, J. P. Psicologia judiciária. Rio de Janeiro: Guanabara, [1932?].

Referências

MOKREJS, E. A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis: Vozes, 1992.

REIS, José Roberto F. Higiene mental e eugenia: o projeto de "regenerar o nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1994.

Jane Araujo Russo



QUEIROZ, Carlos Sanchez de *(1907-2002)*

Formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

Exerceu a profissão por algum tempo. Logo, entretanto, interessa-se pela Psicologia e assume a função de assistente de Nilton Campos, na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, vinculada à Fundação Mauá. Em 1946, ocorre a absorção dessa Faculdade pela Universidade do Brasil, com o aproveitamento de todos os professores que integravam seu corpo docente. Em decorrência desse fato, Nilton Campos torna-se professor catedrático de Psicologia Econômica e Social, acumulando tal cátedra com a interina de Psicologia Geral da Faculdade Nacional de Filosofia, que só será convertida em efetiva, em 1948, quando se submete a concurso e é aprovado. Com a citada absorção, Carlos Sanchez de Queiroz é assimilado na mesma função de assistente que exercia anteriormente.

Em 1939, cria-se, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, em que se ofereciam cinco cursos, todos com a presença da disciplina Psicologia Aplicada à Educação Física. Desde os inícios de 1950, Carlos Sanchez de Queiroz tornou-se titular dessa cátedra, que conquista com tese intitulada A noção de tempo psicológico na atividade

desportiva, impressa, em 1949, com 66 páginas, um prefácio e três capítulos: 1) O problema do tempo; 2) O relativismo do tempo psicológico; 3) A importânciado tempo psicológico nos experimentos de treino e na competição esportiva.

Com o falecimento de Nilton Campos, Carlos Sanchez de Queiroz inscreveu-se no concurso para a cátedra de Psicologia Social e Econômica, com Eliezer Schneider. Sua tese intitulava-se O conflito psicológico da automação industrial, impressa, em 1964, e dedicada à memória do Professor Nilton Campos. Excelente tese, cobrindo tema altamente relevante, mas que não chegou a ser defendida. Com a demora da realização do concurso e tendo sido absorvido pela Escola Superior de Guerra, como membro de seu corpo permanente, Queiroz desistiu do concurso, sendo a cátedra alcançada de modo brilhante por Eliezer Schneider, com a excelente tese intitulada A psicologia humana básica como ciência social. Carlos Sanchez de Queiroz produziu ainda, um texto intitulado A coalescência neuropsicológica, tese com que tentou conquistar a cadeira 92 da Academia Nacional de Medicina. Nenhum dos três textos que elaborou teve, entretanto, a divulgação que merecia, permanecendo apenas como trabalhos circunscritos à área acadêmica. Com a morte de Nilton Campos, a direção do Instituto de Psicologia foi entregue ao Prof. Eliezer Schneider, que a exerceu até a nomeação definitiva de Carlos Sanchez de Queiroz, em 8 de fevereiro de 1965. Como diretor, permaneceu até sua indicação para a Escola Superior de Guerra.

Publicações

QUEIROZ, C. S. de. A coalescência neuropsicológica. Tese (Apresentada ao candidatar-se à cadeira 92 da Academia Nacional de Medicina).

QUEIROZ, C. S. de. A noção de tempo psicológico na atividade desportiva. Tese (Livre docência) – Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1949.

QUEIROZ, C. S. de. O conflito psicológico da automação industrial. Tese. [Não defendida].

Referências

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Antonio Gomes Penna



QUINTELA, Glória Fernandina *(1899-1989)*

Natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, Glória Quintela pode ser reconhecida por seu pioneirismo na história da Psicologia no Brasil. Ao longo de sua vida e carreira, viveu em São Paulo, onde se formou na Escola Normal Caetano de Campos, no Rio de Janeiro e, por fim, em Brasília.

No Rio de Janeiro, de 1935 até 1942, ocupou o cargo de diretora do Departamento Preliminar do Instituto La-Fayette, colégio profissionalizante com cursos na área tecnológica. Devido à procura por parte de mulheres, criou o Departamento Feminino, que ofertava cursos como Datilografia e Estenografia. Atuou também na área de Psicometria, fazendo o levantamento estatístico dos trabalhos ali realizados com alunos do Curso Primário, primeira série e alguns casos especiais de classes mais adiantadas, cujos exames eram necessários (Bulcão, 2006).

A partir de agosto de 1941, trabalhou como Assistente de Educação e Psicotécnica no Serviço de Assistência a Menores (SAM), no Rio de Janeiro. Somente no ano de 1945, publicou cinco artigos no periódico da instituição, os Arquivos do Serviço de Assistência a Menores. Tais publicações concentravam-se, sobretudo, na área da infância e educação.

Dedicando-se ao trabalho com crianças e adolescentes, em 1946, recebeu, com Marina Alvim, uma bolsa do Departamento de Administração dos Servidores Públicos (DAS) para participar, durante seis meses, do Children's Bureau, programa do Governo Federal Americano que promovia especialização na área de assistência à infância.

Trabalhou, ainda, no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) como Psicologista, foi assistente do professor Emílio Mira y López, com quem manteve forte ligação. Nessa instituição, recebeu uma homenagem de seus amigos em 1958.

Ao longo de sua vida, manteve ainda vínculos com personagens renomados da Psicologia brasileira, como Helena Antipoff, Ofélia Boissom Cardoso, Pierre Weil e André Ombredane.

Ainda no Rio de Janeiro, ocupou cargo na Diretoria dos Anais e Documentos Parlamentares do Senado, setor que abarcava os documentos e registros históricos. Com a criação da nova capital, foi transferida, em 1960, para o Senado de Brasília, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento da Psicologia, durante o período inicial daquela cidade. Implantou, por volta de 1962 a 1963, o Serviço de Psicologia do Senado, cuja diretora foi Maria Antonieta Fonseca Paranaguá. Foi ainda Diretora do Quadro da Secretaria. Aposentou-se de suas funções no Senado em 1967 (Paranaguá, 2006).

Quintela teve atuação importante na formação continuada dos psicólogos do Distrito Federal, especialmente na área de Avaliação Psicológica e no ensino das Técnicas Projetivas de Personalidade. Era reconhecida como a maior autoridade em Rorschach e PMK, nos anos de 1960 e 1970, tendo proferido o primeiro curso de Rorschach em Brasília, em 1976, o que reflete seu pioneirismo na área da Psicologia.

Entre as homenagens a ela prestadas, destaca-se o título de Sócia Benemérita, concedido pela Sociedade de Psicologia do Distrito Federal, no ano de 1977. Quintela também foi home-

nageada pelo Conselho Regional de Psicologia da Primeira Região (CRP-01), cuja presidente era Júlia Bucher, recebendo o Prêmio Psicólogo do Ano em 1983. Um ano antes, recebeu do Conselho Federal de Psicologia o diploma de Honra ao Mérito pelos serviços prestados à classe e por sua importante participação no processo de regulamentação da profissão, por meio da aprovação da Lei nº 4.119, de 1962 (Arquivos Brasileiros de Psicologia, 1989).

Falecida em 1989, Glória Quintela não possuía o cadastro de Psicóloga no Conselho Regional de Psicologia da primeira Região (CRP-01), visto que uma informatização ocorrida, por volta de 1991, viria a resultar na incineração de todas as fichas de cadastros de psicólogos inativos que, assim, não entraram para o arquivo eletrônico. Apesar disso, relatos e dados colhidos nos mostram não só sua atuação enquanto Psicóloga, mas seu protagonismo enquanto construtora da Psicologia brasileira.

Publicações

QUINTELA, G. F. A validade do psicotécnico na seleção de motoristas, quando cientificamente aplicado e interpretado o psicodiagnóstico miocinético de Mira Y Lopez. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, 1977.

QUINTELA, G. F. Educação da infância anormal. Arquivos do Serviço de Assistência a Menores, Rio de Janeiro, 1945.

QUINTELA, G. F. Escolares. In: ALVARENGA, L. Seleta para o curso de admissão: trechos de autores brasileiros. Companhia Editoria Nacional: São Paulo, 1959.

QUINTELA, G. F. Estudo de um caso de hermafroditismo. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, 1978.

QUINTELA, G. F. O professor e a sua ação: o educando. Arquivos do Serviço de Assistência a Menores, Rio de Janeiro, 1945.

QUINTELA, G. F. Parafenia expansiva: estudo de caso. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, 1980.

QUINTELA, G. F. Recuperação de um toxicomano. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, 1980.

QUINTELA, G. F. Um caso de traumatismo crânio-encefálico. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, 1977.

QUINTELA, G. F.; ALENCAR NETO, M. de. Estudo sobre o quociente intelectual na infância desvalida (3.000 menores). Arquivos do Serviço de Assistência a Menores, Rio de Janeiro, 1945.

QUINTELA, G. F.; DOVICCHI, O. Considerações sobre a preocupação sexual na adolescência. Arquivos do Serviço de Assistência a Menores, Rio de Janeiro, 1945.

QUINTELA, G. F.; DUARTE, M. E. B. Considerações sobre o nível de maturidade na infância desvalida. Arquivos do Serviço de Assistência a Menores, Rio de Janeiro, 1945.

Referências

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA. Glória Quintela. v. 41, n. 2, 1989.

BULCÃO, I. Investigando as políticas de assistência e proteção à infância: psicologia e ações do Estado. Rio de Janeiro, 2006.

PARANAGUÁ, E. Depoimento. Set. 2008. Rio de Janeiro: Clio Psyché. Entrevista concedida a Ana Maria Jacó-Vilela e Camilla Felix Barbosa de Oliveira.

Camilla Felix Barbosa de Oliveira
Ana Maria Jacó-Vilela



RABELLO, Sylvio
(1899-1972)

Natural de Aliança, Pernambuco, realizou sua formação escolar no Recife, onde sua família se radicou. O Ginásio Pernambucano e a Faculdade de Direito do Recife foram os alicerces de seus interesses intelectuais e profissionais. Na referida faculdade, concluiu, em 1922, o curso de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Passar pelo Ginásio Pernambucano e a Faculdade de Direito era, então, uma das constantes da juventude das classes média e alta no Recife, única oportunidade de formação acadêmica que, em 1918, quando Sylvio iniciou seus estudos universitários, apresentava-se aos que optavam pelas Ciências Humanas. A Escola de Engenharia, alternativa aos cursos jurídicos, não seduzia os jovens curiosos do saber humanístico.

O clima cultural preponderante na Faculdade de Direito do Recife, envolvia não apenas a consolidação dos conhecimentos jurídicos, mas também os pressupostos para a preparação de advogados, magistrados e demais profissionais da área. Abria-se à Literatura, ao Jornalismo, ao estudo e debate das ideias filosóficas, políticas e sociais. Estimulava uma produção "literária", concernente à Sociologia, à Psicologia e, eventualmente, à Educação.

Sylvio Rabello, quando profissional, exerceu cargos, realizou estudos e pesquisas, escreveu ensaios, publicou artigos e livros relativos a todas as áreas mencionadas. Ainda estudante, foi professor primário e de Português, em curso secundário, tarefa que acumulou com a de jornalista. "Num intermezzo da vida", diz ele (Rabello, 1979, p. 137), "fui promotor público". Passada a fase "de indecisão e tateamento", "desenvolvia uma atividade de educador consciente" (Rabello, 1937, p. 34). A Psicologia se impôs como opção motivadora de sua prática profissional: professor catedrático de Psicologia na Escola Normal (1926-1960) e na Faculdade de Filosofia de Pernambuco, da Universidade do Recife (1950-1969); Secretário de Educação do Estado de Pernambuco (1949-1950); Diretor Geral do Departamento Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) em Pernambuco (1947-1962, com um interregno entre maio de 1949 e julho de 1950); Diretor do Departamento de Psicologia Social do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (1966-1972, ano de seu falecimento, em Recife – Pernambuco).

Entre 1931 e 1940, publicou livros e artigos tratando de questões psicológicas: Aplicação dos testes decrolinianos de desenho, 1931; As características do desenho infantil – contribuição para o estudo psicológico da criança brasileira, 1933; A percepção das cores e das formas entre crianças de 3 a 11 anos, 1934; Pesquisa sobre noção do tempo entre as crianças entre 3 e 10 anos, 1935; Psicologia do desenho infantil, 1935; Representação do tempo na criança, 1937; Psicologia da infância, 1937; A originalidade da psicologia, 1939; O método da psicologia, 1939; A posição da psicologia, 1939; Farias Brito ou uma aventura do espírito, 1940; Ensaio sobre a psicologia metafísica de Farias Brito, 1940. Entre 1944 e 1972, dedicou-se à Literatura e à Psicologia Social: escreveu ensaios biográficos e críticos (Itinerário de Sílvio Romero, 1944; Euclides da Cunha, 1948); obras teatrais (Cabeleira aí vem, 1965); memórias (Caminhos da província, 1965;

Tempo ao tempo, 1979 – obra póstuma); estudos psicossociais, realizados nos anos finais de sua vida (Os artesãos do Padre Cícero, 1967). Em todos esses trabalhos, tanto quanto em vários outros não citados aqui, a marca do psicólogo está presente.

Publicações

*R*ABELLO, S. A originalidade da psicologia. Neurobiologia, Recife: [s.n.], 1939.

RABELLO, S. A percepção das cores e das formas entre crianças de 3 a 11 anos. Boletim da Diretoria Técnica de Educação, Recife, 1934.

RABELLO, S. A posição da psicologia. Neurobiologia, Recife: [s.n.], 1939.

RABELLO, S. Aplicação dos testes decrolinianos de desenho. Recife: Imprensa Oficial, 1931.

RABELLO, S. As características do desenho infantil: contribuição para o estudo psicológico da criança brasileira. Boletim da Diretoria Técnica de Educação, Recife, 1933.

RABELLO, S. Cabeleira aí vem. Recife: Edição do Arquivo Público, 1965.

RABELLO, S. Caminhos da província. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

RABELLO, S. Ensaio sobre a psicologia metafísica de Farias Brito. Neurobiologia, Recife: [s.n.], 1940.

RABELLO, S. Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.

RABELLO, S. Farias Brito ou uma aventura do espírito. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1940.

RABELLO, S. Itinerário de Sílvio Romero. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944.

RABELLO, S. O estudo da criança pernambucana. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano. Recife: Officinas Graphicas da Empresa Jornal do Commercio, 1937. p. 33-36.

RABELLO, S. O método da psicologia. Neurobiologia, Recife: [s.n], 1939.

RABELLO, S. Os artesãos do Padre Cícero. Recife: IJNPS, 1967.

RABELLO, S. Pesquisa sobre a noção do tempo entre crianças de 3 e 10 anos. Boletim da Diretoria Técnica de Educação, Recife: [s.n.], 1935.

RABELLO, S. Psicologia da infância. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

RABELLO, S. Psicologia do desenho infantil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

RABELLO, S. Representação do tempo na criança. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

RABELLO, S. Tempo ao tempo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Obra póstuma.

Referências

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. [Consultas]. [S.l.], [19--].

RABELLO, R.; RABELLO, M. [Consulta]. [S.l.: s.n.], [19--].

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL. [Consultas]. [S.l.], [19--].

Paulo da Silveira Rosas



RADECKA, Halina
(1897-1980)

Nasceu na Polônia como Halina Peplowska, e com esse nome defendeu, na Varsóvia de 1917, a tese doutoral em Humanidades Enfoque jurídico da emancipação, e, em 1920, a tese doutoral em Medicina As características psíquicas funcionais da paralisia progressiva.

Chegou ao Brasil, em 1923, como Halina Radecka, em companhia de Waclaw Radecki, seu marido e ex-professor. Instalaram-se em Curitiba. Em 1924, viajaram ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde foram convidados a trabalhar no recém-criado Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas em Engenho de Dentro, Radecki na condição de diretor e técnico, e Halina na de secretária e primeira assistente. Passaram a habitar nas dependências da Colônia.

De 1923 a 1931, Halina publicou, no Brasil, Pesquisas experimentais da influência do material mnemônico esquecido sobre a associação livre (1928); com Radecki, Exame psicológico da criança (1930); e A margem da psicologia (1931). Em 1932, por força do Decreto nº 21.173 de 19 de março de 1932, o Laboratório de Psicologia foi convertido em Instituto de Psicologia, dirigido por Radecki, que tinha como assistentes Halina Radecka, Agnello Ubirajara da Rocha, Edgard Sanches, Lucília Tavares, Arauld Bretas, Jayme Grabois, Euryalo Cannabrava e Nilton Campos, agora na condição de docentes. O programa de cursos do Instituto previa, para 1933, o início do primeiro ano letivo da Escola Superior de Psicologia. No mesmo ano da conversão, entretanto, o Instituto foi extinto pelo Decreto nº 21.999, de 24 de outubro de 1932. Nesse período, Halina Radecka publicou Bases psicológicas da escola moderna (1932) e A deformação das representações perceptivas pela atualização dos complexos afetivos (1932).

Com o fechamento do Instituto, Halina e Radecki mudaram-se para Montevidéu e, de 1933 a 1939, dividiram suas atividades entre a capital uruguaia e Buenos Aires. Em 1936, fundaram o Centro de Estudos Psicológicos de Buenos Aires, mais tarde, denominado Instituto de Psicologia de Buenos Aires. Em 1944, fundaram o Centro de Estudos Psicológicos de Montevidéu, em cooperação com o Centro de Buenos Aires. Em 1947, fundaram, no Uruguai, a Escola Profissional de Psicologia, transformada, em 1951, na Faculdade Livre de Psicologia.

Em 1933, Halina publicou, em Buenos Aires, Nueva criteriologia para la apreciación de la edad mental e, em 1938, Bases psicológicas de la escuela activa. Em Montevidéu, publicou: Procedimientos psicológicos en la profilaxia de la histeria infantil (1941); traduziu para o castelhano seu Examen psicológico del niño (1947); publicou Modalidades psíquicas proprias de los ciegos (1947); Psicología aplicada a los problemas del trabajo obrero (1948); e Algunos factores psicopatógenos en la sociedad actual (1950). Waclaw Radecki veio a falecer em 1953. Em 1960, Halina publicou, em Buenos Aires, Psicologia social, que foi o "programa do primeiro curso de Psicologia Social ditado no Instituto de Psicologia de Buenos Aires, no ano letivo de 1957". Halina faleceu na Argentina, em 1980.

Publicações

RADECKA, H. A deformação das representações perceptivas pela atualização dos complexos afe-

tivos. Rio de Janeiro: Laboratório de Psychologia da Colônia de Psychopatas, 1932.

RADECKA, H. A margem da psychologia. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1931.

RADECKA, H. Algunos factores psicopatógenos en la sociedad actual. In: CONGRESO Latinoamericano de Psicologia, 1., 1950, Montevidéu. Relatório... Montevidéu: [s.n.], 1950.

RADECKA, H. As características psíquicas funcionais da paralisia progressiva. Tese (Doutorado em Medicina) – Polônia, 1920.

RADECKA, H. Bases psicológicas da escola moderna. Rio de Janeiro: Laboratório de Psychologia da Colônia de Psychopatas, 1932.

RADECKA, H. Bases psicológicas de la escuela activa. Buenos Aires: [s.n.], 1938.

RADECKA, H. Enfoque jurídico da emancipação. Tese (Doutorado em Humanidades) – Polônia, 1917.

RADECKA, H. Exame psychologico da criança. Rio de Janeiro: Laboratório de Psychologia da Colônia de Psychopatas, 1930.

RADECKA, H. Examen psicológico del niño. Montevidéu: Centro de Estudios Psicológicos, 1947.

RADECKA, H. Modalidades psíquicas proprias de los ciegos. Hoja de Psicologia, Montevidéu, n. 1, 1947.

RADECKA, H. Nueva criteriologia para la apreciación de la edad mental. Archivos de Psicologia Normal y Patológica, Buenos Aires, 1933.

RADECKA, H. Procedimientos psicológicos en la profilaxia de la histeria infantil. In: CONGRESSO Americano de Enseñanza Especial, Montevidéu, 1941.

RADECKA, H. Psicologia aplicada a los problemas de trabajo obrero. Hoja de Psicologia, Montevidéu, n. 2, 1948.

RADECKA, H. Psicologia social. Buenos Aires: Instituto de Psicologia, 1960.

RADECKA, H.; RADECKI, W. Pesquisas experimentaes da influência do material mnemônico esquecido sobre associação livre. In: ANNAES da Colônia de Psychopatas em Engenho de Dentro. Rio de Janeiro, 1928.

Referências

CENTOFANTI, R. Radecki e a psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, ano 3, n. 1, 1982.

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Rogério Centofanti



RADECKI, Waclaw
(1887-1953)

Nasceu na Polônia. Formou-se como violoncelista e maestro de orquestra no Conservatório de Florença. Foi professor catedrático da Universidade de Varsóvia, chefe do laboratório de Psicologia experimental da Universidade de Cracóvia e assistente de Claparède na Universidade de Genebra, onde obteve o grau de doutor, realizando pesquisa sobre Les phénomènes psycho-électriques, cujos resultados foram apresentados em monografia editada em 1911.

Tendo emigrado para o Brasil, fixou-se no Paraná, e, em curta visita ao Rio de Janeiro, tomou conhecimento do livro de Manoel Bomfim, Pensar e dizer, publicado em 1923, e logo se aproximou do autor. Sua presença no Rio atraiu a atenção do neuro-higienista Gustavo Riedel, então diretor da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, que o convidou a organizar e dirigir o laboratório de Psicologia experimental, o qual estava sendo montado. Aceito o convite, Radecki passou a residir no próprio local em que se instalara o laboratório e, em 1924, iniciou suas atividades, formando um dedicado grupo de colaboradores. Sua capacidade de trabalho foi assinalada pelo Dr. Oswaldo N. de Souza Guimarães: "Ele trabalhava como operário em ásperos trabalhos manuais, ora como hábil mecânico, em paciente montagem de delicadas máquinas, ora fabricando, adaptando e aperfeiçoando aparelhos, muitos dos quais de sua invenção" (Annaes, 1928, p. 389).

Inicialmente, integraram ao corpo de assistentes do laboratório: Halina Radecka, esposa e ex-aluna de Radecki; Nilton Campos, médico-psiquiatra, que se entregou ao estudo da Psicologia e figurava como segundo assistente na equipe; Gustavo de Rezende, também médico-psiquiatra, voltado para os estudos psicológicos; Lucília Tavares, professora municipal; A. Ubirajara da Rocha, capitão-médico do Serviço de Aviação do Exército, que presidiu a comissão encarregada dos exames psicológicos dos candidatos à Escola de Aviação Militar; Arauld Brêtas e Alberto Moore, primeiros tenentes-médicos do mesmo Serviço, que integravam a citada comissão de exames; e Oswaldo N. de Souza Guimarães, assistente do Ambulatório Rivadávia Corrêa, da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. Os médicos militares citados estavam sendo preparados para realizar a primeira seleção de pilotos para a aviação militar em nosso país.

Em decorrência do vínculo com oficiais do Exército, Radecki realizou extenso curso na Escola de Aplicação do Serviço de Saúde do Exército, resumido em 17 fascículos e convertido no Tratado de psicologia, editado pela Imprensa Militar, em 1928. O tratado, com 443 páginas, contém mais de 300 citações dos mais importantes textos publicados pelos grandes psicólogos que antecederam ou foram contemporâneos do autor, revelando a sua imensa competência.

No período em que permaneceu na direção do laboratório, Radecki ministrou um significativo número de cursos em grandes sociedades científicas. As pesquisas que realizou com seus assistentes constam dos números dos Annaes da Colônia, encontrados na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina. Como contribuição teórica, legou-nos o Sistema do Discriminacionismo Afetivo. Em 1932, conseguiu a criação do Instituto de Psicologia no Ministério da Saúde, que substituiu o Laboratório de Psicologia. Faleceu no Uruguai.

Publicações

RADECKI, W. Les phénomènes psycho-électriques. Tese (Doutorado) – Universidade de Genebra, [19--].

RADECKI, W. Tratado de psicologia. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1928.

Referências

ANNAES da Colônia de Psychopatas do Engenho de Dentro. Rio de Janeiro: [s.n.], 1928-1930.

CAMPOS, N. Necrológio de Waclaw Radecki. Boletim do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, v. 3, n. 3/4, 1953.

CENTOFANTI, R. Radecki e a psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, ano 3, n. 1, 1982.

Antonio Gomes Penna



RAMOS, Artur - Arthur Ramos de Araújo Pereira *(1903-1949)*

Nasceu em Pilar, Alagoas. Embora tendo vivido apenas 46 anos, sua produção científica foi considerável e de altíssimo valor. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1926, iniciando-se com sua erudita tese de doutorado, defendida aos 23 anos de idade e publicada no mesmo ano pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia, sob o título Primitivo e loucura, na qual se inspira nos clássicos estudos de Levy-Brühl, Freud e Jung. Dividida em cinco capítulos, o primeiro trata do método etnológico utilizado em Psicologia normal e patológica; no segundo, disserta sobre o folclore e a paranoia; no terceiro, centra-se no estudo do folclore e da esquizofrenia; o quarto tem por objeto o estudo dos distúrbios psíquicos da linguagem do alienado e do primitivo; no quinto, propõe algumas considerações de natureza conclusiva. O tema era relevante na época e muito estudado pelos psiquiatras de Zurique.

Em 1928, foi nomeado médico-legista do Serviço Médico do Estado da Bahia, atualmente Instituto Nina Rodrigues. Entra, então, para a Escola Bahiana de Medicina Legal, dominada por Nina Rodrigues. Aprofunda seu interesse pelas culturas negras no Brasil e, por sua iniciativa, reeditam-se as obras de Nina Rodrigues e de Manoel Quirino. Durante o período em que trabalhou no Hospital São João de Deus, na Bahia, realizou pesquisas que o levaram

a redigir sua tese de livre-docência, A sordície nos alienados: ensaio de uma patologia da imundície. Ainda na Bahia, redigiu os seus Estudos de psicanálise, em 1931, Freud, Adler e Jung, em 1933, e Psiquiatria e psicanálise, em 1933.

Em l934, fixa-se no Rio de Janeiro e passa a dirigir a Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental, do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. Em 1934, por pressão de Afrânio Peixoto, também egresso da Escola Bahiana de Medicina Legal, tal como já o tinha sido Juliano Moreira, escreve Educação e psicanálise, com base, principalmente, em Adler. Por essa época, escreve também A família e a escola (1934), O desenho infantil e sua significação psicanalítica (1936), Os furtos escolares (1939) e A criança problema (1939). O progressivo interesse por temas antropológicos levou-o a publicar também O negro brasileiro e Folclore negro no Brasil (1954).

Com a criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935, e graças ao gênio de Anísio Teixeira, Artur Ramos é nomeado para assumir a cátedra de Psicologia Social, fato que o levou a publicar, em 1936, sua Introdução à psicologia social. Nela, percebem-se suas inclinações para a Antropologia, mas ainda prevalece sua orientação psicanalítica. Alguns dos temas explorados em obras anteriores são retomados, como o de sua tese Primitivo e loucura (1926), concedendo bom espaço às contribuições de Jung.

Em 1940, passa um período nos Estados Unidos e, na Lousiana State University, ministra um curso sobre raças e culturas no Brasil. Em 1946, conquista a cátedra de Antropologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a tese A organização dual entre os índios brasileiros. Faleceu em 1949, em Paris, França.

Publicações

RAMOS, A. A criança problema: a higiene mental na escola primária. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1939.

RAMOS, A. A família e a escola: conselhos de higiene mental aos pais. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do D.E.D.F., 1934.

RAMOS, A. A organização dual entre os índios brasileiros. Tese (Concurso à Cátedra de Antropologia) – Faculdade Nacional de Filosofia, 1946.

RAMOS, A. A sordície nos alienados: ensaio de uma patologia da imundície. Tese (Livre-docência elaborada para o concurso na cátedra de Clínica Psiquiátrica) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1928.

RAMOS, A. Educação e psicanálise. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1934.

RAMOS, A. Estudos de psicanálise. Salvador: Livraria Scientífica, 1931.

RAMOS, A. Folclore negro no Brasil: demopsicologia e psicanálise. Rio de Janeiro: C. E. B., 1935.

RAMOS, A. Freud, Adler e Jung: ensaios da psicanálise ortodoxa e herética. Rio de Janeiro: Guanabara W. Koogan, 1933. (Coleção Biblioteca de Cultura Científica).

RAMOS, A. Introdução à psicologia social. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1936.

RAMOS, A. O desenho infantil e sua significação psicanalítica. Revista Médica da Bahia, Salvador, v. 6, n. 2, p. 21-29, fev. 1936.

RAMOS, A. O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. v. 1. (Biblioteca de Divulgação Científica).

RAMOS, A. Os furtos escolares. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 7, n. 3, p.229-235, jul./set. 1934.

RAMOS, A. Primitivo e loucura. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1926.

RAMOS, A. Psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Guanabara W. Koogan, 1933. (Coleção Biblioteca de Cultura Científica).

Referências

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Antonio Gomes Penna



REIS, Yonne Moniz
(1926-2014)

Nasceu no Rio de Janeiro. Sua formação, aliada ao exercício de atividades pioneiras no campo da Psicologia Escolar, deixa transparecer, desde cedo, o seu espírito empreendedor, marca de toda a sua trajetória profissional. Na Secretaria Geral de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, conclui, em 1953, os cursos de Especialista em Administração Escolar, de Orientação Pré-Vocacional, e, em 1955, o de Especialista em Educação Pré-Primária. É publicado o seu trabalho de conclusão de curso, Uma história para teatrinho de sombras.

Em 1956, integra a equipe técnica do Serviço de Ortofrenia e Psicologia do Instituto de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal, chefiado pela Profª Cinira Miranda de Menezes. À época, esse serviço era considerado um centro de referência, dadas as suas iniciativas pioneiras na rede escolar, como a assistência ao aluno excepcional, o atendimento a problemas de desajustamento e o psicodiagnóstico. Nesse período, conclui os cursos de Especialização em Psicopedagogia e em Psicometria, e participa da primeira pesquisa voltada para a sondagem da inteligência dos alunos, da 1ª série da rede de ensino estadual, com problemas de aprendizagem.

Com a conclusão do bacharelado e da licenciatura (1958-59) em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, passa a se dedicar ao ensino superior nas áreas de Educação e Psicologia. Em 1959, aceita o convite para atuar no Serviço de Orientação Educacional do Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Não demora a chefiar o Serviço de Orientação Educacional (SOE) e dar início à implantação do primeiro setor de Psicologia Escolar do CAP, onde atuou até 1966.

Com a sua vocação institucionalista, criou serviços de orientação educacional em diferentes instituições, o que resultou na abertura de oportunidades para a prática supervisionada em Psicologia Escolar. Como professora e orientadora educacional da Escola Normal Júlia Kubitschek, onde atuou de 61 a 69, funda e coordena o primeiro Serviço em Psicologia Escolar, além de desenvolver pesquisa sobre as aspirações profissionais das normalistas. Em 1963, publica um artigo sobre a Orientação educacional no Colégio de Aplicação, e, em 1966, outro sobre O campo da orientação educacional.

Em 1967, ingressa no Curso de Psicologia da UERJ, a convite do Prof. Hans L. Lippmann, onde começa a implantar a formação prática do Psicólogo. Muito do sucesso de que o curso hoje desfruta, se deve à sua persistência, tenacidade e capacidade de articulação na Universidade, principalmente na sua fase inicial.

Entre as suas realizações, destacam-se a abertura de uma ampla gama de estágios, a criação do cargo de Psicólogo, em 1976, para sustentar a prática supervisionada, e a institucionalização do Serviço de Psicologia Aplicada. Em 1973, concluiu o Mestrado em Psicologia Clínica, com uma importante contribuição ao estudo da Síndrome de Pietrowsky. Na condição de vice-diretora, na gestão do Prof. Eliezer Schneider (1971-75), e diretora (1976-79) do Instituto de Psicologia da UERJ, foi peça fundamental na estruturação

do curso e na implantação da pós-graduação lato sensu, como também, pioneira no registro histórico do curso, tendo publicado, em 1988, o primeiro artigo e um texto exaustivo em 1991. Faleceu em 28 de fevereiro de 2014.

Publicações

REIS, Y. M. A Orientação educacional no Colégio de Aplicação. Revista Humanismo e Pedagogia, v. 1, n. 1, p. 137-149, 1963.

REIS, Y. M. A psicologia escolar e a educação no âmbito dos problemas nacionais. Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia, n. 31, p. 59-67, 1979.

REIS, Y. M. Fundamentos em psicologia. In: REFORMULAÇÃO de currículos para deficientes visuais (Projeto II). Rio de Janeiro: Centro Nacional de Educação Especial (CENESP-MEC), UERJ/ Faculdade de Educação, 1975. p. 23-75.

REIS, Y. M. História para teatrinho de sombra: o leãozinho vaidoso. Educar Progredir, v. 3, n. 26, p. 40-47, 1955.

REIS, Y. M. Memória do curso de psicologia da UERJ. Rio de Janeiro: Centro de Educação e Humanidades/ Instituto de Psicologia, 1991. Mimeografado.

REIS, Y. M. O campo da orientação educacional. Revista de Estudos Psicológicos da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4/5/6, p. 8-13, 1966.

REIS, Y. M. O Instituto de Psicologia no contexto brasileiro. Revista Psicologia e Práticas Sociais, n. 1, p. 8-34, [s.d.].

REIS, Y. M. Sintomatologia da linguagem no diagnóstico geral da psico-organicidade pela Síndrome de Pietrowsky. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1973.

REIS, Y. M. Uma história para teatrinho de sombras. Monografia (Especialização em Educação Pré-Primária) – Secretaria Geral de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1955.

REIS, Y. M.; MATTIAZZI, B. Função do setor especializado em orientação psicopedagógica do Sistema de Aconselhamento: seminário sobre orientação educacional nas instituições de nível superior. Rio de Janeiro: Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 1973.

Alba Lucia Fausto Moura



REY, André
(1906-1965)

Nascido em Genebra, na Suíça, filho de Armand C. Rey e Amélie L. Egly, casado com a brasileira Teresinha Pinto, fundadora do Instituto Pestalozzi de Goiânia, no Estado de Goiás, Brasil. A mãe de André Rey se interessou pelas ideias do pedagogo alemão Friederich Froëbel, e encorajou os filhos, André e sua irmã Annie, a interagirem com a natureza desde cedo. Quando criança, Rey praticava o alpinismo e cultivava a observação naturalista, tendo montado um laboratório em sua casa para dissecar pequenos animais.

Obteve o diploma de professor na École Normale Vaudoise em 1926, e posteriormente as licenças em Ciências Sociais – menção Ciências Pedagógicas (1929) e Sociologia e História (1930). Tornou-se assistente voluntário de Édouard Claparède (1873-1940), no Institut Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, entre 1929 e 1935, substituindo Helena Antipoff (1892-1974), que se afastou para assumir encargos profissionais no Brasil. Defendeu tese de doutorado em 1934 na Universidade de Genebra sobre A inteligência prática na criança. A tese foi publicada em Paris pela Editora Alcan, em 1935. Tornou-se então privat-docent na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra, e encarregado de cursos sobre técnicas psicológicas no Instituto Rousseau, por indicação de Claparède e de Pierre Bovet (1878-1965). Em 1937, fez estágio no Laboratório de Psicologia Fisiológica, dirigido por Karl Lashley (1890-1958), na Universidade de Harvard, com bolsa de estudos da Fundação Rockefeller para as Ciências Médicas. Ao voltar a Genebra, colaborou no Laboratório de Psicologia Clínica do Serviço de Neurologia do Hospital Cantonal Universitário de Genebra, tendo sucedido Claparède na direção desse Laboratório após 1940. Dedicou-se então à psicologia clínica, à psicologia aplicada e à orientação profissional, e construiu uma série de instrumentos e uma metodologia original para o exame psicológico, uma espécie de "neurologia fina", segundo sua própria expressão (Rey, 1990).

Como membro do corpo docente do Instituto Rousseau, então integrado à Universidade de Genebra como Instituto de Ciências da Educação, contribuiu para o estabelecimento de um novo curso superior na Universidade, intitulado "Psicologia Aplicada ao Atendimento Clínico de Crianças", visando a profissionalização em psicologia aplicada, com a oferta de disciplinas nas áreas das técnicas de exame psicológico, psicologia da criança e clínica psicológica. Nessa época a psicologia se diferencia da pedagogia no âmbito da Universidade de Genebra, iniciando-se o processo de construção da profissão do psicólogo, tendo em vista a evolução científica da área, as demandas sociais e a necessidade de legitimação do trabalho do profissional psicólogo (Hofstetter, 2010). Rey publica, no primeiro número da Revue suisse de psychologie et de psychologie appliquée, um artigo em defesa da formação universitária dos psicólogos e pelo reconhecimento legal da profissão (Rey, 1942). Em 1943, torna-se secretário da Société Suisse de Psychologie, sob a presidência de Jean Piaget (1896-1980). A seguir, publica o livro Études des insuffisances psychologiques (Vol. 1: Méthodes et problèmes, Vol. II: Le diagnostic psychologique) (Rey, 1947).

A liderança no movimento pela profissionalização da formação em psicologia fez com que, em 1949, Rey fosse nomeado professor de Psicologia Aplicada no Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Genebra, e sucessivamente professor associado na Faculdade de Ciências (1955) e professor titular de Psicologia Fisiológica na Faculdade de Medicina da mesma Universidade. Atuou ainda como conselheiro de diversas instituições extra-universitárias, como o Office de Formation et d'Orientation Professionnelle (Escritório de Formação e de Orientação Profissional) de Genebra, e a Association Genevoise de Parents d'Enfants Mentalement Déficients (Associação genebrina de pais de crianças mentalmente deficientes). Entre as atividades internacionais, destaca-se a visita ao Brasil em 1956, a convite de Helena Antipoff, para oferecer curso de Psicologia da Aprendizagem, promovido pelo Laboratório de Psicologia do Instituto Superior de Educação Rural, localizado em Ibirité, Minas Gerais. O curso, organizado como especialização, contribuiu para a formação de alguns dos profissionais que vieram a ser reconhecidos legalmente como psicólogos no Brasil a partir da regulamentação da profissão pela Lei nº 4119, em 1962. O curso tratou da Psicologia Geral e Comparada da Aprendizagem, abordando aspectos da Psicologia genética, Desenvolvimento mental, Psicologia diferencial, Psicologia e psicopatologia da aprendizagem. Na ocasião, em palestra proferida para docentes de cursos normais, Rey definiu a psicologia como ciência do comportamento e sugeriu que o seu ensino nos cursos de formação de professores abordasse os condicionantes orgânicos e sociais, processos de aquisição, conservação e regulação, formas evolutivas e anomalias do comportamento. Os comportamentos seriam diferenciados em comportamentos exteriorizados ou interiorizados, sendo a introspecção o método adequado para o estudo desses últimos. Ainda em Minas Gerais, Rey participou da fundação da Sociedade Mineira de Psicologia, em 1956, tendo sugerido a realização de estudos sobre questões psicossociais de interesse para o país (questões raciais, religiões populares, populações favela-das), estudos experimentais utilizando como cobaias animais nativos – tatu, cobra, pássaros locais – e a profissionalização de psicólogos em especialidades como a ortofonia, distúrbios na leitura, reeducação psicomotora, psicologia clínica, psicotécnica e orientação profissional (Rey, 1957-8).

De volta à Europa, lecionou também na Universidade de Lyon, onde recebeu o título de Doutor Honoris Causa em 1961. Entre 1930 e 1965, publicou mais de 170 títulos nas áreas da Psicologia clínica, Neuropsicologia, Psicologia experimental e comparada. Seu livro Insuficiências Psicológicas (1947), foi traduzido para o português em 1960, por Maria Antonieta Bianchi (Volume 1, "Métodos e Problemas do Estudo Psicológico") e por Maria Helena Rapp (Volume 2, "O Diagnóstico Psicológico"). Centrada no estudo das insuficiências e anomalias psicológicas, a obra abrange aspectos psicológicos e fisiológicos, etapas para a sua análise e métodos psicológicos e psicométricos, seu alcance e limitações.

Nos últimos anos, os trabalhos de André Rey têm despertado renovado interesse por sua contribuição à neurociência, com traduções em países do Leste europeu (Hungria, Polônia, República Tcheca e Romênia), nos Estados Unidos (através da Psychological Assessment Ressources, Inc.) e no Brasil, onde a Editora Casa do Psicólogo publicou, em 1998, o teste Figuras Complexas de Rey. Em 2014 o teste foi novamente editado, com adaptação brasileira por Margareth da Silva Oliveira e Maisa dos Santos Rigoni, válida até 2025 (Rey, 2014). Em Paris, em 1998, foi publicado o livro La Figure de Rey: Une approche de la complexité, organizado por Philippe Wallon e Claude Mesmin, pela editora Les Pluriels de la Psyché, contendo comentários à obra de

Rey e uma bibliografia de mais de 300 títulos a respeito. O acervo do psicólogo foi doado à Universidade de Genebra em 2002 e atualmente constitui o Fonds André Rey, sob a guarda dos Archives de l'Institut J.-J. Rousseau.

Referências

DUARTE, A. O. S. A.; CAMPOS, R. H. de F. Escola ativa no Brasil na obra da psicóloga e educadora Helena Antipoff. Psicologia Escolar e Educacional, n. 24, e200499. Epub March 02, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-35392020200499.

FONDS André Rey. Disponível em: https://www.unige.ch/archives/aijjr/fonds/rey/.

HOFSTETTER, R. Genève: creuset des sciences de l'éducation (fin du XIXe siècle – première moitié du XXe siècle). Paris: Librairie Droz, 2010.

REY, A. La psychologie appliquée, discipline para-médicale. Revue suisse de psychologie et de psychologie appliquée, v.1, p. 116-122, 1942.

REY, A. Etudes des insuffisances psychologiques. Vol. 1: Méthodes et problèmes. Vol. II: Le diagnostic psychologique. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1947.

REY, T. André Rey – Données Biographiques. Psychologie et Psychométrie, v. 11, n. 1, p. 15-17, 1990.

REY, A. Maître d'oeuvre d'une psychologie des faits. Psychologie et Psychométrie, v. 11, n. 1, 1990 (Numéro Spécial organisé par les Archives de l'Institut Jean-Jacques Rousseau et l'Association des Amis d'André Rey sous le patronage scientifique de la Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation de l'Université de Genève) – artigos de Daniel Hameline, T. Rey, L.P. Poirier, Y.G. Chêne, bibliografias cronológica e temática de André Rey, inéditos do autor.

REY, A. Sugestões de atividades para a Sociedade Mineira de Psicologia. Boletim da Sociedade Mineira de Psicologia, v. 1, p. 14-5, Belo Horizonte, 1957-58.

REY, A. Maneira de ensinar a psicologia nas escolas normais. Palestra para o corpo docente do Curso Normal Regional Rural de Conselheiro Mata, MG, outubro de 1956. Documento inédito, acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Fundação Helena Antipoff, Ibirité, MG.

REY, A. Figuras complexas de Rey – Manual (Adaptação Brasileira: Margareth da Silva Oliveira e Maisa dos Santos Rigoni). São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2014.

Regina Helena de Freitas Campos
Érika Lourenço



RIBEIRO, Leonídio
(1893-1976)

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1916, faculdade atualmente pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Filho mais velho de sua família, herdou o nome do pai. Foi discípulo de Afrânio Peixoto, médico legista no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira como cirurgião e, posteriormente, se tornou criminalista; foi professor de Medicina legal, diretor do Gabinete de Identificação da Polícia Civil do então Distrito Federal (Rio de Janeiro), na década de 1930, e criador, nessa mesma instituição, de um Laboratório de Antropologia Criminal.

Em 1925, Ribeiro tornou-se professor de Criminologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, com a Revolução de 1930, foi escolhido pelo recentemente empossado Chefe de Polícia do Distrito Federal – seu colega Baptista Luzardo – para assumir o cargo de diretor do Gabinete de Identificação da Polícia Civil do Distrito Federal, no qual criou um Laboratório de Antropologia Criminal. Foi nele que Leonídio realizou "uma série de pesquisas médicas sobre os biótipos dos negros criminosos e homossexuais" (Gutman, 2010). Foi também o primeiro diretor do Laboratório de Biologia Infantil, instituição com o objetivo de conhecer, estudar e classificar a criança, em vistas de produzir uma base científica para o tratamento médico-pedagógico da infância abandonada e delinquente (Oliveira, 2011).

Como diretor do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, ao lado de Miguel Salles, na época diretor do Instituto Médico-Legal, manifestou seu apoio ao contexto político institucional instaurado pelos acontecimentos de 1930. Acreditava na proposta de reforma que promoveria o aperfeiçoamento técnico e científico da polícia, tornando-se, assim, editor do periódico Arquivos de Medicina Legal e Identificação, publicação oficial do Instituto, do qual era diretor. Sob tais ideais, em suas dezenove edições (de 1931 a 1940), o periódico contou com médicos, magistrados, educadores e políticos, como autores de trabalhos, cujos temas eram proclamados como fundamentais para o desenvolvimento da nação. Leonídio Ribeiro contava com uma intensa produção na revista: 81 publicações. Seu discurso, assim como o periódico do qual era responsável, se aliava ao papel assumido pela Medicina legal na sociedade brasileira, definido de acordo com as políticas de controle e repressão do Estado varguista. Alguns desses trabalhos foram reconhecidos internacionalmente. Leonídio Ribeiro recebeu, inclusive, o prêmio Lombroso da Real Academia de Medicina da Itália, em 1933, com o artigo Identificação no Rio de Janeiro (Silva, 2011).

Como sugere o nome do prêmio recebido por Leonídio, há no seu pensamento uma clara influência da escola lombrosiana. A criminologia italiana foi decisiva na formação do pensamento jurídico e médico sobre o povo brasileiro, entre finais do século XIX às primeiras décadas do século XX, especialmente, para autores como Afrânio Peixoto (1876-1947), Oscar Freire (1882-1923), Arthur Ramos (1903-1949), além de seu grande expoente, Nina Rodrigues (1862-1906). Nas obras de Leonídio, percebe-se a presença de muitos fundamentos da Antropologia criminal italiana, em especial, a

ideia de que características físicas denunciariam as inclinações de seus investigados.

Um tema ao qual também se dedicou foi o da homossexualidade ou, como chamada na época, a inversão sexual (Ribeiro, 2010). Identificava a causalidade da homossexualidade na endocrinologia, e, a partir desse ponto de vista, recusava que tais indivíduos deveriam ser castigados e punidos, e sim tratados e educados (utilizando recursos como a psicanálise freudiana). Filiado ao espírito cientificista, do período em que viveu e produziu os seus trabalhos, buscou retirar muitos temas de um moralismo conservador para entregá-los a uma ciência que deveria explicar e, se possível, tratar e corrigir.

Publicações

ARQUIVOS DE MEDICINA LEGAL E IDENTIFICAÇÃO. Rio de Janeiro, 1931-1940. (Presentes no acervo da Biblioteca Central de Manguinhos e Biblioteca Nacional).

RIBEIRO, L. Ciência homossexualismo e endrocrinologia. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 13, n. 3, p. 498-511, 2010.

RIBEIRO, L. Memórias de um médico legista. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1975.

Referências

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 03 dez. 2015.

GUTMAN, G. Criminologia, antropologia e medicina legal: um personagem central: Leonídio Ribeiro. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 13, n. 3, p. 482-497, 2010.

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc. gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

OLIVEIRA, L. de A. Laboratório de biologia infantil. In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2011. p. 353-355.

SILVA, R. da. Mulheres e ciência: uma análise histórica dos Arquivos de Medicina Legal e Identificação do Rio de Janeiro na década de 1930. In: SIMPÓSIO Nacional De História, 26. 2011. São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2011.

Igor Teo Rodrigues
Ana Maria Jacó-Vilela



RIBEIRO, Marilza
(1934 - 2022)

Poeta e psicóloga mato-grossense, nasce em Cuiabá, em 27 de março de 1934. Aos 17 anos, torna-se apresentadora de programa da rádio "Voz do Oeste", uma das primeiras mulheres no Estado a exercer tal função.

Formou-se na Escola Normal com habilitação em Magistério, em 1969, já mãe de cinco filhos. Em 1970, começa a lecionar em escolas e a cursar Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Em 1971, muda-se para a cidade de São Paulo com seu marido, José Soares Cardoso, e seus 5 filhos. Nessa cidade, transfere-se do curso de Pedagogia para Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Marcos, formando-se em 1976. Volta para Cuiabá em dezembro de 1978 e, em março de 1979, é admitida na Legião Brasileira de Assistência (LBA), onde atua como psicóloga na área social, desenvolvendo trabalhos junto às comunidades de baixa renda e intensifica sua luta junto às minorias.

Como Psicóloga e funcionária da LBA em Cuiabá, atua em comunidades da periferia com famílias em situação de vulnerabilidade social, em parceria com profissionais do Departamento de Serviço Social da UFMT. Junto com as mulheres dessas comunidades, cria a primeira Associação Mato-grossense de Mulheres, entidade feminista que presidiu de 1981 a 1985.

Além do trabalho como psicóloga social, escrevia em jornais e revistas de circulação local, artigos que denunciavam as injustiças e violência cometidas com mulheres, negros e povos indígenas. Participou de movimentos junto ao Fé e Alegria, movimento negro de Mato Grosso e muitos outros que representavam as minorias na época.

Em 1995, em virtude da extinção da LBA, é transferida para o INSS, onde atuou na área de acidente de trabalho e doenças ocupacionais, e utilizou a Biodança junto aos usuários do serviço, para ajudar na ampliação de sua consciência corporal e social.

Aposentou-se nessa instituição em 2002, aos 68 anos de idade.

Aliou poesia e crítica social em artigos para jornais, revistas e livros que publicou no decorrer de sua vida. Na década de 1980, fazia denúncias em artigos que noticiou nos jornais O Estado de Mato Grosso e Diário de Cuiabá, escrevendo, também, poesias em diários e revistas pessoais. O amor à sua terra e a defesa de sua gente, marcados pela crítica e denúncias sociais, foram amplamente influenciados pela leitura psicológica da pessoa humana, sendo publicados em versos nas obras: Meu grito (1973), Corpo desnudo (1981), Cantos para a terra do sol (1997), A dança dos girassóis (2004), Palavras de mim (2005) e As Aves e Poetas ainda Cantam (2014).

Utilizou no trabalho, enquanto psicóloga, teatro, dança, construção de jornais e revistas, grupos de discussão, orientação de grupos. Aprofundou estudos sobre a Biodança vindo a utilizá-la para fortalecer os corpos e personalidades – uma forma de contato íntimo consigo, para as lutas necessárias do cotidiano.

A escrita, a militância política e o fortalecimento de pessoas e grupos destacam-se em seu percurso, tendo a Psicologia como potencializadora

desse discurso, lutando pelo empoderamento das pessoas, vítimas do tipo de sociedade e de políticas que nossa sociedade desenvolveu. Profícua escritora, produziu, artesanalmente, diversas cartilhas, jornais e revistas alternativas que versavam sobre política, direitos humanos, instituições e feminismo, como Mulher & Saúde, Lilith, A Coruja, O Jaburú Bocarra, entre outras. Uma delas, Alerta Vida, foi produzida enquanto trabalhava no INSS e tinha o propósito de falar sobre a saúde na organização, devido à grande quantidade de funcionários em adoecimento psíquico na época.

Sua atuação foi marcada pelo compromisso social com pessoas e grupos marginalizados, como mulheres, idosos, crianças e trabalhadores braçais. Seu desempenho na comunidade demonstra uma similaridade com os estudos que se desenvolvem, atualmente, em Psicologia Social Comunitária. Inclusive, denominou-se psicóloga social e, por vezes, psicóloga comunitária, por causa não somente do seu trabalho, mas também dos questionamentos sobre a opressão social. Sempre que convidada, com evidente avidez pela vida, escrevia, desenhava e discursava, por uma sociedade mais livre, mais amorosa e mais justa.

Publicações

RIBEIRO, M. A coruja. [S.l.: s.n.], [s.d.].

RIBEIRO, M. Ações básicas de saúde: no somar dos braços, caminhos de vida, redes de ajuda. [S.l.: s.n.], 1982.

RIBEIRO, M. Arte e comunicação. [S.l.: s.n.], 1984.

RIBEIRO, M. As aves e poetas ainda cantam. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2014.

RIBEIRO, M. Bocarra. [S.l.: s.n.], [s.d.].

RIBEIRO, M. Cantos para a terra do sol. Cuiabá: [s.n.], 1997.

RIBEIRO, M. Cardoso. Lilith. [S.l.: s.n.], [s.d.].

RIBEIRO, M. Corpo desnudo. São Paulo: Planimpress Gráfica e Editora, 1981.

RIBEIRO, M. Meu grito: poemas para um tempo de angústia. São Paulo: Brusco & Cia., 1973.

RIBEIRO, M. Mulher & saúde. [S.l.: s.n.], [s.d.].

RIBEIRO, M. Mulher e política. [S.l.: s.n.], 1985.

RIBEIRO, M. O Jaburú. [S.l.: s.n.], [s.d.].

RIBEIRO, M. Palavras de mim: antologia. Cuiabá: Instituto Usina / Defanti Editora, 2005.

RIBEIRO, M. Pensar a instituição. [S.l.: s.n.], 1982.

RIBEIRO, M. Viver: cidadania, creche, idosos. [S.l.: s.n.], 1992. v.1

RIBEIRO, M. Viver: cidadania, creche, idosos. [S.l.: s.n.], 1994. v.2

RIBEIRO, M. Acordes para uma menina cantar. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2016.

RIBEIRO, M. Balaio Amarelo. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2016.

Obras a serem publicadas:

RIBEIRO, M. Lavoura poética.

RIBEIRO, M. Saia rodada.

Referências

REIS, C. M. D. da R. Marilza Ribeiro: vida, obra e contexto histórico-literário. In: REIS, C. M. D. da R. Sociedade, erotismo e mito: a poética temporal de Marilza Ribeiro. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2006. p.191-206.

RIBEIRO, M. C. Re-andanças no percurso poético. [S.l.: s.n.], [s.d.].

Jane Teresinha Domingues Cotrin
Marcus Vinícius de Campos França Lopes



RIEDEL, Gustavo Köhler *(1887-1934)*

Natural do Rio Grande do Sul, iniciou seus estudos médicos na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1903. Em 1907, transferiu-se para o Rio de Janeiro e obteve o cargo de interno efetivo do Hospício Nacional de Alienados. Colou grau de doutor em Medicina na Faculdade da Praia de Santa Luzia, em 1909, após defesa da tese Novas contribuições à patogenia da epilepsia. Nesse período, dedicou-se à clínica psiquiátrica, com destaque para os estudos sobre a Epilepsia e a Anatomia patológica.

Publicou, entre artigos, relatos de pesquisas e páginas de editoriais, a saber: Estudo clínico sobre um caso de pseudo-paralysia bulbar (1908); Contribuição ao estudo da etio-pathogenia e do tratamento da demencia precoce (1909); Glandula thyroide e sua secreção interna (1911); Do iodo na glandula thyroide (1912); Os factores dysgenizantes do habitat brasileiro, em synthese (1922); Assistência a alienados (1924); Impressões do I Congresso Internacional de Hygiene Mental (1930); e Na fase da higiene mental (1931).

Tornou-se, em 1910, alienista-adjunto do Hospício Nacional de Alienados. Foi indicado por Juliano Moreira para a direção do Laboratório Anátomo-Patológico e, em seguida, nomeado docente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina e designado alienista-chefe dos serviços de química biológica do Hospício Nacional. Em 1932, foi nomeado Diretor-Geral da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal.

Destacou-se mais como higienista mental. Seu nome aparece como referência, ao lado do de Juliano Moreira, em todos os trabalhos sobre história da higiene mental no Brasil. Reconhecido internacionalmente, foi citado por Toulouse e por Kraepelin. Ficou também conhecido por seu empenho na divulgação dos princípios eugênicos. No II Congresso Internacional de Eugenia, realizado em Nova York, apresentou o trabalho Os factores dysgenizantes do habitat brasileiro, em synthese. Foi representante oficial do Brasil em vários outros congressos internacionais. Em 1919, fundou o primeiro instituto oficial de higiene mental na América do Sul, o Instituto de Prophylaxia Mental do Engenho de Dentro, que passou a se chamar, no ano seguinte, Ambulatório Rivadavia Corrêa. Ainda na Colônia de Psichopatas do Engenho de Dentro, encarregou Waclaw Radecki de montar e dirigir o recém-criado Laboratório de Psicologia.

Em 1923, foi o fundador e primeiro presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental. Dirigida por psiquiatras e composta de membros da elite da classe médica brasileira e de juristas, educadores, jornalistas etc., a Liga tornou-se o grande centro de propaganda dos princípios científicos e ideológicos da Eugenia e do Higienismo mental, nas décadas de 1920 e 30, em nosso país. Em 1925, lançou os Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, publicação oficial da Liga. Esse periódico veio a se transformar em importante fonte de pesquisa para estudos históricos e de análise de discurso em Psiquiatria e Psicologia no Brasil. Gustavo Riedel veio a falecer no Rio de Janeiro.

Publicações

PINHEIRO, M.; RIEDEL, G. K. Contribuição ao estudo da etio-pathogenia e do tratamento da demencia precoce. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, anno 5, 1909.

RIEDEL, G. K. Assistência a alienados. Distrito Federal, 1924. Relatório do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

RIEDEL, G. K. Do iodo na glandula thyroide. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, anno 8, 1912.

RIEDEL, G. K. Estudo clínico sobre um caso de pseudo-paralysia bulbar. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, anno 4, 1908.

RIEDEL, G. K. Glandula thyroide e sua secreção interna. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, anno 7, n. 1/2, 1911.

RIEDEL, G. K. Impressões do I Congresso Internacional de Hygiene Mental. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, v. 3, n. 6, 1930.

RIEDEL, G. K. Na fase da higiene mental. Arquivos Brasileiros de Medicina, mar. 1931.

RIEDEL, G. K. Novas contribuições à patogenia da epilepsia. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade da Praia de Santa Luzia, 1909.

RIEDEL, G. K. Os factores dysgenizantes do habitat brasileiro, em synthese. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1922.

Referências

ALMEIDA, W. de. A vida de Gustavo Riedel. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 15, n. 1, 1944.

AMARANTE, P. et al. Projeto Memória da psiquiatria no Brasil. In: AMARANTE, P. (Org.). A loucura na (da) história. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 411-420.

CALDAS, M. A hygiene mental no Brasil. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, v. 3, n. 3, 1930.

CARVALHO, A. M. T. Para a compreensão do processo de produção discursiva da higiene mental no Brasil: algumas notas metodológicas. In: AMARANTE, P. (Org.). A loucura na (da) história. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 113-124.

CARVALHO, A. M. T. Trabalho e higiene mental: processo de produção discursiva do campo no Brasil. História, Ciências, Saúde: Manguinhos, v. 6, n. 1, p. 133-156, 1999.

COSTA, J. F. História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

LOPES, E. Resenha de "A hygiene do espirito". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, v. 1, n. 2, 1925a.

LOPES, E. Trabalhos da Liga Brasileira de Hygiene Mental: os meios de acção na campanha pela hygiene mental. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, v. 1, n. 2, 1925b.

REIS, J. R. F. De pequenino é que se torce o pepino: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. História, Ciências, Saúde: Manguinhos, v. 7, n. 1, p. 135-157, 2000.

REIS, J. R. F. Higiene mental e eugenia: o projeto de Regeneração Nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930). Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

Alexandre Magno Teixeira de Carvalho



ROCHA, Francisco Franco da *(1864-1933)*

Psiquiatra brasileiro, natural de Amparo, São Paulo. Foi um dos primeiros a divulgar algumas das concepções de Freud no Brasil, com Arthur Ramos, Júlio Porto-Carrero e Juliano Moreira. Apesar de nunca ter praticado a clínica psicanalítica, ofereceu importante incentivo para aquele que pode ser considerado o pai fundador do desenvolvimento psicanalítico no Brasil: Durval Marcondes.

Reinaldo Lobo (1994) relaciona o surgimento da Psicanálise, no Brasil da década de 1920, às transformações substanciais da sociedade: aceleração da industrialização, redução do poder dos latifundiários, substituição das importações, maior participação política da classe operária, surgimento de uma nova classe média e expansão do mercado consumidor interno. Junto a essas mudanças, desencadearam-se inúmeros movimentos populares e convulsões políticas e observou-se uma mudança cultural e ideológica entre as elites intelectuais, cuja expressão mais saliente foi, provavelmente, o Movimento Modernista. Nesse contexto, um grupo de intelectuais interessou-se pela Psicanálise: "A modernização burguesa propiciou o aparecimento de projetos iluministas, como a criação da USP, no início dos anos 30, e mesmo a chegada das coisas freudianas" (Lobo, 1994, p. 50).

Durval Marcondes, integrante do Movimento Modernista, foi o principal condutor do projeto de inauguração da Psicanálise no Brasil. Esse projeto teve a colaboração e o peso da autoridade desse neuropsiquiatra consagrado, Franco da Rocha, 35 anos mais velho, ligado às elites da Velha República.

Formado, em 1890, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Franco da Rocha foi o idealizador e fundador do Hospital Psiquiátrico do Juqueri (1898), primeiro asilo da cidade de São Paulo, fundamentado em uma orientação médica para o tratamento de indivíduos com distúrbios psíquicos. Inspirado em ideias humanistas, o Juqueri procurou ser um hospital psiquiátrico modelo. Buscava-se desenvolver a parcela sadia da vida psíquica dos pacientes, por meio de condições favoráveis materiais, sociais, psíquicas e morais de acolhimento. Empregavam-se terapias psicossociais, como a laborterapia, a arteterapia e a assistência psicológica aos familiares dos internos. Franco da Rocha mantinha-se aberto aos desenvolvimentos da Psiquiatria europeia e, assim, veio a conhecer as concepções freudianas.

Primeiro professor catedrático de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, proferiu sua aula inaugural em 1919, sobre o tema A doutrina de Freud, cujo conteúdo foi publicado pelo jornal O Estado de São Paulo, em 20/03/1919. Segundo Sagawa (1985), esse artigo e sua obra O pansexualismo na doutrina de Freud, de 1920, despertaram o interesse de Marcondes, então aluno da Faculdade de Medicina, pela Psicanálise. Franco da Rocha apoiou a iniciativa de Marcondes de fundar, em 1927, a primeira instituição latino-americana voltada para o estudo e a divulgação da Psicanálise a Sociedade Brasileira de Psicanálise, da qual, além de cofundador, foi o primeiro presidente. Com a aposentadoria de Franco da Rocha, dificultaram-se as relações, que já não eram favoráveis, entre Marcondes e o meio psiquiátrico oficial de São Paulo. Adversa, por um lado, essa má receptividade da Psiquiatria oficial

favoreceu a autonomia do campo psicanalítico e possibilitou o acolhimento de membros não médicos em instituições psicanalíticas brasileiras, notadamente na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Publicações

ROCHA, F. F. da. Do delírio em geral. O Estado de São Paulo, São Paulo, 20 mar. 1919.

ROCHA, F. F. da. O pansexualismo na doutrina de Freud. São Paulo: Typographia Brasil, de Rotschild, 1920.

Referências

BRUNO, C. A. N. B. Psicanálise e movimento estético. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

LOBO, R. As mudanças históricas e a chegada da psicanálise ao Brasil. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MONTAGNA, P. Psicanálise e psiquiatria. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

OLIVEIRA, C. L. M. V. de. A implantação do movimento psicanalítico na cidade de São Paulo. 2000. Texto debatido em um dos grupos dos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em: www.geocities.com/HotSprings/ Villa/3170/ CarmenLuciaValadares.htm. Acesso em: fev. 2001.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zarrar, 1998. Título original: Dictionnaire de la Psychanalyse.

SAGAWA, R. Y. A história da Sociedade Brasileira de Pisicanálise de São Paulo. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanalise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

SAGAWA, R. Y. A psicanálise pioneira e os pioneiros da psicanálise em São Paulo. In: FIGUEIRA, S. A.(Org.). Cultura da psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SAGAWA, R. Y. Os inconscientes no divã da história. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1989.

SAGAWA, R. Y. Redescobrir as psicanálises. São Paulo: Lemos, 1992.

Raul Albino Pacheco Filho
Mitsuko Aparecida Makino Antunes



RODRIGUÉ, Emilio
(1923-2008)

Psicanalista e escritor argentino de Buenos Aires, radicado em Salvador, Bahia, a partir de 1974. Caçula de família de ascendência francesa, proprietária de engenhos em Tucumán. Ainda estudante de Medicina, inicia análise com Arnaldo Rascovsky, didata da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Pouco antes da formatura, ingressa como candidato na Associação, tendo como contemporâneos alguns dos futuros fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Walderedo Ismael de Oliveira, Alcyon Baer Bahia, Danilo e Marialzira Perestrello. Desentendimentos com seu analista o conduzem a Londres, onde permanece de 1948 a 1952, analisando-se com Paula Heimann. Participa ativamente do movimento kleiniano e, enquanto observador, dos trabalhos grupais de Wilfred Bion, na Clínica Tavistock.

De volta a Buenos Aires, vê-se cercado de grande prestígio, inclusive porque foi chamado a contribuir com um artigo para a New Directions in Psychoanalysis, coletânea comemorativa do septuagésimo aniversário de Melanie Klein. À época (1954/1955), a convite de Adelheid Koch (São Paulo) e Mário Pacheco de Almeida Prado (Rio de Janeiro), viaja ao Brasil para ministrar seminários e supervisões necessários à formação de psicanalistas.

Em 1955, torna-se um dos fundadores da Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo, publicando, em 1957, em coautoria com Marie Langer e Leon Grinberg, Psicoterapia de grupo, livro que influenciou várias gerações de grupalistas. Entusiasmado com Philosophy in a new key, obtém da autora, Suzanne Langer, uma promessa de trabalho de reflexão conjunto e parte para os Estados Unidos, em 1958. Durante quatro anos, atua na Clínica Austen Riggs (em Stockbridge, Massachusetts), experiência acerca da qual publicará Biografía de una comunidad terapéutica (1965), de grande repercussão nos movimentos renovadores em saúde mental.

O seu retorno a Buenos Aires inaugura também uma via de produção literária, incluindo Plenipotencias – coletânea de ficção científica – e Heroína – novela posteriormente transformada em filme. Preside a APA no biênio 1966-1967 e, a partir de então, sua aproximação teórico-política com uma nova geração de analistas críticos o conduz à presidência da Seção Capital Federal da Federação Argentina de Psiquiatras, e a tornar-se um dos didatas a romper com a instituição oficial, enquanto membro do Plataforma Argentino (1971).

Pouco depois, iniciam-se os contatos com a cidade de Salvador, a convite da ex-analisanda Juana Elbein – autora de Os nagô e a morte –, que lhe apresenta o terreiro Axé Opô Afonjá, cenário da obra. Ao mesmo tempo, o psicanalista carioca Carlos Castellar Pinto o aproxima do Núcleo de Estudos Psicoterápicos, grupo cuja formação começará a colaborar, ao lado da então companheira Martha Berlín, mediante laboratórios grupais intensivos, influenciados pelo Psicodrama e pelo Movimento do Potencial Humano. Os vínculos com a cidade se estreitarão a partir de 1974, quando, após a morte de Perón, as ameaças da Aliança Anticomunista Argentina tornam forçoso o exílio de inúmeros plataformistas. Durante os sete anos seguintes, o casal Emilio e Martha viverá seis meses em

Salvador e seis na Espanha, publicando, nesse país, em 1977, o livro El anti-yoyo, posteriormente traduzido no Brasil. A partir da década de 1980, Rodrigué se radicará, definitivamente, na capital baiana, desenvolvendo práticas psicanalíticas renovadoras e uma vasta obra literária, biográfica e autobiográfica.

Seu falecimento, datado de 21 de fevereiro de 2008, ocorrerá nessa mesma cidade e desencadeará inúmeras homenagens. Uma das mais singelas, virá de Michel Plon:

Uma lasca de argentino, uma pitada de britânico, um copo cheio até a borda de baianidade, Emilio Rodrigué era, ele mesmo, um coquetel que jamais barman algum no mundo poderá reproduzir. Ele era o maior psicanalista sul-americano do século passado e tinha esta elegância suprema que consistia em – sabendo disto perfeitamente – não ignorar sua importância, mas fazer como se não soubesse dela.

Em linha análoga, porém questionadora, dirá Gregorio Baremblitt:

Este grande intelectual reiterava insistentemente que ele era psicanalista de tempo integral: que trabalhava como analista, que escrevia como psicanalista e que vivia como analista. Com profundo respeito por essa convicção, me permito questionar de que tipo de psicanálise e de psicanalista se tratava. Penso que era uma psicanálise nômade, que já começava uma prodigiosa mutação, ou que Emilio era muito mais que um psicanalista...e não o sabia.

Publicações

LANGER, M.; GRINBERG, L.; RODRIGUÉ, E. Psicoterapia de grupo. Buenos Aires: Paidós, 1957.

RODRIGUÉ, E. A lição de Ondina. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

RODRIGUÉ, E. A resposta de Heráclito. Buenos Aires: Espacio, 2008.

RODRIGUÉ, E. Biografía de una comunidad terapéutica. Buenos Aires: Eudeba, 1965.

RODRIGUÉ, E. El libro de las separaciones. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

RODRIGUÉ, E. Gigante pela própria natureza. São Paulo: Escuta, 1993.

RODRIGUÉ, E. Heroína. [S.l.: s.n.], [1972].

RODRIGUÉ, E. O paciente das 50.000 horas. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

RODRIGUÉ, E. Ondina, supertramp. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

RODRIGUÉ, E. Plenipotencias. [S.l.: s.n.], [1970].

RODRIGUÉ, E. Separações necessárias – Memórias. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

RODRIGUÉ, E. Sigmund Freud: o século da Psicanálise. São Paulo: Escuta, 1995. 3 v.

RODRIGUÉ, E.; BERLÍN, M. O anti-yoyo. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

Referências

BAREMBLITT, G. Uma Pseudo-Biografia de Emilio Rodrigué. Mnemosine, v. 4, n. 1, p. 205-211, 2008.

PLON, M. Um vieux jeune analyste. Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=04&ordem=8. Acesso em: 27 jun. 2022.

SILVA, M. V. B. A emergência da cultura psicológica na Bahia. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, UBA, Salvador, 1995.

TACCOLA, R. Um transgressor? Psicologia Clínica. v. 19, n. 2, p. 183-188, 2007.

Heliana de Barros Conde Rodrigues



RODRIGUES, Aroldo
(1933-)

Pai de seis filhos com Anna Maria Moog, nasceu e estudou no Rio de Janeiro, onde terminou o segundo grau. Iniciou sua formação universitária na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e, em 1956, obteve dois diplomas de bacharel, um em Direito e outro em Psicologia. Distinguido em 1959 com uma Fulbright Scholarship, iniciou sua formação acadêmica propriamente dita na Universidade de Kansas, nos EUA, em Psicologia social, onde, em 1961, defendeu a dissertação de mestrado em Ações sociais afetivas de crianças e seus pares. Em Kansas, sob a influência de Fritz Heider, inicia sua série de trabalhos sobre a teoria do equilíbrio, com o primeiro deles sobre os efeitos diferenciais de alguns parâmetros de equilíbrio em tríades, publicado em 1965 no Journal of Psychology.

Posteriormente, bolsas do governo brasileiro (1962) e da Pan American Union Fellowship, possibilitam a ida para o doutoramento em Los Angeles onde, na University of California (UCLA), em 1966, com a tese Sobre a psicológica das relações interpessoais, obtém o título de Ph.D. A esses primeiros trabalhos publicados, seguiu-se a autoria de dez livros, mais de 120 artigos publicados em revistas brasileiras e do exterior, participação do conselho editorial de mais de uma dezena de revistas científicas, mais de 50 participações em congressos e encontros científicos com apresentação de trabalho. O primeiro livro, Psicologia social, de 1972, continua influenciando estudantes e formando pesquisadores na Psicologia social experimental, em português e espanhol, ao longo de suas 32 edições sucessivas. Simultaneamente à formação acadêmica, iniciou sua carreira de professor de Psicologia na PUC-RJ como professor assistente em 1957, ali desempenhou funções de diretor do Instituto de Psicologia (1966/1969), alternadamente coordenador do programa de pós-graduação e diretor do Departamento de Psicologia (1970/1978), e professor do departamento até 1979, ano de sua saída da instituição. Discordando da orientação daquela universidade acerca de polêmica sobre aplicação do conceito de liberdade acadêmica, preferiu seguir caminho próprio, guiado por suas convicções.

Lecionou, a partir de então, em outras universidades, destacando-se o primeiro lugar obtido em concurso público para professor titular no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988). Foi secretário executivo eleito (1969) e depois presidente eleito (1975) da Interamerican Society of Psychology, presidente eleito (1970) da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, presidente eleito (1973) e reeleito (1976) da Associação Latino-Americana de Psicologia Social, eleito vice-presidente (1984) e presidente (1986) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. Além de membro honorário, desde 1965, da Alpha Sigma Nu Honor Society, é membro de nove das principais sociedades científicas de Psicologia do Brasil e do exterior. Em 1991, retorna à Los Angeles como Fulbright Fellow para pós-doutoramento na UCLA e, em 1993, muda-se para os Estados Unidos para desempenhar a função de professor de Psicologia na Universidade Estadual da Califórnia, em Fresno. Foi Chefe do Departamento de Psicologia, de 1996 a 2003. Nessa universidade recebeu os

prêmios de Professor do Ano em 1997, em 2000, o Provost Outstanding Faculty Award e, em 2008, o de Professor Emérito. Aposentou-se na Universidade Estadual da Califórnia, em 2013. Em 2012, recebeu o título de Doutor Honoris Causa concedido pela Universidade Federal da Paraíba.

Participou no conselho editorial de revistas científicas como: Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1967); Interpersonal Developmental (1970); Interamerican Journal of Psychology (1973); International Journal of Intercultural Relations (1977); Educação e Realidade (1979); Spanish Language Psychology (1981); Interdisciplinaria (1981); Avances en Psicología Social Experimental (1981); Cuadernos de Psicología (1984); Psicologia: Teoria e Pesquisa (1985); Revista de Psicología Social (1986) e Psicologia & Psicanálise (1990).

Foi muito premiado. Entre os prêmios que recebeu incluem-se: Winner of the Emílio Miro y Lopez Psychological Monographs Contest (1968); Runner-up of the Emílio Odebrecht Foundation Contest on Education Technology (1984) e Interamerican Psychology Award granted by the Interamerican Society of Psychology (1985).

Participou como afiliado em muitas sociedades científicas, entre elas: Member of the American Association for the Advancement of Science (1967); Member of the Brazilian Association of Applied Psychology (1968); Member of the Interamerican Society of Psychology (1969); Member of the Latin American Association of Social Psychology (1973); Member of the International Association of Applied Psychology (1976); Member of the Educational Research Association (1979); Member of the Ribeirão Preto Society of Psychology (1985); Member of the Society for the Psychological Study of Social Issues (1996).

Recebeu as seguintes distinções: Fulbright Scholarship (1959); Pan American Union Fellowship (1960); Brazilian Ministry Scholarship (1962); Teaching Assistantship at UCLA (1962); Research Assistantship at UCLA (1964); Pan American Union Fellowship (1965); Honorary Member – Alpha Sigma Nu Honor Society (1965); Elected Executive Secretary for South America – Interamerican Society of Psychology (1969); Research Grant awarded by the Brazilian Research Council (1976); Research Grant awarded by the American Psychological Association (APA) (1968); Elected Secretary General of the Latin American Committee on Social Psychology (1969); Elected President of the Brazilian Association of Applied Psychology (1970); Elected President of the Latin American Association of Social Psychology (1973); President-Elect of the Interamerican Society of Psychology (1975); Reelected President of the Latin American Association of Social Psychology (1976); President of the Interamerican Society of Psychology (1979); Elected Fellow of the American Psychological Association (APA) (1982); Elected Vice-President of the Brazilian Association of Researchand Graduate Programs (1984); Elected Pres-ident of the Brazilian Association of Research and Graduate Programs (1986); Winner of a public contest for the position of Professor of Psychology at the Federal University of Rio de Janeiro (l988); Post-Doctoral Research Work at UCLA as a Fulbright Fellow (1991); Professor of the Year Award – Department of Psychology, California State University, Fresno (1997) e Provost Outstanding Faculty Award – CSUF (2000); Professor Emérito – CSUF (2008) e Doutor Honoris Causa – UFPb (2012).

Publicações

LEVINE, R.; RODRIGUES, A.; ZELEZNY, L. Journeys in social psychology. New York: Psychology Press, 2009.

REIS, U.; RODRIGUES, A; VIEIRA, E. Educação e produtividade. Rio de Janeiro: Forense, 1985.

RODRIGUES, A. A força do otimismo (...e algumas fraquezas também). Rio de Janeiro: Editora Prospectiva, 2016.

RODRIGUES, A. A pesquisa experimental em psicologia e educação. Petrópolis: Vozes, 1975. (Traduzido para o espanhol e publicado pela Editorial Trillas S/A, Mexico, em 1977. 2. ed. em 1991).

RODRIGUES, A. Affective social actions of children and their peers in communities differing in size. Dissertação (Mestrado) – University of Kansas, 1961.

RODRIGUES, A. Aplicações da psicologia social. Petrópolis: Vozes, 1981. (Traduzido para o espanhol e publicado pela Editorial Trillas S/A, México, l983).

RODRIGUES, A. Estudos em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 1979.

RODRIGUES, A. Medos e preocupações em crianças e adolescentes. Monografia. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1964.

RODRIGUES, A. On the differential effects of some parameters of balance. Journal of Psychology, v. 61, p. 241-250, 1965.

RODRIGUES, A. Precisão ou utilidade? Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 68, p. 9-18.

RODRIGUES, A. Psicologia social para principiantes. Petrópolis: Vozes, 1993.

RODRIGUES, A. Psicologia social. Petrópolis: Vozes. 1972. (Traduzido para o espanhol e publicado pela Editorial Trillas S/A, Mexico, em 1976, 22ª impressão em 2005. A partir da edição de 2000, a obra teve a coautoria de Eveline M. L. Assmar e Bernardo Jablonski).

RODRIGUES, A. The psycho-logic of interpersonal relations. Tese (Dissertation) – University of California, Los Angeles Library and University Microfilms, Ann Arbor, Michigan, l966.

RODRIGUES, A.; LEVINE, R. V. (Ed.). Reflections on 100 years of experimental social psychology. New York, NY: Basic Books, 1999.

RODRIGUES, A.; MALDONADO, I. P. La investigación experimental en las ciencias sociales. Mexico: Ed. Trillas S/A, 1996.

Cilio Rosa Ziviani
Terezinha Féres-Carneiro



ROMERO, Sylvio
(1851-1914)

Nasceu em Lagarto, Sergipe. Em 1863, foi para o Rio de Janeiro, onde fez o curso secundário no Ateneu Fluminense (1863-1867). Mudou-se para Recife, Pernambuco, graduando-se na Escola de Direito (1868-1873).

Foi deputado provincial de Sergipe (1874) e professor de Filosofia do Colégio das Artes da Escola de Direito (1875). Em 1876, foi nomeado juiz municipal da cidade de Parati e, em 1879, voltou para o Rio de Janeiro, onde ocupou a cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II, sendo nomeado professor catedrático do referido colégio em 1880. Em 1896, tornou-se um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e professor catedrático da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Sergipe. Dois anos depois, foi eleito deputado federal por Sergipe, tornando-se relator do Código Civil Brasileiro (1898-1902).

Advogado, historiador e professor, Sylvio Romero contribuiu para a Psicologia Social, principalmente, com a obra História da literatura brasileira (1888). Nela, o autor articula as manifestações políticas, econômicas, artísticas e as criações populares (cantos e contos populares) com uma Psicologia nacional. Para Romero, a Psicologia dos povos seria alguma coisa que o indivíduo por si só não explicava, mas que seria revelada pelo conjunto do povo.

Como características do povo brasileiro, Romero apontava a apatia, a falta de iniciativa e o desânimo, além de uma propensão para esperar, nas relações internas, a iniciativa do poder. Reconhecia no Brasil, de um lado, um povo apático e desanimado e, de outro, uma intelligentsia dependente e reprodutora da cultura europeia. A partir do folclore brasileiro, determinou as principais zonas culturais, segundo os agrupamentos: os habitantes das praias e margens dos grandes rios, os habitantes das matas, os dos sertões e os da cidade (Cantos populares do Brasil, 1883).

Entre as dezenas de livros publicados, ressaltam-se: Contos populares do Brasil (1885); Etnografia brasileira (1888); Ensaios de sociologia e literatura (1901); Quadro sintético da evolução dos gêneros na literatura brasileira (1911); Estudos sociais. O Brasil na primeira década do século XX (1911).

Publicações

ROMERO, S. Cantos populares do Brasil. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1883.

ROMERO, S. Contos populares do Brasil. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1885.

ROMERO, S. Ensaios de sociologia e literatura. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

ROMERO, S. Estudos sociais: o Brasil na primeira década do século XX. Lisboa: Edição da "Mala da Europa", 1911.

ROMERO, S. Etnografia brasileira. Rio de Janeiro: Alves, 1888.

ROMERO, S. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, 1888.

ROMERO, S. Quadro sintético da evolução dos gêneros na literatura brasileira. Porto: Lello & Irmãos, 1911.

Elizabeth de Melo Bomfim



ROSAS, Paulo
(1930-2003)

Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte. A Psicologia e a preocupação com questões sociais sempre nortearam sua vida. Envolvido com atividades estudantis de natureza política e cultural, desde a adolescência em Natal, chega ao Recife, em 1951, para realizar sua graduação. Ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco, concluindo o bacharelado em 1953. Realiza pós-graduação em Psicologia Aplicada e Orientação Profissional, no Instituto de Cultura Hispânica de Madrid, em 1954. Retornando ao Brasil, ampliou seus estudos da Psicologia por meio de leituras e investigações, procurando dirimir as dúvidas quando se encontrava com profissionais mais experientes, como Enzo Azzi, Arrigo Angelini, Pierre Weil e Mira y López.

Em 1956, publica sua primeira obra na área de Psicologia, Leitura, cinema e rádio: seu papel na formação pedagógica e psicológica da adolescência, resultado de uma pesquisa realizada na cadeira de Psicologia da Adolescência, por ele ministrada no curso de Formação de Orientadores Educacionais, mantido pelo Instituto Pernambucano de Estudos Pedagógicos. No mesmo ano, é contratado pela então denominada Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para lecionar a cadeira de Psicologia Educacional, nos cursos de Pedagogia e Didática. Sua atuação na instituição foi marcada pela luta em favor da criação de um Instituto de Psicologia, apresentando a primeira proposta em 1957. Após algumas tentativas, cria-se, finalmente, a Divisão de Psicologia dentro do Instituto de Ciências do Homem – origem do atual Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE – em julho de 1963. Paulo Rosas foi o primeiro coordenador do Instituto, acumulando esse cargo com a de chefia da Divisão de Psicologia.

Em 1964, em vista da situação política do país após o golpe militar, pede exoneração do cargo de diretor do Instituto de Psicologia. No mesmo ano vai para a França, a fim de realizar um estágio de Psicologia Experimental na Universidade de Paris. Sua preocupação com questões sociais o leva a participar, como um dos sócios fundadores e coordenador de pesquisas, do Movimento de Cultura Popular, amplo movimento de alfabetização popular no Recife, dos anos 1960, em que também atuaram Anita Paes Barreto e Paulo Freire. Professor de Filosofia e Psicologia em diversas instituições de nível médio e superior do Recife, Paulo Rosas chefiou o Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia do Recife, entre 1968 e 1973, coordenou a Clínica Psicológica, entre 1971 e 1973, e implantou cursos de pós-graduação na referida instituição. Livre-docente e doutor em História da Psicologia pela UFPE, em 1976, foi também chefe do Departamento de Psicologia da instituição, coordenando os cursos de Especialização e Mestrado em Psicologia da Universidade.

Paulo Rosas incentivou a abertura do mercado para a prática psicológica privada em Pernambuco, como fundador do Instituto de Psicologia do Trabalho em 1964. Em 1971, desligou-se da instituição para dedicar-se exclusivamente à Universidade. Aposentou-se da Universidade Federal de Pernambuco, em 1988, e passou a integrar a direção do Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas.

Faleceu em Recife, em 28 de novembro de 2003.

Publicações

ROSAS, P. Entrevista. Estudos de Psicologia, v. 2, n. 2, p. 313-327, 1997.

ROSAS, P. Entrevista. Psiquê - Jornal do CRP-02, v. 1, n. 2, p. 3, 1999.

ROSAS, P. Leitura, cinema e rádio: seu papel na formação pedagógica e psicológica da adolescência. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco e Instituto Pernambucano de Estudos Pedagógicos, 1956.

ROSAS, P. O catálogo de livros e sua experiência no Recife. Doxa, v. 3, n. 1, p. 40-47, 1957.

ROSAS, P. O Movimento de Cultura Popular - MCP. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1986.

Leila de Andrade Oliveira



ROXO, Henrique de Britto Belford *(1877-1969)*

Henrique de Britto Belford Roxo, natural do Rio de Janeiro. Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1895, tornando-se interno da cátedra de Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas dessa Faculdade, em 1899, ocupada pelo Prof. João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921). Concluiu o curso em 04 de janeiro de 1901, adquirindo o grau de doutor ao defender a tese intitulada Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados, trabalho este, fundamentado na Psicologia experimental de Wilhelm Wundt (1932-1920) e orientado pelo titular da cátedra supracitada.

Foi nomeado assistente da Clínica Psiquiátrica, em 1901, mantendo-se como subordinado de Teixeira Brandão. No período de 1904 a 1907, devido ao afastamento do catedrático e do substituto deste, Prof. Márcio Philaphiano Nery (1865-1911) – ambos impossibilitados de exercerem a função de docente, devido a compromissos políticos – Roxo passou, então, a desempenhar interinamente o cargo de lente substituto, assumindo também a direção do Pavilhão de Observações Clínicas do Hospício Nacional de Alienados (renomeado, em 1927, como Instituto de Psicopatologia – espaço destinado à teoria e a prática da Psiquiatria, administrado pelo catedrático de Clínica Psiquiátrica

da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de acordo com o Decreto nº 1559, de 07/10/1893). Foi nomeado professor substituto efetivo, após a morte de Márcio Nery, em 1911.

Seus primeiros trabalhos acadêmicos, publicados em periódicos científicos, como o Brasil Médico (1899) e a Gazeta Clínica de São Paulo (1903) ou a comunicação pronunciada no 2º Congresso Médico Latino-Americano (1904), foram baseados em investigações originais realizadas junto aos pacientes do Pavilhão de Observações e em dados estatísticos da assistência aos alienados. Como um dos produtos resultantes das aulas por ele ministradas, publicou, em 1906, o seu primeiro livro, Moléstias mentais e nervosas: aulas professadas durante o ano letivo de 1905.

A obra, além de expressar sua relação de discípulo frente a Teixeira Brandão, já marcava sua posição propositiva de leitura do alienismo francês. Neste sentido, ao longo de sua carreira, foi responsável por introduzir na clínica psiquiátrica, estudos sobre o delírio sistematizado crônico, delírio episódico dos degenerados, além de participar ativamente do debate sobre a origem somatogênica ou psicogênica de certas afecções e de estabelecer novas nosologias, como os estados atípicos de degeneração. Introduziu no Pavilhão de Observações/Instituto de Psiquiatria – como também divulgou –, diversas terapêuticas advindas de extratos da flora medicinal para cada uma das doenças mentais.

Foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em 1907. Participou da Comissão, constituída por esta Sociedade, com Carlos Eiras, Afrânio Peixoto e Juliano Moreira, para elaborar a primeira classificação psiquiátrica brasileira, cujo trabalho foi finalizado e divulgado em 1910. Apoiou Gustavo Kohler Riedel (1887-1934) na fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1923.

Assumiu, em definitivo, a cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1921 e, nesse mesmo ano, publicou a sua principal obra: o Manual de Psiquiatria, que foi editada por mais três vezes, em 1925, 1938 e 1946. Na década de 1930, organizou dois livros que apresentavam os trabalhos de professores e assistentes da referida cátedra. Em 1937, devido ao Decreto-Lei nº 24 – que proibia a acumulação de cargos públicos remunerados –, teve que escolher entre a direção do Instituto de Psicopatologia e a função de professor, optando pelo magistério.

No ano seguinte, participou ativamente, junto ao governo de Vargas, da transferência do Instituto de Psicopatologia para a Universidade do Brasil, o que lhe possibilitou fundar o Instituto de Psiquiatria nessa Universidade, projeto gestado a partir das trocas científicas entre a Psiquiatria brasileira e a alemã, desde o início do século XX. Esse estabelecimento de ensino, pesquisa e assistência, foi reorganizado nos moldes do Instituto de Psiquiatria de Munique. No mesmo ano, em 1938, foi eleito presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental. Com o objetivo de divulgar os estudos e pesquisas psiquiátricas realizadas no âmbito do Instituto de Psiquiatria, criou os Anais do Instituto de Psiquiatria, em 1942. Em fins de 1945, aposentou-se ao atingir a idade limite, sendo elevado ao título de professor emérito.

Ao longo de sua trajetória, realizou viagens científicas internacionais, com o objetivo de estudar a prática e o ensino da Psiquiatria. Estabeleceu uma rede ampla com psiquiatras, neurologistas e eugenistas, de diversas partes do mundo. Participou de congressos médicos nacionais e internacionais, como: 2º Congresso Médico Latino-Americano (1904), 4º Congresso Médico Latino-Americano (1909), 17º Congresso Internacional de Medicina – Londres (1913), 1º Conferência Latino-Americano de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal – Buenos Aires (1928), Congresso de Psicologia – New Haven, EUA (1929), 2º Conferência Médica Latino-Americana (1931), 8º Congresso Científico Americano (1940),

Congresso de Endocrinologia - Montevidéo (1941), I Congresso Interamericano de Psicologia – San Domingo, Republica Dominicana (1953). A convite do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, em 1936, realizou conferências na Clínica de Doenças Mentais da Universidade de Paris, na Sociedade Médico Psicológica e na Sociedade de Neurologia, ambas localizadas em Paris. Publicou certa de 138 trabalhos de cunho científico, entre artigos de periódicos, livros e comunicações em eventos científicos.

Publicações

ROXO, H. (Org.). Novidades em doenças mentaes. Rio de Janeiro: Atlantida, 1934. 331 p.

ROXO, H. (Org.). Psicanálise e outros estudos. Rio de Janeiro: Conkson, [193?]. 259 p.

ROXO, H. Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados. Tese (Doutorado). [S.l. : s.n.], 1901.

ROXO, H. Manual de psiquiatria. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1946. 566 p

ROXO, H. Manual de psychiatria. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1925. 778 p.

ROXO, H. Manual de psychiatria. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1938. 887 p.

ROXO, H. Manual de psychiatria. Rio de Janeiro: F. Alves, 1921. 712 p.

ROXO, H. Modernas noções sobre doenças mentaes. Rio de Janeiro: Guanabara, [1924]. 233 p.

ROXO, H. Molestias mentaes e nervosas: aulas professadas durante o anno lectivo de 1905. Rio de Janeiro: [s.n.], 1906. 321 p.

ROXO, H. Tratamento dos nervosos e psychopathas. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1934. 268 p.

Referências

A SESSÃO de hontem da Academia Nacional de Medicina; conferência do Prof. Henrique Roxo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 07, 15, jul. 1936.

ENGEL, M. G. Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios: Rio de Janeiro, 1830-1930. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

FIDALGO, J.G. Henrique Roxo e a medicina mental no Brasil. Rio de Janeiro, 1942.

NEVES DE MUÑOZ, P. F. À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

NEVES DE MUÑOZ, P. F.; FACCHINETTI, C.; DIAS, A. Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria: o Pavilhão de Observações (1894-1930). Memorandum, 20, p. 83-104. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6625 . Acesso em: 26 mar. 2012.

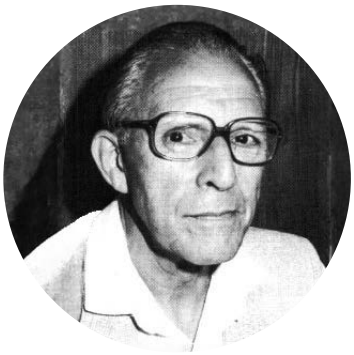
VENÂNCIO, A. T. A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. História, Ciências, Saúde - Manguinhos. v. 10 n. 3, p. 883-900, 2003.

VENANCIO, A. T. A. Os alienados segundo Henrique Roxo: ciência psiquiátrica no Brasil no inicio do século XX. Culturas Psi, v. 1, p. 29-44, 2012. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/896179_a1045263a1cf46a9b24f0631e1cf57c9.pdf . Acesso em: 01 jul. 2013.

VENANCIO, A. T. A.; CARVALHAL, L. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira. In: JACÓ-VILELA, A.; CEREZZO, A.; RODRIGUES, H. (Org.). Clio-Psyché ontem: fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 151-160.

VIDA plena de trabalho em benefício da ciência. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 17 jun. 1945. p. 1, 8.

Cátia Mathias



ROZESTRATEN, Reinier Johannes Antonius *(1924-2008)*

Nasceu em Haia, Holanda. Fez os estudos superiores de Filosofia e Teologia com os frades franciscanos, em Haia. Em 1950, veio para o Brasil para colaborar no Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte. Em 1955, graduou-se em História Natural pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 1956-1957, frequentou o Curso de Especialização em Psicologia Experimental da Aprendizagem, ministrado por André Rey, da Universidade de Genebra, no Instituto Superior de Educação Rural, em Ibirité, Minas Gerais, promovido por Helena Antipoff. No curso, além das teorias, aprendeu a confeccionar aparelhos simples para observações experimentais de laboratório. A convivência com os dois mestres marcou profundamente a sua formação, segundo o seu próprio depoimento. Em 1959, cursou a Especialização em Psiquiatria e Higiene Mental da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais. Obteve o grau de Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1971, com a tese O processo de punição: efeitos de estímulos discriminativos sobre a resistência à extinção na aplicação do estímulo aversivo contingente à resposta em pombos, sob a orientação do Prof. João Cláudio Todorov. Entre 1979 e 1980, realizou pós-doutorado no Laboratoire de Psychologie de la Conduite, ONSER (INRETS), na França, estudando a percepção no trânsito.

Em 1957, tornou-se professor de Psicologia da Aprendizagem no Curso de Pedagogia da UFMG, onde ajudou a instalar o Laboratório de Psicologia. Em 1959, foi convidado a dirigir o recém-criado Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), onde implantou o Laboratório de Psicologia. Entre 1960 e 1961, retornou à Europa, tendo visitado laboratórios de Psicologia em diversas universidades na Itália, França, Suíça e Holanda. Na volta ao Brasil, reassumiu as funções no Instituto de Psicologia da PUC Minas, onde permaneceu até 1968. Nessa posição, implantou e dirigiu os Serviços de Psicologia do Instituto de Psicologia (SIPUC), unidade encarregada da prestação de serviços à comunidade e de treinamento dos estudantes nas práticas psicológicas, e lecionou disciplinas nas áreas da História da Psicologia e Psicologia Geral e Experimental. Na mesma época, entre 1957 e 1969, foi professor de Psicologia Experimental, Psicologia Educacional e Psicofisiologia no Departamento de Psicologia da UFMG. Em 1968, transferiu-se para Salvador, na Bahia, onde trabalhou no Instituto de Psicologia do Irmão Dubois. No ano seguinte (1969), foi para Brasília, onde colaborou na criação do Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia do Centro de Ensino Universitário de Brasília (CEUB). Em 1970, foi contratado como professor pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, posteriormente incorporada à Universidade de São Paulo, e lá montou um Laboratório de Psicofísica e Psicologia Sensorial, além de um espaço para o estudo da percepção em campo aberto. Iniciou então as pesquisas em Psicologia da Percepção e Psicologia do Trânsito, amplamente reconhecidas nacional e internacionalmente.

Entre 1971 e 1973, foi presidente da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (Sociedade Brasileira de Psicologia, a partir de 1991). Tornou-

se livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP) em 1978, com a tese Estudos psicofísicos da percepção visual espacial em pequena e grande escala. Entre 1982 e 1984, licenciou-se da USP e tornou-se professor da Universidade Federal de Uberlândia, onde criou o Núcleo de Pesquisas em Psicologia do Trânsito. Em 1987, tornou-se professor titular de Psicofísica, Percepção e Psicologia do Trânsito na Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, tendo colaborado no ensino de pós-graduação em Psicobiologia. Foi presidente da Abergo, entre 1986 e 1987. Entre 1995 e 2000, foi professor visitante na Universidade Federal do Pará, onde coordenou o Curso de Mestrado Interinstitucional em Psicologia Clínica, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e ministrou diversas disciplinas de graduação e pós-graduação nas áreas da Psicofísica, Ergonomia, Percepção e Psicologia do Trânsito. A partir de agosto de 2000, passou a lecionar nos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde organizou o Laboratório de Psicofísica e Psicologia Cognitiva.

Ao longo de sua longa e produtiva carreira como docente e pesquisador em Psicologia, Rozenstraten publicou inúmeros trabalhos nas áreas da Psicologia Experimental, Psicologia da Aprendizagem e Psicologia do Trânsito, em periódicos nacionais e internacionais, como Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Ciência e Cultura, Psicologia, Ciência e Profissão, L'Année Psychologique, Le Travail Humain, Psicologia: Teoria e Pesquisa, entre outros. Publicou ainda, diversos livros na área da Psicologia do Trânsito, que incluem estudos científicos e trabalhos de educação para o trânsito dirigidos ao público leigo, idosos, professores e estudantes de 1º grau. Em 1976, obteve o Prêmio Emílio Mira y López, outorgado pelo Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro. Tornou-se titular da cadeira 34 da Academia Paulista de Psicologia, em 1982. Em 1989, foi premiado na área de Psicologia e Segurança do Trânsito no I Congresso Nacional de Segurança Viária, por seus trabalhos técnicos em Psicologia do trânsito, especialmente o livro Psicologia do Trânsito (1988). Posteriormente, trabalhou na elaboração de um curso para educadores do trânsito, destinado a professores do ensino fundamental, a ser ministrado a distância, a convite do Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faleceu em 2008.

Publicações

BIOGRAFIA: Reinier Johannes Antonius Rozestraten. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 20, n. 4, p. 89, 2000.

ROZESTRATEN, R. J. A. A dependência-independência de campo e o comportamento do motorista em situações específicas do trânsito. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 28-43, 1982.

ROZESTRATEN, R. J. A. Aprendizagem e comportamento no trânsito. In: WITTER, G. P.; LOMÔNACO, J. F. (Org.). Psicologia da aprendizagem: áreas de aplicação. São Paulo, 1987.

ROZESTRATEN, R. J. A. Educação para o trânsito, primeiro grau. Belém: Companhia de Transporte Municipal de Belém, 1997. 4 v.

ROZESTRATEN, R. J. A. Educational levels and field dependent/field independent perceptual style. Bulletin of Psychonomic Society, v. 26, n. 2, p. 212-123, 1988.

ROZESTRATEN, R. J. A. Envelhecimento, mobilidade e participação no trânsito. In: NERI, A. L. (Org.). Qualidade de vida e idade madura. Campinas: Papirus, 1993.

ROZESTRATEN, R. J. A. Estudos psicofísicos da percepção visual espacial em pequena e grande escala. Tese (Livre-docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

ROZESTRATEN, R. J. A. Guia internacional de pesquisas em psicologia do trânsito. Uberlândia: Editora da Universidade de Uberlândia, 1983.

ROZESTRATEN, R. J. A. Les mouvements des yeux et les mésures de dépendance-indépendance du champ. L'Année Psychologique, Paris, v. 81, p. 511-534, 1981.

ROZESTRATEN, R. J. A. Manual de trânsito para a terceira idade. Campo Grande: Detran/MS, 1998.

ROZESTRATEN, R. J. A. Manual para agentes multiplicadores de educação para o trânsito nos quatro primeiros anos do primeiro grau. Belém: Companhia de Transporte Municipal de Belém, 1997.

ROZESTRATEN, R. J. A. O processo de punição: efeitos de estímulos discriminativos sobre a resistência à extinção na aplicação do estímulo aversivo contingente à resposta em pombos. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 1971.

ROZESTRATEN, R. J. A. Psicologia do trânsito. São Paulo: EPU/Edusp, 1988.

ROZESTRATEN, R. J. A.; GÜNTHER, H. Psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 9, n. 1, p. 107-122, 1993.

Referências

A DIRETORIA. Obituário: Reinier Johannes Antonius Rozestraten (07/02/1924-27/06/2008). Boletim [da] Academia Paulista de Psicologia. São Paulo, v. 28, n. 2, p. 304-306, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200020. Acesso em: 15 dez. 2015.

ROZESTRATEN, R. J. A. Curriculum vitae. Belém, 2000.

Regina Helena de Freitas Campos



RUDOLFER, Noemy da Silveira *(1902-1988)*

Paulista de Santa Rita do Viterbo, foi aluna e colega de Lourenço Filho na Escola Normal Padre Anchieta, sendo depois convidada por ele para vários cargos públicos. Em 1927, realiza cursos de formação no Teachers College da Columbia University, quando, segundo relatos de Anita Cabral, teve a oportunidade de conhecer as ideias de Dewey, Kilpatrick e Walker, que posteriormente divulga no Brasil. Divulga também estudos dos seguintes autores ligados à Psicologia Educacional: Thorndike e Gates – Estudo comparativo das teorias da aprendizagem com ênfase no conexionismo; Gesell e Bühler – Psicologia da criança, Psicologia da adolescência; Holingworth e Cole – Psicologia das diferenças individuais.

Lourenço Filho a convida, em 1931, para chefiar o Serviço de Psicologia Aplicada da Diretoria Geral do Ensino do Estado de São Paulo e, em 1932, para assumir a Cátedra de Psicologia Educacional e o Laboratório de Psicologia Educacional, ambos pertencentes a então Escola Normal Caetano de Campos. O laboratório, nesse momento, dispunha de 17 funcionários e subdividia-se em quatro seções principais: Medidas mentais, Medida do trabalho escolar, Orientação e Estatística. Durante 10 anos funcionou ativamente e, entre outras coisas, serviu como possibilidade de desenvolvimento de atividades práticas para os alu-

nos estagiários. Em 1935, é nomeada professora de Psicologia do Instituto Caetano de Campos, incorporado à Universidade de São Paulo, onde permanece até 1954, quando é substituída por Arrigo Leonardo Angelini, convidado para ser seu assistente em 1948.

Em 1936, defende sua tese de cátedra, A evolução da psicologia educacional através de um histórico da psicologia moderna. Em 1938, publica um livro cuja primeira edição tem o mesmo título de sua tese. No prefácio, a autora esclarece que teve a intenção de fazer uma revisão da história da Psicologia, incluindo a evolução da Psicologia educacional, dada a escassa bibliografia existente no período. Considera também que as inúmeras perspectivas existentes poderiam confundir o aluno de Psicologia. Em 1960, na segunda edição, o título é modificado para Introdução à psicologia educacional. A grande modificação introduzida é o capítulo final, no qual inclui cinco modernas teorias de aprendizagem: a teoria dos estímulos, de E. R. Guthrie; a teoria do condicionamento, de Clark Hull; a teoria de campo, de Kurt Lewin; a teoria organísmica da aprendizagem, de Wheeler; e a teoria da aprendizagem com um propósito e o comportamento molar de Tolman.

Foi presidente do 1º Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Medicina Legal e Criminologia, realizado em São Paulo, em julho de 1938. Segundo depoimento de Anita Cabral (1950), Noemy, seguindo os passos de Thorndike, que se aproximou da Gestalt, passa a dar mais atenção ao desenvolvimento da personalidade infantil, aos testes projetivos, aproximando-se mais da Psicologia clínica e da Psicanálise. Em 1950, muda-se para o Rio de Janeiro e passa a trabalhar no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), dedicando-se mais à clínica e à Psicanálise. Uma palestra sua publicada na íntegra no Boletim de Psicologia: Da legitimidade da função do psicólogo clínico e das clínicas psicológicas, comprova essa mudança. Outros três artigos que também publicou, na década de 1950, no Boletim de Psicologia demonstram essa tendência. Os títulos são: Os motivos profundos no desenho infantil; Psicologia profunda das manifestações artísticas e Critérios em uso na moderna psicologia.

Em 1961, é eleita para a primeira diretoria da Sociedade Paulista de Psicoterapia e Psicologia de grupo, dedicando-se à clínica psicanalítica até o ano de sua morte.

Publicações

RUDOLFER, N. da S. A evolução da psicologia educacional através de um histórico da psicologia moderna. São Paulo: Ed. Nacional, 1938.

RUDOLFER, N. da S. A teoria talâmica das emoções de Danna Cannon e a teoria psicanalítica das emoções de Freud. In: CONGRESSO Brasileiro de Psicanálise, 6, 1977, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 1977.

RUDOLFER, N. da S. Critérios em uso na moderna psicologia. Boletim de Psicologia, ano VII, v. 6/7, p. 21-24, 45-53, set/dez. 1995; mar. 1956.

RUDOLFER, N. da S. Da legitimidade da função do psicólogo clínico e das clínicas psicológicas. Boletim de Psicologia, ano IV, v. 3/4, p. 14-17, 1952-1953.

RUDOLFER, N. da S. Introdução à psicologia educacional. São Paulo: Ed. Nacional, 1960.

RUDOLFER, N. da S. Os motivos profundos no desenho infantil. Boletim de Psicologia, ano VII - VIII, v. 25/27, p. 17-30, set/dez., 1955; mar. 1956.

RUDOLFER, N. da S. Psicologia profunda das manifestações artísticas. Boletim de Psicologia, v. 10, n. 35/36, p. 84-94, jan./dez. 1958.

Referências

BONOW, I. W. Atualidade de Lourenço Filho na psicologia. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 23, n. 3, jul./set. 1971.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Boletim de Psicologia da FFCL USP, n. 3, 1950.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. A psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, dez. 1979. Edição especial.

GINSBERG, A. Os primeiros congressos brasileiros de psicologia e a participação de psicólogos brasileiros nos congressos internacionais. Boletim de Psicologia, v. 26, n. 69, dez. 1975.

PESSOTTI, I . Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, v. 1, n. 1, maio 1975.

WITTER, G. P. Entrevista com Arrigo Leonardo Angelini. Psicologia Escolar e Educacional - Abrapee, v. 2, n. 1, 1° sem. 1998.

WITTER, G. P. Primeiras dissertações/teses em psicologia escolar educacional da Universidade de São Paulo. Psicologia Escolar e Educacional, v. 2, n. 1, 1° sem. 1998.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista

SANTA GELTRUDES, Frei Policarpo Queiroz de *(? - ?)*

Monge beneditino e professor do Seminário de São Joaquim, no Rio de Janeiro, por volta de 1830. Continuou a lecionar Filosofia quando o Seminário foi transformado em Imperial Colégio Pedro II, por decreto de 31 de janeiro de 1838. Orientou a redação e a discussão junto ao Imperial Seminário de São Joaquim, em 1830, das Theses philosophicas sobre a psychologia do homem, redigidas pelos alunos José de Sequeira Queiroz, José J. Pereira e Antônio Máximo do Couto.

A posição filosófica defendida pelo monge e seus discípulos era a do Sensualismo francês de Condillac, o que lhes valeu, com outros companheiros de mosteiro, Frei Paulo e Frei Saturnino, a acusação de materialistas, feita por Santiago Nunes Ribeiro, num artigo publicado em 1844, na revista Minerva Brasiliense (Ribeiro, 1844).

Para Ribeiro, esses monges seguiam o mecanicismo filosófico, identificando o método analítico da Psicologia e da Lógica, com os procedimentos de análise utilizados na Química e na Física. Tal exemplo seria muito danoso para a juventude e os leigos. Ribeiro convida os filósofos beneditinos a assumir uma posição mais coerente com o seu credo religioso. A Igreja Católica já se tinha pronunciado contra as teorias sensistas, pela voz de Monsenhor Candolini, da Propaganda Fidei. Esse depoimento documenta as ambiguidades da posição teológica e filosófica do catolicismo brasileiro, ao longo do século XIX.

As Theses de Psychologia abordam, na discussão de 1830, a natureza da alma humana; as sensações e as ideias; a consciência; o prazer e a dor; desejos, volição e liberdade; a moralidade do homem. A sensação é definida como "modificação da alma sempre precedida pelo

movimento nos órgãos, excitados pela ação dos corpos" (Santa Geltrudes, 1830, p. 2). A função do "psychologista" seria conhecer os "fenômenos da inteligência" (Santa Geltrudes,1830, p. 1), por contraposição ao "phisiologista", que se ocupa do estudo do corpo humano.

Publicações

SANTA GELTRUDES, Fr. P. Q. de. et al. Theses filosóficas sobre a psychologia do homem, as quais se propõem defender em público no Impérial Seminário de São Joaquim. Rio de Janeiro: Tipografia da Astréa, 1830.

Referências

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

RIBEIRO, S. N. Concurso à cadeira de philosophia. Minerva Brasiliense, Rio de Janeiro, v. 2, n. 18/21, p. 643-, 1844.

Marina Massimi



SANTIAGO SOBRINHO, Manuel Varela *(1885-1977)*

Natural de Touros – Rio Grande do Norte, estudou no Ateneu Norte-Riograndense e concluiu o curso de Medicina no Rio de Janeiro, com a tese intitulada Estado clínico das paralisias conseqüentes à sífilis cerebral, defendida em 1910. Estudou também em Paris e em Lausanne, na Suíça, especializando-se em Saúde da mulher e da criança.

De volta a Natal, tornou-se o primeiro diretor do Hospital de Alienados. Criou as seguintes instituições: Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio Grande do Norte, Educandário Oswaldo Cruz, Jardim de Infância do Educandário Oswaldo Cruz, Instituto de Puericultura da Escola Doméstica, Centro Pedagógico da Escola Doméstica. No seu curso de Puericultura, ministrado na Escola Doméstica de Natal, Varela Santiago introduz, em 1919, pela primeira vez em Natal, o estudo da Psicologia Experimental aplicada à educação infantil. As alunas do quinto ano da Escola Doméstica desenvolviam aulas práticas de cuidados com crianças que tinham entre dois e cinco anos, o que permitia que se observasse a "evolução físico-psiquica" e se aprendesse o que a Ciência ensinava sobre esse assunto, conforme descreve um relatório da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte,

instituição mantenedora da Escola Doméstica, publicado em 1927.

Publicações

SANTIAGO SOBRINHO, M. V. Estado clínico das paralisias conseqüentes à sífilis cerebral. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1909.

Referências

BARROS, E. D. Uma escola suíça nos trópicos. Natal: Offset, 2000.

CARVALHO, D. B. de. A cidade e a alma reinventadas: a história da psicologia como signo e vetor da modernização urbana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MEDEIROS FILHO, J. Contribuição à história intelectual do Rio Grande do Norte. Natal: Academia Norte-Riograndense de Letras, 1983.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE. Manuel Varela Santiago Sobrinho. Natal: [s.n.], [s.d.].

RODRIGUES, A. G. Educar para o lar, educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

Denis Barros de Carvalho



SANTOS, Oswaldo de Barros *(1918-1998)*

Natural de São Paulo, realizou o curso normal na Escola Caetano de Campos. Continuou os estudos no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (USP), formando-se em 1936. Em 1939, graduou-se na Escola Superior de Educação Física e, em 1950, no curso de Pedagogia da USP. Em seguida, fez um curso de aperfeiçoamento com Henri Piéron no Institut d'Études du Travail et d'Orientation Professionnelle, em Paris. Fez cursos de pós-graduação na área clínica na Florida State University (1956) e na Columbia University (1957). Entre 1950 e 1970, fez estágios na Suíça, Bélgica, Japão, Inglaterra, Portugal, França e Itália.

Iniciou sua vida profissional como professor primário e trabalhou em empresas comerciais. Interessado pela Psicotécnica e pela Orientação profissional, passou a atuar nessa área. Ingressou, em 1937, no Gabinete Psicotécnico da Escola Técnica Getúlio Vargas, tendo dirigido esse serviço de 1938 a 1942. Trabalhou no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), com pesquisas sobre testes de Inteligência e Aptidões, e foi Chefe do Serviço de Psicologia e Orientação Profissional. De 1945 a 1947, foi chefe do Serviço de Pesquisa e Orientação Educacional do Departamento de Ensino Profissional do Estado de São Paulo. Também trabalhou nos gabinetes de Psicotécnica da Companhia Metropolitana de

Transportes (CMTC); Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP). Criou, a partir de suas experiências nessa área, um teste de inteligência, o AG-3, que foi usado principalmente no SENAI.

Na década de 1950, participou de reuniões da Sociedade de Psicologia de São Paulo para discutir questões da regulamentação da profissão.

Atuou como professor nas seguintes instituições de ensino superior: Instituto de Psicologia da USP, onde iniciou o serviço de Aconselhamento Psicológico; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), tendo colaborado com a organização da clínica psicológica; PUC-Campinas; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) Sedes Sapientiae, onde ofereceu o primeiro curso de Terapia Rogeriana; Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e Metodista; Faculdade de Saúde Pública; Instituto de Serviço Social.

As experiências com orientação e suas reflexões sobre aconselhamento e terapia, marcam um segundo período de sua vida, quando passa a trabalhar e a pesquisar mais nessa área. Em 1970, defende tese de doutoramento no Instituto de Psicologia da USP, intitulada Contribuição aos métodos de aconselhamento psicológico e de psicoterapia. Nesse trabalho, compara os efeitos terapêuticos de duas técnicas de aconselhamento: a técnica rogeriana, centrada no cliente, e a técnica com base comportamentalista, baseada no problema. Em 1975, em sua clínica particular, inicia um trabalho de aconselhamento psicológico, numa perspectiva rogeriana, atividade que desenvolveu até falecer.

Ainda nessa década (1970), passa a se interessar pelo desenvolvimento humano, o que o leva a se engajar em atividades ligadas à superdotação. Inicialmente, participa de uma pesquisa para identificação de superdotados e estudos de seu comportamento (1983-85) e, posteriormente, de um programa de "captação de talentos" (1986), realizado em parceria com a Universidade de Campinas (UNICAMP). Paralelamente, participa da organização da Associação Brasileira para Superdotados. Colabora na criação e no desenvolvimento das seguintes sociedades de Psicologia: Associação Profissional dos Psicólogos do Estado de São Paulo, posteriormente Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo; Sociedade de Psicologia de São Paulo; Associação Brasileira de Psicologia Aplicada; Associação Brasileira de Psicólogos; Academia Paulista de Psicologia. Foi membro do Conselho Federal de Psicologia, de 1974 a 1976, e da Comissão de Normas e Procedimentos de Avaliação Psicológica do Conselho Regional de Psicologia 6ª Região (CRP6), de 1994 a 1996.

Ao longo de sua vida, os focos de estudo concentraram-se em quatro áreas: Psicometria, Orientação Profissional, Terapia Rogeriana e Superdotados. Essas áreas, de certa forma, reproduzem um percurso proposto pelo autor para explicitar as transformações da Psicologia, mostrando que, inicialmente, foram priorizadas as técnicas diagnósticas e, posteriormente, a preocupação com a solução dos problemas através dos processos de orientação, aconselhamento e terapia.

Publicações

SANTOS, O. de B. (Org.). Superdotados: quem são, onde estão? São Paulo: Pioneira, 1988.

SANTOS, O. de B. Aconselhamento psicológico e psicoterapia. São Paulo: Pioneira, 1982.

SANTOS, O. de B. Aplicações da psicotécnica ao ensino industrial. São Paulo: Escola Técnica Getúlio Vargas, 1943.

SANTOS, O. de B. Aspectos da orientação e seleção profissional na Europa. Boletim de Psicologia, n. 5/6/7, p. 50-54, 1951.

SANTOS, O. de B. Contribuição aos métodos de aconselhamento psicológico e de psicoterapia. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970.

SANTOS, O. de B. Contribuições da psicologia à higiene mental no trabalho. Boletim de Psicologia, n. 39/40, p. 23-37, 1960.

SANTOS, O. de B. Manual de trabalho dos orientadores de educação do ensino industrial. São Paulo: Departamento de Ensino Profissional, 1964.

SANTOS, O. de B. Orientação e desenvolvimento do potencial humano. São Paulo: Pioneira, 1978.

SANTOS, O. de B. Orientação profissional dos aprendizes das escolas profissionais de São Paulo. In: CONGRESSO de Psicologia, 1., 1938, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n.], 1938.

SANTOS, O. de B. Principais atribuições de um psicólogo na indústria. In: DEVISATI, A. Problemas psicológicos da industrialização. São Paulo: Serviço de Publicações da Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo,1959.

SANTOS, O. de B. Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional. São Paulo: Pioneira,1963.

SANTOS, O. de B. Psicologia aplicada à seleção e orientação profissional. São Paulo: Pioneira, 1973.

SANTOS, O. de B. Teorias e técnicas de Carl Rogers. Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 34, p. 170-185, 1968.

SANTOS, O. de B. Variações nas técnicas de aconselhamento psicológico. Boletim de Psicologia, n. 64, p. 21-26, 1964.

Referências

ALVES, I. C. B. Oswaldo de Barros Santos. Informativo da Sociedade de Psicologia de São Paulo, v. 3, n. 3, jul./set. 1998.

ANGELINI, A. L. Homenagem a Oswaldo de Barros Santos. São Paulo, 20 nov. 1998. Discurso proferido na Academia Paulista de Psicologia.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Boletim de Psicologia da Universidade de São Paulo, v. 19, n. 3, p. 9-51, 1950.

CIÊNCIA e profissão: a psicologia no Brasil. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, dez. 1979. Edição Especial.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 06. Uma profissão chamada psicologia. São Paulo, 1994. CRP-06, 20 anos.

PFROMM NETTO, S. Oswaldo de Barros Santos. São Paulo: CIANET, 1998.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista



SANTOS, Theobaldo Miranda *(1904-1971)*

Nasceu na cidade de Campos, no Estado do Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1904. Após frequentar o Liceu de Humanidades e a Escola Normal Oficial, formou-se em Odontologia e Farmácia no Colégio Grambery, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Foi professor da Escola Normal e do Liceu de Humanidades de sua cidade. Em 1938, tornou-se catedrático de História e Filosofia da Educação da Universidade do Rio de Janeiro e, em 1940, da Faculdade de Filosofia da que seria depois, Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro. Com vasta influência política, foi nomeado secretário Geral de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro por duas vezes, em caráter interino.

Theobaldo Miranda Santos escreveu cerca de 150 obras sobre os mais variados assuntos, especialmente questões voltadas à Psicologia, Educação e Filosofia. Intelectual e poliglota, era leitor e crítico de diversos autores brasileiros e estrangeiros. Inspirava-se nas obras de mestres como Tristão de Athayde e Lourenço Filho. Santos também colaborou com a revista católica A Ordem, escrevendo sobre os mais diversos assuntos. Nessa revista, produziu uma série de textos tratando da questão do sonho e de sua gênese, com uma abordagem psicológica e filosófica. Criticou teorias de sua época que estudavam o sonho e desenvolveu a de que fatores psicológicos seriam responsáveis pela gênese nos processos fantasiosos do sonho, não os fatores fisiológicos. Dessa forma, o sonho se constituiria enquanto função psíquica, não sendo uma simples reação orgânica.

Também organizou as coleções Curso de Filosofia e Ciências, da qual constam diversos manuais, como o seu Manual de psicologia, publicado em 1965, e a coleção Curso de psicologia e pedagogia, que inclui títulos de sua autoria, como: Noções de psicologia da educação; Orientação psicológica da criança; Noções de psicologia da criança; Noções de psicologia da aprendizagem; Noções de psicologia aplicada ou da personalidade; Noções de psicologia experimental. Publicou também os livros O sonho, a criança e os contos de fadas e Psicotécnica: orientação profissional, seleção profissional, organização do trabalho, organização da educação, técnica da propaganda, medidas.

Theobaldo Miranda Santos definia a Psicologia como ciência da vida psíquica, ciência da alma. Considerava que havia apenas uma Psicologia, e, mesmo com as divergências doutrinárias acerca da natureza dos processos psíquicos, julgava que os fatos e a sua existência constituíam a essência de todas as abordagens e, portanto, sobre eles não haveria discussão.

Uma grande parte da produção de Santos sobre a Psicologia se destinava à formação docente, com o objetivo de usar a Psicologia enquanto uma ferramenta para compreensão do ser humano e sua formação, desenvolvimento e aprendizagem. Assim, algumas de suas obras eram utilizadas nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação, as quais focavam no estudo da infância e da natureza psíquica, deste período, pelo crescente interesse da Psicologia, da época, nos problemas educacionais. Sempre sob o viés do pensamento católico, analisava as Ciências humanas como um todo de uma forma a aplicá-las à Pedagogia.

De uma forma didática, diversas obras do autor compilavam as principais teorias, ideias e tendências da Psicologia da época, de forma a torná-las mais facilmente compreensíveis. Apresentava os consensos e discordâncias que existiam entre as vertentes. Nesse processo, também as interpretava e, algumas vezes, dependendo do objetivo da obra, tecia críticas ou concordâncias com suas características.

Nas ideias pedagógicas de Santos, se encontra presente a renovação educacional defendida pelo escolanovismo, embora discordasse do laicismo presente no movimento. Neste viés, no sentido psicológico, entendia a criança enquanto um sujeito no processo educacional. Suas opiniões sobre o desenvolvimento e a criança seguiam as defendidas por Piaget, um dos vários autores que estudava e citava.

Publicações

SANTOS, T. M. Curso de psicologia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

SANTOS, T. M. Manual de psicologia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

SANTOS, T. M. Noções de psicologia aplicada ou da personalidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

SANTOS, T. M. Noções de psicologia da aprendizagem. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

SANTOS, T. M. Noções de psicologia da criança. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.

SANTOS, T. M. Noções de psicologia do adolescente. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SANTOS, T. M. Noções de psicologia educacional. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

SANTOS, T. M. Noções de psicologia experimental. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

SANTOS, T. M. O sonho, a criança e os contos de fadas. São Paulo: Editora Panorama, 1940.

SANTOS, T. M. Orientação psicológica da criança. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

SANTOS, T. M. Psicologia do sonho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SANTOS, T. M. Psicotécnica: orientação profissional, seleção profissional, organização do trabalho, organização da educação, técnica da propaganda, medidas. Rio de Janeiro: Editora Editec, 1948.

Referências

SILVA, R. F. da. Filosofia da educação: grandes problemas da pedagogia moderna, de Theobaldo Miranda Santos: um estudo sobre manuais de ensino. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciencias e Letras, São Paulo, 2014.

SILVA, V. J. da. Os saberes docentes católicos expressos por Theobaldo Miranda Santos nas páginas da revista A Ordem: 1935-1944. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SOUZA, R. A. Noções de psicologia da criança: estudo sobre um manual didático de Theobaldo Miranda Santos. In: CONGRESSO Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá. Anais... Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. p. 1-15.

Ana Camilla de Oliveira Baldanzi
Ana Maria Jacó-Vilela

SCHEFFER, Ruth Nobre
(1923-2008)

Natural de Recife, Pernambuco. Licenciada em Filosofia pela Universidade Santa Úrsula, obteve o Master of Arts em Psicologia Educacional, pelo Teachers College da Universidade de Colúmbia, em 1951, e o título de livre-docente e de doutor em Orientação Educacional, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1975. Contemplada com bolsas de estudo de especialização e aperfeiçoamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação Ford, da United States Agency for International Development (USAID) e do British Council, completou sua formação em cursos e estágios na área de aconselhamento e testes psicológicos.

Caracterizou-se por uma atuação inovadora e pela divulgação acadêmica das teorias de aconselhamento, sobretudo a de Carl Rogers e a da maturidade vocacional. Suas publicações são reconhecidas nacional e internacionalmente.

Dada sua constante preocupação com a qualidade de recursos humanos, nesse campo, lecionou em várias universidades do Brasil, instalou o primeiro gabinete de assistência, orientação e aconselhamento ao estudante universitário na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua liderança profissional levou-a a organizar, em 1951, no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a Divisão de Orientação Profissional, os cursos de Aconselhamento e a revista Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, depois denominada Psicologia Aplicada; implementou e coordenou o Centro de Estudos e Pesquisas Psicológicas, conveniado com a Fundação Ford e a USAID, pioneiro na elaboração de testes de desenvolvimento educacional e de treinamento de especialistas.

Exerceu vários cargos no ISOP: chefe da Divisão de Orientação de Adultos, diretora da revista e do Conselho Técnico, diretora do ISOP, membro da Diretoria da Associação de Psicologia Aplicada (além de sócia das Sociedades Internacional e Interamericana de Psicologia). Colaborou, ainda, com o Centro de Orientação Juvenil, o Centro de Ensino das Forças Armadas e a Escola Brasileira de Administração da FGV.

Participou de várias bancas examinadoras de concursos de livre-docência e de mestrado, em diversas universidades, nas quais orientou várias teses em cursos de pós-graduação. Realizou pesquisas de campo, divulgadas em congressos nacionais e internacionais nos Estados Unidos, no Canadá e na Alemanha. Lutou pelo reconhecimento da profissão de Psicólogo e pela legalização dos cursos de Psicologia, integrando a comissão dos anteprojetos dos anos 1950, 1958 e 1959, e participando do movimento em prol da valorização da profissão junto aos políticos e entidades governamentais, até a promulgação da lei que reconheceu a profissão de Psicólogo.

Publicações

SCHEFFER, R. N. Aconselhamento psicológico. São Paulo: Atlas, 1964.

SCHEFFER, R. N. Atuais diretrizes da orientação profissional. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 18, n. 1, 1966.

SCHEFFER, R. N. Critérios e demais fatores que influem no aconselhamento profissional. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 18, n. 1, 1966.

SCHEFFER, R. N. Desenvolvimento de um instrumento brasileiro de maturidade vocacional baseado nas dimensões de Super e Crites. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 31, n. 4, 1979.

SCHEFFER, R. N. Dois aspectos do comportamento vocacional: escolha e maturidade. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 25, n. 4, 1974.

SCHEFFER, R. N. Introdução aos testes psicológicos. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1962.

SCHEFFER, R. N. Teoria de Carl Rogers sobre a personalidade e comportamento. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 12, n. 3, 1960.

SCHEFFER, R. N. Teorias do aconselhamento. São Paulo: Atlas, 1976.

Maria Helena Novaes Mira



SCHNEIDER, Eliezer *(1916-1998)*

Nascido no Rio de Janeiro, bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, em 1939, Eliezer Schneider interessou-se pela Psicologia através do Direito Penal e da Medicina Legal. Aprovado em concurso público em 1941, passou a atuar como Técnico de Assuntos Educacionais no Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil. Em 1947, recebeu o título de Mestre em Psicologia pela Iowa University onde, orientado por Gustav Bergman, defendeu tese sobre as teorias emergentistas da personalidade. Com isto, tornou-se um dos primeiros brasileiros com instrução formal em Psicologia.

Trabalhou em Porto Alegre, nos anos de 1953 e 1954, como professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e como psicotécnico do Departamento de Estradas de Rodagem/RS e, retornando ao Rio de Janeiro, continuou no Instituto de Psicologia, tornando-se Diretor do Colégio Hebreu Brasileiro e psicólogo do Manicômio Judiciário (vindo com isso, mais tarde, a participar do Conselho Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro).

Criou e participou dos momentos iniciais de diversos cursos de graduação em Psicologia no Rio de Janeiro, assim como também participou da primeira comissão visando à regulamenta-

ção da profissão e dos cursos, na década de 1950. Com essa constante atividade de docência, foi Professor Titular em disciplinas variadas – com ênfase principal em Psicologia Social – das diferentes instituições em que colaborou: Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Educação da UFRJ, Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE), Universidade Santa Úrsula e Universidade Gama Filho.

Presente nessas instituições ligadas ao campo da Psicologia, exerceu diferentes funções: na UFRJ, foi Diretor do Instituto de Psicologia, Chefe do Departamento de Psicologia Social e Trabalho, participou do Curso de Pós-Graduação e recebeu o título de Professor Emérito, em 1988; na UERJ, atuou como Diretor do Instituto de Psicologia e Comunicação Social, foi Chefe do Departamento de Psicologia na Faculdade de Filosofia na extinta UEG, criou o Curso de Especialização em Psicologia Jurídica e, posteriormente, participou do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa; na FAHUPE, foi Chefe do Departamento de Psicologia; na Universidade Gama Filho, participou do Curso de Pós-Graduação.

No Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getulio Vargas (FGV), Schneider trabalhou como psicotécnico, por volta de 1949, e participou, nas décadas de 1970 e 1980, do Centro de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada; no Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE/FGV), atuou, durante as décadas de 1970 e 1980, como chefe do Departamento de Psicologia Educacional. Participou de comissões examinadoras e orientou dissertações e teses voltadas para temáticas sociais e educacionais. Publicou em torno de 120 artigos, tanto no Boletim do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil – criado por ele e por Antonio Gomes Penna, em 1950 – bem como em outras revistas, como nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica.

Influenciou uma geração de psicólogos sociais a estender seu olhar para além do paradigma individualista. Marcou sua relação com os alunos pelo afeto e recorreu à multidisciplinariedade em sua compreensão da Psicologia. Essa perspectiva e a síntese de seu pensamento se revelam no subtítulo do único livro que publicou: Psicologia social - histórica, cultural, política (1978). Faleceu no Rio de Janeiro, em 1998, na véspera do dia do Psicólogo.

Publicações

SCHNEIDER, E. Psicologia social: históricas, cultural, política. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1978.

Referências

JACÓ-VILELA, A. M. Eliezer Schneider: um esboço biográfico. Estudos de Psicologia, v. 4, n. 2, jul./dez. 1999.

KRUGER, H. Eliezer Schneider e a psicologia social no Rio de Janeiro. In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.).Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

PENNA, A. G. Eliezer Schneider (1916-1998). In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

PENNA, A. G. Eliezer Schneider, professor, 81 anos. O Globo, 4 set. 1998. Seção Obituário, p. 16.

REIS, Y. M. Eliezer Schneider: primeiro diretor do Instituto de Psicologia da UERJ. In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SÁ, C. P. de. Eliezer Schneider e a psicologia social no Brasil: um depoimento afetivo e acadêmico. In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

Ana Maria Jacó-Vilela
Silvana Maria de Avellar Russo



SEMINÉRIO, Franco Lo Presti *(1923-2003)*

Psicólogo, natural de Turim, Itália, destacou-se nos campos da Psicologia do trabalho/Ergonomia, Psicologia da educação e no desenvolvimento da teoria metacognitiva. Em 1946, obteve seu primeiro doutorado, em Letras, pela Universidade de Gênova.

Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1947. Passou a trabalhar voluntariamente no Centro Juvenil de Orientação e Pesquisa (CeJOP) em 1957. Ingressou, em 1962, no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getulio Vargas, como Psicólogo adjunto. Apesar de já ter assegurado o direito ao registro de Psicólogo pela Lei nº 4.119, matriculou-se, em 1964, através de vestibular, na primeira turma de Psicologia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Após concluir bacharelado e licenciatura no quarto ano, passou, no ano seguinte, de aluno a professor, inaugurando a cadeira de Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico, atividade que exerceu de 1968 a 1993. Ainda em 1968, realizou um projeto de reabilitação profissional para portadores de deficiências físicas e mentais através de equipe multidisciplinar. Tal projeto consistiu na aplicação, de forma pioneira, das teorias de Jean Piaget à Psicologia do trabalho. De 1969 a 1976, foi chefe do Departamento de Psicologia da Educação da UFRJ. No ISOP, ocupou diversas funções, até assumir a direção, em 1970, exercendo-a até a extinção do Instituto, em 1990. A partir de sua gestão, o ISOP tornou-se órgão normativo de pós-graduação e pesquisa, com acentuada inserção comunitária. Ainda no ISOP, criou os cursos de mestrado (1971) e doutorado (1977) – este, o primeiro a ser credenciado pelo Conselho Federal de Educação (CFE). Paralelamente à direção do ISOP, assumiu a direção da revista Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada (atualmente, Arquivos Brasileiros de Psicologia).

Em 1973, completou seu segundo doutorado – agora em Filosofia – pela Universidade de Gênova. Foi presidente da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, de 1973 a 1979. Enquanto tal, idealizou e presidiu, em 1974, o I Seminário Brasileiro de Ergonomia, marco dessa área no país. Ainda em 1974, foi um dos delegados do Estado da Guanabara, na comissão que elegeria o primeiro Conselho Federal de Psicologia. Em 1978, tornou-se, por concurso, professor titular do Instituto de Psicologia da UFRJ, onde foi Diretor Adjunto de Graduação, de 1978 a 1980. Por dois biênios (1979-1981 e 1986-1988), foi eleito presidente da Associação Brasileira de Psicologia – entidade então representante, no Brasil, da International Union of Psychological Sciences.

É autor de oito livros e mais de cinquenta artigos versando sobre temas como diagnóstico psicológico, teoria, epistemologia, metodologia e história da Psicologia. Atuou como professor Emérito no Instituto de Psicologia da UFRJ, onde lecionou e coordenou os cursos de mestrado e doutorado. Editou a revista Arquivos Brasileiros de Psicologia. Desenvolveu, desde 1962, estudos no campo da cognição humana. Criou o Laboratório de Metacognição da UFRJ, onde prosseguiu suas investigações e desenvolveu a técnica da elaboração dirigida. Dedicou-se também ao estudo da história e Psicologia das religiões.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 23 de junho de 2003.

Publicações

KOLCK, O. V.; SCHNEIDER, E.; SEMINÉRIO, F. L. P. O anteprojeto da Lei número 4.119. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 40, p. 119-125, 1988.

SEMINÉRIO, F. L. P. A ergonomia no contexto social e tecnológico contemporâneo. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 28, p. 3-15, 1976.

SEMINÉRIO, F. L. P. A pesquisa. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 25, p. 93-98, 1973.

SEMINÉRIO, F. L. P. Atuação do psicólogo em reabilitação. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 36, p. 156-161, 1984.

SEMINÉRIO, F. L. P. Comemoração aos 40 anos. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 41, p. 3-4, 1989.

SEMINÉRIO, F. L. P. Editorial. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 24, p. 3-5, 1972.

SEMINÉRIO, F. L. P. Editorial. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 43, p. 3, 1991.

SEMINÉRIO, F. L. P. Ergonomia e reabilitação. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 34, p. 197-204, 1982.

SEMINÉRIO, F. L. P. ISOP, uma trajetória histórica: 30 anos de realizações. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 30, p. 8-14, 1978.

SEMINÉRIO, F. L. P. O ISOP aos 25 anos. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 25, p. 109-123, 1973.

Referências

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOLÓGICAS APLICADAS À EDUCAÇÃO - CEPPAE. A reabilitação profissional como processo multidisciplinar. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 26, p. 3-91, 1974.

SEMINÉRIO, F. L. P. Entrevistas. [S.l.], [s.d]. Entrevistas realizadas com Franco Lo Presti Seminério por ocasião do Projeto "Memória da Psicologia Brasileira"(CFP/FURB).

Alexandre Dittrich
Rute Coelho Zendron

SERVO, Geraldo
(1930-2001)

Servo nasceu em Morro do Ferro na cidade de Oliveira, em Minas Gerais. Aos 11 anos, foi enviado pela família à cidade de São João Del-Rei, no Seminário Dom Bosco, onde adquiriu formação em Filosofia Tomista e Teologia Escolástica, graduando-se em Pedagogia na Faculdade de Lorena (SP).

No ano de 1956, acontece a sua ordenação sacerdotal. Ingressa, nesse mesmo ano, no curso de mestrado em Pedagogia, junto ao Pontifício Ateneu Salesiano de Turim, na Itália (1956-1958). Defendeu a dissertação L'insegnamento dela física, publicada na revista italiana Orientamenti Pedagogici em 1958. Participa do serviço de atendimento ao psicológico mantido pelo Instituto Consulenza e também dos trabalhos realizados no Laboratório de Psicologia Experimental do Professor Giacono Lorenzini. Obtém o título de mestre em Realização de Experimentos em Laboratórios e em Atendimento Psicopedagógico ao Público em Geral.

Retorna ao Brasil, em 1958, e se instala na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras de São João Del-Rei, MG. Passa a dirigir o Laboratório de Psicologia, implanta o Instituto de Psicologia e Pedagogia (IPP), trabalha com Orientação Educacional e Vocacional. Valendo-se dos artigos 17 e 21 da Lei nº 4.119 (que legaliza a profissão de Psicólogo), obtém o registro de Psicólogo.

Em 1968, muda-se para Brasília, deixando a congregação salesiana. Agora já casado com a Sra. Hélia Ribeiro de Sá, trabalha como professor no Centro de Ensino Universitário (CEUB) e na Universidade do Distrito Federal (UDF), e ainda como professor-visitante da Universidade de Brasília.

Atuou na criação dos Conselhos de Psicologia, participou como delegado de eleição do primeiro Conselho Federal de Psicologia e trabalhou na sua primeira diretoria, de 1973 a 1976. Recebeu o CRP de número 01/0001, por sua atuação como Psicólogo. Criou também o Instituto de Psicologia (IPSO), no ano 1970, onde faz atendimento individual, a empresas (seleção de pessoal), até 1999, quando fecha o Instituto.

Publicações

SERVO, G. L'insegnamento dela física. Orientamenti Pedagogici, 1958.

Iolanda Bezerra dos Santos Brandão



SILVA, Antonio Carlos Pacheco e *(1898-1988)*

Foi discípulo e assistente de Franco da Rocha, a quem sucedeu na direção do Hospício do Juqueri e na cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, onde criou a Clínica Psiquiátrica e o Departamento de Psicopatologia. No Juqueri, dirigiu o pavilhão para "menores anormais", que recebeu mais tarde seu nome; instalou clínicas e laboratórios especializados; realizou pesquisas, muitas das quais baseadas na Teoria da Degenerescência. Criou o Manicômio Judiciário de São Paulo, em 1927. Foi membro da Liga Brasileira de Higiene Mental, criando, em 1926, sua correspondente paulista, com sede no Juqueri.

Silva foi um dos fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), no qual realizou projetos de racionalização do trabalho e desenvolveu técnicas de seleção e "adestramento" profissional; essas duas instituições estiveram diretamente ligadas a práticas próprias da Psicologia, especialmente, na sua vertente organizacional. Foi nomeado diretor do Departamento de Assistência Geral aos Psicopatas, órgão criado pelo Governo Provisório, em 1930, com a finalidade de coordenar e definir políticas de saúde mental.

Como deputado classista, foi representante dos empregadores na Assembleia Nacional

Constituinte de 1933/1934, indicado pela Associação Comercial de São Paulo, com Roberto Simonsen, para compor a chapa de 17 deputados da classe patronal; sua atuação abrangeu, sobretudo, as áreas de Higiene Mental, Medicina Social, Serviço Social, Previdência e Saúde Pública. Lutou para fazer constar da Constituição a responsabilidade do Estado no que se refere aos Serviços Sociais, estímulo à Educação Eugênica, implantação da Higiene Social e Mental, com vistas ao "aperfeiçoamento da raça". Defendia a "hominicultura", expressão que cunhou para designar o somatório dos esforços de várias áreas do conhecimento em busca da prevenção da degradação física e mental da humanidade, a Eugenia foi o elemento catalisador dessas ideias, favoráveis à higienização da sociedade. Era propenso às medidas adotadas por Hitler, em 1937, com o fim de eugenizar a Alemanha.

Referências

ANTUNES, M. A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890-1930): uma contribuição aos estudos em história da psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Psicologia - Boletim [da] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51, 1950.

COSTA, J. F. História da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

CUNHA, M. C. P. O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 41-53, set. 1971.

MACHADO, R. et al. Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-14, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia no Brasil. In: QUEM é o psicólogo brasileiro. São Paulo: Edicon /CFP, 1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Org). História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979. v. 3, p. 235-276.

Mitsuko Aparecida Makino Antunes



SILVA, Athayde Ribeiro da *(1915-1999)*

Nasceu em 30 de janeiro de 1915, em Minas Gerais. Formou-se Bacharel em Direito, em 1939, pela Faculdade Nacional de Direito, da então, Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Falava inglês e francês, compreendendo também espanhol e italiano, e foi professor de inglês, geografia e história. Foi aprovado em concurso para escriturário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), em 1938, onde permaneceu por vários anos, ocupando diversos cargos distintos. Entre 1938 e 1944, foi também ator no teatro e no rádio. Essa experiência no teatro o levou a ser professor de Psicologia Aplicada ao Teatro e de História do Teatro.

Proferiu palestras sobre Psicologia do Esporte na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) e na Universidade do Ar (Unar), modalidade de ensino à distância criada pelo Sistema Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) da cidade de São Paulo, nos anos 1947-1961, que utilizava o rádio para o ensino. Lecionou também na Escola de Formação de Juízes de Futebol, além de ter proferido conferências no Curso de Treinamento Total da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, destinado a profissionais de Educação Física e afins.

Ingressou no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), e, em 1953, tornou-se um membro importante dessa instituição, ocupando, inclusive, cargos de diretoria, em especial como substituto temporário dos diretores, entre os quais Emilio Mira y López. Foi este, o então diretor do ISOP, quem indicou Athayde Ribeiro à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em resposta à solicitação de um Psicólogo para colaborar com a avaliação da seleção brasileira que disputaria o campeonato mundial de futebol no Chile, em 1962.

A parceria entre Mira e Athayde resultou também na publicação, em 1964, após o falecimento de Mira, do livro Futebol e Psicologia. A primeira parte do livro é de autoria de Mira y López. A segunda parte conta a experiência de Athayde com a seleção brasileira de futebol.

Athayde Ribeiro foi o representante oficial da Fundação Getulio Vargas (FGV) na cerimônia de homenagem realizada, no dia 31 de março de 1964, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, quando do falecimento de Mira y López. Também integrou a comissão de elaboração do projeto de instituição do Prêmio Mira y López a trabalhos de pesquisa em Psicologia teórica ou aplicada.

Ainda no ISOP, foi chefe do Centro de Informação e Pesquisa Ocupacional (CIPO), coordenador da Seção de Adultos, responsável e depois coordenador da Seção de Emprego, secretário da revista Arquivos Brasileiros de Psicotécnica e redator-chefe da revista Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada.

Obteve o título de Psicólogo, em 1962, após a publicação da Lei 4.119/62, que regulamentou a profissão, tendo integrado a comissão que acompanhou o desenvolvimento do projeto de lei na Câmara dos Deputados.

Participou do I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, em 1964, em Roma, quando foi eleito para compor o Conselho Diretor da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP), representando os países de língua portuguesa.

No II Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, realizado em Washington, em 1969, também foi eleito para o Conselho Diretor da ISSP. Nessa ocasião, copresidiu o Comitê Provisório de Organização, com J. Yovanovic, do Chile, para criar a Federação Sul Americana de Psicologia Esportiva. No III Congresso Internacional, que aconteceu em Madri, em 1973, participou homenageando postumamente Emilio Mira y López.

No I Congresso Sulamericano de Psicologia Esportiva, em 1970, em Antofagasta, no Chile, foi eleito como um dos presidentes honorários da Diretoria definitiva da Federação Sul americana de Psicologia Esportiva.

Em 1965, foi o Psicólogo da equipe brasileira de pentatlo militar (esporte específico de militares, composto por cinco provas: tiro, natação utilitária com obstáculos, cross-country, lançamento de granadas e pista de obstáculos), tornando-se membro da Academia do Conselho Internacional do Esporte Militar (CISM). Representou a Comissão Desportiva das Forças Armadas (CDFA) no I Congresso Internacional, referido anteriormente. Essas experiências com o esporte militar o inspiraram a escrever um apêndice em seu livro Psicologia esportiva e preparo do atleta, publicado pela FGV, em 1967, apenas sobre o militarismo: Notas sobre aspectos psicológicos do esporte militar.

Em 1966, voltou a ser solicitado, agora nominalmente, pela Confederação Brasileira de Desportos, foi cedido pelo então diretor do ISOP, Alim Pedro (1907-1975), para realizar os exames psicotécnicos nos jogadores que disputariam o mundial de futebol da Inglaterra.

Athayde foi enviado, ainda, aos Jogos Olímpicos, de 1968, no México, integrando a delegação designada pelo presidente da República. A missão, dirigida e coordenada pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, destinou-se a colher informações sobre os métodos de preparo físico e psicológico dos atletas em todo o mundo.

Em 1970, participou da criação da Associação Brasileira de Psicologia Esportiva e Atividade Física, cuja sede localizou-se no ISOP, integrando seu Conselho Diretor provisório com: Ernesto dos Santos, Lamartine Pereira da Costa, Alice Madeleine Galland de Mira, Catarina de Carvalho Ribeiro, Luiz dos Santos, Gualter Portela Filho e David Ferreira (Duque).

Além dos livros, teve muitas publicações sobre os mais diversos assuntos, em sua maioria nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Arquivos Brasileiros de Psicologia e Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada. Entre 1957 e 1984, foram nove artigos originais, dentre os quais quatro sobre a temática do esporte. Publicou 95 resenhas bibliográficas, no período entre 1959 e 1988, ressaltando-se 19 sobre esportes, além de alguns livros de relevância, como: O caráter nacional brasileiro, de Dante Moreira Leite (1969) e Um psicólogo no futebol: relatos e pesquisas, de João Carvalhaes (1974). Teve, ainda, 17 estudos de casos publicados na revista, em sua maioria sobre assuntos de Psicologia clínica; cinco editoriais, entre os anos de 1971 e 1973; quatro necrológios; além de um mini depoimento que antecede a palestra de Eliezer Schneider, apresentada pelo ISOP, Associação Brasileira de Psicologia e Associação Brasileira de Psicologia Aplicada na abertura do Seminário Reavaliação da Formação, Mercado de Trabalho e Relações Interdisciplinares do Psicólogo, realizado em 25 e 26 de agosto de 1987, e publicada na revista em 1988.

Publicações

MIRA y LÓPEZ, E.; SILVA, A. R. da. Futebol e psicologia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SILVA, A. R. da. A ética e a legislação profissional. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 25, n. 1, p. 171-172, 1973.

SILVA, A. R. da. A utilização do teste "minhas mãos" em orientação profissional. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 18, n. 3, 1966.

SILVA, A. R. da. Alguns temas de psicologia do esporte revisitados. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 36, n. 1, p. 113-120, 1984.

SILVA, A. R. da. As aptidões do futebolista. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 24, n. 2, p. 7-20, 1972.

SILVA, A. R. da. Atrizes, atôres e diretores do Brasil, através do teste de Rorschach. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 14, n. 4, p. 5-40, 1962.

SILVA, A. R. da. Diagnóstico rápido de neurose compulsivo-obcessiva. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 13, n. 3, p. 13-18, 1961.

SILVA, A. R. da. Impressões e notas sobre o III Congresso Internacional de Psicologia Esportiva. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 26, n. 1, p. 37-54, 1974.

SILVA, A. R. da. Observações sôbre psicologia aplicada ao futebol. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Ano 17, n. 3, jul./set., p. 67-72, 1965.

SILVA, A. R. da. Orientação profissional para o teatro: quais os critérios? Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 24, n. 3, p. 83-88, 1972.

SILVA, A. R. da. Psicologia esportiva e preparo do atleta. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1967.

SILVA, A. R. da; CARVALHO, Z. de. O Serviço de emprego no ISOP. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 9, n. 1, 2, 3, p. 45-48, 1957.

Referências

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Noticiário. Associação Brasileira de Psicologia Esportiva e Atividade Física. v. 22, n. 1, p. 121-23, jan./mar. 1970a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Noticiário. Congresso Internacional de Psicologia Esportiva. v. 21, n. 2, p. 137-8, 1969.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Noticiário. I Congresso Sul-Americano de Psicologia Esportiva. v. 22, n. 2, p. 137-8, abr./jun. 1970b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Noticiário. III Congresso Internacional de Psicologia Esportiva. v. 25, n. 4, out./dez., 1973.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Psicologia Esportiva, v. 23, n. 1, p. 159-60, jan./ mar. 1971.

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Documentação sobre o Instituto de Seleção e Orientação Profissional - ISOP. Rio de Janeiro, 1947-1990.

Adriana Amaral do Espírito Santo
Ana Maria Jacó-Vilela



SILVA, Gastão Pereira da *(1898-1987)*

Segundo depoimentos de familiares, Gastão Pereira da Silva nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de novembro de 1897 ou 98. Há biografias que situam seu nascimento em São José do Norte, Rio Grande do Sul. Sabe-se que, tendo ou não nascido no Rio de Janeiro, residia em outro local, até os anos 1920, quando se estabeleceu na então capital.

Em sua autobiografia, afirma que até os anos 20 praticou a Medicina "em lombo de burro" no interior. Não fornece maiores informações sobre sua formação médica (onde ou quando foi realizada), e a pesquisa em órgãos ou instituições oficiais sobre isso revela-se infrutífera.

Após a leitura de Psicopatologia da vida cotidiana de Freud, escreveu um romance de cunho psicanalítico e o submeteu a Medeiros e Albuquerque, jornalista que já havia publicado um trabalho sobre a Psicanálise. Segundo ele, a boa recepção de seu romance por Medeiros e Albuquerque levou-o a dedicar-se à nova ciência. Iniciou sua prática pela análise dos próprios sonhos, seguindo os passos de Freud. Utilizando os meios de comunicação da época - jornal, rádio e revista - transformou-se num dos maiores divulgadores brasileiros da Psicanálise.

Com o intuito de tornar a doutrina freudiana acessível ao leitor comum, publicou, em 1931, o livro Para compreender Freud. Entre os inúmeros títulos de sua autoria, encontramos: Lenine e a psicanálise (1933), Crime e psicanálise (1933), Neurose do coração (1934), Educação sexual da criança (1934), A psicanálise em doze lições (1934), Conhece-te pelos sonhos (1937), Como se deve evitar o drama sexual dos nossos filhos (1939), Vícios da imaginação (publicado em 1939, teve seis edições até 1956). O tabu da virgindade, publicado em 1943, terá sua quarta edição publicada em 1954. Entre 1931 e 1970, publicou quinze obras sobre a Psicanálise. Além dos livros, manteve intensa atividade na imprensa escrita. Em 1934, criou, na revista Carioca, a coluna "Psicanálise dos sonhos", cujo material deu origem ao livro Conhece-te pelos sonhos (1937). Na revista Vamos Ler, manteve uma coluna intitulada Página das mães, a partir da qual, nasceu o livro Conheça seu filho. Posteriormente, colaborou na revista Seleções Sexuais, com a seção Confidências. A partir de 1936, publicou vários artigos na revista O Malho.

Ainda nos anos 1930, manteve, durante três anos, o programa "No mundo dos sonhos", na Rádio Nacional, em que, segundo suas palavras, "radiofonizava os sonhos [enviados pelos ouvintes], como se fossem pequeninas histórias, em sketchs, interpretadas pelo cast do rádio-teatro daquela emissora". No mesmo período, começou a escrever radionovelas de cunho psicanalítico, e, em sua autobiografia, listou 44 títulos de sua autoria que foram ao ar. Criou ainda um "Curso de Psicanálise por correspondência", que tinha por objetivo propiciar aos interessados um primeiro contato com a doutrina freudiana.

Além dessa intensa atividade de divulgação, manteve prática clínica em consultório, até, pelo menos, os anos 1980. Nunca se filiou a quaisquer das sociedades de formação em Psicanálise criadas no Rio de Janeiro, a partir do final dos anos 1940. Considerava que sua autoformação bastava para intitulá-lo Psicanalista, recusando a exigência de uma "análise didática" com os analis-

tas enviados pela International Psychoanalytical Association. Em 1978, no entanto, foi um dos sócios-fundadores e primeiro presidente da Associação Profissional dos Psicanalistas do Estado do Rio de Janeiro (APPERJ). Pelo que se conhece da história do movimento psicanalítico carioca, essa associação não parece ter tido qualquer relevância no cenário institucional da Psicanálise na cidade.

Apesar de sua extensa carreira e do evidente sucesso de suas obras – que conheceram sucessivas edições –, manteve-se marginal à institucionalização da Psicanálise brasileira, e seu nome é geralmente esquecido pelas histórias oficiais do movimento psicanalítico.

Publicações

SILVA, G. P. da. 25 anos de psicanálise. Rio de Janeiro: Império, 1959.

SILVA, G. P. da. A psicanálise em doze lições. Rio de Janeiro: Atlântida, 1934.

SILVA, G. P. da. Como se deve evitar o drama sexual dos nossos filhos. Rio de Janeiro: Oscar Mano e Cia. Editora, 1939.

SILVA, G. P. da. Conheça seu filho. Rio de Janeiro: A Noite, 1942

SILVA, G. P. da. Conhece-te pelos sonhos. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica d'A Noite, 1937.

SILVA, G. P. da. Crime e psicanálise. Rio de Janeiro: Mariza, 1933.

SILVA, G. P. da. Educação sexual da criança. Rio de Janeiro: Andersen, 1934.

SILVA, G. P. da. Entrevista. Revirão - Revista da Prática Freudiana, n.1, p. 139-149, 1985.

SILVA, G. P. da. Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões. Rio de Janeiro: Zelio Valverde Editor, 1940.

SILVA, G. P. da. Lenine e a psicanálise. Rio de Janeiro: Atlântida, 1933.

SILVA, G. P. da. Neurose do coração. Rio de Janeiro: Moderna, 1934.

SILVA, G. P. da. No mundo dos sonhos (parte I e II). Disponível em: https://www.youtube.com/ watch?-v=CnBFwPa9f9Q [e] https://www.youtube.com/watch?v=atpKmBuJFnY. Acesso em: 10 nov. 2015.

SILVA, G. P. da. O tabu da virgindade. Rio de Janeiro: Mundo Latino, 1943.

SILVA, G. P. da. Para compreender Freud. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931.

SILVA, G. P. da. Prudente de Morais, o pacificador. Rio de Janeiro: Zelio Valverde Editor, 1938.

SILVA, G. P. da. Vícios da imaginação. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1939.

Referências

MARCONDES, S. R. A. "Nós, os charlatães": Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2015.

MOKREJS, E. A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis: Vozes, 1992.

Jane Araujo Russo

SILVA, Oscar Machado da *(1903-1984)*

Nascido na cidade do Alegrete, Rio Grande do Sul. Foi o primeiro professor de Psicologia da recém-criada Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da qual proferiu a aula inaugural. Exerceu as funções de professor catedrático da mesma universidade, de 1943 a 1968.

Estudou Pedagogia no Birmingham Southern College, no Alabama (EUA), curso concluído em 1925, e o de Filosofia na Southern Methodist University, em Dallas (EUA), em 1927. Em 1946, foi aos Estados Unidos como professor visitante da Southern Methodist University, em Dallas, Texas e da Emory University, em Atlanta, Georgia. Ficou conhecido entre seus alunos como um behaviorista, por sua forte ligação com autores como Thorndike e Watson. No entanto, os títulos de suas conferências revelam um estudioso voltado para questões gerais de educação, democracia, liberdade e desenvolvimento.

Foi reitor, entre 1934 e 1954, do Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista (IPA). Exerceu também, vários cargos públicos. Foi membro do Conselho Deliberativo da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre 1967 e 1970, chefe da Assessoria de Assuntos Internacionais da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Cultura (1971) e Secretário de Estado da Administração do Governo do Rio Grande do Sul (1975/79).

Faleceu na cidade de Porto Alegre (RS).

Referências

GOMES, W. B. Entrevistas com antigos alunos da Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul (atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre: [s.n.], [s.d.].

INSTITUTO METODISTA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. Museu Histórico Bispo Isac Aço. Porto Alegre, [s.d.].

William Barbosa Gomes



SILVEIRA, Nise da
(1905-1999)

Nasceu em Maceió, Alagoas. Conhecida nos meios acadêmicos como Nise da Silveira, com 15 anos ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se, em 1926, com a tese Ensaio sobre a criminalidade das mulheres da Bahia. Em 1927, vai para o Rio de Janeiro, onde frequenta a Clínica de Neurologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, recebendo grande influência de Antônio Austregésilo.

Em 1933, foi aprovada em concurso para médica psiquiatra da antiga Assistência a Psicopatas e Profilaxia. Participou, em 1935, da União Feminina do Brasil, entidade de defesa dos direitos das mulheres vinculada à Aliança Nacional Libertadora. No ano seguinte, foi presa como comunista e afastada do serviço público, até 1944. Nesse ano, iniciou seu trabalho no Hospital Psiquiátrico Pedro II, o qual foi transferido da Praia Vermelha, para o Engenho de Dentro. Durante o período em que esteve afastada, novos "tratamentos" haviam surgido: choque elétrico, coma insulínico e lobotomia. Sempre se recusou a utilizar tais métodos, pelo fato de se assemelharem à tortura que havia visto na prisão.

A partir dessa oposição à Psiquiatria tradicional, assumiu a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação. Do material produzido nos ateliês de pintura e modelagem, fundou, em 20 de maio de 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente, centro de tratamento e pesquisa. A partir da série de imagens do inconsciente, percebeu inúmeras tentativas de reordenação, fato que contrariava todos os estudos acerca da produção plástica de internos de hospitais psiquiátricos. O autor que possibilitou uma nova inflexão teórica para esses fatos foi Carl Gustav Jung, de cujos estudos foi a precursora, de maneira sistemática, no Brasil. Em 1954, fundou o Grupo de Estudos C. G. Jung, oficializado em 1969. Nesse período, esteve à frente de inúmeros empreendimentos: em 12 de novembro de 1954, enviou carta a Jung acompanhada de fotos de desenhos circulares e, um mês depois, Aniella Jaffé, secretária e colaboradora de Jung, respondeu-lhe dizendo que o médico suíço havia se interessado muito pelas mandalas pintadas por esquizofrênicos; em 1956, fundou a Casa das Palmeiras, clínica em regime aberto; em 1957, participou do II Congresso Internacional de Psiquiatria em Zurique, iniciando estudos no Instituto C. G. Jung, ao qual retornou em: 1958/1961/1962/1964; em 1968, fundou o grupo de estudos do Museu de Imagens do Inconsciente.

Foi aposentada compulsoriamente no dia 14 de julho de 1975, porém, no dia seguinte, compareceu ao Hospital dizendo-se a nova estagiária voluntária. Neste ano, organizou as comemorações do Centenário de Jung no Museu de Arte Moderna (RJ). Entre 1983 e 1986, escreveu os textos da trilogia Imagens do inconsciente do cineasta Leon Hirszman, e, no início dos anos 1990, liderou um movimento contra a farra do boi em Santa Catarina.

Durante sua vida, recebeu vários títulos e homenagens, entre os quais: Doutora Honoris Causa/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Medalha Chico Mendes/Grupo Tortura Nunca Mais, Membro Fundadora da Société Internationale de Psychopatologie de l'Expression (Paris-França), Prêmio de Melhor Livro de Ensaios/Academia Brasileira de Letras O

mundo das imagens, Membro da Comissão de Honra/Museo Attivo delle Forme Inconsapevoli (Gênova-Itália). No dia 28 de janeiro de 1998, foi indicada pelo Deputado Federal Paulo Delgado, para concorrer ao Prêmio Nobel da Paz. Faleceu em 1999, no Rio de Janeiro.

Publicações

SILVEIRA, N. da. (Org.). A farra do boi: do sacrifício do touro na antigüidade à farra do boi catarinense. Rio de Janeiro: Numen, 1989.

SILVEIRA, N. da. (Org.). Casa das Palmeiras: a emoção de lidar. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

SILVEIRA, N. da. 20 anos de terapêutica ocupacional em Engenho de Dentro (1946-1966). Revista Brasileira de Saúde Mental, v. 12, 1966.

SILVEIRA, N. da. C. G. Jung e a psiquiatria. Revista Brasileira de Saúde Mental, v. 7, 1962/1963.

SILVEIRA, N. da. Cartas a Spinoza. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

SILVEIRA, N. da. Considerações teóricas e práticas sobre ocupação terapêutica. Revista Medicina e Cirurgia, n. 194, 1952.

SILVEIRA, N. da. Editorial: 40 anos do Museu de Imagens do Inconsciente. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 41, n. 4, p. 147, maio. 1992.

SILVEIRA, N. da. Ensaio sobre a criminalidade das mulheres na Bahia. [S.l.]: Imprensa Oficial, 1926.

SILVEIRA, N. da. Gatos: a emoção de lidar. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1998.

SILVEIRA, N. da. Imagens do inconsciente. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, N. da. Jung: vida e obra. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1968.

SILVEIRA, N. da. L'expérience d'art spontané chez les schizophrènes dans un service de thérapeutique occupationelle. Revista Brasileira de Saúde Mental, v. 3, dez. 1957. (Em colaboração com Pierre Le Gallais).

SILVEIRA, N. da. Museu de Imagens do Inconsciente. In: PEDROSA, M. (Org.). Museu de Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1980.

SILVEIRA, N. da. O homem em busca de seu mito. In: LUCCHESI, M. (Org.). Artaud: a nostalgia do mais. Rio de Janeiro: Alhambra, 1989.

SILVEIRA, N. da. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 1992.

SILVEIRA, N. da. Perspectiva da psicologia de C.G. Jung. Revista Tempo Brasileiro, n. 21/22, 1970.

Referências

BEZERRA, É. A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

DELGADO, P. Senhora das mentes e da paz. Jornal de Brasília, Brasília, 28 ago. 1998. Editorial.

GULLAR, F. Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

HIRSZMAN, L. É bom falar. Rio de Janeiro: CCBB, 1995.

MELO, W. A constelação dos mitos de morte/renascimento na perspectiva de C.G. Jung. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

PEDROSA, M. (Org.). Museu de Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1980.

RAMOS, G. Memórias do cárcere. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. 2 v.

WERNECK, M. Sala 4. Rio de Janeiro: CESEC, [s.d.].

Walter Melo



SIMON, Theodore
(1873-1961)

Psiquiatra, natural de Dijon, França. Formado em Medicina pela Universidade de Paris, em 1900. Conhecido por sua colaboração com Alfred Binet, na construção da primeira escala de medida de inteligência (1905). Em 1912, tornou-se presidente da Société Libre pour L'Étude de L'Enfant, hoje Société Alfred Binet, tendo sido editor do Bulletin, periódico dessa Sociedade.

Diretor do Estabelecimento para Anormais de Perray-Vaucluse (Paris), foi convidado pelo governo mineiro a colaborar na implantação do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores e na reforma de ensino, promovida por Francisco Campos. Desembarcou no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1929, e foi recebido por membros da Associação Brasileira de Educação. Em Belo Horizonte, enquanto a Escola de Aperfeiçoamento ainda não funcionava, ministrou conferências sobre Métodos Pedagógicos e Pedagogia Experimental, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, abordando os testes de inteligência e a construção da escala Binet-Simon. Com a abertura da Escola de Aperfeiçoamento, realizou uma série de demonstrações e exercícios práticos voltados para a formação das novas alunas. Durante alguns meses, em Belo Horizonte, sob sua orientação, inquéritos e exames foram feitos nos grupos escolares, particularmente, no Grupo Escolar Pedro II, incluindo testes de inteligência, ortografia, leitura e cálculo, com a finalidade de traçar o desenvolvimento físico e características psicológicas da criança escolar mineira.

Publicações

SIMON, T. Daqui e dali. Revista do Ensino, v. 5, n. 44, p. 102-112, abr. 1930.

SIMON, T. Desenvolvimento physico e desenvolvimento intelectual. Revista do Ensino, v. 10, p. 262-277, jul./dez. 1936.

Referências

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: . Acesso em: 03 dez. 2015.

PRATES, M. H. O. A introdução oficial do movimento da Escola Nova no ensino público de Minas Gerais: a Escola de Aperfeiçoamento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

ZUSNE, L. Names in the history of psychology: a biographical sourcebook. Washington, D.C.: Hemisphere Publishing Corporation, c1975.

Isabel Gontijo Antonini



SIMONASSI, Lorismario Ernesto *(1948-)*

Nasceu na cidade de Colatina, Espírito Santo, no dia 06 de abril de 1948. É filho de Adelia Merlo Simonassi e Ernesto Simonassi, e casado com Eliana das Graças Nunes Moraes, com quem tem três filhos. Graduou-se em Psicologia, pela Universidade de Brasília, no ano de 1972, sendo orientado por João Cláudio Todorov.

No período entre 1972 e 1973, trabalhou no Colégio Santa Bárbara em Vitória, Espírito Santo, atendendo crianças com dificuldades de aprendizagem. Em 1974, tornou-se o primeiro professor concursado do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, atualmente, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Em um primeiro momento, ministrou as disciplinas de Psicologia da Personalidade e Psicologia Geral. A partir do segundo semestre de 1974, assumiu as disciplinas Psicologia Geral e Experimental e a responsabilidade de organizar e estruturar o Laboratório Experimental. Neste trabalho de estruturação do laboratório, contou com a colaboração de Décio Eustáquio Ribeiro, funcionário responsável pelo espaço. De 1978 a 1979, cursou o Mestrado em Psicologia na Universidade de Brasília, sob a orientação de João Cláudio Todorov.

Em 1981, elaborou, com o Prof. Márcio de Queiroz Barreto, um projeto para a criação do laboratório experimental sobre Condicionamento Operante, aprovado pelo CNPq em 1982, o que possibilitou a constituição do Laboratório de Análise Experimental do Comportamento (LAEC).

No período de 1983 a 1985, foi diretor do Departamento de Psicologia. Em 1986, com outros professores, organizou o Núcleo de Pesquisa em Psicologia Experimental. De 1985 a 1988, realizou na Universidade de São Paulo, sob a orientação de Ligia de Castro Marcondes Machado, o curso de Doutorado em Psicologia.

Em 1997, coordenou o projeto de criação do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado em Psicologia, da Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), curso que passa a funcionar em 1999. Lorismario Ernesto Simonassi foi o Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, de 1997 a 2002, colaborando ainda para a criação do Doutorado em Psicologia, nessa instituição, no ano de 2007.

Foi Consultor Ad-Hoc, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no período de 1989 a 2008, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no período de 2003 a 2008.

Foi integrante do corpo editorial dos seguintes periódicos: Estudos (Goiânia); Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva e Revista Brasileira de Análise do Comportamento. Foi ainda revisor de vários periódicos.

Recebeu diversos prêmios e homenagens: Mérito Científico, título concedido pela PUC-GO em 2014; Certificado de Honra ao Mérito concedido, em 2013, pelo departamento de Psicologia da PUC-GO pela contribuição para o desenvolvimento do Curso de Psicologia e atuação como professor da primeira turma em 1973; Homenagem da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), em 2009; Honra ao Mérito, conferido, em 1999 e, em 2005, pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Católica de Goiás.

Ao longo de sua carreira, foram desenvolvidos diversos projetos de pesquisa, dentre os quais cabe destacar o estudo dos operantes; das inter-relações entre classes operantes; de regras, contingência e privacidade; das inter-relações de classes de respostas operantes; e sobre análise operante de comportamentos verbais públicos e privados.

Professor da Graduação e Pós-Graduação e orientador de diferentes trabalhos, Lorismario Ernesto Simonassi ministrou várias disciplinas, assim como orientou diversos trabalhos de iniciação científica, mestrado e doutorado na PUC-GO, contribuindo de maneira relevante para o fortalecimento da Psicologia, especialmente a Psicologia experimental no Estado de Goiás.

Publicações

MACHADO, D. J. C.; SIMONASSI, L. E. Comportamento verbal: análises das interações falantes e ouvintes. [S.l.]: Novas Edições Acadêmicas, 2014. v. 1. 132 p.

OLIVEIRA, C. I. et al. Resolução de problemas e descrição de contingências: efeitos da acurácia das instruções em tarefas sucessivas. Acta Comportamentalia, Guadalajara, v. 10, n. 1, p. 65-86, 2002.

PITALUGA, T. de O.; BORGES, F. S.; SIMONASSI, L. E. Uso da análise funcional como instrumento de avaliação e intervenção no contexto Clínico. In: PITALUGA, T. de O. (Org.). Análise do comportamento em Psicoterapia Clínica. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014. v. 1, p. 17-43.

PITALUGA, T. de O.; SIMONASSI, L. E. Mude e esteja pronto a mudar novamente: a variabilidade produzida por exposição direta às contingências. In: PEREIRA, A. B. (Org.). Psicologia da PUC Goiás na contemporaneidade. Goiânia: PUC Goiás, 2013. v. 1, p. 177-197.

SIMONASSI, L. E. et al. Causação do comportamento humano: acesso à história passada como determinante na explicação do comportamento humano. Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso), Brasília, v. 4, p. 16-23, 1984.

SIMONASSI, L. E. et al. Uma outra função do reforçador: organização/ordenação de comportamentos. In: CANDIDO, V. B. B. P.; COSTA, C. E.; BENVENUTI, M. F. (Org.). Comportamento em foco. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental, 2011. v. 1, p. 621-630.

SIMONASSI, L. E. Violência, até onde iremos? In: MONINI, I. (Org.). Violência. Goiânia: Editora da UCGO, 2004. v. 7, p. 11-21. (Seminários, n. 7).

SIMONASSI, L. E.; CAMESCHI, C. E. Is it possible and is it worthwhile to study private verbal events experimentally? In: BANACO, R. A.; ZAMIGNANI, D. R. (Org.). Contemporary challenges in the behavioral aproach: a brazilian overview. São Paulo: ESETEC, 2004. v. 1, p. 183-191.

SIMONASSI, L. E.; TOURINHO, E. Z.; SILVA, A. V. Comportamento privado: acessibilidade e relação com comportamento público. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 133-142, 2001.

Referências

MOURA, C. de A. (Org.). Psicologia 30 anos: amostra de produção científica do CEPSI. Goiânia: Ed. UCG, 2004.

RODRIGUES, D. de J. da S. A história da psicologia no Brasil: 40 anos do curso de psicologia da PUC Goiás. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2013.

Anderson de Brito Rodrigues
Divino de Jesus da Silva Rodrigues
Jaqueline Veloso Portela de Araújo



SOARES, Magda
(1932-2023)

Filha de Iris Becker Soares e do Médico e Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Caio Líbano de Noronha Soares. Natural de Belo Horizonte. Bacharelou-se e licenciou-se em Letras Neolatinas, pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1954. Em 1959, fez concurso para a UFMG e atuou nos cursos de Letras e Pedagogia até 1999, quando se aposentou e recebeu o título de Professora Emérita da UFMG. Em 1960/61, participou ativamente de uma experiência pioneira na UFMG: a criação do Colégio Universitário da UFMG, onde atuou como diretora. Em 1962, foi aprovada no concurso de livre docência. Sob sua coordenação, o currículo do Mestrado em Educação da UFMG foi remodelado nos anos 1970, organizado em quatro propostas: Behaviorista, Cognitivista, Humanística e Sociolinguística. Esta última sob sua coordenação e, posteriormente, transformada na linha Educação e Linguagem do Programa de Pós-Graduação da Faculdadede Educação da UFMG. Em 1990, foi inaugurado na FaE/UFMG, sob sua coordenação, o Centro de Alfabetização, Leitura eEscrita (CEALE). Desde sua aposentadoria, vem atuando como voluntária, realizando um trabalho de desenvolvimento profissional de professores da Rede Municipal de Educação de Lagoa Santa, Minas Gerais. Essa ação educativa resultou na publicação do livro Alfaletrar; toda criança pode aprender a ler e a escrever (2020).

O sentido social, político e pedagógico da educação, marca a travessia de Magda Soares. Seu olhar crítico sobre o sistema escolar vigente é reforçado com a aproximação com os referenciais do campo da Antropologia cultural, estreitando a relação entre cultura, linguagem e educação. Seu percurso é assinalado por profundo espírito de inquietação e de autocrítica, orientado pela desmistificação de ideologias, que buscam a cristalização do ensino e os determinismos na aprendizagem.

No decorrer de suas atividades profissionais, a educadora foi acrescentando, a uma visão psicológica do ensino, uma visão sociolinguística, conscientizando-se de que a escola, em vez de ser um instrumento de correção das desigualdades sociais, era, sim, um instrumento de dissimulação dessas desigualdades. Essa percepção crítica sobre a língua e a escola está marcada em seu livro Linguagem e escola: uma perspectiva social (1986), no qual ela critica e desmistifica a "ideologia do dom", ancorada no discurso da existência de desigualdades naturais e de diferenças individuais. Também critica a ideologia da "deficiência cultural", que justifica rótulos como o de grupos sociais "privados de cultura" ou "carentes de cultura", já que, para a autora, a cultura é multifacetada e sua diversidade é coerente e complexa, não admitindo qualquer hipótese de hierarquização. Sua análise é sempre voltada para o uso da língua na escola, onde se veem mais claramente as diferenças entre grupos sociais. Defende a função da escola de combater o fracasso na e da alfabetização, sabendo que a solução estaria em transformações da estrutura social como um todo. Em Bourdieu e Freire, encontrou as afinidades para o que já suspeitava havia tempos: o fator essencial e determinante do uso da linguagem, estabelece as condições sociais concretas de instauração da comunicação e do diálogo. Assim, a linguagem está sempre

relacionada à estrutura social em que é usada e não deve ser usada como forma de discriminar e justificar o fracasso escolar.

A escola, nesse sentido, contribui para a perpetuação da divisão de classes e não obtém sucesso ao tentar levar as camadas populares à aquisição dos bens simbólicos que constituem o "capital cultural e linguístico" das camadas favorecidas. Seu engajamento social e suas inquietações, ecoam em todas as suas produções, e essas características se estendem a outros espaços de atuação – em seminários e bancas, aulas na graduação, na pós-graduação, como representante e consultora de órgãos do Ministério da Educação. O olhar multifacetado leva a autora a defender, em suas produções, a necessidade de uma articulação de conhecimentos gerados por variadas teorias, nos campos da Psicologia, Sociologia, Linguística, Sociolinguística, Psicolinguística, incorporando-se ao processo de transformações sociais, no rumo de uma sociedade mais justa. É enfática ao apontar um dos grandes desafios das universidades públicas, a articulação entre ensino, pesquisa e ação pedagógica. As questões e os princípios defendidos por ela, pertinentes à natureza complexa da alfabetização – como processo de múltiplas facetas que precisam ser articuladas –, foram retomados e ampliados ao longo de suas produções. Foi convidada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para coordenar uma pesquisa sobre alfabetização no Brasil. Essa pesquisa é desenvolvida desde 1986 pelo CEALE da Faculdade de Educação da UFMG, e seu objetivo é acompanhar a construção do conhecimento sobre alfabetização ao longo do tempo, tomando como fonte dissertações e teses produzidas nos cursos de pós-graduação do país. Em 1990, intensifica-se a sua produção sobre alfabetização e letramento, fenômenos importantes na aprendizagem inicial da leitura, mas ainda pouco diferenciados por grande parte dos educadores. Magda Becker Soares continua investindo esforços para esclarecer as especificidades desses conceitos e processos, retomando a complexidade do trabalho na alfabetização, sem simplificações que falsifiquem essa complexidade. Segundo ela, a alfabetização deve ensinar o sistema alfabético de escrita dentro de um contexto e por meio de práticas sociais e reais de leitura e escrita, pois alfabetizar e letrar, letrar e alfabetizar, significam não dissociar a aquisição da tecnologia da escrita das práticas sociais de leitura. A preocupação com a abrangência do processo de alfabetização mobilizou-a a investir em uma ampla pesquisa bibliográfica sobre os usos do conceito de alfabetização no Brasil e em outros países. Os resultados de seus estudos estão expressos em Letramento: um tema em três gêneros. A autora não descuida da dimensão individual e social do letramento, suas facetas pessoais e culturais, e alerta para a dificuldade de "formular um conceito único de letramento adequado a todas as pessoas, em todos os lugares, em qualquer tempo, em qualquer contexto cultural ou político" (Soares, 1998).

A influência de seus trabalhos pode ser comprovada pelo elevado índice de citações de suas obras em pesquisas sobre alfabetização e letramento no país e no exterior, nas diversas participações de comissões ministeriais, desde 1976 até o momento atual, e como autora de cinco coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa. O reconhecimento da relevância de suas propostas e inciativas está expresso nos prêmios e condecorações que recebeu. Dentre esses, destacam-se o Prêmio Paulo Freire, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), em 2012, e o Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na Área de Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes, em 2015; Magda Soares foi a 3ª mulher a receber esse prêmio e a primeira da área da educação. No ano de 2017, recebeu o prêmio Jabuti nas categorias Educação e

Pedagogia, com o livro Alfabetização – A questão dos Métodos (Editora Contexto), indicado como o melhor livro de não ficção de 2017. Uma obra densa, em que a autora faz um balanço da produção internacional sobre a alfabetização, sem restringi-la à defesa de um método. Em 2021, a professora Magda Soares recebeu o título de Pesquisador Emérito, outorgado pelo CNPq. Preocupada com a alfabetização no Brasil, defende as pesquisas e as evidências cientificas, sem perder de vista as crianças, os professores e as escolas públicas de nosso país.

Publicações

SOARES, M. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto. 2017.

SOARES, M. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. Alfabetização. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2001. (Série Estado do Conhecimento).

SOARES, M. Alfaletrar; toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. Analphabétisme. In: FOUCHE, P.; PECHOIN, D.; SCHUWER, P. (Ed.). Dictionnaire encyclopédique du livre. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002. p. 90-92.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986; edição revista e ampliada: São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, M. Literacy assessment and its implications for statistical measurement. Paris: Unesco, 1992. (Há traduções para o francês e o espanhol).

SOARES, M. Metamemória, memórias: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1990.

Referências

MACIEL, F. I. P. Magda Becker Soares: travessia de uma educadora. In: REGO, T. C. (Org.). Educadores Brasileiros: ideias e ações de nomes que marcaram a educação nacional. 1 ed. Curitiba: CRV, 2018, v. 1, p. 245-258.

Francisca Izabel Pereira Maciel



SOURIAU, Etienne
(1892-1979)

Nasceu em Lille, França. Formou-se em Filosofia, em 1920, e em Letras, em 1925. Integrou o grupo de professores franceses contratados para a Universidade do Distrito Federal, organizada por Anísio Teixeira, em 1935, no então Distrito Federal, sob o governo de Pedro Ernesto. Etienne Souriau foi contratado para lecionar na Escola de Filosofia e Letras, dada sua formação em Psicologia e em Estética.

No pequeno volume em que se apresenta a organização da Universidade e das Escolas que a integraram, editado pela Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, em 1935, registra-se que cinco escolas e institutos foram organizados, acrescentando-se instituições complementares para experimentação pedagógica, prática de ensino, pesquisa e difusão cultural, todas subordinadas ao Reitor, Dr. Affonso Penna Junior e ao Vice-Reitor, Prof. Dr. Manoel Bergstrom Lourenço Filho. Do citado volume consta a relação completa dos professores, as disciplinas e os programas oferecidos. Às páginas 78, 79 e 80, registra-se que a cadeira de Psicologia e Filosofia foi ocupada pelo professor Etienne Souriau, tendo como assistentes os professores Plinio Olinto e Nelson Romero. No texto, verifica-se que Souriau respondeu efetivamente por dois cursos: o primeiro, com cinco grandes tópicos, intitulava-se Curso de psicologia, sociologia e filosofia do sentimento estético e das atividades artísticas; o segundo, organizado em quatro grandes tópicos, tinha por título Curso de psicologia do trabalho. Logo se percebe que Souriau, autor de bons trabalhos na área da Psicologia, não revelou convivência adequada com a "Psicologia do Trabalho". Na verdade, seu curso, em função do programa proposto, não deve ter sido muito apreciado. Na área específica da Estética, todavia, sua contribuição foi brilhante. Alguns de seus textos são considerados clássicos, como: Art et vérité (1933); La correspondance des arts (1947); L'avenir de l'esthétique (1929) e, em âmbito mais amplo: L'instauration philosophique (1939) e Les différents modes d'existence (1943).

Faleceu em Paris, no ano de 1979.

Publicações

SOURIAU, E. Art et vérité. Revue Philosophique, mars 1933.

SOURIAU, E. L'avenir de l'esthétique. Paris: PUF, 1929.

SOURIAU, E. L'instauration philosophique. Paris: PUF, 1939.

SOURIAU, E. La correspondance des arts. Paris: Flammarion, 1947.

SOURIAU, E. Les différents modes d'existence. Paris: PUF, 1943.

Referências

HUISMAN, D. Dictionnaire des philosophes K-Z. Paris: PUF, 1984.

Antonio Gomes Penna



SOUZA, Décio Soares de
(1907-1970)

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 07 de janeiro de 1907. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1970. Médico Psiquiatra, formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1930. Sua tese de doutoramento, intitulada *Demencia precoce e eschizophrenia*, foi orientada por Jacintho Godoy Gomes e incluída entre as mais importantes teses em Medicina Legal, daquele ano, pela revista francesa especializada Monde Médical. Em 1932, obteve o título de livre-docência em Clínica Psiquiátrica. Fez viagens de estudos à Europa, em 1933, estagiando nos serviços dos professores Georges Charles Guillain (1876-1961) e Henri Charles Jules Claude (1869-1945). Em 1945, apresentou a tese *Frustração e distúrbios de personalidade*, ao concurso de catedrático de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul, efetivando a cátedra que exercia desde 1943.

Foi alienista-chefe do Hospital São Pedro, diretor do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise e diretor da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Fundou e foi eleito o primeiro presidente da Sociedade de Neuropsiquiatria do Rio Grande do Sul, em 1938. Exerceu também o cargo de professor, da disciplina de Psicologia Educacional, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, sucedendo o professor Oscar Machado da Silva, primeiro professor dessa disciplina.

Em 1950, transfere-se para Londres, onde inicia sua formação analítica. Retornando ao Brasil, fixa residência no Rio de Janeiro.

Publicações

SOUZA, D. S. de. Demencia precoce e eschizophrenia. Tese (Doutorado) – [S.l.: s.n.], [19].

SOUZA, D. S. de. Demencia precoce e eschizophrenia. Porto Alegre: Globo, 1930.

SOUZA, D. S. de. Frustração e distúrbio da personalidade: antropologia e psicanálise. Porto Alegre: Globo, 1945.

SOUZA, D. S. de. Notícia histórica sobre a assistência a psicopatas no Rio Grande do Sul e sua evolução. In: FRANCO, Á., RAMOS, S. M. Panteão médico riograndense: síntese cultural e histórica - progresso e evolução da medicina no Estado do Rio Grande do Sul. São Paulo: [s.n.], 1943.

Referências

MUSEU DA HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: http://www.muhm.org.br. Acesso em: 20 dez. 2015.

PESSOTI, I. Notas para uma história da psicologia brasileira. In: CONSELHO Federal de Psicologia (Org.). Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo: EDICON, 1988.

Cristina Lhullier
Luiz Osvaldo Leite
William Barbosa Gomes





SOUZA, Francisco Pedro Estrázulas Pereira de *(1927-2019)* e SOUZA, Edela Lanzer Pereira de *(1925-2004)*

O casal Francisco Pedro Estrázulas Pereira de Souza (Chico Pedro) e Edela Lanzer Pereira de Souza, contribuiu para a formação do Psicólogo, para a consolidação da profissão e para o desenvolvimento da pesquisa em Psicologia no Estado do Rio Grande do Sul. Ele, nascido em São Gabriel, em 07 de maio de 1927, filho de família tradicional gaúcha, cujos antepassados participaram de lutas históricas do Rio Grande do Sul, como a Revolução Farroupilha e a Revolução Federalista. Ela, nascida em Novo Hamburgo, em 02 de março de 1925, representando a imigração alemã que teve início em 1824. Ambos eram filhos de pais com educação superior, o que talvez explique o desenvolvimento acadêmico diferenciado em relação aos profissionais da época. Chico era neto de político e filho de Engenheiro. Edela era neta de Teólogo luterano e filha de professor de Música. Do pai, Chico Pedro lembra o interesse pelo bem público e pela causa social. Dos pais da Edela, ressaltou o gosto pelo estudo e pelo ensino. Os dois se conheceram no cursinho, quando se preparavam para o ingresso na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O casamento foi em 16 de dezembro de 1950, permanecendo juntos até a morte de Edela, em 1º de junho de 2004.

Ingressaram na Faculdade de Filosofia, em 1947, obtendo o título de Bacharel, em 1949, e o de Licenciatura em 1950. Na profissão, as atividades do casal se entrelaçaram, abrangendo as três áreas clássicas das aplicações psicológicas: clínica, organizacional e escolar. Contudo, mesmo mantendo um ativo consultório de Psicologia clínica, o casal se destacou pelas contribuições à Psicologia organizacional, à Dinâmica de grupo e às Relações humanas. Em 1949, Edela assumiu a regência de uma classe de alunos com distúrbios de conduta, permanecendo nesta função até 1951. Chico Pedro foi o primeiro psicologista a ser contratado pelo Estado do Rio Grande do Sul para trabalhar junto ao Serviço Social de Menores da Secretaria da Saúde. Conseguiu a posição por recomendação do seu supervisor de estágio, o psiquiatra David Zimmermann. Em 1951, Chico e Edela inauguraram a primeira clínica particular de Psicologia em Porto Alegre. Entre 1952 e 1953, transferiram-se para University of Kansas, em Laurence, para fazer pós-graduação em Psicologia clínica. Nesse local, Edela teve a oportunidade de trabalhar com Fritz Heider (1896-1988), autor do clássico livro The psychology of interpersonal relations, publicado em 1958. Contudo, a bolsa, obtida por concurso junto ao Instituto Cultural Brasil Estados Unidos, era de apenas um ano, tempo insuficiente para cumprir todos os requisitos do curso de mestrado. No retorno, Chico Pedro colaborou como professor do recém-criado curso de especialização em Psicologia, oferecido pelo também recém-criado Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Em 1956, o casal passou a colaborar com a UFRGS no curso de Orientação Pedagógica para Professores do Ensino Comercial, tendo Edela assumido a Coordenação do Serviço de Orientação Educacional da Escola Técnica de Comércio, anexa à Faculdade de Ciências Econômicas. O trabalho junto aos professores do ensino comercial repercutiu a tal ponto que o casal foi convidado a retornar aos EUA, para desta vez, em tempo adequado, realizar o curso

de mestrado. Chico Pedro e Edela foram, então, para a School of Public Administration da University of Southern California, obtendo o título de Mestre em Administração Pública em 1962. Ela, com a dissertação The Woman Executive: An Exploration in the Analysis of Roles, sob a orientação de E. K. Nelson. Ele, com a dissertação The Dynamics of Organization Recovery: Ananalogy to the Process of Psychotherapy, sob orientação de John M. Pfiffner. A bolsa foi obtida junto ao PREMEM, um programa conjunto do Brasil e EUA para o desenvolvimento do ensino médio profissionalizante. A pesquisa de Edela foi pioneira no estudo do desenvolvimento profissional da mulher. A de Chico Pedro comparava a dinâmica organizacional com a dinâmica pessoal, na perspectiva do processo psicoterápico. De volta a Porto Alegre, o casal assumiu as disciplinas relacionadas à área da Psicologia, que eram oferecidas no curso de Pós-Graduação em Administração Pública da UFRGS: Administração de pessoal, Relações humanas, Laboratório de sensitividade, Psicologia organizacional e Dinâmica interpessoal. Chico Pedro foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Administração, no período de 1973-1974. O casal permaneceu vinculado ao Programa de Administração até a aposentadoria, por volta de 1983. De acordo com Chico Pedro, a missão profissional era levar as novas contribuições da Psicologia aos problemas administrativos e, também, abrir espaços de atuação na iniciante profissão de Psicologia. O casal também colaborou com a área de Psicologia organizacional do primeiro Programa de Mestrado em Psicologia Aplicada, oferecido pela PUCRS, entre 1972 e 1980, principalmente, na orientação de dissertações. Em 1977, Chico Pedro defendeu tese de Livre Docência na UFRGS, intitulada Pessoas e Estruturas Hierárquicas: Um Estudo Comparativo Internacional. Em contraste, no mesmo ano, Edela preferiu levar a sua tese de Livre Docência para a PUCRS, escolhendo o tema Climas e Culturas Organizacionais: Como se Manifestam e como se Manejam.

O casal desenvolveu intensa atividade junto às entidades profissionais. A inscrição como membros da American Psychological Association é de 1954. Tanto Chico Pedro quanto Edela participaram ativamente da fundação da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul e dos Conselhos Profissionais. Chico Pedro fez parte da primeira diretoria do Conselho Federal de Psicologia e foi o segundo presidente do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. Foi também presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Edela foi presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (1965-1966). Outras sociedades da qual participaram: Society for Intercultural Education, Training and Research; Sociedade Latino-Americana de Rorschach; Associação Brasileira de Psicologia.

Outro aspecto interessante da história profissional do casal, é a colaboração e participação em eventos internacionais. O casal atendeu a programas de treinamentos oferecidos pelo National Training Laboratories Institute for Applied Behavioral Science, em várias cidades norte-americanas, entre 1970 e 1973, sobre temas como Management Work, Consultation Skills Laboratory e Achievement Motivation. A competência profissional de Chico Pedro e Edela foi reconhecida pela Unesco ao convidá-los para integrar uma equipe internacional e trabalhar em um projeto de pesquisa sobre os efeitos da hierarquia no comportamento dos membros da organização. A equipe era constituída por representantes de nove países europeus, do Brasil, da Nigéria e dos EUA. A coordenação do projeto ficou a cargo do Institute for Social Research da Michigan University, na época, o principal centro de pesquisa em dinâmica de grupo e relações humanas.

Edela deixou uma lista com mais de 25 artigos publicados, tanto nos periódicos locais (Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Cadernos de Psicologia Aplicada da UFRGS, e Psico da PUCRS), como de ou-

tros estados (Arquivos Brasileiros de Psicologia, ISOP - Rio de Janeiro; Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro; Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro; Revista de Administração USP, São Paulo; Psicologia: Ciência e Profissão CFP, Brasília/DF). Escreveu quatro livros: Análise transacional na supervisão escolar (1975a), Desenvolvimento organizacional (1975b), Clima e cultura organizacional: como se manifestam e como se manejam (1978), e Treinando gerentes para o futuro: textos e exercícios. Chico Pedro também escreveu alguns artigos, mas sua maior dedicação foi ao trabalho de consultoria em aplicações psicológicas à administração.

O casal teve dois filhos, Fernando e Suzana, ambos psicólogos organizacionais.

Publicações

SOUZA, E. L. P. de. Análise transacional na supervisão escolar. Porto Alegre: Edit, 1975a.

SOUZA, E. L. P. de. Clima e cultura organizacional: como se manifestam e como se manejam. São Paulo: Edgard Blucher, 1978.

SOUZA, E. L. P. de. Desenvolvimento organizacional: casos e instrumentos brasileiros. São Paulo: Edgard Blucher, 1975b.

SOUZA, E. L. P. de. Etapas e crises de crescimento da classe de psicólogos no Rio Grande do Sul. Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, p. 5-11, 1980.

SOUZA, E. L. P. de. Pessoas e estruturas hierárquicas: um estudo comparativo internacional. Tese (Livre Docência) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

SOUZA, E. L. P. de. The woman executive: an exploration in the analysis of roles. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – School of Public Administration, University of Southern California, California, 1962.

SOUZA, E. L. P. de. Treinando gerentes para o futuro: textos e exercícios. São Paulo: Edgard Blucher, 1992.

Referências

GOMES, W. B.; GAUER, G. As diferentes áreas de formação. In: GOMES, W. B. (Org.). Psicologia no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: MuseuPsi, 2006. Cap. 9. Disponível em: http://www.ufrgs.br/museupsi/PSI-RS/Chap9.htm. Acesso em: 15 jun. 2015.

William Barbosa Gomes

SOUZA, José Soriano de *(1833-1895)*

Filósofo e professor da Faculdade de Direito do Recife. Suas principais obras são Compêndio de filosofia, de 1867, e Lições de filosofia elementar, de 1871, nas quais está refletido seu esforço para adaptar a Filosofia escolástica tradicional às exigências da cultura brasileira do século XIX, apontando para a atualidade da Metafísica e de uma Psicologia elaborada nesse contexto. Esses manuais de Filosofia, contendo uma parte dedicada à Psicologia, foram utilizados por diversas instituições no século XIX, tais como: Ginásio de Pernambuco; Faculdade de Direito de São Paulo; Seminário de São Paulo e o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro.

Explicitando a razão e os objetivos de seu trabalho, Souza escreve no prefácio às Lições de 1871:

A máxima necessidade de nossos tempos é a restauração da metafísica cristã, fundada por Santo Tomás, no maravilhoso acordo das luzes do espírito humano, a razão e a fé. Só dali pode vir eficaz medicina dos males que deploramos na ordem política, moral e intelectual [...]. Não há quem não esteja vendo a influência da metafísica nos demais estudos e, principalmente, nos que se referem aos costumes e à sociedade humana [...]. Assim que é uma verdade constante, que onde os espíritos estão pervertidos, decompostos, ali reina uma metafísica viciosa ou verdadeira [...]. Pela nossa parte [...], temo-nos dedicado ao estudo dessa metafísica (Souza, 1871, p. X-XI).

Souza faz uma séria crítica à doutrina do duo dynamismo, seguida pelos ecléticos, cujo erro estaria em sustentar a existência no homem de dois princípios vitais, um imaterial, causa das funções intelectuais e sensoriais, e outro material, causa das funções orgânicas. Segundo o filósofo tomista, o princípio vital é único, e a alma é racional. A ênfase na unidade do homem leva Souza a conceber a Psicologia como parte da Antropologia, porque, segundo ele, seria impossível conhecer a alma, bem como suas operações e propriedades, sem considerar sua íntima união com o corpo e a influência recíproca entre um e outro. Opõe-se também aos espiritualistas, que substituem o conceito de alma pelo de "espírito", como objeto da Psicologia. Para Souza,

[...] o nosso eu, ou a nossa personalidade, não é portanto a alma só, como pretendem Descartes e seus discípulos, nem só corpo, mas é a união pessoal de ambos; de sorte que nenhum desses co-princípios separadamente constitui o homem ou a natureza humana em estado íntegro [...]. Não só os actos da nossa alma, como também as operações de nosso corpo, se referem a um só e mesmo agente, o eu humano resultado da união pessoal de alma e corpo (Souza, 1871, p. 324).

E, apesar das críticas, a definição espiritualista do objeto da Psicologia parece dominar no cenário das escolas do século XIX.

Publicações

SOUSA, J. S. de. Compêndio de filosofia. [S.l.: s.n], 1867.

SOUSA, J. S. de. Lições de philosophia elementar racional moral. Recife: Livraria Academica, 1871.

Referências

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Márcio Luiz Fernandes
Marina Massimi



SPANUDIS, Theon
(1915-1986)

Nasceu em Smyrna, Ásia Menor (Turquia). Formou-se Médico em Viena, na Áustria, onde também se tornou psicanalista, filiado à Sociedade de Psicanálise de Viena. Fez sua análise didática com A. Aichhorn, no período devastado do pós-guerra, quando a Sociedade de Psicanálise de Viena voltou a existir, após ser proibida pelo nazismo. Ainda em Viena, fez reanálise com Fleishman.

Em 1950, recebeu três convites do exterior, mas optou por emigrar para São Paulo, a convite da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Tornou-se Analista didata. Analisou candidatos, deu supervisões oficiais e coordenou seminários. A sua contribuição à formação de novos candidatos e a sua produção psicanalítica foram marcadas pela diversidade de colaborações recebidas em Viena: Freud, Aichhorn, Fleishman. Destaca-se, a propósito, um dos seminários que coordenou sobre Psicanálise e Delinquência. Em 1954, publicou um livro sobre delinquência juvenil, tema despertado por Aichhorn que, na opinião de Spanudis, introduziu na Psicanálise o tratamento de delinquentes.

Em 1958, abandonou a Psicanálise para se tornar escritor, poeta e crítico de arte. Foi o primeiro psicanalista no Brasil a se interessar por colecionar obras de arte. Mais ainda, foi um refinado apreciador e crítico de artes plásticas, a tal ponto que chegou a ser descobridor de, pelo menos, dois talentos desconhecidos na época: José Antonio da Silva e Fang.

Spanudis construiu um acervo de alguns dos maiores pintores brasileiros dos anos 1950 até os anos 1970. Toda essa coleção de cerca de 300 quadros foi doada, em 1979, ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP). Publicou várias obras de crítica de artes plásticas sobre Volpi, José Antonio da Silva e Fang, construtivistas brasileiros. Fez crítica de arte em revista especializada. Deu cursos de pintura moderna no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo e, nos anos 1970, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Sobretudo, foi um poeta em três línguas: grego, alemão e português. Diante do desconhecimento de sua obra poética no Brasil, dizia que suas obras nessas três línguas não eram traduções de uma língua para outra, mas obras escritas diretamente em cada uma das três línguas. Em grego, publicou quatro volumes pela Editora Ícaros. Em alemão, dois volumes pela ORA Verlag. Em português, três volumes pela Editora Kosmos.

A biografia de Spanudis é uma das poucas nas Ciências do Psiquismo que contém também a criatividade artística. Isso merece ser destacado no contexto brasileiro: a ciência não precisa opor-se à arte. Essa é a contribuição de Theon Spanudis à Psicologia e à Psicanálise no Brasil. Faleceu em São Paulo.

Publicações

SPANUDIS, T. A ciência da psicanálise. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, São Paulo, v. 10, n. 1, 1952.

SPANUDIS, T. Apanta. In: SPANUDIS, T. Obras completas. Atenas: Ícaros, 1979. 4 v.

SPANUDIS, T. Autobiografia. 1979/1980. Inédito.

SPANUDIS, T. Delinqüência e psicanálise. São Paulo: IBDC, 1954.

SPANUDIS, T. Entrevistas. 17 e 24 maio 1984.

SPANUDIS, T. Fang. São Paulo: DAN, 1984.

SPANUDIS, T. Introdução à pintura moderna: cubismo e futurismo. São Paulo: SBPSP, 1980.

SPANUDIS, T. Introdução à pintura moderna: fauvismo e expressionismo. São Paulo: SBPSP, 1980.

SPANUDIS, T. Introdução à pintura moderna: pós-impressionismo. São Paulo: SBPSP, 1980.

SPANUDIS, T. Novos poemas. São Paulo: Kosmos, 1978.

SPANUDIS, T. Poética. São Paulo: Kosmos, 1975.

SPANUDIS, T. Skizzen und klänge. München: ORA-Verlag, 1975.

SPANUDIS, T. Spanudis, vinte anos depois. Ide, São Paulo, v. 2, n. 3, 1976.

SPANUDIS, T. Sprüche und sânge. München: ORA-Verlag, [s.d.].

SPANUDIS, T. Uns versos. São Paulo: Kosmos, 1984.

SPANUDIS, T. Volpi. São Paulo: Kosmos, 1975.

Referências

EISSLER, K. (Org.). Searchings on delinquency. New York: International Universities Press, 1949.

FREUD, A. Necrológico de August Aichhorn. International Journal of Psychoanalysis, London, v. 32, 1951.

FREUD, S. Prefácio a juventude desorientada, de Aichhorn (1925). In: FREUD, S. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, [s.d.], v. 19.

MOHR, G.J. August Aichhorn (1878-1949): o amigo da juventude rebelde. In: ALEXANDER, F. et al. A história da psicanálise através dos seus pioneiros. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

SAGAWA, R.Y. A construção local da psicanálise. Marília: Interior/Psicanálise, 1996.

Roberto Yutaka Sagawa



STRAMANDINOLI, Cecília Torreão *(1912-2005)*

Nasceu em 09 de novembro, de 1912, na cidade de Niterói (RJ). Formou-se na Escola Normal de Niterói, em 1929, cursou Especialização Pré-Escolar em 1933. Em 1939, concluiu o Curso de Formação de Professores de Educação Física, na Escola Nacional de Educação Física (ENEFD) da Universidade do Brasil (UB) – posteriormente, renomeada como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) –, o primeiro curso superior para formação de professores de Educação Física no Brasil, então, recém-fundado (Decreto-Lei nº 1212/1939), participando da primeira turma desse curso.

Depois de formada, acolheu a oportunidade de trabalhar como professora de tênis na ENEFD. A partir dessa experiência, dedicou-se a aprender o esporte, passando a jogar pela Federação de Tênis do Rio de Janeiro, entre 1943 e 1953, tendo se tornado uma das melhores tenistas de sua época, experiência que a influenciou a escrever artigos sobre Psicologia e Esporte.

Durante muitos anos, foi membro do Conselho de Redação da Revista Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, condição que ajudou a Psicologia a penetrar no periódico, inclusive com artigos de sua autoria. O primeiro, em 1947, em coautoria com Maria Jacy Vaz, intitulava-se Programas de 'Educação física' para o jardim de

infância e escola primária, secundária, comercial, normal e superior. Quinze anos depois, em 1962, publicou Necessidade de orientação na prática de atividades desportivas e, em 1965, Contribuição da Psicologia à orientação desportiva.

Em 1944, concluiu o que se denominava "Curso de Psicologia", no então Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil – à época, órgão suplementar da Reitoria daquela instituição – e, em 1945, o Curso de Alimentação, pela mesma universidade. Entre 1941 e 1944, foi coadjuvante de ensino na ENEFD, período após o qual se tornou assistente de ensino do professor Carlos Sanchez, catedrático da disciplina de Psicologia Aplicada. A partir de 1947, foi catedrática substituta da disciplina. Também, naquele ano, concluiu o Curso de Seleção, Orientação e Readaptação Profissional, no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), marco da Psicologia Aplicada no Brasil, onde conheceu Emilio Mira y López, com quem desenvolveu grande amizade. Logo após o curso, Mira y López assumiu como diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), da Fundação Getulio Vargas (FGV), então em fase de organização. Cecília Stramandinoli participou do grupo de seus fundadores, antes mesmo de ser aberto ao público, e trabalhou como psicotécnica no ISOP, entre os anos de 1947 e 1960, atuando, principalmente, com entrevista psicológica. Participou de vários cursos, entre eles o de Psicoterapia Menor, concluído em 1948.

Publicou quatro artigos na revista Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, editada pelo ISOP: A eficácia do Conselho de Orientação Profissional (1956); Casos negativos de orientação profissional (rejeição do conselho orientador) (1957); Redescoberta da família pelo mundo contemporâneo (1958) e Experiência como observadora de sessões de estudo de psicopedagogia familial (1959).

Cecília Stramandinoli atuou, principalmente, nas áreas de educação e esporte. Participou, ativamente, de inúmeros eventos científicos de Psicologia no Brasil e no exterior, e também proferiu diversas palestras e conferências. Em 1958, por exemplo, ministrou palestra no Centro de Esportes da Marinha, além de conferências sobre "Orientação Educacional", em São José do Rio Preto e na Faculdade de Filosofia de Bauru, a convite do Ministério da Educação e Cultura. Foi coordenadora do II Simpósio de Orientação Educacional, realizado em Porto Alegre, em julho de 1958, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura.

Representou o ISOP no XII Congresso Internacional de Psicologia Aplicada, realizado em Roma, em abril de 1958. Participou como representante do Serviço Social do Comércio (SESC) do Distrito Federal – onde trabalhou como orientadora educacional e profissional –, do Congresso Mundial da Família, ocorrido em Paris, em junho de 1958. Essa participação resultou na publicação, em dezembro de 1958, do artigo Redescoberta da família pelo mundo contemporâneo, no periódico Arquivos da ENEFD, também publicado nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, em 1959.

Ainda, em 1958, foi professora de Psicologia Aplicada no Curso de Juízes da Federação Metropolitana de Basketball, e paraninfa da turma de 1963.

Obteve o título de Psicóloga, em 1962, após a publicação da Lei nº 4.119/62, que regulamentou a profissão no Brasil.

Mesmo após ter se aposentado do ISOP, permaneceu atuando em consultório, no Rio de Janeiro, até os anos de 1992-1993.

Faleceu em 2005, no Rio de Janeiro.

Publicações

STRAMANDINOLI, C. T. A eficácia do Conselho de Orientação Profissional. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 8, n. 1, p. 115-126, 1956.

STRAMANDINOLI, C. T. Casos negativos de orientação profissional (rejeição do conselho orientador). Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 9, n. 1, 2, 3, p. 49-58, 1957.

STRAMANDINOLI, C. T. Contribuição da psicologia à orientação desportiva. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, ano XX, n. 19, p. 31-48, jun. 1964.

STRAMANDINOLI, C. T. Experiência como observadora de Sessões de Estudo de Psicopedagogia Familial. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 11, n. 1, p. 63-67, 1959.

STRAMANDINOLI, C. T. Necessidade de orientação na prática de atividades desportivas. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 17, p. 87-95, jun. 1962.

STRAMANDINOLI, C. T. Redescoberta da família pelo mundo contemporâneo. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 11, n. 2, p. 73-77, 1959.

STRAMANDINOLI, C. T. Redescoberta da família pelo mundo contemporâneo. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, ano XI, n. 12, p. 119-126, dez. 1958.

VAZ, M. J.; STRAMANDINOLI, C. T. Programas de "Educação física" para o jardim de infância e escolas primária, secundária, comercial, normal e superior. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, v. 2, n. 3, p. 81-88, 1947.

Referências

ARQUIVOS DA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, Relatório de 1958. [S.l.], 1958. v. 2, p. 43.

ARQUIVOS DA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, Relatório de 1963. [S.l.], 1963. v. 2, p. 26.

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Documentação sobre o Instituto de Seleção e Orientação Profissional - ISOP. Rio de Janeiro, 1947-1990.

PERES, R. S. M. Entrevista. Rio de Janeiro, 5 mar. 2015. Entrevista concedida a Adriana Amaral do Espírito Santo.

Adriana Amaral do Espírito Santo
Ana Maria Jacó-Vilela

TANCREDI, Francisco *(1912-1949)*

Natural de Bocaina (SP). Concluindo os cursos fundamentais em São Paulo, diplomou-se em Medicina pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1934. No mesmo ano, foi residente em Psiquiatria no Hospital Nacional da Assistência a Psicopatas do Rio de Janeiro e professor de Clínica Psiquiátrica, na mesma Universidade.

De volta a São Paulo, foi nomeado Médico do Hospital do Juqueri e, posteriormente, foi psiquiatra do Manicômio Judiciário, até 1948. No mesmo ano, voltou ao Juqueri, onde assumiu a chefia da clínica Psiquiátrica da segunda seção masculina. Paralelamente, exercia atividade em clínica psiquiátrica particular e foi também colaborador do Saint Elizabeth Hospital, em Washington.

Em 1941, com Darcy Mendonça Uchoa, fundou o Sanatório Charcot, do qual foi diretor até o ano de sua morte. Foi membro de muitas sociedades médicas e culturais, como: Associação Paulista de Medicina, da qual era presidente da seção de Neuropsiquiatria; Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo; Sociedade de Psicologia e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ofereceu vários cursos em universidades do país e publicou muitos trabalhos, entre os quais: Prognóstico e terapêutica da epilepsia; Homicídios e delitos sexuais de graves proporções cometidos sob impulsão epiléptica; O tratamento das esquizofrenias crônicas pelos métodos de Sakel e Meduna.

Faleceu em São Paulo.

Publicações

TANCREDI, F. Homicídios e delitos sexuais de graves proporções cometidos sob impulsão epiléptica. [S.l.: s.n.], [19--].

TANCREDI, F. O tratamento das esquizofrenias crônicas pelos métodos de Sakel e Meduna. [S.l.: s.n.], [19--].

TANCREDI, F. Prognóstico e terapêutica da epilepsia. [S.l.: s.n.], [19--].

Referências

ARQUIVOS DA ASSISTÊNCIA A PSICOPATAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, v. 15, jan/dez. 1950.

UCHOA, D. M. In memorian. Francisco Tancredi. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 8, n. 3, 1950.

André Luis Masiero



TAVARES, Lucília
(1902 - 1992)

Lucília Tavares se destaca na historiografia da Psicologia no Brasil por ser uma das primeiras mulheres de que se tem registro a trabalhar com práticas psicológicas, já na década de 1920. Tavares era professora municipal e foi indicada pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, na República Velha, para ser assistente do Psicólogo polonês Waclaw Radecki (1887-1953) no Laboratório de Psychologia da Colônia de Psychopathas do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.

No período em que esteve no Laboratório, Tavares desenvolveu trabalhos sob a orientação de Radecki, que resultaram em: a) um artigo em coautoria com Radecki, Contribuição experimental à psychologia dos juízos, de 1928, publicado nos Annaes da Colonia de Psychopatas; b) um artigo de divulgação, intitulado À margem da psychologia, publicado no Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, em 1931, e; c) Psychologia do pensamento, de 1930, um dos primeiros livros de Psicologia publicados no Brasil por uma mulher.

As poucas informações disponíveis indicam que Tavares trabalhou no Laboratório da Colônia de Psychopatas de alguma data, a partir de 1924, até 1932, quando o Laboratório foi transformado em Instituto de Psicologia, a partir da proposta, elaborada por Radecki, de criação do

que seria o primeiro curso de formação superior de psicólogos no Brasil. No corpo docente proposto para o referido curso a ser ministrado pelo Instituto, Tavares estava designada para a cadeira de "Metodologia do trabalho experimental em Psicologia" (Centofanti, 1982). Entretanto, tal proposta de curso não foi levada a cabo, já que, ainda em 1932, por ingerências externas (a saber, pressões de setores médicos e católicos), o Instituto foi desativado.

A relevância e o pioneirismo do registro histórico de atuação em Psicologia presente na trajetória de Lucília Tavares, são proporcionais à escassez de informações disponíveis sobre ela. Até mesmo suas datas de nascimento e morte são desconhecidas. Foram obtidas poucas informações adicionais à sua atuação no Laboratório da Colônia de Psychopatas. Em relatório comemorativo dos dez anos do Centro de Orientação Juvenil (COJ) (Brasil, 1956), Lucília Tavares consta em uma lista de técnicos que colaboraram com supervisão e complementação aos cursos de Emilio Mira y López, sobre Orientação e Seleção Profissional no Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) e de Psicoterapia Menor na Fundação Getulio Vargas (FGV), na década de 1940. Essa informação sugere que, após o fechamento do Instituto de Psicologia, Tavares permaneceu atuando em Psicologia, o que nos permite considerá-la como uma das mulheres que contribuíram no processo de autonomização do campo psicológico no Brasil.

Sua trajetória pouco conhecida, evidencia alguns traços do paradigma do interesse das pioneiras da Psicologia no Brasil: em sua grande maioria, possuíam formação como professora nas já existentes Escolas Normais, onde entravam em contato com o saber psicológico, tanto em seu aspecto teórico, quanto prático. Com o passar dos anos, sua atuação se transferiu para outras áreas, favorecendo a autonomização e institucionalização da Psicologia no país.

Publicacoes

TAVARES, L. À margem da psychologia. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1 mar. 1931. p. 12.

TAVARES, L. Psychologia do pensamento: ensaio crítico e analytico baseado no systema do discriminacionismo affetivo de Radecki. Rio de Janeiro: Laboratório da Colônia de Psychopatas do Engenho de Dentro, 1930.

TAVARES, L.; RADECKI, W. Contribuição experimental à psychologia dos juízos. In: ANNAES da Colônia de Psychopatas em Engenho de Dentro. Rio de Janeiro, 1928.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento Nacional da Criança. O Centro de Orientação Juvenil (1946-1956). Rio de Janeiro: MS, 1956. (Coleção N.N.Cr., n. 155).

CENTOFANTI, R. Radecki e a psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, ano 3, n. 1, p. 2-50, 1982.

JACÓ-VILELA, A. M., DEGANI-CARNEIRO, F.; MESSIAS, M. C. N. Lucília Tavares. Programa Mulher e Ciência. CNPq, 2015. Disponível em: http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_ INSTANCE_a6MO/10157/2525155. Acesso em: 15 dez. 2015.

Ana Maria Jacó-Vilela
Filipe Degani-Carneiro
Maria Cláudia Novaes Messias



TEIXEIRA, Amália Hermano *(1916-1991)*

Nasceu no dia 23 de setembro de 1916, na cidade de Natividade, em Goiás. Filha de Manoel José Hermano e Archângela Pereira Hermano, realizou seus estudos primários na cidade de Itaberaí e no Grupo Escolar da Cidade de Goiás, antiga capital do Estado. Cursou o ensino secundário no Lyceu de Goiás, entre os anos de 1930 e 1934. Diplomou-se pela Escola Normal Oficial do Estado de Goiás, em 1935. Em 1936, realizou o Curso de Extensão Normal Rural, na Universidade Rural Brasileira, no Rio de Janeiro. Em 1937, casou-se com o advogado Maximiano da Matta Teixeira, que realizou seu curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Goiás, na Cidade de Goiás. Maximiano da Matta Teixeira foi Inspetor Federal dessa Faculdade, Escritor, Jornalista atuante, Professor da Faculdade de Direito de Goiás, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, aposentando-se como Desembargador e falecendo em 1984.

Amália Hermano Teixeira foi diplomada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Goiás. Foi funcionária do Departamento Estadual de Propaganda e Expansão Econômica, Diretora da Imprensa Oficial do Estado, integrante da Associação Goiana de Imprensa, Diretora da Revista de Educação do Estado de Goiás, chefe do Serviço de Clubes Agrícolas Escolares do Estado, membro da Sociedade Botânica do Brasil, e presidente da Sociedade Goiana de Orquidófilos. Foi professora catedrática de Geografia, da Escola Normal Oficial do Estado de Goiás, transformada, posteriormente, em Instituto de Educação de Goiás, no período de 1938 a 1963, e professora de História na Universidade Federal de Goiás, de 1962 a 1964.

Em 1946, escreveu a obra O curioso 'caso' da Escola Normal Oficial: a história de uma injustiça, livro no qual reitera a sua cruzada como defensora da Escola Nova contra a Escola Tradicional. Na Revista de Educação, periódico que colaborou para a disseminação da Psicologia escolanovista em Goiás, publicou textos acerca de temas que marcaram a sua atuação no cenário educacional goiano. Nessa revista, publicou, em 1939, o artigo Programas de ensino na Escola Nova, em que defende a Psicologia ativa. Referenciando Pestalozzi, Decroly, Herbart e Rousseau, afirma que a Psicologia educacional com a Pedagogia, Biologia e Sociologia, formam a base para a escola renovadora.

Em 1942, participou do VIII Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia. Esse evento teve como temática a questão da educação rural e ocorreu durante o Batismo Cultural de Goiânia, contou com a presença de caravanas compostas por professores e representantes da educação nacional. Amália Hermano Teixeira apresentou no Congresso a tese Problemas do ensino rural brasileiro. Partindo do trabalho de Alberto Tôrres, propõe a reforma agrária e reafirma a necessidade de manter o homem ligado ao campo.

Na Revista Oeste, importante periódico que circulou em Goiás, entre os anos de 1942 e 1944, Amália Hermano Teixeira publicou alguns textos. Cabe destacar um artigo, de 1944, intitulado Orientação vocacional, em que afirma que, em fevereiro de 1943, assistiu, a convite do professor Lourenço Filho, diretor do Instituto

Nacional de Estudos Pedagógicos, a diversas aulas, conferências e palestras a respeito da administração escolar. Nesse artigo, alega que a orientação agrícola na escola é interessante, viva e útil, e que o educador moderno deve orientar os alunos para que esses se entusiasmem com a causa educacional.

Escreveu, em 1946, na Revista de Educação e Saúde, um artigo intitulado A criança e as atividades agrícolas, em que realiza uma crítica ao sistema de ensino tradicional, que valoriza apenas o livro e os estudos em sala de aula. Dialogando com Alberto Torres, Pestalozzi, Decroly e Helena Antipoff, realiza a defesa da escola ativa. Afirma que a educação da criança é uma questão muito séria, e que o ideal seria que em cada estabelecimento de ensino primário fosse criado um Clube Agrícola. Para Amália Hermano Teixeira, o Clube poderia realizar a associação de assuntos da natureza com o objeto de estudo da criança. Segundo a autora, o papel da escola seria preparar a infância e a juventude para a vida, e o importante é ensinar a fazer.

Esteve presente no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro, em 1958, que contou com a presença de diversas autoridades da educação brasileira, entre as quais pode-se ressaltar a de Lourenço Filho, que em sua conferência, propôs a criação da Associação de Educação de Adultos. Amália Hermano Teixeira realiza uma exposição detalhada desse congresso na Revista de Educação, no ano de 1959. No ano de 1962, participou do V Congresso Nacional de Professores Primários, realizado em Goiânia, contando com a presença de diversos professores e representantes de outros estados.

Defensora dos ideais ruralistas e renovadores, sua ação foi marcante no campo educacional, atuando na formação de professores, propondo a compreensão da infância como ativa e colaborando, enormemente, para difundir as teorias da Psicologia em Goiás.

Publicações

REVISTA OESTE. Reprodução fac-sim. de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944. Goiânia: UCG/CEF, 1983.

TEIXEIRA, A. H. A criança e as atividades agrícolas. Revista de Educação e Saúde, Goiânia, ano XIV, n. 31-32 out./nov. 1946.

TEIXEIRA, A. H. II Congresso Nacional de Educação de Adultos. Revista de Educação, Goiânia, ano XVII, n. 37, jan./fev. 1959.

TEIXEIRA, A. H. O curioso 'caso' da Escola Normal Oficial: a história de uma injustiça. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1946.

TEIXEIRA, A. H. Problemas do ensino rural brasileiro. In: CONGRESSO Brasileiro de Educação, 8. 1942, Goiânia. Anais... Goiânia: Associação Brasileira de Educação, 1942.

TEIXEIRA, A. H. Perfis. Goiânia: Gráfica Luzes, 1993.

TEIXEIRA, A. H. Reencontro. Goiânia: Edítora Líder, 1981.

TELES, J. M. Dicionário do escritor goiano. Goiânia: Kelps, 2006.

TEIXEIRA, A. H. Programas de ensino na Escola Nova. Revista de Educação, Goiânia, ano III, n. 09, nov./dez. 1939.

Anderson de Brito Rodrigues
Jaqueline Veloso Portela de Araújo



TEIXEIRA, Anísio
(1900-1971)

Nasceu em Catité, Bahia. Em 1922, concluiu, no Rio de Janeiro, o curso de Ciências Jurídicas e Sociais. Em 1924, a convite do presidente baiano Francisco de Góes Calmon, tornou-se inspetor geral de ensino na Bahia. Durante esse período, realizou viagens de estudos à Europa e aos Estados Unidos. Em 1928, deixou o cargo e retornou aos Estados Unidos, obtendo o título de Master of Arts do Teacher's College, da Universidade de Colúmbia.

Nos anos 1930, incentivou o nascimento dos Institutos de Educação. Na década seguinte, criou o Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Escola Parque, primeira escola pública de tempo integral com oficinas de trabalho, reproduzida nos anos 1960, em Brasília. Em 1946, entre Londres e Paris, assumiu uma cadeira de Conselheiro da Educação Superior na Unesco e foi colaborador da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, no ano de sua fundação, em 1949. Nos anos 1950, assumiu a Secretaria da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes) e a direção do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), investindo pesadamente na formação de professores.

Em 1955, a Escola Guatemala – Bairro de Fátima, em convênio com o então Distrito Federal e o INEP, passou a viver todo um processo de aperfeiçoamento do professor na sua visão global – pedagógica e psicológica –, tendo criado, no seu plano-piloto, o primeiro gabinete de Psicologia, cujo objetivo era acompanhar o professor no seu desenvolvimento pleno. Constituiu o primeiro Serviço de Psicologia Escolar no Brasil. Foi campo de estágio para alunos de Psicologia Escolar das universidades, após a criação dos cursos de Psicologia.

O Gabinete de Psicologia passou a ser designado Serviço de Orientação Psicopedagógica (SOPP), referência na formação do psicólogo em sua prática escolar, reunindo a vivência teórica à prática. De 1955 a 1967, o SOPP estruturou a sua equipe: psicólogo, assistente social e médico. O acompanhamento psicológico à professora, foi a tônica da equipe interdisciplinar responsável pela ação psicológica e pedagógica no contexto escolar.

Em 1962, foi nomeado membro do Conselho Federal de Educação, tornando-se, no ano seguinte, presidente da Comissão Nacional de Ensino Primário. Em 1963, assumiu interinamente a Reitoria da Universidade de Brasília. Nesse mesmo ano, recebeu a medalha de mérito do Teacher's College da Universidade de Colúmbia. Ainda nessa década, lecionou por dois anos como professor residente na Universidade Colúmbia e da Califórnia. Retornou ao Brasil, em 1966, tornando-se consultor jurídico da Fundação Getúlio Vargas. Em 1970, a Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu-lhe o título de Professor Emérito. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ).

Referências

BELOCH, I.; ABREU, A. A. de (Coord.). Dicionário histórico-biográfico brasileiro 1930-1983. Rio de Janeiro: Forense/ Finep, 1984. 4 v.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Programa Prossiga. Biblioteca

virtual Anísio Teixeira. Disponível em: http://www.prossiga.br/anisioteixeira/index.html. Acesso em: jan. 2001.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação. Arquivo Anísio Teixeira. Rio de Janeiro, [20--].

LAGÔA, A. A utopia da educação pública: uma pedagogia na medida para as necessidades do Brasil no século XXI. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de jul. 2000. Seção Idéias.

NUNES, C. Anísio Teixeira: a poesia da ação. 1991. v. 1. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

Therezinha Lins de Albuquerque



TODOROV, João Cláudio
(1941- 2021)

Nasceu em Santo Anastácio, São Paulo, Brasil, em 8 de junho de 1941 e faleceu em 6 de julho de 2021, na capital Brasília. Bacharel (1962) e licenciado (1963) em Psicologia, pela Universidade de São Paulo, atuou como instrutor de Psicologia na Universidade de Brasília (1963-1965), colaborando na implementação de cursos individualizados. Doutorou-se na Arizona State University – (EUA) (1969). Estudou e pesquisou com nomes internacionalmente reconhecidos na Psicologia científica, como: Carolina Bori, Frederico Graeff, Fred Keller, Stanley S. Pliskoff e Jack Michael.

Entre 1968 e 1969, foi Professor Assistente na University of Virginia e pesquisador assistente do Institute for Behavioral Research (IBR) – (EUA).

Retornando ao Brasil, foi docente da Universidade de São Paulo (campus de Ribeirão Preto; 1969-1972), onde ensinou Análise do Comportamento a alunos de Medicina e Psicologia e formou mestres e doutores.

Mudou-se para a Universidade de Brasília (UnB), em 1973, onde participou ativamente do ensino, da pesquisa, da administração e da política universitária. Em plena ditadura, foi um dos fundadores e o primeiro Presidente da Associação dos Docentes da UnB (1978). Foi Chefe de Departamento, Decano de Pesquisa e

Pós-graduação na primeira gestão interina pós-ditadura militar, Vice-reitor e, posteriormente, Reitor (1993-1997) eleito da Universidade de Brasília, onde se aposentou, em 2000, como Professor Titular. Foi membro do Conselho da Fundação Universidade de Brasília (2006-2008) e mantém vínculo com a Universidade como pesquisador e orientador do Programa de Pós-graduação em Ciências do Comportamento.

Atuou no Programa de Análise do Comportamento da Universidade Católica de Goiás (2000-2009) e coordenou o Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário IESB (2004-2010).

Fundou e ajudou a fortalecer os Laboratórios de Análise Experimental do Comportamento da Universidade de São Paulo, Universidade de Brasília, Universidade Federal de São Carlos e de várias instituições privadas. Participou como Professor Visitante na Universidade Autônoma do México (1977) e Pesquisador Visitante na Stony Brook University (1990-1991).

Pesquisador de processos psicológicos básicos, reconhecido nacional e internacionalmente, iniciou, na década de 1960, ininterrupta e robusta produção científica. Traduziu, com Rodolpho Azzi, o livro Ciência e comportamento humano, de B. F. Skinner (1953), obra que teve importante papel na disseminação da análise do comportamento no Brasil (tradução publicada, em 1967, pela Editora Universidade de Brasília). Formou mestres e doutores que passaram a nuclear grupos de pesquisa e a multiplicar o alcance do conhecimento científico em Psicologia em instituições de todas as regiões do país.

É reconhecido por alunos, colegas e leitores, como um grande mestre, pela vasta experiência como pesquisador e educador e pela clareza conceitual que caracteriza sua produção. É um dos autores brasileiros mais citados e um dos mais lidos em disciplinas de análise do comportamento. Suas contribuições teóricas e metodológicas estão relatadas na diversificada produção, que inclui análises e discussões conceituais e descobertas científicas relevantes e originais sobre processos comportamentais (controle aversivo [especialmente, comportamento de esquiva], escolha e preferência, e práticas culturais). Suas contribuições para o ensino incluem, a dedicação ao ensino individualizado, a criação de condições para práticas de laboratório e para a participação do aluno em pesquisa, como condição para sua formação científica, a promoção da autonomia dos alunos.

É um dos pioneiros responsáveis pela consolidação da Psicologia como disciplina científica no Brasil, trabalhando pelo fortalecimento de instituições científicas e da classe de psicólogos. Participou da fundação e desenvolvimento de sociedades científicas, como a Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, hoje Associação Brasileira de Psicologia (SBP), da seção brasileira da Association for Behavior Analysis International e da Associação Brasileira de Análise do Comportamento. Foi conselheiro do Conselho Federal de Psicologia (1979) e um dos responsáveis pela instalação do Conselho Regional de Psicologia da 1ª Região (1974). Sua preocupação com o desenvolvimento da Psicologia científica no Brasil está também refletida em ações conjuntas para criar e fortalecer veículos de divulgação de pesquisa: Psicologia: Ciência e Profissão (revista do CFP), Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB) e Revista Brasileira de Análise do Comportamento. Participou do Conselho Editorial dos periódicos Journal of the Experimental Analysis of Behavior, Mexican Journal of Behavior Analysis e Behavior and Philosophy.

Em reconhecimento por contribuições para o desenvolvimento da Psicologia e pela importante atuação como cientista, mestre e militante, foi homenageado por sociedades científicas (Sociedade Brasileira de Psicologia: Sócio Honorário e Conselheiro; Instituto Brasileiro de Neurociências e Comportamento; Association for Behavior Analysis International: Fellow, 2015 e Award for International Dissemination of Behavior Analysis, 2009; Federação Ibero-Americana de Associações de Psicologia, 2012), instituições de ensino e pes-

quisa (Universidade de Brasília: Professor Emérito, 2006; Programa de Pós-graduação em Ciências do Comportamento; Centro Universitário IESB: Doutor Honoris Causa, 2015), e órgãos de classe (CFP; CRP). Em 24 de abril de 1994, o Presidente da República outorgou o grau de Comendador da Ordem do Rio Branco a João Cláudio Todorov.

Publicações

CAMESCHI, C. E.; TODOROV, J. C. Análise custo-benefício do reforço negativo em contingências de esquiva sinalizada. Psicologia: Teoria e Pesquisa, n. 19, p. 279-285, 2003.

COELHO, C.; HANNA, E. S.; TODOROV, J. C. Magnitude, atraso e probabilidade de reforço em situações hipotéticas de risco. Psicologia: Teoria e Pesquisa, n. 19, p. 269-278, 2003.

FERRARI, E. A., TODOROV, J. C.; GRAEFF, F. G. Nondiscriminated avoidance of shock by pigeons pecking a key. Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB), n. 19, p. 211-218, 1973.

MACHADO, L. S.; TODOROV, J. C. A travessia na faixa de pedestres em Brasília (DF/Brasil): exemplo de uma intervenção cultural. Revista Brasileira de Análise do Comportamento, n. 4, p. 191-204, 2008.

TODOROV, J. C. A constituição como metacontingência. Psicologia: Ciência e Profissão, n. 7, p. 9-13, 1987.

TODOROV, J. C. A psicologia como o estudo de interações. Brasília: Instituto Walden4, 2012a.

TODOROV, J. C. Behavioral analysis of non-experimental data associated with cultural practices. Behavior and Social Issues (BSI), v. 18, n. 1, 2009.

TODOROV, J. C. Conservation and transformation of cultural practices through contingencies and metacontingencies. Behavior and Social Issues (BSI), n. 22, p. 64-73, 2013.

TODOROV, J. C. et al. Choice, experience and the generalized matching law. Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB), n. 10, p. 99-111, 1983.

TODOROV, J. C. Interaction of frequency and magnitude of reinforcement on concurrent performances. Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB), n. 19, p. 451-458, 1973.

TODOROV, J. C. Laws and the complex control of behavior. Behavior and Social Issues (BSI), n. 14, p. 86-90, 2005.

TODOROV, J. C. Quem tem medo de punição? Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, n. 3, p. 37-40, 2001.

TODOROV, J. C. Sobre uma definição de comportamento. Perspectivas em Análise do Comportamento, n. 3, p. 32-37, 2012b.

TODOROV, J. C. The metacontingency as a conceptual tool. Behavior and Social Issues (BSI), n. 15, p. 92-94, 2006.

TODOROV, J. C.; HANNA, E. S. Análise do comportamento no Brasil. Psicologia: Teoria e Pesquisa, n. 26, p. 143-154, 2010.

TODOROV, J. C.; MORAES, A. B.; SOUZA, D. G. de. Probing stimulus control in free-operant avoidance. The Psychological Record, n. 42, p. 41-55, 1992.

TODOROV, J. C.; SOUZA, D. G. de; BORI, C. M. Momentary maximizing in concurrent schedules with a minimum interchange over interval. Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB), n. 60, p. 415-435, 1993.

Referências

HANNA, E. S. Prefácio. In: TODOROV, J. C. (Org.). Psicologia como estudo de interações. Brasília: Instituto Walden4, 2012. p. ii-v.

HOMENAGEADO João Claudio Todorov. Psicologia: Ciência e Profissão, [S.l.], v. 34, n. 1, 2014. 268 p.

TODOROV, J. C. Currículo lattes. Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783554U5. Acesso em: 15 out. 2015.

Elenice Seixas Hanna
Maria do Carmo Guedes
Deisy das Graças de Souza



UCHOA, Darcy de Mendonça *(1907-2003)*

Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927. Em seguida, mudou-se para Santana dos Olhos d'Água (atual Ipoã), onde atuou em consultório particular por cerca de sete anos. Foi para São Paulo, onde começou trabalhando no Manicômio Judiciário e, depois, solicitou e passou a trabalhar no Pavilhão de Mulheres do Hospital do Juqueri. Considerava insuficiente o tratamento psicofarmacológico e declarou, em entrevista, referindo-se a essa época inicial, que "aplicava os conceitos psicanalíticos na Psiquiatria". No Juqueri, trabalhou por cerca de 30 anos.

No final dos anos 1930, já vinha estudando de forma autodidata e procurou aproximar-se da Psicanálise. Conheceu Durval Marcondes e Flávio Dias, que já estavam em análise didática. Também iniciou sua análise didática com a Dra. Adelheid L. Koch. Dedicou-se igualmente à Psicanálise e à Psiquiatria. Nos anos 40, fez estágio científico/profissional nos Estados Unidos, onde conheceu Franz Alexander e a Clínica Menninger. Teve participação intensa no Centro de Estudos Franco da Rocha do Hospital do Juqueri, onde deu muitas palestras e vários cursos de temas psicanalíticos.

Fez concurso público para professor titular, em 1964, no Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina (EPM). Foi um dos criadores da Residência em Psiquiatria na EPM, assim como um dos articuladores do Ambulatório de Saúde Mental e do convênio deste com a Secretaria Estadual de Saúde. Em todas essas frentes de ensino e de intervenção terapêutica, foi um dos responsáveis pela ênfase menos organicista e mais humanista da Psiquiatria, dando destaque especialmente à Psicologia Médica e à Medicina Psicossomática, contrapondo-se ao ensino da Psiquiatria mais organicista da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

Na segunda metade dos anos 1950, tornou-se Analista didata. Teve intensa participação na formação de várias gerações de psicanalistas, no Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Foi presidente da SBPSP, nas gestões 1961-63 e 1973-75. É autor de extensa bibliografia em Psicanálise e em Psiquiatria dinâmica, publicada ao longo de quase cinquenta anos ininterruptos. Essa bibliografia merece maior destaque ainda numa época (anos 1930, 1940 e 1950) em que não havia qualquer reconhecimento da Psicologia como ciência e profissão. A cientificidade da psique era reduzida à Neuropsiquiatria como ciência biológica do sistema nervoso central e aos tratamentos organicistas: choque elétrico, psicofarmacologia, etc.

Nessa época, a Psicanálise representou a única alternativa científica e terapêutica à abordagem organicista. Enfim, é um psiquiatra/psicanalista que fez a formação e vem exercendo influência científico-profissional sobre várias gerações sucessivas, rumo à Psicanálise e a uma Psiquiatria psicodinâmica.

Publicações

UCHOA, D. de M. A concepção dinâmica da personalidade na moderna medicina. Neurobiologia, Recife, v. 11, n. 2, 1948.

UCHOA, D. de M. Algumas considerações sobre a etiologia e tratamento das neuroses infantis.

Arquivos da Assistência a Psicopatas de São Paulo, v. 4, n. 3/4, 1940.

UCHOA, D. de M. Estrutura psicológica da neurose compulsiva. 1946. Tese (Docência), São Paulo, 1946.

UCHOA, D. de M. Estrutura psicológica do delírio esquizofrênico. Tese (Cátedra de Psiquiatria) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1967.

UCHOA, D. de M. Estudos de psiquiatria dinâmica. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 2 v.

UCHOA, D. de M. O ensino da psicologia no currículo médico. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 15, n. 4, 1966.

UCHOA, D. de M. Organização da psicanálise no Brasil. In: UCHOA, D. de M. Organização da psiquiatria no Brasil. São Paulo: Sarvier, 1981.

UCHOA, D. de M. Psicanálise e higiene mental. Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo, v. 4, n. 4, 1938.

UCHOA, D. de M. Psicodinâmica da depressão. Tese (Cátedra) – Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1963.

UCHOA, D. de M. Psicologia médica. São Paulo: Sarvier, 1976.

UCHOA, D. de M. Psicopatologia da despersonalização. Tese (Cátedra) – Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1956.

UCHOA, D. de M. Psicopatologia do incesto. 1942. Tese inaugural, Rio de Janeiro.

UCHOA, D. de M. Psiquiatria e psicanálise. 3. ed. São Paulo: Sarvier, 1979.

UCHOA, D. de M. Psiquiatria e psicanálise. São Paulo: Sarvier, 1968.

UCHOA, D. de M. Psiquiatria e psicanálise. São Paulo: Vademecum, 1952.

UCHOA, D. de M. Sobre a psicanálise das psicoses. Arquivos de Neuropsiquiatria, v. 8, n. 2, 1950.

UCHOA, D. de M. Valor terapêutico da psicanálise nas neuroses. Revista Paulista de Medicina, v. 9, 1937.

UCHOA, D. de M.; LICHTENSTEIN, C.; REZZE, C. Tratamento hospitalar do paciente psiquiátrico: técnicas psicoterápicas propriamente ditas. Porto Alegre. In: CONGRESSO Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, 8, 1967, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: [s.n.], 1967.

Referências

SAGAWA, R. Y. A construção local da psicanálise. Marília: Interior/Psicanálise, 1996.

Roberto Yutaka Sagawa



VAZ, Cícero Emidio
(1931-)

Cícero Emidio Vaz, nasceu em 05 de setembro de 1931, no município de Pau dos Ferros (RN). Sua carreira profissional e acadêmica é uma síntese da história da Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), desde a década de 1960. Tanto é que, nas comemorações dos 40 anos do Instituto de Psicologia, em 25 de agosto de 1993, coube a ele proferir o discurso em homenagem aos ex-diretores (Vaz, 1993). Lecionou na instituição, de 1965 a 2007, tornando-se professor titular. Ele foi reconhecido pela medalha Mestre Exemplar, outorgada em 2003.

Graduou-se em Filosofia, em 1962, pela PUC-RS, ingressando, a seguir, na última turma do Curso de Especialização em Psicologia da mesma Universidade. Nesse curso, Vaz foi influenciado pelos professores Isacc Sprinz, na Psicologia clínica, David Zimerman, na Psicopatologia, Pedro Marinho do Nascimento, em Técnicas psicométricas, e Irmão Danilo, em Técnicas psicométricas e projetivas. No entanto, a maior influência foi de Sprinz, com quem trabalhou no Centro Psicotécnico da PUC-RS, onde já se ensaiava alguma pesquisa em avaliação psicológica. Concluindo o Curso de Especialização em 1965, ele foi convidado para lecionar no novo curso de graduação em Psicologia da PUC-RS.

Em 1972, obteve o título de Mestre em Psicologia pela PUC-RS, sob a orientação de Ângela Biaggio, com a dissertação Estudo Comparativo do Rorschach em Candidatos ao Serviço Social e Psicologia. Em 1974, obteve o título de Livre Docente, pela PUC-RS, com a tese Ansiedade Traço e Ansiedade Situacional através do Rorschach. Vaz veio a ser um dos mais importantes pesquisadores da técnica de Rorschach e do Zulliger (Z-teste). Colaborou durante muitos anos com o Centro de Orientação e Seleção Profissional (COESP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 1979, recebeu o Prêmio Distinção: Medalha Centenária de Psicologia Científica, que lhe foi conferido pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul.

A partir de 1986, Vaz deu início a suas atividades na pós-graduação, participando da reorganização do Curso de Mestrado em Psicologia da PUC-RS, como coordenador da comissão designada para preparar o projeto do curso. Também colaborou com a criação do Curso de Mestrado em Psicologia da UFRGS, integrando o corpo docente do primeiro ano de funcionamento do curso, em 1988. Em 1999, foi para a Universidade de Berkeley, onde desenvolveu estudos de pós-doutorado no Departamento de Antropologia. Retornando à cidade de Porto Alegre, integrou o comitê de Educação e Psicologia da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Foi editor da Revista PSICO (PUC-RS), entre 2003 e 2007. Entre suas publicações, destacam-se as edições de O Rorschach: teoria e desempenho, primeira edição de 1997, e Z-Teste Técnica de Zulliger: forma coletiva, com primeira edição em 1998, segunda edição revisada em 2002, com tradução para espanhol em 2003.

Publicações

VAZ, C. E. Ansiedade traço e ansiedade situacional através do Rorschach. Tese (Livre-docência)

– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1974.

VAZ, C. E. Discurso em homenagem aos ex-diretores do Instituto em 25 de agosto de 1993. Psico, v. 24, n. 2, p.160-164, 1993.

VAZ, C. E. Editorial. Psico, v. 14, n. 2, p. 5-6, 1987.

VAZ, C. E. Estudo comparativo do Rorschach em candidatos ao Serviço Social e Psicologia. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1972. v. 14, n. 2, p. 5-6, 1987.

VAZ, C. E. O Rorschach teoria e desempenho II: Sistema Klopfer. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

VAZ, C. E. O Rorschach: teoria e desempenho. São Paulo: Manole, 1997.

VAZ, C. E. Z-Teste sistema Klopfer: pesquisas básicas no Brasil – Técnica de Zulliger Forma Coletiva. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

VAZ, C. E. Z - Teste Técnica de Zulliger: forma coletiva. 2. ed. rev. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.

Referências

GOMES, W. B; SILVEIRA, A; GAUER, G. Pesquisa e pós-graduação stricto sensu 2006. In: GOMES, W. B. (Org.). Psicologia no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: MuseuPsi. Cap. 20. Disponível em: http://www.ufrgs.br/museupsi/PSI-RS/Chap10.htm. Acesso em: 15 set. 2015.

William Barbosa Gomes



VAZ, Henrique Cláudio de Lima – Padre Vaz *(1921-2002)*

Nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais. Filho de Theodoro Amálio da Fonseca Vaz, catedrático de mineralogia da Escola de Minas de Ouro Preto e da Escola de Engenharia de Minas Gerais, e de Emília Josephina de Lima Vaz. Filósofo, teólogo, educador e humanista, Vaz procura a conciliação entre a Filosofia e a Teologia. Bacharel e licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, em 1945, e membro da Companhia de Jesus (Jesuíta), é ordenado sacerdote em 1948. Bacharel e licenciado em Teologia, pela Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana de Roma, em 1949, obtêm, em 1953, o título de Doutor com a tese De dialectica et contemplatione in Platonis dialogis (Sobre a dialética e a contemplação nos diálogos de Platão).

Prestou assistência a estudantes da Universidade Gregoriana de Roma, que residiam no Colégio Pio Brasileiro. Lecionou diversas disciplinas nas áreas da Filosofia, da Teologia e da Psicologia em instituições, entre as quais, a Faculdade eclesiástica de Filosofia do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Chegou a Belo Horizonte, em 1964, e, desde 1965, começou a lecionar no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH-UFMG), como, também, no Instituto Politécnico da Universidade

Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), de 1968 a 1973. Residiu no Rio de Janeiro, de 1975-1981, lecionando na Faculdade Eclesiástica de Filosofia (transferida), sem deixar de ser Professor da UFMG, embora limitadamente. Voltou a Belo Horizonte, em 1982, lecionando na UFMG, até 1986, e no Centro de Estudos Superiores do Instituto Santo Inácio (CES/ISI), até a sua morte, 2002.

Começou de forma efetiva a sua carreira de professor na Faculdade Eclesiástica de Filosofia do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, em 1953, ministrando duas disciplinas: Psicologia Experimental e Psicologia Metafísica. Na Psicologia Experimental, seguia os textos clássicos da época, sobretudo, o tratado de Maurice Pradines (1874-1958), Philosophie de la sensation (1928-1934), e alguns textos dos jesuítas alemães Johannnes Lindworski e Johannes Frobes utilizados nas escolas da Companhia de Jesus.

A disciplina foi ministrada por apenas dois anos, pois Vaz passou a manifestar um interesse crescente pela Psicologia Metafísica, cuja denominação modificou-se, posteriormente, para Antropologia Filosófica. Foi essa disciplina que ensinou, durante dez anos, em Nova Friburgo e, depois, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus do Rio de Janeiro e no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus. Esse Centro, hoje denominado Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, resultou da transferência para Belo Horizonte, em 1982, das Faculdades Eclesiásticas de Filosofia e de Teologia, mantidas pela Companhia de Jesus no Brasil e autorizadas a conceder títulos acadêmicos em nome da Santa Sé. A Faculdade de Filosofia, criada em 1941, em Nova Friburgo (RJ), foi transferida sucessivamente para São Paulo (SP), em 1966, e para o Rio de Janeiro (RJ), em 1975, instalando-se, finalmente, em Belo Horizonte (MG), desde 1982. A Faculdade de Teologia foi fundada em São Leopoldo (RS), em 1949, onde permaneceu até ser transferida para Belo Horizonte, a fim de formar com a Faculdade de Filosofia um centro único de formação e estudos para os jesuítas de todo o Brasil, aberto para os membros da Companhia de Jesus de outros países e também para estudantes do clero diocesano, de congregações religiosas e leigos de ambos os sexos (Faculdade Jesuítica, 2015).

Os cursos aí ministrados contribuíram, e ainda contribuem, para a formação de estudantes, pensadores e pesquisadores dos mais diversos matizes e procedências, nas áreas da Filosofia, das Ciências Humanas e da Religião. Preocupado com a realização do homem na liberdade, na verdade, na beleza e na justiça, e baseando-se, principalmente, em Platão, Santo Tomás de Aquino e Hegel, Vaz busca harmonizar a fé e a razão, visando ao estabelecimento de uma vida ética calcada nos princípios da justiça social. Os temas tratados em sua obra incluem as preocupações com a história do homem e toda a variedade de suas expressões culturais, bem como as crises atuais da modernidade e os desafios apresentados pelo futuro. Tais questões são abordadas de modo amplo e criativo, sem deixar de lado o rigor próprio ao pensamento universitário.

O seu reconhecido conhecimento do Idealismo Alemão, Hegel em particular, tem auxiliado os estudantes e os pesquisadores da Psicologia e da Psicanálise na compreensão do raciocínio dialético, a partir de contradições. Esse raciocínio é fundamental para se trabalhar com autores como John Dewey e Jacques Lacan. O artigo Senhor e escravo: uma parábola da filosofia ocidental (Vaz, 1981), por exemplo, auxilia na compreensão de diversas referências lacanianas relacionadas à servidão, entre as quais a crítica a Hegel, na célebre passagem da Subversão do sujeito e dialética do desejo (Lacan, 1998, p. 825).

A obra mais conhecida, o Tratado sobre Antropologia Filosófica (Vaz, 1991), é dividida em duas partes. Na primeira, chamada Histórica,

Vaz esclarece de forma didática e acessível à concepção do homem do ponto de vista filosófico, da cultura arcaica grega ao homem, enquanto ser pluriversal na cultura atual.

A segunda parte, denominada Sistemática, inicia-se com um preâmbulo que trata do objeto e do método da Antropologia filosófica, seguido de três seções. A primeira, nomeada Estruturas fundamentais do ser humano, é de grande interesse para os psicólogos e os psicanalistas que buscam uma compreensão integral do homem, discute detalhadamente as categorias do corpo próprio, do psíquico e do espírito. Essa seção culmina com a definição dos aspectos fundamentais da vida, segundo o espírito, que Vaz apresenta enquanto atos espirituais e elementos de inteligência espiritual em suas formas históricas, bem como o seu destino na Filosofia moderna.

Focalizando o psíquico, o autor afirma que a construção dialética do discurso filosófico sobre o homem evidencia que ele não se esgota em seu corpo próprio. É necessário, portanto, explicitar a categoria do psíquico. Mas, igualmente, se pode dizer que o ser humano é o seu psiquismo, pode-se, também, afirmar que ele não é o seu psiquismo. Daí a impossibilidade de se esgotar, no próprio psíquico, o movimento de autoafirmação do sujeito. Isso faz com que o psíquico tenha que ser, em virtude do princípio de totalização do movimento dialético, suprassumido enquanto espírito. Impelido para além das fronteiras do somático, pela mediação do psíquico, o homem se assume enquanto estrutura espiritual ou noético-espiritual, último passo dialético na constituição das estruturas fundamentais do ser humano.

A segunda seção, denominada Relações fundamentais do ser humano, é subdividida em três categorias: objetividade, intersubjetividade e transcendência. Para cada uma delas, Vaz aponta o momento de sua pré-compreensão espontânea, própria do mundo da vida, e o momento das compreensões explicativas de caráter científico. Cada uma das categorias culmina com a compreensão filosófica de cada uma das relações em particular, quais sejam a compreensão filosófica das relações de objetividade (mundo), de intersubjetividade (outro) e de transcendência (absoluto).

Finalmente, na terceira seção, denominada Unidade fundamental do ser humano, Vaz trabalha a categoria de realização, isto é, a vida humana enquanto processo, e a categoria de pessoa, ponto culminante da "Antropologia". Discorre sobre a pessoa humana colocada entre o tempo e a eternidade, sem desconsiderar o problema da morte e da imortalidade, inscrito nas estruturas de nosso estar-no-mundo. Como dialético, não pode deixar de apontar a contradição existente entre a estrutura de autenticidade do homem, que Heidegger (1927, p. 46-56) chama de ser-para-a-morte e a outra estrutura ontológica do homem, que Vaz denomina de ser-para-a-imortalidade. Contradição metafísica que assume uma feição de luta, cujo desfecho somente pode ser entrevisto das alturas do espírito.

Nos seus últimos anos, volta-se, sobretudo, para a questão ética com a publicação dos dois volumes, Introdução à Ética filosófica 1 (histórico) e 2 (sistemático). Preocupa-se, especialmente, com a crise de valores da cultura contemporânea (Escritos de filosofia III: filosofia e cultura), apontando sua causa no imanentismo antropocêntrico do pensamento moderno.

A obra de Vaz encontra-se disponível no site Memorial Padre Vaz. Ali, encontramos a seguinte informação:

Logo após a morte de Henrique Cláudio de Lima Vaz, o Prof. Dr. João A. A. A. Mac Dowell realizou um primeiro trabalho de catalogação e organização de todo o material encontrado na biblioteca pessoal de H. C. de Lima Vaz. Este material foi depositado no Memorial Padre Vaz, um recinto localizado dentro da biblioteca do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, que desde o fim de

2005 passou a chamar-se Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Também a Biblioteca da Faculdade desde maio de 2003 leva o nome do próprio Padre Vaz. No Memorial, todo este material recebeu etiquetas numeradas e passou a ser identificado a partir de FICHAS que indicam o armário e a gaveta em que se encontram os originais manuscritos, datilografados, mimeografados, fotocopiados ou mesmo impressos pelo próprio Padre Vaz (Memorial Padre Vaz, 2015).

Um vasto material sobre Vaz, ora disponível em mídia digital, também pode ser encontrado no site www.padrevaz.com.br.

Publicações

VAZ, H. C. de L. Amor e conhecimento: sobre a ascensão dialética no "Banquete". Braga: Faculdade de Filosofia, 1956.

VAZ, H. C. de L. Antropologia filosófica. São Paulo: Loyola, 1991-1992. 2 v.

VAZ, H. C. de L. Cultura e ideologia. Belo Horizonte: UFMG, [s.d.].

VAZ, H. C. de L. De dialectica et contemplatione in Platonis dialogis. Tese (Doutorado) – [S.l.: s.n.], 1953.

VAZ, H. C. de L. Escritos de filosofia I: problemas de fronteira. São Paulo: Loyola, 1986.

VAZ, H. C. de L. Escritos de filosofia II: ética e cultura. São Paulo: Loyola, 2000.

VAZ, H. C. de L. Escritos de filosofia III: filosofia e cultura. São Paulo: Loyola, 1997.

VAZ, H. C. de L. Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica 1. São Paulo: Loyola, 1999.

VAZ, H. C. de L. Escritos de filosofia V: introdução à ética filosófica 2. São Paulo: Loyola, 2000.

VAZ, H. C. de L. Experiência mística e filosofia na tradição ocidental. São Paulo: Loyola, 2000.

VAZ, H. C. de L. Fé e razão. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

VAZ, H. C. de L. O pensamento filosófico no Brasil de hoje. Braga: Faculdade de Filosofia, 1961.

VAZ, H. C. de L. Ontologia e história. São Paulo: Duas Cidades, 1968.

VAZ, H. C. de L. Senhor e escravo: uma parábola da filosofia ocidental. Síntese, v. 21, p. 7-29, 1981.

VAZ, H. C. de L. Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin. Petrópolis: Vozes, [s.d.].

Referências

FACULDADE JESUÍTICA. Disponível em: http://www.faculdadejesuita.edu.br/index.php?pagina=-grupo_conteudo&tela=7&subtela. Acesso em: 09 set. 2015.

HEIDEGGER. Sein und zeit. Halle: Max Niemeyer, 1927.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: MILLER (Org.). Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1998.

MEMORIAL PADRE VAZ. Disponível em: http://www.padrevaz.com.br/. Acesso em: 09 set. 2015.

Luís Flávio Silva Couto

VELHO, Victor de Britto
(1915-2006)

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 09 de outubro de 1915, falecendo na mesma cidade em 1º de julho de 2006. Graduou-se em Medicina, pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre e, posteriormente, em Filosofia, pela Universidade El Salvador de Buenos Aires. Em 1938, ingressou, por concurso, como Médico psiquiatra no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (RS).

Em 1946, substituiu Décio de Souza na cátedra de Psicologia Geral da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), tornando-se um dos mais reconhecidos professores de Psicologia nas décadas de 1950 e 1960. Também foi professor de Psicologia no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Foi autor da proposta para a criação do primeiro Curso de Especialização em Psicologia organizado pela PUC-RS.

Entre 1956 e 1965, morou em Buenos Aires, onde estudou e lecionou Filosofia na Universidade El Salvador. Nessa cidade, fez sua formação em Psicanálise, tornando-se Analista didata. Regressando ao Brasil, retomou suas atividades na Faculdade da UFRGS. Em 1969, foi aposentado compulsoriamente pelo regime militar que vigorava no país. Publicou diversos textos filosóficos nos jornais da época.

Foi casado com Branca Maria Carrion de Britto Velho, com quem teve cinco filhos: Julio, Maria, Victor, Carlos e Ruth.

Referências

VELHO, V. de B. Entrevista. [S.l.], 20 jan. 2000. Entrevista concedida a William Barbosa Gomes.

VELHO, Z. B. Informações adicionais, obtidas por e-mail, sobre a vida de Victor de Britto Velho. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida em 28 jul. 2015.

William Barbosa Gomes



VELLOSO, Elisa Dias
(1914-2006)

Natural do estado de Minas Gerais. Em sua formação profissional, teve grande contato com Helena Antipoff, no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais em Belo Horizonte, onde foi aluna, no período de 1936 a 1941; e com Mira y López, no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), em um curso sobre seleção, orientação e readaptação profissional, de 1945 a 1948, e no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), em curso sobre Psicoterapia do Menor, em 1948.

Sua participação na Psicologia foi intensa: atuou como pesquisadora, professora e terapeuta, tendo sido muito importante para a consolidação da Psicologia Clínica. Ministrou aulas de Psicologia no Instituto de Educação de Belo Horizonte, entre 1938 e 1941, quando foi para o Rio de Janeiro e iniciou seu trabalho no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, onde permaneceu de 1941 a 1944.

Transferiu-se para o Departamento Nacional da Criança (1944-1969). Nesse período, deu suas maiores contribuições, que estão ligadas ao Centro de Orientação Juvenil (COJ), onde trabalhou de 1946 a 1968. O COJ foi fundado, em 1946, por Helena Antipoff e incorporado à Seção de Orientação Social da Divisão de Proteção

Social do Departamento Nacional da Criança. Desenvolvia atividades de treinamento profissional, pesquisa e demonstração no campo da Assistência psicológica ao adolescente.

Os trabalhos eram realizados com equipes interdisciplinares e através de clínicas de orientação, que marcavam diferença dos serviços ambulatoriais médicos por oferecerem assistência ao adolescente e ao seu meio familiar e social. Era subdividido em setores de Psiquiatria, Serviço Social e Psicologia. Neste último, havia três áreas: Diagnóstico psicológico e orientação; Psicoterapia para adolescentes e orientação para os responsáveis (o predominante); e Tratamento analítico.

Elisa fazia atendimentos psicológicos como orientadora e terapeuta de crianças e adolescentes, realizava supervisões com a equipe de Psicologia e reuniões clínicas com discussões de casos, além de ter sido diretora no período de 1960 a 1964. No COJ trabalhou com Leme Lopes e conheceu o Padre Benkö.

Ministrou aulas na Pós-Graduação Médica da Escola Nacional de Saúde Pública, entre 1960 e 1964, no curso de graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), de 1960 a 1966, e na pós-graduação dessa mesma universidade, de 1967 a 1969. Participou de cursos e estágios na Inglaterra, em 1952, nos Estados Unidos, de 1965 a 1966, e no Uruguai, de 1967 a 1969. Ministrou cursos e conferências em diversos Estados brasileiros. Foi membro das seguintes associações: Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, Sociedade Interamericana de Psicologia, Associação Internacional de Psicologia Aplicada, International Council of Psychologists e Comissão Interministerial, na qual foi uma das responsáveis pela elaboração de um anteprojeto de lei que criava os Conselhos de Psicologia. Teve participação ativa no Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, de 1974 a 1976, e no Conselho Federal de Psicologia, de 1976 a 1979, do qual foi presidente da comissão de ética. Participou de diversas pesquisas, entre as quais uma sobre recreação infantil em abrigos para menores desamparados. Publicou cerca de cinquenta artigos. Ganhou o Prêmio Dante Moreira Leite, pelo Conselho Federal de Psicologia, em 1982, e foi homenageada no Seminário Interdisciplinar da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, em 1998.

Publicações

VELLOSO, E. D. Estudos sobre recreação infantil. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Criança/ Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

VELLOSO, E. D. Helena Antipoff, psicóloga. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 28, n. 1, p. 101-107, jan./mar. 1976.

VELLOSO, E. D. Helena Antipoff: impressões e lembranças de uma aluna. Suplemento Pedagógico Especial, n. 1, p. 3, abril de 1972.

VELLOSO, E. D.; SILVA, V. C. Alguns aspectos da evolução de uma clínica psicológica (Centro de Orientação Juvenil). Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 14, n. 1, p. 5-34, jan./mar. 1962.

Referências

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Biografia: Elisa Dias Veloso. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 18, n. 2, 1998.

GUEDES, N. Entrevista. Rio de Janeiro, 29 jan. 2001. Entrevista concedida a Karina Pereira Pinto.

Karina Pereira Pinto



VELLOSO, Natércia Cunha *(1892-1975)*

Nasceu em São Gabriel, Rio Grande do Sul, em 24 de janeiro de 1892. Faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 09 de abril de 1975. Diplomou-se, em 1915, pela antiga Escola Complementar de Porto Alegre (RS), atual Instituto de Educação General Flores da Cunha. Em 1925, começou a lecionar no Curso Complementar, que formava os professores primários, regendo as disciplinas de Psychologia e de Direito Pátrio. Foi a primeira Professora a lecionar a cadeira de Psychologia, após o seu desmembramento da disciplina de Pedagogia. Foi diretora do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Poetisa, foi membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. É patronesse da cadeira número 6 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves de Porto Alegre.

Referências

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Cópias dos certificados de conclusão de curso dos alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha entre os anos de 1917 e 1951. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Históricos dos professores do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Minutas do Instituto de Educação General Flores da Cunha dos anos de 1913-1914; 1921-1922; 1928-1929; 1930-1934; 1934-1936; 1939-1945. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Registros dos professores do Curso Complementar da Escola Complementar de Porto Alegre do ano de 1928. Porto Alegre,[s.d.].

LHULLIER, C.; GOMES, W. B. Idéias psicológicas nos Cursos Normais de Porto Alegre no período de 1920 a 1950. Psico, v. 30, n. 2, p. 45-62, 1999.

Cristina Lhullier
Luiz Osvaldo Leite
William Barbosa Gomes

VELOSO, Elizabeth Chaves de Murta *(1915-2004)*

Nasceu em Salvador, Bahia. Realizou estudos na Escola Normal da Bahia, tendo concluído o curso, com láurea, em 1932. Conforme previsto na legislação, aos laureados eram concedidas a dispensa de prestar concurso público no magistério estadual e uma bolsa de estudos no centro de estudos mais adiantado do país. Escolheu ir para Minas Gerais, matriculando-se na Escola de Aperfeiçoamento de Professores, tendo sido aluna de Helena Antipoff, com quem desenvolveu trabalhos. Participou das atividades da Fazenda do Rosário e do Instituto Superior de Educação Rural. Regressando à Bahia, foi chamada para Assistente de Programas de Classificação de Alunos. Interessou-se bastante por excepcionais. Em 1950, frequentou o curso de Psicologia da Adolescência coordenado por Mira y López, promovido pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), com indicação de Helena Antipoff. Nessa oportunidade, realizou trabalho de Orientação Profissional, que consistia em observar o adolescente no local do aprendizado e visitar as famílias. Esse trabalho foi relatado em Educação do Adolescente, que obteve classificação máxima. De volta para a Bahia, foi nomeada Psicologista e, posteriormente, Psicóloga do Departamento da Criança, órgão da Secretaria de Saúde e Assistência Social do Estado da Bahia. Fundou e foi Diretora do Instituto Pestalozzi da Bahia, no governo do Prof. Regis Pacheco. Fechado na administração de Antônio Balbino, que demitiu todo o corpo técnico, o Instituto foi reinaugurado no governo de Antônio Lomanto Júnior. Trabalhou 35 anos na Escola Normal, aposentou-se compulsoriamente por tempo de serviço. Exerceu, durante oito anos, a direção de Educação da Prefeitura Municipal de Salvador. Foi Psicóloga do Centro de Orientação Infanto-Juvenil da Secretaria de Saúde. Em 1962, quando o Governo Federal realizou concurso de títulos e de provas para atribuição de título de Psicólogo, aos que já trabalhavam na área, nesse concurso, Veloso foi classificada com o máximo de experiência e de formação, recebendo o registro número 0021.

Referências

VELOSO, E. C. de M. Depoimento. [Salvador], [2000]. Depoimento concedido a Nádia Maria Dourado Rocha.

Nádia Maria Dourado Rocha



VIANA, Eliseu de Oliveira *(1890-1960)*

Nasceu em Guarabira, na Paraíba, em 19 de abril de 1890, e concluiu o curso de Professor da Escola Normal de Natal, em 1911. Formou-se bacharel em Direito, na Faculdade Livre de Fortaleza, em 1921.

Em 1922, tornou-se o primeiro diretor da Escola Normal de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Introduziu o ensino da Pedologia naquela instituição, passando, posteriormente, a assumir a mesma disciplina na Escola Normal de Natal. Foi um dos primeiros educadores norte-rio-grandenses a valorizar o uso de testes psicológicos, tendo escrito: A escola ativa (1930), primeiro trabalho publicado no Rio Grande do Norte a anunciar a renovação educacional desencadeada no Brasil pelo movimento da Escola Nova; Testes mentais (1930); e Testes de escolaridade (1930), verdadeira apologia do uso dos testes na educação e primeiros textos publicados sobre o assunto na capital potiguar.

Publicações

VIANA, E. de O. A escola ativa. [S.l.]: Typogrrafia a República, 1930.

VIANA, E. de O. Testes de escolaridade. [S.l.]: Typogrrafia a República, 1930.

VIANA, E. de O. Testes mentais. [S.l.]: Typogrrafia a República, 1930.

Referências

CARVALHO, D. B. de. A cidade e a alma reinventadas: a história da psicologia como signo e vetor da modernização urbana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 03 dez. 2015.

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc. gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

SARMENTO, M. A. A Escola Primária de Mossoró (1922-1934): narrativas sobre a criação da primeira escola de formação de professores do interior do Rio Grande do Norte. Mossoró: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, 2013.

SILVA, R. N. da. A escola do outro tempo: professores de Mossoró. Mossoró: Esam, 1968.

WANDERLEY, W. Eliseu Viana: educador. Mossoró: Esam, 1990. 2 v.

Denis Barros de Carvalho



VIANNA, Helena Besserman *(1932-2002)*

Natural do Rio de Janeiro. Médica e Psicanalista. Filha de uma família de imigrantes judeus poloneses, que migraram para o Brasil, em meados da década de 20, lutando contra o holocausto. Desde a adolescência engajou-se em diversos movimentos sociais e na campanha "O petróleo é nosso". Aos 16 anos, ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e lá permaneceu até 1968. Formou-se na Faculdade Nacional de Medicina, em 1955, e, em 1960, ingressou na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). A partir de seus ideais marxistas, lutou contra a ditadura militar de 1964.

Foi marcante a sua denúncia a várias entidades psicanalíticas do exterior, especialmente, à direção da International Psychoanalitical Association (IPA), sobre a participação do Médico-tenente Amílcar Lobo Moreira da Silva (1939-1997), candidato a Psicanalista pela Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro (SPRJ), em equipe de tortura a presos políticos no quartel da Polícia do Exército, o DOI-CODI, um dos mais desastrosos centros da repressão, nesse momento histórico, no Brasil.

Em 1975, não conseguiu entrar como Membro Titular na SBPRJ. A justificativa na época, foi que a candidata não atendia às normas éticas e técnicas, estabelecidas por essa Sociedade.

Neste mesmo ano de 1975, foi a Londres, conversar com a direção da International Psychoanalytical Association (IPA). Essa Associação escolheu aceitar a palavra do presidente da SPRJ, naquele período, Leão Cabernite (analista de Amilcar Lobo), tomando tais acusações como caluniosas. Mesmo com várias manifestações internacionais feitas sobre o assunto, dando destaque à coordenada por Marie Langer, na Argentina, essa decisão foi assumida pela IPA.

Após o seu regresso de Londres, recebeu proposta da direção da SBPRJ de que todas as cartas e atas reservadas sobre o assunto fossem queimadas e que essa situação fosse esquecida. Dessa forma, ela poderia apresentar o trabalho solicitado para se tornar Membro Titular da SBPRJ. Em 1976, conseguiu ser membro dessa Sociedade e conquistou uma significativa produção de conhecimento na Psicanálise.

Em 1991, em coautoria com a psicanalista Tereza Pinheiro, publicou o livro As bases do amor materno, premiado pela Fundação Carlos Chagas, que narra a vida de Margarete Hilferding, primeira mulher a frequentar os círculos das quartas-feiras, na casa de Freud, em 1911.

Em 1995, publicou Não conte a ninguém... (Prefácio René Major), onde apresentou extensa documentação sobre o caso Lobo. Realizou uma interpretação baseada na concepção psicanalítica da transmissão psíquica transgeracional, buscando o entendimento da história da Psicanálise no Brasil. Refez a origem da implantação da Psicanálise no Rio de Janeiro até a vinda da Europa do pós-guerra de dois analistas didatas para a formação de psicanalistas.

Um deles, Wener Walter Kemper (analista de Leão Cabernite), participou do Instituto Göring, o organismo da Alemanha nazista responsável por coordenar as psicoterapias no III Reich e no que se refere à Psicanálise, por suprimi-la como "ciência judia". Nesses termos, constatou-se, assim, a sustentação do viés apolítico da Psicanálise e a da dicotomia ciência e política, nesse tempo.

Em 1997, o livro Não conte a ninguém..., foi lançado na França sob o título Politique de la Psychanalyse face a la dictadure et la torture, e na Argentina como No se le cuente a nadie.... Essas edições acrescentam mais documentos do que a brasileira e apresentam a formação do Grupo Pró-Ética composto por alguns psicanalistas, como Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas. Esses psicanalistas denunciavam a conivência dessa Sociedade com relação ao caso Lobo-Cabernite e acabaram saindo da SPRJ.

Além de membro didata da SBPRJ, fez também parte da Sociedade Internacional da História da Psiquiatria e da Psicanálise. Foi integrante do Conselho Editorial da Revista Gradiva e uma das organizadoras do 1º Comitê Internacional dos Estados Gerais da Psicanálise que, em julho de 2000, em Paris, reuniu centenas de psicanalistas. Nesse encontro, publicamente, pediu demissão da SBPRJ e da IPA, lembrando a cumplicidade de ambas no caso Lobo.

Em 2000, recebeu do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ (GTNM/RJ), a Medalha Chico Mendes de Resistência, por sua perseverança em defesa dos direitos humanos. Desde a criação do GTNM/RJ, em 1985, participou de uma série de atividades dessa entidade.

Em 7 de abril de 2002, faleceu Helena Celinia Besserman Vianna. Casada com o médico Luís Guilherme Vianna e mãe de Cláudio Besserman Vianna (o comediante "Bussunda"), do economista Sérgio Besserman Vianna e do médico Marcos Besserman Vianna.

Do holocausto à ditadura no Brasil, emerge uma cidadã comprometida com a relevância política da transmissão da experiência analítica. Além desse legado, um compromisso com a dignidade da vida humana.

Publicações

VIANNA, H. B. A peculiar form of resistance to psychoanalytic treatment. The International Journal of Psychoanalysis, London, v. 55, n. 3, p. 439-444, 1974.

VIANNA, H. B. A peculiar form of resistance to psychoanalytical treatment: a reply to the discussion by Will Baranger. The International Journal of Psychoanalysis, London, v. 56, n. 2, p. 263-264, 1975.

VIANNA, H. B. A primeira psicanalista e o amor materno. Extrato de pesquisa referente a (re) construção de texto e contexto da primeira mulher admitida como Membro de Sociedade Psicanalítica: Viena 1910. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 50-65, 1989.

VIANNA, H. B. De Freud a Winnicott. In: MELLO FILHO, J. de. Winnicott: 24 anos depois. [S.l.]: Revinter, 1995. p. 139-147.

VIANNA, H. B. De Freud a Winnicott. Trieb, Rio de Janeiro, n. 2, p. 48-54, 1992.

VIANNA, H. B. Não conte a ninguém... Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Prefácio Leandro Konder).

VIANNA, H. B. No se le cuente a nadie... Buenos Aires: Polemus, 1997.

VIANNA, H. B. Politique de la psychanalyse face a la dictadura et la torture. Paris: L'Harmattan, 1997.

VIANNA, H. B.; PINHEIRO, T. As bases do amor materno. São Paulo: Escuta, 1991.

Referências

CAMPOS, R. H. F. (Org.). Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: Imago Ed. Brasília, DF: CFP, 2001.

COIMBRA, C. M. B. Helena Besserman Vianna: a que não abriu mão da dignidade e da ética (1932-2002). Biografia. Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 1. n. 1, p. 315-318, 2005. Disponível em: http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/viewFile/59/pdf_45. Acesso em: 09 nov. 2015.

MOREIRA, L. E. de V.; BULAMAH, L. C.; KUPERMANN, D. Entre barões e porões: Amílcar Lobo e a psicanálise no Rio de Janeiro durante a

ditadura militar. Analytica: Revista de Psicanálise, v. 3, n. 4, p. 173-200, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231651972014000100009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 02 nov. 2015.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca. Rio de Janeiro, 2015.

VIANNA, S. B. Entrevista. 27 nov. 2015. Entrevista concedida por e-mail a Lurdes Perez Oberg.

Lurdes Perez Oberg



VIANNA, Oliveira *(1883-1951)*

Antropólogo, Jurista, Professor e Historiador, natural de Rio Seco de Saquarema, Rio de Janeiro. Bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1906, tornou-se Professor de Direito Criminal na Faculdade de Direito do Estado do Rio, em Niterói, em 1916. Nacionalista e conservador, dedicou várias obras à análise da formação brasileira e da miscigenação racial no país. Influenciado por G. Lapouge, J. A. Gobineau, Le Bon, entre outros, defendeu a ideia da hierarquia racial humana em algumas de suas obras. Segundo Oliveira Vianna, as raças diferiam em seus graus de adaptabilidade ambiental e cultural, não só devido às características morfológicas, mas também psicológicas. Examinando a questão da "Psicologia das raças", era favorável à seleção imigratória de "tipos psicológicos assimiláveis" pelo ambiente e cultura brasileiros. Argumentava, ainda, que dados de pesquisas psicométricas mostravam, estatisticamente, que as raças brancas concentravam maior número de inteligências superiores.

Com a publicação de Raça e assimilação (1932), envolveu-se em uma polêmica com Arthur Ramos, que o acusava de basear suas conclusões sobre as "capacidades da raça negra" na "ciência do século passado". Respondendo às

críticas de Ramos, já na quarta edição dessa obra, reafirmou suas convicções na superioridade intelectual e civilizatória branca. Publicou vários estudos em Psicologia social do povo brasileiro e trouxe ao país muitas pesquisas sobre a Psicologia diferencial, realizadas por psicometristas americanos e europeus. Segundo ele, seu interesse pelo estudo do comportamento coletivo humano, objetivava oferecer subsídios para reformas políticas e sociais, necessárias à evolução do país.

Em 1926, assumiu o cargo de diretor do Instituto do Fomento do Estado do Rio de Janeiro e, em 1934, foi colaborador da Comissão Especial de Revisão da Constituição. Em 1937, foi consultor jurídico junto ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, tornando-se Ministro do Tribunal de Contas da República, em 1940. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Fluminense de Letras, da Societé des Americanistes, de Paris, do Instituto Internacional de Antropologia, da Academia de História de Portugal e da Academia Brasileira de Letras. Outras obras suas importantes para a história da Psicologia brasileira foram: Populações meridionais do Brasil (1920); Pequenos estudos de psychologia social (1921); Evolução do povo brasileiro (1923); e a coletânea Ensaios inéditos (1991).

Publicações

VIANNA, O. Ensaios inéditos. Campinas: Unicamp, 1991.

VIANNA, O. Evolução do povo brasileiro. [S.l.: s.n.], 1923.

VIANNA, O. Pequenos estudos de psychologia social. Companhia Editora Nacional, 1942.

VIANNA, O. Populações meridionais do Brasil. [S.l.: s.n.], 1920.

VIANNA, O. Raça e assimilação. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1959.

Referências

BRESCIANI, M. S. M. O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 3 dez. 2015.

André Luís Masiero



VIÇOSO, Antônio Ferreira – Dom Viçoso *(1787-1875)*

Nasceu em Portugal. Entrou para a Congregação da Missão, fundada por São Vicente de Paulo e, em 1819, ao formar-se Padre, veio para o Brasil em missão catequética. Aqui, foi designado para a direção do Colégio do Caraça. Em 1820, Antônio Viçoso chegou ao Caraça, com a responsabilidade de ensinar e orientar os rapazes que se matriculassem na instituição (Andrade, 2000). Mais tarde, entre 1837 e 1842, tornou-se Reitor do Colégio.

Em 1844, ele foi sagrado bispo de Mariana, onde permaneceu até 1875, data de sua morte. É reconhecido, ao lado de D. Romualdo Seixas, como pioneiro do movimento de reforma ultramontana da Igreja Católica brasileira. A posição ultramontana defendia a submissão da Igreja brasileira ao Papado de Roma e à ortodoxia católica. O lazarista também se colocou, abertamente, contra a escravidão.

Empenhou-se na expansão da educação formal em Minas Gerais. Antes de ser sagrado bispo, dirigiu o Seminário de Jacuecanga, no Rio de Janeiro, e fundou o Colégio de Campo Belo da Farinha Podre, no Triângulo Mineiro (Zico, [s.d]). Durante o bispado, promoveu mudanças na organização e no ensino oferecido no Seminário de Mariana e fundou o Colégio da Providência, instituto destinado à instrução feminina. Envolveu-se ativamente com o Convento das Macaúbas, uma das primeiras instituições mineiras voltadas para a educação de meninas, mantendo intensa correspondência com a Superiora do Convento.

A contribuição de Antônio Viçoso para a história dos saberes psicológicos no Brasil consiste, principalmente, nas ideias colocadas em circulação mediante suas iniciativas de reforma e educação dos costumes do clero e das gentes mineiras, a exemplo de São Carlos Borromeu (Azzi, 1974). A reforma, além da instrução, visava a uma intervenção nos costumes, por meio de formação mais adequada das virtudes. Nesse contexto, fazia parte da concepção educacional desse bispo, a luta contra ideais protestantes, iluministas, maçônicos e liberais, difundidos no Brasil. Destacava-se o combate ao panteísmo, materialismo e racionalismo. Cada uma dessas teorias, segundo os religiosos ligados ao bispo de Minas Gerais, trazia limitações para a compreensão da natureza do ser humano e de suas relações naturais com Deus e com a sociedade. Em contraposição às teorias iluministas, o lazarista propôs que a educação fosse fundamentada na tradição cristã e clássica, no uso adequado da razão e na regulação das paixões e dos apetites. Utilizou como matrizes teóricas obras de S. Afonso de Ligório, Luiz de Granada, São Francisco de Salles, além, obviamente, dos preceitos próprios da Congregação da Missão e do Papado da época.

D. Viçoso organizou, junto com colaboradores, a Typographia Episcopal de Mariana, que publicou e imprimiu jornais e obras católicas. O religioso traduziu diversos livros, como as obras Guia de confessores e gente do campo e Teologia moral de São Afonso de Ligório. Foi também autor de um catecismo para crianças, além de colaborar na escrita de jornais, textos e panfletos, por meio dos quais defendia os ideais católicos, entre eles o conceito de corpo social cristão.

Os impressos da Typographia circularam por toda a Província de Minas Gerais e eram distribuídos para as instituições educacionais. Entre esses impressos, é particularmente importante a publicação da obra, Esqueleto das faculdades e origem das ideias do espírito humano, obra "Mui util para os moços que se applicão ao estudo de Philosophia" (1845), escrita pelo Padre João Antônio dos Santos. Santos, era um dos principais colaboradores de D. Viçoso na organização de jornais e na direção do Seminário de Mariana. Mais tarde, se tornaria bispo de Diamantina, engrossando o rol dos religiosos reformistas do Brasil.

O Esqueleto das faculdades, segundo seu autor, é um pequeno tratado destinado a discutir o ramo da Filosofia entendido como Psicologia, isto é, as discussões sobre a organização e dinâmica das faculdades da alma e as teorias sobre a origem das ideias e o comércio entre corpo e alma. Santos, em seu texto, dialoga com o empirismo mitigado de Antônio Genovesi e com o espiritualismo eclético (Assis, 2009).

Referências

ANDRADE, M. G. de. A educação exilada: Colégio do Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ARQUIVO ECLESIÁSTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. Documentos inéditos. Arquivo coordenado por Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues. [s.d.].

ASSIS, R. M. Psicologia filosófica no século XIX: faculdades da alma e relações entre inteligência, sensibilidade e vontade. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 22, n. 2, p. 304-311, 2009.

ASSIS, R. M. Psicologia, educação e reforma dos costumes: lições da Selecta Catholica (1846-1847). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

AZZI, R. O movimento brasileiro da reforma católica durante o século XIX. Revista Eclesiástica Brasileira. v. 34, n. 135, set. 1974.

PIMENTA, S. G. Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso. Typographia Archiepiscopal, 1920.

ZICO, Pe. J. T. Caraça: peregrinação, cultura e turismo. (1770-1975). Belo Horizonte: São Vicente, [s.d.].

Raquel Martins de Assis



VIEIRA, Antônio
(1608-1697)

Nascido em Lisboa, transladou-se, ainda menino, para o Brasil, onde estudou no Colégio da Bahia. Entrou na Companhia de Jesus em 1623. Tornou-se Mestre em Artes, após seus estudos de Filosofia e Teologia. Lecionou Humanidades e Retórica nos Colégios da Bahia e Pernambuco. Antes mesmo de tornar-se padre, iniciou sua célebre carreira de pregador, que o fez grande divulgador da língua e cultura lusitanas. Participou da resistência contra a invasão holandesa. Após a Restauração de Portugal, em 1640, foi nomeado pregador régio por D. João IV e para missões diplomáticas na França, Inglaterra, Holanda e Roma. Envolveu-se na defesa dos cristãos novos e sua integração à economia de Portugal. Em 1652, embarcou para as Missões do Maranhão e Pará, onde enfrentou tensas querelas com os colonos, em torno da questão da liberdade do indígena.

Desterraram-no para o Porto, em 1662, e denunciaram-no à Inquisição, com base nos seus vários escritos, principalmente, Esperanças de Portugal, quinto império do mundo (1659), texto histórico-profético enviado à Rainha viúva de D. João IV. Preso, em 1665, obteve liberdade após brilhante defesa, em 1668. Ocorreu, então, o seu período de pregação em Roma. Novamente em Lisboa, empenha-se em retornar às missões no Brasil, onde, no Colégio da Bahia e na Quinta do Tanque, viveu os últimos anos de sua vida.

Suas numerosas obras testemunham o exercício da diplomacia, política, evangelização, administração, pregação e literatura, de maneira articulada e original. São cartas, tratados como a História do futuro (começada em 1649) e a Clavis prophetarum (1663), poemas e mais de duas centenas de sermões, documentos consagrados pela historiografia geral e fonte para o estudo dos saberes sobre o homem, notadamente, as disciplinas tradicionais, como: a Teologia, a Filosofia moral, a Retórica, a Política, a Medicina e a emergente ciência moderna.

Publicações

VIEIRA, A. Clavis prophetarum. [S.l.: s.n.], 1663.

VIEIRA, A. Esperanças de Portugal: quinto império do mundo. [S.l.: s.n.], 1659.

VIEIRA, A. História do futuro. [S.l.: s.n.], [16--].

Referências

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira – da época colonial até 1934. São Paulo: Epu, 1990.

MASSIMI, M. Palavras, almas e corpos no Brasil colonial. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Paulo José Carvalho da Silva
Marina Massimi



WALLON, Henri
(1879-1962)

Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu em Paris, a 15 de julho de 1879. Aí viveu toda sua vida, com pequenos períodos de visitação e trabalho fora da França, entre eles, em 1935, três meses de atividade no Brasil.

Foi o terceiro filho do arquiteto e funcionário público Paul Wallon (1845-1918). Neto do historiador, político e intelectual Henri Alexandre Wallon (1812-1904). A figura do avô, sua importância para as questões políticas do país e o clima familiar de respeito e valorização das questões públicas, fizeram Wallon escolher o curso Normal e a agregation de Filosofia – concurso público para licenciados – como primeira opção de formação. Na Escola Normal recebeu a influência de vários professores – notadamente, Frédéric Rauh (1861-1909) e Levy-Brühl (1857-1939). Atuou como professor de Filosofia no Liceu, por um ano (1902). Porém, inquieto com a perspectiva de não contribuir efetivamente para a transformação social, procura os conhecimentos de Psicologia, ingressando, em 1903, no curso de Medicina, fazendo o percurso sugerido por Théodule Ribot (1839-1936) para a ascensão a uma Psicologia científica.

O curso de Medicina proporcionou discussões sobre os aspectos concretos (fisiológicos e biológicos) da vida mental e lhe possibilitou aprofundar estudos em neurologia e psiquiatria infantil. Foi assistente do professor de histopatologia Jean Nageotte (1866-1948), acompanhando-o nas alas infantis dos hospitais Bicêtre e Salpêtrière, dele apreendendo a objetividade nas observações e o gosto pela investigação científica. Foi também, nesse período, que decidiu fazer sua tese de doutorado sobre o comportamento anormal na infância, publicada somente em 1925: L'enfant turbulent. Concluiu seu curso em 1908, e, em 1914, tornou-se médico do exército francês na Primeira Grande Guerra (1914-1918). Acredita-se que muitas das vivências, durante esse período, influenciaram, posteriormente, nas mudanças e acentos que tomaram sua teoria e prática médico-psicológica, de modo especial, a forma singular de investigar e entender a relação emoção-razão.

Foi professor Assistente de "Psicologia da Criança", na Sorbonne (1924-1936) e diretor de estudos da Escola de Altos Estudos de Paris (1927-1950). Em sala anexa a uma escola na periferia de Paris, criou o Laboratório de Psicobiologia da Criança (1922), inaugurando, assim, o trabalho de Psicologia Escolar na França, atividade e área de atuação que sempre defendeu ao longo de sua trajetória profissional. Em colaboração com o amigo Henri Piéron (1881-1964), professor de Psicologia Experimental no Collège de France, trabalhou no Instituto Nacional de Estudos do Trabalho e Orientação Profissional (1929). Adentrou os muros do Collège de France, em 1937, com a cadeira Psicologia e Educação da Criança, lá permanecendo até sua aposentadoria, em 1949.

Durante a Segunda Guerra mundial, com mais de sessenta anos de idade, impedido de continuar lecionando durante a ocupação nazista (1942-1945), Wallon participou dos grupos de Resistência Francesa, sendo, inclusive, designado Ministro da Educação (1944) e Deputado Federal pelo partido Comunista (1946). Nesse período, com o físico e amigo Langevin, encabeçou os trabalhos de produção de um Plano Nacional de Educação, jamais totalmente implementado. A relação de Wallon com a Educação atravessou toda a sua história

V
W

profissional. Envolveu-se, inicialmente, com as propostas da Escola Nova, que criticou, posteriormente, acreditando e insistindo no papel central da Educação para a transformação da sociedade.

Foi presidente ou diretor de inúmeras instituições científicas, escreveu vários livros e quase quatrocentos artigos, distinguindo-se, principalmente, no campo da Psicologia da Infância, da Adolescência, da Epistemologia e da Metodologia – temas que retomou diversas vezes ao longo da carreira. Fundou, em 1948, em colaboração com Hélène Gratiot-Alphendery (1909-2011), a revista Enfance, que é publicada até os dias atuais.

Wallon fez obra de grandes proporções, almejando reconstruir a Psicologia, propondo novas maneiras de ver e de se estudar o Homem em seu contexto. Uma concepção monista e genético-funcional, que valorizava o olhar para a gênese das funções psicológicas investigadas e na qual toda e qualquer dualidade era encarada como limite da razão cartesiana. Sendo o homem um organismo biológico, mas que ao longo da Evolução configurou-se por meio de uma interdependência dialética com os contextos físico e social (técnico-cultural), caberia à ciência que desejasse explicá-lo – Psicologia – levar em consideração todos os fatores envolvidos. Por fundamentar sua Psicologia – chamada Psicologia da Pessoa Completa ou Concreta – na perspectiva materialista dialética e histórica (Marx e Engels), acreditava que as contradições, conflitos ou momentos críticos, podiam ser excepcionais lentes para a interpretação correta do fenômeno psicológico. Com Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vigotski (1896-1934), Wallon foi considerado um dos responsáveis por uma nova visão da Infância, auxiliando a construção de conhecimentos que ultrapassassem a concepção adultocêntrica que imperava na sociedade e ciências psicológicas do início do século XX.

Em 1935, a convite do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura Wallon, veio ao Brasil acompanhado de sua esposa, a psicóloga Germaine Wallon. Durante os três meses de sua permanência, participou de eventos da vida social carioca, recebeu homenagens, visitou escolas, instituições para surdos, Hospitais, Laboratórios de Psicologia, ministrando dezenas de conferências e minicursos (ex: "A Psicologia da puberdade", "Os métodos da Psicologia" etc.). Na ocasião, foi acolhido por educadores, como: Leoni Kaleff, intelectuais como Hermes Lima (1902-1978) e professores da nascente Psicologia brasileira, Nilton Campos (1898-1963), bem como os médicos ligados ao Movimento Higienista e Ortofrênico. Não obstante a calorosa acolhida, seu pensamento foi interpretado, à época, como organicista e cientificista. De fato, as contribuições de Wallon e sua proposta materialista e dialética demoraram décadas para serem assimiladas em terras tupiniquins. Somente após o retorno de Pedro da Silva Dantas (1913-) de um estágio de Psiquiatria na França (1960) e da colaboração de Maria José Garcia Werebe (1925-2006), que novas obras e artigos de publicização do autor chegaram, efetivamente, às carteiras universitárias brasileiras. Desde então, o psicogenético francês irá ser retomado nos campos educacional e psicológico, favorecendo um olhar global e integrativo do sujeito. Ainda quanto à divulgação, na década de 1980, é importante destacar os Grupos de Pesquisa da USP (dirigido por Heloysa Dantas de Souza Pinto) e os da PUC-SP (encabeçados pelas professoras Abigail Mahoney e Laurinda Ramalho), que formaram diversos pesquisadores na concepção walloniana.

Publicações

WALLON, H. A criança turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental. São Paulo: Vozes, 2007.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. [S.l.]: Martins Editora, 2007.

WALLON, H. As origens do caráter na criança. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WALLON, H. As origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole, 1989.

WALLON, H. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

WALLON, H. et al. Entretien avec Henri Wallon. Enfance, v. 21, n. 1, p. 17–29, 1968.

WALLON, H. Henri Wallon par lui-même: Trois inédits. Enfance, v. 39, n. 4, p. 341–349, 1986.

WALLON, H. La vie mental. ENCICLOPÉDIE Française, 1938. Tome VIII.

WALLON, H. L'enfant turbulent. 1908. Tese (Doutorado) – [S.l.: s.n], 1925.

WALLON, H. Mecanismes de la memoire em rapport avec ses objets. Paris: Avec Evart-Chmnieiniski. Presses Univesitaires de France, 1951.

WALLON, H. Principios de psychologia applicada. São Paulo: Nacional, 1935.

WALLON, H. Psychologie pathologique. Paris: Alcan, 1926. 95 p.

Referências

DANTAS, P. S. Para conhecer Wallon: uma psicologia dialética. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PALACIOS, J.; VILA, I.; CULLEN, K. Présence, impact et actualité de l'œuvre de Wallon dans la psychologie évolutive espagnole. Enfance, v. 46, n. 1, p. 33-42, 1993.

SILVA, D. L. Por dentro do debate Piaget-Wallon: o desenrolar da controvérsia sobre a origem e desenvolvimento do pensamento simbólico. Tese (Doutorado) – FAE/UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, D. L.; CAMPOS, R. H. F.; FAZZI, E. H. Funcionalismo no Brasil: pioneiros. In: MASSIMI, M. (Org.). História da psicologia no Brasil do século XX. São Paulo: EPU - Editora Pedagógica e Universitária, 2004.

WEREBE, M. J. G.; NADEL- BRULFERT, J. (Org.). Henri Wallon. São Paulo: Ática, 1986.

Dener Luiz da Silva
Rodolfo Luis Leite Batista

WALTHER, Léon
(1889-1963)

Psicólogo russo, especialista em Psicologia Aplicada, graduou-se pela Faculdade de Letras de São Petersburgo e, em seguida, lecionou em colégio dessa capital. Seguiu para a Suíça, em 1914, onde cursou Sociologia, em Lausanne, e Direito, na Universidade de Genebra. Estudou Psicopedagogia no Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR), em 1917 e 1918.

Impossibilitado de retornar à Rússia devido a circunstâncias políticas, trabalhou na indústria relojoeira suíça. Aplicou então, os conhecimentos de Psicologia ao trabalho industrial, implantando modificações que levaram ao aumento significativo da produção e a melhorias nas condições do trabalho operário. Em 1926, defendeu, na Universidade de Genebra, a tese La tecnopsychologie du travail industriel, uma das primeiras obras publicadas em língua francesa a tratar dos campos da Tecnopsicologia ou Psicologia aplicada ao trabalho industrial. A partir de 1918, dirigiu a seção de Tecnopsicologia e Orientação Profissional do IJJR.

A convite do governo mineiro, em 1929, Léon Walther permaneceu, durante três meses, na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte, onde contribuiu para a implantação do Laboratório de Psicologia, já iniciada por Theodore Simon. No final de sua estadia no Brasil, em agosto de 1929, esteve com o psicólogo Lourenço Filho, em Santos, para receber a amiga Helena Antipoff, que chegava ao país. Seguiu para São Paulo, onde procurou a Editora Melhoramentos, a fim de publicar a sua obra Psicologia do trabalho industrial, traduzida para o português por Lourenço Filho. Retornou ao Brasil, em fins de 1948, a convite da direção nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-RJ), onde, junto a seu assistente Pierre

Weil (aluno do IJJR), organizou o Departamento de Orientação e Seleção Profissional.

Além de Psicologia do trabalho industrial, traduzida por Lourenço Filho (1963), outras obras suas foram traduzidas para o português, como A orientação profissional e as carreiras liberais: ensaio psicológico, traduzido por Vera de Araújo Fernandes e Pierre Weil (1962); Enchimento dos sacos de café: estudo tecnopsicológico (1929), e Empacotamento do café (1932).

Publicações

WALTHER, L. A orientação profissional e as carreiras liberais: ensaio psicológico. Tradução Vera de Araújo Fernandes e Pierre Weil. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

WALTHER, L. Empacotamento do café. São Paulo: Idort, 1932.

WALTHER, L. Enchimento dos sacos de café: estudo tecnopsicológico. Rio de Janeiro: Centro do Comércio do Café, 1929.

WALTHER, L. La psychologie du travail. Genève: Editions du Mont-Blanc, 1946.

WALTHER, L. La tecnopsychologie du travail industriel. 1926. Tese (Doutorado) – Universidade de Genebra. Genebra, 1926.

WALTHER, L. Psicologia do trabalho industrial. Tradução Manoel Bergstrom Lourenço Filho. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

Referências

ANTIPOFF, D. Helena Antipoff: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

PRATES, M. H. O. A introdução oficial do Movimento da Escola Nova no ensino público de Minas Gerais: a Escola de Aperfeiçoamento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

Isabel Gontijo Antonini



WEIL, Pierre
(1924-2008)

Nasceu na França. Estudou no Instituto de Estudos do Trabalho e de Orientação Profissional de Paris, dirigido por Henri Pierón, na Escola Prática de Psicologia e Pedagogia da Universidade de Lyon e na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Instituto Jean Jacques Rousseau) da Universidade de Genebra. Foi aluno, entre outros, de Jean Piaget e Léon Walther. De suas primeiras publicações francesas destacam-se estudos sobre problemas sexuais entre jovens escoteiros (1947), sobre diagnóstico afetivo (1952) e, com R. Zazzo, o trabalho sobre desenho infantil (1950).

A convite do professor Léon Walther, chegou ao Brasil, em 1948, para trabalhar no treinamento das equipes que organizariam os serviços de psicotécnica, do recém-criado Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), no Rio de Janeiro. O modelo de serviço adotado, inspirava-se na orientação do, então já criado, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), com as devidas adaptações ao trabalho comercial. No Rio de Janeiro, Pierre Weil foi Chefe da Seção de Orientação e Seleção Profissional do Departamento Nacional do SENAC (1949-1958) e, a convite de Helena Antipoff, Chefe do Consultório Psicopedagógico do Instituto Pestalozzi do Rio de Janeiro.

Desenvolveu estudos sobre profissões e psicodiagnósticos (1953), pesquisas sobre a biotipologia de Sheldon aplicada a um grupo de vendedores balconistas (Weil et al., 1954) e, com Nick, publicou os resultados de um questionário aplicado a mais de 700 adolescentes, sobre a tipologia de Sheldon e Stevens (Weil; Nick, 1956).

Estendeu seus trabalhos às relações sociais e, em 1954, divulgou a obra ABC das relações humanas, cuja versão modificada na segunda edição teve por título: Relações humanas na família e no trabalho. O livro alcançou centenas de edições, tornando-se uma referência importante na área. Em 1955, Weil publicou ABC da psicotécnica, abordando os fundamentos científicos da psicotécnica, da psicometria e da aplicação da Psicologia ao trabalho, à educação, à justiça, ao matrimônio, à propaganda e ao exército.

No mesmo ano, Weil divulgou seu estudo sobre o Teste de inteligência não verbal, aplicado nacionalmente, cujos resultados apontavam, nas classes ricas e médias, índices superiores aos das classes pobres e não mostravam diferenças significativas para a inteligência geral entre os sexos. O teste foi amplamente utilizado no país.

Em 1958, convidado pelo então Banco da Lavoura (hoje Banco Real), Pierre Weil mudou-se para Belo Horizonte. Foi chefe do Departamento de Orientação e Treinamento do Banco da Lavoura de Minas Gerais e professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

No Banco da Lavoura, foram realizadas práticas em dinâmica de grupo e psicodrama, numa experiência singular desenvolvida no início da década de 60. Nessa época, Pierre Weil e alguns professores da UFMG, entre os quais Célio Garcia, adaptaram, principalmente, as técnicas de Training Group, criadas pelo National Training Laboratory in Group Development, em Bethel, Estados Unidos, a partir dos estudos realizados por Lewin, Lippitt, Benne e Bradford, às demandas de aperfeiçoamento dos chefes do Banco da Lavoura. Com isso, criaram uma técnica denominada Desenvolvimento das Relações Humanas (DRH).

Como professor da UFMG, Pierre Weil trabalhou em Psicoterapia de Grupo, Dinâmica de Grupo, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Em 1994, foi agraciado com o título de Professor Emérito da UFMG. Entre as suas obras publicadas nesse período, destacaram-se: Liderança, tensões, evolução: aspectos psicossociológicos da organização moderna (1972); Dinâmica de grupo e desenvolvimento em relações humanas (1967); O psicodrama (1979); O corpo fala: uma linguagem silenciosa da comunicação não verbal (1981); e A revolução silenciosa (1983).

Em 1987, mudando-se para Brasília, Weil tornou-se Presidente da Fundação Cidade da Paz e Reitor da Universidade Holística para a Paz de Brasília (Unipaz). Foi agraciado, em 1998, com o título de Cidadão Honorário da Cidade de Brasília. Numa visão holística e apostando na transdisciplinaridade do conhecimento, Weil passou a dedicar-se à educação e à paz, temas de suas conferências para a Unesco (1989), sendo agraciado com a menção honrosa do Prêmio UNESCO de Educação para a Paz, em 2000.

Entre as suas obras mais recentes, destacam-se: Nova linguagem holística (1987); A palha e a trava (1989); Abertos: rumo à nova trans- disciplinaridade (1993); e Mudança de sentido e sentido da mudança (1999). Deixando um legado constituído de uma produção científica variada e registrada em dezenas de livros e artigos. Weil (1983) assim se autobiografou: "...Nascido numa família com três religiões em conflito e ainda com duas culturas também opostas, a francesa e a germânica, eu só poderia me transformar num homem ávido de síntese, de paz e de união entre os homens".

Publicações

NICK, E.; WEIL, P. Experiências sobre um questionário de atitudes combinadas. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, n. 1, p. 1-10, 1956.

WEIL, P. A organização do Teste de Inteligência Não Verbal como preliminar ao Plano Nacional de Pesquisa sobre nível mental da população. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, n. 4, p. 93-100, 1955.

WEIL, P. A palha e a trava. Petrópolis: Vozes, 1989.

WEIL, P. A revolução silenciosa. São Paulo: Pensamentos, 1983.

WEIL, P. ABC da psicotécnica. São Paulo: Ed. Nacional, 1955.

WEIL, P. ABC das relações humanas. São Paulo: Ed. Nacional, 1954.

WEIL, P. et al. Abertos: rumo à nova transdisciplinaridade. São Paulo: Summus, 1993.

WEIL, P. et al. Dinâmica de grupo e desenvolvimento em relações humanas. Belo Horizonte: Itatiaia, 1967.

WEIL, P. et al. Primeiras pesquisas sobre a biotipologia de Sheldon aplicada a um grupo de vendedores balconistas. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, n. 1, p. 13-16, 1954.

WEIL, P. et al. Resultados da aplicação de um questionário a dois grupos de balconistas. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, Rio de Janeiro, n. 2, p. 39-44, 1954.

WEIL, P. La jeunesse et le scoutisme devant le problème sexuel. Paris: [s.n.], 1947.

WEIL, P. L'affective diagnostic. Paris: PUF, 1952.

WEIL, P. Liderança, tensões, evolução: aspectos psicossociológicos da organização moderna. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

WEIL, P. Mudança de sentido e sentido da mudança. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

WEIL, P. Nova linguagem holística. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

WEIL, P. O estudo psicológico das profissões comerciais: estudo metodológico e experimental. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, n. 3, p. 17-32, 1953.

WEIL, P. O psicodrama. Rio de Janeiro: CEPA, 1979.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. O corpo fala: uma linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Petrópolis: Vozes, 1981.

ZAZZO, R. et al. Le dessin chez l'enfant. Paris: PUF, 1950.

Elizabeth de Melo Bomfim



WITTER, Geraldina Porto
(1934-2014)

Nasceu em 30 de janeiro de 1934, em Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil. Formou-se na Escola Normal Estadual e iniciou sua carreira como rofessora primária em Mogi das Cruzes em 1953. Realizou a graduação em Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), entre 1958 e 1961. Entre 1962 e 1965, cursou a primeira especialização em Psicologia Educacional na USP. Em 1964, recebeu o convite para atuar como professora na USP, na cadeira de Psicologia Educacional com Dr. Arrigo Leonardo Angelini. Concluiu seu doutorado em Ciências na USP, em 1969, sob orientação de Arrigo Angelini. Nessa época, foi docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, São Paulo. Em 1977, defendeu a tese de livre-docência Psicólogo escolar: pesquisa e ensino.

Em 1980, ocupou a cadeira nº 23, na Academia Paulista de Psicologia. Em 1983, aposentou-se na USP e integrou, em 1985, a Pós-Graduação em Psicologia Escolar da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMP). Também foi professora, pesquisadora e coordenadora do curso de Psicologia na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), coordenou o Comitê de Ética em Pesquisa na Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO) e atuou em várias outras instituições educacionais.

Destacou-se por profícua produção acadêmica de mais de 700 publicações científicas, sendo aproximadamente: 178 artigos, 53 livros organizados ou escritos, 161 capítulos de livros e orientação de 154 mestrados e 82 doutorados; além de várias iniciações científicas. Esse cômputo foi feito pela própria autora no livro Educação e Psicologia: 50 anos de profissão (Witter, 2004). Após essa compilação, Witter continuou ativa na produção de artigos e pesquisas. Dedicou-se às principais temáticas da Psicologia Educacional e Escolar, especialmente no que tange a leitura, escrita, alfabetização e análise de produções científicas. Realizava estudos científicos, atuava em escolas e, também, resenhava livros e artigos estrangeiros sobre temas da Educação e Psicologia para publicização no Brasil.

Geraldina Porto Witter entrou para história da Psicologia Educacional e Escolar por ser uma das fundadoras da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), criada em 1990. A ABRAPEE funciona com a presença de três presidentes – eleito, atual e anterior. Witter foi a primeira vice-presidente da Associação (1990), depois atuou como presidente, entre 1994-1996 (presidente eleita), como presidente atual, entre 1998-2000, e presidente anterior, entre 2000-2002. Foi a primeira editora da Revista Psicologia Escolar e Educacional da ABRAPEE, dirigindo o Corpo Editorial, entre 1996 até 2000, organizando oito volumes. Nos dezoito anos dessa Revista, completados em 2014, foi a autora que mais contribuiu com artigos, relatos de pesquisa, resenhas e relatos de práticas. Destacam-se entre seus principais livros: Lendo e escrevendo e a cartilha da Amazônia: meios para alfabetização (1987); Educação e psicologia: cinquenta anos de profissão (2004); Metaciência e psicologia (2005); Repensando a educação (2007).

Seus alunos e ex-orientandos a definem como uma professora incansável na busca pelo conhe-

cimento e na melhor qualidade da Educação. Era solidária, gentil e compartilhava de modo generoso tudo o que lia, produzia e publicava. Sua grande paixão, dita em seus vários escritos, era que os professores pudessem melhorar a qualidade do ensino com a ajuda do Psicólogo escolar, para que as crianças aprendessem bem e felizes. Em suas palavras: "Nenhum poder pode ser mais atraente do que o sorriso de uma criança que descobre que pode aprender, que a confiança de uma professora em sua possibilidade de ser o diferencial na vida de um aluno" (Witter, 2004, p. 169).

Produziu contribuições científicas até o final de sua vida, sendo que algumas dessas foram publicadas após seu falecimento, em 29 de março de 2014, na cidade de Mogi das Cruzes, São Paulo.

Publicações

WITTER, G. P. (Org.). Leitura e psicologia. Campinas: Alínea, 2004a.

WITTER, G. P. (Org.). Metaciência e psicologia. Campinas: Alínea, 2005.

WITTER, G. P. Educação e psicologia: 50 anos de profissão. Cotia: Ateliê Editorial, 2004b.

WITTER, G. P. Lendo e escrevendo e a cartilha da Amazônia: meios para alfabetização. Pretextos de alfabetização escolar e as várias práticas, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 61-82, 1987.

WITTER, G. P. O psicólogo escolar como psicometrista: 30 anos depois. Psicologia Escolar e Educacional, v. 11, n. 2, p. 417-425, 2007.

WITTER, G. P. Psicologia e educação: 50 anos de atividades. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 7, n. 2, p. 213-216, 2003.

WITTER, G. P. Psicólogo escolar: pesquisa e ensino. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

WITTER, G. P. Repensando a educação. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

WITTER, G. P.; COPIT, M. S. Uma experiência em alfabetização em classes pré-primárias. Educação para o desenvolvimento, n. 26, p. 96-102, 1971.

WITTER, G. P.; KERR, W.; FONSECA, O. Cartilha da Amazônia: texto para primeiro grau. [S.l.: s.n.], 1977.

WITTER, G. P.; PATTO, M. H. S.; COPIT, M. Privação cultural e desenvolvimento. São Paulo: Biblioteca Pioneira, 1975. 1 ed. 1971.

Referências

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de nomes e autoridades. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 03 dez. 2015.

LIBRARY OF CONGRESS (United States). Online catalogs. 2015. Disponível em: http://authorities.loc. gov/. Acesso em: 03 dez. 2015.

LOMÔNACO, J. F. B. Obituário Profa. Geraldina Porto Witter (30/01/1934-29/03/2014). Boletim da Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 34, n. 87, p. 562-570, 2014.

SOUZA, M. P. R. de; LÔMONACO, J. F. B. Educação e diversidade: estratégias de enfrentamento e mudança (Retrato de Geraldina Porto Witter). Psicol. Esc. Educ. 2006, v.10, n.2, p. 315-320. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572006000200016. Acesso em: 01 fev. 2016.

SOUZA, M. P. R.; LOMÔNACO, J. F. B. Entrevista com Geraldina Porto Witter e Acácia Aparecida Angeli dos Santos. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 10, n. 2, p. 315-321, dez. 2006.

WITTER, G. P. Depoimento. In: BARBOSA, D. R. Estudos para uma história da psicologia educacional e escolarno Brasil. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011 [Depoimento fornecido em 2009].

WITTER, G. P. Depoimento. In: PEREZ-RAMOS, A. M. Q. Contribuições ao módulo História da Psicologia do Sistema de Ensino na BVS-Psi: de Arrigo Leonardo Angelini, Aidyl Macedo de Queiroz Pérez-Ramos, Geraldina Porto Witter. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, ano/v. 27, n. 1, p. 46-47, 2007.

WITTER, G. P. Educação e psicologia: 50 anos de profissão. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

WITTER, G. P. Encontros felizes ao longo de uma vida. In: ALENCAR, E. M. L. S. A trajetória de vida de três pioneiros brasileiros da psicologia escolar. Psicologia Escolar e Educacional, v. 12, n. 1, p. 266-270, 2008.

Deborah Rosária Barbosa



ZVER, Luiz
(1913-2005)

Luiz Zver (nascido Alojz Zver), foi um padre católico da Congregação Salesiana, que colaborou com o estabelecimento do Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (1955) de São João del-Rei; com o reconhecimento oficial do Curso de Psicologia daquela instituição (1972) e que se notabilizou pelo trabalho de ensino e direção espiritual à frente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São João del-Rei, sendo seu fundador (1967) e diretor-presidente por vários anos.

Natural de Toklocovje, Prekmurje, Eslovênia, Zver fez sua escolarização inicial naquele país e a secundária em Foglizzo, Itália, onde teve despertada sua vocação religiosa. É enviado ao Brasil em 18 de dezembro de 1930 e, em 1931, aos 17 anos, ingressa no noviciado salesiano de Lavrinhas (SP). Fez seus estudos de Teologia na Lapa (SP), ordenando-se em 8 de dezembro de 1941.

De 1942 a 1954, trabalhou em Ponte Nova (MG), Cachoeira do Campo (MG), Niterói (RJ), São João del-Rei (MG) e Goiânia (GO) nas funções de clérigo, Diretor de Seminaristas, entre outros. Retornou para São João del-Rei, em 1955, onde permaneceu até sua morte em 2005.

Na cidade mineira, onde residiu nos últimos 50 anos de sua vida, trabalhou na Faculdade Dom Bosco nas funções habituais, como também na de professor dos cursos de Letras, Pedagogia e Psicologia (disciplinas Orientação Educacional, Filosofia da Educação, Filologia Românica, Antropologia Cultural, Ética e Moral, Psicologia do Excepcional) e na de Vice-Diretor geral (1969-1978). Destaca-se, igualmente, sua contribuição como diretor do curso de validação de estudos teológicos (1970-1980) da mesma Faculdade, que ocorria em forma intensiva nos verões, possibilitando diversos teólogos, padres, pastores, a terem seus diplomas reconhecidos pelo Ministério da Educação.

Educador excepcional, portador de personalidade forte, dedicado ao trabalho e tido como homem honrado e santo pelos que com ele conviveram, Zver foi o primeiro regente do Coral Anambé. Partindo de sua formação e especialização no campo da Filologia Românica, Luiz Zver mostrava-se conhecedor e fluente em várias línguas, com especial apreço pelo português, que conhecia profundamente.

Foi o fundador e o primeiro presidente do Centro Artístico e Cultural (CAC) da cidade, que tinha como objetivo congregar e divulgar a alta cultura, produzindo exposições, Madrigais, apresentações de Teatro etc.

Apesar de não se notabilizar nos campos da divulgação e produção de conhecimento psicológico, Luiz Zver, enquanto Vice-Diretor da Faculdade Dom Bosco de São João del-Rei, teve importante papel no processo de reconhecimento pelo Ministério da Educação do curso de Psicologia daquela instituição, em funcionamento desde o início da década de 1970, mas só oficialmente reconhecido em 1972.

Por meio de suas aulas, discursos, promoção de eventos culturais, síntese dos temas e autores que circundavam a Filosofia e Psicologia Cristã, de sua época, influenciou dezenas de gerações de futuros profissionais formados em São João del-Rei e região. Além disso, como homem prático, conseguiu articular condições políticas, sociais e econômicas para a construção e manutenção da APAE, que, além de ser a primeira da Região, influenciou a criação de outras, destacando-se, desde a sua fundação, por um projeto de educação multiprofissional e interdisciplinar, como o fruto dos conhecimentos e a abertura científica de Pe. Luiz.

Apesar da discrição que cabe aos padres, era patente a preferência e dedicação de Pe. Luiz aos alunos e familiares da Associação, como se viu pelas inúmeras homenagens prestadas a ele por aquela entidade. No contexto atual, no qual somos convidados a repensar as condições da inclusão nas escolas e contextos educacionais, a perspectiva prática assinalada por Zver, pode ser uma alternativa a ser consultada. Suas obras e suas atividades em São João del-Rei e na região dos Campos das Vertentes merecem maiores investigações.

Publicações

ZVER, L. Grandezas e benemerências do magistério. Revista Vozes, Petrópolis, v. 52, fev. 1958.

ZVER, L. Olhar panorâmico sobre as origens da literatura latina. Revista Vozes, Petrópolis, v. 51, jun.1957.

ZVER, L. Pequena história (ilustrada) da APAE de São João del-Rei. São João del-Rei: Gráfica da APAE, 1997.

Referências

BRAGA, F. J. dos S. Homenagem ao são-joanense Capitão Benigno Parreira. Blog de São João del-Rei. São João del-Rei, mar. 2014. Disponível em: http://saojoaodel-rei.blogspot.com.br/2014/03/homenagens-ao-sao-joanense-capitao.html. Acesso em: 22 jan. 2016.

BRAGA, F. J. dos S. Padre Luiz Zver à frente do C.A.C: Centro Artístico Cultural de São João del-

-Rei. Blog de São João del-Rei. São João del-Rei, jul. 2013. Disponível em: http://bragamusician.blogspot.com.br/2013/07/pe-luiz-zver-frente--do-cac-centro.html. Acesso em: 22 jan. 2016.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. Padre Luiz Zver (1913-2005): carta mortuária. São João del-Rei, 2007.

Dener Luiz da Silva
Marcos Vieira Silva
Carlos Henrique de Souza Gerken
Rodolfo Luis Leite Batista
Danielle Abrantes Campos Lima

Referências

A DIRETORIA. Obituário: Reinier Johannes Antonius Rozestraten (*07/02/1924-†27/06/2008). Boletim [da] Academia Paulista de Psicologia. São Paulo, v. 28, n. 2, p. 304-306, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200020. Acesso em: 15 dez. 2015.

A SESSÃO de hontem da Academia Nacional de Medicina; conferência do Prof. Henrique Roxo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 07, 15, jul. 1936.

AB'SABER, A. N. Carolina Bori: a essência de um perfil. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 37-39, 1998.

ABREU, H. T. de. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970). Departamento de Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, 2000. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/abreuhentan.htm. Acesso em: 01 dez. 2015.

ACERBONI, L. A filosofia contemporânea no Brasil. Trad. J. B. Feres. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1969.

ADES, C. Lembranças a respeito de Carolina: 1968. Psicologia USP, v. 9, n.1, p. 71-77, 1998.

ADEUS, Madre Cristina. Jornal do CRP, São Paulo, nov./dez. 1997.

ADRADOS, J. M. C. [Depoimento do autor do verbete, filho de Francisco Campos]. [S.l.], 17 jan. 2016.

ALBERDI, J. M. Reformas y contrarreformas: políticas de salud mental en Argentina. Dissertação (Mestrado) – ESSO/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

ALBUQUERQUE, M. e. Quando eu era vivo... Memórias: 1867 a 1934. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

ALBUQUERQUE, T. L. de. Entrevista. Rio de Janeiro, 6 ago. 2000. 1 cassete (105 min), estereo. Entrevista concedida a Cristiane Ferreira Esch, Suzana Canez da Cruz Lima e Marcello Santos Rezende.

ALBUQUERQUE, T. L. de. Entrevista. Rio de Janeiro, 9 jun. 2000. 1 cassete (135 min), estereo. Entrevista concedida a Cristiane Ferreira Esch, Suzana Canez da Cruz Lima e Marcello Santos Rezende.

ALKIMIN, H. D. de. Entrevista. Belo Horizonte, 26 set. 2000. Entrevista concedida a Érika Lourenço. Manuscrito.

ALMEIDA, A. M. et al. Carolina Bori, psicologia e ciência no Brasil. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 25-30, 1998.

ALMEIDA, A. M. et al. Produção na universidade: os frutos da pós-graduação. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 269-273, 1998.

ALMEIDA, L. R. Contribuições da psicologia de Rogers para educação: uma abordagem histórica. In: PLACCO, V. M. N. S. (Org.). Psicologia da Educação: revendo contribuições. 4. ed. São Paulo: Educ, FAPESP, 2007.

ALMEIDA, L. R. O Grupo Wallon na PUC – SP. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, n. 17, ago. 2003.

ALMEIDA, L. R.; MOROZ, M.; LEAL, D. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, n. 31, ago. 2010.

ALMEIDA, W. de. A vida de Gustavo Riedel. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 15, n. 1, 1944.

ALVES, I. C. B. Depoimento. [S.l.], [2000]. Depoimento concedido a Myriam Augusto da Silva Vilarinho. Iraci Cristina Boccato Alves é do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

ALVES, I. C. B. Oswaldo de Barros Santos. Informativo da Sociedade de Psicologia de São Paulo, v. 3, n. 3, jul./set. 1998.

ALVES, I. Esboço da vida e obras do amigo dos meninos Dr. Abílio Cesar Borges (Barão de Macahubas). Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n. 50, 113-216, 1925.

ALVES, I. Vida e obra do Barão de Macahubas. Rio de Janeiro: Renato Americano, 1936. 22 p.

AMARAL, L. A do. Depoimento. São Paulo, [1989]. 1 cassete: VHS. Depoimento concedido a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo para elaboração do Projeto Memória.

AMARANTE, P. et al. Projeto Memória da Psiquiatria no Brasil. In: AMARANTE, P. (Org.). A loucura na (da) história. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 411-420.

ANDRADE, D. B. S. F. O lugar feminino: um estudo em representações sociais. Cuiabá: EdUFMT/ FAPEMAT, 2007.

ANDRADE, H. F. de. Críticas e ensaios de psychologia pedagógica: refutação. O Estado de Sergipe, Sergipe, 23 ago./13 set. 1914.

ANDRADE, M. G. de. A educação exilada: Colégio do Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANGELINI, A. L. Homenagem a Oswaldo de Barros Santos. São Paulo, 20 nov. 1998. Discurso proferido na Academia Paulista de Psicologia.

ANNAES da Colônia de Psychopatas do Engenho de Dentro. Rio de Janeiro: [s.n.], 1928-1930.

ANTIPOFF, D. Entre dois continentes. Belo Horizonte: [s.n.], 1997.

ANTIPOFF, D. Helena Antipoff: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

ANTIPOFF, D. I. Entrevista. Belo Horizonte, 2000. Entrevista concedida a Nelma Marçal Lacerda Fonseca, responsável pelo projeto do Banco de Depoimentos Orais do Museu da Escola de Minas Gerais. Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação.

ANTIPOFF, H. Prefácio. In: CLAPARÈDE, É. A psicologia da criança e pedagogia experimental. São Paulo: Ed. do Brasil S/A, 1956. (Didática do Brasil, 18).

ANTIPOFF, O. I. B. Entrevista. Belo Horizonte, 2000. Entrevista concedida a Isabel Gontijo Antonini, por ocasião da elaboração do verbete. Manuscrito.

ANTONACCI, M. A. M. Institucionalizar ciência e tecnologia: em torno da fundação do IDORT (São Paulo, 1918-1931). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 59-78, mar./ago. 1987.

ANTUNES, M. A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil (1890-1930): uma contribuição aos estudos em história da psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

ARANHA, M. L. A. História da educação. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARANTES, P. E. Certidão de nascimento. Novos Estudos, n. 23, 1999.

ARQUIVO ECLESIÁSTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. Documentos inéditos. Arquivo coordenado por Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, v. 23, n. 3, 1971.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Noticiário. Associação Brasileira de Psicologia Esportiva e Atividade Física. v. 22, n. 1, p. 121-23, jan./mar. 1970a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Noticiário. Congresso Internacional de Psicologia Esportiva. v. 21, n. 2, p. 137-8, 1969.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Noticiário. I Congresso Sul-Americano de Psicologia Esportiva. v. 22, n. 2, p. 137-8, abr./jun. 1970b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Noticiário. III Congresso Internacional de Psicologia Esportiva. v. 25, n. 4, out./dez., 1973.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA APLICADA. Psicologia Esportiva, v. 23, n. 1, p. 159-60, jan./mar. 1971.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA. Glória Quintela. v. 41, n. 2, 1989.

ARQUIVOS DA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, Relatório de 1958. [S.l.], 1958. v. 1, p. 43.

ARQUIVOS DA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, Relatório de 1963. [S.l.], 1963. v. 2, p. 26.

ARQUIVOS DA ASSISTÊNCIA A PSICOPATAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo: [s.n.], v.15, jan/dez.,1950.

ARQUIVOS DO SERVIÇO DE ASSISTENCIA A PSICOPATAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: [s.n.], v. 3, n. 3/4, 1938.

ARRUDA, P. G. Psicanalista que se aposenta. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v. 2, n. 4, 1969.

ASSIS, R. M. Psicologia filosófica no século XIX: faculdades da alma e relações entre inteligência, sensibilidade e vontade. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 22, n. 2, p. 304-311, 2009.

ASSIS, R. M. Psicologia, educação e reforma dos costumes: lições da Selecta Catholica (1846-1847). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

ASSOCIAÇÃO DOS PSICÓLOGOS DA PREFEITURA DE SÃO PAULO. Anais do I Ciclo de Debates sobre o Atendimento Psicológico a Escolares. São Paulo: PMSP/APP, 1978.

AUGRAS, M. (Org.). O homem e o mestre. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 9-11, jul./set. 1971.

AUGRAS, M. Currículo lattes. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/5345913436818147. Acesso em: 01 out. 2015.

AUGRAS, M. Henri Piéron (1881 – 1964). Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 17, n. 2, p. 123-124, 1965.

AZZI, R. Curriculum vitae. Acervo NIEHPSI/PUC-SP, 1969.

AZZI, R. Depoimento. 1971. [S.l.]: DOI-COD: Departamento de Investigação da Ditadura brasileira. Depoimento concedido ao Departamento de Investigação da Ditadura brasileira (DOI-COD) na época da ditadura militar no Brasil.

AZZI, R. O movimento brasileiro da reforma católica durante o século XIX. Revista Eclesiástica Brasileira. v. 34, n. 135, set. 1974.

AZZI, R. Projeto de Doutorado. Cartas de Rodolpho Azzi para Fred S. Keller. Cópia de original da Milne Special Collections, University New Hampshire Library, Durham NH, 1963.

BAKER, C. A. The beginnings of measurements in Brazilian Education. Peabody Journal of Education, v. 2, n. 5, p. 265-267, 1925.

BALÁN, J. Cuéntame tu vida: una biografía colectiva del psicoanálisis argentino. Buenos Aires: Planeta, 1991.

BAPTISTA, M. T. D. S. A constituição da identidade de alguns profissionais que atuaram como psicólogos antes de 1962 em São Paulo. In : MASSIMI, M.; GUEDES, M. do C. (Org.). História da psicologia no Brasil: novos estudos. São Paulo: EDUC: Cortez, 2004.

BARCELOS, R. Algumas anotações biográficas da Sociedade Brasileira de Psicanálise. SBPSP, 1976. Mimeografado.

BARRETO, A. P. Contribuição ao estudo psicotécnico da inteligência superior. In: ESTUDOS Pernambucanos Dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Commércio, 1937. p. 103-109.

BARROS, E. D. Uma escola suíça nos trópicos. Natal: Offset, 2000.

BATISTA, C. M. P.; CANDIDO, F. Ouvindo professores. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008.

BATISTA, R. L. L. Entre aparelhos e arquivos: uma história do Laboratório de Psicologia da Faculdade Dom Bosco de São João del-Rei (1953-1971). Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015.

BAZÍLIO, L. C. (Org.). Infância tutelada e educação: história, política e legislação. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.

BEISER, A. C. P. Educação e educadores em Porto Alegre: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5530. Acesso em: 15 set. 2015.

BEISIEGEL, C. R. Paulo Reglus Neves Freire. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M. (Org.). Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ / MEC-Inep, 1999. p. 440-446.

BELOCH, I.; ABREU, A. A. de (Coord.). Dicionário histórico-biográfico brasileiro 1930-1983. Rio de Janeiro: Forense/ Finep, 1984. 4 v.

BERRY, L. R.; BERRY, E. G. IBER: uma porta aberta para o serviço cristão. Rio de Janeiro: Instituto Batista de Educação Religiosa, 1986.

BERTOL, R. Conexões Freud. O Globo, Rio de Janeiro, 6 fev. 2001. Segundo caderno, p. 1.

BESSA, H. A. Curriculum vitae. Belo Horizonte, 1975.

BESSA, P. P. de. Entrevista. Belo Horizonte, [s.d.]. Entrevista concedida a Nelma Marçal Lacerda Fonseca, responsável pelo projeto do Banco de Depoimentos Orais do Museu da Escola de Minas Gerais. Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação.

BEZERRA, É. A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BICUDO, V. L. Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. Arquivos de Neuropsiquiatria, São Paulo, n. 6, 1948.

BICUDO, V. L. Depoimento. São Paulo, 29 set. 1989. 1 cassete (90 min): VHS. Depoimento concedido a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo para elaboração do Projeto Memória.

BICUDO, V. L. O Conselho Regional de Psicologia homenageia Durval Marcondes. Alter, Brasília, DF, v. 8, n. 2, 1978.

BLAKE, A. V. S. Diccionario bibliografico brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

BLAKE, A. V. S. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883.

BOLETIM DE PSICOLOGIA. v. 27, n. 69, p. 1-14, jul./dez. 1975.

BOLETIM DO CENTRO DE DOCUMENTO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF. Ibirité: CDPHA, n. 1, 1981.

BOLOGNA, I. O fator humano nas estradas de ferro. São Paulo: CFESP, 1942.

BOLOGNA, I. Roberto Mange e sua obra. Goiânia: UNIGRAF, 1980.

BOMFIM, E. M.; ALBERGARIA, M. T. A. Origem e relevância de um laboratório de psicologia no Brasil na década de 1950. Memorandum, v. 7, p. 151-164, 2004.

BONOW, I. W. Atualidade de Lourenço Filho na psicologia. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 23, n. 3, jul./set. 1971.

BORGES, A. A. P. Entre tratar e educar os excepcionais: Helena Antipoff e a psicologia na Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BORGES, M. M. Carolina Martuscelli Bori e a UnB. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 101-104, 1998.

BORI, C. Entrevista concedida a Maria Amélia Matos e Vera Rita da Costa. In: SBPB, Cientistas do Brasil: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998.

BRAGA, F. J. dos S. Homenagem ao são-joanense Capitão Benigno Parreira. 13 mar. 2014. Disponível em: http://saojoaodel-rei.blogspot.com.br/2014/03/homenagens-ao-sao-joanense-capitao.html. Acesso em 22 jan. 2016.

BRANDÃO, I. B. S. Psicologia no Brasil: a presença dos salesianos. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BRASIL, M. A. de S. Curriculum vitae. 1973. Mimeografado.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 4.119 de 1962. Regulamenta a criação dos cursos de psicologia e a formação do psicólogo. 1962.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Programa Prossiga. Biblioteca virtual Anísio Teixeira. Disponível em: http://www.prossiga.br/anisioteixeira/index.html. Acesso em: jan. 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento Nacional da Criança. O Centro de Orientação Juvenil (1946-1956). Rio de Janeiro: MS, 1956. (Coleção N.N.Cr., n. 155).

BRESCIANI, M. S. M. O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

BRUNO, C. A. N. B. Psicanálise e movimento estético. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

BULCÃO, I. Investigando as políticas de assistência e proteção à infância: psicologia e ações do Estado. Rio de Janeiro, 2006.

CABRAL, A. C. M. A psicologia no Brasil. Psicologia - Boletim [da] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 119, n. 3, p. 9-51, 1950.

CABRAL, A. de C. e M. A psicologia no Brasil (1950). In: ANTUNES, M. A. M. (Org.). História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CABRAL, A. de C. e M. Resgatando a memória dos patronos. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, ano XIX, n. 3, 1999.

CACERES, B. Les origines de Peuple et Culture: quarantieme anniversaire de Peuple et Culture. 1985. Disponível em: https://peuple-et-culture.org/ressources/les-origines-de--peuple-et-culture. Acesso em: 17 maio 2016.

CADERNOS do Tempo Psicanalítico. Obras reunidas Carlos Paes de Barros. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, n. 3, 1998. Edição especial.

CALDAS, M. A hygiene mental no Brasil. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, v. 3, n. 3, 1930.

CÂMARA CASCUDO, L. da. Floriano Cavalcanti, sua evolução intelectual e filosófica. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, Natal, v. 3, n. 3, p. 268-278, 1955.

CAMPOS, N. Necrológio de Waclaw Radecki. Boletim do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, v. 3, n. 3/4, 1953.

CAMPOS, R. H. de F. Conflicting interpretations of intellectual abilities among Brazilian psychologists and their impact on primary scholling (1930-1960). Tese (PhD) – Faculdade de Educação, Universidade de Stanford, Stanford, Califórnia, 1989.

CAMPOS, R. H. de F. Helena Antipoff (1892-1974): a synthesis of Swiss and Soviet psychology in the context of Brazilian education. History of Psychology, v. 4, n. 2, p. 133-158, maio. 2011.

CAMPOS, R. H. de F. Helena Antipoff. In: FÁVERO, M. de L. A.; BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MEC-Inep, 1999. p. 237-243.

CAMPOS, R. H. F. (Ed.). BroŽek. Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

CAMPOS, R. H. F. (Org.). Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: Imago Brasília, DF: CFP, 2001.

CAMPOS, R. H. F. História da psicologia. In: SIMPÓSIO de Pesquisa e Intercâmbio Científico, 6, 1996, Teresópolis. Anais... Teresópolis: Anpepp, 1996. p. 179-183. Tomo I.

CANDOTTI, E. Carolina em 20 anos. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 211-215, 1998.

CARDOSO, A. Vida de São José de Anchieta: um carismático que fez história. São Paulo: Loyola, 2014.

CARDOSO, M. C. F. de C. Cronologias. In: VIDAL, D. G.; CARDOSO, M. C. F. de C. (Coord.). Conversa de educadores: Abgar Renault e Fernando de Azevedo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1999. p. 31-44. (Cadernos do IEB).

CARELLI, A. Obituário: José Novaes Paternostro. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, v. XVII, n. 3, 1997.

CARRARA, S. L. Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

CARRARA, S. L.; MARTINS, H. A sexologia e o mercado editorial no Rio de Janeiro de entre-guerras. Cadernos IPUB, v. 1, n. 18, p. 21-36, 2000.

CARRARA, S. L.; RUSSO, J. A. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entre-guerras: entre a ciência e a auto-ajuda. História, Ciências, Saúde - Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 273-290, maio/ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi-d=S0104-59702002000200003&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 15 dez. 2015.

CARROY, J.; OHAYON, A.; PLAS, R. Histoire de la Psychologie en France – XIXe –Xxe siècles. Paris: La Découverte. 2006.

CARUSO, I. A. Psychoanalyse und synthese der existenz. Verlag Herder: Wien, 1952.

CARVALHO, A. M. T. Para a compreensão do processo de produção discursiva da higiene mental no Brasil: algumas notas metodológicas. In: AMARANTE, P. (Org.). A loucura na (da) história. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 113-124.

CARVALHO, A. M. T. Trabalho e higiene mental: processo de produção discursiva do campo no Brasil. História, Ciências, Saúde: Manguinhos, v. 6, n. 1, p. 133-156, 1999.

CARVALHO, C. Á. de. Os psiconautas do Atlântico Sul: uma etnografia da psicanálise. Campinas: UNICAMP, 1998.

CARVALHO, C. A. Para além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a história da psicologia do esporte no Brasil. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CARVALHO, C. de A. Depoimento. [S.l.], [2000]. Consuelo de Assis Carvalho – aluna do curso de pedagogia e do primeiro curso de psicologia clínica, Professora desse curso e de cursos de especialização no Instituto Sedes Sapientiae.

CARVALHO, D. B. de. A cidade e a alma reinventadas: a história da psicologia como signo e vetor da modernização urbana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CARVALHO, M. C. C. de. Depoimento. [S.l. : s.n.], [19--].

CARVALHO, M. C. C. de; MORAES, E. S. D. Carolina Bori e a criação do curso de psicologia na UFBA. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 109-111, 1998.

CASASANTA, A. M. Mário Casasanta. In: FÁVERO, M. de L. A.; BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999. p. 402-411.

CASTANEDA, L. A. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. Episteme, v. 3, n. 5, p. 23-48, 1998.

CASTANHO, M. I.; CALEJON, L. M. Depoimento. [S.l.], [2000]. Marisa Irene Castanho, Laura Marisa Calejon – alunas do curso regular de psicologia, antes de o mesmo ser incorporado à PUC-SP.

CASTRO, C. O. de. Gestão Maria Angélica de Castro: apropriação das ideias sobre a escola nova no território federal do Acre (1946/1951). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CASTRO, D. de A. B. de. Cartas sobre a educação de Cora, do Dr. José Lino Coutinho. Salvador: UCSAL,1977.

CASTRO, G. de. Maria Angélica de Castro. Disponível em: http://www.gildadecastro.com.br/?pag=conteudo.php&id=238. Acesso em: 20 jan. 2016.

CENTOFANTI, R. Radecki e a psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, ano 3, n. 1, p. 2-50, 1982.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF. A educação do bem-dotado. Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1992. (Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, v. 5).

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF. Educação do excepcional. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. (Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, v. 3).

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF. Educação rural. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. (Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, v. 4).

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF. Fundamentos da Educação. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. (Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, v. 2).

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF. Psicologia experimental. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. (Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, v. 1).

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS JUVENAL LAMARTINE. Personalidades históricas do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1999.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOLÓGICAS APLICADAS À EDUCAÇÃO CEPPAE. A reabilitação profissional como processo multidisciplinar. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 26, p. 3-91, 1974.

CENTRO DE ORIENTAÇÃO JUVENIL. Atendimento ao cliente no Centro de Orientação Juvenil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 21, n. 4, p. 111-127, 1969.

CESARINO, A. C. A lição de Madre Cristina. Pastorais, 10 dez. [199-].

CHARMASSON, T.; PAROT, F. Répertoire numérique dactylographié du fonds Henri Piéron (520AP). 1989.

CHEBABI, W. de L. [Depoimento do próprio autor do verbete]. [S.l. : s.n.], [20 --].

CHISHOLM, R. M. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia. Revista Brasileira de Filosofia, v. 2, p. 594-595, 1952. Resenha.

CIACCHI, A. Gioconda Mussolini (1913-1969). In: CONSELHO Nacional de Desenvolvimento Tecnológico - CNPq. Pioneiras da ciência no Brasil. Disponível em: http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/2525137. Acesso em: 09 dez. 2015.

CIACCHI, A. Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 181-223, jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012007000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 dez. 2015.

CIAMPA, F. da C.; AZEVEDO, M. L. B.; WAENY, F. C. Pioneiro da psicologia do esporte: João Carvalhaes. [Filme-vídeo]. Produção: Mônica Leopardi B. de Azevedo e Maria Fernanda Costa Waeny. Direção: de Fernão da Costa Ciampa. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2001.

CIÊNCIA e profissão: a psicologia no Brasil. [Brasília]: Conselho Federal de Psicologia, dez. 1979. Edição Especial.

COIMBRA, C. M. B. Helena Besserman Vianna: a que não abriu mão da dignidade e da ética (1932-2002) Biografia. Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 1. n. 1, p. 315-318, 2005. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41376/pdf_45. Acesso em: 09 nov. 2015.

COIMBRA, C. Os guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre". Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

CONSELHO BRASILEIRO PARA SUPERDOTAÇÃO. Nota de falecimento. Disponível em: http://conbrasd.org/wp/?p=4506. Acesso em: 18 mar. 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. A psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, dez. 1979. Edição especial.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Biografia: Elisa Dias Veloso. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 18, n. 2, 1998.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Relatórios de gestão. [Brasília: CFP], [s.d].

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 6ª Região. Uma profissão chamada psicologia – CRP-06, 20 Anos. São Paulo: CRP06, 1994.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 06. Uma profissão chamada psicologia. São Paulo, 1994. CRP-06, 20 anos.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 6ª Região; SINDICATO DOS PSICÓLOGOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Psicologia no ensino do 2º grau: uma proposta emancipadora. São Paulo: Edicon, 1986.

CORDEIRO, D. S. A formação do discernimento: Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

COSTA, H. C. B. V. A. Resgatando a memória dos pioneiros: João Carvalhaes. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, ano 26, n. 3, p. 15-21, 2006.

COSTA, J. F. História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

COSTA, S. F. [Depoimento do próprio autor do verbete]. [S.l. : s.n.], [20--].

CRIPPA, A. (Org.). As idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Convívio, 1978.

CUNHA, M. C. P. O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CUNHA, W. H. de A. Carolina Martuscelli Bori e a Psicologia na USP. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 49-60, 1998.

CURADO, J. C. Maria Solange: a última das nossas militantes Disponível em: http://177.6.81.242/crpms/admin/arquivos/files/1406227077.pdf. Acesso em: 14 set. 2015.

CUSTÓDIO, E. M. Avaliação psicológica: ensino e pesquisa na década de sessenta. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 27, n. 2, 2007.

CUSTÓDIO, E. M. Lino de Macedo: um construtor da Psicologia. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, v. 28, n. 2, dez. 2008 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200007&lng=pt&nrm=is. Acesso em: 17 dez. 2015.

DACHEMBERG, H. B. Dona Carolina. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 261-267, 1998.

DANTAS, M. L. R. Subversão e ternura: a saga de Mariana. Recife: Bagaço, 1999.

DANTAS, P. S. Para conhecer Wallon: uma Psicologia dialética. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DEGANI-CARNEIRO, F. Psicólogos evangélicos: interseção entre religiosidade e atuação profissional em Psicologia no Brasil. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

DELGADO, P. Senhora das mentes e da paz. Jornal de Brasília, Brasília, 28 ago. 1998. Editorial.

DIAS, A. Arquivos de ciências, crimes e loucuras: Heitor Carrilho e o debate criminológico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

DIAS, F. R. Entrevista, [S.l.], 2 jul. 1983.

DIAS, V. L. A. T. Entrevista. Belo Horizonte, 12 jul. 2000. Entrevista concedida por telefone a Érika Lourenço. (Vera Lúcia Assumpção Teixeira Dias é prima e afilhada de Ester Assumpção, atualmente na direção do Centro Especializado Nossa Senhora da Assumpção, ao lado de sua irmã Maria Eugênia Assumpção Ivar do Sul).

DILL, A. C. Os livros não se despedem... aguardam um novo leitor. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

EDELWEISS, M. L. (Coord.) A hipnose atual em terapias: apresenta textos sobre hipnose e hipnoterapia. Disponível em: http://www.malomar.com.br. Acesso em: 10 fev. 2001.

EDUARDO, O. da C. Pequena história comentada da Pesquisa de Mercado e Opinião Pública no Brasil: a etapa pioneira. Revista da ESPM, p. 9-22, jan./fev. 2003.

EISSLER, K. (Org.). Searchings on delinquency. New York: International Universities Press, 1949.

EMILIA Ferreiro e a alfabetização. Série de vídeos e reportagens. Nova escola, 2013.

ENGEL, M. G. Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios: Rio de Janeiro, 1830-1930. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

ENGELMANN, A. Carolina Martuscelli Bori. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 61-65, 1998.

ENTREVISTA com Virgínia Bicudo. Alter, Brasília, v. 15, n. 1, 1996.

ERIKSON, B. Como educar crianças com problemas de desenvolvimento. Tradução Ruth Cabral. Porto Alegre: Globo, 1978.

FACULDADE DOM BOSCO. Instituto de Psicologia e Pedagogia: cinco anos de atividades (1960-1964). São João del-Rei: Edição do autor, 1964. 96 p.

FACULDADE JESUÍTICA. Disponível em: http://www.faculdadejesuita.edu.br/index.php?pagina=grupo_conteudo&tela=7&subtela. Acesso em: 09 set. 2015.

FEITOSA, M. A. G. Carolina Bori recebe o título de Doutora Honoris Causa na Universidade de Brasília. Brasília, 27 out. 2000. Apresentação feita em sessão especial do Conselho Universitário da Universidade de Brasília.

FERNANDES, A. M. A construção da ciência no Brasil e a SBPC. Brasília DF: Ed. Universidade de Brasília/ANPCS/CNPq, 1990.

FERREIRA, M. L. de A. C. Entrevista. Belo Horizonte, [s.d.]. Entrevista concedida a Nelma Marçal Lacerda Fonseca, responsável pelo projeto do Banco de Depoimentos Orais do Museu da Escola de Minas Gerais. Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação.

FERREIRA, M. L. de A. C. Entrevista. Belo Horizonte, 19 set. 2000. Entrevista concedida, por telefone, a Érika Lourenço. Não gravado.

FERREIRO, E. Culture écrite et éducation. Paris: Retz, 2001.

FIDALGO, J.G. Henrique Roxo e a medicina mental no Brasil. Rio de Janeiro, 1942.

FIGUEIREDO, A. C. Estratégias de difusão do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1987.

FIGUEIREDO, L. C. Antonio Gomes Penna: razão e história. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

FILHO, L. Prefácio da 1ª. Edição. In: AUGRAS, M.R.A. Teste de Rorschach: atlas e dicionário. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

FLEIUSS, M. Conferência. Homenagens prestadas ao Barão de Macahubas pelo Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n. 50, p. 275-289, 1925.

FORGHIERI, C. C. [Depoimento da própria autora do verbete]. [S.l. : s.n.], [20--].

FRANCO, Á; RAMOS, S. M. Panteão médico riograndense: síntese cultural e histórica - progresso e evolução da medicina no Estado do Rio Grande do Sul. São Paulo, 1943.

FREIRE, A. M. A. Paulo Freire: uma história de vida. São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, M. M. de L.; LEONY, V. da S. A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930).

FREIRE, P.; BETTO, Frei. Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Educação em Ação).

FREITAS, E. Origens e organização do ISOP. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 25, n. 1, p 7-16, 1973.

FREITAS, L. A. P. de. SPID/IMP: 45 anos de psicanálise, de 1953 a 1998. Rio de Janeiro, out. 1998. Trabalho apresentado nas comemorações dos 45 anos de fundação do Instituto de Medicina Psicológica.

FREUD, A. Necrológico de August Aichhorn. International Journal of Psychoanalysis, London, v. 32, 1951.

FREUD, S. A questão da análise leiga. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 20. Título Original: Die Frage der Laienanalyse.

FREUD, S. Prefácio a juventude desorientada, de Aichhorn (1925). In: FREUD, S. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, [s.d.], v. 19.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica. Número especial, em memória de Emílio Mira y López, v. 16, n. 2-3, 1964.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação. Arquivo Anísio Teixeira. Rio de Janeiro, [20--].

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. [Consultas]. [S.l.], [19--].

GALIFRET, Y. Piéron: instaurateur de la Psychologie en France. L'Anné Psychologique, v. 89, p. 199-212, 1989.

GALVÃO, L. A. P. Notas para a história da psicanálise em São Paulo. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 1, n. 1, 1967.

GASPAR, L. Movimento de cultura popular. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, [s.d.]. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/. Acesso em: 17 maio 2016.

GIMENEZ, D. R. Depoimento. [S.l.], [2000]. Depoimento concedido a Myriam Augusto da Silva Vilarinho. Denise Ramos Gimenez é da Academia de Psicologia de São Paulo e sucessora de Raquel Vieira da Cunha na Cadeira 27.

GINSBERG, A. Os primeiros congressos brasileiros de psicologia e a participação de psicólogos brasileiros nos congressos internacionais. Boletim de Psicologia, v. 26, n. 69, dez. 1975.

GOLDEMBERG, J. Sobre Carolina Bori. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 199, 1998.

GOLEMAN, D. Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 294 p.

GOMES, C. L. Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, C. L. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. Lícere, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, set. 2011.

GOMES, C. L. Lazer e descanso. In: SEMINÁRIO Lazer em Debate, 9., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2008. p.1-15. Disponível em: http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazerdebate/anais-christianne.pdf.pdf. Acesso em: 07 ago. 2011.

GOMES, C. L.; LUCE, C. Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

GOMES, M. M. Marcos históricos da neurologia. Rio de Janeiro: Ed. Científica Nacional, 1997.

GOMES, W. B. Entrevistas com antigos alunos da Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul (atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul). [Porto Alegre: s.n.], [s.d.].

GOMES, W. B.; GAUER, G. As diferentes áreas de formação. In: GOMES, W. B. (Org.). Psicologia no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: MuseuPsi, 2006. Cap. 9. Disponível em: http://www.ufrgs.br/museupsi/PSI-RS/Chap9.htm. Acesso em: 15 jun. 2015.

GOMES, W. B.; LHULLIER, C.; LEITE, L. O. Das primeiras disciplinas aos primeiros cursos de psicologia no Rio Grande do Sul. In: GUEDES, M. C.; CAMPOS, R. H. F. (Ed.). Estudos em história da psicologia. São Paulo: Educ., 1999. p. 153-180.

GOMES, W. B.; SILVA, A. da. C.; GAUER, G. Pesquisa e pós-graduação stricto sensu. In: GOMES, W. B. (Org.). Psicologia no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: MuseuPsi, 2006. Cap. 10. Disponível em: http://www.ufrgs.br/museupsi/PSI-RS/Chap10.htm. Acesso em: 15 jul. 2015.

GOULART, I. B. Psicologia da educação em Minas Gerais: histórias do vivido. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

GRUNSPUM, H. Depoimento. [S.l.], [2000]. Haim Grunspum – médico, professor do primeiro curso de psicologia clínica, Diretor da clínica infantil, Membro do Conselho do Instituto Sedes Sapientiae.

GRUNSPUN, H. Entrevista. 16 nov. 2000. Entrevista concedida a Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.

GRUNSPUN, H. Entrevista. 8 nov. 1999. Entrevista concedida a Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.

GUARANÁ, A. Dicionário bio-bibliográfico sergipano. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

GUEDES, M. do C. et al. A introdução da análise do comportamento no Brasil: vicissitudes. Behaviors, v. 12, p. 41-57, 2008.

GUEDES, M. do C. et al. Institucionalização da análise do comportamento no Brasil: uma perspectiva histórica. Behaviors, v. 10, p. 17-29, 2006.

GUEDES, N. Entrevista. Rio de Janeiro, 29 jan. 2001. Entrevista concedida a Karina Pereira Pinto.

GUENTHER, Z. C. Entrevista. Rio de Janeiro, jan. 2016. Entrevista concedida a Adriana Araújo Pereira Borges.

GULLAR, F. Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

GUTMAN, G. Criminologia, antropologia e medicina legal: um personagem central: Leonídio Ribeiro. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 13, n. 3, p. 482-497, 2010.

HANNA, E. S. Prefácio. In: TODOROV, J. C. (Org.). Psicologia como estudo de interações. Brasília: Instituto Walden4, 2012. p. ii-v.

HASSEN, M. N. A. Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre: a Faculdade de Medicina faz 100 anos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

HEGENBERG, L. A lógica e a filosofia da ciência no Brasil. In: CRIPPA, A. (Org.). As idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Convívio, 1978. p. 143-201.

HEIDEGGER. Sein und zeit. Halle: Max Niemeyer, 1927.

HERNANDEZ, J. A. E. João Carvalhaes: um psicólogo campeão do mundo de futebol. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 11, n. 3, 2011. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8356/6155. Acesso em: 25 ago. 2013.

HIRSZMAN, L. É bom falar. Rio de Janeiro: CCBB, 1995. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, p. 199-225. 2011.

HOMENAGEADO João Claudio Todorov. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 34, n. 1, 2014. 268 p.

HOMENAGEADO Maria Solange Felix Pereira. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 30, n. 2, 2010. p. 444. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v30n2/v30n2a17.pdf. Acesso em: 15 set. 2015.

HUISMAN, D. Dictionnaire des philosophes K-Z. Paris: PUF, 1984.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. Padre Luiz Zver (1913-2005): carta mortuária. São João del-Rei, 2007.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. Padre Ralfy Mendes de Oliveira (1917-2008). Campos dos Goytacazes, RJ: Autor, 2008. 18 p.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Cópias dos certificados de conclusão de curso dos alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha entre os anos de 1917 e 1951. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Históricos dos professores do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Minutas do Instituto de Educação General Flores da Cunha dos anos de 1913-1914; 1921-1922; 1928-1929; 1930-1934; 1934-1936; 1939-1945. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GENERAL FLORES DA CUNHA. Arquivo Histórico. Registros dos professores do Curso Complementar da Escola Complementar de Porto Alegre do ano de 1928. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO METODISTA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. Museu Histórico Bispo Isac Aço. Porto Alegre, [s.d.].

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE. Histórias e memórias. São Paulo, 1998. Material de circulação interna.

ISAIA, A. C. Religião, misticismo e discurso médico psiquiátrico: Xavier de Oliveira e a busca por uma "normalidade religiosa". História: Debates e Tendências, v. 9, n. 2, dez. 2010.

JABOATAM, Fr. A. de S. M. Novo orbe serafico brasílico, ou chronica dos frades menores da província do Brasil. Lisboa: [s.n], 1761. v. I. Reimpr. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858.

JACÓ-VILELA, A. M. Eliezer Schneider: um esboço biográfico. Estudos de Psicologia, v. 4, n. 2, jul./ dez. 1999.

JACÓ-VILELA, A. M.; BITAR, A. P. M. Tensões entre o físico e o moral na constituição da psicologia no Brasil. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (Org.). Clio-Psyché – paradigmas: historiografia psicologia, subjetividades. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003. p. 19-25.

JACÓ-VILELA, A. M.; DEGANI-CARNEIRO; F.; MESSIAS, M. C. N. Lucília Tavares. Programa Mulher e Ciência. CNPq, 2015. Disponível em: https://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/2525155. Acesso em: 15 dez. 2015.

JACÓ-VILELA, A. M.; OLIVEIRA, F. M.; ESPÍRITO SANTO, A. A. do; CARNEIRO, F. D.; MESSIAS, M. C. N.; VALENTE, N. F. Uma gestação silenciosa: a presença feminina nas instituições de psicologia no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. In: RIBEIRO, M. A. T.; BERNARDES, J. (orgs.). A produção na diversidade: compromissos éticos e políticos em psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 231-266.

JARDIM, J. B. Carolina em Belo Horizonte. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 117-120, 1998.

JOÃO, F.; CLEMENTE, E. História da PUC-RS. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 1997. 2 v.

JUNQUEIRA, C; KAMAIURÁ, W.; KAMAIURÁ, A. P. Cultura Kamaiurá. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008.

KAWARA, L. S. I. Um estudo transgeracional: a escola de língua japonesa em Cuiabá, segundo representações sociais da colônia japonesa. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2007.

KELLER, F. S. Mulheres analistas do comportamento no Brasil (passado e presente). Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 4, n. 1, p. 43-46, 1981.

KELLER, F. S. Summers and sabbaticals: selected papers on Psychology and education. Champaign: Research Press Company, 1977.

KEYS, A; et al. The biology of human starvation. Oxford, England: The University of Minnesota Press, 1950. 2 v.

KHOURI, Y. G. (Org.) Psicologia escolar. São Paulo: EPU, Coleção Temas Básicos de Psicologia, 1984. v. 1.

KHOURI, Y. Entrevista. [S.l], 2002. Entrevista concedida à Carmem Silvia R. Taverna.

KLINEBERG, O. (Org.). A psicologia moderna. São Paulo: Agir, 1953.

KRÜGER, H. Contribuição de Antonio Gomes Penna ao estudo da história da psicologia. In: GUEDES, M. do C. (Org.). História e historiografia da psicologia. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1998. p. 51-64.

KRUGER, H. Eliezer Schneider e a psicologia social no Rio de Janeiro. In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KRÜGER, H. Hanns Ludwig Lippmann. In: FÁVERO, M. de L.; BRITTO, J. de M. (Org.). Dicionário de educadores no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Brasília: MEC/Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 2002, p. 430-434.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: MILLER (Org.). Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAGÔA, A. A utopia da educação pública: uma pedagogia na medida para as necessidades do Brasil no século XXI. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de jul. 2000. Seção Idéias.

LAGOA, V. Aprendendo a compreender minha ação numa pré-escola montessoriana. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 173-179, 1998.

LANGENBACH, M. et al. História do I. P. A.: algumas reflexões em psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1982. p. 1-54. (Série Estudos - PUC-RJ, O Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da PUC-RJ: Uma prática em debate, 10).

LARA, T. L. Caminhos da razão no ocidente: filosofia ocidental, do renascimento aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 1986.

LE GRAND, Y. Henri Piéron (1881-1964). Vision Research, v. 6, n. 1-2, p. 127-128, 1966.

LEFEBVRE, J. Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944). 1990. Cahiers du Brésil Contemporaine, n. 12. Disponível em: http://www.revues.msh-paris.fr/vernumpub/8-J.P%20Lefebvre.pdf. Acesso em: 20 set. 2010.

LEMA, V. Z. Conversaciones com Enrique Pichon-Rivière. Buenos Aires: Timerman Editores, 1976.

LEVISKY, R. B. Homenagem póstuma ao nosso querido amigo e colega Bernardo Blay Neto. In: JORNADA Paulista de Psicoterapia Analítica de Grupo, 11; 1993, Valinhos, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n.], 1993.

LHULLIER, C.; GOMES, W. B. Idéias psicológicas nos Cursos Normais de Porto Alegre no período de 1920 a 1950. Psico, v. 30, n. 2, p. 45-62, 1999.

LIMA, A. A. Críticas e ensaios de psychologia pedagógica. Diário da Manhã. 7 a 21 de agosto de 1914.

LIMA, A. A. Meditação sobre o mundo moderno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

LIMA, B. R. Uma história de um cientista religioso: a obra do padre Luis Monte na interpretação de Luis da Câmara Cascudo. In: RANGEL, M. de M.; ARAÚJO, V. L. (Org.). Caderno de resumos & Anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas. Ouro Preto: EdUFOP, 2012.

LIMA, J. F. Ethel Bauzer Medeiros: trajetória no campo da recreação e do lazer. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2009.

LIMA, L. de O. Estórias da educação no Brasil: de Pombal a Passarinho. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1981.

LINHARES, P. Sebastião Fernandes: uma pluralidade inquieta. Mossoró: Esam, 1988.

LOBO, R. As mudanças históricas e a chegada da psicanálise ao Brasil. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

LOMÔNACO, J. F. B. Obituário Profª. Geraldina Porto Witter (30/01/1934-29/03/2014). Boletim da Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 34, n. 87, p. 562-570, 2014.

LOPE, J. L. Antônio Austregésilo, psiquiatra. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. v. 10, n. 2, p. 109-114, 1961.

LOPES, E. Resenha de "A hygiene do espirito". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, v. 1, n. 2, 1925a.

LOPES, E. Trabalhos da Liga Brasileira de Hygiene Mental: os meios de acção na campanha pela hygiene mental. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, v. 1, n. 2, 1925b.

LOPES, J. L. Juliano Moreira. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. v. 13, n. 1, 1964.

LOUREIRO, M. C. da S. Entrevista. [S.l.], 2015. Entrevista concedida a Anderson de Brito Rodrigues.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil nos últimos 25 anos. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 143-151, set. 1971.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 113-142, 1971. Originalmente publicado em 1955.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 41-53, set. 1971.

LOURENÇO, E. Educação inclusiva: uma contribuição da história da psicologia. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 20, n. 1, p. 24-29, 2000.

MACHADO, D. O cheiro de coisa viva, entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.

MACHADO, M. N. M. O setor. In: BOMFIM, E. de M. et al. (Org.). Psicologia social: memórias, saúde e trabalho. São João Del-Rei: UFSJ; Abrapso Regional Minas, 2004. p. 19-31.

MACHADO, M. N. M. Práticas pedagógicas da psicossociologia nos anos 60 e 70. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. Clio-Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. p. 35-40.

MACHADO, R. et al. Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MACIEL, N. A. Entrevista. [S.l.], 29 maio 1991. Entrevista concedida a William Barbosa Gomes.

MACIEL, T. B.; D`ÁVILA NETO, M. I. Pantanal: trajet d`une recherche. In: DUMAZEDIER, J. et al. (Org.). Temps libre et modernité: mélanges en l`honneur de Joffre Dumazedier. Paris: Presses de l`Université du Québec, 1993.

MAGRO FILHO, J. B. A tradição da loucura, Minas Gerais - 1870/1964. Belo Horizonte: COOPMED/Editora UFMG, 1992.

MANCEBO, D. Da gênese aos compromissos: uma história da UERJ. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

MANCEBO, D.; RIECHE, E. C. (Org.). O curso de psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: a história possível (1964-1978). Rio de Janeiro: UERJ/NAPE, 1998.

MARCELLINO, N. C. Estudos do lazer: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARCÍLIO, M. L. História social da criança abandonada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MARCONDES, S. R. A. "Nós, os charlatães": Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2015.

MARIZ, J. Antônio Austregésilo: história de um professor de medicina. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947.

MARMION, J-F. Histoire de la psychologie. Paris: Éditions Sciences Humaines, 2012.

MARTINS, W. História da inteligência brasileira (1877-1896). São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977-78.

MARTINS, W. História da inteligência brasileira (1933-1960). São Paulo: Edusp, 1977-78.

MARTINS, W. História da inteligência brasileira. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996. v. 7.

MASSIMI, M. A contribuição de um iluminista brasileiro à história das idéias psicológicas. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 9, n. 1, p. 39-50, 1993.

MASSIMI, M. A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

MASSIMI, M. As idéias psicológicas de Francisco de Mello Franco, médico e iluminista brasileiro. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 7, n. 1, p. 83-90, 1991.

MASSIMI, M. Conhecimentos acerca do índio e da sua psicologia na literatura de língua portuguesa sobre o Brasil do século XVI. In: ATAS do Congresso Internacional: Anchieta 400 anos. São Paulo: FJB, 1998.

MASSIMI, M. História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1990.

MASSIMI, M. Marcus Marulus, i suoi maestri e la "Psychologia de ratione animae humanae". Storia e Critica della Psicologia, v. 4, n. 1, p. 27-42, 1983.

MASSIMI, M. Palavras, almas e corpos no Brasil colonial. São Paulo: Loyola, 2005.

MASSIMI, M. The origins of modern psychology: explorations in the old and the new world. In: Psychology in its historical context: essays in honor Prof. Josef BroŽek. Valencia: s/n, 1984. p. 221-228.

MATOS, M. A. Carolina Bori: a psicologia brasileira como missão. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 67-70, 1998.

MATOS, M. A. Contingências para a análise do comportamento no Brasil. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 89-100, 1998.

MEDEIROS FILHO, J. Contribuição à história intelectual do Rio Grande do Norte. Natal: Academia Norte-riograndense de Letras, 1983. v. 1.

MEDEIROS, A. Ulisses Pernambucano: um mestre adiante de seu tempo. Brasília: MEC/INEP, 1990.

MEDEIROS, T. A vida e as vidas de Luiz Cerqueira. Psiquiatria hoje, v. 9, n. 5, p. 3-6, out. 1984.

MEDEIROS, T. Depoimento. [S.l.], [2000]. Tácito Medeiros é psiquiatra, professor na Universidade Federal de Pernambuco, parente e estudioso de Luiz Cerqueira.

MELO, C. S. B. de; CAMPOS, R. H. de F. Scientific exchanges between France and Brazil in the history of Psychology: the role of Georges Dumas between 1908 and 1946. Universitas Psychologica, v. 13, n. 5, p. 1681-1695, 2014.

MELO, V. A. Lazer: olhares multidisciplinares. Campinas: Alínea, 2010.

MELO, V. Patronos e acadêmicos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974. 2 v.

MELO, W. A constelação dos mitos de morte/renascimento na perspectiva de C.G. Jung. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MEMÓRIA viva: Madre Cristina. Psicologia: Ciência e Profissão, São Paulo, v. 4, n. 2, 1984.

MEMORIAL PADRE VAZ. Disponível em: http://www.padrevaz.com.br/. Acesso em: 09 set. 2015.

MENDES, L. G. Entrevista. [S.l], 2015. Entrevista concedida a Anderson de Brito Rodrigues.

MENDEZ, C. D. Depoimento. Salvador, [2000]. Depoimento concedido a Nádia Maria Dourado Rocha. Não gravado.

MENDEZ, E. G. Infância e cidadania na américa Latina. São Paulo: Hucitec, 1998.

MENEZES, A. B. N. T. de. As modas e o celibato: educação e normalização social no Rio Grande do Norte na década de 1920. Revista HISTEDBR, n. 48, p. 184-198, 2012.

MENEZES, A. B. N. T. de. Nestor dos Santos Lima e a modernidade educacional: uma história do discurso (1911-1928). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

MENEZES, L. C. Além da ciência. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 161-162, 1998.

MENEZES, R. de. Dicionário literário brasileiro. São Paulo: Saraiva, [s.d.]. p. 687-689. v. 3.

MERQUIOR, J. G. De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.

MEZER, R. R. Psiquiatria dinâmica. Tradução Jurema Cunha. Porto Alegre: Globo, 1972.

MINAS GERAIS. Decreto n. 7.970-A, de 15 de outubro de 1927. Regulamento do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1927. Programas do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

MOHR, G. J. August Aichhorn (1878-1949): o amigo da juventude rebelde. In: ALEXANDER, F. et al. A história da psicanálise através dos seus pioneiros. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

MOKREJS, E. A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOKREJS, E. Classificações em medicina mental. Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, anno 1, 1º trimestre, 1919.

MOKREJS, E. Culpabilidade dos sifilíticos que se casam. Revista Médico Legal, n. 1, 1895.

MOKREJS, E. Dados sobre a psychologia objectiva dos indios brasileiros. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, anno XIII, 1917.

MOKREJS, E. Falsos testemunhos por desvios mentais. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, v. 8, 1912.

MOKREJS, E. Quaes os melhores meios de assistência a alienados? Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, anno VI, v. 1/2, p. 373-396, 1910.

MOKREJS, E. Querelantes e pseudo-querelantes. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, v. 4, n. 1/ 2, 1908.

MOKREJS, E.; PEIXOTO, A. A paranoia e os syndromas paranoides. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, anno I, n. 1, 1905.

MOKREJS, E.; PEIXOTO, A. Les maladies mentales dans les climats tropicaux. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, anno II, n. 1, 1906.

MONIQUE Rose Aimée Augras. Psicologia: Ciência e Profissão, 2008, v. 28, n. 3, p. 660-660. ISSN 1414-9893. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932008000300017. Acesso em: 01 out. 2015.

MONTAGNA, P. Psicanálise e psiquiatria. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MONTALVERNE, S. Padre Ralfy: gente de Deus também sabe fazer samba. Última hora, Rio de Janeiro, p. 5, 30 nov. 1957.

MORAES, M. C. M. de. Francisco Luís da Silva Campos. In: FÁVERO, M. de L. A.; BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999. p. 195-200.

MORAIS, S. T. D. Professores universitários e psicólogos contam suas vidas. 5 v. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo. 1999.

MORATO, H. P. Depoimento. [S.l.], [2000]. Depoimento concedido a Myriam Augusto da Silva Vilarinho. Henriette Penha Morato é do Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

MOREIRA, L. E. de V.; BULAMAH, L. C.; KUPERMANN, D. Entre barões e porões: Amílcar Lobo e a psicanálise no Rio de Janeiro durante a ditadura militar. Analytica: Revista de Psicanálise, v. 3, n. 4, p. 173-200, 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2316-51972014000100009&script=sci_abstract. Acesso em: 02 nov. 2015.

MORETZSOHN, J. A. História da psiquiatria mineira. Belo Horizonte: COOPMED, 1989.

MOROZ, M.; ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. Abigail Alvarenga Mahoney: marcas de uma educadora no ensino e pesquisa em educação. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, n. 33, dez. 2011.

MOTTA, M. E. de S. Entrevistas com familiares de Silvério Manoel Corrêa. [2000]. Entrevista.

MOURA, C. de A. (Org.). Psicologia 30 anos: amostra de produção científica do CEPSI. Goiânia: Ed. UCG, 2004.

MOURA, J. C. (Org.). Hélio Pellegrino: A – Deus. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

MOURA, O. As idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico no século XX. São Paulo: Convívio, 1978.

MOURA, O. O Padre Penido: teólogo e apóstolo da liturgia. Rio de Janeiro: Tricontinental, 1995.

MOURA, O. Padre Penido: vida e obra. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOURÃO, P. K. C. O ensino em Minas Gerais no tempo da República (1889-1930). Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de MG, 1962.

MURCHISON, C. Antipoff, Hélène. In: MURCHISON, C. (Ed.). The psychological register. London: Humphrey Milford: Oxford University Press, 1929. p. 541.

MUSEU DA HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: http://www.muhm.org.br. Acesso em: 15 dez. 2015.

MUSEUPSI BRASIL. Museu Virtual de Psicologia. Disponível em: http://www.ufrgs.br/museupsi/. Acesso em: 10 fev. 2015.

NAGLE, J. Educação e sociedade na primeira república. São Paulo: EPU/MEC, 1974.

NAGLE, J. Introdução ao estudo da Escola Nova no Brasil (antecedentes). Boletim da Cadeira de Teoria Geral da Educação, Araraquara, ano I, n. 2, p. 81-108, 1964.

NALE, N. Programação de ensino no Brasil: o papel de Carolina Bori. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 275-301, 1998.

NASCIMENTO, J. C. do; WENDLING, M. M. Contribuição aos estudos sobre a história da Psicologia no Estado de Sergipe. Cadernos UFS, v. VIII, Fascículo 3, 2006.

NEDER, M. Entrevistas. [S.l.], [s.d.]. Entrevistas concedidas por Mathilde Neder por ocasião do Projeto "Memória da Psicologia Brasileira" (CFP/FURB).

NEVES DE MUÑOZ, P. F. À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

NEVES DE MUÑOZ, P. F.; FACCHINETTI, C.; DIAS, A. A. T. Suspeitos em observação nas redes da psiquiatria: o Pavilhão de Observações (1894-1930). Memorandum: Memória e História em Psicologia, 20, p. 83-104, 2011 Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6625. Acesso em: 26 mar. 2012.

NISKIER, A. Educação brasileira: 500 anos de história 1550-2000. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Documentação sobre o Instituto de Seleção e Orientação Profissional - ISOP. Rio de Janeiro, 1947-1990.

NÚCLEO DE PSICOSSOMÁTICA E PSICOLOGIA HOSPITALAR. In: PONTIFÍCIA Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica: Mestrado e Doutorado. São Paulo, 1999. p. 35-37.

NUNES, B. O pensamento estético no Brasil. In: CRIPPA, A. (Org.). As idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Convívio, 1978. p. 85-142.

NUNES, C. Anísio Teixeira: a poesia da ação. v. 1. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

NUNES, E. D. Roger Bastide: a construção do social na fronteira das disciplinas. A doença mental como campo de estudo. Cadernos de Saúde Pública, n. 31, v. 5, p. 909-920, 2015.

OLINTO, P. A psicologia experimental no Brasil (1944). In: ANTUNES, M. A. M. (Org.). História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2004. p. 25-31.

OLIVEIRA, A. X. de. Do direito de testar dos insanos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

OLIVEIRA, C. L. M. V. de. A implantação do movimento psicanalítico na cidade de São Paulo. 2000. Texto debatido em um dos grupos dos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em: http://www. geocities.com/HotSprings/Villa/3170/CarmenLuciaValadares.htm. Acesso em: 10 fev. 2001.

OLIVEIRA, E. de S. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942. Salvador: UFBA, 1992.

OLIVEIRA, L. de A. Laboratório de biologia infantil. In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2011. p. 353-355.

OLIVEIRA, Y. D. de. Educação da criança à luz da ciência: a contribuição de Helvécio de Andrade, em Sergipe (1911-1935). Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

ORMASTRONI, M. J. S. Será que eu contei tudo? Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 133-135, 1998.

OSUNA, L. V. Uma constituição do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1953-1979). Monografia (Curso de Psicologia) – Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

OSUNA, L. V. Uma história da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

PACHECO FILHO, R. A. A influência de Carolina Bori no CENAFOR: uma semente que germinou. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 163-171, 1998.

PAIM, A. Apresentação. In: FRANÇA, E. F. Investigações de psicologia. 2. ed. São Paulo: Grijalbo/USP, 1972.

PAIM, A. História das idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Grijalbo, 1967.

PAIM, I. Centenário de Tito Lívio de Castro. Revista de Psiquiatria, v. 3, n. 5, p. 25-9, 1964.

PAIVA, E. V.; PAIXÃO, L. P. Subprojeto 2 - Programa Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar (PABAEE): reconstrução histórica. In: PEIXOTO, A. M. C. (Coord.). Projeto memória histórica do ensino primário e normal em Minas Gerais. Belo Horizonte: FAPEMIG/ Faculdade de Educação/UFMG, 1995. Relatório final.

PAIVA, G. J. et al. Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 25, n. 3, p. 441-446, 2009.

PAIVA, J. O'G. de. Verdade e vida. Natal: Nordeste Editora gráfica, 1947.

PAIVA. V. Educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 1973.

PALACIOS, J.; VILA, I.; CULLEN, K. Présence, impact et actualité de l'œuvre de Wallon dans la psychologie évolutive espagnole. Enfance, v. 46, n. 1, p. 33-42, 1993.

PARANAGUÁ, E. Depoimento. set. 2008. Rio de Janeiro: Clio Psyché. Entrevista concedida a Ana Maria Jacó-Vilela e Camilla Felix Barbosa de Oliveira.

PASQUALI, L. Currículo lattes. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/7429386640846254. Acesso em: 15 out. 2015.

PASQUALI, L. Entrevista realizada na residência de Luiz Pasquali. [S.l.], 25 out. 2015. Entrevista concedida a Elizabeth do Nascimento e Cristiane Faiad.

PATERNOSTRO, J. N. Curriculum vitae. São Paulo, 1979. (Documento não publicado).

PEDROSA, M. (Org.). Museu de Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1980.

PEIXOTO, A. Breviário da Bahia. 2. ed. [S.l.]: Agir, 1946.

PEIXOTO, A. M. C. Educação e Estado Novo em Minas Gerais. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

PEIXOTO, F. A. Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Edusp, 2000.

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PENNA, A. G. Apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na cidade do rio de Janeiro. In: TEXTOS do Centro de Pós-Graduação em Psicologia. Rio de Janeiro: ISOP-FGV, 1985.

PENNA, A. G. Eliezer Schneider (1916-1998). In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

PENNA, A. G. Eliezer Schneider, professor, 81 anos. O Globo, 4 set. 1998. Seção Obituário, p. 16.

PENNA, A. G. História da psicologia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PEREIRA, N. O Padre Luiz Gonzaga do Monte, santo e sábio. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, v. 20, n. 9, p. 134-143, 1971.

PERES, R. S. M. Entrevista. Rio de Janeiro, 5 mar. 2015. Entrevista concedida a Adriana Amaral do Espírito Santo.

PERESTRELLO, M. (Org.). História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de janeiro: suas origens e fundação. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). In: FIGUEIRA, S. (Org.) Efeito Psi: a influência da Psicanálise. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

PERNAMBUCANO, U. O vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, v. 1, n. 1, 1931.

PERSONALIDADES históricas do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto / Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine, 1999. v.1.

PESAVENTO, S. J. Imagens da violência: o discurso criminalista na Porto Alegre do fim do século. Humanas - Revista do IFCH-UFRGS, v. 16, n. 2, p. 109-131, 1993.

PESSOTI, I. Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1984.

PESSOTI, I. Notas para uma história da psicologia brasileira. In: CONSELHO Federal de Psicologia (Org.). Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo: EDICON, 1988.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. Psicologia, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-14, maio 1975.

PESSOTTI, I. Notas para uma história da psicologia brasileira. In: CONSELHO Federal de Psicologia. Quem é o Psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon, 1988. p. 17-31.

PETROVICH, E. L. Nestor dos Santos Lima: aspectos de sua vida e obra. Revista do Instituto Histórico-Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, v. 79-80, 1987/1988.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Org.). História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979. v. 3. p. 235-276.

PFROMM NETTO, S. Oswaldo de Barros Santos. São Paulo: CIANET, 1998.

PHILIPS, F. J. Depoimento. São Paulo, [1989]. 1 cassete: VHS. Depoimento concedido a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo para elaboração do Projeto Memória.

PIAGET, J. Henri Piéron: 1881-1964. The American Journal of Psychology, v. 79, n. 1, p. 147-150, mar. 1966.

PIMENTA, S. G. Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso. Typographia Archiepiscopal, 1920.

PIMENTEL, A. Um estudo de caso na relação entre psicologia e educação: o Programa Alfa. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

PIMENTEL, G. G. de A. (Org.). Teorias do lazer. Maringá: Ed. Eduem, 2010.

PINEAU, G. Éducation ou aliénation permanente? Montreal, Dunod: Bordas, 1977.

PIONEIRO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE. João Carvalhaes. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/default.aspx. Acesso em: 17 dez. 2015.

PIRES, P. R. Hélio Pellegrino: a paixão indignada. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

PLON, E.; PLON, M. (Org.). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PORTO-ALEGRE, Aquilles. Homens ilustres do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917.

PORTOCARRERO, V. M. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

PRATES, E. F. Os Encontros de Psicólogos da Área de Educação (1980-1982): um projeto de psicologia escolar e educacional em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

PRATES, M. H. de O. Introdução oficial do movimento da Escola Nova no ensino público de Minas Gerais: a Escola de Aperfeiçoamento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

PRESA, L. A. P. Levantamento de dados para requerimento do Título de Professor Emérito junto ao CONSUNI/UFAM. Manaus, 01 nov. 2012.

PSYCHOLOGIE ET PSYCHOMETRIE. André Rey: Maître d'oeuvre d'une psychologie des faits. Genève: Archives de l'Institut Jean-Jacques Rousseau et l'Association des Amis d'André Rey sous le patronage scientifique de la Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation de l'Université de Genève, v. 11, n. 1, 1990. (Numéro Spécial).

QLÍNICA COM QUÊ? Seminários Livres "Qlínica, Com Quê?" [Vídeo]. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0trrqP3zH9g. Acesso em: 22 mar. 2016.

QUEIRÓS, A. M. P. R. Obituário. Nelson Campos Pires. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. XXV, n. 1, jan./abr., p. 76-78, 2005. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94625115. Acesso em: nov. 2015.

QUEIROZ, M. I. Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide. In: QUEIROZ, M. I. (Org.). Roger Bastide: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-75.

QUEIROZ, M. I. Roger Bastide, sociologue brésilien. In: POIRIER, J.; RAVEAU, F. L'autre et l'ailleurs: hommage à Roger Bastide. Paris: Berger-Levrault, 1976. p. 88-96.

RABELLO, R.; RABELLO, M. [Consulta]. [S.l. : s.n.], [19--].

RAGO, M. Do cabaré ao lar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMOS, G. Memórias do cárcere. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. 2 v.

RAMOS, J. C. C. de A. Nestor dos Santos Lima e a modernização conservadora da gestão educacional no Rio Grande do Norte entre 1924-1928. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

RANGEL, V. A psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica: um rosto carioca. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1996.

RAVELET, C. Bio-bibliographie de R. Bastide. Disponível em: http://claude.ravelet.pagesperso-or-ange.fr/bio_biblio.pdf. Acesso em: 23 fev. 2015.

REICHSTUL, L. Um desconhecido muito ilustre. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 out. 1985. Folhetim.

REIS, C. M. D. da R. Marilza Ribeiro: vida, obra e contexto histórico-literário. In: REIS, C. M. D. da R. Sociedade, erotismo e mito: a poética temporal de Marilza Ribeiro. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2006. p.191-206.

REIS, G. V. dos. Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Disponível em: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90330/reis_gv_me_arafcl.pdf?sequence=1. Acesso em: 15 dez. 2015.

REIS, J. R. F. De pequenino é que se torce o pepino: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. História, Ciências, Saúde: Manguinhos, v. 7, n. 1, p. 135-157, 2000.

REIS, J. R. F. Higiene mental e eugenia: o projeto de Regeneração Nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930). Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

REIS, Y. M. Eliezer Schneider: primeiro diretor do Instituto de Psicologia da UERJ. In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

REIS, Y. M. et al. Memória do curso de psicologia da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ/IP, 1988. Mimeografado.

REUCHLIN, M. Henri Piéron 18 juillet 1881 - 6 novembre 1964. Revue Européenne de Psychologie Appliquée, v. 54, p. 53-55, 2004.

REUCHLIN, M. Histoire de la psychologie. 18. ed. Paris: PUF, 1999.

REUNIÃO PREPARATÓRIA DA SOCIEDADE MINEIRA DE PSICOLOGIA, 1., 12 nov. 1956, Ibirité. Lista de presença. Documento pertencente aos Arquivos do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Ibirité.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE. Manuel Varela Santiago Sobrinho. Natal: [s.n.], [s.d.].

REY, A. Maneira de ensinar a psicologia nas escolas normais. Ibirité, MG, out. 1956. Palestra para o corpo docente do Curso Normal Regional Rural de Conselheiro Mata, MG. Documento inédito pertencente ao Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, Fundação Helena Antipoff, Ibirité, MG.

REY, T. André Rey: données biographiques. Psychologie et Psychométrie, v. 11, n. 1, p. 15-17, 1990.

RIBAS, J. C. Maurício de Medeiros: educação anti-alcoólica. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 5, n. 4, dez. 1976.

RIBAS, J. C. Teixeira Brandão nos primórdios da assistência psiquiátrica brasileira. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 6, n. 2, p. 39, jun. 1977.

RIBEIRO, D. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BOMFIM, M. A América Latina: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

RIBEIRO, M. C. Re-andanças no percurso poético. [S.l.: s.n.], [s.d.].

RIBEIRO, P. R. M. Saúde mental no Brasil. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. 192 p.

RIBEIRO, S. D. D. Educação e mídia: formação do sujeito em espaço-tempo de educação física. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16584 . Acesso em: 21 dez. 2015.

RIBEIRO, S. N. Concurso à cadeira de philosophia. Minerva Brasiliense, Rio de Janeiro, v. 2, n. 18/21, p. 643-, 1844.

ROCHA, J. M. da. Pediatria, puericultura e medicina infantil. São Paulo: Fundo Procienx, 1965.

RODRIGUES, A. G. Educar para o lar, educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

RODRIGUES, D. de J. da S. A história da psicologia no Brasil: 40 anos do curso de psicologia da PUC Goiás. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

RODRIGUES, H. B. C. (Org.). Clio-Psyché – Paradigmas: historiografia psicologia, subjetividades. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

RODRIGUES, H. de B. C. Da importância de não ser filósofo: um certo "clima" e a docência de Jean Maugüé. Mnemonise, v. 8, n. 1, 2012.

ROSAS, D. B. Depoimento. [S.l. : s.n], [19--].

ROSAS, P. A psicologia na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, DF, v. 65, n. 150, p. 314-336, maio/ago. 1984.

ROSAS, P. Contribuição de Ulisses Pernambucano e seus colaboradores para a psicologia aplicada no Brasil. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 17-33, 1985.

ROSAS, P. Emílio Mira y López. In: FÁVERO, M. de L. de A., BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/ MEC/ INEP, 1999. p. 165-169.

ROSAS, P. Mira y López: 30 anos depois. São Paulo: Vetor - Editora Psicopedagógica, 1995.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Org). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zarrar, 1998. Título original: Dictionnaire de la Psychanalyse.

ROZESTRATEN, R. J. A. Curriculum vitae. Belém, 2000.

SÁ, C. P. de. Eliezer Schneider e a psicologia social no Brasil: um depoimento afetivo e acadêmico. In: JACÓ-VILELA, A. M. (Org.). Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SACRAMENTO, J. A. A. Os salesianos em São João del-Rei. Revista da Academia de Letras de São João del-Rei, v. 6-7, p. 155-180, 2012.

SAGAWA, R. Y. A construção local da psicanálise. Marília: Interior/ Psicanálise, 1996.

SAGAWA, R. Y. A história da Sociedade Brasileira de Pisicanálise de São Paulo. In: NOSEK, L. (Org.). Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanalise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

SAGAWA, R. Y. A psicanálise pioneira e os pioneiros da psicanálise em São Paulo. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). Cultura da psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SAGAWA, R. Y. Os inconscientes no divã da história. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SAGAWA, R. Y. A construção local da psicanálise. Marília: Interior/Psicanálise, 1996.

SAGAWA, R. Y. Redescobrir as psicanálises. São Paulo: Lemos, 1992.

SANTOS BRAGA, F. J. Padre Luiz Zver à frente do C.A.C: Centro Artístico Cultural de São João del-Rei. Disponível em: http://bragamusician.blogspot.com.br/2013/07/pe-luiz-zver--frente-do-cac-centro.html. Acesso em: 22 jan. 2016.

SANTOS, A. D. Sindicato dos Psicólogos do Rio de Janeiro. In: JACÓ-VILELA, A. M. (org.), Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro/Brasília: Imago/CFP, 2011, p. 408-410.

SANTOS, O. de B. Psicologia aplicada à seleção e orientação profissional. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1973.

SANTOS, R. [Depoimento da própria autora do verbete]. [S.l. : s.n.], [19--].

SARGENT, S. S.; STAFFORD, K. R. Ensinamentos básicos dos grandes psicólogos. Tradução Jurema Cunha. Porto Alegre: Globo, 1969.

SARMENTO, M. A. A Escola Primária de Mossoró (1922-1934): narrativas sobre a criação da primeira escola de formação de professores do interior do Rio Grande do Norte. Mossoró: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, 2013.

SASS, O. Madre Cristina: uma pioneira da psicologia. Jornal do CRP, São Paulo, v. 14, n. 91, jan./fev. 1995.

SATURNINO, M. Psychometria de 100 soldados pelos tests de Binet. Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, [S.l.], ano III, n. 1, p. 12-17, 1930.

SCHMIDT, M. L. Madre Cristina: um instrumento de transformação. Percurso, v. 2, n. 4, 1º semestre 1990.

SEMINÉRIO, F. L. P. Entrevista. [Rio de Janeiro], out. 2000. Entrevista concedida a Luísa Helena Morgado.

SEMINÉRIO, F. L. P. Entrevistas. [S.l.], [s.d]. Entrevistas realizadas com Franco Lo Presti Seminério por ocasião do Projeto "Memória da Psicologia Brasileira" (CFP/FURB).

SENA, G. (Org.). Ester Vida Assumpção. Belo Horizonte: CENSA, 1997.

SÉRIO, N. M. F. Reconstruindo "Farrapos": a trajetória da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL. [Consultas]. [S.l.], [19--].

SEVERINO, A. J. A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

SHEFFER, R. Evolução dos testes na psicologia e na educação. In: TESTES e medidas na educação. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976. p. 23-38.

SILVA NETO, N. A. e. Subsídios para a construção de uma visão completa do legado de Jean Maugüé (1904-1985): Patrono da Cadeira nº 17. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, ano XXVII, n. 1, 2007.

SILVA, D. L. Por dentro do debate Piaget-Wallon: o desenrolar da controvérsia sobre a origem e desenvolvimento do pensamento simbólico. Tese (Doutorado) – FAE/UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, D. L.; CAMPOS, R. H. F.; FAZZI, E. H. Funcionalismo no Brasil: pioneiros. In: MASSIMI, M. (Org.). História da psicologia no Brasil do século XX. São Paulo: EPU – Editora Pedagógica e Universitária, 2004.

SILVA, F. H. V. de C. A psicologia do trânsito e os 50 anos de profissão no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 32, n. spe, p. 176-193, 2012.

SILVA, I. F. da. Diccionario bibliographico portugues. Lisboa: Imprensa Nacional, 1885. Tomo 13.

SILVA, M. V. B. A emergência da cultura psicológica na Bahia. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, UBA, Salvador, 1995.

SILVA, M. V. de O. Currículo Lattes. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/3392429444735986. Acesso em: 25 fev. 2016.

SILVA, M. V. de O.; COSTA, F. R. M.; NEVES, L. M. Programa de intensificação de cuidados: experiência docente-assistencial em psicologia e reforma psiquiátrica. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 30, p. 882-895, 2010.

SILVA, R. da. Mulheres e ciência: uma análise histórica dos Arquivos de Medicina Legal e Identificação do Rio de Janeiro na década de 1930. In: SIMPÓSIO Nacional de História, 26. 2011. São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2011.

SILVA, R. F. da. Filosofia da educação: grandes problemas da pedagogia moderna, de Theobaldo Miranda Santos: um estudo sobre manuais de ensino. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciencias e Letras, 2014.

SILVA, R. N. da. A escola do outro tempo: professores de Mossoró. Mossoró: Esam, 1968.

SILVA, R. N. da. Bacharéis de Olinda e Recife (Norte-riograndenses formados em 1832-1932). Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

SILVA, V. J. da. Os saberes docentes católicos expressos por Theobaldo Miranda Santos nas páginas da revista A Ordem: 1935-1944. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SISTER, B.; TAFFAREL, M. Isaías Melsohn: a psicanálise e a vida. São Paulo: Editora Escuta, 1996.

SMITH, P. et al. Leadership in Latin America organizations: an event management perspective. Interamerican Journal of Psychology, v. 33, n. 2, p. 91-121, 1999.

SOARES, V. Professora Carolina Bori. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 145-147, 1998.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Carlos Arthur Moncorvo Filho. Disponível em: http://www.sbp.com.br/institucional/academia-brasileira-da-pediatria/patronos-e-titulares/carlos-arthur-moncorvo-filho/. Acesso em: 14 dez. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca. Rio de Janeiro, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRE DE PSICANÁLISE. [Dados pessoais e currículos dos membros]. São Paulo, SBPSP, [19--].

SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO. Arquivos. São Paulo, [19--].

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Arquivos: dados pessoais e currículos dos membros. São Paulo, 2015.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Boletim de Psicologia, São Paulo, v. 11, n. 37, jan./jun. 1959.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Boletim de Psicologia, São Paulo, v. 46, n. 105, jul./dez. 1996.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Mathilde Neder. Boletim de Psicologia, n. 26, 1975. Editorial.

SOCIEDADE MINEIRA DE PSICOLOGIA. Estatutos. Belo Horizonte, 1957.

SOUZA, A. N. D. de; VITAL BRASIL, L. N. Uma professora além da academia. Cadernos do Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, n. 2, p. 11-18, 1996.

SOUZA, D. das G. O percurso de uma nova área de pesquisa na UFSCAR. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 121-129, 1998.

SOUZA, D. R. J. Sobre uma Psicologia oficial e seus efeitos de sentido: uma análise das normativas do Conselho Federal de Psicologia. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, 2014.

SOUZA, M. P. R. de; LÔMONACO, J. F. B. Educação e diversidade: estratégias de enfrentamento e mudança (Retrato de Geraldina Porto Witter). Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 10, n. 2, p. 315-320, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572006000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 fev. 2016.

SOUZA, M. P. R.; LOMÔNACO, J. F. B. Entrevista com Geraldina Porto Witter e Acácia Aparecida Angeli dos Santos. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 10, n. 2, p. 315-321, dez. 2006.

SOUZA, M. S. et al. O pensamento psicanalítico de Alcyon Baer Bahia. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 8, n. 4, 1974.

SOUZA, R. A. Noções psicologia da criança: estudo sobre um manual didático de Theobaldo Miranda Santos. In: CONGRESSO Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá. Anais... Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. p. 1-15.

STAMIROWSKI, O. L. Prolegômenos ao conhecimento de uma Carolina Bori. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 251-260, 1998.

STEPAN, N. L. Eugenics in Brazil. 1917-1940. In: THE WELLBORN science, eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. Cambridge: Oxford University Press, 1990. p. 110-52.

SUPPO, H. R. La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950. Tese (Doutorado) – Université Paris 3, França, 1999.

TASSARA, E. T. de O. Carolina Bori: a abertura de novos espaços. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 153-154, 1998.

TAVERNA, C. S. R. Um estudo histórico sobre a psicologia escolar na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

TEIXEIRA, A. H. Perfis. Goiânia: Gráfica Luzes, 1993.

TEIXEIRA, A. H. Reencontro. Goiânia: Edítora Líder, 1981.

TEIXEIRA, D. Discurso de posse. In: ANAIS da Academia Mineira de Medicina - 1997. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina. No prelo.

TELES, J. M. Dicionário do escritor goiano. Goiânia: Kelps, 2006.

TELES, J. M. Memórias goianienses. 2. ed. Goiânia: PUC-GO, 2012.

THOMPSON, O. O futuro da pedagogia é científico. In: O LABORATÓRIO de pedagogia experimental. São Paulo: Typ. Siqueira, 1914. p. 9-10.

TODOROV, J. C. Currículo Lattes. Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783554U5. Acesso em: 15 out. 2015.

TODOROV, J. C. The K & S in Brazil. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, v. 54, n. 2, p. 151-152, 1990.

TODOROV, M. S. A psicologia na Universidade de Brasília de 1963 a 1987. Brasília: CEDOC/UNB, 1999.

TOMANARI, G. Y. Notícia: Maria Amélia Matos (1939-2005): generosidade, competência, liderança. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 21, n. 2, p. 255-256, 2005.

TONELLI, E.; FREIRE, L. M. S. (Ed.). Patronos da Academia Mineira de Pediatria: perfis biográficos. Belo Horizonte: Sociedade Mineira de Pediatria, 2007. 70 p.

TRINDADE, D. S.; LIMA, R. R.; VICENTE, S. S. Ensino, extensão e pesquisa: representações sociais de professores de uma universidade pública de Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2007.

TRINDADE, I. M. F. A produção de identidades alfabetizandas sul-rio-grandenses na intersecção de influências européias e latino-americanas. Educação, XXVII, n. 2, v. 53, p. 303-318, 2004.

TUNES, E.; SIMÃO, L. M. Sobre análise do relato verbal. Psicologia USP, v. 9, n. 1, p. 303-324, 1998.

UCHOA, D. M. In memorian. Francisco Tancredi. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 8, n. 3, 1950.

UCHOA, D. M. Organização da psiquiatria no Brasil. São Paulo: Sarvier, 1981.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Centro de Documentação. Brasília, DF, 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Secretaria de Recursos Humanos. Setor de Microfilmagem. Brasília, DF. 2015.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939-1949). São Paulo: Seção de Publicações da USP, 1953. v. 2.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil. Acervo Helena Dias Carneiro. Belo Horizonte. [20--].

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Documentos. Belo Horizonte: FAFICH-Setor de Psicologia Social, [20--].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. CONSUNI. Ata da reunião do Conselho universitário da Universidade Federal do Amazonas de 26 de março de 2014. Disponível em: https://secretariadosconselhos.files.wordpress.com/2014/06/3-ata26-03-2014-consuni.pdf. Acesso em: 09 out. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Divisão de Registros. Porto Alegre, [19--].

VALENÇA, C. de A. Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais da pedagogia moderna por Helvécio de Andrade (1911-1935). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2006.

VASCONCELLOS, I. Pequenas biografias de grandes médicos: Henrique Tanner de Abreu. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXI, n. 221, p. 31-23, set. 1951.

VASCONCELOS, M. S. A difusão das idéias de Piaget no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

VAZ, C. E. Currículo Lattes/CNPq. Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787090J6. Acesso em: 15 set. 2015.

VAZ, Pe. H.L. O pensamento filosófico no Brasil de hoje. In: FRANCA, L. Noções de história da filosofia. Rio de Janeiro: Agir, 1969. p. 343-377.

VELHO, V. de B. Entrevista. [S.l.], 20 jan. 2000. Entrevista concedida a William Barbosa Gomes.

VELHO, Z. B. Informações adicionais, obtidas por e-mail, sobre a vida de Victor de Britto Velho. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida em 28 jul. 2015.

VELOSO, E. C. de M. Depoimento. [Salvador], [2000]. Depoimento concedido a Nádia Maria Dourado Rocha.

VELOSO, E. D. Helena Antipoff, psicóloga. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 101-107, jan./mar. 1976.

VENÂNCIO, A. T. A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. História, ciências, saúde - Manguinhos, v. 10 n. 3, p. 883-900, 2003.

VENANCIO, A. T. A. Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. História, ciências, saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 327-343, dez. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000600004. Acesso em: 11 ago. 2015.

VENANCIO, A. T. A. Os alienados segundo Henrique Roxo: ciência psiquiátrica no Brasil no início do século XX. Culturas Psi, v. 1, p. 29-44, 2012. Disponível em: http://www.culturaspsi.org/Revistas/volumen_0/6.pdf. Acesso em: 01 jul. 2013.

VENANCIO, A. T. A.; CARVALHAL, L. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; CONDE, H. (Org.). Clio-Psyché ontem: fazeres e dizeres Psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2001. p. 151-160.

VENANCIO, A. T. A.; CARVALHAL, L. Juliano Moreira: a psiquiatria científica no processo civilizador brasileiro. In: DUARTE, L. F. D.; RUSSO, J.; VENANCIO, A. T. A. (Org.). Psicologização no Brasil: atores e autores. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 65-83.

VEZZETTI, H. Aventuras de Freud en el país de los argentinos. Buenos Aires: Paidós, 1996.

VIANNA, H. B. Não conte a ninguém... contribuição à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

VIANNA, S. B. Entrevista. 27 nov. 2015. Entrevista concedida por e-mail a Lurdes Perez Oberg.

VIDA plena de trabalho em benefício da ciência. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 17 jun. 1945. p. 1, 8.

VIDAL, D. G. (Coord.). CD-ROM Arquivo Fernando de Azevedo (IEB-USP) e a reforma Azevedo da instrução pública (Distrito Federal, 1927-1930). São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/ FAPESP, 1999.

VITA, L. W. A filosofia atual no Brasil. Revista Brasileira de Filosofia, v. 8, p. 331-340, 1958.

VOLNOVICH, J. C.; WERTHEIN, S. (Comp.). Marie Langer: mujer, psicoanálisis, marxismo. Buenos Aires: Contrapunto, 1989.

WADSWORTH, J. E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos de assistência à infância no Brasil. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 103-124, 1999.

WAENY, M. F. C.; AZEVEDO, M. L. B. de. João Carvalhaes: pioneiro da psicologia do esporte. 2003. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/artigo.aspx. Acesso em: 03 mar. 2011.

WAGNER, E. da C. A. e M. Depoimento. [S.l.], [2000]. Depoimento concedido a Myriam Augusto da Silva Vilarinho. Elvira da Conceição Abreu e Melo Wagner é Gerontóloga do Curso de Gerontologia do Instituto Sedes Sapientiae.

WANDERLEY, W. Eliseu Viana: educador. Mossoró: Esam, 1990. 2 v.

WEREBE, M. J. G.; NADEL- BRULFERT, J. (Org.). Henri Wallon. São Paulo: Ática, 1986.

WERNECK, M. Sala 4. Rio de Janeiro: CESEC, [s.d.].

WITTER, G. P. Depoimento. In: BARBOSA, D. R. Estudos para uma história da psicologia educacional e escolar no Brasil. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. [Depoimento fornecido em 2009].

WITTER, G. P. Depoimento. In: PEREZ-RAMOS, A. M. Q. Contribuições ao módulo História da Psicologia do Sistema de Ensino na BVS-Psi: de Arrigo Leonardo Angelini, Aidyl Macedo de Queiroz Pérez-Ramos, Geraldina Porto Witter. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, ano/v. 27, n. 1, p. 46-47, 2007.

WITTER, G. P. Educação e psicologia: 50 anos de profissão. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

WITTER, G. P. Encontros felizes ao longo de uma vida. In: ALENCAR, E. M. L. S. A trajetória de vida de três pioneiros brasileiros da psicologia escolar. Psicologia Escolar e Educacional, v. 12, n. 1, p. 266-270, 2008.

WITTER, G. P. Entrevista com Arrigo Leonardo Angelini. Psicologia Escolar e Educacional - Abrapee, v. 2, n. 1. semestre 1998.

WITTER, G. P. Primeiras dissertações/teses em psicologia escolar educacional da Universidade de São Paulo. Psicologia Escolar e Educacional, v. 2, n. 1, 1. semestre 1998.

ZICO, Pe. J. T. Caraça: peregrinação, cultura e turismo. (1770-1975). Belo Horizonte: São Vicente, [s.d.].

ZITKOSKI, J. J. Paulo Freire & a educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Pensadores & Educação).

ZUSNE, L. Names in the history of psychology: a biographical sourcebook. Washington, D.C.: Hemisphere Publishing Corporation, c1975.

Créditos fotográficos

CAMPOS, I. Retrato de Monique Rose Aimée Augras. Color. (Imagem editada). Disponível em: https://www.skoob.com.br/autor/6264-monique-augras. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 60.

EKSTERMAN, A. Retrato de Danilo Perestrello. In: CENTRO de Medicina Psicossomática e Psicologia Médica. [S. l.: s.n.], [s.d.]. (PowerPoint). (Imagem editada). Disponível em: http://www.medicinapsicossomatica.com.br/palestras/cmp_apresentacao.pdf. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 330.

RETRATO de Abílio César Borges - Barão de Macahubas. (Imagem editada). Disponível em: http://www.jornallivre.com.br/images_enviadas/biografia-de-abilio-cesar-borg.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 249.

RETRATO de Adelheid Lucy Koch. In: PSYCHOANALYTIKERINNENN Biografissches Lexikon: Psychoanalytikerinnen in Lateinamerika. (Imagem editada). Disponível em: http://www.psychoanalytikerinnen.de/bilder/koch.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 225.

RETRATO de Afrânio Peixoto. (Imagem editada). Disponível em: http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/abljapei.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 320.

RETRATO de Agostinho Minicucci. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. (Imagem editada). Acervo pessoal de Agostinho Minicucci. p. 278.

RETRATO de Aidyl Macedo Queiroz Perez-Ramos. In: NOTICIAS... sobre la doctora Aidyl Macedo de Queiroz. Caja Insular de Ahorros de Gran Canarias, Las Palamas de Gran Canariaas, n. 13, 1971. (Imagem editada). Disponível em: http://mdc.ulpgc.es/cdm/ref/collection/aguayro/id/198. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 333.

RETRATO de Alceu Amoroso Lima. (Imagem editada). Disponível em: http://www.jb.com.br/media/fotos/2013/09/05/300w/alceu-amoroso-lima-filho.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 238.

RETRATO de Alexandre de Gusmão. In: SANTISTA muda fronteira da América Latina. Histórias e Lendas de Santos, 2002. (Pintura. Alexandre de Gusmão, em óleo de Oswaldo Teixeira, acervo do Museu Paulista, em São Paulo). (Imagem editada). Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0056a.htm. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 213.

RETRATO de Alice de Oliveira Costa. In: PATRONOS: cadeira número 1, patrono Alice de Oliveira Costa (1911-1996). Feira de Santana: Academia de Educação de Feira de Santana, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.academiadeeducacao.org.br/pat_alicecosta.htm. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 153.

RETRATO de Amália Hermano Teixeira. In: ESCOLA – Em cada Nome uma História. Col. Est. Amália Hermano Teixeira. (Imagem editada). Disponível em: http://portal.seduc.go.gov.br/SitePages/HistoriaEducacao/Default.aspx?idEscola=26. Acesso em: 01 fev. 2016. p. 432.

RETRATO de Ana Maria Poppovic. In: PESQUISA e Educação: Biblioteca de Ana Maria Poppovic. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.fcc.org.br/fcc/biblioteca/apresentacao. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 351.

RETRATO de André Ombredane. In: NECROLOGIA: prof. André Ombredane (1898-1958). [S.l.: s.n.], [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://bibliotecadigital..fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/viewFile/13963/12852. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 309.

RETRATO de André Rey. (Imagem editada). Disponível em: http://www.notrehistoire.ch/photo/full_view/62953/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 367.

RETRATO de Ângela Maria Brasil Biaggio. In: BIAGGIO, Â. Psicologia Interamericana: vídeo histórico de la SIP. Sociedad Interamericana de Psicologia. (Imagem editada). Disponível em: http://www.uniweb.cl/marcelo.urra/videosip/biaggio/fotos/i1.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 85.

RETRATO de Aniela Meyer Ginsberg. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. (Imagem editada). Acervo pessoal de Aniela Meyer Ginsberg. p. 200.

RETRATO de Anísio Spinola Teixeira. (Imagem editada). Disponível em: http://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2014/02/An%C3%ADsio-Teixeira.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 434.

RETRATO de Anita Paes Barreto. (Imagem editada). Disponível em: http://cliopsyche.com.br/wp-content/uploads/10176142_233472523509108_57444493_n.jpg. Acesso em: 23 out. 2015. p. 71.

RETRATO de Anna Kattrin Kemper. In: PSYCHOANALYTIKERINNENN. Biografissches Lexikon: Psychoanalytikerinnen in Lateinamerika. (Imagem editada). Disponível em: http://www.psychoanalytikerinnen.de/bilder/kemper.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 218.

RETRATO de Annita de Castilho Marcondes Cabral. In: OTTA, E.; OLIVEIRA, P. de S.; MANNINI, C. R. B. B. 40 anos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2011. p. 14. (Imagem editada). Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/40anosIPUSP.pdf. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 113.

RETRATO de Antônio Carlos Pacheco e Silva. (Imagem editada). Disponível em: http://www.aaafmusp.org.br/murais/murais-turmas/d-30/1938/d/antonio%20pacheco%20e%20silva.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 404.

RETRATO de Antônio Ferreira Viçoso – Dom Viçoso. In: SANTUÁRIO do Caraça. Processo de Beatificação de Dom Viçoso. Santa Bárbara: Santuário do Caraça, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.santuariodocaraca.com.br/arquivos/2013/11/dom-vicoso.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 454.

RETRATO de Antônio Gomes Penna. In: SECRETARIA de Educação e Cultura do Estado da Guanabara. ESDI, Escola Superior de Desenho Industrial. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010. p. 11. (Imagem editada). Disponível em: http://pt.slideshare.net/designjohnson/esdi-60. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 325.

RETRATO de Antônio Rodrigues Lima Austregésilo. In: MUSEO Archivo Historico de la Sociedad Española de Neurologia. Audiovisual: retratos. Barcelona: Museo Archivo Historico de la Sociedad Española de Neurologia, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://mah.sen.es/colecciones/audiovisual.php. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 61.

RETRATO de António Vieira. (Imagem editada). Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/28/Padre_Ant%C3%B3nio_Vieira.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 456.

RETRATO de Antonio Xavier de Oliveira. In: CASIMIRO, R. Juazeirenses desconhecidos. Portal de Juazeiro, 31 out. 2011. (Lembrados e esquecidos). (Imagem editada). Disponível em: http://www.portaldejuazeiro.com/2011_10_01_archive.html. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 302.

RETRATO de Aroldo Soares de Souza Rodrigues. In: HOFF, A.; PRINCE, J. Interventios in schoool psychology. Newsletter of the Fresno State College of Science and Mathematics, set. 2012. (Imagem editada). Disponível em: http://archive.constantcontact.com/fs073/1102704765894/archive/1109237790057.html. Acesso em: 22 maio 2016. p. 380.

RETRATO de Arrigo Leonardo Angelini. In: UNIVERSIDADE de São Paulo. Museu de Ciências da USP. Memória USP: Arrigo Leonardo Angelini. São Paulo: USP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://200.144.182.66/memoria/por/pessoa/509-Arrigo_Leonardo_Angelini.Acesso em: 15 jan. 2016. p. 45.

RETRATO de Arthur Ramos de Araújo Pereira. (Imagem editada). Disponível em: http://static1.squarespace.com/static/517e9335e4b0847823500845/t/53073e05e4b03dd2ecdcdbac/1392983557669/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 363.

RETRATO de Artur Moncorvo Filho. In: FREIRE, M. M. de L.; LEONY, V. da S. A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930). História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, dez. 2011. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702011000500011&script=sci_arttext. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 282.

RETRATO de Athayde Ribeiro da Silva. [S.l.], [s.d.]. Foto digital., p&b. (Imagem editada). Acervo do Núcleo de Documentação da Fundação Getúlio Vargas (FGV). p. 406.

RETRATO de Carlos Paes de Barros. (Imagem editada). Disponível em: http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/70anos/sites/default/files/imagens/personagens/carlospaesdebarrosp.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 74.

RETRATO de Carlos Sanchez Queiroz. (Imagem editada). Disponível em: http://thumbnail.myheritageimages.com/794/272/45794272/005/005774_600581a5h033cmt1dd6cd5_F_96x128.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 354.

RETRATO de Carolina Martuscelli Bori. In: CENTRO de Memória do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Arquivo Carolina Bori. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, [s.d.] (Imagem editada). Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/?q=image/tid/152. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 94.

RETRATO de Cecília Torreão Stramandinoli. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p&b. (Imagem editada). Acervo pessoal de Cecília Torreão Stramandinoli. p. 427.

RETRATO de Célio Garcia. (Imagem editada). Disponível em: http://i.ytimg.com/vi/bUfDv9TboqU/hqdefault.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 196.

RETRATO de Cícero Emídio Vaz. In: CÍCERO Emídio Vaz. Avaliação psicológica com os métodos de Rorschach e de Zulliger. (Imagem editada). Disponível em: http://www.ciceroemidiovaz.com.br/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 440.

RETRATO de Daniel Iretzky Antipoff. [S.l.], [c.1980]. Foto digital, color. (Imagem editada). Cerimônia na Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA). p. 47.

RETRATO de Dante Moreira Leite. In: CONSELHO Regional de Psicologia - São Paulo. História e Memória da Psicologia em SP. Vídeos documentários: álbum fotográfico. São Paulo: CRP-SP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/social/album.aspx. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 233.

RETRATO de Darcy de Mendonça Uchoa. (Imagem editada). Disponível em: http://www.psiquiatria.unifesp.br/sobre/historico/img/Darcy-de-Mendonca-Uchoa.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 438.

RETRATO de Décio Soares de Souza. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p.&b. (Imagem editada). Acervo pessoal de Décio Soares de Souza. p. 421.

RETRATO de Djalma Teixeira Oliveira. (Imagem editada). Disponível em: https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/1a/6e/58/1a6e58ae194819d2c69407d0977b6d6b.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 303.

RETRATO de Domingos José Gonçalves de Magalhães Araguaia. Visconde de Araguaia. (Imagem editada). Disponível em: http://mlb-s2-p.mlstatic.com/domingos-jose-goncalves-de-magalhes-carto-antigo-17324-MLB20136130664_072014-F.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 55.

RETRATO de Durval Bellegarde Marcondes. In: ACADEMIA de Medicina de São Paulo Cadeira n. 92: patrono. São Paulo: Academia de Medicina de São Paulo, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/144/BIOGRAFIA-DURVAL-BELLE-GARDE-MARCONDES.pdf.Acesso em: 16 jan. 2016. p. 257.

RETRATO de Dyonélio Machado. In: TIECHER, F. Dyonélio Machado é tema do VII Café Filosófico. Comunicação, 16 jun. 2014. (Imagem editada). Disponível em: http://www.imed.edu.br/Comunicacao/Noticias/dyonelio-machado-e-tema-do-vii-cafe-filosofico. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 250.

RETRATO de Edela Lanzer Pereira de Souza. [S.l.], [s.d.]. Foto digital., p&b. Acervo pessoal de Edela Lanzer Pereira de Souza. (Imagem editada). p. 422.

RETRATO de Édouard Claparède. (Imagem editada). Disponível em: http://amoozak.org/edward.claparede. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 150.

RETRATO de Eliezer Schneider. In: HOMENAGEADO: Eliezer Schneider. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 24, n. 2, jun. 2004. (Imagem editada). Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000200014. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 400.

RETRATO de Elisa Dias Velloso. In: MEMÓRIA Viva: Elisa Dias Velloso. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 6, n. 1, 1986. (Imagem editada). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98931986000100012&script=sci_arttext. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 445.

RETRATO de Eliseu de Oliveira Viana. In: MAIA. G. Eliseu de Oliveira Viana. Blog do Gemaia, 19 abr. 2015. (Imagem editada). Disponível em: http://www.blogdogemaia.com/geral.php?id=941. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 449.

RETRATO de Emília Ferreiro. In: RODRIGUES, J. P. Emília Ferreiro grande pedagoga da alfabetização: cinco documentários sobre sua vida e obra. Portal Galego da Língua, 09 set. 2015. As aulas no cinema. (Imagem editada). Disponível em: http://pgl.gal/emilia-ferreiro-grande-pedagoga-da-alfabetizacao-cinco-documentarios-sobre-a-sua-vida-e-obra/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 183.

RETRATO de Emílio Mira y López. In: MIRA, M. Dr. Emilio Mira y López (1896-1964) (Imagem editada). Disponível em: http://www.miraylopez.com/. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 279.

RETRATO de Emilio Rodrigué. (Imagem editada). Disponível em: http://www.pagina12.com.ar/2000/suple/psico/00-08/00-08-10/psico01.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 378.

RETRATO de Enrique Pichon-Rivière. (Imagem editada). Disponível em: http://www.moffatt.com.ar/imagenes/Fotos/02/slides/Enrique%202.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 339.

RETRATO de Enzo Azzi. In: FUNDAÇÃO de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Linha do tempo: os primeiros conselheiros. São Paulo: BV-CDI /FAPESP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.bv.fapesp.br/linha-do-tempo/443/primeiros-conselheiros/. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 64.

RETRATO de Ethel Bauzer Medeiros. In: ESCOLA de Markenting Industrial. Ethel Bauzer Medeiros. (Imagem editada). Disponível em: http://www.emkti.com.br/ethel/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 266.

RETRATO de Etienne Souriau. (Imagem editada). Disponível em: http://www.ladeleuziana.org/wp-content/uploads/2014/07/souriau.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 420.

RETRATO de Euryalo Cannabrava. In: SECRETARIA de Educação e Cultara do Estado da Guanabara. ESDI, Escola Superior de Desenho Industrial. Rio de Janeiro: [s, n.], 2010. p. 13. (Imagem editada). Disponível em: http://pt.slideshare.net/designjohnson/esdi-60. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 126.

RETRATO de Eva Nick. In: HOMENAGEADO: Eva Nick. Psicologia, Ciência e Profissão, Brasília, v. 27, n. 1, mar. 2005. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000100015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: jan. 2016. p. 294.

RETRATO de Fausto Guerner. In: IN memorian: Professor Fausto Guerner. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, São Paulo, v. 1, n. 1, jul./set. 1943. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X1943000200001&script=sci_arttext. Acesso em:15 jan. 2016. p. 212.

RETRATO de Fernando de Azevedo. In: UNIVERSIDADE de São Paulo – USP. SCS 15 anos: Prof. Dr. Fernando de Azevedo. São Paulo: CAPH / FFLCH, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://comunicacao.fflch.usp.br/node/2393/1419. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 63.

RETRATO de Floriano Cavalcanti de Albuquerque. In: PORTAL da Memória. Ex-diretores. Natal: UFRN. (Imagem editada). Disponível em: http://centenario.ifrn.edu.br/ex-diretores/floriano-cavalcante-de-albuquerque. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 22.

RETRATO de Francisco Campos Rodríguez. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p&b. (Imagem editada). Acervo pessoal de Francisco Campos Rodríguez. p. 119.

RETRATO de Francisco de Mello Franco. In: FRANCO, F. de M. Reino da estupidez: capa. [S.l.]: Memória 21, 1995. (Imagem editada). Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/minas_gerais/img/francisco_de_melo_franco.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 191.

RETRATO de Francisco Franco da Rocha. In: QUEM foi Franco da Rocha? Franco Notícias, Franco da Rocha, 7 maio 2015. (O quadro da imagem representa o doutor Francisco franco da Rocha e está localizado na Prefeitura de Franco da Rocha). (Imagem editada). Disponível em: http://franco-noticias.com.br/quem-foi-franco-da-rocha.html. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 376.

RETRATO de Francisco José Oliveira Vianna. In: PONTOS turísticos, museus: Casa de Oliveira Viana. Nit News, Turismo, Lazer e Serviços em Niterói, Niterói, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://nitnews.com/museus.html. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 452.

RETRATO de Francisco Luís da Silva Campos. In: VERLY, S. Personalidades: Doutor Chiquinho, parte 1. Belo Horizonte: Fundação Educacional e Cultural Metropolitana, 2010. (Imagem editada). Disponível em: http://www.metro.org.br/sebastiao/doutor-chiquinho-parte-1. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 118.

RETRATO de Francisco Pedro Estrázulas Pereira de Souza. In: HOMENAGEADO: Francisco Pedro Estrázulas Pereira de Souza. Psicologia, Ciência e Profissão, Brasília, v. 32, n. 2, 2012. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/img/revistas/pcp/v32n2/2a19f1.jpg. Acesso em: 01 fev. 2016. p. 422.

RETRATO de Franco Lo Presti Seminério. In: LEVY, S. D. Franco Lo Presti Seminério: contribuições à Psicologia no Brasil. Congresso Scientiarum Historia, 1., 2008. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ/HCTE, 2008. (Imagem editada). Disponível em: http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh1/Artigos/22.pdf. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 402.

RETRATO de Frank Julian Philips. In: PSICANÁLISE? Uma conversa com Frank Julian Philips [Raridade]. Blog Literacia, Psicanálise e Comportamento, 29 jan. 2011. (Imagem editada). Disponível em: http://literaciapsicanalisecomportamento.blogspot.com.br/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 337.

RETRATO de Fred Simmons Keller. In: CENTRO de Memória do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Biografia de Fred S. Keller. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/?q=node/570. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 216.

RETRATO de Gastão Pereira da Silva. (Imagem editada). Disponível em: http://files.cobrpsi.webnode.com.br/200000004d8b22d90be/DRGASTAOPEREIRADASILVA.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 409.

RETRATO de Georges Dumas. (Imagem editada). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Georges_Dumas#/media/Ficheiro:Georges_Dumas.jpg. Acesso em: 22 mai. 2016. p. 174.

RETRATO de Geraldina Porto Witter. In: SOUZA, M. P. R. de; LOMONACO, J. F. B. Educação e diversidade: estratégias de enfrentamento e mudança. Psicologia Escolar e Educacional. Campinas, v. 10, n. 2, p. 315-320, 2006. (Imagem editada). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572006000200016. Acesso em: 01 fev. 2016. p. 463.

RETRATO de Gilberto de Mello Freyre. (Imagem editada). Disponível em: http://imprensa.rioclaro.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Gilberto-Freyre.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 195.

RETRATO de Gioconda Mussolini. [s.d.]. Foto digital., p&b. Acervo CAPH - Projeto Memória - FFCL-FFLCH/USP. (Imagem editada). p. 291.

RETRATO de Glória Fernandina Quintela. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p&b. (Imagem editada). Acervo do Programa Clio-Psyché. p. 356.

RETRATO de Graciema Pacheco. (Imagem editada). Disponível em: http://www.ufrgs.br/asccap/?page_id=454&album=8&gallery=25. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 310.

RETRATO de Gustavo Köhler Riedel. In: PICCININI, W. J. História da Psiquiatria: Gustavo Kohler Riedel (1887-1934). Psychiatry on line Brasil, v. 21, maio 2016. (Imagem editada). Disponível em: http://www.polbr.med.br/ano08/wal0208.php. Acesso em: 30 maio 2016. p. 374.

RETRATO de Haim Grunspun. In: ASSOCIAÇÃO Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e Profissões Afins. Histórico de presidentes. São Paulo: ABENEPI, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.abenepi.org.br/sobre/historico-de-presidentes/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 206.

RETRATO de Halina Radecka. In: FILGUEIRAS, R. O poder feminino na invenção do inconsciente. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. (Imagem editada). Disponível em: http://www.faperj.br/?id=1195.2.0. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 360.

RETRATO de Halley Alves Bessa. In: CENTRO de Documentação e Informação Halley Bessa. Halley Bessa. Belo Horizonte: CRP-MG. [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.crp04.org.br/crp04_com_br2/index.php/cdi/halley-bessa.html. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 82.

RETRATO de Hans Ludwig Lippimann. (Imagem editada). Disponível em: http://www.psicologia.uerj.br/Site%2050%20anos/Imagens/Imagem1%20(1).jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 241.

RETRATO de Heitor Carrilho. [S.l.], [s.d.]. Foto digital., p&b. Acervo Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/ Serviço Nacional de Doenças Mentais, anos XV-XXI, v.1, n. 14, 1944-1950. (Imagem editada). p. 133.

RETRATO de Helena Celínia Besserman Vianna. In: PSYCHOANALYTIKERINNENN Biografissches Lexikon: Psychoanalytikerinnen in Lateinamerika. (Imagem editada). Disponível em: http://www.psychoanalytikerinnen.de/lateinamerika_biografien.html. Acesso em: 15 jan. 2016. 450.

RETRATO de Helena Dias Pereira Carneiro. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p&b. (Imagem editada). Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA). p. 132.

RETRATO de Helena Wladimirna Antipoff. [S.l.], [c.1930]. Foto digital, p&b. Imagem editada). Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA). p. 49.

RETRATO de Hélio Durães de Alkmim. [S.l.], [c.1975]. Foto digital, p&b. (Imagem editada). Reunião na Associação Milton Campos para o Desenvolvimento de Vocações (ADAV), em Ibirité, Minas Gerais. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA). p. 29.

RETRATO de Hélio Pellegrino. In: PACTO edípico e pacto social. Sociedade Paulista de Psicanálise, São Paulo, 28 mar. 2011. (Imagem editada). Disponível em: ttp://www.sppsic.org.br/blog/?tag=helio-pellegrino. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 322.

RETRATO de Heloísa Marinho. In: PIONEIROS da Psicologia no Brasil. BVS Psicologia Brasil, [s,d,]. (Imagem editada). Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/Historia/pagina_memoria_psicologia.htm. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 259.

RETRATO de Henri Paul Hyacinthe Wallon. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Henri Paul Hyacinthe Wallon. (Imagem editada). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Wallon_(psic%C3%B3logo)#/media/Ficheiro:Wallon_henri.jpg. Acesso em: 22 maio 2016. p. 457.

RETRATO de Henri Piéron. In: COLOQUIO Internacional em Homenaje a Henri Piéron, 2014, Paris. La contribución de Henri Piéron (1881-1964) a la construcción de la psicologia científica y la orientación profesional. Paris: Sociedad Espanhola de Historia de la Psicologia, 2014. (Imagem editada). Disponível em: http://sehp.org/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/Pieron.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 341.

RETRATO de Henrique Cláudio de Lima Vaz – Padre Vaz. In: HENRIQUE Cláudio de Lima Vaz. Belo Horizonte: FAJE, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.padrevaz.com.br/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 441.

RETRATO de Henrique de Britto Belford Roxo. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. (Imagem editada). Arquivo de Acadêmicos da Academia Nacional de Medicina, pasta Henrique de Britto Belford Roxo. p. 385.

RETRATO de Horus Vital Brazil. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p.&b. (Imagem editada). Acervo pessoal de Horus Vital Brazil. p. 103.

RETRATO de Ugo Pizzolli. (Imagem editada). Disponível em: http://www.risme.provincia.bologna.it/media/immagini/medicina-scuole/pizzoli.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 349.

RETRATO de Iago Victoriano Pimentel. In: ROCHA, F. L. Patrono: cadeira número 60. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 2013. (Imagem editrada). Disponível em: http://www.acadmedmg.org.br/index.php/estrutura-institucional/membros-titulares/item/273-f%C3%A1biolopes-rocha. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 345.

RETRATO de Inês Besouchet. In: PSYCHOANALYTIKERINNEN in Lateinamerika: Inês Besouchet. [S.l.]: Psychoanalytikerinnen. Biografisches Lexikon, [s.d.]. (Foto: My Heritage: Besouchet Web Site). (Imagem editada). Disponível em: http://www.psychoanalytikerinnen.de/lateinamerika_biografien.html#Besouchet. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 80.

RETRATO de Iracy Doyle Ferreira. In: FREITAS, L. A. P. SPID/IMP: 45 Anos de Psicanálise, de 1953 a 1998. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 1998. (Imagem editada). Disponível em: http://www.spid.com.br/c_spid_historia_45_anos.asp. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 173.

RETRATO de Irmão José Otão. In: JOÃO, F; CLEMENTE, E. História da PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. v. 2, p. 33. (Imagem editada). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=kMkW2kxVN7wC&pg=PA33&lpg=PA33&dq=Irm%C3%A3o+Jos%C3%A9+OT%C3%83O+(1910+-+1978)&source=bl&ots=t-6jLcyzTb&sig=HEP3hzPiS8sPVMFwdy5FWT7ArNg&hl=en&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=Irm%C3%A3o%20Jos%C3%A9%20OT%C3%83O%20(1910%20-%201978)&f=false. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 310.

RETRATO de Isabel Adrados. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. Arquivo pessoal de Isabel Adrados. (Imagem editada). p. 19.

RETRATO de Isaías Alves. In: PAIXÃO, F. História da educação na Bahia: Isaías Alves de Almeida. [S. l.]: Educação em Debate. (Imagem editada). Disponível em: http://www.educacaoemdestaque.com/index_arquivos/Page335.htm. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 31.

RETRATO de Isaías Hessel Melsohn. In: SISTER, B. M.; TAFFAREL, M. Isaias Melsohn: a Psicanálise e a vida. São Paulo: Escuta, 1996. (Capa). (Imagem editada). Disponível em: http://mlb-s1-p.mlstatic.com/livro-isaias-melsohn-a-psicanalise-e-a-vida-17389-MLB20136958471_072014-O.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 271.

RETRATO de Jacintho Godoy Gomes. (Imagem editada). Disponível em: http://www.polbr.med.br/ano04/wal0404b.png. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 204.

RETRATO de Jayme Grabois. In: JAYME Grabois. [S.l.]: My Heritage, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: https://www.myheritage.com.br/research?formId=master&formMode&action=-query&exactSearch=0&qname=Name+ln.Grabois&oft&sab&utm_source=partner_linkpendium. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 205.

RETRATO de Jean Maugüé. In: UNIVERSIDADE de São Paulo. Museu de Ciências da USP. Memória USP: Jean Maugüé. São Paulo: USP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://200.144.182.66/memoria/por/pessoa/511-Jean_Mauguee. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 264.

RETRATO de João Carlos Teixeira Brandão. In: FIG. 9: João Carlos Teixeira Brandão. Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, ano XVIII, nov./dez. 1935. (Imagem editada). Disponível em: http://www.polbr.med.br/ano08/wal1108_arquivos/image004.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 98.

RETRATO de João Carvalhaes. In: CONSELHO Regional de Psicologia – São Paulo. Pioneiro da Psicologia no esporte: João Carvalhaes. (Vídeos Documentários). (Imagem editada). Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/album.aspx. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 134.

RETRATO de João Cláudio Todorov. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p&b. (Imagem editada). Acervo pessoal de João Cláudio Todorov. p. 435.

RETRATO de João Ignácio Mendonça. In: SILVA, V. M. da. No embalo das redes: cultura, intelectualidade, política e sociabilidades na Bahia (1941-1950). Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010. p. 228. (Imagem editada). Disponível em: http://livros01.livrosgratis.com.br/cp144340.pdf. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 275.

RETRATO de João Miguel Mohana. In: LEITE, L. P. Minha gratidão e meus aplausos ao Pe. Dr. João Mohana, meu bom amigo e Diretor Espiritual (São Luís-Maranhão). Blog do Lusmar Paz Leite, ago. 2009. (Imagem editada). Disponível em: http://lusmarpazleite.blogspot.com.br/2009/08/normal-0-21-false-false-false.html. Acesso em: 23 maio 2016. p. 281.

RETRATO de José Arvedo Flach, Irmão Henrique Justo. In: PINTO, A. L. S. Irmão Henrique Justo. São Paulo: ACP, 2002. (Imagem editada). Disponível em: http://www.encontroacp.psc.br/site/irmao-henrique-justo. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 186.

RETRATO de José Bonifácio de Andrada. In: NERY, P. Arte, pátria e civilização: a formação dos acervos artísticos do Museu Paulista e da Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1893-1912. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. (Pintura de Benedito Calixto. Retrato de José de Bonifácio de Andrada e Silva, 1902 – (100 X 140 cm)). Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo). (Imagem editada). Disponível em: http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=11&Itemid=76&lang=pt-br&filtro=nery,%20pedro. Acesso em: jan. 2016. p. 39.

RETRATO de José de Oliveira Pereira de Albuquerque. In: MALCHER, L. Aos cuidados de Príapo: impotência sexual masculina, medicalização e tecnologia na medicina do BrasilTese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. (Imagem editada). p. 23.

RETRATO de José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque. (Imagem editada). Disponível em: http://www.academia.org.br/sites/default/files/academicos/fotografias/medeiros-e-albuquerque.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 26.

RETRATO de José Lino Santos Coutinho. (Imagem editada). Disponível em: http://geneall.net/images/names/pes_2109899.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 156.

RETRATO de José Novaes Paternostro. São Paulo, 1980. Foto digital. (Imagem editada). Acervo da Academia Paulista de Psicologia. p. 317.

RETRATO de José Severo de Camargo Pereira. In: COMUNIDADE IPUCSP. São Paulo: USP, Instituto de Psicologia, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3505%3Acolaboraram-conosco-docentes-ij&catid=424%3Acolaboraram-conosco-docentes&Itemid=79&lang=en#jose. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 327.

RETRATO de Josef Brožek. In: MURPHY, D. Josef Brožek papers open for research. Akron: Center for the History of Psychology, The University of Akron, 2015. (Imagem editada). Disponível em: https://centerhistorypsychology.wordpress.com/tag/josef-brozek/. Acesso em: 01 fev. 2016. p. 108.

RETRATO de Juliano Moreira. (Imagem editada). Disponível em: http://www.rhbn.com.br/uploads/docs/images/images/abrir%20-%20DSI_4974.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 288.

RETRATO de Juracy Cunegatto Marques. In: LOURO FILHO, P. Introdução à metodologia do ensino. Porto Alegre: [s.n.], 1978. (Imagem editada). Disponível em: http://www.cleber.com.br/metodologia/prefacio.html. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 260.

RETRATO de Jurema Alcides Cunha. In: HOMENAGEADO: Jurema Alcides Cunha. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 26, n. 3, p. 528, set. 2006. (Imagem editada). Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000300015. Acesso em: jan. 2016. p. 161.

RETRATO de Leonídio Ribeiro Filho. In: NEVES, M. de S. Ciência e preconceito: uma história social da epilepsia no pensamento médico brasileiro. Rio de Janeiro: Departamento de História, PUC-Rio. (Instrumentos de Pesquisa, Biografias de Médicos e Juristas). (Imagem editada). Disponível em: http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/instrumentos/instrumentosbiografias.htm. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 370.

RETRATO de Lorismario Ernesto Simonassi. In: FACEBOOK. Perfil de Lorismario Ernesto Simonassi. 28 fev. 2012. (Imagem editada). Disponível em: https://www.facebook.com/302270136465916/photos/pb.302270136465916.-2207520000.1454610837./393673890658873/?type=3&theater.Acesso em: 01 fev. 2016. p. 415.

RETRATO de Lucia Monteiro Casasanta. In: ESCOLA Lúcia Casasanta. Nossa história: Lúcia Casasanta, nossa inspiração. Belo Horizonte: Escola Lúcia Casasanta, 2012. (Imagem editada). Disponível em: http://www.escolaluciacasasanta.com.br/historia.php. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 138.

RETRATO de Lucília Tavares. In: CERIMÔNIA de inauguração do Instituto de Psicologia. Correio de Manhã, 12 maio 1932. Cerimônia de inauguração do Instituto de Psicologia. (Imagem editada). p. 430.

RETRATO de Luis José Guedes. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p&b. (Imagem editada). Acervo pessoal de Luis José Guedes. p. 208.

RETRATO de Luís Pereira Barreto. (Imagem editada). Disponível em: http://www.piritubaweb.com.br/imgj/images/foto3_pagina4.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 73.

RETRATO de Luiz da Rocha Cerqueira. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Memória da loucura. Brasília: Ministério da Saúde, Centro Cultural da Saúde, 2003. p. 29 (Imagem editada). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/memoria_loucura1.pdf. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 147.

RETRATO de Luis Francisco Gonçalves de Andrade. In: UNIVERSIDADE Federal da Paraíba. Departamento de Psicologia promove conferência sobre as teorias de Freud e Lacan. Departamento de Psicologia. João Pessoa: UFPB, 2012. (Imagem editada). Disponível em: http://www.uepb.edu.br/departamento-de-psicologia-promove-conferencia-sobre-as-teorias-de-freud-e-lacan/. Acesso em: 01 fev. 2016. p. 43.

RETRATO de Luiz Pasquali. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p&b. Acervo pessoal de Luiz Pasquali. (Imagem editada). p. 313.

RETRATO de Lygia Alcântara do Amaral. (Imagem editada). Disponível em: http://centrostudipsicologiaeletteratura.org/2014/01/alcantara-do-amaral-lygia/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 35.

RETRATO de Madre Célia Sodré Dória Cristina. In: MEMÓRIA viva: Madre Cristina. Psicologia, Ciência e Profissão, Brasília, v. 4, n. 2, 1984. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931984000200010&script=sci_arttext. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 158

RETRATO de Magda Becker Soares. In: RIGUEIRA JR., I. Incumbida e ocupada: sempre. Diversa, Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, ano 12, n. 20, abr. 2013. (Imagem editada). Disponível em: https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-magda.html. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 417.

RETRATO de Malomar Lund Edelweiss. (Imagem editada). Disponível em: http://www.ucpel.tche.br/malomar/assets/img/foto_monsenhor_malomar.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 179.

RETRATO de Manoel Bergstrom Lourenço Filho. In: MANUEL Bergstron Lourenço Filho. Geneall. (Imagem editada). Disponível em: http://geneall.net/pt/nome/1211588/manuel-bergstrom-lourenco-filho/. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 247.

RETRATO de Manoel de Andrade Figueiredo. In: HEITLINGER, P. Manuel de Andrade Figueiredo (1670-1735). [S. l.]: Tipografos.net, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://tipografos.net/historia/manuel-andrade.html. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 185.

RETRATO de Manoel José do Bomfim. In: CORRÊA, A. W. de M. Manoel Bomfim: o "professor de professores" sergipano. Jornal do Dia, Aracaju, p. 4, 08-09 ago. 2012. (Imagem editada). Disponível em: http://sergipecultura.blogspot.com.br/2012/08/manoel-bomfim-o-professor-de.html. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 90.

RETRATO de Manuel da Nóbrega. Paulo Acencio de Araujo - "Padre Manoel da Nóbrega". Pintura em óleo s/tela - Encomenda da Galeria da Câmara dos Deputados - Brasília, DF, acervo permanente. (Imagem editada). Disponível em: http://www.acencioatelier.com/histoacuteria.html. Acesso em: jan. 2016. p. 296.

RETRATO de Manuel Varela Santiago Sobrinho. (Imagem editada). Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/-OQ_1L0xx8OU/UK-MS-GWysI/AAAAAAAABXo/7fnkRBk0dAc/s160VARELA.bmp. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 393.

RETRATO de Marcos Corrêa da Silva Loureiro. In: JORNAL do Professor, Goiânia, ano III, n. 15, maio/ jun. 2014. (Imagem editada). Disponível em: http://issuu.com/adufg/docs/maio-junho2014-2. Acesso em: 01 fev. 2016. p. 245.

RETRATO de Maria Alice D'Amorim. (Imagem editada). Disponível em: http://rotaryclubteresopolispaquequer.blogspot.com.br/2014/07/cobertura-fotografica-da-posse-da-nova.htm. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 165.

RETRATO de Maria Amélia Matos. In: TOMANARI, G. Y. We lost a leader: Maria Amélia Matos (1939-2005). The Association for Behavior Analysis, v. 29, n. 1, p. 109-112, Spring, 2006. (Imagem editada). Disponível em: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2223174/figure/bhan-29-01-07-f01/. Acesso em: 01 fev. 2016. p. 262.

RETRATO de Maria Angélica de Castro. In: CASTRO, C. de O. Gestão Maria Angélica de Castro: apropriação das idéias sobre a Escola nova no território federal do Acre (1946/1951). Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. p. 24 (Imagem editada). p. 142.

RETRATO de Maria Auxiliadora de Souza Brasil. (Imagem editada). Disponível em: http://www.cepafe.com.br/novo/wp-content/uploads/2015/08/foto_maria.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 99.

RETRATO de Maria Brasília Leme Lopes. [S.l.], [s.d.]. (Imagem editada). Foto digital, p&b. Acervo pessoal de Maria Brasília Leme Lopes cedidos ao Programa Clio-Psyché. p. ?. p. 243.

RETRATO de Maria de Lourdes de Oliveira Pavan. In: UNIVERSIDADE de São Paulo. Instituto de Psicologia: Maria de Lourdes de Oliveira Pavan. São Pulo: USP. (Imagem editada). Disponível em: http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/funcionarios/Maria_de_Lourdes_Pavan.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 319.

RETRATO de Maria Helena Novaes Mira. (Imagem editada). In: PONTIFÍCIA Universidade Católica do Rio de Janeiro. Núcleo de Memória: Maria Helena Novaes Mira. Rio de Janeiro: PUC-RIO. Disponível em: http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/sites/default/files/styles/gallery/public/imagens/pessoas/inesquecivel/maria-helena-novaes-mira-1926-2012-18459.jpg?itok=G2Fi9m-VB. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 297.

RETRATO de Maria Solange Félix Pereira. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. Acervo pessoal de Maria Solange Félix Pereira. (Imagem editada). p. 328.

RETRATO de Marialzira Perestello. In: MARIALZIRA Perestrello, psicanalista e fundadora da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). O Explorador, 03 fev. 2015. (Imagem editada). Disponível em: http://www.oexplorador.com.br/marialzira-perestrello-psicanalista-e-fundadora-da-sociedade-brasilera-de-psicanalise-do-rio-de-janeiro-sbprj/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 332.

RETRATO de Mariana Agostini de Villalba Alvim. (Imagem editada). Disponível em: http://www.cnpq.br/image/image_gallery?uuid=877a6088=5-74c4-24e9-15d-882e485c937a&groupId-10157&t=1426603810230. Acesso em: 20 out. 2015. p. 34.

RETRATO de Marie Langer. (Imagem editada). Disponível em: http://photos.geni.com/p13/0e/bc/3a/93/5344483e0428bc06/elise1_langer_large.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 231.

RETRATO de Marilza Cardoso Ribeiro. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. (Imagem editada). Acervo pessoal de Marilza Cardoso Ribeiro. p. 372.

RETRATO de Mário Casasanta. In: CORRÊA, O. F. O patrono da escola. Piranguçu: Escola Estadual Mário Casasanta, 2006. (Imagem editada). Disponível em: http://www.pirangussu.com.br/home.php?pagina=noticias.php&id_not=55. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 140.

RETRATO de Mathilde Neder. In: HOMENAGEADO: Mathilde Neder. Psicologia, Ciência e Profissão, Brasília, v. 25, n. 2, jun. 2005. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000200013. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 293.

RETRATO de Matias Aires. In: SILVA, M. J. de A.; HACK, O. Matias Aires entre a vaidade e a vida no século XVIII. Revista Filosofia. (Imagem editada). Disponível em: http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/18/artigo70847-1.asp. Acesso em: 22 maio 2016. p. 20.

RETRATO de Maurício de Campos Medeiros. In: CENTRO de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Juscelino Kubitschek. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2003. (Imagem editada). Disponível em: http://jk.cpdoc.fgv.br/imagem-som/biografia/mauricio-medeiros. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 269.

RETRATO de Miguel Calmon du Pin e Almeida. In: SISSON, S. A. Galeria dos Brasileiros Ilustres: os contemporâneos. São Paulo: Biblioteca Brasiliana Guita e José Midlin, [s.d.]. v. 1. (Imagem editada). Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/011391-011. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 30.

RETRATO de Murilo Braga de Carvalho. In: ANDRADE, E. A história da educação em Piripiri: parte II. Almanaque de Piripiri, 27 jun. 2013. (Imagem editada). Disponível em: http://www.cliquepiripiri.com.br/noticias/a-historia-da-educacao-em-piripiri-parte-ii?fbcomment_id=212387858910636_762059#f3d084f928. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 137.

RETRATO de Murilo de Souza Campos. In: PELA sanidade mental dos nossos soldados. Jornal O Imparcial, p. 1, Caderno 10, 29 jul. 1926. (Imagem editada). p. 122.

RETRATO de Natércia Cunha Velloso. In: PRESIDENTES. Natércia Cunha Velloso. Porto Alegre: Academia Literária Feminina do RS, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.alf-rs.org.br/academicas-detalhe?id=122. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 447.

RETRATO de Nestor dos Santos Lima. In: PETROVICH, E. L. Nestor dos Santos Lima: aspectos de sua vida e obra. [S.l.]: Fazendo História, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://ozildoroselia-fazendohistoriahotmail.blogspot.com.br/2013/05/nestor-dos-santos-lima-aspectos-de-sua.html. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 240.

RETRATO de Nilton Campos. (Imagem editada). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=43640&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 124.

RETRATO de Nise Magalhães da Silveira. In: BARAUNA, M. L. 110 anos da Dra. Nise da Silveira, uma psiquiatra rebelde. GGN: o jornal de todos os brasis, 15 fev. 2015. (Fora de Pauta). (Imagem editada). Disponível em: http://jornalggn.com.br/noticia/fora-de-pauta-509. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 412.

RETRATO de Noemy da Silveira Rudolfer. In: CONSELHO Regional de Psicologia – São Paulo. Vídeos documentários: álbum fotográfico. São Paulo: CRP-SP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/social/album.aspx. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 390.

RETRATO de Octávio Soares Leite. In: UNIVERESIDADE Federal do Rio de Janeiro. Imagem: Professor Otávio Soares Leite. Rio de Janeiro: UFRJ, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.imagem.ufrj.br/index.php?acao=detalhar_imagem&id_img=4330. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 235.

RETRATO de Oswaldo de Barros Santos. In: PINTO, M. A. da S. Oswaldo de Barros Santos. São Paulo: ACP, 2003. (Imagem editada). Disponível em: http://www.encontroacp.psc.br/site/oswaldo-de-barros-santos/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 394.

RETRATO de Ottília Braga Antipoff. [S.l], [c.1930]. Foto digital., p&b. (Imagem editada). Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA). p. 54.

RETRATO de Otto Klineberg. In: PSYCHOANALYTIKERINNENN Biografissches Lexikon: Psychoanalytikerinnen in Lateinamerika. (Imagem editada). Disponível em: http://www.psychoanalytikerinnen.de/lateinamerika_biografien.html#Koch. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 223.

RETRATO de Padre Antonius Benkö. In: CONSELHO Regional de Psicologia – Rio de Janeiro. Notícias 2013: Pe. Antonius Benkö, um dos precursores da Psicologia no Brasil, falece aos 93 anos na Hungria. Rio de Janeiro: CRP-RJ, 2013. (Imagem editada). Disponível em: http://www.crprj.org.br/noticias/2013/120213e.html. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 78.

RETRATO de Padre Francisco Monte Alverne. (Imagem editada). Disponível em: http://mlb-s2-p.mlstatic.com/frei-francisco-de-montalverne-carto-antigo-17368-MLB20136127813_072014-F.jpg>. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 285.

RETRATO de Padre José de Anchieta. In: NERY, P. Arte, pátria e civilização: a formação dos acervos artísticos do Museu Paulista e da Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1893-1912. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. (Pintura de Benedito Calixto. Retrato de Padre José de Anchieta, 1902 – (141 X 100 cm)). Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo). (Imagem editada). Disponível em: http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=11&Itemid=76&lang=pt-br&filtro=nery,%20pedro. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 37.

RETRATO de Padre Leonel Franca. In: PONTÍFICIA Universidade Católica do Rio de Janeiro. Núcleo de Memória da PUC-Rio. Morte do Reitor Padre Leonel Franca, S.J. Rio de janeiro: PUC-RIO, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/70anos/no-tempo/ha-70-anos/1948/morte-do-reitor-padre-leonel-franca-sj. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 190.

RETRATO de Padre Luiz Zver. In: BRAGA, F. J. dos S. Meu mestre inesquecível: Padre Luiz Zver. Blog do Braga, 12 mar. 2010. (Imagem editada). Disponível em: http://bragamusician.blogspot.com.br/2010/03/meu-mestre-inesquecivel-padre-luiz-zver.html. Acesso em: 22 maio 2016. p. 465.

RETRATO de Padre Maurílio Teixeira Leite Penido. (Imagem editada). Disponível em: http://www.aquinate.net/imagens/Penido1.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 324.

RETRATO de Padre Monte - Padre Luís Monte. In: RETRAMERO, J. Vitória de Santo Antão poderá ter na sua história o primeiro santo, há 67 anos morria o Padre Luíz Gonzaga do Monte. Via Expressa de Notícias, 28 fev. 2011. (Imagem editada). Disponível em: http://ven1.blogspot.com.br/2011_02_04_archive.html. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 286.

RETRATO de Padre Ralfy Mendes de Oliveira. In: MARTINS, K. Carta mortuária Pe. Ralfy Mendes de Oliveira (SDB). Blog do Prof. Kauê Martins, filósofo, 11 jan. 2011. (Imagem editada). Disponível em: http://professorkaue.blogspot.com.br/2008/11/carta-morturia-pe-ralfy-mendes-de.html.Acesso em: 22 maio 2016. p. 304.

RETRATO de Paulo Freire. (Imagem editada). Disponível em: http://labovzw.be/wk14-de-brazilianen-in-ons-team/. Acesso em: 22 mai. 2016. p. 193.

RETRATO de Paulo da Silveira Rosas. In: OLIVEIRA, L. Biografia: Paulo Rosas. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 21, n. 2, jun. 2001. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/img/revistas/pcp/v21n2/2a10fig1.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 384.

RETRATO de Pedro Parafita de Bessa. In: CIRINO, P. Entrevista: Pedro Parafita de Bessa. Boletim UFMG, Belo Horizonte, ano 25, n. 1227, abr. 1999. (Imagem editada). Disponível em: https://www.ufmg.br/boletim/bol1227/pag5.html. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 83.

RETRATO de Pierre Gilles Weil. In: PIERRE Weil - Um Tributo ao Pontifex da Paz. (Imagem editada). Disponível em: http://pierreweil.pro.br/1/Imagens/Fotos/pierre07.htm. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 460.

RETRATO de Pórcia Guimarães Alves. In: BERG, V. A. V. den; MIRANDA, J. V. A. das N. Entrevista com a professora Pórcia Guimarães Alves. Educar em Revista, Curitiba, n. 7, jan./dez. 1988. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601988000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 32.

RETRATO de Raimundo Farias Brito. (Imagem editada). Disponível em: http://www.citybrazil.com.br/arquivos/imagens/curiosidade/cr_800_00000337.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 107.

RETRATO de Raquel Vieira da Cunha. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. (Imagem editada). Acervo pessoal de Raquel Vieira da Cunha. p. 162.

RETRATO de Raul Carlos Briquet. In: CONSELHO Regional de Psicologia – São Paulo. Vídeos documentários: álbum fotográfico. São Paulo, CRP-SP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/social/album.aspx. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 105.

RETRATO de Raymundo Nina Rodrigues. (Imagem editada). Disponível em: http://www.bahiana.edu.br/CMS/Uploads/%C3%8Dndice.jpg. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 295.

RETRATO de Reinier Johannes Antonius Rozestraten. (Imagem editada). Disponível em: http://www.sites.google.comsitefabiodecristohomepagepsicologia-do-transito. Acesso em: 22 maio 2016. p. 388.

RETRATO de Renato Ferraz Kehl. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Renato Kehl. (Imagem editada). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Renato_Ferraz_Kehl. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 215.

RETRATO de Roberto Mange. In: SERVIÇO Nacional de Aprendizagem Industrial –Departamento Regional de São Paulo. De homens e máquinas: Roberto Mange e a formação profissional. São Paulo: SENAI-SP, 2012. (Imagem editada). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=tURTnI-Cv_rEC&pg=PP5&lpg=PP5&dq=MANGE,+Roberto+(1885+-+1955)&source=bl&ots=9cVDHPN-7lU&sig=UCJp0eZLKh-V3NDDRWFcNuSTwX0&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwiB1rT6tcXKAhWF1B4KHbcMBB4Q6AEINTAD#v=onepage&q=MANGE%2C%20Roberto%20(1885%20-%201955)&f=false. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 255.

RETRATO de Rodolpho Azzi. In: HOMENAGEADO: Rodolfo Azzi. Psicologia, ciência e profissão, v. 30, n. 1, 2010. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a17. Acesso em: 22 maio 2016. p. 66.

RETRATO de Roger Bastide. In: BABELIO. Roger Bastide. [S.l.]: Babelio, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.babelio.com/auteur/Roger-Bastide/11379. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 75.

RETRATO de Sebastião Fernandes de Oliveira. In: INSTITUTO Federal do Rio Grande Do Norte. Portal da Memória. Ex-diretores: Sebastião Fernandes de Oliveira. Natal: UFRN. (Imagem editada). Disponível em: http://centenario.ifrn.edu.br/ex-diretores/sebastiao-fernandes-de-oliveira. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 180.

RETRATO de Silvestre Pinheiro Ferreira. In: BIBLIOTECA Nacional Digital. Catálogo. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://purl.pt/4586/3/. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 183.

RETRATO de Sílvia Tatiana Maurer Lane. In: SILVIA Lane: uma perda para Psicología da América Latina. Psicología da América latina. n. 07, ago. 2006. (Imagem editada). Disponível em: http://psicolatina.org/Siete/silvia-lane.html. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 227.

RETRATO de Sophia Clara de Sequino Couto. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. (Imagem editada). Acervo pessoal de Sophia Clara de Sequino Couto. p. 157.

RETRATO de Sylvio de Lyra Rabelo. (Imagem editada). Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/images/stories/sylvio%20rabello.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 358.

RETRATO de Sylvio Vasconcellos da Silveira Ramos Romero. In: BIOGRAFIA: Sílvio Romero. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 383.

RETRATO de Theobaldo Miranda dos Santos. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, p&b. (Imagem editada). Acervo do Colégio Theobaldo Miranda dos Santos, Maringá, PR. p. 397.

RETRATO de Theodore Simon. (Imagem editada). Disponível em: http://ifits.fr/IMG/jpg/TSarton34.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 414.

RETRATO de Theon Spanudis. (Imagem editada). Disponível em: http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/u62/theon_header_0.jpghttp://ifits.fr/IMG/jpg/TSarton34.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 426.

RETRATO de Thereza Pontual de Lemos Mettel. In: UNIVERSIDADE de Brasília. Secretaria de Comunicação. Morre professora emérita Thereza Mettel: uma das pioneiras da Psicologia no Brasil, docente faleceu nesta terça-feira, aos 88 anos. Brasília: SECOM/UnB, 2015. (Imagem editada). Disponível em: http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=9701. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 276.

RETRATO de Therezinha Lins de Albuquerque. In: GOMES, V. L. T. Entrevista com a Profa. Dra. Therezinha Lins de Albuquerque. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 2, n. 2, 1998. (Imagem editada). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571998000200012. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 27.

RETRATO de Tito Lívio de Castro. In: ALMEIDA, A. M. A. Um "mestiço irrecusável": Tito Lívio de Castro e o pensamento cientificista no Brasil do século XIX. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Anexo II. (Imagem editada). Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-8FVQAT/disserta__o_de__ana_maria_araujo_de_almeida.pdf?sequence=1. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 145.

RETRATO de Ulisses Pernambucano. (Imagem editada). Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar_en/images/stories/ulissespernambucano1.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 335.

RETRATO de Virgínia Leone Bicudo. In: CONSELHO Regional de Psicologia – São Paulo. Vídeos documentários: álbum fotográfico. São Paulo: CRP-SP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.crpsp.org.br/memoria/social/img2/virgina-L-Bicudo.jpg. Acesso em: jan. 2016. p. 87.

RETRATO de Waclaw Radecki. In: DEGANI-CARNEIRO, F. 27 de agosto: o processo de regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil. Blog da rede Iberoamaericana de Pesquisadores em História da Psicologia, 27 ago. 2014. (Imagem editada). Disponível em: https://ripehp.com/2014/08/27/27-de-agosto-o-processo-de-regulamentacao-da-profissao-de-psicologo-no-brasil/. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 362.

RETRATO de Walderedo Ismael de Oliveira. In: CONSELHO Regional de Psicologia – São Paulo. Linha do tempo: 1830-1962. São Paulo: CRP-SP, [s.d.]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.crpsp.org.br/linha/expandir.aspx#. Acesso em: 16 jan. 2016. p. 307.

RETRATO de Waldir dos Santos Costa. In: CONSELHO Regional de Psicologia, 20. Região. Plenário: chapa 11, "Pra cuidar da Profissão". Manaus: CRP-20, [s.d]. (Imagem editada). Disponível em: http://www.crp20.org.br/?u=plenario. Acesso em: 01 fev. 2016. p. 154.

RETRATO de Yolanda Cintrão Forghieri. (Imagem editada). Disponível em: https://i.ytimg.com/vi/RKrZMmGXNLI/hqdefault.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 187.

RETRATO de Yonne Moniz Reis. (Imagem editada). Disponível em: http://i.ytimg.com/vi/QuGHyGdI9MY/hqdefault.jpg. Acesso em: 15 jan. 2016. p. 365.

RETRATO de Yvonne Alvarenga Gonçalves Klouri. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. (Imagem editada). Acervo pessoal de Yvonne Alvarenga Gonçalves Khouri. p. 221.

RETRATO de Zenita Guenther. [S.l.], [s.d.]. Foto digital, color. (Imagem editada). Acervo pessoal de Zenita Guenther. p. 209.

Índice remissivo

A

Abordagem

- analítico-comportamental 216, 262
- centrada na pessoa 163, 252
- centrada no cliente 395
- espiritualista e panteísta 111
- externalista 325
- fenomenológica 187, 188, 271
- humanista 158
- Junguiana 159
- kleiniana 36, 113
- multidisciplinar 83
- organicista 438, 458
- organicistas 225, 438
- psicossociológica 22, 197
- sistêmica 276
- sócio-histórica 228, 229, 572, 577
- walloniana 253

Ação pedagógica 242, 249, 418

Acesso ao inconsciente 179

Ações humanas 108

Acolhimento 50, 130, 376, 377

Acompanhamento psicológico 27, 28, 264, 434

Aconselhamento

- e psicoterapia 153, 163, 187, 188, 209, 245, 344, 366, 395, 399, 402, 492
- e terapia 347, 395
- existencial 126, 187, 188, 593, 597
- Psicológico 163, 209, 344, 395, 402, 492

Aculturação 40

Administração

- de pessoal 152, 423
- Escolar 164, 209, 365

Administrador 129, 213

Adolescência 149, 152, 342, 384, 448, 458, 595

Adolescente 27, 48, 50, 51, 57, 58, 79, 144, 161, 182, 242, 260, 276, 279, 280, 305, 310, 339, 356, 398, 446, 448, 461, 573, 581, 582, 589

Afetividade 41, 50, 189, 190, 252

Afeto

- da alma 21

Afirmação da liberdade humana 183

Ajustamento psicológico 130

Alfabetização 101, 102, 184, 185, 198, 278, 351, 352, 384, 417, 418, 419, 480, 513, 579

Alienados 17, 61, 98, 122, 133, 175, 204, 208, 269, 270, 275, 289, 290, 300, 302, 320, 335, 364, 374, 375, 385, 386, 387, 393, 491, 506

Alienista 133, 212, 374, 421

Alma 21, 22, 55, 56, 62, 80, 107, 111, 146, 147, 172, 181, 192, 240, 280, 285, 286, 330, 392, 394, 397, 425, 449, 455, 471, 476

Alucinações

- auditivas 64, 90, 91

Analfabetismo 172, 185, 249

Análise

- de criança 36, 87
- didática 35, 87, 220, 225, 322, 426, 438
- do Comportamento 67, 216, 217, 262, 277, 415, 435, 436, 437, 571, 578, 588, 591
- do Comportamento no Brasil 262
- Experimental 94, 217, 262, 415, 436, 591
- pessoal 43, 89, 103, 173, 271, 304

sociométrica 33
Analista
didata 36, 69, 87, 171, 179, 218, 225, 271, 303, 331, 337, 339, 426, 438, 445
Anatomia patológica 374
Angústia 160, 188, 281, 373
Anorexia 33
Antropologia
Clínica 27, 80, 81, 152
Criminal 98, 370
Filosófica 306, 442, 443
mecanicista 40
Antropólogo 91, 198, 499
Apatia 383
Aperfeiçoamento
da raça 405
de Professores 50, 137, 151, 291, 414, 445, 448, 459
Aplicação e análise de testes projetivos 200
Aprendizagem
centrada no aluno 187
comercial 47, 254, 256, 294, 358, 406, 459, 460
da clínica psiquiátrica 275
da Escrita 587
da leitura 139, 184, 248, 351, 352
da leitura e da escrita 139, 184, 351, 352
da matemática 130
Industrial 45, 149, 152, 200, 202, 256, 274, 280, 343, 348, 394, 460, 511, 513, 514, 526
profissional 153
racional 255
serial verbal 45
verbal 45, 46
Aptidão 71, 72, 81, 255, 305, 306
Aquisição
da língua escrita 183, 184
de novas aprendizagens 352
e desenvolvimento de linguagem 259
Área
clínica 19, 82, 158, 394, 572
dos testes e medidas 161
Aristotelismo 183
Arithmometer Fracionário 249
Aritmética 185
Artes
domésticas 153
liberais 129, 195
Arteterapia 376
Aspectos
cognitivos e afetivo-emocionais da aprendizagem 115
da personalidade 164, 165
psicológicos 62, 79, 115, 131, 165, 208, 224, 334, 368, 407
Psicopedagógicos da Conduta 82
psicossociológicos 268, 461
Assistência
a alienados 133, 204, 208, 289, 374, 375
a menores 130, 356
ao adolescente e ao seu meio familiar e social 446
a psicopatas 72, 125, 147, 302, 374, 412, 429, 439
psicológica ao adolescente 446
psiquiátrica pública 289
Assistente social 434
Astenia
mental 335, 336
psicológica 324
Atenção concentrada 164, 243, 244
Atendimento
ao idoso 163
individual 404

psicanalítico para crianças 36
psicológico 32, 51, 71, 157, 159, 222, 348
psicopedagógico 403
psiquiátrico open-door 29
Atitudes 27, 156, 166, 167, 197, 203, 239, 462
Atividade
clínica 179, 337
do espírito 111
e a espontaneidade infantis 118
mental 127
Atos
criminosos 82
espirituais 443
Autenticidade 443
Autoajuda 62
Autômato 40, 228
Autonomia 141, 174, 194, 198, 228, 230, 238, 377, 436
Avaliação 19, 20, 46, 50, 52, 82, 95, 144, 149, 156, 181, 182, 222, 244, 246, 256, 267, 274, 305, 311, 314, 315, 316, 344, 356, 395, 406, 416, 440, 575, 578, 580, 583, 588, 596

B
Base física do espírito 107
Behaviorismo lógico 235, 236
Behaviorista 40, 313, 341, 411, 417
Beleza 442
Bem dotado
ver bem-dotado
Bem-dotado 29, 55, 211, 477
Bem-estar
e a contrariedade 188
Biologia 197, 273, 286, 305, 345, 370, 432, 595
Bionianos 89
Biotipologia 275, 340
Bons costumes 29

C
Campo
psicanalítico 225, 377
vivencial 99
Candomblé 76, 77, 81, 169
Capacidade
da criança 185
de liderança 29
dos talentos 186
intelectual 249
Captação de talentos 395
Características
psicológicas do indígena 38
Caráter
Nacional 23, 234, 407
Carlos Sanchez 428
Carreira 17, 52, 55, 83, 87, 94, 101, 102, 120, 125, 126, 135, 137, 145, 166, 175, 177, 188, 193, 205, 227, 231, 245, 252, 259, 265, 271, 281, 297, 302, 309, 315, 325, 327, 351, 356, 370, 380, 386, 389, 410, 416, 440, 442, 456, 458, 463, 595
Castigo corporal 156
Cérebro 56, 108, 232, 233, 299
Choque
convulsivo 339
elétrico 412, 438
Ciência
biológica 438
da alma humana 147
do comportamento 368
moderna 236, 456
oculta 278
Ciências
do homem 384
do Psiquismo 426
humanas 88, 99, 100, 167, 197, 226, 265,

338, 358, 375, 377, 384, 397, 418, 441, 442, 479, 486, 498, 500, 518, 527, 571, 572, 583, 586, 587, 591, 592
Jurídicas e Sociais 358, 434
naturais 20, 73
naturais e medicina 73
pedagógicas 367
políticas 134
sociais 87, 99, 113, 144, 169, 178, 291, 307, 311, 367, 400, 577, 585, 586, 587, 588
Cinesiologia 159
Cirurgia 23, 25, 61, 64, 69, 215, 257, 258, 284, 293, 413
Civilização
dos índios 40
Classes
anexas 57, 139, 164
especiais 54, 144
homogêneas 138, 243, 247
Clima e saúde 320
Clínica
de conduta 71
de leitura e linguagem 139
de Orientação 36, 258, 332
de repouso 173
do social 197
infantil 160, 206, 483
médica 61, 89, 573
médico-pedagógica 54
psicanalítica 44, 304, 376, 391
psicológica 32, 33, 201, 206, 257, 333, 334, 351, 367, 384, 395
infantil 159
psiquiátrica 122, 133, 146, 173, 264, 275, 302, 307, 348, 374, 385, 386, 404, 421, 429
Cognição humana 402
Coma insulínico 412
Competências dos sujeitos-cidadãos 197
Complexo de Édipo 239
Comportamento
e linguagem 93
individual 20
moral das pessoas 189
Comunicações e Relações Públicas 152
Comunidade 27, 38, 94, 120, 145, 152, 167, 168, 169, 209, 219, 228, 262, 279, 292, 340, 372, 373, 388
Conceitos psicanalíticos 89, 438
Concepção
do homem 192, 443
psicanalítica 69, 450
Condições
ambientais 145
e técnicas de estudo 310
Conexionismo 46, 390
Conhecimento
da natureza humana 108, 111
metafísico 147
psicanalítico 225
psicológico 12, 179, 466
psicossocial 38
Consciência 38, 99, 146, 165, 172, 184, 189, 194, 214, 229, 234, 272, 285, 372, 392
Conselhos 13, 15, 62, 117, 160, 221, 222, 276, 277, 329, 404, 423, 446
Constituição psíquica 323
Consultório
médico-pedagógico 54
psicológico 280
Contexto escolar 28, 252, 434
Contribuição experimental à psicologia das concepções 205
Conversão 37, 296, 360
Corpo humano 393

Corporeidade 111
Corrente comportamentalista 235
Criança
anormal 335, 336
bem-dotada 29, 58
deficiente 33
mental 33
e escola 182
excepcional 71, 159, 351
limítrofe 33
surda 57
talentosa 48, 55, 210
Criatividade 51, 52, 102, 127, 228, 273, 298, 339, 426
Crime 18, 34, 82, 83, 180, 232, 250, 251, 275, 286, 320, 321, 409, 571
Criminologia 17, 61, 82, 133, 201, 203, 232, 250, 275, 320, 333, 353, 370, 371, 391, 429, 483, 576, 582
Criminoso 18, 68, 69, 232
Crítica literária 127
Cultura 14, 26, 29, 36, 40, 41, 45, 50, 60, 63, 64, 67, 68, 69, 72, 75, 77, 79, 82, 83, 88, 90, 91, 94, 95, 96, 104, 111, 114, 118, 127, 128, 129, 130, 139, 143, 144, 151, 153, 164, 169, 175, 177, 178, 185, 187, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 207, 220, 223, 224, 226, 234, 266, 267, 268, 272, 273, 281, 291, 292, 296, 302, 306, 310, 313, 323, 326, 328, 329, 332, 338, 349, 364, 365, 366, 377, 379, 383, 384, 385, 387, 389, 394, 397, 406, 407, 411, 417, 420, 424, 425, 428, 443, 444, 452, 455, 456, 458, 466, 482, 485, 499, 500, 502, 508, 511, 514, 518, 574, 577, 579, 581, 586, 588, 589, 591, 592, 596
Culturalista 195, 223
Cunho empirista 183
Currículo 14, 37, 49, 60, 61, 94, 102, 125, 142, 153, 159, 179, 182, 246, 259, 262, 316, 330, 334, 338, 344, 351, 352, 366, 417, 437, 439, 471, 495, 502, 503, 504, 506, 570
Curso
de aperfeiçoamento 51, 54, 57, 63, 113, 291, 310, 394
de formação de Psicólogo 115
de Psicologia 43, 47, 58, 70, 78, 82, 84, 97, 99, 113, 114, 115, 116, 154, 158, 159, 165, 167, 200, 241, 242, 246, 262, 274, 275, 280, 308, 319, 341, 343, 344, 360, 368, 415, 448, 463, 466, 574, 576, 585, 586, 590, 591
normal 41, 45, 57, 71, 101, 113, 116, 142, 158, 161, 181, 266, 278, 287, 333, 369, 394, 457, 499

D
Decisão
cognitiva 127
filosófica 127, 128
subjetiva 127
Defeito da vontade 21
Deficiência
física e mental 402
intelectual 58, 125, 148
mental 33, 50, 66, 115, 116, 144, 334
Deficiente mental 19, 20, 115
Delinquência
juvenil 426
Demência 123, 124, 374, 421, 506
Desajustamento 365
Descondicionamento
da ansiedade (introversão) 235
da histeria (extroversão) 235
Descontrole emocional 112
Desejo 21, 44, 105, 183, 195, 201, 225, 228, 323, 442, 444, 486
Desenho infantil 358, 359, 364, 391, 460
Desenvolvimento
Cognitivo 587

da personalidade infantil 391
em relações humanas 197
físico 41, 414
humano 19, 162, 245, 395, 464, 507, 576, 579, 582, 584, 587, 588, 590
infantil 181
intelectual 51, 222, 335, 336, 414
mental 49, 50, 142, 368
normal e patológico 99
psicológico 106, 139, 298
Diagnóstico
afetivo 460
de criança com problemas mentais 79
diferencial 19, 20
evolutivo 200
psicológico 27, 277, 334, 368, 402, 446
Didática Especial 54
Diferenças
mentais 145
Dificuldades
de aprendizagem 32, 139, 157, 415
da Matemática 132
na leitura e na escrita 139
motoras 58
Dimensão da normalidade-anormalidade 161, 162
Dinâmica
de grupo 54, 136, 196, 197, 198, 278, 279, 303, 422, 423, 461
de grupo e psicodrama 303, 461
Direito
das crianças 207
natural 108
pátrio 198, 199, 447
Discriminacionismo afetivo 124, 125, 301, 362
Disposição
do corpo 21
inata 179
Dispositivo experimental de pesquisa 197
Distinção alma-corpo 146
Distúrbio
da personalidade 421
Distúrbios
de aprendizagem 157
de comportamento 334
de conduta 422
de personalidade 421
mentais 76, 175
na leitura 368
nervosos 123, 175
neuróticos 123
psicossomáticos 207
psiquiátricos 207
Ditadura 34, 67, 68, 94, 218, 228, 250, 262, 322, 340, 435, 436, 450, 451, 452, 471, 492
Divulgação
científica 94, 244, 312, 595
psicológica 161
Doença
mental 66, 77, 289, 302, 493
nervosa 64
Doentes mentais 98, 133, 335
Dor 264, 347, 392
Dotes da alma humana (liberdade, responsabilidade e imortalidade) 146
Doutrina 39, 127, 151, 185, 191, 239, 267, 353, 376, 377, 409, 425
DRH (Desenvolvimento das Relações Humanas) 197, 304, 461
Dualismo
cartesiano 111
do espírito humano 127
Duo dynamismo
iluminista 425

E
Ecletismo 111, 113, 285
Educação
brasileira 52, 249, 433
de bem-dotados 54
de crianças excepcionais 48, 71
do excepcional 52
dos retardados 249
e luta de classes 327, 328
e Psicologia 172, 267, 312, 365, 440
e reabilitação 115
e saúde pública 118, 142, 143, 199
especial 48, 51, 57, 71, 115, 144, 298, 334, 366, 570, 576, 579
física 138, 191, 192, 394, 406, 407, 427, 429, 471, 487, 499, 570
formal 454
infantil 50, 270, 393, 573, 586
moral 86
moral e cívica 90
rural 51, 52, 54, 164, 182, 209, 281, 368, 388, 448
sanitária 196
sexual 23, 24, 25, 498
técnica 164
Educador
sanitário 281
Educadora 35, 47, 49, 52, 53, 54, 72, 87, 100, 130, 142, 153, 198, 254, 267, 268, 296, 369, 417, 419, 492
Efeitos terapêuticos 339, 395
Eficácia dos processos psicoterapêuticos 179
Elemento
desencadeador 180
Emoção 99, 264, 413, 457
Empirismo 99, 285, 455
Encefalite virótica 174
Endocrinologia 201, 203, 371, 387, 391
Enfermagem 106, 153, 200, 227, 343
Enfermos nervosos 61
Engenharia 22, 47, 256, 310, 328, 342, 358, 441
Ensino
da leitura e escrita 102
de ciências 94
elementar 141, 172, 181, 494
infantil 249
primário 91, 141, 142, 143, 172, 320, 321, 433, 434, 491, 494
público 58, 141, 198, 249, 346, 414, 460, 497
Entrevista psicológica 19, 59, 428
Epilepsia
e crime 180, 320, 321
Epistemologia
convergente 339
genética 101, 184, 235, 236, 311, 573, 595
Equilíbrio psicológico 188
Equipes multidisciplinares 29
Ergonomia 152, 389, 402, 403
Escala
Binet-Simon 31, 414
de medida de inteligência 414
Escola
associacionista 107
ativa 30, 91, 118, 141, 273, 369, 433, 449
neurológica brasileira 61
normal 31, 35, 41, 42, 45, 54, 63, 75, 90, 130, 134, 137, 138, 143, 151, 157, 164, 172, 195, 198, 199, 209, 237, 240, 243, 247, 264, 269, 270, 273, 278, 287, 291, 300, 310, 335, 341, 345, 348, 349, 356, 358, 365, 372, 390, 397, 427, 432, 433, 448, 449, 457, 463, 594
Nova 58, 64, 119, 141, 150, 172, 248, 266, 267, 273, 346, 414, 432, 433, 449, 458,

460, 493, 497
Escolanovistas 64, 190
Especialista
em Educação 152, 365
em Psicanálise de crianças 174
em Psicologia 45, 144, 187, 459, 575, 583, 592, 594, 597
Espírito
científico 167, 171
humano 126, 127, 425, 455
Espiritualista 56, 79, 111, 285, 425
Esquema referencial 339
Esquizofrenias
crônicas 429, 430
Esquizofrênicos 133, 308, 319, 320, 412
Estar-no-mundo 443
Estatística
e Metodologia da Pesquisa 164
Estética 77, 126, 127, 183, 305
Estímulo
aversivo 388, 390
discriminativo 388, 390
Estrutura
espiritual 443
Estruturação de pessoal 152
Estruturalismo 197
Estudo
da alma 111
da linguagem da criança em fase escolar 141
da Matemática 327
da natureza 146
das Ciências Naturais 20
das Ciências Naturais, da Matemática e da Língua Hebraica 20
das propriedades da alma 146
de caso 199, 351, 352, 357, 407, 472, 496
de Hipnoterapia e Hipnoanálise 179
exploratório 164, 165, 182
pedagógico 27, 55, 92, 131, 137, 138, 242, 247, 254, 255, 259, 260, 298, 305, 336, 384, 385, 433, 434, 445, 486, 500
propedêutico de Filosofia 20
psicotécnico 71, 72, 336, 472
Eternidade 443
Ética 66, 86, 105, 155, 183, 192, 197, 220, 228, 229, 230, 263, 299, 407, 442, 443, 444, 446, 451, 466, 478, 571, 575, 580, 590
Etnógrafo 129
Eu
humano 111, 425
inteiro 111
Eugenia 17, 24, 215, 216, 251, 286, 302, 354, 374, 375, 387, 405, 476, 493, 498
Evolução
do pensamento educacional 106
psicológica da criança 31, 458
Evolucionismo 145
Exame
da personalidade 84, 122
psicológico 50, 79, 298, 316, 334, 360, 367
psicológico da criança 360
psicotécnico 245
psicotécnico para motoristas 47
Excepcional 19, 20, 29, 30, 52, 55, 58, 115, 116, 159, 334, 365, 466, 477
Existencialismo
germânico 126
Experiência
clínica 304, 596
pedagógica 101, 106
psicológica 21
subjetiva 127, 347
Experimentação
pedagógica 255

Experimentos em Laboratórios 403

F

Faculdades (do homem)
afetivas 108
do espírito 183
intelectuais 93, 108, 189
morais 108
Família 17, 24, 25, 27, 30, 35, 36, 49, 83, 88, 108, 113, 131, 148, 152, 153, 154, 156, 157, 160, 168, 178, 187, 190, 193, 195, 205, 207, 209, 213, 219, 226, 227, 231, 252, 258, 266, 273, 277, 278, 279, 281, 299, 333, 337, 338, 358, 364, 370, 377, 378, 403, 422, 428, 429, 450, 461, 474, 487, 491, 493, 500, 570, 573, 575, 580, 582, 585, 587, 597
Fatores preexistentes 145
Fé 38, 189, 281, 425, 442
Fenomenologia
e psicologia 188
husserliana 126
Fenômeno psicológico 90, 320, 458
Fenômenos
físicos 73
hipnóticos 179
sociais 38
Figura
feminina 156
paterna 156
Filosofia
analítica 127
anglo-saxônica 324
científica 126, 127, 128
concreta 126
contemporânea 128, 129, 468, 501
do espírito 107
e Ciências Humanas 37, 88, 99, 197, 226, 338, 375, 377, 384, 441, 498, 500, 518, 527, 572, 583
e Psicanálise 197
e Psicologia 119, 223, 242, 304, 305, 325, 384, 466
escolástica 425
e Teologia 146, 286, 442, 444
fenomenológica 271
moderna 107, 443
moral 20, 456
tomista 146, 214, 403, 425
Filósofos ingleses 126
Fisiologia
mental 73
nervosa 82, 244
Fisiopsicologia 22
Fisioterapia 33, 487
Foniatria 33
Fonoaudiologia 65, 593
Formação
analítica 68, 307, 421
clínica 59
das virtudes 454
de professores 41, 92, 137, 149, 182, 210, 245, 247, 310, 351, 368, 427, 433, 434, 501, 571, 583, 595
de psicanalista 593
de psicanalistas 117, 179, 219, 220, 225, 271, 378, 450
naturalista 189
psicanalítica 43, 74, 80, 103, 104, 225, 270, 304
psicológica 124, 270
Fórmula Binet-Simon-Burt 31
Franz Boas 195
Frenologia 55, 56
Freud 36, 43, 44, 74, 75, 81, 104, 162, 167, 179, 180, 219, 225, 226, 235, 236, 239, 250, 257, 264, 265, 286, 288, 340, 345, 346, 363,

364, 376, 377, 379, 391, 409, 410, 426, 427, 450, 451, 473, 481, 482, 507, 520, 577
Freudismo 219, 331
Frustração e distúrbios de personalidade 421
Funcionalismo 141, 459, 502
Funcionamento psicológico e biológico da criança 118
Funções
intelectuais 425
orgânicas 425
sensoriais 425

G
Gênero sexual 235
Geriatria 163, 573
Gerontologia 162, 163, 507, 580
Gestalt 114, 162, 200, 259, 265, 391
Gestaltismo 325
Gestalt terapia 159, 162, 570, 575, 582
Grupos
escolares 115, 143, 287, 349, 414
operativos 332, 339, 340, 586
Grupo terapeuta 59

H
Hereditariedade
e eugenia 215
Higiene
escolar 41, 42, 54, 237
mental 24, 35, 51, 72, 82, 87, 131, 147, 151, 202, 206, 212, 215, 243, 244, 257, 258, 289, 301, 302, 320, 331, 334, 335, 336, 353, 354, 364, 374, 375, 386, 388, 396, 404, 405, 439, 469, 476, 496, 498
pública 36, 87
Higienismo 374
Higienista 282, 362, 374, 458
Hipnoanálise 179
Hipnose 162, 179, 180, 219, 220, 480
Hipnoterapeuta 179
Hipnoterapia 179, 180, 480
Hipnotismo 26, 278
Hipótese freudiana 197
Histeria 93, 175, 180, 235, 360, 361
História
da Economia 325
da Educação 52, 53, 106, 398, 470, 504, 518, 523, 577, 586, 591
da Filosofia 22, 129, 506
da Psicologia 1, 3, 12, 13, 15, 21, 22, 30, 31, 32, 40, 42, 46, 56, 71, 73, 86, 91, 107, 109, 110, 111, 114, 125, 130, 136, 172, 173, 181, 186, 198, 205, 213, 217, 230, 238, 240, 244, 248, 255, 256, 265, 270, 280, 286, 297, 300, 301, 311, 314, 321, 324, 326, 342, 343, 344, 346, 347, 350, 355, 356, 361, 364, 384, 388, 391, 392, 394, 402, 405, 416, 421, 440, 449, 453, 456, 459, 463, 464, 470, 472, 474, 475, 476, 483, 486, 488, 489, 493, 495, 496, 499, 502, 505, 507, 508, 527, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 579, 580, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598
das ideias psicológicas 20, 21, 191, 213, 296, 299, 347, 489
do Brasil e da América Latina 90
e Filosofia da Educação 181, 397
e Psicologia das religiões 402
natural 39, 388
Historiador 12, 107, 129, 233, 272, 335, 383, 452, 457, 584
Historiografia em Psicologia 115
Homem-máquina 40
Homogeneização das classes
escolares 142

Hospício 61, 122, 133, 207, 289, 374, 385, 404
Hospital
psiquiátrico 89, 144, 204, 208, 250, 251, 271, 376, 412, 445
Humana 30, 45, 46, 80, 96, 107, 108, 111, 135, 146, 147, 178, 183, 185, 189, 194, 200, 210, 222, 224, 239, 242, 246, 253, 268, 281, 282, 299, 334, 355, 372, 392, 402, 425, 443, 451, 452, 570, 580, 593
Humanidades 74, 80, 127, 129, 295, 360, 361, 366, 397, 401, 456, 494, 577
Humanista 111, 158, 167, 210, 211, 223, 238, 242, 252, 253, 438, 441
Humanização do tratamento 82

I
Id 235
Ideais 42, 50, 111, 118, 142, 143, 169, 228, 238, 287, 370, 433, 450, 454, 506
Idealismo Alemão 111, 442
Ideias
do espírito humano 455
freudianas 68, 307
humanistas 376
pedagógicas e psicológicas 311
psicológicas 20, 21, 38, 129, 185, 191, 192, 199, 213, 296, 299, 311, 347, 447, 487, 489
psicológicas e pedagógicas 185
Identidade
psicossocial do indígena 38
Idosos 163, 373, 389, 580, 582
iluministas 20, 376, 454
Imagem 176, 214, 233, 313, 348, 597
Imaginação 21, 38, 189
Incapazes 320, 321
Inconsciente 102, 105, 179, 197, 270, 271, 323, 324, 339, 412, 413, 495, 516, 577
Individualidade 22, 285
Infância 19, 33, 34, 41, 42, 47, 58, 70, 106, 131, 152, 174, 213, 259, 260, 268, 282, 283, 284, 287, 300, 332, 334, 356, 357, 358, 359, 370, 375, 397, 428, 429, 433, 457, 458, 472, 474, 481, 490, 498, 507, 511, 574, 577, 586, 595
Infantil 19, 20, 32, 36, 49, 50, 54, 57, 58, 74, 75, 80, 86, 130, 139, 149, 159, 160, 162, 172, 173, 180, 181, 206, 209, 218, 237, 240, 249, 257, 258, 267, 268, 270, 276, 283, 284, 291, 296, 305, 358, 359, 360, 361, 364, 370, 371, 391, 393, 446, 457, 460, 483, 494, 499, 516, 573, 586, 595
Inibição recíproca 235, 319
Inovações psicológicas e metodológicas 139
Inquéritos
e exames 414
e pesquisas 137
Instabilidade psíquica 112
Instintos
físicos 189
intelectuais 189
morais 189
sociais 189
Instrução
feminina 454
personalizada 94, 217
popular 156
profissional racional 255
programada 68
pública 26, 31, 90, 156, 198, 199, 507
Integração 32, 71, 144, 178, 253, 322, 334, 344, 456, 593
Intelectual 12, 17, 22, 29, 51, 53, 58, 73, 76, 81, 102, 123, 125, 133, 142, 148, 168, 174, 175, 177, 181, 190, 191, 194, 222, 227, 229, 234, 239, 242, 243, 272, 299, 300, 301, 302, 303, 326, 328, 332, 335, 336, 357, 379, 394, 397, 414, 425, 453, 457, 475, 489
Inteligência

espiritual 443
geral 153, 461
Intentona comunista 147
Interação
dialética com o contexto familiar e social 179
entre raça e ambiente 195
Interesse da criança 139
Interpretação dos discursos 93
Intersubjetividade 443
Intervenção
médico-científica 24
militar 184
psicossocial 169, 228, 586
psicossociológica 197
terapêutica 438, 593
Introspecção 172, 368
Inventário de Interesse Angelini 45

J
Jardim de Infância 33, 34, 259, 260, 268, 427, 429
Jesuíta 17, 296, 441, 442, 444
Justiça
social 49, 442

K
Kleiniano 378

L
Laboratório
de Psicofísica e Psicologia Sensorial 388
de Psicologia experimental no Brasil 175
Laborterapia 376
Lacaniano 43, 592
Laudos psiquiátricos 133, 264
Lei
geral da harmonização 99
operacional da aprendizagem 99
Leitura universal 249
Letras 19, 22, 25, 26, 31, 40, 45, 46, 51, 54, 56, 59, 63, 65, 66, 89, 91, 94, 106, 113, 119, 127, 145, 149, 153, 154, 157, 172, 174, 181, 185, 187, 193, 194, 196, 203, 206, 211, 221, 224, 233, 234, 238, 242, 248, 256, 264, 265, 274, 275, 276, 278, 281, 286, 291, 292, 293, 295, 297, 299, 304, 305, 306, 311, 319, 320, 321, 324, 327, 333, 348, 350, 351, 365, 367, 372, 383, 388, 390, 394, 395, 398, 402, 403, 405, 406, 412, 417, 418, 420, 447, 453, 459, 463, 465, 466, 474, 475, 479, 481, 489, 495, 498, 500, 502, 505, 526, 570, 572, 575, 576, 577, 581, 587, 590, 595
Liberalismo 183
Liberdade 50, 90, 107, 143, 146, 174, 183, 189, 193, 207, 231, 272, 275, 286, 322, 380, 392, 411, 442, 456
Libido 62
Liderança 57, 147, 166, 263, 282, 368, 399, 461, 462, 505
Linguagem
articulada 249
Linguística 101, 128, 197, 418
Literatura
brasileira 55, 56, 59, 383, 490
e arte 332
Lógica 22, 24, 82, 126, 127, 128, 197, 235, 236, 315, 345, 392, 484
Logos-Psiquê 127
Louco 113, 251
Loucura 18, 76, 93, 113, 145, 147, 286, 296, 303, 346, 363, 364, 375, 469, 476, 488, 520, 571
Ludoterapia 33, 157, 159, 206, 333, 334, 587

M
Magistério 31, 61, 63, 66, 90, 92, 101, 102, 105, 106, 130, 142, 199, 209, 240, 241, 245,

246, 254, 267, 279, 297, 304, 307, 310, 327, 372, 386, 448, 466, 583, 587, 588
Manejo da técnica 69
Manicômio
judiciário 17, 103, 123, 133, 134, 204, 289, 400, 404, 429, 438, 516
Manifestações alucinatórias 145
Manifesto
de 1932 63
de 1959 63
dos Pioneiros da Educação Nova 141
Marxismo 49, 231, 232, 339, 507
Material
didático 312
mnemônico 125, 360, 361
Matérias pedagógicas 182
Maturação da personalidade 58
Maturidade vocacional 399
Mecanismo
de previsão indutiva 126
psicológico do comportamento humano 40
Medicina
da pessoa 331
dos males 425
legal 17, 18, 68, 82, 83, 123, 124, 175, 201, 203, 204, 208, 212, 232, 250, 270, 288, 289, 290, 295, 320, 321, 333, 345, 353, 363, 364, 370, 371, 374, 375, 386, 391, 400, 421, 429, 491, 502
psicológica 59, 74, 101, 103, 104, 173, 174, 481
psicossomática 220, 330, 331, 438, 509
Médico
em instituições psicanalíticas 377
legista 204, 232, 370, 371
pedagógico 54, 125, 370
psiquiatra 89, 122, 206, 257, 271, 322, 421, 445
Medida
do trabalho escolar 390
escolar 390
mental 390
medo natural 186
Memória
de formas 114
Menino rude 186
Meninos-problema 148
Menor
abandonado 171
anormal 404
excepcional 115, 116
Mental illness 161, 162
Mente 55, 123, 171, 178, 214, 235, 236, 315
Metacognição 402
Metafísica
cristã 425
Metapsicologia freudiana 74
Método
analítico 392
da experimentação natural 55
de diagnóstico 123
de ensino 217
de observação 50, 147
de Rorschach 19, 203
de treinamento mental 177
dos testes em pedagogia 327, 328
fenomenológico 125, 188
interpretativo 90
Metodologia
da Leitura 138
da Linguagem 138
filosófica 126, 128
Mnemônico 186, 360, 361
Modificação da personalidade humana 185

Moléstias nervosas 93, 122, 385
Mongolismo 33
Moral 20, 50, 53, 68, 69, 83, 85, 86, 90, 107, 108, 146, 147, 189, 190, 191, 192, 200, 213, 234, 242, 286, 306, 425, 454, 456, 466, 485, 573
Moralidade 99, 108, 296, 392
Morte 17, 34, 38, 68, 69, 77, 81, 83, 89, 107, 133, 142, 148, 152, 178, 179, 189, 214, 236, 239, 265, 291, 292, 296, 322, 353, 355, 378, 386, 391, 413, 422, 429, 431, 442, 443, 454, 465, 490, 524
Motivação 46, 95, 96, 152, 166, 214, 248, 591
Movimento
  do Potencial Humano 378
  kleiniano 378
  psicanalítico 36, 88, 117, 173, 174, 226, 330, 332, 338, 377, 410, 481, 494
Mundo
  interior 107
  mental 87, 88
Musicoterapia 105, 578

N
Não segregação 32
Narcose 339
Natureza humana 108, 111, 224, 425
Necessidades educacionais 29, 144
Neopositivista 126, 235, 236
Neurobiologia 71, 147, 148, 203, 308, 335, 359, 438
Neuro-higienista 362
Neurologia 17, 29, 61, 62, 68, 89, 175, 201, 203, 208, 212, 220, 250, 251, 258, 289, 290, 333, 345, 367, 374, 375, 386, 387, 391, 412, 421, 439, 457, 483, 491, 493, 511, 516
Neurologista 61, 157
Neuropsicologia 368
Neuropsiquiatria 88, 125, 204, 258, 274, 276, 335, 336, 421, 429, 438, 439, 473
Neurose 68, 69, 88, 125, 204, 251, 258, 274, 276, 335, 336, 408, 409, 410, 421, 429, 438, 439, 473
Neurótico 68, 69, 160
Ninfomania 93
Nível mental inferior 145
Noções de higiene 320, 321
Noético-espiritual 443
Normal 19, 20, 31, 35, 41, 42, 45, 46, 48, 54, 57, 63, 65, 71, 75, 78, 79, 80, 90, 99, 101, 106, 113, 116, 118, 130, 134, 137, 138, 141, 142, 143, 149, 151, 157, 158, 160, 161, 164, 172, 181, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 206, 208, 209, 237, 240, 243, 247, 259, 260, 261, 264, 266, 269, 270, 273, 278, 287, 291, 300, 310, 333, 335, 341, 345, 348, 349, 356, 358, 361, 363, 365, 369, 372, 390, 394, 396, 397, 427, 428, 429, 432, 433, 448, 449, 457, 463, 494, 499, 594
Normalista 35, 36, 87, 164, 243, 272
Nosologias 339, 386
Nutrição 62

O
Objetividade 443, 453, 457, 474
Observação
  da experiência individual 21
  de crianças em geral 181
  experimental de laboratório 388
  oficinas de trabalhos manuais 58
Oligofrênicos 339
Ontopsicologia 188
Operações lógicas complexas 185
Ordem moral 86, 107
Organicista 438, 458
Orientação
  de Adultos 399

de pais 158, 330
e Administração Escolar 164, 209
educacional 27, 59, 65, 70, 84, 92, 137, 149, 153, 157, 160, 245, 246, 305, 310, 365, 366, 394, 399, 403, 422, 428, 466
escolar 164
e seleção profissional 19, 54, 164, 248, 254, 395, 396, 440, 460
e treinamento 461
e Treinamento 196, 303
Infanto-Juvenil 448
juvenil 27, 28, 51, 53, 298, 399, 445, 446, 474, 477
médica 376
Pré-Vocacional 365
profissional 19, 33, 48, 59, 60, 80, 148, 149, 165, 200, 202, 247, 256, 264, 267, 278, 279, 280, 294, 297, 318, 341, 356, 367, 368, 384, 389, 391, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 401, 402, 406, 408, 428, 429, 445, 448, 457, 459, 460, 493, 501, 591, 595
psicológica 70, 71, 201, 245, 397, 398
psicopedagógica 27, 32, 245, 298, 434
social 445
vocacional 108, 153, 158, 274, 318
Orientação psicopedagógica 54, 148, 366
Orientador
educacional 278
profissional 122
Orientadora 59, 130, 157, 182, 252, 334, 365, 428, 446, 573
Ortofrenia 101, 130, 364, 365

P

Padronização 40, 52, 119, 120, 161
Paixão 21, 102, 104, 134, 323, 464, 497
Paixões
ver Paixão
Pansexualismo 376, 377
Panteísmo 111, 454
Paradoxo do existir humano 188
Paranoia 290, 363, 491
Parapsicológicos 160
Patologia geral 269
Pedagogia
brasileira 213
científica 327, 328, 350
do oprimido 193, 194
e Didática 348, 384
e psicologia 301
e Psicologia 90, 259, 273, 293, 310, 466
experimental 65, 151, 305, 349, 350, 414, 470, 504
médica 29
Pedagógico-Social 130
Pediatra 157, 206
Pedologia 41, 42, 237, 240, 449
Pensamento
imagético 127
simbólico 127, 459, 502
Percepção
da realidade das coisas 21
estereoscópica 64
visual 139, 327, 348, 389
visual espacial 389
Personalidade
e crime 82, 83
Personalized System of Instruction (PSI) 217
Perspectiva
humanista 111
psicanalítica 68
rogeriana 395
social 417, 419
Perturbações emocionais 33
Pesquisa

educacional 63, 95, 101, 119, 126, 130, 140, 141, 227, 254, 267, 268, 314, 334, 351, 365, 418, 492, 588
experimental com crianças 64
fenomenológica 188
psicológica 67, 188, 326
Planejamento
de experimentos 327
educacional 182
PMK 19, 57, 82, 135, 161, 278, 279, 280, 348, 356, 583
Poder da consciência humana 146
Política
científica 94
de saúde 197, 218
educacional 590
Positivista 56, 141, 228, 239
Potencial intelectual 29
Prática
clínica 80, 261
de Ensino 199
de grupo 332
escolar 434
psicanalítica 379
psicanalítica em grupo 197
psicológica 388
social 102
terapêutica 197
Prazer 264, 392
Problema
da existência 126
da liberdade humana 189
de aprendizagem 157, 365
do homem em sua relação com o trabalho 152
Procedimentos
psicoterapêuticos 179
Processo
de ensino/aprendizagem 249
de orientação 202
de punição 388
pedagógico 64
psicológicos 76, 150, 436, 578
Professor 12, 17, 22, 24, 26, 27, 31, 34, 39, 41, 43, 45, 47, 51, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 68, 70, 71, 76, 82, 84, 89, 92, 93, 94, 95, 99, 101, 102, 104, 105, 107, 108, 109, 113, 114, 118, 125, 126, 130, 137, 141, 142, 144, 146, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 159, 160, 163, 164, 165, 172, 174, 175, 179, 181, 182, 183, 184, 187, 189, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 205, 206, 208, 210, 212, 216, 220, 222, 223, 227, 232, 233, 236, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 250, 251, 252, 254, 257, 261, 265, 269, 272, 273, 278, 283, 285, 287, 288, 291, 295, 297, 301, 304, 306, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 319, 324, 325, 327, 331, 333, 335, 337, 339, 341, 344, 345, 348, 349, 351, 352, 353, 354, 356, 357, 358, 360, 362, 367, 368, 370, 376, 380, 383, 386, 388, 389, 392, 394, 395, 397, 400, 401, 402, 403, 406, 411, 415, 417, 419, 420, 421, 422, 425, 427, 428, 429, 432, 433, 434, 438, 440, 442, 445, 447, 449, 457, 458, 460, 461, 464, 466, 472, 483, 484, 489, 490, 495, 501, 502, 505, 521, 571, 572, 582, 583, 588, 591, 593, 595
Professora 14, 19, 27, 28, 36, 40, 49, 54, 57, 59, 60, 71, 85, 87, 92, 94, 99, 102, 103, 114, 115, 116, 118, 130, 138, 139, 142, 149, 150, 153, 157, 158, 161, 164, 167, 169, 173, 181, 184, 187, 188, 198, 199, 201, 206, 209, 210, 221, 222, 227, 231, 246, 257, 260, 261, 262, 266, 273, 274, 276, 278, 287, 291, 294, 310, 319, 327, 329, 334, 343, 344, 362, 365, 391, 419, 427, 428, 430, 431, 432, 434, 445, 458, 463, 464, 503, 525, 527, 573, 574, 580, 584, 586, 587, 588, 589, 590, 591
Proteção à Infância 174, 282, 283, 284, 474
Provas

psicológicas 202
Pseudo-debilidade mental 79
Psicanálise
didática 179
e delinquência 426
engajada 174
e política 105, 577, 589
freudiana 218, 371
individual 113, 220
na Sociedade Brasileira 89
no Brasil 36, 62, 87, 106, 225, 271, 290, 322, 332, 353, 354, 376, 410, 426, 439, 450, 491
Política 197, 577
Psicanalista 59, 68, 69, 74, 80, 87, 89, 101, 104, 112, 113, 171, 173, 179, 186, 196, 206, 218, 225, 231, 257, 271, 304, 307, 322, 323, 330, 331, 332, 337, 339, 353, 378, 379, 409, 426, 438, 450, 451, 471, 522, 572, 577, 589, 590, 591, 592, 593, 595, 598
Psicanalítica 43, 44, 54, 59, 68, 80, 87, 102, 105, 113, 117, 218, 220, 247, 271, 304, 307, 322, 330, 331, 332, 378, 451, 571, 596, 598
Psicodiagnóstico
de Rorschach 19, 20, 60, 72, 203, 308, 317, 348, 583, 587
de Rorschach em crianças 72
miocinético 19, 20, 57, 82, 135, 279, 357, 583
Psicodinâmica 89, 159, 438, 439
Psicodrama 54, 159, 303, 378, 461, 462, 587
Psicofisiologia 105, 175, 262, 279, 341, 388
Psicóloga 50, 52, 53, 54, 59, 72, 80, 95, 99, 142, 144, 145, 150, 157, 161, 209, 229, 230, 294, 328, 329, 369, 372, 373, 446, 458, 506, 570, 573, 583, 584, 586, 589
Psicologia
aplicada
ao atendimento clínico 367
ao Direito 126
ao trabalho 255, 280, 317, 318, 459
à seleção e orientação profissional 256, 396, 501
e experimental 135
e Psicotécnica 187
científica 65, 136, 141, 147, 160, 201, 214, 341, 435, 436, 440, 457
clínica 27, 36, 48, 59, 65, 75, 81, 82, 84, 102, 114, 130, 149, 157, 158, 159, 160, 163, 187, 201, 257, 276, 277, 293, 294, 319, 323, 331, 333, 334, 351, 365, 366, 367, 368, 379, 389, 391, 407, 422, 440, 445, 476, 483, 493, 570, 575, 577, 582, 583, 584, 589, 590, 596, 597
da Adolescência 70, 149, 384, 390, 448
da Aprendizagem 45, 70, 368, 388, 389, 397, 398
da criança 150, 151, 182, 200, 310, 367, 390, 397, 398, 457, 470, 504, 595
da Educação 32, 53, 144, 153, 157, 158, 181, 182, 245, 246, 247, 252, 253, 254, 278, 298, 352, 397, 402, 469, 483, 492, 496, 570, 571, 572, 574, 576, 579, 583, 584, 588, 589, 592, 593, 594, 595
da Gestalt 200
da infância 70, 300, 358, 359, 458
da literatura 22
da percepção 388
da personalidade 56, 74, 99, 100, 101, 158, 187, 215, 216, 415, 590
da religião 79, 191, 313, 318, 324, 494
da saúde 166, 293, 572
das diferenças individuais 390
das multidões delinquentes 180
da vida afetiva 124, 125
de assistência a psicopatas 125
de grupo 391
diferencial 158, 187, 200, 203, 224, 234, 305, 319, 368, 453

dinâmica 74, 149
do adolescente 310, 398
do desenvolvimento 70, 85, 86, 102, 165, 276, 297, 573, 584, 595
do excepcional 115, 334, 466
dos poetas e dos grandes 107
dos povos 383
do trabalho 40, 65, 108, 152, 201, 256, 301, 314, 348, 384, 402, 420, 459, 460, 585, 596
do trânsito 328, 329, 330, 388, 389, 390, 502, 592, 593
e clínica 179
e comportamento 215
educacional 31, 45, 48, 50, 51, 65, 83, 84, 85, 92, 99, 114, 115, 118, 125, 137, 142, 149, 172, 181, 200, 233, 242, 254, 259, 260, 261, 276, 293, 310, 333, 341, 345, 384, 388, 390, 391, 398, 399, 401, 421, 432, 463, 464, 507, 576, 592, 593
e educação 28, 57, 90, 106, 245, 246, 247, 253, 261, 276, 305, 312, 352, 382, 457, 496, 576, 582, 585, 590, 592, 594
e lógica 82
empírica 147
e orientação profissional 394
e ortofrenia 101
e pedagogia 48, 64, 65, 149, 150, 157, 305, 306, 335, 397, 403, 460, 480, 592
e reuniões clínicas 446
escolar 27, 28, 46, 56, 102, 103, 144, 149, 221, 222, 223, 245, 246, 297, 298, 328, 365, 366, 369, 392, 434, 457, 463, 464, 465, 486, 497, 503, 504, 507, 508, 515, 527, 576, 579, 581, 582, 583, 587, 588, 589, 590, 593, 597
evolutiva 158, 200, 280
experimental
    e comparada 368
    e do trabalho 319
fenomenológica 188, 581
filosófica 111, 146, 147, 214, 455, 471
filosófica tomista 146, 214
fisiológica 341, 367, 368
geral
    e educacional 65
    e experimental 309, 343, 388, 415
hospitalar 82, 293, 294, 493, 575
humana 107, 239, 355
indígena 38
individual 111, 320, 330
industrial 108, 120, 152, 256, 343
infantil 19, 54, 130, 149, 162, 180, 240, 270, 276
Institucional 102
intercultural 45
Judiciária 82, 353, 354
jurídica 82, 279, 280, 401, 576, 582, 587, 596
materialista 238
médica 65, 191, 307, 331, 438, 439, 509
metafísica 358, 359, 442
militar 325
moderna 79, 109, 110, 114, 147, 203, 224, 258, 287, 391, 486
nacional 166, 383
no Brasil 12, 13, 14, 31, 32, 33, 46, 53, 63, 67, 71, 86, 91, 95, 110, 114, 117, 120, 128, 132, 161, 172, 173, 191, 199, 217, 244, 247, 248, 255, 256, 265, 300, 306, 321, 326, 342, 343, 344, 346, 350, 356, 361, 363, 371, 374, 391, 392, 396, 405, 416, 428, 430, 431, 451, 459, 470, 472, 473, 474, 475, 477, 478, 479, 485, 488, 493, 494, 496, 499, 501, 502, 505, 515, 516, 524, 527, 579, 588, 594
normal
    e patológica 46, 48, 65, 78, 79, 80, 160, 201, 202, 203, 301, 348, 396

organizacional 166, 422, 423
profunda 78, 99, 179, 303, 308, 353, 391
religiosa 66
sem alma 107
social 31, 60, 67, 76, 91, 102, 105, 106, 125, 136, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 191, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 223, 224, 227, 228, 229, 230, 248, 256, 257, 291, 297, 306, 314, 319, 321, 328, 329, 339, 340, 343, 344, 345, 350, 355, 358, 360, 361, 364, 373, 380, 382, 383, 401, 405, 453, 470, 474, 476, 479, 486, 488, 497, 500, 504, 505, 570, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 592, 593, 596, 597
transpessoal 165, 461
Psicologista 242, 356, 422, 448
Psicólogo 12, 14, 19, 20, 28, 32, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 60, 65, 70, 80, 81, 82, 85, 87, 91, 93, 94, 95, 108, 114, 115, 116, 135, 136, 145, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 160, 161, 162, 167, 173, 175, 186, 187, 203, 225, 227, 228, 236, 245, 248, 251, 252, 256, 257, 258, 260, 263, 265, 280, 294, 320, 321, 334, 342, 350, 359, 367, 368, 369, 391, 392, 396, 400, 401, 403, 405, 407, 421, 424, 434, 436, 443, 459, 472, 474, 482, 484, 492, 496, 501, 527, 581, 582
Psicometria 40, 101, 164, 267, 268, 295, 314, 315, 316, 356, 365, 395, 461
Psicometrista 161, 215, 464
Psicomotricidade 50
Psicopata 33
Psicopatologia
fenomenológica 188
forense 204, 320, 321
infantil 74, 75
Psicanalítica 304
Psicopedagogia
e Psicometria 101
Psicossocial 38, 145, 169, 195, 228, 586, 595
Psicossomática 44, 159, 179, 220, 293, 294, 330, 331, 339, 438, 493, 509
Psicotécnica 28, 71, 82, 116, 119, 120, 121, 122, 127, 130, 135, 147, 149, 150, 164, 187, 202, 247, 254, 255, 256, 279, 280, 317, 318, 341, 342, 348, 356, 357, 368, 381, 382, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 406, 407, 408, 428, 429, 446, 460, 461, 462, 471, 482
Psicoterapeuta 19, 187, 590, 593, 594
Psicoterapia
analítica 89, 308, 322, 487
breve 159
centrada na pessoa 162, 187
comportamental 319
das psicoses 332
de grupo 69, 82, 89, 206, 220, 231, 232, 307, 308, 339, 340, 378, 379, 461, 498
de grupo de adulto 206
do menor 445
existencial 188
familiar e psicossomática 293
infantil 206
sexual 319
Psicoterápicos 378
Psique 147, 438
Psiquiatra 29, 32, 34, 56, 61, 62, 68, 74, 77, 89, 122, 124, 133, 148, 167, 173, 175, 176, 186, 206, 209, 225, 231, 250, 257, 264, 269, 271, 279, 301, 302, 307, 322, 330, 332, 335, 336, 339, 345, 353, 362, 363, 374, 376, 386, 412, 414, 421, 422, 429, 438, 445, 487, 490, 506, 523, 595
Psiquiatria
científica 289, 290, 507
dinâmica 161, 162, 174, 438, 439, 490
e higiene mental 388, 439
infantil 173, 457, 516
psicodinâmica 438
social 76, 147, 148, 339

Psiquiatría
social 77
Psiquismo 45, 90, 192, 426, 443
Puericultura 33, 57, 283, 393, 499
Punições 186

Q
Questionário
de ansiedade normal de Lykken em adolescentes e adultos masculinos e femininos 260, 261
de interesses profissionais 153
de personalidade DADAHIE 40
Química 39, 175, 189, 319, 374, 392

R
Raça 22, 145, 170, 195, 215, 292, 296, 405, 452, 453, 581
Raciocínio
dialético 442
matemático 185
Razão 27, 39, 105, 128, 148, 189, 250, 299, 326, 344, 387, 425, 442, 444, 454, 457, 458, 480, 481, 486, 587
Reabilitação
profissional 293, 402, 403, 477
Reações afetivas e a confiança 126
Realidade
social 21
Reanálise 337, 426
Recapitulação 172
Reconstrução 129, 494
Recreação 267, 268, 446, 487
Recrutamento e Seleção de Pessoal 274
Recursos humanos 35, 144, 152, 399, 505
Reeducação
postural global 96
psicomotora 368
Reformas educativas 64, 150
Registro profissional de Psicologia 78
Regulamentação da profissão 12, 51, 60, 94, 116, 120, 159, 160, 163, 206, 248, 280, 351, 368, 395, 400, 527
Reich 113, 450
Relação
com a comunidade 152
humana 278, 279, 422, 423
professor/aluno 27
Relações
ver Relação
Relaxamento 157, 162, 178
Rendimento escolar 57, 121, 130, 149
Repressão 69, 370, 450
Reprodução 2, 62
Resistência à extinção 388, 390
Retórica 105, 456
Ritmo da aprendizagem 185

S
Sanatório 148, 204, 307, 429
Saudade 347
Saúde
e adoecimento existencial 188
e assistência social 448
existencial 188
mental 148, 175, 197, 218, 225, 231, 232, 244, 251, 257, 340, 378, 404, 413, 438, 499, 574, 578, 580, 583, 593, 595, 596
pública 35, 58, 77, 103, 118, 142, 143, 189, 199, 221, 257, 345, 348, 395, 405, 446, 493, 571, 574, 585, 592
Seleção
de pessoal 40, 41, 134, 137, 144, 255, 256, 274, 404
e orientação profissional 19, 33, 59, 60, 80,

148, 200, 247, 256, 264, 267, 278, 280, 294, 297, 389, 391, 396, 399, 401, 402, 406, 408, 428, 429, 445, 493, 501
e treinamento de pessoal 135, 251
profissional 19, 45, 54, 164, 245, 247, 248, 254, 256, 395, 396, 397, 398, 440, 460
Sensação 341, 342, 392
Sensibilidade 38, 93, 104, 108, 146, 168, 189, 228, 275, 349, 455, 471, 592
Sensualismo 191, 392
Sentido
da vida 99
Sentimento 38, 111, 265, 268, 285, 347, 420
Sentir 183
Ser humano 17, 50, 62, 81, 93, 99, 100, 147, 179, 194, 211, 214, 228, 229, 319, 320, 397, 443, 454
Serviço Social 27, 34, 65, 72, 82, 130, 154, 177, 193, 241, 242, 264, 274, 351, 372, 395, 405, 422, 428, 440, 441, 446, 571, 589
Serviços psicotécnicos 251
Sexologia forense 320, 321
Sexualidade 62, 99, 111, 166, 207, 215, 313, 570, 581, 585
Simbólico 127, 304, 459, 502
Sinais simbólicos de agressão 161, 162
Síndrome de Pietrowsky 365, 366
Sintomas 323
Sistema
de instrução personalizada 94
educacional 34, 52, 141
nervoso central 438
Sociabilidade 38
Socialização 90, 273
Socioanálise 197
Sociologia
criminal 180
educacional 63, 293
e História 367
e Política 87, 106, 134, 200, 201, 257, 291, 292, 317, 318, 404
Sociólogo 106, 177
Somático 202, 443
Sonhos 189, 409, 410
Subjetividade 21, 38, 76, 197, 580, 585
Suicídio 83, 161, 162, 207
Sujeito 38, 93, 95, 103, 105, 123, 138, 183, 319, 347, 398, 442, 443, 444, 458, 486, 499, 577, 596
Superdotação 55, 209, 298, 395, 478
Superdotado 48, 298
Supervisor 56, 74, 120, 134, 206, 422, 573, 582, 593
Suporte psicológico 147
Supranormais 270
Surdos-mudos 249

T
Talento 52, 210, 211, 259, 306
Técnica
com base comportamentalista 395
de aconselhamento 395, 396
de avaliação da personalidade 274
de dessensibilização sistemática por inibição recíproca 319
de educação 27, 130, 267, 359
de entrevistas 153
de exame psicológico 298, 367
de grupo 89
de reflexão crítica 126
de seleção e adestramento 404
de training group 461
diagnóstica 395
projetiva 19, 115, 162, 271
psicodramática 89

rogeriana 395
Técnico de Assuntos Educacionais 400
Técnico de Educação 137, 142, 254, 255
Tecnologia de ensino 249
Tecnopsicologia 459
Temperamento 38, 111, 142, 239
Tempo 22, 38, 40, 49, 56, 59, 65, 74, 75, 90, 92, 102, 103, 104, 119, 136, 138, 141, 147, 152, 155, 168, 177, 178, 184, 186, 206, 209, 228, 229, 239, 244, 252, 259, 264, 267, 268, 271, 272, 276, 280, 289, 301, 302, 309, 314, 326, 336, 349, 354, 355, 358, 359, 373, 378, 379, 413, 418, 422, 434, 443, 448, 449, 450, 451, 462, 474, 476, 490, 492, 499, 502, 503, 513, 524, 527, 585, 588, 592, 597
Tendência positivista 141, 345
Teologia
católica 38
escolástica 403
moral 454
Teologismo 73
Teólogo 70, 347, 422, 441, 492
Teoria
bioniana 69
centrada na pessoa 187
da ação racional 166
da aprendizagem 46, 138, 235, 391
da contradição 200
da degenerescência 404
da enfermidade única 339
da frustração-agressão de Rosenzweig 82
da polaridade extroversão/introversão e da ansiedade/ histeria 235
das emoções 264
de aconselhamento 399
de campo 200, 391
do condicionamento 391
dos estímulos 391
e técnicas psicoterápicas 74
filosófica 126
iluminista 454
kleiniana 113
metacognitiva 402
organísmica da aprendizagem 391
psicanalítica 74, 102, 179, 391, 571, 596
psicoterapêutica 99, 100
racista 296
sensista 392
Teorias
patológicas do ascetismo 324
Terapeuta
de crianças e adolescentes 446
Terapêutica 258, 340, 378, 379, 413, 429, 430, 438
Terapia
comportamental 262, 319, 320, 415, 437, 578
das emoções 347
de casais 89
de grupo 113, 218
reichiana 159
rogeriana 395
Tese da medida e do sistema de normas em psicologia 164
Teste
16PF 40, 41
ABC 131, 247, 278
de aptidão 71, 72
de Ballard 31
de Behn-Rorschach aplicado coletivamente 148
de Binet 71
de desenvolvimento educacional 298
de escolaridade 449
de Giese 255

de Harrower 148
de inteligência 395
de labirinto de Porteus 31
de personalidade 47, 121
de Rorschach 19, 20, 60, 61, 68, 120, 122, 148, 202, 203, 264, 408, 481
DHP 164, 165
e medidas 298
mental 305
minhas mãos 52, 164, 408
pedagógico 31
projetivo 161
psicológico 135
Totalidade
psicofísica 146
Trabalho
ludoterapêutico 159
pedagógico e social 132
psicanalítico 225
Traços
psicológicos 38
Transcendência 443
Transe hipnótico 179
Transexual 235
Tratamento
analítico 446
de delinquentes 426
médico 189, 370
psicanalítico 171, 258, 322
psicofarmacológico 438
somato-Psíquico 68
Traumas infantis 180
Treinamento
profissional 446

V
Vaidade 20, 21, 523
Variáveis de personalidade 40
Verdade 38, 44, 93, 147, 161, 180, 205, 277, 286, 420, 425, 442, 494
Versão Cyril-Burt 31
Vida
familiar 156, 252
humana 443, 451
psíquica 108, 376, 397
psíquica e moral 108
Vínculo 337, 436
Violência 30, 86, 169, 227, 233, 239, 313, 323, 372, 416, 496, 573, 581, 589
Virtudes 454
Visão antropológica 38
Vivência 188, 202, 332, 434
Vocação 79, 310, 365, 465
Vocacional 65, 108, 158, 317, 348, 399, 432
Volição 349, 392

Índice de nomes citados

ABERASTURY, Arminda 339

ABERASTURY, Federico 339

ABREU, Henrique Tanner de 17

ADLER, Alfred 113, 339, 364

ADRADOS, Isabel 19

AICHHORN, August 426

AIRES, Matias P. 9, 20, 523

ALAJOUANINE, Théophile 309

ALBUQUERQUE, Floriano Cavalcanti de 22

ALBUQUERQUE, José de 23

ALBUQUERQUE, Medeiros e 10, 26, 342, 519

ALBUQUERQUE, Therezinha Lins de 27, 28, 80, 116, 298, 435, 527, 597

ALCÂNTARA AMARAL, Lygia 35, 36, 89, 520

ALEGRE, Araújo Porto 55

ALKMIM, Hélio Durães de 29, 48, 516

ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin 10, 30, 523

ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e – Marquês de Abrantes 10, 30, 523

ALMEIDA, Miguel Ozorio de 342

ALONSO, Padre 78

ALVARENGA, Galeno Procópio de 99

ALVES, Isaías 13, 26, 31, 518

ALVES, Pórcia Guimarães 32, 525

ALVES, Urano 104

ALVIM, Álvaro Freire de Villalba 34

ALVIM, Laura Palha 34

ALVIM, Mariana Agostini de Villalba 34, 153, 522

AMADO, Henriette 101

AMARAL, Fernando de Villemor 342

AMARAL, Ignácio M. Azevedo do 342

AMARAL, Lygia Alcântara do 35, 36, 89, 520

Ver ALCÂNTARA AMARAL, Lygia. Consulte Ver ALCÂNTARA AMARAL, Lygia

ANASTASI, Anna 297

ANCHIETA, José de 37, 38

ANDRADA, Antônio Carlos Ribeiro de 118, 140

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de 39, 519

ANDRADE, Carlos Drummond de 345

ANDRADE, Eugênia Moraes de 40

ANDRADE, Helvécio Ferreira de 41, 42, 237, 494, 506

ANDRADE, Luis Francisco Gonçalves de 43, 520

ANDRADE, Mário de 75

ANGELINI, Arrigo Leonardo 45, 46, 78, 84, 114, 201, 260, 384, 391, 392, 463, 465, 508, 511

ANGELINI, Hebe Rolim de Camargo 45

ANGOSTO, Joseph Antoine N. 343

ANTIPOFF, Daniel I. 29, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 58, 470

ANTIPOFF, Helena 12, 14, 15, 29, 30, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 83, 84, 109, 118, 132, 138, 139, 142, 143, 151, 153, 164, 165, 182, 200, 209, 335, 336, 345, 346, 351, 356, 367, 368, 369, 388, 433, 445, 446, 448, 459, 460, 470, 473, 475, 477, 499, 505, 506, 512, 516, 524, 570, 572, 592

ANTIPOFF, Ottília Braga 47, 48, 54, 55, 524

ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de 55, 56, 512

ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia)

ver ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de

ARAÚJO, João Bosco 154

ARAÚJO, Sérgio de 344
ARAÚJO, Yara 228
ARIETTI, Silvano 74, 75
ARRAES, Miguel 72
ARRAES, Violeta 177
ARRUDA, Elzo 56
ARRUDA, Paulo Gonzaga de 171
ARTIAGA, Zoroastro 272
ASCH, Solomon 227
ASSIS, Machado de 59
ASSUMPÇÃO, Ester 57, 58, 83, 480, 501
ASSUMPÇÃO-SEMINÉRIO, Maria Luíza 59
ASSUMPÇÃO, Zilda 58
ATKINSON, John W. 45
AUGRAS, Monique 60, 61, 114, 153, 248, 471, 481, 491, 509
AUSTREGÉSILO, Antônio Rodrigues Lima 26, 61, 62, 133, 212, 250, 289, 307, 412, 487, 489, 511
AUSUBEL, David 252
AYER, A. J. (Alfred Jules) 127, 235
AZEVEDO, Ary 133
AZEVEDO, Fernando de 63, 64, 291, 475, 507, 514
AZEVEDO, Roberto 78, 271
AZZI, Enzo 41, 64, 200, 206, 334, 348, 351, 384, 513
AZZI, Mariza Antonia Gurgel 66
AZZI, Rodolpho 66, 67, 68, 262, 436, 472, 526
BABINSKI, Joseph Jules François Félix 204
BACHELARD, Gaston 339
BAHIA, Alcyon Baer 68, 69, 307, 330, 332, 378, 504
Bain, Herbert 172
BALBINO, Antônio 448
BALDUS, Herbert 163, 291
BALINT, Michael 104
BAQUERO, Victoriano 70
Barão de Mamoré 249
BARBOSA, Ruy 172, 590
BARIONE, Walther 349
BARRADAS, Ana da Costa 189
BARRETO, Anita Paes 27, 71, 72, 147, 336, 384, 472, 510
BARRETO, Luiz Pereira 215
BARRETO, Márcio de Queiroz 415
BARRETO, Pereira 10, 73, 215
BARROS, Carlos Paes de 74, 75, 474, 511
BARROS, Marcos Fávero Florence de 327
BARUK, Henri 76
BASTIDE, Paul Arbousse 167, 168, 291
BASTIDE, Roger 75, 76, 77, 114, 201, 203, 234, 291, 343, 493, 495, 497, 526
BASTOS, Aureliano Tavares 345
BENEDICT, Ruth 223
BENKÖ, Padre Antonius 78, 79, 84, 85, 116, 165, 260, 446, 524
BENNE, Kenneth D. 303, 461
BENSABATH, Simone 31, 203
BERALDO, João Tavares Corrêa 345
BERARDINELLI, Waldemar 275
BERGMAN, Gustav 400
BERGSON, Henri 49, 107, 126, 128
BERLÍN, Martha 378, 379
BERNARD, Claude 175
BERNARDO, João 157
BERTILLON, Alphonse 232
BESOUCHET, Inês 27, 80, 81, 152, 517
BESSA, Halley Alves 82, 83, 473, 516, 554
BESSA, Laudejour Villefort Alves 83
BESSA, Pedro Parafita de 78, 83, 84, 99, 164, 260, 473, 525, 554
BEVILACQUA, Clóvis 22
BIAGGIO, Ângela Maria Brasil 85, 86, 440, 510
BIAGGIO, Luis Isnard Leão 85

BIANCHI, Maria Antonieta 368
BICK, Ester 36, 87, 337
BICUDO, Virgínia Leone 35, 36, 87, 88, 225, 257, 258, 292, 480, 527
BILAC, Olavo 90
BINET, Alfred 49, 52, 90, 139, 142, 167, 300, 341, 414
BINET-SIMON 31, 49, 72, 247, 414
BION, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht) 36, 69, 337, 378
BIRAN, Maine de 189
BIRMAN, Joel 80, 105, 323
BLAY NETO, Bernardo 89, 487
BLEGER, José 339, 340
BLOCH, Ernst 90
BOAS, Franz 195, 223
BOKSTAELE, Van 197
BOMFIM, Manoel 13, 26, 90, 91, 234, 243, 270, 278, 300, 362, 499, 521
BONBOIR, Anna 327, 328
BONFIM, Manuel
ver BOMFIM, Manoel 278
BONINI, Marylene 328
BONOW, Iva Waisberg 11, 46, 92, 248, 391, 473
BONTEMPO, José Maria 93
BORGES, José Carlos Cavalcanti 147
BORI, Carolina Martuscelli 33, 67, 78, 84, 94, 95, 96, 97, 227, 262, 435, 468, 469, 473, 474, 476, 479, 480, 482, 489, 493, 494, 503, 504, 512
BOTELHO, Carlos 157
BOURDIEU, Pierre 417
BOVET, Pierre 150, 151, 367
BRADFORD, Leland 304, 461
BRAGA, Ottília Lisboa
ver também ANTIPOFF, Ottília Braga
BRANDÃO, João Carlos Teixeira 11, 98, 145, 146, 300, 302, 385, 386, 499, 518
BRANDÃO, João Sampaio 34
BRASIL, Febrônio Índio do 123
BRASIL, Maria Auxiliadora de Souza 99, 100, 522
BRAZIL, Circe Navarro Vital 101, 102
BRAZIL, Horus Vital 103, 104, 105, 517
BRETAS, Arauld 360, 362
BRIQUET, Raul Carlos 105, 106, 291, 525
BRITO, Farias 107, 358, 359, 525
ver também FARIAS BRITO, Raimundo
BRODY, Eugene B. 161
BROTERO, José Maria de Avelar 108
BROŽEK, Josef 12, 14, 108, 109, 110, 519
BRUNO, Antônio Miguel Leão 279
BRUNSCHVICG, Léon 265
BUCCOLA, Gabriele 300
BUENO, Carlos Maria Galvão 111
ver também GALVÃO BUENO, Carlos Maria 519
BÜHLER, Karl 390
BURKE, Mark 69, 112, 113, 218, 219, 220, 331, 332
BUSSAB, Wilton 327
BUZZI, Arcângelo 80
CABANIS, J. G. (Pierre Jean Georges) 108, 191
CABERNITE, Leão 220, 450
CABRAL, Annita de Castilho e Marcondes 94, 113, 224, 227, 233, 264, 265, 292, 319, 348, 510
CABRAL, Ruth Cunha 115
CALAME-GRIAULE, Genevieve 343
CALAME-GRIAULE, Madane 343
CALDAS, Yone 116, 117
CALMON, Francisco de Góes 434
CÂMARA, Domício de Arruda 112
CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de 311
CAMPOS, Cantídio de Moura 311, 342
CAMPOS, Francisco (Campos, Francisco Luís da Silva) 118, 119, 120, 121, 514

ver também RODRÍGUEZ, Francisco Campos
CAMPOS, Murillo de 122, 123
CAMPOS, Nilton 33, 124, 125, 205, 301, 325, 342, 354, 355, 360, 362, 458, 523
CAMPOS, Paulo Mendes 322
CAMPOS, Regina H. F. 228
CÂNDIDO, Antonio 227
CANDOLINI, Monsenhor 392
CANIVET, N. 309
CANNABRAVA, Euryalo 126, 127, 128, 205, 360, 514
CAPANEMA, Gustavo 106
CÁRCAMO, Celes 331
CARDIM, Fernão 129
CARDIM, Mário 63
CARDOSO, Ivan 251
CARDOSO, Ofélia Boisson 130, 356
CARLOS BORROMEU, São 454
CARNEIRO, Helena Dias Pereira 48, 132, 516
CARNEIRO, José Luiz Pereira 132
CARRERO, Porto 301
CARRILHO, Heitor Pereira 17, 103, 133, 134, 480, 516
CARUSO, Igor 179, 180, 186, 218
CARVALHAES, João 134, 136, 318, 407, 478, 479, 484, 497, 507, 518
CARVALHO, Arnaldo Vieira de 215
CARVALHO, Laerte Ramos de 67
CARVALHO, Manoel Marques de 137
CARVALHO, Murilo Braga de 137, 523
CASASANTA, Lucia Monteiro 118, 138, 139, 141, 520
ver também CASTRO, Lúcia Schmidt Monteiro de
CASASANTA, Mário 118, 138, 140, 141, 345, 346, 476, 522
CASTRO, Lúcia Schmidt Monteiro de
ver também CASASANTA, Lucia Monteiro
CASTRO, Maria Angélica de 83, 142, 143, 477, 522
CASTRO, Maria Lúcia Cabral 144
CASTRO, Tito Lívio de 145, 146, 494, 527
CATELL, James McKeen 172
CENTELHAS, Frei Firmino de 146, 147, 214
CERQUEIRA, Luiz da Rocha 147, 148, 308, 490, 520
CHEBABI, Wilson de Lyra 27, 80, 81, 322, 478, 598
CHISHOLM, Roderik M. 128, 478
CHOSSON, Jean-François 177
CHRZANOWSKI, Gerard P. 103
CÍCERO, Padre 359
CISALPINO, Eduardo Osório 209
CITELLI, Antonina Gomes da 149
ver também SILVA, Antonina Gomes da
CLAPARÈDE, Édouard 47, 49, 50, 119, 139, 142, 150, 151, 172, 198, 209, 240, 247, 273, 300, 362, 367, 470, 513
CLAUDE, Henri Charles Jules 421
CODO, Wanderley 228
COELHO, Domingos 129
COLE, Michael 390
COMPAYRÉ, Gabriel 172, 240
COMTE, Auguste 56, 176
CONDE de Lautrémont
ver DUCASSE, Isidoro (Conde de Lautréamont) 339
CONDILLAC, Etienne Bonnot de 108, 189, 392
CONRAD, Ir. Meire 70
CONSTANT, Benjamin 26
CORRÊA, Silvério Manoel 152, 492
COSTA, Alice de Oliveira 10, 153, 509
COSTA, João Cruz 227, 265
COSTA, Lamartine Pereira da 407
COSTA, Waldir dos Santos 154, 155, 527

COUSIN, Victor 285
COUTINHO, José Lino 156, 477, 519
COUTINHO, Maria Tereza da Cunha 164, 165, 587
COUTO, Antônio Máximo do 392
COUTO, Deolindo 61
COUTO, Miguel 215, 302
COUTO, Sophia Clara de Siqueira 157, 526
CRISTINA, Madre (Célia Sodré Dória) 158, 159, 160, 165, 206, 468, 477, 490, 501, 520
ver também MADRE Cristina
CRONBACH, John 297
CRUZ, Oswaldo 17, 193, 387, 393, 410, 468, 488, 493, 571, 572, 585, 591
CULLEN 93
CUNHA, Euclides da 107, 358, 359
CUNHA, Jurema Alcides 161, 162, 490, 501, 519
CUNHA, Mário Wagner Vieira da 163
CUNHA, Paulo Vieira da 163
CUNHA, Raquel Vieira da 11, 162
CUNHA, Suzana Ezequiel da 164
DALBIEZ, Ronald 324
DAMASCENO, Benito Pereira 71
D'AMORIM, Maria Alice 165, 166, 521
DANILO, Irmão 440
DANTAS, Heloisa 253
DANTAS, Pedro da Silva 253, 458
D'AVILA NETO, Maria Inácia 167, 168
DEBRET, Jean-Baptiste 55
DECROLY, Ovide Jean 33, 138, 139, 273, 432, 433
DELGADO, Paulo 413, 479
DESCOEUDRES, Alice 142
DEVEREUX, Georges 77
DEWEY, John 118, 273, 390, 442
DIAS, Flávio Rodrigues 87, 171, 225, 257, 438
DIAS, Vera Lúcia Assumpção Teixeira 480
D. JOÃO IV 456
DOMINGUES, Octávio 215
DOM JOSÉ I 299
DOM VIÇOSO 11, 454, 510
ver VIÇOSO, Antônio Ferreira (Dom viçoso)
DÓREA, José Rodrigues da Costa 41
DÓRIA, Antonio de Sampaio 172
DÓRIA, Célia Sodré 158, 520
ver CRISTINA, Madre (Célia Sodré Dória)
DOURADO, Célia 101
DOYLE, Iracy 74, 75, 101, 103, 104, 173, 174, 322, 474, 517, 572
D. PEDRO I 39, 93, 156
D. PEDRO II 55, 249
DUBOIS, Irmão 388
DUMAS, Georges 75, 90, 174, 175, 176, 264, 265, 270, 300, 309, 490, 515
DUMAZEDIER, Joffre 168, 177, 178, 488
DUPRÉ, Ernest 204
DURANT, Marguerite 309
DURKHEIM, Émile 76, 106
EBEL, Robert 297
EÇA, Matias Aires Ramos da Silva de 9
ver AIRES, Matias
EDELWEISS, Malomar Lund 179, 180, 304, 480, 521
EDGARD SANCHES, Lucília Tavares 360
EDUARDO, Sérgio 5, 294, 595
EIRAS, Carlos 289, 386
ELBEIN, Juana 378
ENGELS, Friedrich 458
ERICKSON, Milton 179
ERNESTO, Pedro 420
ESPÍNOLA, Ivone 41
ESPOSEL, Faustino 17
ESPÓSITO, Yara 351

FANG, Chen-Kong 426, 427
FARIAS BRITO, Raimundo 9
ver BRITO, Farias
FECHNER, Gustav Theodor 107
FÉDIDA, Pierre 197
FELDHUSEN, John 210
FELIPE, Ivana Orionte 344
FERNANDES, Florestan 75, 168, 266
FERNANDES, Sebastião 180, 181, 487, 526
FERREIRA, David (Duque) 407
FERREIRA FRANÇA, Eduardo 189
ver FRANÇA, Eduardo Ferreira
FERREIRA, Humberto 71
FERREIRA, Maria Luíza de A. C. 181
FERREIRA, Silvestre Pinheiro 183, 526
FERREIRO, Emília 183, 184, 185, 480, 481, 513
FERRI, Enrico 250
FESSARD, Casal 244
FEUERHARMEL, Ruth 157
FIALHO, Idalina Abreu 243
FIGUEIRA, José Henriques 198
FIGUEIREDO, Jackson de 238
FIGUEIREDO, Manoel de Andrade de 185, 186, 521
FILHO, Cândido Mota 171
FIÚZA, José Augusto França 305
FLACH, José Arvedo 186, 187, 518
ver também JUSTO, Irmão Henrique
FLEISHMAN, Otto 426
FLORENSE, Guiomar 274
FLOURNOY, Theodore 150
FOLLET, Mary Parker 152
FORD, John 41
FORGHIERI, Yolanda Cintrão 187, 188
FOUCAULT, Michel 107, 197
FRANÇA, Antônio Ferreira 189
FRANÇA, Eduardo Ferreira 189
ver também FERREIRA FRANÇA, Eduardo
FRANCA, Leonel 190, 191, 239, 524
ver também FRANCA, Pe. Leonel
FRANCO DA ROCHA, Francisco 215, 257, 376, 514
ver ROCHA, Francisco Franco da
FRANCO, Francisco de Mello 10, 191, 192, 279, 489, 514
ver também MELLO FRANCO, Francisco de
FRANCO, Maria Laura Barbosa 351
FRANKL, Viktor 158
FREEMAN, Joan 210, 211
FREINET, Celestin 279
Frei Paulo 392
ver PAULO, Frei
FREIRE, Eldetrudes Neves 193
FREIRE, Joaquim Temístocles 193
FREIRE, Jurandir Costa 323
FREIRE, Oscar 215, 370
FREIRE, Paulo 177, 193, 194, 384, 418, 481, 508, 525, 591
Frei Saturnino 392
ver SATURNINO, Frei 392
FREUD, Anna 36
FREUD, Sigmund 43, 44, 74, 75, 81, 104, 162, 167, 179, 180, 219, 225, 226, 235, 236, 239, 250, 257, 264, 265, 286, 288, 340, 345, 346, 363, 364, 376, 377, 379, 391, 409, 410, 426, 450, 451, 473, 507, 520, 538, 577
FREYRE, Gilberto 75, 168, 195, 196, 515
FRIEIRO, Eduardo 234
FROBES, Johannes 442
FROËBEL, Friedrich 273, 367
FROMM, Erich 104
FROMM-REICHMANN, Frida 104
GAGNÉ, Françoys 210
GAIARSA, José Ângelo 206
GALLAGHER, James 210

GALL, Franz Joseph 55, 56
GALTON, Francis 172, 215
GALVÃO BUENO, Carlos Maria 9
ver BUENO, Carlos Maria Galvão
GALVÃO, Ramiz 342
GARCIA, Baltasar Baquero 70
GARCIA, Célio 196, 197, 303, 461, 512
GARMA, Angel 68
GARRETT, Almeida 55
GARRIGA, Pilar Campins 280
GATES, Arthur 390
GATTI, Bernadete 157
GAYER, Claudino 198
GAYER, Olga Acauan 198
GEMELLI, Agostinho 349
GENOVESI, Antônio 455
GESELL, Arnold Lucius 390
GIDDINGS, Franklin Henry 195
GINSBERG, Aniela Meyer 46, 200, 201, 202, 203, 227, 255, 349, 392, 482, 510
GOBINEAU, Joseph Arthur de 452
GODOY GOMES, Jacintho 421, 518
ver GOMES, Jacintho Godoy
GOELDI, Emilio 26
GOETHE, Johann Wolfgang von 107
GOLDEMBERG, Mauricio 340
GOMES, Benjamin Gaspar 309
GOMES, Fernando Magalhães 54
GOMES, Jacintho Godoy 204, 421, 518
GOMES, William 85
GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José 55
GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José (Visconde de Araguaia)
ver ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia)
GOODMAN, Nelson 127
GÖRING, Hermann 219
GÖRING, Matthias 219
GOUVEIA, Cristovão de (Visitador) 129
GRABOIS, Jayme 126, 151, 205, 360, 518
ver também GRABOIS, Jaime
GRAEFF, Frederico 435, 437
GRAMSCI, Antonio 90
GRANADA, Luiz de 454
GRÃ, Padre Luis da 37
GRATIOT-ALPHENDERY, Hélène 458
GRINBERG, Leon 232, 378, 379
GRINDER, Robert 85
GRUNSPUN, Haim 206, 207, 483, 516
GUARESCHI, Pedrinho 228, 230, 520
GUEDES, Luis José 208
GUEDES, Maria do Carmo 66, 68, 109, 208, 227, 228, 230, 263, 311, 326, 342, 437, 472, 483, 587
GUENTHER, Richard 209
GUENTHER, Zenita Cunha 209, 210, 211, 483
GUERNER, Fausto 212, 514, 559
GUILLAIN, Georges Charles 421
GUIMARÃES, Aracy Monteiro 272
GUIMARÃES, Inácia Ferreira 118
GUIMARÃES, Oswaldo N. de Souza 362
GUSMÃO, Alexandre de 9, 213, 509
GUTHRIE, Edwin Ray 391
HARRIS, Martha 36
HAVIGHURST, Robert 33
HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich 270, 442
HEIDEGGER, Martin 443
HEIDER, Fritz 380, 422
HEIMANN, Paula 378
HELVETIUS, Claude Adrien 108
HENLE, Mary 109
HERMANO, Archângela Pereira 432
HERMANO, Manoel José 432

HILFERDING, Margarete 450
HIROHITO, Imperador 289
HIRSZMAN, Leon 412, 413, 484
HITLER, Adolf 405
HOLBACH, Barão de 108
HOLINGWORTH, Leta Stetter 390
HOMEM, Torres 55
HULL, Clark 391
HUNGRIA, Nelson 133
INHELDER, Barbel 184, 297
IRAJÁ, Hernani de 23
IRETZKY, Viktor 47, 49, 50
ISAACS, Susan 270
ITAPARICA, Frei Antonio da Virgem Maria 9, 214
ver ITAPARICA, Manuel de Santa Maria
JAFFÉ, Aniella 412
JAMES, William 26, 107, 172
JANET, Pierre 49, 174, 175, 265, 324, 341
JATOBÁ, Norma 27, 80, 152
JODELET, Denise 167, 311, 312
JONES, Ernest 112, 219, 225
JORGE, Ricardo 294
JOSEPH, Beth 36
JOUFFROY, Théodore Simon 55, 90
JUAN, Irene Suzanne 343
JUNG, Carl Gustav 113, 235, 339, 363, 364, 412, 413, 490, 597
JUNQUEIRA, Carmen 311, 312
JUQUERY 321, 349, 405, 479
JUSTO, Irmão Henrique 186, 518
ver FLACH, José Arvedo
KALAMPALIKIS, Nikos 312
KASEFF, Leoni 342
KASSCHAU, Patrícia L. 162
KATZENSTEIN, Betti 200, 255
KEHL, Renato 215
KELLER, Fred Simmons 216
KEMPER, Anna Kattrin 113, 218, 219, 322, 510, 560
KEMPER, Werner Walter 80, 112, 113, 218, 219, 220, 322, 330, 331, 332, 450, 510
KESTENBERG, Leo e Grete 162
KHOURI, Yvonne Gonçalves 221, 222, 486, 528
KILPATRICK, William Heard 390
KLEIN, Melanie 36, 337, 378
KLINEBERG, Otto 113, 114, 223, 224, 234, 258, 292, 319, 486, 524
KOCH, Adelheid Lucy 35, 36, 87, 89, 171, 225, 271, 337, 378, 438, 509
KOFFKA, Kurt 113, 227
KÖHLER, Wolfgang
ver KÖLER, Wolfgang
KOLCK, Odette Lourenção Van 342, 403
KOLCK, Theo Van 187
KÖLER, Wolfgang 200
KRAEPELIN, Émil 133, 269, 289, 374
KRAUSE, Karl Christian Friedrich 111
KRETSCHMER, Ernst 123
KRYNSKI, Stanislau 206
KUBITSCHEK, Juscelino 269, 523
KUROSAWA, Akira 69
LACAN, Jacques 43, 44, 102, 265, 442, 444, 486, 520
LACASSAGNE, Alexandre 232
LACOMBE, Fábio 80
LAIGNEL-LAVASTINE, Paul-Marie Maxime 204
LAMBERT, Roger 197
LAMETTRIE, Julien Offray de 40
LANDAU, Erika 54
LANE, Sílvia Tatiana Maurer 65, 227, 228, 229, 230, 526
LANGER, Marie 231, 232, 307, 331, 378, 379, 450, 507, 522
LANGER, Suzanne 378
LANGEVIN, Paul 457

LAPASSADE, Georges 167, 197
LAPOUGE, Georges Vacher de 452
LASHLEY, Karl 367
LAUTRÉAMONT, Conde de
ver DUCASSE, Isidore Lucien (Conde de Lautréamont)
LAVRADIO, Luís de Almeida Soares Portugal Alarcão Eça Melo Silva e Mascarenhas (Marquês do) 299
LAZURSKI, Alexander 50, 52
LEÃO, Albertina Carneiro 335, 342
LEÃO, Antônio Carneiro 342
LEÃO, Emanuel Carneiro 80
LEÃO, Sebastião Afonso de 232, 233
LE BON, Gustave 240, 295
LEITE, Dante Moreira 227, 233, 407, 446, 512
LEITE, Octávio Soares 235, 236, 524
LEME, D. Sebastião 239
LENINE 409, 410
LEONTIEV, Alexei 228
LEOPOLDINA, Arquiduquesa 191
LESSA, Gustavo 51, 151
LÉVI-STRAUSS, Claude 264, 291
LÉVY, André 197
LEVY-BRÜHL, Lucien 363, 457
LEWIN, Kurt 85, 95, 96, 114, 168, 200, 279, 303, 339, 391, 461
LEWIN, Zaida Grimberg 85
LEWIS, Clarence Irving 127
LIBERMAN, David 339
LIGÓRIO, São Afonso de 454
LIMA, Adolfo Ávila 42, 237
LIMA, Alceu Amoroso 126, 238, 239, 509
ver também ATHAYDE, Tristão de
LIMA, Hermes 458
LIMA, Nestor dos Santos 240, 241, 490, 496, 498, 523
LIMA, Santos 240, 241, 490, 496, 498, 523
LINDWORSKI, Johannnes 240, 241, 442, 490, 496, 498, 523
LINS, Ivan 56
LINS, Therezinha 5, 8, 27, 80, 116, 298, 435, 527, 597
LIPPITT, Ronald 303, 461
LIPPMANN, Hans Ludwig 116, 241, 242, 365, 486
LOBO, Amílcar 220, 231, 323, 450, 451, 492, 561
ver também SILVA, Amílcar Lobo Moreira da
LOBO, Reinaldo 376
LODI, Alda 118
LOMANTO JÚNIOR, Antônio 448
LOMBROSO, Cesare 180, 232, 250, 370
LOPES, Brasília Leme 243, 244, 522
LOPES, Dilucina 72
LOPES, Ernani 151, 289
LOPES, Inacio da Cunha 215
LOPES, José Leme e 307
LOPES, Maria Brasília Leme 243, 244, 301, 446, 522
ver também LEME LOPES, Maria Brasília
LOPEZ, Emílio Mira y 19, 34, 47, 51, 60, 120, 153, 280, 342, 356, 389, 406, 407, 428, 431, 482, 500, 513
LORENZINI, Giacomo 64, 305, 403
LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva 245, 246, 487, 521
LOUREIRO, Walderês Nunes 246
LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom 31, 33, 46, 63, 78, 84, 91, 92, 113, 125, 131, 137, 138, 151, 172, 199, 224, 247, 248, 254, 255, 256, 260, 267, 273, 278, 321, 341, 342, 350, 351, 390, 391, 397, 405, 420, 432, 433, 459, 460, 473, 488, 521, 594
LOYOLA, Santo Inácio de 37
LUCENA, José 147

LUIS DA GRÃ, Padre 37
Luiz de Granada 454
LUZARDO, Baptista 370
LYRA, Roberto 133
MACAÚBAS, Abílio César Borges 249
MACAÚBAS, Abílio César Borges – Barão de 249
MACHADO DA SILVA, Oscar 411, 421
ver SILVA, Oscar Machado da
MACHADO, Dyonélio 250, 251, 513
MACHADO, Ligia de Castro Marcondes 415
MACIEL, Nilo Antunes 251, 260, 488
MADRE CRISTINA (Célia Sodré Dória)
ver CRISTINA, Madre (Célia Sodré Dória)
MAHONEY, Abigail Alvarenga 252, 253, 254, 458, 492
MAIA, Jacyr 254
MAJOR, René 450
MALINOWSKI, Bronislaw 223
MAMORÉ, Barão de 249
MANGE, Roberto 255, 256, 317, 342, 473, 526
MARCONDES, Durval Bellergarde 35, 36, 40, 87, 88, 114, 171, 206, 224, 225, 257, 258, 337, 353, 376, 438, 473, 512
ver MARCONDES, Durval
MARIA, Delza 344
MARIE, Pierre 204
MARINHO, Antônio 22
MARINHO, Heloísa 259, 260, 516
MARINS, Francisco 278
MARITAIN, Jacques 239
Marquês de Pombal 299
MARQUÊS de Pombal
ver POMBAL, Sebastião José de Carvalho e
MARQUES, Juracy Cunegatto 85, 260, 519
MARTIN-BARÓ, Ignacio 229
MARTINS, Carlos Alberto 54
MARTINS FILHO, Antônio 302
MARTINS, Iolanda 209
MARTINS, Joel 65, 252
MARX, Karl 264, 458
MASCARENHAS, Eduardo 322, 451
MASKIN, Meyer 173
MASSIMI, Marina 21, 30, 39, 40, 73, 88, 93, 108, 109, 110, 111, 112, 130, 147, 183, 186, 192, 213, 214, 285, 297, 300, 347, 393, 425, 456, 575, 588
MATOS, Maria Amélia 97, 262, 263, 474, 489, 505, 521
MATTOS, Giscele 264
MAUGÜÉ, Jean 113, 114, 264, 265, 266, 291, 333, 479, 500, 502, 518
MCKINNON, Donald 297
MEAD, George 339
MEDEIROS, Antônio Augusto Borges de 232
MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de 342, 519
ver ALBUQUERQUE, Medeiros e
MEDEIROS, Ethel Bauzer 266, 267, 268, 487, 513
MEDEIROS, Maurício de 26, 175, 269, 270, 499
MELLO, Astrogildo Rodrigues de 342
MELLO FRANCO, Francisco de 191, 192, 489, 514
ver FRANCO, Francisco de Mello 10
MELLO, Roberto 322
MELLO, Sylvia Leser de 311
MELO, Sebastião José de Carvalho e 43, 299
MELSOHN, Isaías 271, 272, 502, 518
MENDES, Floracy Artiaga 272, 273
MENDES, Luiz da Glória 272
MENDEZ, Cidália Dias 274
MENDONÇA, João Ignácio 275, 518
MENEZES, Antonio Basilio de 240
MENEZES, Cinira Miranda de 365
MENZIES, Isabel 36

MERQUIOR, José Guilherme 55
MESQUITA, Samira 101
METTEL, Thereza Pontual de Lemos 78, 276, 277, 527
MIALARET, Gaston 327
MICHAEL, Jack 435
MIGUEL, Victoriano Baquero 70
ver BAQUERO, Victoriano (Padre)
MIJOLLA, Alain 332
MILL, John Stuart 145
MINICUCCI, Agostinho 278, 279, 509
MIRA, Alice Madeleine Galland de 407
ver também GALLAND, Alice Madeleine
MIRA Y LÓPEZ, Emílio 19, 33, 34, 40, 47, 51, 60, 82, 120, 135, 153, 164, 186, 278, 279, 280, 297, 342, 356, 384, 389, 406, 407, 428, 431, 445, 448, 482, 500, 513
MODESTI, João (Padre) 305
MOFFATT, Alfredo 340
MOHANA, João 281, 518
MOLIÈRE, Jean-Baptiste Poquelin 107
MONBEIG, Pierre 291
MONCORVO FILHO, Artur 282, 283, 284, 481, 503, 507, 511
MONGRUEL, Jacques 342
MONTE ALVERNE, Francisco de (Frei) 10, 285, 524
MONTEIRO, Amélia de Castro 118
MONTEIRO, João 287
MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento 287
MONTEOLIVA, José Maria 70
ver Pe. José Maria Monteoliva
MONTE, Padre Luís 286, 487, 525
ver MONTE, Padre 525
MONTESSORI, Maria 49, 240, 273
MOOG, Anna Maria 380
MOOG, Viana 234
MOORE, Alberto 362
MORAES, Eliana das Graças Nunes 415
MORAES FILHO, Evaristo de 309
MORAES, Raul de 41
MORAZÉ, Charles 76
MOREIRA, Juliano 98, 133, 144, 175, 270, 275, 288, 289, 290, 300, 302, 307, 320, 335, 342, 353, 364, 374, 376, 386, 487, 497, 507, 519
MOREIRA, Maria Helena 60
MORRIS, Charlie 126
MORTON, Thomas Green 81
MOSCOVICI, Serge 167, 311, 312
MOUSSATCHÉ, Haity 342
MUCHOW, Martha 200
MUNRO, Lois 337
MURRAY, James Augustus Henry 40, 60
MUSSOLINI, Gioconda 291, 292, 478, 515
NACHT, Sacha 80
NAGEL,Ernest 127
NAGEOTTE, Jean 457
NASCIMENTO, Pedro Marinho do 440
NAVA, José 164
NEDER, Mathilde 153, 293, 294, 493, 503, 523
NELSON, E. K. 423
NERY, Márcio Philaphiano 385
NICK, Eva 294, 295, 461, 462, 514
NICK, Jorge Henrique 294
NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm 56, 107
NINA RODRIGUES, Raymundo 75, 295, 296, 320, 363, 370, 525
NÓBREGA, Manuel da 296, 521
NOGUEIRA, Oracy 292
NOVAES, Maria Helena-Mira 297, 522
NUNES, Feliciano Joaquim de Souza 299
NÚÑEZ, Pedro 37
NUTTIN, Joseph 165
OLINTO, Plínio 243, 244, 270, 300, 301, 341,

342, 420, 493
OLIVEIRA, Antônio Xavier de 302, 511
OLIVEIRA COSTA, Alice de 10
ver COSTA, Alice de Oliveira
OLIVEIRA, Djalma Teixeira 303, 512
OLIVEIRA, Ralfy Mendes de 10, 304, 305, 306, 484, 491, 525, 563
OLIVEIRA, Sebastião Fernandes de 10
ver FERNANDES, Sebastião
OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de 234, 452, 453, 474, 514
ver VIANNA, Oliveira
OLIVEIRA, Walderedo Ismael de 68, 147, 231, 307, 330, 331, 378, 527
OMBREDANE, André 125, 309, 356, 510
OTÃO, José 310, 517
OTONELLO, P. 64
PACHECO E SILVA, Antônio Carlos 10
ver SILVA, Antônio Carlos Pacheco e
PACHECO, Graciema 161, 260, 261, 310, 515
PACHECO, Regis 448
PADRE Alonso 78
ver ALONSO, Padre 78
PADRE Cícero 359
ver CÍCERO, Padre
PADRE Luis da Grã 37
ver LUIS DA GRÃ, Padre
PADRE Vaz 441, 443, 444, 517
ver VAZ, Henrique Cláudio de Lima (Padre Vaz)
PAGÈS, Max 197
PAIM, Antônio 189
PAIVA, Pe. Manuel 37
PAPA Paulo VI 239, 563
ver PAULO VI, Papa 239
PAREDES, Eugênia Coelho 311, 312
PASQUALI, Luiz 313, 314, 315, 316, 495, 520
PATERNOSTRO, José Novaes 317, 318, 475, 519
PATTO, Maria Helena Souza 245, 246
PAULHAN, Frederic 240
PAULINO, Augusto 17
PAVAN, Maria de Lourdes de Oliveira 319, 522
PEDRO, Alim 407
PEIXOTO, Afrânio 289, 320, 342, 364, 370, 386, 509
PELLANDA, Elmira 161
PELLEGRINO, Hélio 104, 174, 218, 322, 323, 451, 492, 497, 516
PENA, Afonso 176
PENIDO, Maurílio Teixeira-Leite (Padre) 324, 492, 524
PENINO, Joaquim 125
PENNA, Antonio Gomes 325
PENNA, Araujo 17
PENNA, Belisário 215
PENNA JUNIOR, Affonso 420
PEREIRA BARRETO, Luís 215
ver BARRETO, Pereira
PEREIRA DA SILVA, Gastão 409, 410
ver SILVA, Gastão Pereira da
PEREIRA, Hermantina de Camargo 327
PEREIRA, Jaime 104
PEREIRA, José J. 392
PEREIRA, José Severo de Camargo 327, 519
PEREIRA, Juan de Solorzano 299
PEREIRA, Manassés E. 327
PEREIRA, Maria Solange Félix 328, 329, 479, 484, 522
PEREIRA, Rodrigo Severo de Camargo 328
PERESTRELLO, Danilo 68, 270, 307, 330, 331, 332, 509
PERESTRELLO, Marialzira 68, 231, 307, 330, 332, 333, 339, 378, 495, 522
PEREZ-RAMOS, Aidyl M. de Queiróz 333, 465,

508, 509
PERNAMBUCANO, Ulisses 71, 72, 147, 148, 175, 307, 335, 336, 342, 359, 472, 490, 500, 527
ver também PERNAMBUCANO, Ulysses
PESSOTTI, Isaías 262
PESTALOZZI, Johann Heinrich 29, 30, 51, 54, 55, 57, 66, 132, 143, 172, 273, 334, 345, 351, 367, 432, 433, 448, 460, 473
PFIFFNER, John M. 423
PFISTER, Max 187
PHILIPS, Frank Julian 36, 87, 337, 496, 515
PIAGET, Jean 33, 50, 101, 151, 153, 183, 184, 185, 228, 367, 402, 458, 460, 572, 592, 595
PIATT 127
PICHON-RIVIÈRE, Enrique 339, 340, 486, 513
PIÉRON, Henri 119, 153, 243, 300, 341, 342, 343, 348, 394, 457, 471, 477, 486, 496, 498, 517
PIERRE, Francisco Eduardo Ponte 343
PIERRE, Marie Claire Angosto 70, 204, 343, 344
PIERSON, Donald 291
PIMENTEL, Iago 141, 345
PIMENTEL, Magdalena 104
PIMENTEL, Mendes 118
PIN E ALMEIDA, Miguel Calmon du 10
ver ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e - Marquês de Abrantes
PINEAU, Gaston 177
PINHEIRO, Tereza 450
PINNA, Mateus da Encarnação 347
PINTO, Carlos Castellar 378
PINTO, Heloysa Dantas de Souza 458
PINTO, José Magalhães 140
PIRANDELLO 69
PIRES, Nelson de Campos 10, 342, 348, 497
PIZZOLLI, Ugo 349, 350, 517
PLATÃO 441, 442
PLISKOFF, Stanley S. 435
POIANT, Carmen da 80
POMBAL, Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquês de 299
PONCE, Aníbal 327
POPPOVIC, Ana Maria 65, 201, 351, 352, 510
PORTELA FILHO, Gualter 407
PORTO-CARRERO, Carlos 353
PORTO-CARRERO, Júlio Pires 215, 289, 301, 353, 376
ver também PORTO-CARRERO, Júlio
POWDERMAKER, Florence 104
PRADINES, Maurice 442
PRADO, Mário Pacheco de Almeida 378
QUAGLIO, Clemente 240, 350
QUEIROZ, Aidyl Macedo 333
ver PEREZ-RAMOS, Aidyl M. de Queiróz
QUEIROZ, Carlos Sanchez de 125, 354, 355, 428, 511
QUEIROZ, José de Sequeira 392
QUINTELA, Glória Fernandina 356, 357, 515
QUIRINO, Manoel 363
QUIROGA, Ana 340
RABELLO, Sylvio 358, 359, 526
RADCLIFFE-BROWN, Alfred 291
RADECKA, Halina 360, 361, 516
RADECKI, Waclaw 124, 125, 126, 128, 151, 205, 238, 301, 342, 360, 361, 362, 363, 374, 430, 431, 475, 477, 527
RAMALHO, Laurinda 254, 458, 583
RAMOS, Artur - Arthur Ramos de Araújo Pereira 11, 75, 105, 186, 275, 296, 363, 364, 370, 376, 452, 511, 564
RAMOS, Graciliano 250
RAMOS, Jairo 171
RAMOS, José Maria Monteoliva 70
ver também Pe. José Maria Monteoliva, s.j.
RAPP, Maria Helena 368

RASCOVSKY, Arnaldo 378
RAUD, Rein 312
RAUH, Frédéric 457
RAVEAU, François 76, 77
RECCA, Telma 206
REICH, Wilhelm 113, 450
REIS, Milsse A. dos 344
REIS, Yonne Moniz 365, 528
RENAULT, Abgar 51, 64, 141, 181, 475
RESENDE, Otto Lara 322
REUCHLIN, Maurice 175
REY, André 47, 51, 54, 58, 84, 99, 132, 367, 368, 369, 388, 497, 499, 510
REZENDE, Gustavo de 362
RIBEIRO, Benedita Valadares 118
RIBEIRO, Carlos 118, 140, 275
RIBEIRO, Catarina de Carvalho 407
RIBEIRO, Darcy 34, 94
ver também RIBEIRO, Darci
RIBEIRO, Leonídio 123, 370, 371, 483, 520
RIBEIRO, Marilza 372, 373, 498, 522
RIBEIRO, René 147
RIBEIRO, Santiago Nunes 392
RIBOT, Théodule 49, 174, 457
RICO, Victorina Miguel 70
RIEDEL, Gustavo Köhler 124, 301, 362, 374, 375, 386, 469, 515
RINGUE, João do 135
RIVIERE, Joan 337
ROBERTO, Carlos 294
ROCHA, Agnello Ubirajara da 360
ROCHA, Francisco Franco da 11, 215, 257, 279, 376, 404, 438, 514, 558, 565
ver também ROCHA, Franco da
ROCHA, José Martinho da 57
RODRIGUÉ, Emilio 378, 379
RODRIGUES, Aroldo 78, 85, 166, 380, 511
RODRIGUES, Mílton Camargo da Silva 327
RODRIGUES, Raimundo Nina 320
ver NINA RODRIGUES, Raymundo
RODRÍGUEZ, Francisco Campos 119
ver CAMPOS, Francisco
ROGERS, Carl R. (Carl Ransom) 158, 163, 186, 187, 252, 253, 277, 297, 396, 399, 400, 469
ROMERO, Nelson 301
ROMERO, Silvio 22, 26, 145, 146, 234, 358, 359, 383, 526
RONDILEAU, Adrian 40
ROQUETTE-PINTO, Edgard 215
ROSA, Luiz Alfredo Garcia 74
ROSAS, Paulo 72, 148, 280, 335, 359, 384, 525, 591
ROSENBERG, Lia 351
ROSENBERG, Rachel L. 163
ROSENFELD, Herbert 337
ROSENZWEIG 82
ROUSSEAU, Jean-Jacques 47, 49, 150, 151, 156, 367, 369, 459, 497
ROXO, Henrique 17, 68, 98, 212, 289, 300, 302, 342, 385, 387, 468, 481, 506, 517
ROZESTRATEN, Reinier Johannes Antonius 329, 388
RUDOLFER, Noemy da Silveira 390
ver também RUDOLFER, Noemi
RUPP, Hans 119
RUSSEL, Bertrand 327
ver também RUSSELL, Bertrand
RUSSO, Jane de Araújo 581
SABINO, Fernando 322
SÁ, Hélia Ribeiro de 403
SÁ, João Ferreira de Bittencourt e 189
SALLES, Miguel 370
SALLES, São Francisco de 454
SÁ, Mem de 39, 296

SAMPAIO DÓRIA, Antonio de 247, 350
ver DÓRIA, Antonio de Sampaio
SAMPAIO, Madre Cristina Maria 165
SANCHES, Edgard 360
SANCHEZ, Carlos 125, 354, 355, 428, 511
ver também QUEIRÓS, Carlos Sanchez de
SANTA GELTRUDES, Frei Policarpo Queiroz de 392
SANTIAGO SOBRINHO, Manuel Varela 393, 394, 521
SANTOS COUTINHO, José Lino 11
ver COUTINHO, José Lino
SANTOS, Ernesto dos 407
SANTOS, João Antônio dos (Padre) 455
SANTOS, Luiz dos 407
SANTOS, Oswaldo de Barros 224, 342, 394, 396, 469, 496, 524
SANTOS, Padre João Antônio dos 455
SANTOS, Romélia 153, 274, 594
SANTOS, Theobaldo Miranda 397, 398, 502, 504, 526
SANTO Tomás de Aquino 442
ver TOMÁS DE AQUINO, Santo
SÃO Carlos Borromeu 454
ver CARLOS BORROMEU, São
SARGENT, S. S. 161
SATURNINO, Frei 392
SATURNINO, Mário 123
SAWAIA, Bader 228
SCHADEN, Egon 291
SCHEFFER, Ruth Nobre 335, 399
SCHELER, Max 264
SCHNEIDER, Eliezer 125, 167, 325, 355, 365, 400, 401, 407, 485, 486, 495, 498, 500, 513
SCHNEIDERMAN, Regina 271
SCHOENFELD, William N. 262
SCHULTZ-HENCKE, Harald 113
SCHUTZEMBERGER, Anne Ancelin 54
SCHWARTZ, Gisèle Maria 177
SEABRA, José Joaquim 289
SEGAL, Hanna 36, 271
SEIDL, Carlos 353
SEIXAS, D. Romualdo 454
SELIGMAN, Edwin Robert Anderson 195
SEMINÉRIO, Franco Lo Presti 402, 501, 515
SENA, Jorge 234
SERVO, Geraldo 149, 305, 403
SHAKESPEARE, William 107
SHELDON, William Herbert 202, 461, 462
SIGELMANN, Elida 60
SIGHELE, Scipio 295
SILVA, Antonio Carlos Pacheco e 404, 510
ver também PACHECO E SILVA, Antônio Carlos
SILVA, Athayde Ribeiro da 406, 407, 511
SILVA, Dinair da 344
SILVA, Domicílio Pacheco e 63
SILVA, Gastão Pereira da 409, 488, 515
SILVA, José Antonio da 426
SILVA, José Bonifácio de Andrada e 39
ver ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de 39
SILVA, Márcia M. da 344
SILVA, Maria Ignez Rocha e 262
SILVA, Maria Tereza Araújo 67
SILVA, Oscar Machado da 411, 421
SILVA, Yone Caldas 116
ver CALDAS, Yone
SILVEIRA, Anibal 206
SILVEIRA, Nise da 412, 413, 473
SIMONASSI, Adelia Merlo 415
SIMONASSI, Ernesto 71, 415, 416, 520
SIMONASSI, Lorismario Ernesto 71, 415, 416, 520
SIMONSEN, Roberto 405

SIMON, Theodore 118, 414
SISK, Dorothy 210
SISTER, Bela 271
SKINNER, Burrhus Frederic 216, 436
SOARES, Caio Líbano de Noronha 417
SOARES, Iris Becker 417
SOARES, Magda 182, 417, 418, 419, 521
SÓCRATES 81
SODRÉ, Cora Coutinho 156, 477
SODRÉ DÓRIA, Célia 10, 158, 520
SOUBEYRAN, Margerite 47
SOURIAU, Etienne 301, 420, 514
SOUTO, Maria do Carmo 72
SOUZA, Ana Maria Bearzotti de 157
SOUZA, Antonio Candido de Mello e 265
SOUZA, Branca Diva Pereira de 198
SOUZA, Cícero Cristiano de 114
SOUZA, Décio Soares de 208, 310, 421, 512
SOUZA, Edela Lanzer Pereira de 422, 423, 513
SOUZA, Francisco Pedro Estrázulas Pereira de 422, 515
SOUZA, Geraldo Horácio de Paula 35
SOUZA, Gilda de Mello 265
SOUZA, José Soriano de 425
SOUZA, Paula 255
SOUZA, Tomé de 296
SPANUDIS, Theon 426, 527
SPENCER, Herbert 145, 172
SPRINZ, Isaac 161
STANLEY, Julian C. 85
Stanley S. Pliskoff 435
STEFANI, José 310
STERN, William Louis 310
STEVENS, Wilfred Leslie 327
STRAMANDINOLI, Cecília Torreão 427, 512
STRAUSS, Lévi 175
SUARÈS, N. 309
SUL, Maria Eugênia Assumpção Ivar do 480
SZALITA-PEMOW, Alberta 104
SZEKELY, Béla 71
SZONDI, Leopold 43
TAFFAREL, Marisa 271
TAINE, Hippolyte 22
TANCREDI, Francisco 429, 505
TARSKI, Alfred 127
TAVARES, Lucília 360, 362, 430, 431, 485, 520, 557
TAYLOR, Frederick Winslow 256
TEIXEIRA, Amália Hermano 432, 433, 510
TEIXEIRA, Anísio 27, 31, 33, 94, 247, 266, 267, 298, 364, 418, 434, 435, 474, 482, 493, 588
TEIXEIRA BRANDÃO, João Carlos 11
ver BRANDÃO, João Carlos Teixeira
TEIXEIRA, Lívio 265
TEIXEIRA, Maximiano da Matta 432
TERMAN, Lewis Madison 71, 72, 119, 287
THOMAZZI, Luiz (Padre) 70
THOMPSON, Clara 103, 173
THOMPSON, Oscar 103, 173
THORNDIKE, Edward Lee 31
THORNER, Hans 36
THURSTONE, Louis Leon 45
TODOROV, João Cláudio 45, 388, 415, 435, 437, 484, 504, 518, 551
TOLMAN, Edward 391
TOLOSA, Inácio 38
TOMÁS DE AQUINO, Santo 442
TOMÉ de Souza 296
TORRES, Alberto 433
TORRES, Dom Afonso de Moraes 214
TORRES, Magarinos 133
TOULOUSE, Edouard 341
TRENCH, Guaraciaba 278
TUSTIN, Francis 36

UCHOA, Darcy de Mendonça 87, 225, 257, 429, 438, 512
UNDERWOOD, Benton J. 45
UNGER, Roberto Mangabeira 102
URBAN, Frederick Maria 40
VALLA, Victor Vincent 245
VARELA, Noêmia 27
VARGAS, Getúlio 19, 51, 59, 60, 66, 80, 102, 120, 131, 134, 144, 267, 268, 269, 280, 394, 395, 399, 434, 501, 511, 590
VAZ, Cícero Emidio 440, 512
VAZ, Emília Josephina de Lima 441
VAZ, Henrique Cláudio de Lima (Padre Vaz) 441, 442, 443, 444, 512, 517, 563, 568
ver Padre Vaz. Consulte também Padre Vaz
VAZ, Maria Jacy 427
VAZ, Rocha 212
VAZ, Theodoro Amálio da Fonseca 441
VELHO, Branca Maria Carrion de Britto 445
VELHO, Victor de Britto 161, 186, 251, 310, 445, 506
VELLOSO, Elisa Dias 27, 298, 445, 446, 478, 513
VELLOSO, Natércia Cunha 447, 523
VELOSO, Elisa Dias 27, 298, 445, 446, 478, 513, 568
VELOSO, Elizabeth Chaves de Murta 448
VELOSO, Galba 29, 345
VENTURA, Dora Fix 262
VIANA, Eliseu de Oliveira 449, 507, 513
VIANNA, Cláudio Besserman 451
VIANNA, Helena Besserman 322, 450, 451, 478
VIANNA, Luís Guilherme 451
VIANNA, Marcos Besserman 451
VIANNA, Oliveira 234, 452, 453, 474, 514
ver também OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de
VIANNA, Sérgio Besserman 451
VIANNA, Ulysses 133
VICENTE DE PAULO, São 454
VIÇOSO, Antônio Ferreira 454, 455, 496, 557
Ver DOM VIÇOSO 11, 454, 557
VIEIRA, António 456, 511
VIEIRA DA CUNHA, Raquel 11
ver CUNHA, Raquel Vieira da 9, 11, 162
VIEIRA, Dahyl Marina Machado 148
VIEIRA, Marcus Vinicius Machado 148
VIGOTSKI, Lev Semenovich 228
Viktor Iretzky
ver também IRETZKY, Vitor
VITAL BRAZIL, Circe Navarro 11
ver BRAZIL, Circe Navarro Vital
VITAL BRAZIL, Horus 11, 101, 103, 104, 174, 517, 555, 568
ver BRAZIL, Horus Vital
VOLPI, Alfredo 426, 427
WAISBERG-BONOW, Iva 11, 92, 555
ver BONOW, Iva WaisbergWAISBERG-BONOW, Iva
WALKER 390
WALLON, Germaine 458
WALLON, Henri 34, 153, 175, 253, 457, 458, 459, 507, 516
ver também WALLON, Henri Alexandre
WALLON, Paul 457
WALTHER, Léon 118, 247, 254, 255, 459, 460
WATSON, John Broadus 341
WATSON, Robert Irving 109
WEIL, Pierre 54, 153, 161, 303, 342, 356, 384, 459, 460, 461, 525
ver também WEIL, Pierre Gilles
WEIS, Edoardo 250
WEISSMANN, Franz Josef 215
WEREBE, Maria José Garcia 253, 458
WERNER, Heinz 200

WERTHEIMER, Max 200
WHEELER, Gordon 391
WHITAKER, Edmur de Aguiar 212
WHITEHEAD, Alfred North 126
WILLEMS, Emílio 291
WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque 217
WINNICOTT, D. H. 337
WITTER, Geraldina Porto 463, 464, 465, 487, 503, 504, 508, 515
WITTGENSTEIN, Ludwig 126, 127, 128, 590
WOLFF, Werner 119
WOLPE 319, 320
WOOD, John K. 163
WUNDT, Wilhelm 318
YAHN, Mario 212
ZAVALLONI, Marisa 312
ZAZZO, René 297, 460
ZENILVIA 209, 210
ZIMERMAN, David 440
    ver também ZIMMERMANN, David
ZIMMERMANN, David 422
ZOLA, Emile 22
ZVER, Luiz 465, 466, 467, 484, 501, 524

Sobre autores

Adriana Amaral do Espírito Santo

Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005). Mestre em Psicologia Social pela UERJ (2008). Gestalt-terapeuta pela UERJ (2011). Doutora em Psicologia Social pela UERJ (2017). Especialista em terapia de casal e família pela Universidade Santa Úrsula (2018). Cursando pós-graduação em sexualidade humana pela Universidade Celso Lisboa / *CBI of Miami* (EAD). Pós-doutoranda na UERJ (2021). Trabalha como psicóloga clínica desde 2005. Trabalhou como psicóloga clínica e do esporte do Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN / Marinha do Brasil) de 2010 a 2018. Foi colaboradora do Conselho Regional de Psicologia 5ª Região (RJ) nas áreas de Título de Especialista e Psicologia do Esporte (2005 a 2011) e integra, atualmente, o Núcleo de Psicologia do Esporte do CRP-RJ. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em história da psicologia, psicologia clínica (gestalt-terapia), psicologia do esporte, psicologia social. Sócia da ABRAPESP - Associação Brasileira de Psicologia do Esporte e membro das gestões 2009-2011, 2011-2013 e 2013-2015. Professora de cursos de graduação e pós-graduação.

Adriana Araújo Pereira Borges

Professora de Políticas Públicas de Educação Especial e Inclusão na Faculdade de Educação (FaE) da UFMG. Professora da Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da FaE/UFMG. Diretora Técnica do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA). Tesoureira da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Líder do LaPPEEI (Laboratório de Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão, vinculado ao CNPQ). Tem experiência na área de Educação Especial e Políticas de Educação Especial e Inclusão, atuando principalmente nos seguintes temas: Políticas de Educação Especial, Transtorno do Espectro do Autismo, currículo para alunos com deficiência. Orienta projetos de mestrado e doutorado em História, Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão.

Adriano Moraes Migliavacca

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Graduado em Letras - Inglês/Português pela UFRGS (2010). Mestre em Letras - Literaturas estrangeiras modernas. Ênfase em literatura de língua inglesa pela UFRGS (2013) e Doutor na mesma área pela UFRGS com bolsa do CNPq. Seus interesses de pesquisa incluem tradução literária, literatura moderna de língua inglesa, literatura africana e poesia.

Alba Lúcia Fausto Moura

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília, Professora aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Alessandra Pimentel

Doutora (USP) e Mestre (PUC/SP) na área de Psicologia da Educação, diretora-proprietária da PsicoEduca Apoio Escolar, presta assessoria a instituições de ensino e editoras científicas. Foi docente na Faculdade de Educação da USP, Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), entre outras. Atuou em cursos e progra-

mas de pós-graduação nas áreas de Psicologia da educação, formação de gestores educacionais, formação de professores. Suas principais pesquisas versam sobre aprendizagem, teoria de Vygotsky, desenvolvimento profissional e jogos educativos.

Alexandre Dittrich

Graduado em Psicologia pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1999) e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2004). É professor titular da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência em História da Psicologia e Teorias e Sistemas em Psicologia, atuando, principalmente, nos seguintes temas: behaviorismo radical e análise do comportamento, epistemologia da psicologia, história da psicologia, ética, política e psicologia.

Alexandre Magno Teixeira de Carvalho

Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1986), possui especialização em Saúde Pública/Epidemiologia pela Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz (1994). Mestre em Ciências/Saúde Pública/Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana pela ENSP/Fiocruz (1997) e Doutor em Ciências/Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz (2005). Pós-doutoramento em Teoria Psicanalítica no PPG Teoria Psicanalítica da UFRJ (2019-2020). Foi Professor e pesquisador visitante da ENSP/Fiocruz (1997-2001) e Professor visitante da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008-2009). Tem experiência docente e de pesquisa em História, Filosofia e Sociologia das Ciências. Foi Professor associado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/Departamento de Saúde Coletiva, 2009-2021); vice-líder do Grupo de Pesquisa Ciências Humanas, Saúde e Sociedade; Atualmente é professor no Departamento de Psicologia / ICH / Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP-Rio).

Allister Andrew Teixeira Dias

Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (2007) e Doutor em História das Ciências pela Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (2015). Foi bolsista recém-Doutor na Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Pesquisa (CNPQ/PROEP, 2016-2018). Foi Professor Substituto no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (UFRJ), entre julho de 2017 e julho de 2019. Membro da Red Iberoamericana de Historia de la Psiquiatria, filiado à Sociedade Brasileira de História das Ciências e à Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia. Atualmente é bolsista de pesquisa na Biblioteca Nacional. Tem experiência em História do Brasil Republicano, com ênfase em História dos saberes e práticas médico-psicológicas no Brasil da Primeira República e da Era Vargas, atuando com os seguintes temas: história da psiquiatria e da loucura; história do crime, dos discursos criminológicos e da Justiça Criminal; história dos discursos autoritários; historiografia contemporânea.

Amanda Falcão Evangelista Dantas

Jornalista com formação na área de Comunicação Social (UEPB – 2009), pós-graduada em Telejornalismo (Fesp/Centro de Ensino – 2012) e título de Mestre na primeira turma de Mestrado em Jornalismo Profissional do Brasil (UFPB – 2015).

Ana Maria de Toledo Piza Rudge

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida; Professora associada aposentada da PUC-Rio; Pesquisadora do CNPq; Pesquisadora da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Membro Psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle.

Ana Maria Jacó-Vilela

Doutora em Psicologia, Professora titular aposentada da UERJ, onde se encontra como Pesquisadora Senior e coordena o Laboratório de História e Memória da Psicologia - Clio-Psyché.

Ana Mercês Bahia Bock

Graduada em Psicologia. Mestre e Doutora em Psicologia social. É Professora titular na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordena o Grupo de Pesquisa "A Dimensão Subjetiva da Desigualdade Social: suas diversas expressões". Autora e coautora de livros de Psicologia sócio-histórica e organizadora da coleção "Construindo o Compromisso Social da Psicologia". Presidiu o Conselho Federal de Psicologia em três gestões, entre 1997 e 2007. Preside o Instituto Silvia Lane de Psicologia e Compromisso Social.

Ana Paula Jesus de Melo

Psicóloga, atuante na área clínica, formada pela Universidade Santa Úrsula.

Ana Teresa A. Venancio

Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional (PPGHCS/MN/UFRJ); Pesquisadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (PPGHCS/COC/Fiocruz).

Anderson de Brito Rodrigues

Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Psicólogo pela PUC-GO. Professor da Faculdade de Educação da UFG na área de Psicologia da Educação, docente vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia dessa universidade, na linha de pesquisa Bases Históricas, Teóricas e Políticas da Psicologia. Coordenador do Grupo de Pesquisa Psicologia, Sociedade e Educação. Coordena o projeto de pesquisa "Psicologia em Goiás: Espaços, Práticas e Discursos sobre seu desenvolvimento e institucionalização".

Anderson Pereira da Silva

Psicólogo pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto.

André de Carvalho Bandeira Mendes

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Estudos do Lazer (UFMG). Psicólogo do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG. Preceptor do Programa de Residência Multidisciplinar do Hospital das Clínicas da UFMG (HC/UFMG). Tem interesse nos temas relacionados ao lazer, pensamento complexo, psicossociologia e psicologia da saúde.

André Elias Morelli Ribeiro

Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Assis. Ex-professor na Universidade Federal do Amapá, onde teve contato com a psicologia tucuju, hoje trabalha na Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia de Rio das Ostras, e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como colaborador do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia. Já foi bolsista CAPES e da Fondation Jean Piaget. É membro da Sociedade Brasileira de História da Psicologia e do conselho consultivo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua como editor associado da Revista Psicologia & Saúde, da Universidade Católica Dom Bosco, e como editor-geral da Editora do Portal História

da Psicologia. É coordenador do projeto de extensão Portal História da Psicologia, com website, canal no *YouTube* e mantenedor da Enciclopédia Eletrônica de História da Psicologia – WikiHP. Já publicou vários artigos e capítulos de livros sobre a temática da História da Psicologia, além de palestras, mesas-redondas, entre outros. Atua principalmente nas áreas da Epistemologia Genética e da História da Psicologia.

André Luís Masiero

Mestre e Doutor em Psicologia pela USP - Ribeirão Preto. Foi Professor do curso de Pós-Graduação em Psicanálise Teoria e Clínica da PUC Minas - Poços de Caldas. Psicólogo e supervisor clínico do Departamento de Atenção à Saúde da Universidade Federal de São Carlos.

Angela Uchoa Branco

É Professora Emérita da Universidade de Brasília. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Trabalha desde 1987 no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. É orientadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UnB, desde 1991. Desenvolve trabalhos acadêmicos em parceria com o Dr. Jaan Valsiner (Universidade de Aalborg, Dinamarca), desde 1989. Coordenou o Laboratório de Microgênese nas Interações Sociais da UnB, orientando dissertações de mestrado e teses de doutorado na área da Psicologia do desenvolvimento. Atuou como professora visitante nas universidades da Carolina do Norte em Chapel Hill (EUA), na *Duke University* (EUA) e na Universidade Autónoma de Madrid (Espanha). Seus trabalhos e pesquisas tratam de temas como o desenvolvimento socioafetivo da criança e do adolescente no contexto da família e da escola, a educação infantil, e o desenvolvimento da prosociabilidade. Tem investigado temas como *bullying* e violência. Adota a perspectiva teórico-metodológica denominada sociocultural e construtivista. Dá especial ênfase à investigação e estudo dos processos de comunicação e metacomunicação, e do desenvolvimento moral e dos valores humanos. Desenvolve trabalhos sobre desenvolvimento do *self* dialógico ao longo do curso de vida.

Antônio Carlos Cerezzo

Doutor em Psicologia Social pela USP, Psicólogo do IFRJ Campus Paracambi.

Antonio Gomes Penna

Professor Emérito do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faleceu em 2010.

Breno Augusto Fernandino Tinoco

Médico especialista em Clínica Médica e Geriatria. Mestre em Medicina – ênfase em Epidemiologia do Idoso – pela Santa Casa de Belo Horizonte, MG.

Camilla Felix Barbosa De Oliveira

Docente, psicóloga clínica, doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Pesquisa em Psicologia Social Jurídica (NPPJ) e do Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos Psicossociais sobre Direitos Humanos, Educação e Saúde (NEPDES). Atuou como professora na Rede Internacional de Universidades Laureate – Uninorte Manaus (2015-2018), como professora substituta na Universidade Federal do Amazonas (2018-2019), como coordenadora do Núcleo Abrapso Manaus (2018-2019) e como professora responsável pelas atividades de estágio e extensão no Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania – Polo Avançado (2018-2019).

Carlos Henrique de Souza Gerken

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991) e Doutor em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Foi Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal de São João Del Rei no período de 2004-2008. Foi Professor associado III da Universidade Federal de São João del-Rei. Atuou nos programas de pós-graduação em Psicologia como colaborador e no programa de pós-graduação Processos socioeducativos e práticas escolares da Universidade Federal de São João del-Rei. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Histórico-Cultural, atuando, principalmente, nos seguintes temas: escolarização e educação indígena, letramento cultura oral e letramento, cognição e letramento. Faleceu em 2021.

Carmem Silvia R. Taverna

Psicóloga; Doutora em Psicologia Social pelo Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e pós-doutorado no mesmo programa; Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia do mesmo programa. Atualmente leciona no curso de psicologia da Universidade Brasil, campus Moóca.

Carolina S. Bandeira de Melo

Doutora pela *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em cotutela com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES. Mestre em Educação pela FAE/UFMG. Graduada e Licenciada em Psicologia pela UFMG. Funcionária pública – Psicóloga Hospitalar do Hospital Municipal Odilon Behrens de Belo Horizonte. É professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (desde 2019).

Carolini Cássia Cunha

Psicóloga. Professora Adjunta A do curso de Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, com período de estudos em Roma - Itália, na Università di Roma La Sapienza. Mestre e graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Tem desenvolvido estudos sobre História da Psicologia, Políticas Públicas, a interface entre Direito, Direitos Humanos e Psicologia, focando especialmente a infância e saúde mental.

Cátia Mathias

Chefe da Biblioteca Prof. João Ferreira da Silva Filho – IPUB/UFRJ. Coordenadora do Núcleo de Memória do Instituto de Psiquiatria – IPUB/UFRJ. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde – COC/FIOCRUZ.

Cecília de Mello E Souza

Graduada em Antropologia com *High Honors* e em Psicologia *Cum Laude* por *Bates College* (1983), Licenciatura de Psicologia e Diploma de Psicóloga (1985) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1984), Mestre e Doutora (1993) em Antropologia Social pela Universidade da California em Berkeley. Fez pós doutorado no *Institute of Health Policy Studies da Universidade* da Califórnia em São Francisco (2004) e na Escola de Saúde Pública da Universidade da da California em Berkeley (2005). É Professora Titular aposentada do Departamento de Psicologia Social e do Programa de Pós-graduação do EICOS (Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua com ênfase em Antropologia da Saúde e Psicologia Comunitária.

Célia Cintrão Forghieri

Bióloga pela Universidade de São Paulo. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988). É Professora aposentada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Cilio Ziviani

Doutor em Psicologia Social pelo *Teachers College*, *Columbia University*, livre-docente em Psicologia Social e Professor titular em Psicologia Social aposentado da UFRJ, Professor visitante do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, pesquisador do grupo de pesquisa "Casal e família: estudos psicossociais e psicoterapia" do CNPq.

Clara Mellin Lutz

Graduanda de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP, com orientação da Professora Doutora Marina Massimi.

Cristiane Faiad de Moura

Psicóloga, Professora adjunta do Programa de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações – Unb. Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Atualmente, é coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida/Unb e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Avaliação Psicológica em Segurança Pública.

Cristiane Ferreira Esch

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva em Associação das IES UFRJ, FIOCRUZ, UERJ e UFF (2022). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012). Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). Psicóloga da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vinculada ao Instituto de Psicologia. Formação em Gestalt-Terapia pelo IGSP. Especialista em Psicologia Hospitalar pelo Conselho Federal de Psicologia. Psicóloga Clínica, gestalt-terapeuta.

Cristianne Almeida Carvalho

Doutora (2012) e Mestre (2002), ambos em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Especialista em Fisiologia do Exercício e Professora associada II do Curso de Psicologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), desde 2002; Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) dessa universidade. Vice coordenadora do Programa de Pós Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (PPGPSI-UFMA) (2016 a 2020); Formação de Psicóloga e Licenciatura em Psicologia pelo Centro de Ensino Universitário de Brasília – UniCEUB (1993). Tem experiência na área de Psicologia Clínica e na Psicologia do esporte, atuando a partir do referencial existencial-fenomenológico. Foi vice-presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP 2009-2011) ; Conselheira Presidente do Conselho Regional de Psicologia do Maranhão (CRPMA) (2019) e Coordenadora do GT psicologia do esporte da ANPEPP (2018-2020); coordenadora da comissão de Psicologia do Esporte do CRPMA (desde 2019); Dedica-se atualmente a pesquisas na área de formação e história da Psicologia e da Psicologia do Esporte.

Cristina Lhullier

Psicóloga. Professora Doutora em Ciências: Psicologia pela Universidade de São Paulo Campus de Ribeirão Preto. Professora adjunta da Universidade de Caxias do Sul. Membro do Grupo de Trabalho em História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. Membro da Sociedade

Brasileira de História da Psicologia. Representante da região Sul na Comissão Memórias da Psicologia Brasileira do Conselho Federal de Psicologia.

Danielle Abrantes Campos Lima

Psicóloga do Departamento Penitenciário de Minas Gerais desde 2015, atuando na Unidade Prisional de São João del-Rei. Docente no curso de Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos de Conselheiro Lafaiete. Pós-graduada em Psicologia Jurídica e Avaliação Psicológica. Pós-graduanda em Direito Penal e Criminologia. Formada em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Desenvolveu dois projetos de Iniciação Científica, entre os anos de 2012 e 2014, com temas voltados para a História da Psicologia, participando também de estágios em pesquisa voltados para essa área. Interessa-se por Psicologia Jurídica, Psicologia Social, Psicologia Escolar e Educacional e História da Psicologia.

Deborah Rosária Barbosa

Psicóloga. Doutora em Ciências – Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (USP). Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). Professora de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais.

Deise Mancebo

Doutora em Educação, área História, pela PUC São Paulo. Pós-Doutora em Psicologia Social pela USP. Professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenou do Observatório da Educação sobre Políticas da Expansão da Educação Superior no Brasil. Foi membro titular do Conselho Universitário da UERJ (2018-2021).

Deisy das Graças de Souza

Graduada em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (1973), Mestre (1977) e Doutora (1981) em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio de Pós-Doutorado na *University of Maryland Baltimore County* (1984-1985) e no E.*K. Shriver Center for Mental Retardation* (1999). É Professora titular da Universidade Federal de São Carlos, membro do Conselho da Sociedade Brasileira de Psicologia, membro do corpo editorial de *Acta Comportamentalia*, *International Journal of Educational Psychology*, *The Analysis of Verbal Behavior*, e Psicologia: Reflexão e Crítica. Coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar. Realiza investigações nas áreas de Psicologia e Educação Especial, com interesse em aprendizagem relacional, função simbólica, aquisição de leitura e escrita, análise e programação de condições de ensino e compreensão auditiva por usuários de implante coclear.

Dener Luiz da Silva

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992), Mestre em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e Doutor em Educação (História da Psicologia da Educação) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) com período 'sandwich' na Universidade de Genebra (2006). Atualmente, é Professor associado III da Universidade Federal de São João del-Rei. Tem experiência na área de Psicologia Escolar/Educacional, com ênfase em Teorias Psicogenéticas de Piaget, Vigotski e Wallon, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Psicologia educacional e escolar, história da Psicologia, extensão universitária, prática do Psicólogo escolar e educação.

Denis Barros de Carvalho

Graduado em Psicologia (1995, UFRN), Mestre em Psicologia (2001, UFRN) e Doutor em Psicologia Social (2007, UFRN). É vinculado ao Departamento de Fundamentos da Educação (UFPI), ao mestrado de Meio Ambiente e Desenvolvimento (PRODEMA, UFPI) e ao mestrado profissional em Gestão Pública (UFPI). Seus temas de pesquisas são educação ambiental formal e não formal, Aspectos comportamentais do uso sustentável da água, da energia e da gestão de resíduos sólidos; gestão ambiental universitária e sustentabilidade; Psicologia urbana e sustentabilidade; interface ciência, religião e sustentabilidade; ecologia psicológica e *big history*.

Diana Gonçalves Vidal

Professora titular de História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, onde exerce a vice-direção e coordena o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE). Foi Coordenadora do Comitê de Assessoramento para a Área de Educação do CNPq (2012-2015) e presidente da Sociedade Brasileira de História da Educação (003-2007). Atuou como diretora do Instituto de Estudos Brasileiros (USP) (2018-2022), tendo sido vice-diretora da Faculdade de Educação da USP (2014-2018). Integra o Comitê Executivo da ISCHE (*International Standing Conference for the History of Education*) (2014-2017).

Diego Amaral Penha

Psicanalista. Doutor em psicologia clínica pela Universidade de São Paulo (USP), com bolsa CAPES. Mestre em psicologia social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com bolsa CNPq. Possui graduação em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do grupo de pesquisa CNPq "Sujeito, sociedade e política em psicanálise" (USP), do Laboratório Psicanálise Política e Sociedade (PSOPOL- USP) e da Rede Interamericana de Pesquisa em Psicanálise e Política (REDIPPOL). Autor dos livros: *Psicanálise e cinema: filmes curam?* (2018) e *Teorias de Freud: descobrindo o inconsciente* (2013). Organizador dos livros *Ensaios sobre mortos-vivos: The Walking Dead e outras metáforas* (2018) e *Ensaios sobre vampiros e zumbis: psicanálise, filosofia e arte* (2021). Editor da revista digital Lacuna: uma revista de psicanálise (lacunarevista.com). Co-criador do podcast de psicanálise e cinema "Findasessão" (@findasessão).

Divino de Jesus da Silva Rodrigues

Psicólogo, doutor em Psicologia Social pela PUC Goiás. Pós-doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/Ribeirão Preto. Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás da Escola de Ciências Sociais e da Saúde (Curso de Psicologia e Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia – Linha de pesquisa: Processos Psicossociais) e Escola de Formação de Professores e Humanidades (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação – Linha de pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura). Integrante dos grupos de pesquisa: "Juventude e Educação", "Psicologia, Sociedade e Educação"; "Infância, Família e Sociedade (GIFS)". Coordena o Grupo de Trabalho da ANPEPP: "A psicologia sócio-histórica e o contexto brasileiro de desigualdade social".

Doreen Barreto Rosas

Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia.

Elenice Seixas Hanna

Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília (1983), Mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília (1987) e PhD em Psicologia pela *University of Wales*, *College of*

Cardiff (1991). Pós-doutora pelo *Shriver Center*, *University of Massachusetts*, *Medical School* (2001) e pela Universidade Federal de São Carlos (2005). Atuou como docente e pesquisadora no Departamento de Processos Psicológicos Básicos da Universidade de Brasília desde 1985 até 2016. Chefiou o Departamento de Processos Psicológicos Básicos duas vezes e já coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento. Desenvolve pesquisa básica realizando análises funcionais do comportamento de escolha e fenômenos de controle de estímulos em seres humanos e outros animais. Investiga, na área aplicada, o autocontrole e a aprendizagem de leitura e escrita como fenômenos relacionados com escolha e controle de estímulos. Se aposentou em 2016 e, atualmente, atua como docente e pesquisadora do Departamento de Processos Psicológicos Básicos e do PPG-Cdc. Também integra, como pesquisadora, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Sobre Comportamento, Cognição e Ensino.

Elieth Nick

Graduada em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (1982), especialização em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (1988), Mestre em Ciências da Saúde pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (1998) e Doutora em Psicologia Social e Epistemologia pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (2003). É profissional especializada do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Saúde Mental, Musicoterapia, Psicanálise.

Elizabeth de Melo Bomfim

Graduada em Formação de Psicólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais (1972), Bacharel pela Universidade Federal Minas Gerais (1971), Licenciatura pela Universidade Federal Minas Gerais (1972), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981) e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987). Membro da Associação Brasileira de Psicologia Social, membro do Conselho Editorial da Associação Brasileira de Psicologia Social, membro GT da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia e membro LAPIP da Universidade Federal de São João del-Rei. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social.

Elizabeth Do Nascimento

Psicóloga e Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Professora associada do curso de graduação em Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Laboratório de Avaliação das Diferenças Individuais (LADI) do Departamento de Psicologia/UFMG. Membro do Grupo de Trabalho em Avaliação Psicológica da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Bolsista Produtividade do CNPq.

Elizeu Batista Borloti

Psicólogo, Especialista em Terapia Comportamental, Mestre em Psicologia, Professor de Análise do Comportamento do Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo, Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro do Núcleo de História da Psicologia na mesma Universidade.

Érika Lourenço

Graduada em Psicologia, mestre em Psicologia Social e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio

de doutoramento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pós doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do grupo de pesquisa do CNPq "História da Psicologia e Contexto Sociocultural", do Grupo de Trabalho em História da Psicologia da ANPEPP, da Rede Ibero-americana de Pesquisadores em História da Psicologia e da Sociedade Brasileira de História da Psicologia. Coordena o Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da Psicologia, sediado na UFMG. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em História, Teoria e Sistemas em Psicologia e Psicologia da Educação, atuando, principalmente, nos seguintes temas: história da Psicologia no Brasil e história e atualidade das teorias e práticas em educação inclusiva e educação especial no Brasil.

Eveline Maria Leal Asmar

Graduada em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1966), graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983), mestra em Pós-Graduação em Psicologia pela Fundação Getulio Vargas - RJ (1988) e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994). Atualmente, é Professora titular da Universidade Salgado de Oliveira e Professora titular da Universidade Gama Filho. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Relações Interpessoais, atuando, principalmente, nos seguintes temas: justiça, cultura organizacional, justiça organizacional, representações sociais e atribuição de causalidade.

Fábio Jabur

Psicólogo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Filipe Degani-Carneiro

Doutor em Psicologia Social, Professor do Instituto de Psicologia da UERJ, coordenador adjunto do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché. Atual vice-presidente da Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP) e seu representante no Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB).

Francisca Izabel Pereira Maciel

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte - Minas Gerais- Brasil/UFMG. Mestre em Educação/UFMG (1994) e Doutora em Educação/UFMG (2001). Pós-Doutorado pela Universidade do Minho(2016). Professora titular da Faculdade de Educação/UFMG. Integra o corpo docente da Pós-Graduação e do Promestre da Faculdade de Educação da UFMG. Coordenadora pesquisa Alfabetização no Brasil, o estado do conhecimento(ABEC/Ceale) e do Projeto de Extensão de Alfabetização de Jovens e adultos/UFMG. Participou de missões de cooperação técnica do Brasil com países africanos – Cabo Verde (2005-2006) e São Tomé e Príncipe (2006-2012) na formação de alfabetizadores de jovens e adultos. Coordenou Projeto de Mobilidade Capes/Aulp – UFMG e USTP (São Tomé e Principe (2013-2017). Diretora do Centro de alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale da Faculdade de Educação da UFMG (2007-2011/ 2018-2021).

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1972), Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2002). É Professora associada e Procientista da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com atuação nos cursos de graduação em Psicologia e Pós-graduação em

Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH). Em 2011, concluiu estágio de Pós-Doutoramento sob supervisão do Prof. Edson Passetti, na PUC-SP. Sua experiência principal situa-se na área de Psicologia Social, com ênfase em História da Psicologia. Dedica-se, especialmente, aos seguintes temas: práticas grupais, análise institucional, desinstitucionalização psiquiátrica, história oral, genealogia foucaultiana e estudos sobre produção de subjetividade. Faleceu em 2024.

Helmuth Ricardo Kruger

Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado da Guanabara (1964) e em Psicologia pela Universidade do Estado da Guanabara (1970), Mestre em Psicologia Aplicada pela Fundação Getulio Vargas - RJ (1975) e Doutor em Psicologia pela Fundação Getulio Vargas - RJ (1984). Atualmente, é Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis e Professor titular dessa mesma Universidade. Tem experiência em Psicologia atuando, principalmente, nas seguintes áreas: Fundamentos Filosóficos da Psicologia, História da Psicologia, Psicologia Social, Psicologia Cognitiva e Ética Profissional. Faleceu em 2020.

Hildeberto Vieira Martins

Presidente da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social) na gestão 2022-2023; Conselheiro do CRP-RJ, na gestão 2019-2022; Membro da Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP), na gestão 2019-2021; Membro do Programa Clio-Psyché da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF); Psicólogo, bacharel e licenciado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ (IMS-UERJ) e Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP); Professor Associado da Universidade Federal Fluminense (UFF-CURO), pesquisando os seguintes temas: relações raciais no Brasil, história da psicologia e psicologia social.

Igor Teo Rodrigues

Psicólogo formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq no núcleo acadêmico Clio-Psyché, desenvolvendo atividades de pesquisa em história da Psicologia; estagiário do Ministério da Saúde em matriciamento em saúde mental na Estratégia de Saúde da Família. Possui experiência em psicanálise e saúde mental. Atende em consultório particular.

Iolanda Bezerra dos Santos Brandão

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (1993), Mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001) e Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Atualmente, é professora do Instituto Laboro, professora de ensino superior – Fortium – Centro Educacional de Brasília Ltda. e professora pesquisadora do Centro Universitário Euro-Americano – UNIEURO. Tem experiência na área de Educação, atuando, principalmente, nos seguintes temas: linguagem escrita, inclusão, ensino superior, linguagem escrita; inclusão, ensino superior, grupo, interação, tarefa, diversidade e direitos humanos. Desenvolve projetos em Gestão; Educação; Questões Sociais – com ênfase em Inclusão; Políticas Públicas; Grupos – interações Grupais e Família; Diversidade e Direitos Humanos na Linha de Pesquisa: Direitos humanos, Civis e Minorias; Gestão em Educação; Gestão de Instituição de Ensino Superior e Gerontologia. Atualmente, realiza atendimento clínico de adultos e idosos na seguinte instituição: Clínica Estímulo – Avaliação e reabilitação cognitiva.

Iolete Ribeiro da Silva

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (1990), mestre (1998) e doutora (2004) em Psicologia pela Universidade de Brasília. Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal do Amazonas, Diretora da Faculdade de Psicologia da UFAM (2012-2016, 2017-2021). Integrante do Conselho Fiscal da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia e da Associação Brasileira de Psicologia Escolar/Educacional. Foi Secretária Adjunta do Fórum Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (2008/2009, 2012), Integrante do Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (2012/2013), Conselheira Titular do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente (2011/2012), Conselheira do Conselho Nacional de Assistência Social (2010-2011), integrante da Coordenação Política do Fórum Nacional de Assistência Social (2010-2011), Secretária da Região Norte no Conselho Federal de Psicologia (2005-2010, 2016-2019) e Presidente do Conselho Regional de Psicologia 20ª Região Amazonas, Acre, Roraima e Rondônia (2011-2012), Conselheira Suplente (2017-2018) e Conselheira Titular (2019-2020) do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescentes. Desenvolve pesquisas a partir da perspectiva crítica da Psicologia histórico-cultural abordando os seguintes temas: atuação do psicólogo nas políticas públicas de educação e assistência social com foco na promoção dos direitos humanos da população amazônica; aspectos psicossociais da desigualdade e processos de transformação social; psicologia, movimentos sociais e processos de inclusão de pessoas historicamente excluídas; interseccionalidade entre gênero e raça, preconceitos, violências, processos de exclusão e manifestações de racismo e sexismo na escola e na Universidade.

Isabel Gontijo Antonini

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2001) e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em História, Psicologia Social e Psicologia Fenomenológica. Desenvolve, atualmente, um trabalho que une Psicologia e Culinária, tema de sua dissertação de mestrado.

Ivani Maria de Souza

Graduada em Biblioteconomia/Ênfase em Gestão de Coleções pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), curso técnico profissionalizante em Saneamento pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (1989) e curso técnico profissionalizante em Edificações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (1991). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia.

Jane Araújo Russo

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1977), Mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982), Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991) e Pós-Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (2000). Atualmente, é Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Antropologia da Saúde. É vinculada ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (IMS-UERJ).

Jane Teresinha Domingues Cotrin

Psicóloga graduada pela Faculdade Riopretense de Filosofia, Ciências e Letras; Mestre em

Educação pela Universidade Estadual Paulista, campus de Marília; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), docente associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), membro do Conselho Consultivo do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFMT, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação de Mato Grosso.

Jaqueline Veloso Portela de Araújo

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Faculdade de Educação da UFG, na área de Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação. Integrante do Grupo de Pesquisa Psicologia, Sociedade e Educação. Participante do projeto de pesquisa "Psicologia em Goiás: Espaços, Práticas e Discursos sobre seu desenvolvimento e institucionalização".

Jessé Guimarães da Silva

Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003). Desde 2006 atua como profissional associado do Programa Pró-Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre (2006- 2007) e Doutor (2010-2013), ambos no Curso de Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRJ). Atuou em diferentes pesquisas pelo Grupo Parentalidade, junto ao Programa Pró-Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) entre os anos de 2006 e 2011. Cursou a Especialização em Psicologia Clínica – Gestalt-terapia (atendimento de indivíduo, casal e família), pelo Instituto de Gestalt-terapia – IGT –, (2005-2007). Atuou como psicólogo da Marinha do Brasil, no Presídio desta instituição (2011-2014) e no Hospital Naval Marcílio Dias (de agosto de 2014 a janeiro de 2019). Professor do Curso de Extensão em Psicologia Jurídica, nas áreas de Introdução à Psicologia Jurídica e Criminologia Crítica (2008-2015), e Coordenador Técnico do mesmo (2012-2015), pelo Instituto de Gestalt-terapia (IGT). Professor da Universidade Estácio de Sá, desde 2013 e atua como Supervisor de Estágio Interno, pelo SPA, voltado para trabalho com idosos a partir da Gestalt-Terapia. Atua como professor pela Universidade Santa Úrsula (USU), desde fevereiro de 2019. Atualmente, faz pós-doutorado pelo Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020).

João Marcelo Santos Souza

Psicólogo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

José Adailson de Medeiros

Doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Professor titular de Psicobiologia na Universidade de São Paulo Campus de Ribeirão Preto. Membro do Grupo de Trabalho em História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP).

Juan Manuel Campos Adrados

Filho de Francisco Campos, economista, Pós-Graduado, ocupou cargos executivos no Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES (gerente, assessor de diretor, coordenador geral) e foi diretor do Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa – CEBRAE, hoje SEBRAE.

Julia Xavier

Estudante de Psicologia da UERJ, bolsista de Iniciação Científica.

Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha

Psicólogo. Mestre e Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Pós-Doutor em Psicologia pela UFRRJ. Professor adjunto do Mestrado e da Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Membro do Grupo de Trabalho em História Social da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Karina Pereira Pinto

Graduada em Psicologia pela UERJ (1998), Mestre em Psicologia Social pela UERJ (2001) e Doutora em Educação pela PUC/SP (2006). É Professora da área de Psicologia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da UESC. Tem experiência em Psicologia, com ênfase em Formação de Professores. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Psicologia Escolar e Educacional, Psicologia Social, Saúde Mental, História da Psicologia, Processos de inclusão/exclusão social.

Larissa Assunção Rodrigues

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1994) e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999). É Professora assistente da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em utilização de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas, atuando, principalmente, nos seguintes temas: avaliação psicológica, avaliação da inteligência, psicodiagnóstico de Rorschach, psicodiagnóstico e psicodiagnóstico miocinético (PMK). É membro sócio-fundadora da SAPSI-MG (Sociedade Mineira de Avaliação e Mensuração Psicológica de Minas Gerais).

Laura Cançado Ribeiro

Graduada em Pedagogia (1971) e Psicologia (1983), ambas pela Universidade Federal de Minas Gerais, e Mestre em Educação (1982) também pela UFMG. Depois de 24 anos de magistério na UFMG (Departamentos de Ciências Aplicadas à Educação e de Psicologia) (1972-1996), com ênfase no ensino de graduação, passou a dar cursos de temas de Psicoterapia em seu consultório particular. Desde 1996, trabalha com Psicologia Clínica, na área de Psicoterapia de Adultos, em consultório próprio, e tem título de Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais.

Laurinda Ramalho de Almeida

Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação e do Programa de Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores, da PUC-SP, colíder do grupo de pesquisa do CNPq Bases da Psicologia na Educação. Desenvolve pesquisas sobre processos de ensino-aprendizagem e formação de professores, com base, prioritariamente, na psicogenética walloniana.

Leila de Andrade Oliveira

Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), Mestre em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000) e Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007). Atualmente, é psicóloga da Secretaria de Saúde da Prefeitura da Cidade do Recife e do Estado de Pernambuco. Tem experiência na área de Saúde Mental, com ênfase em Saúde Coletiva.

Lidiane de Oliveira Goes

Formada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (2006), Mestre em Psicologia pela

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2008) e Doutora em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Possui experiência na atuação como professora universitária e psicóloga social. Tem ênfase em Psicologia Social com foco, principalmente, nos seguintes temas: história da Psicologia, práticas discursivas, psicologia comunitária, trabalho feminino, saúde, meio ambiente e educação com a utilização de metodologias qualitativas.

Lilian Erichsen Nassif

Psicóloga, com mestrado em Psicologia e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Neuropsicologia Clínica pelo IBneuro; especialista em Gestão de Pessoas pela UFMG e especialista em Psicologia do Trabalho pelo CFP; Terapeuta certificada pela Federação Brasileira de Terapias Cognitivas. Psicóloga concursada da UFMG desde 1994, tendo atuado no Departamento de Recursos Humanos (DRH), no Departamento de Assistência à Saúde do Trabalhador (DAST), na clínica-escola (CEAP) do Departamento de Psicologia da FAFICH/UFMG e, atualmente, na Assessoriade RH da Diretoria da FAFICH/UFMG. Psicóloga clínica em consultório particular desde 1995. Docente em cursos de especialização em Terapias Cognitivas.

Luane Neves Santos

Graduada e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e coordenadora do Práxis - Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em saberes e práticas na Assistência Social (UFRB). É integrante do grupo de pesquisa: "A Dimensão Subjetiva da Desigualdade Social: suas diversas expressões" (PUC-SP), membro do GT da ANPEPP "Método e categorias teóricas na pesquisa em Psicologia Sócio Histórica" e autora do livro *A Psicologia na assistência social: convivendo com a desigualdade* (Editora Cortez).

Lúcia Ghiringhello

Graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1968), Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (1990) e Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (1997). Atualmente, é professora do curso de graduação em Psicologia da Universidade Paulista. Tem experiência em pesquisa na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento Humano, e atua, principalmente, nos campos da clínica e da educação.

Luís Flávio Silva Couto

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1974), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-Doutor em Psicanálise pela *Université Paris 8*. Atualmente, é Professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Luísa Helena Morgado

Mestre em Psicologia pela Universidade Gama Filho, Professora adjunta na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Luiz Osvaldo Leite

Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Historiador e pesquisador em História da Psicologia no Estado do Rio Grande do Sul. Fundador e primeiro Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor fundador da disciplina História da Psicologia no Curso de Psicologia

da mesma instituição. Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Lurdes Perez Oberg

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica (2007). Professora e Supervisora do SPA da Universidade Federal Fluminense – Polo Campos dos Goytacazes. Membro da Comissão Nacional de Psicologia na Assistência Social do CFP. Pós-doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Niterói, Universidade Federal Fluminense, Área de Concentração: Estudos da Subjetividade. Realiza pesquisas na área da Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e Psicologia Comunitária.

Manoel William Ferreira Gomes

Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). Foi Professor titular da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – durante 35 anos, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Família - Aspectos sociais - Bacuri-Ma, Machismo. Foi um dos fundadores do curso de Psicologia da UFMA e contribuiu imensamente para a criação do Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA). Faleceu no dia 15 de maio de 2021.

Marcela Franzen Rodrigues

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e doutoranda do mesmo programa. Participa do núcleo de pesquisa em História da Psicologia Clio Psyché, na UERJ. Experiência docente nas áreas de Psicologia Social e Psicopedagogia, assim como na área de educação à distância (EAD). Seus estudos são voltados, principalmente, para as áreas da história da Psicologia, Psicologia e educação, religiões afro-brasileiras, gênero e sexualidade.

Marcelo Santos Rezende

Psicólogo do Trabalho da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Doutor em Psicologia Social/Psicologia do Trabalho & Organizacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Saúde Pública/Saúde do Trabalhador pela Fundação Oswaldo Cruz (2007) e Graduado em Psicologia pela UERJ (2004). Atua com os seguintes temas: Psicologia do Trabalho & Organizacional, Saúde do Trabalhador, Clínicas do Trabalho, Ergologia, Trabalho e Processos de Subjetivação.

Márcia Antonia Piedade Araújo

Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012). Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). Atualmente, é Professora Associada I da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Psicologia e História da Psicologia.

Márcio Luiz Fernandes

Professor adjunto no Programa de Pós Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica PR e pós-doutor (2013) em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Possui graduação em Teologia – *Studium Theologicum* (1997), graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais (1992), mestrado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2001), mestrado em Teologia Fundamental especialização em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Lateranense (2003) e doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2007). Membro do Grupo de Pesquisa Tempo, memória e pertencimento do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Marcos Ribeiro Ferreira

Graduado em Psicologia. Mestre em Psicologia Social pela UnB e Doutor em Psicologia social pela PUCSP. Professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina. Participou em gestões do Conselho Federal de Psicologia entre 1997 e 2007. Como conselheiro do CFP idealizou e coordenou a construção do projeto Memória da Psicologia Brasileira e da Biblioteca Virtual de Psicologia.

Marcos Vieira Silva

Graduado em Ciências – Psicologia (1977) e Graduado em Formação de Psicólogo pela Universidade Federal de Minas (1978); Especialização em Dinâmica de Grupos – Grupos Operativos. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989). É Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Foi Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, de agosto de 2008 a julho de 2012. Realizou Estágio Pós-Doutoral em Educação e Inclusão Social, trabalhando com a temática da História da Psicologia Social Comunitária pela Faculdade de Educação da UFMG, em 2014. Aposentado desde julho de 2016 como Prof. Associado IV, é Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSJ. Coordena o LAPIP – Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial do Departamento de Psicologia. Foi Conselheiro Suplente do Conselho Federal de Psicologia e é sócio-fundador da ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social. Foi Coordenador do GT Psicologia Comunitária da ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia e é sócio fundador da ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social, tendo sido seu Vice-Presidente Regional Minas Gerais e Coordenador do Núcleo São João del-Rei da Associação em várias gestões.

Marcus Vínicius de Campos França Lopes

Psicólogo graduado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), docente nos cursos de psicologia das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, da Saúde e Educação de Guarulhos e da Universidade Nove de Julho.

Maria Cláudia Novaes Messias

Doutora em Psicologia Social (PPGPS/UERJ), professora do curso de Psicologia da Faculdade Sul Fluminense (FASF), membro do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché/UERJ e psicóloga do Núcleo Integrado de Atendimento à Mulher/NIAM, da Prefeitura Municipal de Resende/RJ.

Maria Cristina Soares de Gouvêa

Graduada em Psicologia (1983), Mestre em Educação e Ciências Sociais (1990), Doutora em História da Educação (1997) pela Universidade Federal de Minas Gerais, Pós-Doutora em História pela *Oxford University* (2010), Pós-Doutora em História da Educação pela Universidade de Lisboa (2005). Foi vice-diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (2011-2014). É atualmente Professora titular da UFMG, onde atua no Programa de Pós-Graduação, orientando alunos de mestrado e doutorado. Pesquisadora I- B do CNPq, do Centro de Estudos e Pesquisas em História da Educação da UFMG (GEPHE), e do Núcleo de Pesquisas sobre Infância e Educação Infantil da UFMG (NEPEI/UFMG). Atua nas áreas de pesquisa: História da Educação (história da infância, processos de escolarização, produção e circulação de saberes sobre a infância; história da formação e profissionalização docente), Estudos da infância (Saberes sobre infância; Infância e cultura; Infância a território).

Maria das Graças dos Santos Duarte

Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001) e Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). Atualmente, é Psicóloga do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência nas áreas de História da Psicologia e Psicologia Jurídica. O tema de pesquisa trata da relação entre a Psicologia e o Direito.

Maria do Carmo Guedes

Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Doutora em Ciências Humanas (Psicologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Maria Euchares de Senna Motta

Psicóloga, Mestre pela Kansas University, Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pesquisadora da linha de pesquisa "Instituições e práticas sociais e culturais" do Programa de Pós-graduação do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Atualmente, é professora aposentada.

Maria Helena Novaes Mira

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1968, e Livre Docência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1974, universidades nas quais exerceu o magistério e a pesquisa desde 1960. Faleceu em 2012.

Maria Tereza da Cunha Coutinho

Graduada em Psicologia (1967), especializações em Psicodiagnóstico de Rorschach (1966), Ludoterapia (1967), Introdução ao Psicodrama Pedagógico (1976), Psicologia Genética: Posição de Piaget (1981), Técnicas Psicoterapeutas: Modelo Bioenergético (1987), Desenvolvimento Cognitivo Aprendizagem da Escrita (1991), Glórias e Misérias da Razão (1988), Psicogênese da Língua Escrita (1989), Ser e Saber: o Homem e a sua atividade em Marx (1991), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1978) e Doutora em Estudos Linguísticos (1997), todos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-Doutora pela *Université de Paris XIII* (*Paris-Nord*) (2004). Atualmente, é Professora adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Ensino e da Aprendizagem.

Marília Novais da Mata Machado

Doutora em Psicologia pela Universidade Paris Norte (Paris XIII), Pós-Doutora pela Universidade Federal de São João del-Rei. Atuou como Professora de Psicologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais e como Professora visitante nacional sênior (PVNS/Capes) na Universidade Federal de São João del-Rei.

Marina Massi

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981), e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1983); especialização em Psicanálise pelo Instituto *Sedes Sapientiae* (1985) e Formação pela Sociedade Brasileira de Psicanálise (1999); Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1991). É Professora assistente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Diretora da Pró-Mulher Família e Cidadania, membro do corpo editorial do Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Psicanálise, do Boletim da FEPAL, da Revista da FEPAL, da *International Psychoanalytical*

Association, da *Organización Internacional de Estudios de Psicoanálisis*, da Associação Brasileira de Psicanálise, da Associação de Assistência à Criança Cardíaca e Transplantada do Coração e Membro da *Organización de Candidatos da América Latina*.

Marina Massimi

Graduada em Psicologia pela Universidade dos Estudos de Padova (Itália, 1979), especialização em História da Ciência pela mesma Universidade (1981), Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1985 e 1989) e Pós-Doutora pela Universidade de Coimbra (1992). Desde 2010, é membro da Academia Ambrosiana de Milão, secção Estudos Históricos da Idade Moderna. Foi Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de História da Psicologia de 2013 a 2017. É coeditora da Revista eletrônica *Memorandum*: Memória e História em Psicologia. Atualmente é professora sênior do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo – USP – e junto ao IEA lidera o grupo de pesquisa "Tempo, Memória e Pertenciemento". Também é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1A. Ao longo de mais de trinta anos de atividade científica, tem se dedicado a pesquisas na área dos Estudos Históricos em Psicologia no Brasil, especificamente na história dos saberes psicológicos no Brasil colonial, buscando resgatar a riqueza e a originalidade da cultura brasileira.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1964), Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1985) e Doutora em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992). Pós-Doutora em História da Psicologia. Tem experiência na área de Psicologia Social / Educacional com ênfase nos processos identitários, atuando, principalmente, com os seguintes temas: identidade, formação do professor, pesquisa interventiva. Faz parte do GT de História da Psicologia da ANPEPP, desenvolvendo pesquisas na área.

Mariza Monteiro Borges

Mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília. Professora aposentada do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília, onde, além do magistério, exerceu várias funções administrativas e participou dos colegiados superiores da instituição. Após a aposentadoria foi consultora do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; presidiu o Conselho Regional de Psicologia – Primeira Região e o Conselho Federal de Psicologia.

Melania Moroz

Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, líder do grupo de pesquisa do CNPq Bases da Psicologia na Educação. Desenvolve pesquisas sobre os processos de ensino e de aprendizagem, com base na Análise do Comportamento. Coordena um programa de pesquisa com enfoque na elaboração, avaliação e aplicação de procedimentos de ensino de repertórios acadêmicos com a utilização de *softwares* educativos.

Mercedes Cunha Chaves de Carvalho

Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Aposentou-se em 1990, o que não significou o encerramento de suas contribuições para a Psicologia e para a educação. Faleceu em 24 de dezembro de 2010.

Michele Candiani Santos

É Graduada e Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1996, 2004) e

doutoranda (qualificada) pelo programa Psicologia Clínica e Cultura da UnB. Trabalhou como psicóloga clínica e psicanalista em Ambulatórios de saúde e Consultório particular, atendendo e supervisionando casos de 1997 a 2014. Foi professora universitária. Foi membro-fundador de Lalíngua – Espaço de Interlocução em Psicanálise desde sua fundação até seu encerramento em 2018.

Miriam Debieux Rosa

Psicanalista. Professora Titular do Instituto de Psicologia da USP. Coordena o Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL) e o Grupo Veredas: psicanálise e imigração. Pró-Reitora Adjunta para Inclusão e Pertencimento da Universidade de São Paulo (2022/26). Presidente da Rede Interamericana de Pesquisa em Psicanálise e Política (REDIPPOL) de 2018 a 2022. Pesquisadora do CNPq, com o projeto Violências e a política dos afetos: o adolescente e o imigrante. Pós- Doutorado pela *Université Paris Diderot*, PARIS 7, França (CNPq, 2015/2016), na temática de violência e imigração. Publica artigos e livros destacando-se *Histórias que não se contam: psicanálise com crianças e adolescentes* (2010, Ed. Casa do Psicólogo) e *A clínica psicanalítica face ao sofrimento sócio-político* (Ed. Escuta/Fapesp, 2016, prêmio Jaboti em 2017); é uma das organizadoras, entre outros, dos livros: *As escritas do ódio: psicanálise e política* (2017, Escuta/Fapesp) e *Violência e psicanálise: atualizações e intersaberes* (2021, *on-line* Ed. IPUSP)

Mitsuko Aparecida Makino Antunes

Possui Bacharelado, Licenciatura e Formação em Psicologia (1978), Mestre em Filosofia da Educação (1985) e Doutora em Psicologia Social (1991). É Professora titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, atuando, desde 1992, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicologia da Educação, pesquisando e orientando pesquisas em história da Psicologia da educação; história da Psicologia da educação no Brasil; identidade de educadores e educandos com foco em inclusão educacional.

Mônica Leopardi Bosco de Azevedo

Graduada em Psicologia pela Fundação Educacional de Bauru (1984), Mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994) e Doutora em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Realização de Pós-Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social (2009) com o trabalho: *Uma contribuição para o ensino da Psicologia: a Pesquisa Intercultural em São Paulo*. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em História da Psicologia, atuando, principalmente, nos seguintes temas: história da Psicologia e história da Psicologia social, biografia. Desde 2014 exerce a função de editora executiva da Revista Interface: Comunicação – Saúde – Educação.

Myriam Augusto da Silva Vilarinho

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1968), Graduada em Licenciatura em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1968), Graduada em Licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1959), Graduada em Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Católica de Filosofia da Bahia (1957), Graduada em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da Bahia (1949), Mestre em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1980) e Doutora em Psicologia Escolar e

do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1988). Foi Professora titular da Universidade São Marcos e Defensora Dativa do Conselho Regional de Psicologia 6ª área CRP/06 SP. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Ética profissional do Psicólogo, atuando, principalmente, nos seguintes temas: auto revelação a estranhos, relações interpessoais, estudantes de Psicologia. Faleceu em 2016.

Nádia Maria Dourado Rocha

Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica do Salvador (1969), graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (1983), Mestre em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (1976) e Doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (1979). Docente aposentada da Universidade Federal da Bahia, no então Departamento de Psicologia. Ex-professora/pesquisadora na Faculdade Ruy Barbosa. Participou do GT de História da ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.

Naiara Rodrigues da Silva

Graduada em Letras/Literatura pela Universidade Federal de Mato Grosso, graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação de Mato Grosso, projeto intitulado "Histórias da Psicologia em Mato Grosso".

Nelson Ernesto Coelho Junior

Psicólogo e Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professor e orientador dos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto de Psicologia da USP. Psicanalista em consultório particular. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Psicologia e da Psicanálise.

Norberto Abreu e Silva Neto

Psicólogo, Bacharel e Licenciado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1971). Mestre em Psicologia Escolar pelo IP-USP (1977). Doutor em Psicologia pelo IP-USP (1986). Livre Docente em "Psicologia da Personalidade", junto ao Departamento de Aprendizagem, Desenvolvimento e Personalidade do IP-USP (1991). Professor do Instituto de Psicologia da USP (1972-1992). Foi Professor titular do Departamento de Psicologia Clínica da UnB (1996-2010). Trabalhou como Psicoterapeuta em consultório particular (1972-1985), em São Paulo. Foi Membro do Conselho Federal de Psicologia (1979-1982). Foi editor da Revista "Psicologia: Teoria e Pesquisa", coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do IP-UnB (2005-2008), e Diretor da Editora Universidade de Brasília (2008-2010). Foi membro da Academia Paulista de Psicologia (Cadeira n. 06) e membro do GT de história da Psicologia da ANPEPP. Tem artigos publicados sobre Wittgenstein na Áustria, Alemanha, Espanha, Portugal, e Brasil. Faleceu dia 27 de agosto de 2015.

Norma Iracema de Barros Ferreira

Graduada em Psicologia e em História pela Universidade Federal do Pará (1983), Mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas – RJ (1993) e Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Atualmente, é Professora Associada IV da Universidade Federal do Amapá. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia/PGEDA – Doutorado em Rede EDUCANORTE/Polo Belém, e no Mestrado em Educação – PPGED/UNIFAP. integrou o corpo docente do Mestrado em Desenvolvimento Regional – MDR/UNIFAP e atualmente é membro do corpo docente do Curso de Especialização em Políticas Educacionais – CEPE/UNIFAP. Coordena o Grupo de Pesquisa História, Política

e Gestão Educacional (HPGEd/UNIFAP) e desenvolve estudos e pesquisas sobre História da Educação, Privatismo da Educação Pública, Políticas Públicas e Gestão Educacional.

Patrícia Jacques Fernandes

Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001), Especialização em Implantação de CAPSad e outras Drogas, e Mestre em História das Ciências da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz/RJ (2004). Atuou como Apoio Técnico do Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia - Clio-Psyché, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; como colaboradora do Conselho Regional de Psicologia, seção RJ, e como Conselheira do Conselho Estadual de Saúde-RJ, representando o segmento dos Profissionais de Saúde (todos no período de 2005-2007). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Psicologia e História das Ciências da Saúde, atuando, principalmente, nos seguintes temas: história da Psicologia, institucionalismo, análise institucional, grupo plataforma e psicanálise argentina.

Paulo da Silveira Rosas

Formado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco 1953, fez pós-graduação em Psicologia Aplicada e Orientação Profissional no Instituto de Cultura Hispânica de Madrid em 1954. Livre-Docente e Doutor em História da Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco em 1976. Aposentado da Universidade Federal de Pernambuco em 1988. Integrou a direção do Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas. Faleceu em 2003.

Paulo José Carvalho da Silva

Graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Mestre em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, em colaboração com a Universidade de Roma III e a École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, onde já atuou como professor convidado. É professor do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisa na área de História da psicologia e Psicanálise, com ênfase em História e Epistemologia dos tratamentos psicológicos e Estudos interculturais. Também é psicanalista de jovens e adultos.

Rachel Nunes da Cunha

Doutora em Psicologia (Análise Experimental do Comportamento) pela *Western Michigan University*, Kalamazoo, Michigan. É professora adjunta da Universidade de Brasília (UnB). Atua na área de Psicologia, com ênfase em processos de aprendizagem, memória e motivação. Os termos mais frequentes na contextualização da sua produção científica, tecnológica e artístico-cultural, são análise do comportamento, esquemas concorrentes e comportamento de escolha, motivação, história da Psicologia, história da análise do comportamento, operações motivadoras, historiografia da Psicologia. Membro do GT de História da Psicologia da ANPEPP, participou da Diretoria da Associação Brasileira de História da Psicologia. Exerceu cargos administrativos na Universidade de Brasília e participou de colegiados superiores da UnB.

Raquel Martins de Assis

Graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1993), Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1998), Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). É Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, na linha de Psicologia, Psicanálise e Educação, e da Faculdade

de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. É membro do GT de História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP. É atualmente pesquisadora e coordenadora regional (área UFMG) do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Editora da Revista *Memorandum*: Memória e História em Psicologia. Faz parte do Grupo de pesquisa Tempo, memória e pertencimento do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). Desenvolve projetos de extensão e de pesquisa-intervenção em instituições educacionais e pesquisas em História da Psicologia, com ênfase nas relações entre Psicologia e Educação; circulação e apropriação de saberes sobre psicologia e educação na cultura impressa; estrutura, funcionamento e desenvolvimento das faculdades humanas – inteligência, sensibilidade e vontade; psicologia e pedagogia de Helena Antipoff.

Raul Albino Pacheco Filho

Professor Titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), atuando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, onde coordena o Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade (inscrito no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq), e no Curso de Psicologia, onde coordena o Núcleo Psicanálise, Práticas Clínicas e Saúde. Psicólogo graduado pela PUC-SP e Mestre e Doutor pelo Instituto de Psicologia da USP. Psicanalista AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL - Brasil) e do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (pertencente à Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano), onde coordena a Rede de Pesquisa Psicanálise e Saúde Pública.

Regina Helena de Freitas Campos

Graduada em Psicologia (1974) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980). É Doutora em Educação pela *Stanford University* (1989). Realizou estágios como pesquisadora visitante na Universidade de Genebra e na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris (2001-2002 e 2011-2012). É Professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, presidente do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, líder do Grupo de Pesquisa em História da Psicologia e Contexto Sócio-cultural e pesquisadora do Laboratório de Psicologia da Educação na Faculdade de Educação da UFMG. Coordena o Acordo de Cooperação Acadêmica e Científica entre a FAE/UFMG e os Arquivos Jean Piaget, da Universidade de Genebra. Foi presidente da Sociedade Brasileira de História da Psicologia (gestão 2015-2017). Tem experiência na área da Psicologia Educacional, com ênfase em História da Psicologia Educacional, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Psicologia e educação no Brasil, história da Psicologia educacional, representações sociais e educação, educação e direitos humanos.

Regina Sampaio Dias

Mestre em Educação pela Universidade de Michigan.

Renan da Cunha Soares Junior

Graduado em Psicologia e Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Especialista em Psicologia do Trânsito pelo CFP, Especialista em Psicologia da Comunicação e do Marketing pelo Centro Universitário de Araraquara (UNIARA). Foi Assessor de Psicologia do Trânsito da Diretoria do DETRAN/MS de 2011 a 2014. Foi Conselheiro Secretário do CRP14/MS de 2010 a 2013. Foi Coordenador do Curso de Psicologia da UCDB (2015-2018). É Professor de

Psicologia do Trânsito e Supervisor de Estágio em Saúde. É Conselheiro no Conselho Estadual de Trânsito – CETRAN-MS (2010-Atual). Membro da Câmara Temática de Saúde e Meio Ambiente do DENATRAN. É Diretor Nacional de Comunicação da Associação Brasileira de Psicologia do Tráfego – ABRAPSIT. Atualmente, é responsável pelo Núcleo de Estatísticas de Trânsito da AGETRAN em Campo Grande-MS, trabalhando junto ao Programa Vida no Trânsito. É também coordenador da Comissão de Psicologia do Trânsito e Mobilidade Humana do CRPMS.

Renata Alves Lima

Psicóloga formada pela Universidade São Marcos e Mestre em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente na Faculdade Integração Zona Oeste (FIZO) e consultora na área de Gestão de Pessoas.

Renato Sampaio Lima

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UERJ. Foi professor adjunto do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal de Sergipe (2009-2013). Foi Professor adjunto do Departamento de Psicologia da UFF/Volta Redonda (2013-2018). Atualmente é professor Associado I, do quadro permanente da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Departamento de Formação Específica em Fonoaudiologia, em Nova Friburgo.

Roberta Gurgel Azzi

Professora Livre Docente, vinculada ao Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, com atuação na graduação e pós-graduação. Filiada ao GT – História da Psicologia da ANPPEP. Diretora da TSC – Centro de Estudos e Pesquisas desde outubro de 2016.

Roberto Patrus Mundim Pena

Psicólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Filósofo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Administração pela UFMG, Doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid. Trabalha como psicoterapeuta do Centro de Psicoterapia Analítico-fenomenológico-existencial (CEPAFE) e como reitor e professor da Escola Existencial Otávio de Oliveira Brasil (Fundação Souza Brasil).

Roberto Yutaka Sagawa

Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1989), Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1993) e Livre Docência pela UNESP (2001). Atualmente, é Professor adjunto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem formação de psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e experiência na área de Psicologia, com ênfase em Intervenção Terapêutica, atuando, principalmente, nos seguintes temas: saúde mental coletiva, psicanálise, psicoterapia psicanalítica e método psicanalítico.

Rodolfo Luís Leite Batista

Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Especialista em Didática e Trabalho Docente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas Gerais. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Interessa-se por História da Psicologia e Psicologia Escolar e Educacional.

Rodrigo Lopes Miranda

Professor e Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG). Estágio doutorado "sanduíche" no *Cummings Center for the History of Psychology da University of Akron* (CCHP-UA). Foi coordenador do Grupo de Trabalho em História da Psicologia da ANPEPP (2018-2020). Atualmente, é Presidente da Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia (GEPHP-UCDB). Membro do *Review Committee da Cheiron - The International Society for the History of Behavioral and Social Sciences*. Editor da Revista Psicologia e Saúde (UCDB) e coordenador da Pós-Graduação Lato Sensu em Terapia Analítico-Comportamental (UCDB).

Rogério Centofanti

Bacharel em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (1978). Atuou como consultor autônomo. Realizou pesquisas de interesse histórico para a Psicologia no Brasil, com destaque nos seguintes temas: laboratórios de Psicologia na Colônia de Psicopatas em Engenho de Dentro (RJ) e na Escola Normal Secundária de São Paulo. Faleceu em 2020, em São Paulo.

Romélia Santos

Psicóloga.

Rubens Cançado Magalhães Ribeiro

Médico pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialista em Psiquiatria pelo Instituto de Previdência do Estado de Minas Gerais (IPSEMG). Psicoterapeuta do Centro de Psicoterapia Analítico-fenomenológico-existencial (CEPAFE), Diretor Executivo da Fundação Souza Brasil.

Rute Coelho Zendron

Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (1985) e Mestre em Educação Ensino Superior pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1995). Atualmente, atua na Fundação Universidade Regional de Blumenau, principalmente nos seguintes temas: história, cinema.

Ruy Lourenço Filho

Professor titular aposentado da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faleceu 28 de maio de 2018, no Rio de Janeiro.

Ruzia Chaouchar dos Santos

Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), especialista em Psicologia e Educação. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMT). Cursou o aperfeiçoamento em Orientação à Queixa escolar, na Universidade de São Paulo (IP/USP). Doutoranda em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Sergio Dias Cirino

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre e Doutor em Psicologia pela USP. Visiting Scholar na Osaka Kyoiku Daigaku, Japão, em 2007. Bolsista CAPES de Pós-Doutorado na West Virginia University, em 2009 e 2010. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2) desde 2010. Foi Pesquisador Residente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG. Diretor de Produção Científica da UFMG entre 2014 e 2018. Foi Coordenador do GT de História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa

e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) entre 2013 e 2018. Coordenador do programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG (Nota 5 na CAPES) de 2018 a 2020. Professor Titular no Departamento de Psicologia da UFMG. Sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBHP). Coordenador da Política de Periódicos do Estados de Minas Gerais, no âmbito da FAPEMIG. Coordenador do Alumni – Grupo transdisciplinar de estudos e pesquisas sobre carreira e egressos, certificados pelo CNPq. Membro do GT de História da Psicologia da Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP), da Rede Ibero-americana de Pesquisadores em História da Psicologia (RIPeHP). Interesses de pesquisa: História da Psicologia; Ensino de Psicologia; Orientação Profissional e de Carreira; Egressos; Divulgação científica; Periódicos científicos.

Sérgio Eduardo Nick

Psiquiatra. Psicanalista.

Sérgio Francisco Costa

Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Osvaldo Cruz (1972), Mestre em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981) e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1994). É Professor credenciado da Universidade de São Paulo, Docente da Universidade de São Paulo e servidor público ou celetista da Universidade do Grande ABC. Tem experiência na área de Probabilidade e Estatística, com ênfase em Probabilidade e Estatística Aplicadas, atuando, principalmente, nos seguintes temas: educação, metodologia, pesquisa, estatística, didática e ensino.

Sheila Maria Rosin Cella

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (1985), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (1996) e Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Atualmente, atua como Professora adjunta na área de Psicologia da Educação na Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicologia, atuando, principalmente, nos seguintes temas: educação, psicologia, história, formação de professores, psicopedagogia, educação de jovens e adultos e campos disciplinares. É tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Pedagogia da UEM.

Silvana Maria De Avellar Russo

Psicóloga, com Especialização em Assistência Integral à Saúde Materno-Infantil e em Atenção Psicossocial na Infância e Adolescência, atuando na assistência da rede de saúde mental em Duque de Caxias – RJ.

Silvia Parrat-Dayan

Pesquisadora e colaboradora científica nos Arquivos Jean Piaget da Universidade de Genebra, Suíça, onde continua à orientar trabalhos de doutorado, pós-doutorado. Em Genebra, Suíça, foi colaboradora do Centro Internacional de Epistemologia Genética dirigido por Jean Piaget e ensinou por muitos anos a Psicologia da criança. Na França (Universidade de Nancy), ela ensinou durante muitos anos a psicologia do desenvolvimento. Ela é também conferencista internacional.

Sonia Cristina Pimentel de Santana

Graduada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Biologia Maria Thereza (1983), Graduada em Licenciatura em Psicologia pela Faculdade de Biologia e Psicologia Maria Theresa (1982), Graduada em Bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Biologia e Psicologia Maria Theresa (1982), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2002)

e Doutora em Psicologia pela Universidade do Minho (2007). É Professora assistente da Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em história da Psicologia, atuando, principalmente, nos seguintes temas: avaliação do ensino superior, vivências acadêmicas e rendimento acadêmico.

Sônia Elisabete Altoé

Professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, do departamento de Psicologia Social e Institucional, do Programa de pós-graduação em Psicanálise e do Curso de Especialização em Psicologia Jurídica. Doutora (1988) e Pós-Doutora (1994) em Ciências de Educação da Universidade de Paris VIII, Pós-Doutora pela Universidade de São Paulo (2003) e pela Universidade de Paris VII (2012). Atualmente atua nas áreas de pesquisa e desenvolvimento no Instituto de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UERJ.

Suzana Canez da Cruz Lima

Professora adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense de Rio das Ostras. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília. Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Teoria Psicanalítica, Saúde Mental Coletiva e Psicologia do Trabalho. Graduada em Psicologia.

Taeco Toma Carignato

É Mestre e Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade de São Paulo, títulos obtidos, respectivamente, em 1999 e 2004. Fez Pós-Doutorado no Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (2004-2006). É Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (1979) e em Comunicação pela Fundação Armando Álvares Penteado (1971). Possui formação em psicanálise e experiência clínica, especializando-se no atendimento a pessoas em situação de vulnerabilidade psíquica e social, particularmente aquelas que sofreram traumas causados por deslocamentos espontâneos ou forçados (imigrantes, migrantes internos e refugiados). É membro do Laboratório de Pesquisa Psicanálise e Sociedade (USP) e do Núcleo de Pesquisa Violências: Sujeito e Política (PUC-SP). Participa como supervisora de estágio do projeto de pesquisa e atendimento às pessoas abrigadas na Casa do Migrante, em São Paulo (Programa de Extensão/Cultura da USP). Atua no CIATE – Centro de Informação e Apoio aos Trabalhadores no Exterior, atendendo a trabalhadores que retornam do exterior. Realiza atendimento clínico em consultório particular.

Tânia Maria de Freitas Barros Maciel

Pós-doutorado pelo *L'Institut d'Etudes Politiques* de Paris *Sciences Po*, tendo trabalhado na *Chaire Développement Durable*. Doutorado em *Sciences de L'education - Université de Paris V* (René Descartes) (1988), Mestrado em *Sciences de L'éducation - Université de Paris V* (René Descartes) (1974-1975), Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Gama Filho (1981), Graduação em Educação pela Universidade Santa Úrsula (1972) e Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Santa Úrsula (1972). Participou do *Laboratoire Européen de Psychologie Sociale* (LEPS) na *Maison des Sciences de L'Homme* (2007-2008). Foi Coordenadora da Comissão Técnica Executiva da Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável da UFRJ (1992-2016). Atualmente, é Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Coordenadora Substituta eventual do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS). Pesquisadora e consultora da *United Organization Education Scientific and Cultural Organization* (UNESCO).

Terezinha Féres-Carneiro

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Pós-Doutora em Psicoterapia de Casal e Família pela Universidade de Paris V (*Sorbonne*); Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e Bolsista de Produtividade 1A (CNPq); Professora Titular do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; E também é atualmente secretária científica da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família-ABPCF (2021-2023).

Thaís Lohanna Rocha Líns

Bacharel em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Jovem Aprendiz em ocupações administrativas, no sistema de *Job Rotation*, pela Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde.

Therezinha Lins de Albuquerque

Pedagoga e Psicóloga, com atuação em Psicologia escolar e Psicologia clínica.

Ued Martins Manjud Maluf

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1959); Doutor e livre-docente em Psicologia, Instituto de Psicologia, UFRJ, (1974). Professor aposentado (Universidade Federal Fluminense e UFRJ). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Epistemologia, explorando as convergências entre os seguintes temas: mosaico-isomorfismo-estranhezas-fluidez-complexidades; mosaico, epistemologia, isomorfismo e imagem; e as novas concepções de espaço-tempo sob a hermenêutica do mosaico topo-chronos (tempo/espaço/número) da Teoria das Estranhezas. Continua em atividade como Professor colaborador nos Programa de Mestrado em Ciência da Arte, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. e no Programa de Mestrado em Ciência Ambiental, Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Victor Portavales Silva

Psicólogo, formado pela UERJ em 2014. Especialista em Psicologia Clínica através do Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro - IFEN (2018) e Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PPGPS/UERJ (2019). Atuou como estagiário voluntário e também como bolsista PIBIC/CNPq junto ao Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia da UERJ (Clio Psyché). Atualmente cursa doutorado *strictu sensu* no Programa Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da UERJ.

Walter Melo Junior

Professor associado IV da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSJ e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Groupe d'Études Carl Gustav Jung de Paris, como integrante do Conselho Pedagógico. Membro da Comissão Editorial da revista Psicologia: Ciência & Profissão, do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Coordenador do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Saúde (NEPIS). Tutor do PET-Saúde Redes (2013-2015). Coordenador do Grupo de Psicologia do PET-Saúde GraduaSUS (2016-2018). Coordenou o GT da ANPEPP Epistemologia e Interfaces da Psicologia Analítica (EIPsiA) – (2016-2020). Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (1992), residência em Psicologia Clínico-Institucional pela UERJ (1997), Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (2000) e Doutor em Psicologia Social pela UERJ (2005).

William Barbosa Gomes

Professor aposentado e pesquisador em História da Psicologia no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e colaborador do Núcleo de Epistemologia e História da Psicologia na mesma Universidade. Membro do Grupo de Trabalho em História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP).

Wilson de Lyra Chebabi

Psicanalista da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Faleceu em 2008.



Memória
da Psicologia
Brasileira



Conselho
Federal de
Psicologia